P
Amer. Hist.
R
F
2631
I58
v. 3

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

LIBRARY
SEP 29 1922
UNIVERSITY OF TORONTO

VOLUME III

1898

S. PAULO
TYPOGRAPHIA DE «EL DIARIO ESPAÑOL»
RUA S. JOÃO, 83

1898

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

S. PAULO

VOLUME III

1898

S. PAULO
TYPOGRAPHIA DE «EL DIARIO ESPAÑOL»
RUA S. JOÃO, 83

1898

Sahe este terceiro volume da REVISTA, retardado por causas materiaes extranhas a vontade da commissão encarregada de publica-la.

A materia que contém e o maior desenvolvimento que recebeu, comparado com os volumes anteriores, compensarão esta demora e servirão de desculpa.

Não haverá um só leitor, que, ao percorrer as paginas da REVISTA, desconheça os serviços que o INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO presta na investigação dos estudos geographicos e historicos da nossa patria.

A monographia completa sobre a *Ilha da Trindade* do venerando mestre dr. Moreira de Azevedo — os estudos cuidadosos do dr. A. de Toledo Piza, que servem de introducção aos curiosos manuscriptos sobre *Expulsão dos Jesuitas* e *Successos da Provincia de Santa Cruz*, figuram perfeitamente ao lado dos eruditos trabalhos de nosso sabio consocio dr. Orville Der-

by, sobre *A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul* e *Estudos sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas.*

Os nossos consocios dr. Theodoro Sampaio, João Monteiro e Eduardo Prado, valorisam ainda este volume com os magnificos e bellos discursos que pronunciaram como representantes do Instituto em actos solemnes. Tão conhecidos são esses nomes do nosso mundo litterario, que dispensam qualquer commentario aos seus escriptos, ou elogio a suas obras.

Grande parte do volume é occupado pela importante memoria de nosso operoso consocio Lafayette de Toledo, sobre a *Imprensa Paulista*, que é neste genero o primeiro trabalho feito entre nós, pois outros congeneres e de outros Estados foram publicados, posteriormente ao seu apparecimento na imprensa diaria desta capital em 1894. Embora apresente falhas e lacunas, e mesmo alguns enganos, é um trabalho de grande valor e indispensavel para a historia de nossa civilisação e de nossa vida politica. E' de esperar que o proprio auctor com a competencia conhecida e amor invejavel a investigações desta ordem, complete e corrija tão valiosa monographia.

Monsenhor Passalacqua e Eugenio Hollender, illustram tambem as paginas da REVISTA com interessantes contribuições.

Vem as actas das Sessões e Relatorio dos factos occorridos, demonstrar como trabalhou o INSTITUTO no corrente anno, e firmar mais um documento de que sabe honrar a incumbencia de seus predecessores.

Julgou-se tambem de boa pratica abrir uma *Secção Necrologica* relativa a brasileiros illustres, e uma outra *Bibliographica*, para analysar obras acerca do Brazil. Nosso collega da Commissão de Redacção, Dr. Miranda Azevedo foi encarregado dessa tarefa, e com seus escriptos fecha o livro que offerecemos ao publico, que o acceitará com benevolencia e justiça.

Oxalá venham as animações dos competentes, o auxilio dos que podem e as sympathias de todos, para que o INSTITUTO prosiga seguro na sua carreira, possa desempenhar com brilho suas aspirações patrioticas e commemorar proximamente de modo condigno o 4º centenario da descoberta do Brazil.

S. Paulo, Dezembro de 1898.

INDICE

	Pgs.
Ao Leitor.	I
A Ilha da Trindade, pelo Dr. Manoel D. Moreira de Azevedo	9 — 30
A Expulsão dos Jesuitas em 1640 — Trabalho servindo de introducção ao manuscripto sobre o mesmo assumpto, pelo Dr. A. de Toledo Piza	35 — 56
Expulsão dos Jesuitas e causas que tiveram para ella os paulistas desde o anno de 1611 até o de 1640, em que os lançaram fóra de toda a capitania de São Paulo e S. Vicente	57 — 123
Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil, manuscripto lido, com uma introducção pelo Dr. Antonio de Toledo Piza . .	125 — 171
A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado, pelo Dr. Orville A. Derby	174 — 199
Nota a proposito do Testamento de D. Luiz Mascarenhas, pelo Dr. Theodoro Sampaio.	201 — 205

Testamento de D. Luiz Mascarenhas . . 206 — 208
O Caminho da India — Discurso proferido pelo socio Dr. Theodoro Sampaio na Sessão Magna de 30 de Maio de 1898 209 — 236
Discurso proferido pelo Dr. J. Monteiro na Sessão Solemne com que a 16 de Maio de 1898 «A Sociedade de Geographia de Lisboa» celebrou o 4º centenario da Gloria de Vasco da Gama. . . . . 237 — 243
Um documento antigo relativo a Questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes, pelo Dr. Orville A. Derby . . . 278 — 284
Estudo da Tribu selvagem do Pury em Campos. Descripção do baptismo de um indigena. Petição de Beatificação do Veneravel Anchieta, assumptos communicados ao Instituto por Monsenhor Camillo Passalaqua . . . . . 285 — 301
Imprensa Paulista — Memoria Historica, por Lafayette de Toledo . . . . . 303 — 521
Discurso do Anniversario da fundação do Instituto Historico de S. Paulo, lido pelo Dr. Eduardo Prado na Sessão Magna de 10 de Novembro de 1898. . . . . 523 — 534
Actas das Sessões . . . . . 535 — 566
Relatorio dos trabalhos e occorrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo no anno de 1898, apresentado pela Directoria na sessão de 20 de Outubro de 1898 e balancetes da receita e despeza . . . . . 567 — 576
Secção de Numismatica — Moedas e Medalhas — Supplemento ao Catalogo primitivo, pelo socio E. Hollender . . . 574 — 581

Necrologia — General Couto de Magalhães, pelo Dr. A. C. Miranda Azevedo . . 583 — 592
Necrologia —Dr. João Mendes de Almeida, pelo Dr. A. C. de Miranda Azevedo . 595 -- 602
Necrologia — Felix Ferreira, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 603 — 605
Bibliographia — Bibliographie Bresilienne de A. L. Garraux, noticia, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 607 — 616
Bibliographia — Diccionario Bibliographico, pelo Dr. Augusto Blake, noticia, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 616 — 621
Relacão das obras offerecidas ao Instituto durante o anno de 1898 . . . . . 623 — 629
Lista dos socios admittidos em 1898 . . 631 — 632

GRAVURAS

Extracto do «Mappa das Cortes» de 1749 197
Extracto do «Mappa de Olmedilla, 1775 199
Retrato do General Couto de Magalhães 582
Retrato do Dr. João Mendes de Almeida 593

A ILHA DA TRINDADE

Partindo de Lisboa, a 5 de março de 1501, em viagem para a India, descobriu João da Nova, navegador portuguez, a ilha da Asunção, hoje da Trindade, afastada da costa do Brazil 120 leguas.

Está situada no occeano Atlantico em 20.º 31' de latitude sul e 13.º 47' 57'' de longitude éste do meridiano do Rio de Janeiro. Tem perto de tres milhas em sua maior extensão NNO a SSE, e proximamente seis milhas de circumferencia.

Accidentado e de natureza vulcanica apresenta o solo montanhas elevadissimas e escalvadas. Esses rochedos dispidos de vegetação parecem monumentos

de uma natureza morta. Não se levanta alli nenhuma arvore, não viceja nenhum arbusto, tudo é arido, triste, esteril, reinando uma melancolia profunda nesses penhascos altivos e solitarios na immensidade do occeano.

Toda a ilha parece uma grande rocha, cujo pico maior mede 3000.º segundo as cartas inglezas. Os cimos dos rochedos alcantilados, de formas caprichosas, cortados em arestas vivas, nuas, sustentão, por equilibrio desconhecido, grandes massas de granito, caprichosamente dispostas, e todas inaccessiveis.

Entre os penedos elevados notão-se no littoral ao O o *Monumento* assim denominado por alguns roteiros. com 64 metros de altitude ; na extremidade do N., outro chamado *Crista de Gallo ;* a E outro de côr avermelhada com 66 metros de elevação acima do nivel do mar, e 300 metros de base. As faces são verticaes e privadas de vegetação ; denomina-se *Morro do Furado* por apresentar na base um tunel construido pela natureza, o qual perfurand-o de lado a lado, com o comprimento de 132 metros, dá passagem as aguas do occeano, que alli precipitão-se com furia insana. Ergue-se ao S outro rochedo pyramidal chamado *Pão de Assucar*, com 390 metros de altitude e semelhante ao que existe na entrada da barra do Rio de Janeiro, e no centro outro, que forma o ponto culminante da ilha.

Quasi todo o littoral é circumdado de rochedos e recifes, sobre os quaes arroja-se o mar com furia indomita produzindo, especialmente a noite, um rugido atroador. Cortadas a pino são as costas abruptas e lavadas pelo marulho das ondas, que no seu embate, não encontrão declive que lhes abata a força primitiva.

Ao Norte apresenta as praias *Sem Nome*, *Empedrado*, *Tartarugas e do Porto das Canoas*, pequenas, margeadas

de recifes, uns emergidos e outros immergidos. Do lado SE ha uma pequena praia de arêa muito branca, na unica enseada, que possue a ilha, chamada *Porto do Principe*, onde vê-se uma ilhota de pedra.

Deslisão das montanhas pequenos filetes de agua, porem não se póde assegurar que sejão perennes, ou se extinguão en certas estações do anno.

Nada brota, como já dissemos, nesses penedos de completa aridez; apenas em alguns lugares em que a rocha está revestida de uma leve camada de terra, nasce um capim rasteiro de folha larga e aspera e uma trepadeira de um verde claro com flores rachiticas de um escarlate desmaiado.

Abundão alli os guayamús de um amarello vivo, e prodigiosa é a abundancia de peixe junto aos rochedos da costa. São communs os tubarões e as tartarugas ostentando algumas dimensões extraordinarias. Habitão os altos penhascos milhares de passaros como os pilotos, os trinta reis, notaveis pela sua alvura deslumbrante e bandos de gaivotas e mergulhões.

Em 1539 D. João 3.º de Portugal fez doação da ilha da Trindade a Belchior Camacho, como consta de documento existente na Torre do Tombo de Lisboa.

Em 15 de abril de 1700 aportou a esta ilha, e della tomou posse em nome do seu governo, o capitão inglez Edmond Halley.

Pela carta regia de 22 de fevereiro de 1724 ordenou o rei de Portugal providencias no sentido de impedir que a companhia ingleza de Guiné se servisse desta ilha para commercio de escravos. (*)

A ordem regia de 18 de junho de 1756 mandou proceder a sondagem e exploração da ilha, sendo en-

(*) Veja documento no Archivo Publico Nacional.

carregado dessa commissão o piloto José Alvares, que sahio do Rio de Janeiro com trinta homens, em um hiate, a 27 de setembro do referido anno. (.)

Em sua segunda viagem chegou Kook a esta ilha em 31 de maio de 1775.

Em 1781 mandou o governo britanico occupal-a por se achar em guerra com a Hespanha, formando alli um entreposto para o contrabando que se fazia á sombra do seu commercio com as provincias hespanholas do Rio da Prata. Foi a ilha occupada pelo comodore Johnstone que alli estabeleceu um posto de soldados de marinha.

Informado o governo portuguez da usurpação do seu territorio tratou de reclamar, havendo troca de notas entre o ministro dos negocios estrangeiros Ayres de Sá Mello e o representante do governo portuguez em Londres Luiz Pinto de Souza e o governo britanico.

O ministro Martinho de Mello e Castro dirigiu, em 12 de junho de 1782, aviso ao vice-rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos, dando-lhe instrucções para expelir os inglezes da ilha.

Prompta execução deu o vice-rei ás ordens regias, esquipou uma expedição confiando o commando della ao capitão de mar e guerra José de Mello, acompanhando-o o marchal de campo Chichorro com 150 homens e competente artilheria e munições.

As negociações diplomaticas iniciadas em Lisboa havião trazido feliz desenlace para a questão. O almirantado inglez enviou ordem ao capitão Felippe de Auvergne, governador da ilha, para que a evacuasse sem demora, e entregasse ao governo portuguez, como pertencente aos dominios de Portugal na America.

(.) Veja documento no Archivo Publico Nacional.

Recebera instrucções de Martinho de Mello e Castro e do vice-rei do Brazil o capitão de mar e guerra José de Mello, encarregando-o de levar a carta do almirantado inglez para a evacuação da ilha e entregal-a ao official que a commandava; que se por ventura houvesse recusa usasse dos meios suasorios, mas esgotados estes, empregasse a força. Partio a expedição do Rio de Janeiro na náo *N. S. dos Praseres*, em 16 de dezembro de 1782, e chegou a ilha em 10 de janeiro de 1783 (.) No dia 13 depois de reconhecer que os inglezes já a tinham abandonado, saltarão em terra o commandante da expedição e o marechal Chichorro. A ordem do almirantado inglez havia sido communicada ao governador da ilha, que tratou de dar-lhe execução. Tendo os inglezes deixado a artilharia, não desembarcarão os portuguezes a que levarão. Edificarão estes na ilha o *Forte da Rainha*. Em officio de 10 de fevereiro de 1783 participou Luiz de Vasconcellos ao governo portuguez o resultado da expedição.

Determinou o governo de Portugal que na ilha se conservasse uma guarnição, e que se tratasse de colonisal-a e cultivar o terreno.

Enviou o vice-rei um destacamento, casaes de colonos e sementes diversas. Era o destacamento commandado por um capitão graduado em sargento-mor. Mas cedo reconheceu-se que o terreno era imprestavel para a cultura, que não suportava o solo o trabalho agricola, porque leve era a camada de terra, que revestia os rochedos. Acresce que todas as provisões devião vir de seis em seis mezes do Rio de Janeiro, e tornando-se pesadas as despezas, sendo cada anno preciso mudar

(.) Veja documentos no Archivo Publico nacional.

o destacamento, resolveu o vice-rei reduzil-a a 88 homens de 150 que erão.

En 16 de setembro de 1782 ordenara Martinho de Mello e Castro ao vice-rei do Brazil que mandasse abrir communicação do Rio de Janeiro com a ilha por meio de sumacas e outras embarcações pequenas.

Galanp de Laperouse, encarregado de uma viagem de descoberta em 1785, avistou a ilha da Trindade, e procurou desembarcar com os seus companheiros, o que fizerão com grande risco de vida. Virão a bandeira portugueza içada em um pequeno forte, em redor do qual havia cinco ou seis casas de madeira; encontrarão 200 homens, alguns fardados e outros em fraldas de camisa. Vendo que a ilha não podia fornecer-lhes nem agua, nem lenha, retirarão-se os viajantes, declarando que o estabelecimento portuguez parecia antes um esconderijo de bandidos do que um posto occupado por uma nação civilisada.

Em officio de 1 de junho de 1793, dirigido ao governo de Portugal, reclamou o vice-rei do Brazil, conde de Rezende, contra a permanencia de destacamento de tropas na ilha da Trindade, em consequencia da excessiva despeza e outros inconvenientes. Attendeu o governo ás observações do vice-rei, e por aviso de 6 de fevereiro de 1795 mandou retirar o destacamento. (.)

Em 17 de junho sahio do Rio de Janeiro a fragata *Princeza da Beira,* e mais uma corveta de commercio, que regressarão em 11 de outubro conduzindo a artilharia, munições de campanha, utensilios de hospital, pertences de igreja e outros objectos encontrados na ilha.

(.) Veja documentos no Archivo Publico Nacional.

Em 1825 foi a ilha visitada pela corveta *Itaparica*, commandada pelo capitão de mar e guerra Jorge de Brito com os aspirantes a guarda-marinhas.

Estiverão na ilha em commissão do governo do Brazil a corveta *D. Isabel* em 1856, a corveta *Bahiana* em 1871, a corveta *Nictheroy*, em 1876 e 1884, e o transporte de guerra *Penedo* em 1894.

Relatando a viagem, que fez como commandante da corveta *Nictheroy* em janeiro de 1871, escreve o barão de Jaceguay:

«A ilha da Trindade tem perto de tres milhas em sua maior extensão NNO ao SSE e proximamente seis de circumferencia. Ordenei a um official intrepido e conhecedor do que é um desembarque em costas desabridas, por ser filho do Ceará, o sr. 1.º tenente Quintanilha de Castro Silva, que fez todos os esforços para saltar em terra, mas nada conseguio apezar de se ter arriscado bastante no escaler em que o mandei. O facto de não ter podido desembarcar alli, depois de tantos dias de bonança faz-me crêr, como affirmão quasi todos os roteiros, que o desembarque na Trindade é uma operação muito precaria e que só se póde fazer em occasiões excepcionaes.»

Por decreto de 29 de novembro de 1884 concedeu o governo brazileiro permissão ao cidadão João Alvares Guerra, para explorar mineraes, extrahir productos naturaes e estabelecer salinas nesta ilha, considerando-a accessoria da então provincia do Espirito Santo.

Em 1891 o governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil iniciou trabalhos para aproveitamento da ilha como prisão penitenciaria.

Em 1893 fez conhecer que se opporia a tentativa do barão Harden Hickey, cidadão dos Estados Unidos da America do Norte, que distribuira prospectos para

engajar aventureiros afim de seguil-o a ilha, que desejava occupar, fundando alli um principado.

Retirado em 1795 o destacamento, que durante annos havia o governo portuguez conservado na ilha, ficou ella deshabitada como um ponto isolado no alto mar, e de difficil e perigoso desembarque. Esteve um seculo apenas habitada por passaros e aves aquaticas. Era um marco de granito na immensidade do occeano. Esses rochedos escarpados, varridos pelos ventos, açoutados pelas ondas, vivião isolados, avistados pelos navios, percorridos pelas aves, e servindo de habitações de peixes e de tartarugas. Jamais tremulara nessa ilha occeanica o pavilhão brazileiro, e vivia ella entregue ao furor das ondas e das tempestades.

Mas se estava deshabitada não estava abandonada. Já vimos que o governo havia mandado diversos navios em commissão a ese rochedo, que planejara estabelecer alli um presidio, e que por outros actos procurara manter sempre sob o estandarte nacional essa possesão occeanica, como fisera o governo portguez. Mas apezar disso, foi a ilha occupada pelo navio inglez *Barracouta*, que alli hasteou a bandeira de sua nação em janeiro de 1895.

Ordenando lord Kimberley a occupação da ilha não lhe deu publicidade, nem fez notificação alguma, procedeu com a maior reserva em assumpto, que não a admitte.

Teve o governo do Brazil conhecimento dessa usurpação, em 18 de julho a noite, pela remessa que o deputado José Carlos de Carvalho fez ao ministerio dos negocios exteriores do *Rio-News* de 16 do referido mez e que se publica no Rio de Janeiro, em que vinha transcripto do *Financial News* de 4 junho, a noticia da incorporação da ilha ao dominio do imperio britanico.

Em 19 de julho o ministro das relações exteriores dr. Carlos de Carvalho pedio informações sobre o assumpto á legação brazileira em Londres.

Despertou semelhante noticia viva impressão no Rio de Janeiro, exacerbou-se o patriotismo nacional, e exaltarão-se os animos contra a Inglaterra. Estava usurpado um dominio do territorio nacional, e o estandarte auri-verde não representava mais a integridade do solo da patria. Foi excessiva a indignação, convocarão-se meetings, e o povo no seu furor atacou diversas casas de commerciantes e subditos inglezes. Em 21 de julho publicou-se o primeiro telegramma da legação brazileira en Londres noticiando a occupação da ilha.

Abrio-se a valvula na imprensa, que profligando o acto, pedio ao governo promptas e energicas providencias.

Em 21 de julho telegraphou a legação brazileira em Londres, ao ministro das relações exteriores participando a occupação da ilha, em nome do governo inglez, para estabelecimento do cabo submarino argentino. A companhia Telegraph Construction tentou fazer desse ponto um lugar de amarração para o cabo que devia ligar a America do Sul á Europa sem passar pelo Brazil Quiz o governo inglez desse modo coadjuvar a empreza projectada por Sir John Pender.

Em notas de 22 e 23 de julho, enviadas ao representante diplomatico da Grã Bretanha acreditado no Rio de Janeiro, reclamou o dr. Carlos de Carvalho contra o esbulho do territorio nacional, e officiou ao ministro brazileiro em Londres, que lavrasse em continenti o competente protesto, o que este executou em 27 de julho.

Trazida a questão ao congresso nacional declarou este, por uma indicação, ser solidario com o governo

na defeza da soberania nacional, e aguardar que o governo lhe declarasse as providencias necessarias para defender essa soberania.

Colligindo todos os documentos que authentiçavão a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade, destruindo todos os argumentos formulados nas notas do ministro inglez, fulminando as razões apresentadas por esse diplomata, que firmava-se em estar a ilha abandonada por não ter habitantes e assim não pertencer a nação alguma, esforça-se o dr. Carlos de Carvalho por evitar discusões e litigios, insistiddo com energia e talento sobre o nosso direito, reclamando a desoccupação pura e simples, e repellindo toda condição.

Em 16 de dezembro propoz o sr. Constantino Phipps, ministro plenipotenciario inglez no Rio de Janeiro, de ordem do seu governo, que a questão fosse smbmettida a arbitramento, mas semelhante proposta foi recusada pelo governo brazileiro em 7 de janeiro de 1896.

E' notavel a nota dirigida pelo dr. Carlos de Carvalho, em 7 de janeiro, ao ministro inglez, declarando que o presidente da Republica recusara o arbitramento. A logica e a exposição ordenada dos factos e dos argumentos do ministro brazileiro tornarão indiscutivel o direito do Brazil sobre essa ilha. Termina essa nota com estas palavras: «O que em nome da justiça fez a Inglaterra em 1782 é licito esperar que faça agora.»

Para resolver essa melindrosa questão que affectava a soberania nacional, offereceu o governo portuguez os seus bons officios as duas nações em litigio.

Em 1 de maio de 1896 o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, conselheiro Luiz de Soveral, officiou ao dr. João Lampreia, encarregado dos nego-

cios de Portugal no Rio de Janeiro, que, chegando ao conhecimento do governo portuguez, que entre o governo da Republica dos Estados-Unidos do Brasil e da Grã Bretanha se suscitara desacordo grave com respeito a occupação da ilha da Trindade, entendia offerecer os seus bons officios para uma solução mais pronta e amigavel do incidente, no caso do governo brazileiro julgar conveniente accital-o.

Apressou-se o dr. João Lampreia em communicar a nota do seu governo ao ministro brazileiro dr. Carlos de Carvalho.

Havia tambem o conselheiro Luiz de Soveral officiado ao governo britanico offerecendo seus bons officios. Allegava que, visto ter sido a ilha descoberta por navegadores portuguezes e haver-se conservado sem interrupção conhecida até o fim do primeiro quartel do presente seculo, sob o dominio de Portugal, achava-se por esse motivo o governo portuguez nas condições de mais facil e imparcialmente apreciar a justiça da causa que se debatia.

Acceitarão o Brazil e a Inglaterra a intervenção portugueza para solução amigavel da questão, o que o dr. João Lampreia participou ao seu governo em 20 de maio, e o ministro inglez em Lisboa ao governo de Portugal em 10 de maio.

Em 20 de julho o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal officiou ao encarregado de negocios de Portugal em Londres que desde o descobrimento da ilha da Trindade, no principio do seculo XVI, jamais foi discutivel a legitimidade da soberania de Portugal dessa ilha, que por occasião da temporaria occupação pelo commodore Johnstone em 1782 foi essa soberania reconhecida pelo governo britanico, ordenando a sua evacuação. Quando pelo tratado do Rio de Janei-

ro de 29 de agosto de 1825 confirmou Portugal a independencia de sua antiga colonia, tranferio-se a ilha da Trindade, com as do grupo a que pertence, para posse formal do novo imperio.

Se por ter-se conservado a ilha até a presente data sem cultura e sem habitantes, portanto apparentemente abandonada, mas sendo esse abandono transitorio, determinado apenas pelas condições especiaes da ilha nunca tendo deixado o governo brazileiro de affirmar por actos o seu proposito de a possuir, não póde isso justificar e legitimar a occupação e a posse levada a effeito, por virtude do engano de suppol-a abandonada. Em presença destes factos e da legitimidade dos direitos que o governo brazileiro se attribue, confia que o governo inglez se promptificará a reconhecer a soberania do Brazil sobre a referida ilha.

Em 4 de agosto officiou o encarregado dos negocios de S. M. Britaniça em Lisboa ao conselheiro Soveral declarando que, em virtude das instrucções que recebera, achava-se inclinado o seu governo a adherir a opinião, que lhe foi manifestada, e por deferencia a essa opinião, desistir de suas pretenções a posse da ilha.

Em 5 de agosto o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, passou ao encarregado de negocios da mesma nação no Rio de Janeiro um telegramma para que se apressasse em levar ao conhecimento do governo do Brazil que, em presença das razões dadas, o governo britanico havia já declarado ao governo portuguez que reconhecia a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade.

No mesmo dia officiou o dr. João Lampreia ao dr. Carlos de Carvalho communicando o telegramma que recebera de Lisboa.

Em 6 de agosto dirigio o dr. Carlos de Carlos de Carvalho a nota á legação portugueza no Rio de Janeiro, notificando que levara ao conhecimento do presidente da Republica a noticia do reconhecimento da soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade pelo governo de S. M. Britanica, que o presidente a recebera com muita satisfacção, e o encarregara de agradecer-lh'a, pedindo-lhe que transmittisse ao ministro dos negocios estrangeiros a expressão do seu reconhecimento pela intervenção efficazmente exercida pelo governo portuguez.

Agradeceu o governo portuguez ao da Inglaterra o espirito de conciliação e benevolencia, de que dera constantes testemunhos, durante a negociação com respeito a soberania da illha da Trindade, e tambem agradeceu ao governo do Brazil o espirito de conciliação e amizade que manifestara em semelhante questão. Agradeceu o governo brazileiro a nota recebida do governo de Portugal.

Em 21 de agosto a legação britanica remetteu a nota ao governo brazileiro, declarando que, de conformidade com as instrucções recebidas do marquez de Salisbury, tinha de informar que foram dadas ordens ao navio britanico *Barraconta* afim de ir a Trindade remover os signaes da occupação da ilha alli deixados. Foi essa communicação recebida com satisfacção pelo governo do Brazil.

Em 5 de agosto publicarão os jornaes diarios do Rio de Janeiro que a ilha da Trindade havia sido restituida ao Brazil. Despertou este acontecimento viva alegria, e transmittido pelo telegrapho em todos os Estados da Republica, fez repercurtir em todos justos sentimentos de prazer e contentamento. Semelhante acto de justiça praticado pelo governo inglez, reconhe-

cendo a soberania do Brazil sobre o rochedo da Trindade, foi a victoria do direito e da dignidade nacional.

No mesmo dia 5 enviou o presidente da Republica uma mensagem á camara dos deputados communicando que ao governo de Portugal declarara o governo britanico reconhecer a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade. E remettiu copia da nota recebida da legação portugueza.

A camara dos deputados approvou, sem debate, a seguinte moção:

«A camara dos deputados congratula-se com o povo brazileiro pela restituição da ilha da Trindade, que, graças a attitude sobranceira e digna dos poderes politicos da Nacão, nos acaba de ser feita pelo governo da Inglaterra—5 de agosto de 1896.»

Remettida ao Senado, identica mensagem e copia da referida nota do governo portuguez, requereu o senador Coelho Rodrigues que se consignasse na acta da sessão, que a noticia da solução obtida pelo governo brasileiro, na questão suscitada sobre a ilha da Trindade, foi recebida com muito especial agrado, e que, em nome do Senado, se agradecesse ao governo portuguez a sua intervenção opportuna, amistosa e efficaz.

O senador Leite e Oitica apresentou o seguinte additamento:

«Indico que o Senado, em mensagem, se congratule com o poder executivo e com a Nação Brazileira por vêr reconhecida a sua soberania sobre uma parte do territorio nacional, felicitando ao governo pela firmeza com que dirigio as negociações resolvidas com honra para ambas as Nações—5 de agosto de 1896.»

Foram approvados o requerimento e o additamento.

Dirigiu o presidente da Republica uma mensagem ao Senado agradecendo as suas congratulações, e outra communicando ter transmittido pelo telegrapho á legação brazileira em Lisboa a mensagem do Senado e o voto do mesmo Senado reconhecendo os bons officios daquelle governo na questão da ilha da Trindade.

Em telegramma dirigido em 6 de agosto ao rei de Portugal agradeceu-lhe o presidente da Republica os bons officios offerecidos pelo governo portuguez e acceitos com inteira e merecida confiança, resolvendo em breve tempo a questão da ilha da Trindade.

Agradeceu D. Carlos, no dia 8, o telegramma do presidente da Republica, congratulando se com este e com a Nação Brazileira pelo feliz resultado obtido.

Em sessão do Senado do dia 6 de agosto foi apresentado o projecto autorisando o poder executivo a mandar construir um pharol de 2.ª classe na ilha da Trindade, e na sessão do dia 11 da camara dos deputados foi lido o projecto declarando pertencer á jurisdicção privativa da União a ilha da Trindade.

Havendo o governo mandado preparar um marco padrão de granito para ser collocado na ilha, encarregou dessa commissão o commandante do cruzador *Benjamin Constant*, que partiu do Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1897, e no dia 20 chegou a ilha. Encontrou durante toda a viagem mar cavado e revolto, e tentando desembarque na ilha foram infructiferas e arriscadas todas as tentativas; precipitavão-se as vagas furiosas sobre esses rochedos, como querendo destruil-os, por se opporem a sua passagem; além disto, por toda a parte recifes e apenas ao SE. uma pequena praia de alvissima arêa, porém, muito variada e fustigada pelo vento.

Improvisou se uma jangada, estabeleceu-se um cabo

de vaivém, mas erão repetidas e violentas as refregas, perdeu-se uma ancora de pezo de 2.400 kilos e depois de innumeros perigos e esforços corajosos e herculeos de officiaes e marinheiros, conseguio-se collocar, não o marco padrão de pedra, mas um signal de posse.

No dia 24 desembarcaram na ilha 32 homens ao todo, escolhidos entre os mais destros marinheiros e destemidos nadadores. Como auxiliares o chefe da expedição tenente Souza, levou o guarda marinha Braulio Braga, seu ajudante, o mestre do navio Agostinho José, um serralheiro, um calafate, dous pedreiros e mais 13 marinheiros nacionaes. Ia tambem o 2.º tenente Conrado Heck, que tencionava explorar scientificamente os terrenos da ilha.

Consistia o signal de posse em uma bandeira de cobre de 1 metro e 50 centimetros de comprimento sobre 0^{m} 355 de largura com a inscripção Brazil, em grandes letras, fixada no extremo de uma haste, tambem de cobre, de 2 metros e 90 de altura, em torno da qual girava. Ficou encarregado o tenente Souza e Silva de levantar este signal na parte da ilha chamada *Forte da Rainha.*

Além da bandeira metalica levou-se para a ilha uma caixa de madeira encerrada dentro de outra de chumbo, soldada a fogo, contendo o termo da posse lavrado pelo commissario do navio, assignado pelo commandante e officiaes e lido perante toda a guarnição formada, contendo além disso diversos numeros dos principaes jornaes publicados no Rio de Janeiro, algumas moedas de cobre e nickel, o retrato do presidente da Republica dr. Prudente de Moraes, e cartões de visita de todos os officiaes. Tirou-se copia desse termo de posse, a qual ficou em poder do commandante do *Benjamin Contant.*

Para collocação do signal, levarão os expedicionarios uma enxada, uma picareta, duas alavancas, um cesto com ferramentas de pedreiro, uma barrica de cimento e dous baldes para agua. Todos iam com salva vida e colletes de salvação e providos de uma ração de agua e bolacha.

A's dez e meia horas a lancha, a remos, largou de bordo rebocando a jangada e singrou em direcção a praia. Em seis viagens de jangada ao longo do cabo, de vai-vém, desembarcou o tenente Souza com vinte e tres homens, conseguindo pôr em terra todos os utensilios. Havia sido feito este desembarque com muito risco e difficuldade.

Logo que saltou em terra hasteou, o marinheiro nacional Bernardo Barreiros, na arêa da praia, uma bandeira nacional, que levara amarrada ao pescoço. Era a primeira vez que a bandeira nacional tremulava na aquella illa. Duas horas depois, na esplanada da *Rainha*, levantava-se pintado de branco o signal de posse e em outro ponto chamado *Vigia do Alto*, erguia-se sobre um remo uma grande bandeira nacional, hasteada pelo tenente Heck e guarda marinha Braulio.

Na base da haste de cobre ficara enterrada a caixa, tendo sobre ella duas chapas de cobre, uma com os nomes dos machinistas do *Benjamin Constant*, sob o commando do capitão de fragata Rodrigues Torres, em viagem de instrucção da turma de guardas-marinha, alumnos de 1896—Janeiro de 1897.

Vivas acclamações festejarão a elevação do signal de posse.

Se difficil e arriscada foi a ida da expedição, foi tambem penosa e assaz perigosa a retirada. Tornara-se o mar mais bravio para a tarde; quatro vezes correndo ao longo do vai-vém veiu a jangada conduzindo

para a lancha todos os que tinham partido; mas erão essas travessias feitas com grande risco e perigo, porque as ondas, envolvendo os tripulantes, parecia terem resolvido sepultal-os naquelle sorvedouro.

Os officiaes, que desembarcarão, encontrarão na ilha vestigios da sua recente occupação; assim, na esplanada do forte da *Rainha*, virão cabos de pás, ancinhos, um carrinho de mão, de madeira, um balde de ferro, paos de barracas, latas de oleo, cartuchos utilisados, tudo em pessimo estado, e pedras ligadas com uma argamassa de terra e arêa, como tendo servido de base a um signal qualquer.

O governo mandou elogiar o commandante e officiaes que collocarão na ilha o marco signal da posse.

Apossando-se da ilha da Trindade sob o falso pretexto de não ter habitantes e nem cultura, e por isto estar abandonada, praticou a Inglaterra uma violação de territorio, uma prepotencia lançou as garras sobre esse rochedo, sem attender que no almirantado inglez havia de existir a correspondencia de 1782, authenticando o dominio e posse do Brazil; mas acreditando que podia-lhe ser util esse ponto isolado na vastidão do mar, hasteou alli o seu estandarte, por julgar talvez que o que está no occeano deve ser seu. Quiz fazer prevalecer a sua dominação sobre a ilha pelo seu abandono transitorio, circumstancia fortuita de direito, que podia ser allegada por outra qualquer nação que tentasse esse arbitrio e ultrage a soberania do Brazil. A alma altiva e generosa da nação sentio-se ultrajada com esse insulto atirado á soberania nacional, e manifestou-se com dignidade e patriotismo, collocando-se ao lado dos poderes constituidos.

Nessa questão melindrosa e grave, devemos rendo homenagem ao tino, saber, energia e prudencia d

digno ministro das relações exteriores dr. Carlos de Carvalho. A sua attitude firme, a sua altivez civica recusando todas as propostas apresentadas, e acceitando apenas os bons officios offerecidos por Portugal que, em razão de indiscutiveis factos, que durante seculos ligarão a historia portugueza á do Brazil, mais facilmente podia apreciar a justiça da causa que se debatia, alcançou um dos maiores triumphos diplomaticos que a historia do Brazil registra. A restituição da ilha da Trindade foi uma simples restituição de direito, como disse o deputado Medeiros e Albuquerque, mas merece louvores da nação pelo procedimento correcto e estatura moral que manifestou o ministro Carlos de Carvalho. O poder executivo personificado no presidente da Republica e o ministro das relações exteriores, são merecedores do reconhecimento nacional pelo modo digno e honroso porque conduziram as negociações. Repercutão os nossos applausos sobre a Nação Brazileira pela firmeza, patriotismo e dignidade mascula, que patenteou nessa questão, que findou de modo nobre e digno, patenteando o nosso direito, ennobrecendo a nossa honra civica e deixando intacta a soberania nacional.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1897.

Moreira de Azevedo

TERMO SIGNIFICATIVO DA POSSE

Aos vinte e quatro dias do mez de janeiro do anno de mil oitocentos e noventa e sete, nono da Republica, sendo presidente dos Estados-Unidos do Brasil o dr. Prudente José de Moraes Barros, e vice-presidente, em exercicio, o sr. dr. Manuel Victorino Pereira, e ministro da marinha o contra-almirante José Alves Barbosa, na ilha da Trindade, no logar denominado *Forte da Rainha*, cujas coordenadas são lat. 20°-33'00" e long. 29° 21'-00" O Gov., collocou-se uma haste de bronze, tendo de comprimento dous metros e 90 centimetros e de diametro 28 millimetros, e uma chapa de metal de um metro e 50 millimetros de comprimento sobre 850 millimetros de largura, com uma inscripção — *Brazil*, e junto uma caixa de madeira de cedro, com as seguintes dimensões: comprimento 325 millimetros, largura 250 millimetros e de altura um centimetro, dentro de uma outra de chumbo, tendo de comprimento 334 millimetros, de largura 250 millimetros e de altura 110 millimetros, envolvida em cimento, tendo na parte superior uma chapa com a seguinte inscripção: Este marco foi collocado pelo cruzador *Benjamin Constant*, sob o commando do capitão de fragata Rodrigues Torres, em viagem de instrucção da turma GG. MM. de 1896 — Janeiro, 1897, em consequencia de não se poder erigir o marco padrão que trouxe este navio para ser collocado na referida ilha, devido isso a não possuir o navio uma jangada appropriada para o desembarque das peças do mesmo marco-padrão, em numero de doze, porquanto

á enseada do lado de Oeste, adequada para semelhante fim, arrebenta continuadamente, e é toda margeada de arrecifes, impossibilitando a approximação de qualquer embarcação, sob pena de virar, sacrificando todo o pessoal.

Não satisfazendo a prancha, que o navio trouxe para esse serviço, visto ser a praia rampada, improvisou-se a bordo uma jangada de cinco taboas com seis pipas, a qual só prestou-se, com bastante difficuldade, a passar um cabo de vaivém em terra, e transportar o signal acima mencionado, afim de notar que a referida ilha pertence a Republica dos Estados-Unidos do Brazil, tendo assim cumprido fielmente ás ordens do governo.

E para constar, lavrou-se o presente termo, que vae assignado por todos os officiaes de bordo e commandante.

Bordo do *Benjamin Constant*, na ilha da Trindade em 25 de janeiro de 18[illegible]. — Joaquim José Rodrigues Torres, capitão de fragata, commandante. — Alfredo de Avila Menezes, capitão-tenente immediato. — Francisco Xavier Tinoco Junior, capitão-tenente instructor. — Arthur Pinheiro Hess, capitão-tenente. — Henrique Boiteux, capitão-tenente instructor. — Francisco Augusto de Lima Franco, commissario da 2.ª classe, capitão-tenente. — Dr. Julião [illegible] da 3.ª classe. — Capitão-tenente Augusto Helena Pereira, 1.º tenente. — Henriqno Feijó Junior, 1.º tenente. — Paulo Paquet, machinista naval de 3.ª classe. — Raul Varella Quadros, 1.º tenente. — Bento de Barros Machado da Silva, 1.º tenente. — João Gomes da Silva, machinista naval da 4.ª classe. — Augusto Carlos de Souza e Silva, 2.º tenente. — Raphael Brusque, 2.º tenente. — Cicero Peçanha, pharmaceutico.

Para escrever esta memoria, que submettemos á correcção dos doutos, servimo-nos de documentos encontrados no Archivo Publico Nacional e na Bibliotheca Publica Nacional, das Revistas do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, vols. 23, 40 e 59, dos Relatorios do Ministerio dos Negocios Exteriores de 1896 e 1897, de preciosos documentos offerecidos pelo dr. Carlos Augusto de Carvalho, e de ums artigos sob o titulo — *A Ilha da Trindade* — publicados na *Gazeta de Noticias* em janeiro de 1897.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1897.

MOREIRA DE AZEVEDO

A EXPULSÃO DOS JESUITAS EM 1640

A expulsão dos jesuitas em 1640

Trabalho lido pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, em sessão de 20 de Janeiro de 1898, servindo de introducção ao manuscripto a que se refere e que vae em seguida ao trabalho.

I

A EXPULSÃO dos padres da Companhia de Jesus do seu collegio de S. Paulo e de toda a capitania de S. Vicente, no anno de 1640, é um dos factos mais interessantes e menos conhecidos da historia colonial de S Paulo.

Naquelle tempo, os grandes sertanejos Fernando Dias Paes Leme e Antonio Rodrigues de Arzão ainda não tinham realisado as suas excursões pelas serras de *Cataguazes* para descoberta do ouro e das esmeraldas, nem Bartholomeu Bueno da Silva, pae e filho, tinham devassado os sertões de Goyaz, nem Paschoal Moreira Cabral, Fernando Dias Falcão, irmãos Leme, irmãos

Maciel, irmãos Sutil e outros destemidos paulistas tinham feito as suas correrias pelas longinquas florestas de Matto-Grosso para exhibirem ao mundo admirado as riquezas do interior do Brazil.

A vida paulista era toda agricola e a falta de braços para a lavoura levava os habitantes da capitania a fazerem atrevidas entradas pelos sertões a caça de indios que, trazidos para o povoado, eram amansados e applicados ao cultivo das terras.

Embalde vieram as leis philippinas de 1611 e outras prohibindo o captiverio dos indios que não fossem presos em guerra justa; o trafico de africanos, já iniciado, não satisfazia a demanda de braços para a agricultura, e as correrias pelos sertões continuavam sempre como si não houvesse lei alguma em contrario.

A mais audaciosa destas emprezas para a caçada de indios foi organisada nesta capital, em 1628, por Antonio Raposo e Manoel Preto, sendo composta de cerca de 1.000 homens brancos e mestiços e de 2.000 indios mansos, todos disciplinados e armados com os instrumentos de guerra, de que a capitania então dispunha. Esta expedição partiu de S. Paulo em Setembro de 1628, para aquella região situada além do rio Parapanema e conhecida na historia com o nome de *Provincia do Goayrá.*

O actual Estado de Santa Catharina reclama como seus limites os rios Negro e Yguasú ao norte, o Uruguay ao sul, o mar á nascente e as Missões Argentinas ao poente.

Neste caso o Estado do Paraná ficará limitado ao norte pelos rios Itararé e Paranapanema, o sul pelos rios Negro e Yguasú, á nascente pelo mar e ao poente pelo rio Paraná. A antiga *Provincia do Goayrá*, se viesse até o mar, corresponderia hoje ao Estado do

Paraná, e abrangia todo o territorio banhado pelos rios Yvahy e Tibagy e seus affluentes.

O caminho de S. Paulo para o Goayrá, que já existia naquelle tempo, seguia por Sorocaba e Itapetininga e atravessava algures o rio Tibagy; e por este motivo se passou depois a dar ao Goayrá o nome de *Sertão do Tibagy*.

Nessa região tinham os jesuitas, desde 1560, aldeado enorme quantidade de indios, por elles catechisados durante quasi setenta annos de assiduo trabalho de evangelisação.

Em 1600 havia no Goayrá nada menos de trinta povoações de indios mansos, todos dirigidos pelos jesuitas hespanhóes, e algumas populosas, ricas e em plena prosperidade. Citarei sómente aquellas aldêas que estão localisadas nos mappas antigos que possuo:

Na margem esquerda do Tibagy, mais ou menos approximadas da barranca do rio, estavam as *reducções de S. Miguel* e *Jesus Maria*, nas cabeceiras do rio; de *Encarnação*, *S. Xavier* e *S. Joseph*, em ordem pelo Tibagy abaixo, esta ultima sobre um riacho tributario do mesmo Tibagy; *Loreto*, sobre a margem esquerda do Parapanema, perto da fôz do riacho Pirapó, e *S. Ignacio*, sobre o mesmo rio. No valle do rio Piquiry, estavam as aldêas de *Tambo*, na cabeceira do rio, *Copacabana* e *Itatú* mais abaixo, e *Ciudad Real*, na embocadura do Piquiry, no Paraná, sobre o salto das Sete Quedas No valle do rio Yvahy se encontravam diversas povoações e entre ellas eram notaveis *Santo Antonio*, *Los Arcangeles* e *S. Thomé*, estando estas duas ultimas sobre um riacho que, 140 annos mais tarde, passou a se chamar *Rio Mourão*, em honra do Morgado de Matheus, que governou S. Paulo de 1765 a 1775; na barra deste riacho estava a grande *Villa Rica*, cu-

jas ruinas foram descriptas pelo coronel Affonso Botelho em 1771. No lado direito do Yvahy, não longe de *Villa Rica* e a pequenas distancias do rio, havia diversos arraiaes de indios, que não formavam povoações autonomicas, mas dependiam das auctoridades de *Villa Rica*. Entre os rios Yvahy e Piquiry, a alguma distancia do Paraná havia grande numero de indios estabelecidos sobre o ribeirão Itasú e que se dedicavam a mineração de ferro. Nas extremidades das serras do Apucarana e do Maracajú havia numerosos nucleos de indios empregados na lavoura e na mineração de metaes encontrados naquellas serras. No vasto Yguasú estavam a aldéa de *Santa Maria* e outras menos importantes.

Dizem os historiadores, e com razão, que toda a população indigena do Goayrá devia subir a cem mil e que os jesuitas alli tinham posto em pratica os principios de *socialismo* com grandes vantagens para a prosperidade das colonias e para a felicidade dos seus moradores.

Mello Moraes, na sua *Historia dos Jesuitas*, faz a seguinte descripção da vida e dos costumes dos indios mansos do Goayrá:

« Cada aldêa era governada por dous missionarios, que dirigiam os negocios espirituaes e temporaes; nenhum extrangeiro podia alli demorar-se mais de tres dias e para evitar toda a intimidade, que pudesse corromper os costumes dos novos christãos, era prohibido apprender a fallar a lingua hespanhola, mas todos os neophytos sabiam lel-a e escrevel-a correctamente.

« Em cada *reducção* havia duas escolas, uma para os primeiros elementos das lettras e outra para dança e musica. Esta ultima era particularmente frequentada pelos *Guaranys*, que até sabiam fazer orgams, harpas,

flautas, guitarras e todos os instrumentos guerreiros, usados pelos povos civilisados.

« Logo que um menino chegava a idade de sete annos, os dous religiosos começavam a estudar-lhe o caracter, a vêr qual o emprego que lhe convinha; se tinha propensão para as artes mechanicas, punham-no em uma officina da *reducção*, e para aquella arte a que sua inclinação o levava. Estas officinas eram dirigidas pelos jesuitas, que haviam de proposito apprendido os officios para os ensinar aos indios sem serem obrigados a recorrer a pessoas estranhas.

« Os indios que preferiam empregar-se no cultivo das terras alistavam na turma dos lavradores, e os que não queriam esse trabalho e preferiam a vida errante, eram encarregados de andar com os rebanhos ou com os gados, para assim alimentarem o genio vagabundo da sua primeira existencia selvagem.

« As mulheres das *reducções* trabalhavam separadas dos homens, no interior de suas casas; para isso, no principio de cada semana, se lhes dava uma porção de algodão ou de lan como tarefa, afim de entregarem fiada, no sabbado, á tarde, para ser applicada em obras que se tinham de fabricar. Tambem eram as mulheres applicadas pelos padres em trabalhos do campo, porém, com tanta discripção, que esses empregos não excediam a suas forças.

« Bem que abundassem os generos de primera necessidade, comtudo não havia mercados publicos, porque em certos e determinados dias se distribuiam por cada familia todas as cousas necessarias ao seu sustento e bem estar. Esta distribuição era feita por um missionario que o regulava pelo pessoal de cada familia para que nenhum sentisse necessidade.

« Os trabalhos começavam ao romper da aurora por

um signal de sino, e os meninos juntavam-se na egreja para cantarem as orações matutinas. Os homens e as mulheres assistiam ás orações, á missa e ao officio divino, e depois se encaminhavam para os seus trabalhos. Ao pôr do sol tornava o sino a chamar os novos cidadãos para junto do altar do Senhor, e se cantava as orações da tarde a córes e ao som de musica sagrada.

«Para se regular a agricultura, as terras eram divididas em muitos quinhões e distribuidas pelas familias afim de as cultivarem para as suas necessidades.

«Além desta regular providencia, os padres tinham demarcado um grande terreno, que pertencia a todos, a que se denominou *A possessão de Deus*; era cultivado por todos e os seus fructos eram destinados a supprir as más colheitas e ao sustento das viuvas, orphãos e enfermos. O que sobrava servia para fundos de reserva, destinados á guerra, ou para as despezas do culto divino, ou para o pagamento do tributo do *escudo de ouro*, que cada familia pagava á corôa da Hespanha. Em consequencia da vida errante dos indios, pouco affectos ao trabalho, um chefe de agricultura os vigiava para que não abandonassem o trabalho das sementeiras, estimulando-os com palavras animadoras.

«A organisação social das *reducções* limitava-se a um *cacique* ou chefe de guerra, um corregedor para a administração da justiça, um regedor e alcaides que mantinham a policia e a direcção dos trabalhos publicos; eram nomeados pela assembléa geral dos cidadãos e propostos pelos missionarios. Além destes magistrados militar, civil e politico, havia um fiscal, especie de censor publico, eleito pelos velhos individuos da aldéa.

«Os homens capazes de pegar em armas eram alistados. Um director vigiava os meninos, conduzindo-os a egreja, acompanhando-os a escola, levando na mão

uma comprida varinha para os chamar a ordem; e de tudo dava conta aos missionarios, com observações sobre os costumes, caracteres, qualidades e defeitos dos meninos a elle encarregados.

« Para melhor ser policiada a aldêa, dividiam-na em quarteirões vigiados por inspectores ou cabos de quarteirões. Se o indio infringia as leis, era punido á primeira falta com uma reprehensão em particular pelos missionarios; a segunda com uma penitencia publica a porta da egreja e a terceira com açoites; porém, diz Charlevoix, as qualidades destes innocentes filhos do deserto eram tão boas e dignas de apreço, que as suas faltas eram faltas de creanças e nunca houve exemplo nesta Republica christã que um só indio merecesse ser açoitado.

« Os preguiçosos eram condemnados ao cultivo de uma porção da *Possessão de Deus* e não se recusavam a isso. Os moços casavam-se cedo para evitarem a libertinagem, e as mulheres, que tinham filhos, se retiravam, na ausencia de seus maridos, a uma casa particular denominada *Casa de Refugio.*

« Os dous sexos estavam separados na egreja e tinham bancos distinctos e portas diversas por onde entravam e sahiam, sem se confundirem. Tudo era regulado e policiado com incrivel sabedoria e prudencia, até mesmo o vestido que convinha a modestia, sem ser prejudicar a graça do sexo, não escapava aos cuidados dos missionarios.

« As mulheres traziam uma simples tunica, presa por um cinto; seus braços nús, suas pernas algum tanto descobertas, seus cabellos fluctuantes a desembaraçavam para o trabalho. Os homens eram vestidos como os antigos castelhanos; quando iam para o trabalho cobriam este nobre vestido com uma camisola de

panno branco, e se eram indios que se haviam distinguido em acções de valor ou de virtudes, traziam por cima camisolas côr de purpura.

« As aldêas eram de ordinario á margem de um rio, ou em um bom local. Todas as casas eram uniformes, de um só andar e construidas de pedras: as ruas eram largas e alinhadas. No centro da aldêa estava a praça publica formada pela egreja, a casa dos padres, o celleiro publico, o arsenal, a casa de refugio e o hospital. As egrejas eram elegantes e ornadas; paineis separados por festões de flôres e verdura natural cobriam as paredes. Nos dias de festa a egreja era aromatisada com aguas cheirosas e o sanctuario se juncava de flôres e ramos desfolhados.

« O cemiterio, por detraz da egreja, formava um quadrilatero cercado de muros; uma rua de palmeiras e cyprestes cercava tudo e era cortado por outras ruas de larangeiras e limoeiros; a rua do meio encaminhava-se para uma capella, onde todas as segundas-feiras se celebrava uma missa pelo repouso dos mortos. Alamedas de arvores partiam das extremidades das ruas da aldêa e iam dar a outras capellas, edificadas no campo e vistas em perspectiva. Estes edificios religiosos serviam de termo as procissões nos dias de grande solemnidade.

« No domingo, depois da missa, se faziam os casamentos e á tarde se baptisavam os cathecumenos e crianças. Os baptismos eram feitos como na egreja primitiva, por tres immersões com canto, e vestidos de linho. As principaes festas eram annunciadas com grande pompa; na vespera se accendiam fogos, as ruas eram illuminadas e os meninos dançavam na praça publica. Ao romper da alva do dia seguinte aparecia a milicia revestida de todas as suas armas. O *cacique* de guerra

vinha na frente, montado a cavallo e debaixo de um docel que dois cavalleiros traziam a seus lados. Ao meio dia, depois do officio divino, dava-se um banquete ao extrangeiro que alli estivesse, sendo então permittido aos indios o uso de um pouco de vinho. De tarde havia jogos de carreiras e argolinhas, a que assistiam os padres para premiarem os vencedores. Ao anoitecer dava se o signal de recolher, e todas as familias, felizes e pacificas, se retiravam contentes para suas casas a gosar das doçuras do somno.

« No centro destas mattas incultas e entre este pequeno povo, a festa do Santissimo apresentava um espectaculo pasmoso. Os jesuitas alli tinham introduzido danças, á maneira dos gregos, porque nada havia a temer entre christãos de tão grande innocencia.

« Nada faltava de precioso na festa; todas as bellezas da simples natureza eram dispostas com uma variedade que a representava no seu esplendor; alli estava, por assim dizer, toda a vida, porque sobre as flores e ramos, que compunham os arcos por baixo dos quaes passava o Santissimo, se viam voar passaros de todas as côres, presos pelos pés á compridos fios, de modo que pareciam gosar de toda a liberdade e ter vindo por si mesmos a misturar seus gorgeios com o canto dos musicos e de todo o povo, e louvar a seu modo a Aquelle cuja providencia nunca lhes falta. De espaço a espaço se deixavam ver tigres e *leões* (1), bem encadeados para não perturbarem a festa, e mui formosos peixes nadando em bacias cheias de agua;

---

(1) Na America não ha e não havia *leões*; ha, portanto, engano da parte do escriptor, que talvez quizesse se referir a *oncas*, que abundandam nos sertões.

em uma palavra, todas as especies de creaturas viventes alti assistiam, como por devoção, a honrar ao Homem Deus, no seu Augustissimo Sacramento. Entravam tambem nesta decoração todas as cousas que serviam de regalo nas grandes festas, as primeiras de todas as colheitas, para as offerecer ao Senhor, e o grão que se havia de semear para receber a sua bencam.

«A musica dos instrumentos, o canto dos homens, o gorgeio dos passaros, o rugido dos *leões*, o bramido dos tigres—tudo alli se fazia ouvir sem confusão e formava um concerto unico.

«Depois que o Santissimo Sacramento entrava na egreja apresentavam-se aos missionarios todas as cousas comestiveis que tinham sido expostas na passagem. Elles faziam levar o melhor para os enfermos e o resto se dividia pelos habitantes da aldêa. A noite havia fogos de artificio...

«Com um governo tão paternal e tão conveniente ao genio simples e pomposo dos selvagens, não é de admirar que os novos christãos fossem os mais puros e os mais felizes dos humanos. A mudança dos seus costumes era um milagre operado á vista de todo mundo. O espirito de vingança e de crueldade e os vicios mais grosseiros se tinham transformado em espirito de doçura, de paciencia e de castidade.

«Entre elles não havia demandas, nem pendencias. O *teu* e o *meu* não eram alli conhecidos porque repartiam o pouco que tinham com quem necessitava. Abundantemente providos das cousas necessarias á vida, governados pelos mesmos homens que os tinham arrancado dos desertos para viverem em sociedade, e a quem olhavam como especies de divindades no seio de suas familias e na sua patria, fruindo os mais doces senti-

mentos da natureza, conhecendo as vantagens da vida civil sem ter deixado os desertos, e os encantos da sociedade sem ter perdido os da solidão, estes indios podiam gloriar-se de gosar uma felicidade sem exemplo na terra.

«Escrevendo ao rei Philippe V sobre os indios das missões, o bispo de Buenos-Ayres disse: — *Senhor, nestas numerosas povoações, compostas de indios naturalmente inclinados a toda sorte de vicios, reina tão grande innocencia que penso não se commetter alli um só pecado mortal.*

« Via-se entre elles um Estado que não temia os perigos de uma constituição toda marcial, como a dos Lacedemonios, nem os inconvenientes de uma sociedade toda pacifica, como a dos Quakers. Um grande systema politico estava resolvido; a agricultura, que funda, e as armas, que conservam, alli estavam unidas. Os *Guaranys* eram cultivadores sem terem escravos e guerreiros sem serem ferozes... A republica christã não era absolutamente agricola, nem de todo entregue á guerra, e nem privada inteiramente das lettras e do commercio. Ella tinha um pouco de tudo, mas tudo feito em abundancia; não era melancolica como Sparta, nem frivola como Athenas; o cidadão não era opprimido pelo trabalho, nem encantado pelo prazer,..»

Esta bellissima descripção do maravilhoso resultado obtido pelo systema politico social empregado pelos primeiros jesuitas no seu paciente trabalho de catechese e civilisação dos indios, applica-se de preferencia ao Paraguay, onde elles tiveram o longo prazo de dois seculos para o aperfeiçoamento do mechanismo do seu systema; porém, tem tambem applicação aos indios do Goayrá que, havia já setenta annos, estavam sendo doutrinados por este mesmo methodo por outros padres da

companhia de Jesus, não menos intelligentes e dedicado do que os fundadores das reducções do Paraguay, e este espaço de tempo era mais que sufficiente para os jesuitas do Goayrá realisarem alli as mesmas maravilhas relatadas acima com referencia ao Paraguay.

Quando mesmo haja muita exageração na descripção que se faz da vida dos indios nas missões jesuiticas da America do Sul, ainda assim não podemos negar que estes indios, dentro dos estreitos limites da sua esphera intellectual, eram muito mais felizes do que os seus dominadores hespanhóes debaixo do tyrannico regimen de Philippe II e seus successores; mais felizes do que os francezes sob o imperio despotico, immoral e devasso de Francisco I e Luiz XIV, do que os portuguezes sob o dominio clerial e carunchoso dos primeiros Braganças e talvez mesmo mais felizes do que os inglezes do reinado de Henrique VIII, o carrasco de suas numerosas esposas, e da pretenciosa Izabel, a assassina de suas rivaes, as desgraçadas Jeane Gray e Maria Stuart.

Em 1629 havia, pois, no Goayrá uma grande confederação de indios, composta de 100.000 almas repartidas por mais de trinta aldêas e obedecendo ao notavel regimen politico social que acabamos de vêr.

Foi sobre esta populacão pacifica, industriosa e feliz que se atiraram os bandos ferozes de caçadores paulistas, capitaneados por Antonio Raposo e Manoel Preto Em tres annos ficou o Goayrá liquidado e reduzido a um montão de ruinas; não ficou pedra sobre pedra. Segundo alguns historiadores, cerca de 20.000 indios foram mortos e 60.000 foram feitos prisioneros e trazidos para S. Paulo, escapando sómente uns 20.000 que conseguiram atravessar os rios Paraná e Yguassú e refugiar-se em territorio do Paraguay e de Corrientes.

O mercado de escravos indios em S. Paulo ficou de tal modo innundado por esta importação do Goayrá, que o preço desses escravos desceu a quinta parte e foram os importadores forçados a levar grande quantidade delles pelo valle do Parayba abaixo até a cidade de Campos. Alguns jesuitas acompanharam os prisioneiros até S. Paulo na esperança de obteram alguma misericordia para os vencidos; porém nada conseguiram porque todos aqui eram directamente interessados neste barbaro commercio e as leis do reino, que prohibiam o captiveiro dos indios, nunca foram respeitadas.

Foi então que os jesuitas do Rio da Prata enviaram o padre Francisco Dias Tanho á Roma, como emissario, para obter do papa Urbano VIII uma declaração ou manifestação, formal e positiva, contra a caçada e o captiveiro dos indios pelos portuguezes e hespanhóes, que então estavam sob o reinado dos Philippes, sendo o Portugal uma provincia de Hespanha desde 1580. Appellava-se para as leis religiosas, que podiam actuar sobre o espirito supersticioso das populações daquelles tempos, desde que sobre ellas não tinham imperio as leis civis.

O Padre Tanho, voltando de Roma para o Rio da Prata, em 1638, trouxe comsigo um Breve do Papa contra a escravisação dos indios e, acossado por uma tempestade, aportou ao Rio de Janeiro, onde foi hospedado pelos jesuitas alli estabelecidos, aos quaes communicou o conteudo do mesmo Breve. E como esta resolução de Santa Sé interessava egualmente a todos os missionarios catholicos da America e estava de pleno accordo com as opiniões e methodos dos padres da companhia de Jesus, os jesuitas do Rio de Janeiro se apressaram em fazer publicar este Breve com toda a

solemnidade, e enviaram depois á villa dê Santos uma copia que alli foi publicada na egreja matriz pelo vigario da parochia.

A indignação dos brazileiros, natos e adoptivos, contra os jesuitas, produzida por semelhante publicação, foi enorme no Rio de Janeiro e em todas as villas da capitania de S. Vicente, e a reacção não se fez esperar. O collegio dos jesuitas, no Rio de Janeiro, foi assaltado pelo povo enfurecido e os padres teriam sido todos trucidados si não se tivesse dado a opportuna intervenção do governador Salvador Corrêa de Sá Benevides, que não sómente lhes salvou as vidas como até conseguiu que os seus edificios não ficassem muito prejudicados. Em Santos tambem foi o seu collegio assaltado, arrombado e invalido pelo povo, que intimou os padres a não insistirem na execução do Breve pontificio sobre o captiveiro dos indios, e não lhes fez maiores violencias porque elles acceitaram a capitulacão offerecida. Em S. Paulo se procedeu de modo mais correcto: o povó e auctoridades intimaram os jesuitas a se retirarem da capitania em prazo fixo, e como não fossem logo obedecidos, renovaram a intimacão por duas vezes com prorogacões dos prazos concedidos para elles deixarem a capitania, o que os padres fizeram depois de terem tomado todas as providencias garantidoras das suas já valiosas propriedades e de seus direitos futuros.

II

Ha cerca de dois annos o cidadão Bento Ribeiro dos Santos Camargo auctorisou-me a ir a uma casa fechada do largo do Arouche, cuja chave deu-me, pertencente a um seu parente, que se achava ausente na Euro-

pa, e retirar de lá alguns papeis velhos deixados pelo tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, entre os quaes era possivel que fossem encontrados alguns documentos de valor historico.

Acceitando o gentil offerecimento, encontrei na dita casa, em uma salinha que dava para o quintal, uma grande quantidade de papeis depositados a granel sobre o soalho. Infelizmente a janella e as vidraças dessa sala tinham sido deixadas abertas por um caseiro pouco cuidadoso e os papeis tinham visiveis oignaes de terem sido lavados por agua de chuva, entrada pela janella; principalmente os que estavam unidos ás taboas do soalho se achavam não sómente molhados, mas tinham as folhas empastadas e a tinta da escripta apagada em muitas partes.

Depois de ter feito a necessaria selecção, entregando á familia os documentos de interesse privado e apropriando-me dos que tinham algum valor historico, comecei gradativamente a fazer, com o auxilio de poderosa lente e de reagentes chimicos, a cópia daquelles que me pareciam mais interessantes. Alguns já foram por mim publicados na revista do Archivo do Estado de S. Paulo, como o *Diario* do coronel Affonso Botelho, narrando a descoberta dos *Campos de Guarapuava*, em 1771—72, e os primeiros encontros com os indios da tribu *Xuelan*.

Este curioso e instructivo *Diario* está estragadissimo e a sua ultima parte que continha a narrativa do encontro com os referidos indios, está inteiramente illegivel; porém, junto a elle estava uma cópia dessa narrativa, em bom estado de conservação e feita pelo tenente Francisco Olintho de Carvalho, que tomára parte naquelle descobrimento, e assim o *Diario* pôde ser pu-

blicado completo, como se vê do volume IV da dita revista.

Nesse mesmo volume foram tambem publicadas duas interessantes cartas do historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme, dirigidas ao não menos illustre escriptor Fr. Gaspar da Madre de Deus, das quaes uma está truncada, e o parecer dado pela Academia Real de Lisboa sobre as *Memorias para a historia da Capitania de São Vicente*, do mesmo Fr. Gaspar.

Continuando o exame destes papeis velhos encontrei um extenso manuscripto, com magnifica lettra, com as folhas todas soltas sem enumeração, muito estragadas por agua, com o papel em parte se desfazendo ao menor contacto, já roto em diversos logares e com as folhas tão baralhadas, que só com grande custo me foi possivel collocal-as seguidamente enumerando-as, de modo a formar uma narrativa continua, intelligivel. Verifiquei, infelizmente, que o manuscripto está truncado, faltando-lhe algumas folhas no meio e as do fim, e que não traz data, nem assignatura, de modo que é impossivel, por elle, se saber quando foi escripto e quem é o seu auctor. O seu titulo é o seguinte:

EXPULSÃO DOS JESUITAS E CAUSAS QUE TIVERAM PARA ELLA OS PAULISTAS DESDE O ANNO DE 1611 ATÉ O DE 1640, EM QUE OS LANÇARAM PARA FÓRA DE TODA A CAPITANIA DE SÃO PAULO E S. VICENTE.

Manoel Eufrasio de Azevedo Marques, escrevendo os *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, ajuntou-lhes uma interessante *Chronologia* que abrange, dia a dia, os factos principaes da historia paulista. Nella com a data de 13 de julho de 1640, se lê o seguinte:

« Os procuradores das camaras de Parnahyba, de

«vos officiaes que se ponha em execução o assento tomado na villa de S. Vicente, cabeça da Capitania, «sobre a expulsão de Jesuitas; em consequencia do que «dirigem-se todos ao collegio respectivo e expulsam os «Padres que encontraram, e foram: o reitor Nicolau «Botelho, Antonio Ferreira, Antonio de Mariz, Matheus «de Aguiar, Lourenço Vaz, Domingos Alves, por alcu«nha o *pucui*, Antonio Gonçalves e Lourenço Rodriguez. «*(Livro de registro de vereanças da Camara de S. Paulo «desta data—Historia da expulsão dos jesuitas por Pe«dro Taques de Almeida Paes Leme, que se refere a um «manuscripto de Pedro de Moraes Madureira, paulista «distincto e contemporaneo do acontecimento. (Arch. e livro «citados).*

O chronista Pedro Taques de Almeida Paes Leme nunca publicou cousa alguma; escreveu varias obras relativas ás capitanias de S. Vicente e de S. Paulo, mas falleceu deixando-as todas ineditas e só quasi um seculo depois da sua morte, occorrida em 1777, foi que a *Revista Trimensal* do Intituto Historico Brazileiro publicou, toda truncada, a grande *Nobiliarchia Paulistana* e as *Memorias Historicas* da capitania de S. Vicente e S. Paulo.

Esta ultima obra, que consiste em uma discussão historico juridica dos direitos que sobre as capitanias de S. Vicente e de S. Paulo, tinham os herdeiros de Martim Affonso de Souza e de seu irmão Pedro Lopes, está completa e só foi publicada em 1847, setenta annos depois do fallecimento do auctor, que nella não se refere a expulsão dos jesuitas em 1640.

A *Nobiliarchia Paulistana* é uma relação completa de todas as familias illustres de S. Paulo, acompanhada da traços biographicos mais ou menos desenvolvidos de cada individuo que representou algum pa-

pel saliente na historia paulista, desde a chegada de Martim Affonso a S. Vicente, em 1532, até a data em que o chronista escrevia. Deste notavel trabalho foram publicados, de 1869 em deante, pela mencionada *Revista Trimensal* do Instituto Historico Brazileiro, os seguintes capitulos:

O volume 32, do anno de 1869, contem o capitulo sobre os *Buenos da Ribeira* e parte do capitulo sobre os *Taques Pompéos.*

O volume 33, de 1870, traz a continuação dos *Taques Pompéos* e mais os capitulos sobre os *Almeida Castanhos*, *Antas Moraes*, *Laras*, *Prados*, *Costas Cabras*, *Mesquitas*, *Penteados*, e *Avarengas Monteiros.*

O volume 34, de 1871, contém a historia dos *Pires*, dos *Affonsos Gayas*, dos *Chassins*, dos *Campos*, dos *Toledos Pizas*, e dos *Rendons.*

O volume 35, de 1872, contém os capitulos sobre os *Lemes*, sobre os *Godoys*, sobre os *Bicudos*, *Carneiros e Mendonças* e sobre os *Pedrosos*, *Vazes e Barros.*

Os capitulos acima mencionados são os unicos publicados e tudo quanto resta da grande obra de Pedro Taques. Consta-me que, ultimamente, entre os papeis deixados pelo illustre paulista João Tibiriçá Piratininga, foi encontrado o capitulo relativo á numerosa e distincta familia dos *Arrudas Botelhos e Sampaios*, tendo-se perdido os seguintes titulos, a que o auctor, na parte publicada, frequentemente se refere:

1 Leites de Miranda
2 Camargos
3 Cunhas Gagos
4 Furquins
5 Aguirres

6 Carvoeiros
7 Alvares de Souza
8 Martins Bonilhas
9 Siqueiras Mendonças
10 Moraes
11 Pachecos Jorges
12 Pintos Guedes
13 Fernandes Povoadores
14 Nunes Siqueiras
15 Raposos Bocarros
16 Raposos da Silveira
17 Quadros
18 Jorges Velhos
19 Dias Paes
20 Proenças
21 Portes de El-Rei
22 Raposos Tavares
23 Anhaias
24 Pontes
25 Canhamares
26 Vaz Guedes
27 Baião
28 Cerqueiras
29 Machados Fagundes
30 Vieiras Maias
31 Moraes de Souza
32 Hortas
33 Rodrigues Lopes
34 Tenorios
35 Freitas
36 Dias Tibiriçás
37 Machados Castanhos
38 Dutras
39 Arzão

40 Furtados
41 Betins
42 Moreiras
43 Guerras
44 Almeidas
45 Cordeiros Paivas
46 Goes Mendonças
47 Falcão
48 Garcez Barreto
49 Lopes da Silva
50 Pretos
51 Raposos Goes
52 Borbas
53 Machados

Temos, portanto, publicados 24 capitulos da grande obra de Pedro Taques, um existente inedito e 53 perdidos. Existe ainda na Bibliotheca Nacional, no Rio de Janeiro, e inedito, um interessante trabalho deste mesmo auctor, sobre as minas e florestas da capitania de S. Vicente e de S. Paulo, do qual tem-me sido impossivel obter uma copia para o Archivo Publico deste Estado

Que é feito do manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira?

Ninguem sabe responder a esta pergunta, que ahi fica lançada á espera de que algum acaso lhe dê a necessaria resposta, acaso tão feliz como aquelle que descobriu o titulo dos *Arruda Botelho e Sampaio* entre os papeis do fallecido cidadão João Tibiriçá e aquelle outro que fez vir parar nas minhas mãos este curioso manuscripto sobre a expulsão dos jesuitas em 1640

Não era natural que Pedro Taques, dando as biographias de Amador Bueno e de Lourenço Castanho

Tacques, cidadãos dos mais illustres da historia paulsita e participantes da responsabilidade da expulsão dos padres da companhia, não fizesse a narração do papel que elles nella desempenharam e que deixasse passar quasi sem menção este importante acontecimento. Si assim o fez devia ter sido propositalmente com o fim de deixar esse facto para servir de assmpto para uma historia especial, que elle devia ter escripto e que, de facto, escreveu, porque foi tambem publicada pela *Revista* do mesmo Instituto Historico Brazileiro, paginas 5 a 40 do volume XII, do anno de 1849.

O manuscripto desta historia sahira das mãos da familia de Pedro Taques para ir para o poder do grande poeta Manoel de Araujo Porto-Alegre, que delle fizera presente ao mesmo Instituto, de que era membro, sem comtudo explicar como lhe viera as mãos esse manuscripto e sem dar a menor idéa do outro que havia servido de guia para a sua elaboração.

Nos seus *Apontamentos Historicos*, no artigo intitulado Jesuitas, Azevedo Marques transcreve diversos documentos officiaes que estão tambem transcriptos no presente manuscripto, e em um destes documentos, que é um longo officio dirigido pelos paulistas ao rei João 4º, dando as razões que tiveram para a expulsão dos jesuitas, ha uma falha devida a perda de varias paginas que não foram conservadas, nem pela Camara Municipal de S. Paulo, nem pelas pessoas que asssignaram e tinham interesse em preservar o inteiro teôr do referido officio. Esta falha está no manuscripto, acompanhada de nota, e está tambem nos *Apontamentos Historicos*, com uma nota não egual, mas equivalente ; o que faz crêr que este ma-

nuscripto foi o que Azevedo Marques citou, e que é, por conseguinte, a *Historia da Expulsao dos Jesuitas* por Pedro de Moraes Madureira.

A lettra do manuscripto, de excellente qualidade, é comparativamente moderna e não póde ser do mesmo Pedro de Moraes Madureira ; porém, isto em nada prejudica a hypothese, porque os manuscriptos, a medida que iam-se estragando, eram successivamente copiados para serem transmittidos ás gerações futuras.

Demais, o proprio Pedro Taques declara que a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas* foi em parte baseada sobre o manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira e a comparoção deste manuscripto, que tenho a vista, com a obra de Pedro Taques mostra que ellas não são identicas, mas tão semelhantes no fundo e na fórma, que somos forçados a crêr que este é realmente o manuscripto que serviu de guia a Pedro Taques quando escreveu a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas.*

O manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira, cidadão distincto que assistiu á expulsão dos jesuitas, devia estar junto a esta narrativa que foi sobre ella baseada e juntos deviam ter sido publicados pela *Revista* do Instituto Historico Brazileiro ; mas, o pouco cuidado com que forãm conservados estes e outros documentos, o misero estado a que a maior parte delles está reduzida, estragadissimos por traças e agua, tudo justifica o desapparecimento desse escripto, tanto mais que os papeis não estavam intactos e já tinham sido examinados por outros interessados na historia paulista.

Outros documentos de grande valor para a historia e geographia do tempo foram por mim encontrados, todos estragados e truncados, como o *Diario* de uma

expedição feita para explorar um certo rio do actual Estado do Paraná, escripto pelo capellão da mesma expedição, no qual já se não podem lêr a descripção do seu inicio e o nome do rio explorado; um interessante *Diario* de um estudante brazileiro em Coimbra, que deve ser o proprio general Arouche ou seu irmão Diogo; uma *Discussão da lenda do Caramurú*, inteiramente inutilisada; *Providencias para a conservação das mattas de S. Paulo*; um *Relatorio* com que o capitão-general Mello Castro passou o governo ao seu successor Franca e Horta; *Noticia sobre a Fauna e Flora de S. Paulo*, e muitos outros documentos, todos truncados e imprestaveis.

Alguns dos fragmentos são ainda dignos de leitura e estudo: eu os irei copiando nas horas vagas e publicando os para conhecimento dos que se interessam pela nossa historia.

Começarei pelo manuscripto relativo a expulsão dos jesuitas, que deu causa a esta serie de artigos, que lhe servem de introducção.

A. de Toledo Piza.

Expulsão dos jesuitas

E causas que tiveram para ella os paulistas desde o anno de 1611 até o de 1640, em que os lançaram para fóra de toda a capitania de S. Paulo e S. Vicente.

Fundada a Villa de S. Vicente no anno de 1531 (primeira Povoação em todo o Brazil) se fundou depois a Cidade da Bahia no anno de 1549 pelo Governador Thomé de Souza, em cuja companhia foram os primeiros Jesuitas ao Brazil. Desta Cidade vieram para a Villa de S. Vicente no mesmo anno de 1549 algûs individuos desta Sociedade, onde logo fundaram hû Collegio.

Deste subiram para São Paulo treze Jezuitas em Janeiro de 1554, sendo Superior o Padre Manoel de Paiva, e chegando ao sitio Borda do Campo, onde já havia a Villa de Santo André, que tinha fundado o Européo João Ramalho, que foi o Alcaide-Mór della, passaram avante a buscar ao Rey da Nação *Piratininga* chamado Teviriçá, que já se achava em particular afeição aos Portuguezes.

Desse Gentio foram recebidos os jezuitas cõ grande agazalho, e celebrou-se a primeira Missa em 25 de janeiro do mesmo anno de 1554, que por ser o da Conversão do Apostolo S. Paulo veio a chamar-se (depois da Conversão do Rey Teviriçá) S. Paulo de Piratinin-

ga. Para esta povoação se transmigraram os moradores da Villa de Santo André por ordem de Mem de Sá o Governador Geral do Estado.

Os Jezuitas foram logo arrogando a si a administração das indios Piratininganos convertidos, e dos gentios, que vinham do centro dos Sertoens. Concebendo porém maior ambição de dominio se fizeram os Jezuitas absolutos senhores de todo o governo temporal, com odio tal dos portuguezes assim Européos como Nacionaes.

Alguns annos soffreram os damnos, que recebiam os paulistas da falta do serviço dos indios aldeados pelos Jezuitas para o labor das minas de ouro de lavagem descubertas pelo paulista Affonso Sardinha em 1597 nas Serras de *Jaguamimbaba*, de *Jaraguá*, e *Vuturuna* distantes da Villa de S. Paulo quatro legoas. Para atalharem este perniciozo damno como objecto de futuras consequencias procuraram os Povos estabelecer huã providencia tal como a que se contem no contexto do Termo segte.:—a) Aos 15 dias do mez de Agosto do Anno de 1611 nesta Villa de S. Paulo na Caza do Conselho della a requerimento de Dom Jorge de Barros Fajardo Procurador do Concelho se ajuntaram os Officiaes da Camara a saber, o Vereador Antonio Raposo, e seu parceiro Antonio Rodrigues, o Juiz Manoel Francisco Pinto, e o dito procurador estando junto a maior parte do povo, e moradores, e homens da Governança da Terra, e sendo todos juntos com o povo, o dito procurador requereo a elles ditos Officiaes por parte do povo dizendo:

«Que com o gentio *Carijó* estavam morando indios «dos nossos aqui naturaes os quaes são da Aldêa dos «*Reys Magnos*, e outros, e que ordinariamente entre «elles ha brigas e diferenças, e que correm risco mata-

«rem-se por serem contrarios huns dos outros pelo que «lhes requeria fizessem requerimentos em nome deste «povo que os apartassem, e cada huns em sua Aldêa. «Segundariamente: que não se largasse a posse, que «tem este povo pelo Foral do Senhor da Terra, nem «deixassem meter-se nenhuma pessoa de posse das «Aldêas dos nossos Comarcaons, e nossos amigos, e com-«padres: Que se não largasse o Dominio aos Padres «mais do que sómente doutrinarem-nos como Sua Mages-«tade manda, e quando elles ditos Padres os não qui-«zerem doutrinar desta maneira que elles officiaes fi-«zessem requerimento ao vigario desta Villa para pôr «cobro nisso, o que se podia fazer facilmente: Que ou-«tro si os Carijós, que vieram antes dos padres irem «ao Sertão, e que elles não descerão nem os que vieram «depois de virem os ditos padres, que elles ditos padres «não entendão com elles, e que sómente entendessem «com os que descerão; porque hé tanto o Dominio, que «elles tem no sobredito Gentio que não consentem que «hum branco pouse nas Aldêas o que nunca se fez, o «que tudo foi dito, e requerido aos ditos officiaes pelo «dito procurador diante de todo o povo, estando junto, «o qual em altas vozes, junto em huã vóz dissera: Que «era muito bem, e que assim requeriam a elles offi-«ciaes, e porque era muita a gente disseram todos que «o dito procurador assignasse por elles, porque elles «assim o haviam por bem: e que com isso fizessem «todos os requerimentos ao Senhor Governador Dom «Luiz de Souza, e lhe fizessem a saber para nisso lhe «pôr cobro, e os ditos officiaes assim o assentaram. E «porque a razão de apartar os indios dos Carijós era «por haverem tido Guerra, ordinariamente desde *ab* «*initio*, e agora ao tempo que os padres os foram des-«cer os puzeram em cerco para os matarem, e come-

«rem, como fizeram aos nossos indios Christãos paren-
«tes de estoutros nossos principaes Compadres, e Cré-
«oulos, q' os mataram, e comeram, pelo que era neces-
«sario por-se Capitaens nas Aldêas como Sua Mages-
«tade manda, e para que a elle se peção os indios, que
«os moradores houverem mister, e se faça tudo por or-
«dem; e as provizoens dos taes Officiaes venhão a esta
«Camara a registrar para saber-se se são daquelles de
«quem se espera que o tal cargo hajam de servir.
«Assim o assentaram, e assignaram aqui e eu Simão
«Borges Escrivão da Camara que o escrevi. *Manoel*
«*Fernandes Pinto—Antonio Rapozo—Antonio Rodrigues*
—Jorge de Barros Fajardo.»

Depois disto parece que pela falta das providencias requeridas ficaram os povos recebendo maiores damnos, que os obrigou a uma nova altercação, ou desafogo; porque no mesmo caderno de Vereações á margem referido (1) se acha á fls. 33 v.º o Termo do theor seguinte:—

«Em esta Villa de S. Paulo em os 10 dias do mez
«de Junho do anno de 1612 se ajuntaram os officiaes
«da Camara a saber, o Vereador Vicente Bicudo assis-
«tiu em seu lugar o Vereador do anno passado *Antonio*
«*Rapozo*, o juiz José de Camargo, e seu parceiro Pe-
«dro Nunes, e Francisco da Gama procurador de Con-
«celho, e sendo todos juntos com a maior parte do po-
«vo, e homês da Governança da Terra pelo juiz Jozé
«de Camargo foi dito:—Que todo povo junto, e o dito
«ajûtamento se lhe pedia pela maior parte deste povo
«e Camara dizendo:—Que eram homens pobres, e que

(1) Livro de Registros de Vereações da Camara de S. Paulo, tit. 610, pag. 19 verso. Esta nota e todas as seguintes não são do manuscripto, mas sim minhas.—*A. de Toledo Piza.*

«para remediar suas necessidades lhes era necessario «muitas vezes, e cada dia, pedir ao Senhor Governador «quatro indios assim para fazerem seus mantimentos «para comer como para irem as Minas a tirar Ouro para «seu remedio, e delle pagarem os Quintos a Sua Ma-«gestade, e que com esta licença hião ás Aldêas, e não «achavam indios, nem queriam hir com elles; e quando «hiam não cumpriam o termo da obrigação do aluguer, «e com as pagas na mão se tornavam para Aldêa, dei-«xando aos moradores em as Minas com os mantimen-«tos perdidos, e suas pessoas, sem terem quem os be-«neficie; e que isto cauzava o não terem os ditos in-«dios nas Aldêas Capitão nem Justiça, que os oppri-«misse a cumprir com as pagas, que recebiam, de que «rezultava muito damno aos ditos moradores por fica-«rem perdidos, perdendo os seus mantimentos, paga, e «tempo, e os ditos indios fazendo zombaria dos mora-«dores, e rindo-se, e levantando-se ás maiores, e sua «Magestade perdendo os seus Reaes Quintos: Que sen-«do as Aldêas desta Capitania sempre sujeitas aos Ca-«pitães e Justiça desta dicta Capitania agora se intro-«duzia pelo dito Gentio hum rumor dizendo: Que não «conheciam senão os padres por seus superiores, e os «ditos padres dizendo publicamente: Que as ditas Al-«dêas eram suas, porque eram Senhores no temporal e «espiritual, e que só o Papa era a sua Cabeça; e por «couza nova e dezacostumada, e nunca até hoje tal Do-«minio nem posse aos ditos padres da Companhia «se dera desde que esta Capitania se fundou até hoje «havendo-a pertendido os ditos padres por muitas vias «e modos, e só se lhes consentiu a administração espi-«ritual.

«E porquanto as couzas se passavam na fórma aci-«ma dita os Officiaes pediram a todos os presentes que

«se havia algua pessoa, que soubesse haver-se dado «posse aos ditos padres em algum tempo o disses-«se, e quando não, lhes parecia justo que recobrassem «sua antiga posse, e bom governo, pondo Capitães nas «Aldêaz, como costumava fazer, e dando Ordem para «que os ditos Indios sirvam por sua paga, e aluguel aos «Moradores para que com elles cultivem as Minas e «façam seus serviços, de que rezultará Dizimo a Deus, «Quintos a El-Rey, augmento aos Moradores, e a elles «utilidade com o proveito de se vestirem com o seu «trabalho, e as suas mulheres, e apartaram-se de suas «continuas idolatrias, e borracheiras, de que não póde «rezultar serviço algum de Deus, e com o vicio da bor-«racheira se levantarem contra os brancos, e morado-«res como nesta capitania tem feito, e em outras par-«tes do Estado. E assim mais que se lhes não consin-«ta Aldêa grande para que não tenham forças quando «alguma ora reinarem, se não que se partam de du-«zentos vizinhos, e não mais, e distantes tres, ou qua-«tro legoas huas das outras. Assim tambem para que se «não consinta que nas Aldêas estejam, nem se rece-«bam Escravos, nem serviços de brancos, senão que «aja em todas Capitães que tenham especial cuidado, e «sejam sufficientes para evitar, e ordenar as couzas «acima ditas; e que para isto pediam o parecer de to-«dos os Moradores desta Villa.

»E logo foi dito em altas vozes por todos: Que «era mui bem, e justo, e que assi o requeriam todos «elles á elles ditos Officiaes, e se assignarão aqui os «ditos Officiaes com os demais, que prezentes se acha-«vam, e pelo Povo assignou o dito Procurador Fran-«cisco da Gama, e eu Simão Borges Escrivão da Cama-«ra que o escrevi—José de Camargo—Pedro Nunes—«Antonio Rapozo—Giraldo Correa—Francisco da Ga-

«ma—Antonio de Oliveira—Antonio Fernandes—Bel-
«chior da Costa—Gonçalo Madeira—Pascoal Leite Fur-
«tado—Duarte Machado—Manoel Godinho—Andre Gon-
«çalves—Ascenso Ribeiro—Manoel Francisco Pinto—
«Fernão Dias—Manoel Esteves—Henrique da Cunha
«—Christovão de Aguiar Girão—André Botelho—Ma-
«noel Affonso—Pascoal Dias—Manoel Fernandes—Pe-
«dro Leme—Antonio Pinto Micel—João Leite—João
«Dias—Pedro Dias—Pedro Rodrigues Guerreiro—Fran-
«cisco Preto—Chrizostomo Alvares—Pedro de Araujo
«—Braz Esteves Leme—Aleixo Leme—Manoel Paes—
«João Fernandes—João Alvares Ferreira—Pedro Gon-
«çalves de Freitas—João da Silva—Jorge Peres—Ra-
«fael de Oliveira—Thomé Martins Bonilha—Luiz Fur-
«tado—Sebastião Leme—João de Brito—Jeronimo de
«Brito—Bartholomeu Bueno da Ribeira—João Soares
«—Sebastião Fernandes Camacho—Antonio Bicudo—
«João Gomes—Lourenço Nunes—Jacome Nunes Pinto—
«André Peres—Francisco de Siqueira—João do Prado
«—Domingos Cordeiro—João de Oliveira—Amador
«Bueno da Ribeira—Diogo Pires—Leonel Furtado—
«Domingos Luiz o Moço—Mathias Lopes—Gonçalo Pi-
«res—Domingos Pires—Affonso Coelho—Francisco Sa-
«raspe—Alonso Peres Canhamares—Pelo Povo e por
«mim, Francisco da Gama, Procurador do Conselho.»

Com estes dissabores se foi gerando nos Paulistas huma dezafeição aos Jezuitas, até que correndo os annos abraçaram a providencia de os expulsar para fora da Capitania de São Paulo e São Vicente. Na Camara Capital desta Villa prezentes os Procuradores das Camaras das mais Villas da Comarca se tomou assento para serem expulsos os Jezuitas do theor seguinte:

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Chris-
«to da Era de mil seiscentos e quarenta annos, aos

«vinte e cinco dias do mez de Junho do dito anno, «nesta Villa de São Vicente nas Casas do Concelho della, «estando juntos os Procuradores das Villas desta Ca-«pitania, a saber o Procurador desta Villa de São Vi-«cente Antonio Vieira Guimarães, e os procuradores da «Villa do Porto de Santos o Capitão Lucas de Freitas «de Azevedo, e o Alferes Francisco Pinheiro Paes, e os «procuradores da Villa de S. Paulo o Capitão Fran-«cisco Rodrigues da Guerra, e o Capitão João Fernan-«des de Sayavedra, e o procurador da Villa de Santa «Anna da Parnahiba o Capitão Balthazar Fernandes, «e o procurador da Villa de Santa Anna das Cruzes o «Capitão Jozé Preto, e o procurador da Villa de Nossa «Senhora da Conceição o Capitão Vasco da Motta e o «Procurador da Villa de Nossa Senhora das Neves do «Iguape (2), e o Procurador da Villa de S. João de «Cananéa Sebastião Pereira de Abreu; e sendo ahi to-«dos juntos trataram de remedios que haviam de ter «para informarem a Sua Magestade, e supplicarem a «Sua Santidade sobre os Breves de Sua Santidade e «do Senhor Coleitor destes Reinos de Portugal passa-«dos a instancia dos Reverendos Padres da Companhia «de Jezus, e entre todos determinaram o seguinte (para «o que tomaram juramento dos Santos Evangelhos so-«bre hû livro delles para detreminarem o que lhes pa-«recer mais acertado, encaminhado ao bem comum em «serviço de Deos, e Salvação de suas Almas):—Primei-«ramente se determinou se tirasse hum pedido nestas «duas Capitanias, e Villas dellas conforme a posse de «cada huã, que serão por ora quatro mil cruzados a sabêr, dois mil e quinhentos a Villa de S. Paulo, e a

(1) O manuscripto não traz o nome do representante da camara de Iguape.

«Villa de Santa da Parnahiba cento e vinte mil reis, e «a Villa de Santa Anna das Cruzes de Mogi sessenta «mil reis, e a Villa do Porto de Santos oitenta mil «reis, e a Villa da Ilha de S. Sebastião sessenta mil «reis, e a Villa de S. Vicente trinta mil reis, e a Villa «de Nossa Senhora da Conceição cem mil réis, e da Villa «de Nossa Senhora das Neves de Iguape, sessenta mil réis, «e a villa de S. João de Cananéa vinte e cinco mil reis, que «tudo faz soma os quatro mil cruzados os quaes se hão de «tirar com a brevidade possivel, e entregues pelos Pro«curadores das ditas Camaras, e Povos na Villa de «Santos aos Officiaes da Camara della com Cartas e «mais papeis, e pelo tempo adiante se tirará outra «tanta quantia pelas mesmas Villas, seguindo a mesma «ordem. E assim mais os ditos Procuradores assenta«ram que cada hum desta Junta levou para a sua «Villa, e Povo, de que hé Procurador, hú Memorial «dos Papeis, Provas, e Certidões que cada Villa ha de «tirar, e levasse cada hû delles hû traslado deste «Assento, e junta, assignado por todos.

«Ordenaram mais que havendo respeito as altera«ções, e motins, que os Gentios destas Capitanias co«meçaram a fazer fundados nos Reverendos Padres da «Companhia por razão destes Breves nos favores, que «lhes davam, induzimentos, que lhes faziam, de que se «seguia risco notavel das vidas, fazendas, e honras de «todos os moradores destas Capitanias (1), que se não «podia atalhar por meio algû senão lançando os ditos «Reverendos Padres da Companhia fora desta Capi-

(1) As villas de S. Sebastião e Villa Bella estavam na capitania dos herdeiros de Pedro Lopes, emquanto as outras povoações aqui mencionadas estavam na capitania dos herdeiros de Martim Affonso. Eram, portanto, duas capitanias.

«tania; e outro sim visto não se poder administrar Jus-
«tiça, nem dar cumprimento as Leys de Sua Mages-
«tade, e na sua prezença porquanto se tem feito tão
«poderozos que querem que tudo se faça a seu que-
«rer, e vontade, tanto assim que qualquer Ministro,
«que lha não faz, o procuram logo calumniar para que
«os outros com medo de semelhante exemplo não saião
«fora de suas ordens, como a experiencia ordinaria-
«mente nos mostra, tanto assim que publicamente di-
«zem, e mostrão por Cartas que dizem ser de outro-
«Padres da sua Religião afflrmativamente, e ainda com
«juramentos, que temos outro Rey vivo, dizendo que
«hé Dom Sebastião que Deos tem, persuadindo isto a
«muita grande parte destas Villas, e porque alguns ho-
«mens de pouco saber, e antendimento se póde temer
«alguma duvida antes d isto vir a mais, se assentou
«para evitar com tempo as alteraçoens, que daqni se
«se podiam seguir, e juntamente constando que hum
«Padre de sua mesma Ordem, Religiozo professo, Sa-
«cerdote, e prégador, que governava as Aldêas dos In-
«dios de Pernambuco por nome o padre Francisco de
«Moraes, ao qual elles haviam constituido, e por capi-
«tão, e Governo dos mesmos Indios em a Guerra de
«Pernambuco contra os Olandezes, se rebellou, e lan-
«çou com o inimigo levantado Guerra contra os nossos,
«assim elle com os mesmos indios, fazendo-nos nota-
«veis damnos, e mortes, de que procedeo a tal ruina
«de Pernambuco por serem os Indios muitos em quan
«tidade, e por remate se fez Apostata, e foi cazar em
«Olanda, e tem os ditos Reverendos padres tanta mão
«com estes Indios que se póde temer o risco de nossas
«vidas, entrada que por esse meio sómente poderia ter
«com o Inimigo. O que tudo bem considerado para
«mais segurança, e defença destas capitanias, e quieta-

«ção dos Vassallos de Sua Magestade, o serviço do dito «Senhor se ordemnou, e assentou a que pela mais li«cita, honesta, e moderada ordem, que se podér alcan«çar, se botem todos os Reverendos Padres da Com«panhia, que nesta capitania assistem, fora della com «protestação de nunca mais os admitir nella, por ser «assim Serviço a Deus, e a Sua Magestade, e bem co«mum, e quietação destas capitanias, e povos; e por «assim ordenarem o assignaram e eu Antonio de Ma«dureira Salvadores Escrivão da Camara que o escrevi. «Por mandado dos acima nomeados. E assignaram to«dos, que foram prezentes nesta Assembléa, e mais «Camaristas.»

Aos dous do mez de Julho deste anno de 1640 na Casa do Concelho se abriu uma Caixinha, que veio de S. Vicente, sobre o que alli se determinou em Camara, prezentes os procuradores de todas estas Capitanias, e em Camara se abriu a dita Caixinha, e se achou nella o que se determinou em S. Vicente, e se leu ao povo, que estava junto, e conteudo nelle, e houveram por bem feito o que tinham obrado os procuradores, o qual papel eu Escrivão li ao povo todo, que estava presente e por elle foi dito se desse a execução o que se tinha assentado, e a requerimento do povo foram todas as pessoas, a saber os Officiaes da Camara, ao Collegio da Companhia de Jesus, e fizerão a notificação, a qual fiz eu Escrivão da Camara a requerimento dos Officiaes della, e Povo, ao Reverendo Padre Reitor Nicoláo Botelho, para que dentro em seis dias despejasse com os mesmos Padres esta Villa, e se recolherem ao Pollegio do Rio de Janeiro para seguranca de suas vidas, honras, e fazendas contra o levantamento do Gentio, de que não vivem seguros, como a experiencia tem mostrado, e para segurança, e defenção de todas estas

Villas, para que o inimigo não tenha entrada nellas lhe convem, e hê couza muito necessaria que os Reverendos padres se saiam fora destas capitanias, fundados em outras muitas couzas, e razoens, que darão a Sua Magestade, e a seus Ministros, ou a quem de Direito pertencer, pelo que lhes requerem o façam assim dentro em seis dias, porque os levantamentos, com que o Gentio ameaça não soffrem maior dilatação, vista a calamidade do tempo, em que o inimigo rebelde tem tantas praças deste Estado occupado que os incita huã continua vigilancia, por cujas cauzas movidos estes povos estão rezolutos, entendendo convir assim ao Serviço de El-Rey Nosso Senhor, e nós por evitarmos alguma indecencia, que com o tumulto, e ajuntamento dos povos poderá succeder requeremos aos Reverendos ponham em ordem as suas cousas, e se recolham ao colegio do Rio de Janeiro, dezoccupando esta Villa, e capitania, para o que lhe daremos toda ajuda e favor dentro do dito termo, do que protestamos não incorrer em censura, ou excommunhão algûa e que succedendo algûa dezordem será a culpa imputada a Vossas Reverencias por sua contumacia.

Este hé o theor da notificação que o povo, e Camara juntos, fez os Reverendos Padres, em que se assignarão os Officiaes da Camara, e o Povo, que o dito requerimento fez em dito dia, mez e anno declarado, e eu Manoel Fernandes Velho Escrivão da Camara o escrevi, e nelle me assignei por ser por mim feita a notificação em nome do Povo, e Camara.—O escrivão *Manoel Feruandes Velho—Fernando de Camargo (1) Bar-*

(1) Pertencia á illustre familia dos *Camargo* e tomou parte activa na guerra civil contra os Pires e Taques. Deu contra Pedro Taques sangrento combate no largo da Sé em 1640 e no anno seguinte assassinou o mesmo Pedro Taques no mesmo largo, na esquina da travessa da Sé.

tholomeu Fernandes de Faria (4)—*Antonio Alves Couceiro*—*Domingos da Rocha*—*João Fernandes de Savedra*—*Bernardo do Motta* (5).

Pessoas que assignarão este termo.

Gaspar Manoel Solvago, Francisco de Camargo, Fernando de Godoy Moreira, Pedro do Prado, Francisco Leme da Silva, Antonio de Barros da Silva, Fernão Munhoz, Manoel Alvares de Souza, Innocencio Fernandes, Francisco Ribeiro Banhos, Domingos Leme, Sebasteão Fernandes, Gaspar Sardinha, José Ortiz de Camargo, Gaspar Fernandes Cortez, Alvaro Rodrigues do Prado, João da Costa Lima, Gaspar Affonso, João Furtado, Pedro Leme, Innocencio de Brito, Amador Bueno (6), Belchior Carneiro de Barros, Domingos Fernandes Pinto, Matheus Luiz Grou, Antonio Bueno, Antonio Domingues, Diogo Coutinho de Mello, Pedro Leme do Prado, Ignacio Lopes, Bento do Amaral, Aleixo Leme, Gaspar de Godoy Moreira (7), Pedro Vaz de Barros (8), João Paes, Diogo Fernandes, João Baruel, Fernão Dias, Fructuozo da Costa, Luiz Fernandes Bueno, Gabriel de Goes, Pedro Dias de Castilho, Domingos Rodrigues Velho, Thomé Martins Bonilha, Antonio de Siqueira de Mendonça, Luiz de Andrade, Antonio Bicudo, Bal-

(4) Foi personagem muito proeminente e delle encontrará o leitor noticia na pagina 68 do vol. IV do Archivo do Estado de S. Paulo».

(5) Era o procurador da camara; os outros eram vereadores.

(6) Amador Bueno da Ribeira, o mesmo que, logo depois da expulsão dos jesuitas, foi acclamado rei de S. Paulo.

(7) Da unmerosa e illustre familia dos *Godoy Moreira*, qne até hoje é distincta em S. Paulo, Ambaro e Pindamonhangaba. Vide Annexo H. do vol. XIII do *Archivo de S. Paulo*.

(8) Cidadão muito importante e fundador da numerosa e opulenta familia dos *Barros e Queiroz*, de S. Paulo.

thazar Corrêa, João Rapozo Bocarro (1), Dom Francisco Rendon de Quebedo (2), Miguel Lourenco de Andrade, Luiz Rodrigues Cavalinho, Dom Francisco de Lemos, Paulo Pereira de Avellar, Antonio de Madureira Moraes, Pedro de Moraes Madureira, Domingos Jorge Velho (3), Balthazar de Godoy Moreira, Domingos Garcia, Ignacio de Bulhões, Garcia Rodrigues Velho (4), João Maciel Bação, Lourenço de Siqueira de Mendonça, Estevão Cabral de Tavora, Pedro da Silva, Henrique da Cunha Lobo, João Maciel Valente, Manoel de Siqueira de Mendonça, João Maciel, Pedro Fernandes, Pedro Fernandes Aragones, Francisco João Leme, João Martins Bonilha [5), Francisco Dias Leme, Pascoal Dias, Francisco Rodrigues, Brandão, Thomé Martins, Matheus Martins, Antonio Fernandes, Luiz Dias Barrozo,

---

(1) A familia *Raposo Bocarro* era de S. Sebastião e muito proeminente. A' ella pertenciam João Leite da Silva Ortiz, illustre sertanejo, companheiro e genro de Bartholomeu Rueno da Silva, e Bartholomeu Paes de Abreu, genro do capitão-mór Pedro Taques de Almeida e pae do historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

(2) Hespanhol de nascimento e fidalgo, genro de Amador Bneno da Ribeira e um dos auctores da acclamação do seu sogro para rei de S. Paulo, no anno de 1641.

(3) Deve ser o mesmo grande sertanejo que 47 annos mais tarde foi a capitania de Pernambuco destruir a famosa *Republica dos Palmares.*

(4) Pertencia a uma familia illustre e era um cidadão de muito prestimo e valor. Deixou grande e importante descendencia e foi sogro do grande sertanejo Fernando Dias Paes Leme.

(5) Era, com outros *Martins* que vão abaixo, membro de numerosa familia existente até hoje é espalhada pelo Estado.

Diogo Tavares [1], Manoel de Siqueira Bicudo, Manoel de Arzão, Manoel Rodrigues, Manoel de Macedo, Francisco Bicudo de Siqueira, Manoel Peres, Manoel de Linhares, Gonçalo Gil, Antonto Rodrigues, Francisco da Costa Valadares, Francisco Rodrigues, Pedro Lourenço, Sebastião Gll de Godoy, Balthazar de Souza, Manoel Fernandes [2], Diogo Barboza, Diogo da Gama, Francisco Borges, Felippe da Cunha, Francisco de Paiva, Antonio Corrêa da Silva, Francisco Rodrigues, João Ribeiro, Baptista Maciel, Francisco Lopes Benevides, Ascenso de Quadros, Alonso Peres Canhamares [3], Balthazar Gonçalves Vidal, Manoel Rodrigues, Martim Velho Barreto, Mathias de Oliveira, Bernardo de Quadros, Pedro Gonçalves Varejão, Domingos Peres Botelho, Antonio Lourenço—o moço, Aleixo Leme, Francisco de Alvarenga, Miguel Rodrigues Garcia, Lucas Pedrozo, Matheus Leme do Prado, Antonio de Siqueira, Domingos Luiz Leme, João da Cunha Gago (4).

---

(1) Diogo da Costa Tavares, irmão de Antonio Raposo Favares, que foi o commandante dos paulistas na guerra de Pernambuco contra os hollandezes. A familia *Tavares* era muito importante naquelle tempo.

(2) Havia em S. Paulo e Parnahyba naquelle tempo uma numerosa e importante familia Fernandes, descendente de Manoel Fernandes Ramos, fundador do villa de Parnahyba. Dominges Fernandes foi o fundador de Ytú. André Fernandes foi um sertanejo notavel e riquissimo e Balthazar Fernaudes foi o fundader de Sorocaba.

(3) Era hespanhol. Os factos aqui narradas tiveram lologar em 1640; havia já 60 adnos que o Brazil pertencia á Hespanha e a colonia hespanhola em S. Paulo era importante, principalmente os *Rendon*, *Canhamares*, *Cabeça de Vacca*, etc.

(4) Era tão numerosa e importante a familia *Cunha Gago* que mereceu um capitulo especial na *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques.

E porque os Padres Jezuitas se deixaram ficar nesse Collegio sem demonstração de que o deixavam, tornou o povo em corpo de união a apparecer em Camara aos 7 dias do mez de julho, requerendo aos Officiaes della se puzesse em execução a expulsão dos Jezuitas por se ter acabado o termo peremptorio, que lhes fôra intimado para isso; e por esta segunda reprezentação tornam a ser noteficados ampliando-se-lhes mais o termo de tres dias peremptorios, indo a mesma Camara, e povo a esta diligencia, a noteficação feita pelo Escrivão da Camara Manoel Fernandes Velho, sem se lhes admittir a menor escuza na forma do Acordam tomado na Assembléa, que se formou na Camara de S. Vicente.

Depois no dia dez do mesmo mez de julho tornou hum grande numero de pessoas em corpo de união, e entre ellas o Fidalgo Dom João Matheus Rendon e seu irmão Dom Francisco Rendon de Quebedo [1), requerendo todos os Officiaes da Camara com clamor, e muita instancia da parte de Sua Magestade, dizendo:— «Que para bem desta Villa, paz, e quietação della, e «do bem cõmum dessem á execução o determinado na «Villa de São Vicente pelos Procuradores das Villas «das duas Capitanias de São Vicente e de Nossa Se«nhora da Conceição *(2)*, despedindo aos Reverendos «Padres da Companhia de Jezus desta Villa pelas ra«zões já allegadas e outras que á Sua Magestade, e á

(1) Ambos eram genros de Amador Bueno da Ribeira.

2 Em consequencia de longas contendas entre os herdeiros dos dois irmãos Martim Affonso de Souza e Pedro Lopes de Souza, a cabeça de uma das donatarias passou a ser a villa da Conceição de Itanhaen, ficando S. Vicente como cabeça da outra. Dahi estes nomes para as duas donatarias, erradamente chamadas «capitanias».

«Sua Santidade dariam; o que visto pelos ditos ditos «Officiaes da Camara mandaram que noteficados os Re«verendos Padres da Companhia desta Villa terceira «vez para o que lhes assignavam dous dias perempto«rios de terceiro termo; e passado o dito termo pro«veriam com Justiça o que mais fosse servisso de Deus, «e de Sua Magestade, e bem cõmum; e eu Domingos «da Motta Tabelião desta Villa de S. Paulo, e seu ter«mo, o escrevi por mandado dos ditos Officiaes em fal«ta do Escrivão da Camara, e o assignaram com o «dito povo.

Neste mesmo dia teve effeito a noteficação determinada, como se vê as folhas sessenta e duas do livro já referido *(1)* pelo termo do theor seguinte:—

«Aos dez dias do mez de Julho de mil seiscentos e «quarenta annos nesta Villa de S. Paulo, por mandar «do dos Officiaes da Camara della, a saber, os Juizes «ordinarios Bartholomeu Fernandes de Faria, e Fernan «do de Camargo, e os Vereadores Antonio Alvares «Couceiro, Domingos da Rocha, João Fernandes Save«dra, e o Procurador do Concelho Miguel Garcia Car«rasco a requerimento do Povo que atraz estão assi«gnados, e de outros muitos que ficaram por assignar «sendo juntos á porta do Collegio de Santo Ignacio da «Companhia de Jezus desta Villa de Sãs Paulo a re«querimento do dito Povo os ditos Officiaes da Camara «mandaram noteficar ao Reverendo Padre Antonio Fer-

1 O livro a que se refere é o mesmo das actas das sessões da camara do anno de 1640; temol-o á vista, estragadissimo, e por um ou outro trecho que se pòde comparar, o manuscripto reproduz fielmente as actas, sómente com a grammatica um pouco melhorada, porque a do livro é pessima e os nomes proprios têm todas as iniciaes em lettras minusculas.

«reira da Companhia de Jezus por não estar o Reitor. «ficou elle em seu lugar. A noteficação que lhe foi «feita hé a seguinte :—Que a dita noteficação são tres, «que o Povo tinha feito a SS. RR. para que despe- «jassem esta Villa e Capitania, e não o querendo fa- «zer sem violencia, protestavam de não incorrer na «excommunhão *Si quis suadente Diavolo*, nem em ou- «tras algumas censuras, porque os não lançavam fóra «por perzuazão do Demonio, odio ou mal querença, «nem vingança, mais que somente por defenderem suas «fazendas, honras, e vidas, e de suas mulheres, e fi- «lhos, como tudo provariam largamente ante Juiz com- «petente, a qual fazenda, vida, e honra de outra ma- «neira não podiam defender. A qual noteficação assim «fez o Tabelião Domingos da Motta por mandado dos «ditos Officiaes da Camara, lendo para isso um papel «em que se continha o acima dito, que os ditos Of- «ficiaes a requerimento do povo deram, o qual em pre- «zença do dito padre foi lido em alta vós, que o dito «Padre bem ouviu em prezença de mim Escrivão da «Camara, do que os ditos Officiaes da Camara man- «daram fazer este Termo, em que o dito Tabellião cõ «migo Escrivão ,da Camara nos assignamos. Manoel «Fernandes Velho, Escrivão da Camara, o escrevi.—*Ma- «noel Fernandes Velho.—Domingos da Motta.*»

Para effeito de ser infallivel esta expulsão dos Jezuitas, como ella se não tinha verificado até o dia dez do mesmo mez do Julho, appareceram no seguinte dia em Camara os Procuradores das Villas de Mogy das Cruzes João Homem de Çosta, e da de Pernahiba Gonçalo Ferreira, os quaes apresentando as suas Procuraçoens foram reconhecidas pelos Officiaes da Camara de S. Paulo, aos quaes disserão que elles vinham em nome das ditas Villas para o effeito de se dar á execu-

ção o determinado na Villa de S. Vicente em nome das ditas Villas, e moradores dellas; e de como apresentaram ditas procuracões com o requerimento declarado se fez de tudo termo, que todos assignaram, como se vê a folhas 63 do já referido livro, no qual em folhas 64 se acha o Termo da ultima resolução, que tomaram em Camara para lançarem aos Padres Jesuitas pelo theor seguinte:

«Aos 13 dias do mez de Julho de 1640 estando os «Officiaes da Camara, Juizes, e Vereadores, estando ahi «o procurador da Villa de Mogy, Santa Anna das Cru«zes (1) João Homem da Costa, e o procurador da «Villa de Santa Anna de Pernahiba, e cada hum dos «procuradores com sua gente de cada instancia, e «com o povo desta Villa, requererão que se désse a «execução o que da Villa de S. Vicente, Cabeça «desta Capitania, viera determinado de deitar fóra « desta Villa os Padres da Companhia de Jezus «para paz, e quietação desta Villa e Capitania pe«las razoens já alegadas, e por outras mais que da«riam á Sua Magestade e a Sua Santidade, e que não «puzessem no cazo dilação, e denovamente tornarão a «requerer com muita instancia, e clamor do Povo, e «Procuradores das ditas Villas nomiadas; e visto pelos «Officiaes da Camara o clamor, e requerimento do Po«vo todo- mandaram se cumprisse; e visto o requeri«mento do Povo, e a instancia, fórça, e violencia, com «que o faziam, disserem os ditos Officiaes da Camara «que protestavam não incorrer em pena, nem em cen«suras algumas, visto como não podiam apaziguar, nem

1 Deve-sa ler «Santa Anna de Mogy das Cruzes», cidade sobre a margem esquerda do rio Tieté, ans 60 kilometros aci ma de S, Paulo: é servida pela Estrada de Ferro Central do Brazil.

«aquietar o dito Povo, e logo tornou o dito Povo de-
«novamente a requerer que se executasse o que tantas
«vezes elle dito Povo tinha requerido, e que elle, e
«Procuradores davam disso conta á Sua Santidade, e á
«Sua Magestade, do qual requerimento mandaram fa-
«zer este Termo, que assignaram com ditos Procurado-
«res João Homem da Costa e Gonçalo Ferreira com a
«maior parte do povo, e eu Manoel Fernandes Velho
«Escrivão da Camara que o escrevi—*Gonça'o Ferreira*
«*—João Homem da Costa—Fernando de Camargo—Bar-*
«*tholomeu Fernandes de Faria—Antonio Alvares Cou-*
«*ceiro—João Fernandes Savedra—Domingos da Rocha—*
«*Miguel Garcia Carrasco.*

Pessoas que assignaram este Termo (1) Manoel Chaves Bravo, Goncalo Lopes, Balthazar de Souza, Fernão Dias, Francisco de Camargo, Lourenço Corrêa, José Ortiz de Camargo, Antonio de Faria Albernás, Miguel Delgado, Henrique da Cunha Gago, Simão Borges, Manoel Delgado, Paulo Pedrozo, Balthazar Corrêa, Belchior da Cunha, Diogo de Fontes, João Delgado, João Gomes, Antonio de Edra, Pascoal Dias Rodrigues, Salvador Rodrigues, Luiz da Costa, Antonio Pedrozo de Freitas, Marcellino de Camargo, Manoel Ribeiro de Azevedo, Francisco de Gaya (2), Antonio de Medeiros, João da Costa, Braz Mendes Ribeiro,

---

(1) E' conveniente conservar a lista destes nomes porque, como dissemos, o livro de actas que os contem está illegivel, e mesmo porque os jesuitas voltaram por influencia de outros cidadãos cujos nomes são conhecidos.

(2) Havia na capitania de S. Vicente uma importante familia *Gaya* que fez figura em S. Vicente, Santos e S. Paulo e mereceu um capitulo especial na *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques.

João Maciel Bacão, Manoel de Siqueira, Fernão Malheiros, Thomé Martins Bonilha, Flavio da Costa, Francisco Dias de Oliveira, Balthazar Gonçalves, Salvador de Miranda, Belchior de Borba, Fernando Munhoz, Francisco Fernandes, Thomé Fernandes da Costa, Manoel de Goés, Matheus Luiz Grou, Luiz Gomes, Pedro Nunes, Gaspar Affonso, Bartholomeu de Quadros, Pedro do Prado, Francisco Leme, Francisco Gaya, Luiz Dias Leme, Rafael de Oliveira—o—moço, Francisco Dias, João Ferreira, João Furtado, Bernardo da Motta, João Paes Garcia, Angelo Preto, Mathias de Oliveira, Romão Freire, Diogo Barbosa Rego, Fernão de Siqueira, João Rodrigues de la Penha, João Ribeiro, Ascenso de Quadros, Manoel de Goes Rapozo, Antonio de Siqueira Caldeira, Alvaro Netto, Domingos Luiz Leme, Al nso Peres, Francisco Lopes Bravo, Antonio Lourenço—o moço, Gaspar Sardinha, João Moreira, João Machado, Manoel Rodrigues, Alvaro Rodrigues do Prado, Paulo Pereira, João Fernandes Edra, Domingos Fernandes Gigante, Manoel de Arzão, João do Prado, Fernando Dias Paes (1), Jeronimo de Camargo, Mathias Paes, João Paes, Antonio de Barros da Silva, Gaspar Maciel Aranha, Pedro da Costa, Francis-

(1) E' para estranhar que este nome appareça entre os dos inimigos dos jesuitas. O velho Fernando Dias Paes, fundador da importantissima familia deste appellido, falleceu em 1605; o seu filho Fernando Dias Paes, era tão amigo dos jesuitas que, fallecendo sem herdeiros forçados, deixou todos os seus bens ao collegio dos jesuitas de S. Paulo. O neto, Fernando Dias Paes Leme, o grande sertanejo e descobridor das *esmeraldas*, foi companheiro de João Pires nas negociações e tratados para a volta dos jesuitas. Si era membro da familia *Paes Leme*, differenciou-se della nas suas relações com a companhia de Jesus ou mudou mais tarde de opinião.

co Dias Peres, Antonio Bicudo Furtado, João de Figueiredo Maciel, Diogo Dias Ferraz, José Monteiro Cardoso, Elias de Moura, Domingos Barboza, Estevão Dias, Manoel Francisco de Andrade, Braz Cardozo, Diogo Barbosa, Diogo Tavares, Diogo Mendes, Antonio Preto [1], Luiz Rodrigues Cavallinho, Domingos da Silva, Pascoal Antunes, Fernão de Godoy Moreira, Garcia Rodrigues Velho, Innocencio de Brito, João Borruel, Gaspar Dias Peres, Pascoal Dias Peres, Manoel Alvares Preto, João Martins Bonilha, João Dias Peres, Antonio Cordeiro, Miguel Nunes Pereira, João Martins Eredia, Diogo Coutinho, Lourenço Cardozo de Negreiros, Antonio Lourenço, Domingos Luiz, Miguel Luiz, Miguel Dias, Pedro Cordeiro, Francisco Rodrigues Brandão, Manoel Pires, Lourenço de Siqueira, Amaro Alvares, Antonio Jorge Pereira, Francisco da Costa Valladares, Amador Bueno da Ribeira, João Pereira Thermudo, Miguel Rodrigues Pereira, Antonio Bicudo de Mendonça, Manoel de Siqueira de Mendonça, Manoel Garcia Velho, Manoel Fernandes, João Dias Peres, Antonio de Siqueira de Mendonça, Braz Machado, Pedro Fernandes Aragones, João de Godoy, Matheus Martins, Sebastião Fernandes, Antonio Leitão, Sebastião Rodrigues, Braz Leme, Pedro Dias de Castilho, Paulo do Amaral, Antonio de Araujo, Francisco Ribeiro, Antonio Mendes Coutinho, Sebastião Gil, Lourenço Dias, Francisco Furtado, Pedro de Caraça, Francisco Borges, Francisco Barreto, João Barreto, Antonio

(1) Era genro de Amador Bueno da Ribeira e pertencia a uma importante familia, *Preto Moreira*. Manoel Preto foi um dos heroes do Goayrá, companheiro de Antonio Raposo na destruição destas famosas missões dos jesuitas nos annos de 1629 á 1632.

Ribeiro, Sebastião Gonçalves, Mathias Martins, Thomé Martins, Pascoal Leite Furtado (1), Domingos Pires, Antonio Vieira, Antonio Barboza, Luiz Zianis Gil, Dom João Matheus Rendon, Dom Simão da Fonseca, Fructuozo da Costa, André Bernardes, Luiz de Andrade, João Gonçalves, Francisco Dias Leme, Pascoal Ribeiro, Francisco Rodrigues Gomes, Domingos Fernandes Pinto, Paulo da Costa, Francisco Velho, Francisco Barboza, Francisco Cubas, Mauricio de Castilhos, Francisco Martins Bonilha, Pedro Vaz de Barros, Antonio Bicudc, João de Barros da Silva, Amador Bueno, o moço (2), Ignacio Preto, Francisco de Barros, Pedro Nunes de Pontes (3), Gonçalo Lopes, Gaspar Gonçalves, Sebastião Gil, Pedro Leme, Gonçalo Gil, Manoel Paes de Linhares, Antonio Corrêa da Silva, Pedro Leme do Prado, Francisco Vieira, Aleixo Jorge, João Nogueira da Paz, Diogo de Lara (4), Luiz Fernandes Boino e Francisco Gonçalves.

---

(1) Era um dos cidadãos mais illustres de S. Paulo naquella época e pertencia a alta fidalguia portugueza.

Delle descendiam os brigadeiros Joaquim José Pinto de Moraes Leme e Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.

(2) Era filho mais velho de Amador Bueno da Ribeira e avô materno de Amador Bueno da Veiga, que commandou um corpo de paulistas na segunda *Guerra dos Emboabas*. Era homem rico, de muito prestimo e occupou cargos publicos em S. Paulo.

(3) Era o pai do padre Belchior de Pontes, illustre prelado paulista e um dos mais notaveis membros da companhia de Jesus em S. Paulo.

(4) Paulista muito distincto, filho do fidalgo hespanhol Diogo Ordonhes de Lara e tronco das importantes familias *Lara* e *Moraes*; era sogro do notabilissimo paulista Lourenço Castanho Taques e deixou numerosa descendencia que fez figura em S. Paulo e ainda hoje representa importante papel neste Estado e na historia do Brazil. Pela *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, *Notas Genealogicas*, do dr. João Mendes, e revista *Archivo do Estado de S. Paulo*, pode-se acompanhar a historia desta familia até o presente.

Neste mesmo dia trese de Julho forão expulsos do Collegio de S. Paulo os padres Jezuitas, cujo Reitor Nicolau Botelho constituio ao padre Manoel Nunes, Vigario da Egreja Matriz de S. Paulo, seu procurador pelo poder seguinte:—«Ainda que tenho encampado to-«dos os bens deste Collegio aos Officiaes da Camara, «assim os que immediatamentc servem ao Culto Divino, «como os outros que possue este Collegio, como Eccle-«siasticos, que são, em nome de Sua Santidade, de «que os Officiaes da Camara hão de dar conta, pois «lhes estam entregues e nos lanção fora de nossa pos-«sessão, que temos ha noventa annos, faço meu procura-«dor ao Reverendo Padre Vigario Manoel Nunes para «em meu nome, e deste Collegio, procurar, e examinar «todas as couzas deste dito Collegio, dando Quitaçoens «de dividas do que se pagar, e olhando por todas as «couzas a elle pertencentes, com poder de administrar, «e repassar assim Curraes, como fazendas, moinhos, «vinha, e mais bens do Collegio, como couza sua pro-«pria, dando as ordens, que para bem da dita fazen-«da forem necessarias, tomando conta de tudo para «que esteja em sua força, quando julgar que os Offi-«ciaes da Camara, a quem tudo está encampado, e que «hão de dar conta, faltarem com alguma cousa, para «que se não percão de todo os Bens Eccleziasticos de-«dicados ao Serviço Divino, e dos Religiosos, para o «que lhe dou todos poderes em direito necessarios, e «peço ao mesmo Reverendo Padre olhe com particu-«lar cuidado que se não fação aggravos aos Escravos, «e Indios forros do serviço deste Collegio, mandando-«lhes dizer algumas Missas quando algum delles mor-«rer, pagando a esmola dos Bens deste Collelio, S. «Paulo 12 de julho de 1640. O Padre *Nicolau Bote-lho.*»

Os Jezuitas lançados do Collegio de S. Saulo foram o Reitor Nicoláo Botelho, Antonio Ferreira, Antonio de Mariz, Matheus de Aguiar, Lourenço Vaz, e os Leigos Domingos Alvares, *Piauhi* de alcunha, Antonio Gonçalves e Lourenço Rodrigues.

Depois de estarem os Padres já na Villa de Santos pretenderam não passarem avante, tendo a seu favor os Procuradores da mesma Villa, contra os quaes requereo em acto de vereação o Procurador do Concelho da Villa de S. Paulo, estando presente José Simoens, Ouvidor da Papitania, dizendo: Fizesse hum «Auto contra os Procuradores da Villa de Santos Lu«cas de Freitas de Azevedo, e Francisco Pinheiro «Saes, porquanto contra o bem commum, estando os «Padres despedidos desta Villa de S. Paulo, e da «Villa de Santos os tornaram a recolher no mesmo «seu Mosteiro, indo contra o que se assentou, e deter«minou na Villa de São Vicente com os procuradores «das Camaras destas duas Capitanias, o que era em «grande damno do bem cõmum, por serem os ditos «Padres prejudiciaes, pelo que todo o damno que dis«so vier ao povo de perdas *(1)*, e damnos por serem «falsos procuradores e traidores á Patria, como taes «devem ser desnaturalizados das Villas, e Capi«tanias», e requereu Auto para serem citados para ver jurar testemunhas.

Este requerimento do Procurador do Concelho mandou o Ouvidor se lhe escrevesse, e o assignou com os Officiaes da Camara, como consta do referido livro de Vereações, a fls. 75.

---

1 O sentido aqui está incompleto e obscuro por falta de uma palavra «engulida pelo auctor; deve-se entender que «protestavam por perdas e damnos», que disso viessem ao povo.

Em 18 de mayo de 1641 appareceu em Çamara o Ouvidor com alçada Francisco Pinheiro Rapozo, e aprezentou aos Officiaes della João Fernandes Savedra, e Francisco de Çamargo, Juizes Ordinarios, Paulo do Amaral, e Antonio de Barros da Silva, Vereadores, e Miguel Garcia Carrasco, procurador do Concelho, huma carta dos Officiaes da Çamara da Villa de S. Vicente, a qual continha ponderarem as incõmodidades da Capitania, as impossibilidades, que se oppunham aos negocios della,, molestias, e prizoens que padecerão os moradores; pelo que eram de parecer que debaixo de concertos firmes, e bons, se aceitassem os Reverendos Padres da Companhia, e se restituissem ás suas cazas, e rezidencia.

E lida que foi esta carta ponderou o dito Ouvidor ser muito justo, e conveniente a restituição dos Padres, dando-se cumprimento á Provizão do Marquez Vice Rey, o que assim pedia, e requeria elle dito Ouvidor, cujo voto seguiram, e com elle se conformaram os ditos Officiaes da Çamara, para cujo effeito chamaram a ella as pessoas nobres mais antigas, e da Governança, as quaes deram conta da sua determinação para dizerem ou requererem o que na materia entendessem, entre os quaes se achou prezente o capitão Francisco Rodrigues da Guerra Procurador do Povo, e todos convieram em que fossem restituidos os Jezuitas ás suas Cazas, dando primeiro fianças abonadas aos çoncertos, que por escripto offereceram neste acto, os quaes se continham no Papel que entregaram a esta Assembléa, e que cumprindo assim pelos ditos Padres não duvidavam do ingresso, e restituição delles. Assignaram este Accordão os Officiaes Çamaristas e o Ouvidor, todos já nomeados. Para este effeito assignaram ãobem as pessoas principaes, e da Governança, que se

acharam prezentes com o Procurador do Povo o capitão Francisco Rodrigues da Guerra.

Nada porém se conseguio, porque logo no seguinte dia, tendo noticia desta determinação o Povo, e os moradores de S. Paulo, pessoas nobres, e principaes da terra em corpo numerozo se oppuzerão ao disposto na Assembléa do antecedente dia; como se mostra a fls. 107, pelo theor do Auto seguinte (1).

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris-«to de mil seis centos quarenta e hû annos, aos deze-»nove dias do mez de mayo da dita era, nesta Villa «de S. Paulo da Capitania de S. Vicente, na Casa do «Concelho della, estando juntos os Officiaes da Camara «por elles foi mandado a mim Escrivão da dita Ca-«mara fazer este Auto em como, tendo elles asseitado «com alguns homens nobres da Governança que os «Reverendos Padres da Companhia se aceitassem nesta «Capitania, e fossem restituidos ás suas Cazas, e rezi-«dencias debaixo dos concertos que os ditos homens, «e pessoas mais antigas desta Villa davam por escripto «e sendo a tenção delles Officiaes da Camara darem «cumprimento á Provizão do Senhor Marquez Vice Rey, «hoje neste dito dia de festa do Espirito Santo, estando «os ditos Officiaes em conversacão em caza do Juiz «João Fernandes Savedra, veio a ella a Nobreza, o Po-«vo, e em altas vozes disseram hûa, e muitas vezes: «Que com os Reverendos Padres da Companhia não «queriam concertos alguns, e todos os que a dita Ca-«mara, e mais homens tinham tratado e assentado re-«clamavam, e por nenhûa via queriam estar por elles,

(1) Refere-se aqui a fls. 107 do livro das actas da camara municipal, de S. Paulo donde foi extrahida esta copia, que aliás está um pouco alterada.

«porque confiavam na clemencia de Sua Real Mages-
«tade, na de Sua Santidade, e no Senhor Marquez Vi-
«ce Rey, que os havia de ouvir de sua justiça, e admit-
«tir suas razoens, pois as tinham bastantes, e cauzas
«mui legitimas para não aceitarem, nem receberem os
«ditos Padres, pelo que requeriam ao dito Juiz, e mais
«Officiaes da Camara viessem a Caza do Concelho logo,
«e desfizessem os Termos, que estavam feitos sobre a
«materia dos concertos, e quando o não quizesse fazer
«lhe tirariam a Vara, pois elle Juiz era feito pelo dito
«Povo, o qual pegando no dito Juiz, e mais Officiaes
«da Camara os trouxeram a esta dita Caza do Conce-
«lho, aonde mandaram se riscasse o Termo atraz, e
«rompessem os mais papeis (1), que sobre a materia
«estivessem feitos.

«E visto os clamores, o requerimento do dito Povo
«prometeram os ditos Officiaes de se não proceder cou-
«za alguma, nem darem á execução nada sem se lhes
«dar vista, o que os ditos Officiaes assim fizeram por
«verem a deliberação de todo o sobredito Povo que elles
«por si, e suas fazendas prometiam, e se obrigavam a
«tirar a paz e a salvo aos ditos Officiaes da Camara de
«todo o damno, e prejuizo que lhes rezultasse. E re-
«quereo o dito Povo que se não mandassem farinhas
«nem mantimentos alguns ao Rio de Janeiro, e se fe-
«chasse o caminho do Mar, e communicação que ha-
«via com a Villa de Santos, e se notificassem os Se-
«nhores dos Moinhos com graves penas não moessem
«farinhas (2), e que se fixasse quartel das pessoas que

(1) As resoluções tomadas neste dia revogaram as resoluções anteriores, porém a acta anterior não foi riscada, estando entretanto quasi illegivel pelos estragos das traças.

(2) Havia na capitania de S. Paulo boa plantação de trigo naquelle tempo e muitos moinhos para a fabricação da farinha.

«haviam de hir repartidamente ao Rio pequeno guar-
«dar o caminho do Mãr, aonde se tomará por perdido
«tudo o que alli for, e se mandar de mantimentos, e
«outros quaesquer generos, e se depreque as Camaras
«das Villas de Parnahiba e Mogymirim (1) para que
«não consintam que os moradores dellas mandem man-
«timentos abaixo, e se faça a mesma deligencia com os
«Senhores dos Moinhos das ditas Villas para que não
«moam mais que o que for necessario para o sustento
«das ditas Villas, o que os ditos Officiaes mandaram se
«fizesse. Declaro que as pessoas nomeadas expressamen-
«te no interdicto se acharam tãobem prezentes no ter-
«mo atraz dos concertos com as condiçoens declaradas
«nelles sobre a restituição dos Padres; e eu Manoel
«Coelho Escrivão da Camara o escrevi.—João Fernan-
«des Savedra—Paulo de Amaral—João Martins de Ere-
«dia—Antonio de Barros da Silva—Miguel Garcia Car-
«rasco—Francisco Rodrigues da Guerra—Dom Simão
«Castelhanos de Piza—Fernão Dias Paes—Diogo Cou-
«tinho—João Rodrigues Medeiros—João Barreto—Do-
«mingos Jorge Velho—Manoel Paes Linhares—Louren-
«ço Castanho Taques (2]—Bartholomeu de Quadros (3)
«—João Rapozo Bocarro (4)—Braz Cardozo—Antonio de
«Andrade Araujo—Ignacio Bulhões de Vãsconcellos—

(1) No livro de actas está escripto *Mog -mirim*, porém, ha engano, porque esta povoação não existia ainda naquella época: deve ser *Mogy das Cruzes*.

(2) Cidadão muitissimo proeminente, amigo de Amador Bueno; tem enorme descendencia, que muito honra a S. Paule atè o presente.

(3) Cidadão distincto e um dos troncos das familias *Arruda Botelho e Sampaio*.

(4) Pertencia á importante familia *Bocarro*, de S. Sebastião, que contava sertanejos notaveis como João Leite da Silva Ortiz e Bartholomeu Paes de Abreu.

«Pedro do Quintal Costa—Pedro Gonçalves Varejão—
«Aleixo Dias Nogueira—Dom Francisco Rendon de Que-
«vedo—Antonio Pedrozo de Freitas—Thomé Martins—
«José Ortiz de Camargo—Antonio Ribeiro de Moraes—
«Guilherme Pompéo (1)—Manoel Delgado de Tavora—
«Thomaz Dias Mainardi—Antonio Lourenco—Gaspar
«de Godoy Moreira (2)—Antonio de Araujo—Luiz de
«Andrade—Paulo Pereira—Jeronymo de Camargo—Mar-
«cellino de Camargo—Dom João Matheus Rendon—
«Manoel da Costa Cabral—Pascoal Leite Furtado—An-
«tonio de Madureira Moraes—Antonio de Siqueira Men-
«donca—João do Prado Martins—Domingos da Rocha
«—Pedro Nunes de Pontes (3)—Lourenço Cardozo de
«Negreiros -Manoel Lourenço de Andrade—Lourenço
«de Siqueira—Francisco Sotil (4)—Estevão Cabral—
«Luiz da Costa—Manoel de Siqueira—Gaspar Sardinha
«—João de Proença—Dom Francisco de Lemos—Ma-
«noel de São Tiago—Simão Lopes Fernandes—Antonio
«Tavacho—Onoffre Jorge Velho—Luiz Rodrigues Ca-
«vallinho—Pedro Morato de Bitancur—Domingos Gon-
«çalves—João Ferreira de Oliveira—Miguel Nunes,»

Com esta inquietação da Nobreza de S. Paulo elegerãm se para Procuradores Geraes da mesma Nobreza

---

(1) Homem muito proeminente, irmão de Lourenço Castanho Taques e pae do notabilissimo Padre Guilherme Pompéo de Almeida.

(2) Foi o fundador da importante familia até hoje existente dos *Godoy Moreira.*

(3) Foi adversario dos jesuitas e tornou-se depois pae do illustre jesuita Belchior de Pontes.

(4) Havia em S. Paulo uma familia *Sutil,* a que pertenciam os irmãos Miguel e Sebastião Sutil, descobridores das minas de ouro de Cuyabá em 1718.

e povo quatro pessoas principaes, e distinctas, com grande voto nas materias da Republica, como se vê no referido livro de Vereanças a fls. 106 [1), e foram ellas Francisco Rodrigues da Guerra, Amador Bueno de Ribeira, João Rapozo Bocarro e Dom Simão de Toledo Piza (2). Estes procuradores junto com os Officiaes da Camara elegeram Amador Bueno da Ribeira para passar a Côrte de Lisbôa (3) a tratar do requerimento, como se vê do Termo a fls. 107, do theor seguinte:

«Aos 6 dias do mez de Agosto de 1641 annos nesta «Villa de S. Paulo da Capitania do S. Vicente, na caza «do Concelho desta dita Villa, estando junto os Offi-«ciaes da Camara, e os Procuradores Geraes dêsta Vil-«la para consultarem os Procuradores que haviam de «hir á Côrte, todos juntos, e cada um delles, deram o « seu voto em Amador Bueno da Ribeira, que aceitou «a dita Procuradoria, com declaração que se ajuntará «dinheiro bastante para que não falte, e faltando-lhe «algum em Portugal se obrigarem em nome deste «Povo, e pelos poderes que delle tem, de pagarem a «quantia o dito Amador Bueno de Ribeira tomar á «ganho, e lhe for necessaria para os negocios a que «vai (4); o que tudo prometteram fazer, e de como assim

(1) Ha erro nesta citação; no livro de actas, a fls. 176, não se encontra isto; é 116.

(2) Atraz vem assignado de outro modo: *Castelhanos* e não *Toledo*; era hespanhol e foi o fundador da familia deste appellido.

(3) Não foi a Lisboa; em seu logar foram Luiz da Costa Cabral e Balthazar de Borba Gato, que levaram extensa e amarga queixa dos Paulistas contra os jesuitas.

(4) Este facto, até hoje desconhecido, não depõe muito em favor da apregoada abnegação e desinteresse de Amador Bueno, que era muito rico e podia fazer esta viagem a sua custa.

«o declararam, e assentaram assignam este Termo, Ma-
«noel Coelho Escrivão da Camare o escrevi (1)».

Nada mais se contem no livro das Vereações, titulo 1632 até 1642 já referido. Do mesmo consta, em fls. 71 e 101, que logo que no dia 13 de Julho de 1640, em que sahiram do Collogio de S. Paulo os padres Jezuitas, os Officiaes da Camara tomarem posse da Aldêa de *Marueri* (2) em nome de Sua Magestade, e puzeram nella para Cura daquellas almas ao padre Thomaz Coutinho, Presbitero Secular de S. Pedro, apto e sufficiente para esta administração, que aceitou, declarando que o fazia por serviço de Deus e do Rey, e bem comum, e disto mesmo se lavrou Termo, que assignaram os Officiaes da Camara com o dito padre.

E indo á Aldêa de *Nossa Senhora da Conceição dos Guarumínis* a tomar posse della se queixaram aquelles Indios notavelmente aos ditos Officiaes da Camara, dizendo: «Que haviam muitos indios que passavam de «quatorze annos e ainda estavam por baptizar, por que «os padres da companhia não haviam tratado a fazerem «nos christãos.» Esta noticia participaram ao Reverendo Vigario da Matriz, para que com parocho acudisse a esta falta, e as outras muitas que haviam nas mais Aldêas.

Eu discorro que a cauza desta expulsão trouxe a sua origem de movimento dos moradores da Cidade do Rio de Janeiro, porque do livro que anda em nome de Dom Francisco Xarque de Andella, impresso em

---

(1) As assignaturas faltam no manuscripto, porém, na acta que está pagina 117, a não 107, como aqui se diz, se lê: *João Fernandes Savedra, Paulo de Amaral, Antonio de Barros da Silva e Miguel Garcia Carrasco,* além de um outro cujo nome é indeciphravel que parece ser *João Martins de Heredia,*

(2) Deve ser *Baruery,* hoje estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Pamplona no anno de 1687, com o titulo *Insignes Misioneros de la Companhia de Jezus en la Provincia del Paraguay*, consta que eleito em Procurador das Missoens de Paraguay o Padre Francisco Dias Tanho pássára a Roma em tempo do Padre Prepozito Geral Pusio Viteleschi, e beijando o pé ao Beatissimo Papa Urbano VIII conséguira ser ouvido na Assembléa que presidio o Eminentissimo Cardeal Pamfilo, e obtivera húa Bulla com graves penas, e censuras a favor do gentio datada em Março de 1638. Este livro pelo contexto, modo e estilo bem se dá a conhecer que é obra do Jezuita apaixonado, e que só escreveo a favor dos seus Peligiosos, e nas materias de alguns factos que relata dos Paulistas, que penetraram os Sertoens dos Rios *Uahú* [1), Tibagi, Uruguay, Paraná e Paraguay, hé muito afastado da verdade, e odiozo aos Paulistas, aos quaes trata com o caracter de *Mamelucos*, *Hereges*, e *Lobos Carniceiros*, contra os Indios da Reducção dos Padres Jezuitas. Por isso não merece muito credito esta Historia, e muito mais no que relata no Cap. 30 e 31 sobre o movimento popular contra os Padres do Colegio da Cidade do Rio de Janeiro, afirmando sómente que elles se livrarão do attentado tumultuozo

(1) Rio Yvahy, affluente da morgem esquerda do Paraná. O livro de Andela foi publicado em 1687 e nessa época já se tinham dado quatro invasões desse sertão pelos Paulistas: A primeira nos annos de 1628 a 1632, quando Antonio Raposo destruiu todas as missões do Goayrá e de lá trouxe 60.000 indios prisioneiros; a segunda em 1638, quando o mesmo Raposo foi até até as missões argentinas de Corrientes; a terceira em 1648, quando este mesmo Reposa foi até o Perú, combateu os hespanhoes sobre os Andes, lavou ss mãos nas aguas do Oceano Pacifico e voltou pelo Amazonas, e a quarta em 1676 quando Pedroso Xavier invadiu o Paraguay e de lá trouxe grandes despojos.

pelas virtudes do Governador Salvador Correa de Sáa e Benevides (1), supprimindo no silencio a Escritura de Transacção, e amigavel composição celebrada pelos Padres do Colegio daquella Cidade, e o Padre Francisco Dias Tanho, com os Officiaes da Camara della, cujo Documento destróe totalmente o encarecimento, que se contem nos ditos Cap. 30 e 31.

O padre Francisco Dias Tanho voltando de Roma para Espanha passou-se para a Corte de Lisboa com dezasseis companheiros, que vinham para as Missoens de Paraguay. Com os Despachos da Duqueza de Mantua embarcaram em hum navio a direitura a Buenos Ayres, e não podendo montar o Cabo de Santa Maria tomára a Barra do Rio de Janeiro. Recolheram-se os Padres ao Colegio desta Cidade, no qual se achavam o Padre Visitador Geral, o Doutor Pedro de Moura, e era Reitor o Padre Jozé da Costa, aos quaes deu noticia o Padre Tanho da Bulla que trazia para remedio das hostillidades, que se praticavam contra a liberdade dos Indios no Estado do Brazil.

Consultada a materia com os Padres mais graves, assentaram que se publicasse a Sentença Apostolica a favor da liberdade dos Indios Christaons tiranamente opprimidos dos Portuguezes do Brazil, com servidão mais cruel que a que tem os Catholicos em poder dos Mouros, como assim se lê nos referidos Capitulos.

No n. 5 do Cap. 31 diz o autor: «Que do Pulpeto «em dia festivo, e com grande concurso dos morado-«res da Cidade fora lida a Sentença Apostolica, e que «todo o Povo em voz alta clamava dizendo que não

(1) Salvador Corrêa de Sá e Benevides, de quem se tem fallado varias vezes, era o governador do Rio de Janeiro, com jurisdicção sobre S. Paulo.

«obedecião ao que mandava o Summo Pontifice; que «um popular tumulto acometêra as portas da Igreja, e «Portarias que já se achavam cerradas, pertendendo «deital-as abaixo com instrumentos que levava para «este effeito, cujo insulto atalharam o valor do Gover«nador Salvador Corrêa de Sua e Benavides, e de seu «primo Dom João de Avalos e Benavides, Capitão de «Infantaria daquella Praça, e que ao patrocinio destes «dous Cavalheiros deveram a vida o padre Francisco «Dias Tanho, e o Padre visitador geral Pedro de Moura, «que para perderem tiveram conselho aberto os amoti«nados; que o dito Padre Tanho, deixando na cidade «o remedio a favor dos Indios das Capitanias do Rio «de Janeiro e do Sul, embarcára com seus compa«nheiros para Buenos Ayres.»

Até aqui o dito livro sem declarar o verdadeiro successo, por ser opposto ao conhecimento da verdade, que eu descobri pelo contexto da escritura do theor seguinte:

«Saibam quantos este publico instrumento de concerto, transacção, renunciação, e amigavel compozição virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1640, aos dois dias do mez de Junho, nesta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no Colegio da Companhia de Jesus, della, onde eu tabalião fui vindo, logo ahi appareceram partes avindas e concertadas a saber, de húa o Reverendo Padre o Doutor Pedro de Moura, Vizitador Geral da Provincia, e bem assim o Reverendo Padre José da Costa, reitor do dito Colegio, e o Reverendo Padre Francisco Dias Tanho, Procurador de Paraguay, Provincia de Tucuma dos Reinos de Castella, e o Reverendo Padre Matheus Dias, Procurador do Colegio, e da outra o Procurador, Juiz, e Vereadores da Camara desta Cidade, e bem

assim João Dantas Sargentomór, que foi nella, o Capitão Aleixo Manoel, o Capitão Diogo de Avila, João dos Zouro, Deputados, e nomeados da dita Camara para que em nome do Povo desta Cidade assistissem ao fazer, e firmar este concerto; e Escritura, e logo pelos ditos Reverendos Padres foi dito em prezenca das testemunhas ao diante nomeadas, e assignadas, que elle dito Reverêndo Padre Francisco Dias Tanho trouxéra a esta Cidade huma Provisão do Illustrissimo Senhor Coleitor Alexandre Castracani pela qual innovava huma Bulla do Santo Padre Paulo III, de glorioza memoria, passada para os Indios de Perù, Reino de Castella á instancia do Imperador Carlos V, pela qua, Provizão, e Bulla o dito Illustrissimo Senhor declarava incorrerem em Excomunhão aquelles que cativavam e vendiam, traspassavam, e se serviam dos Indios das ditas Indias, e a exemplo da dita Bulla o dito Illustrissimo Senhor para estas partes, e Capitanias do Brazil passára a dita Provizão, contendo huma, e outra que neste Brazil se não pudessem os ditos moradores delle servir dos ditos Indios cativar, vender, traspassar, nem reter, prohibindo outrosim assim dos do Sertão, pelos quaes se tomavam as fazendas dos ditos Indios, com extorsões e outros modos por onde se lhes impedia uzar da sua liberdade, porque ainda que eram infieis os não podiam obrigar a cativeiro, nem tomarem-lhe suas fazendas, como, e mais, largamente contem a dita Provizão, e Bulla, a qual Provizão sendo offerecida pelo dito Reverendo Padre Francisco Dias Tanho ao Reverendo Prelado Administrador desta Repartição o Reverendo Padre Pedro Homem Albernas veio a Camara, e mais o Povo desta Cidade ao cumprimento da publicação della com embargos, pedindo com effeito vista para elles, a qual se lhe mandou dar pelo

dito Reverenno Prelado, e estando assim em vista, como com effeito estava, a dita couza, por ella em si ser ardua, e defficultoza de huma e outra parte, e por os tumultos populares, e excessos que se podiam originar, e não ser conveniente em razão do muito prejuizo que a este Povo se podia cauzar, sendo os ditos Reverendos Padres na dita cauza partes, assim o dito reverendo padre Francisco Dias Tanho em respeito do Perú, como os mais religiozos deste Colegio em respeito dos Indios desta Capitania; elles ditos Reverendos Padres por este publteo instrumento disseram que dezistiam como deffeito logo dezistiram da prosecução, e execução, e publicação das ditas Bullas, dezistindo tambem com effeito da causa principal dos ditos Embargos, com que este Povo, Padres do Colegio com o Reverendo Padre Francisco Dias Tanho, e que na dita cauza não seriam partes, nem nella uzariam de interrupção algua *directé*, nem *indirectó*, por si nem por interposta pessoa, assim nesta primeira instancia como nas mais, e que sómente correria a cauza dos ditos Embargos com o Promotor da Justiça Eccleziastica por parte dos Indios, a cuja instancia no Tribunal da Legacia se passou a Provizão embargada, como della consta por o dito Promotor ser nesta cauza verdadeira parte; e a mesma dezistencia faziam no Aggravo, que na dita cauza os ditos Reverendos Padres tinham intimado, e interposto ao dito Reverendo Prelado, como adversario á cauza principal para mais não poderem seguir, nem della podérão tratar, de que sendo necessario farão termo de dezistencia nos mesmos autos: e outrosim disseram os ditos Reverendos Padres deste dito Colegio, a saber, o Reverendo Padre Vizitador Geral, Reitor, e Procurador em nome da dita Communidade, e Colegio que elles nunca tiveram administração

algua dos Indios, que estavam em casa dos moradores, nem a queriam ainda que lha dessem, e que só tinham dentro nas Aldeas e administração dos Indios dellas, e esta com Provisão de Sua Magestade, a qual não podiam largar sem a ordem do dito Senhor, ou do Senhor Governador, e que havendo estas estavam prestes para o fazer, mas que se obrigavam, sem embargo da dita administração que dentro das Aldeas tinham, em não consentirem Indio algum nellas que esteja em casa, ou serviço de algum morador, e fariam sempre muita deligencia para serem tornados ás ditas cazas os que ás ditas Aldeas se acolhessem; e isto para quietação, e bem commum deste Povo, ficando-lhes a elles ditos Padres poder de curar os ditos Indios no Espiritual, e de fazer suas entradas, e Missoens no Sertão como até agora fizeram, por ser tudo bem das almas; e assim mais se obrigaram, em razão do negocio temporal, a que assim nos Juizos Ecclesiasticos, como seculares, nem em Tribunal algum não tratariam na materia dos ditos Indios couza algua que seja em prejuizo desta Capitania, e tratando, ou procurando algua cousa em dito prejuizo, *directé* ou *indirecté,* por si ou por outrem aqui ou em Roma, ou em qualquer outro Tribunal do Reyno de Portugal, ouvindo, ou trazendo qualquer Provizão com dito prejuizo, não uzariam della, e desde agora dezistiam, como de effeito dezistiram della, a renunciação, como se expressamente se fizesse menção, e de nada queriam uzar, e declaravam por nullo, subrepticio, e obrepticio tudo que em prejuizo deste Povo lhe viesse, ou procurassem na forma relatada, e que nada pudesse aproveitar aos ditos Indios, e que outrosim se obrigavam que no que toca ao Aggravo, ou molestias de que se tinham queixado, se lhe havia feito por razão da ida desta Camara, of-

ficiaes della, e Justiça, e mais Povo á Portaria do dito Collegio a tratar da sua deffensão em razão da publicação da dita Provizão e Bulla, que no dito Collegio se havia feito, pendendo a vista e cauza de Embargos, que della não tratariam, e com effeito renunciavam todo e qualquer direito, que neste particular o dito Collegio tivesse, ou pretendesse porquanto cada hum dos Reverendos Padres delle perdoava assim, e a cada um delles conforme as Leys da caridade, e humildade Religioza, como já tinha feito a qualquer aggravo, moestia, injuria; que no cazo se considerasse elles ditoss Padres superiores a quem tocava esta acuzação e perdoavão por esta transacção, o que faziam *in totum pró bono pacis:* e que sendo cazo que por parte do dito Collegio se queria fazer alguma acuzação sobre este particular desta ida a elle, poderá então este Povo, elles ditos contrahentes e seus successores, Officiaes da Camara, que forem alegar toda a materia dos Capitulos, que no Aggravo tinham alegado, e tudo o mais que lhes parecer bem possa fazer a bem do seu direito e justiça em respeito dos ditos Reverendos Padres deste Collegio. O qual concerto, e renunciação, e dezistencia o dito Procurador e Officiaes da Camara, e os Deputados nomeados nesta Escritura, abaixo assignados, em nome della e deste Povo como eleitos por elles, acceitavam na forma relatada em virtude dellas; e por elles outrosim foi dito que elles da mesma maneira renunciavam, e dezistiam dos Capitulos, e resposta que tinham dado no dito Aggravo, e delles não tratariam *directé* nem *indirectè*, por si nem por outrem em nome da Camara e Povo, e só delles tratariam quando pelos ditos Reverendos Padres fosse innovada alguma couza na forma relatada, obrigando-se huns, e outros, pelo bens do dito Collegio, e da dita Camara a cumprir e

guardar, e estar por todo o contheudo nesta dita Escriptura, que huns, e outros acceitaram, e eu Tabellião, como pessoa publica estipulante e aceitante, aceitei em nome deste Povo pelas partes auzentes delle a quem tocar, em fé do que assim o outorgaram, sendo testemunhas prezentes Filippe de Campos e Domingos de Brito, pessoas de mim Tabellião reconhecidas, que com os ditos outorgantes e aceitantes assignaram; e eu João Antonio Correa Tabellião do Publico o escrevi.—*Francisco Dias Tanho—Pedro de Moura—José da Costa—Matheus Dias—Aleixo Manuel—Antonio do Sago Prego—Antonio de Sampayo—João dos Zouro—João Dantas—Manoel Jeronimo—Pedro de Oliveira—Diogo de Avila—Jorge de Souza—Filippe de Campos—Domingos de Brito.*

Como nesta Escriptura foram testemunhas Filippe de Campos e Domingos de Brito, que então se acharam no Rio de Janeiro, moradores de S. Paulo (1), no regresso trouxeram a gostoza noticia de contheudo nesta transacção. Passando porem quasi hum anno publicou-se na Matriz da Villa de Santos pelo Vigario della a mesma Sentença do Coleitor Alexandre Castracani; e acudindo para logo os Moraderes daquella Villa a pedir vista da Sentença publicada, não conseguiram effeito, porque o Padre Vigario Fernão Rodrigues de Cordova respondeo que a sentença vinha entregue ao Padre Reitor do Collegio daquella Villa, que fôra quem

(1) Filippe de Campos era portuguez, ha pouco chegado em S. Paulo, onde casou-se com uma senhora da familia *Pires*, e tornou-se o fundador da proeminente familia *Pires de Campos*. Foi pae do notavel jesuita Estanislau de Campos e avô do celebre sertanejo coronel Antonio Pires de Campos.

Domingos de Brito foi um paulista de nomeada; fundou a villa da Laguna, em Santa Catharina, e explorou as campinas do Sul até o Rio da Prata; deixou descendencia illustre que ainda figura em S. Paulo, como os *Gavião Peixoto*.

lhe d'ra para publicar; e fazendo se a mesma deligencia com o dito Reitor disse que já tinha remetido para o Rio de Janeiro.

Deste procedimento se tirou na Villa de Santos hum sumario de testemunhas, e daqui foi que teve principio a rezuloção da Assemblèa que se formou na Camara Capital, da Villa de S. Vicente na qual se acharam prezentes os Procuradores das Villa da Comarca, e pela de S. Paulo, como fica referido, foi o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra, e produzio a expulsão dos Padres Jesuitas, que temos relatado.

Os Officiaes da Camara de S. Paulo enviaram a sua reprezentação ao senhor Rey Dom João IV, a qual se não acha no Archivo desta Camara em livro de Registros. Eu a descobri entre os papeis, que deixou Manoel da Costa Duarte, natural da Corte de Lisboa e nobre cidadão de S. Paulo, posto que truncada por lhe faltar o seguimento da oração no fim da lauda da primeira folha do papel, e passa ao principio da terceira lauda da mesma folha em diverso sentido *(1)*, pelo que se conhece que faltam quatro laudas da segunda folha do papel. O que descobri da dita reprezentação hé a seguinte [2]:—Reprezentação dos paulistas contra os jezuitas, ao senhor Rey dom João IV.

(2 Os nossos chronistas tinham o mau habito ds não numerar as folhas do papel em que escreviam, de modo a ser impossivel verificar quantas folhas faltam em um manuscripto truncado. O proprio original de onde extrahimos esta curiosa chronica, além de estragadissimo, tem falta de folhas e não pudemos verificar quantas lhe faltam.

(1) No seu livro *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, Azevedo Marquez publicou este documento na noticia que dá sobre os Jesnitas, sem dizer onde o encontrou; essa publicação, porém, está corrigida quanto a grammatica e mais truncada pelo copista. Reproduzimol o aqui textualmente, por ser muito importante e merecer ficar melhor conhecido do povo paulista.

«Catholico, Benigno, e Invictissimo Rey, e Senhor: —Os Reverendos Padres da Companhia de Jezus, que rezidem nesta Provincia do Brazil, em paga, e satisfação de os moradores e habitadores della haverem dado o melhor em que situaram collegios, e cazas feitas com dispendio de suas fazendas, depois de se verem ricos, prosperos, e poderozos, impetraram subrepticiamente hum Breve de Sua Santidade, com que trataram, e pretenderam de tirar, privar, e esbolhar aos ditos moradores da posse immemorial, e antiquissima, em que estão desde a fundação deste Estado até o presente do Gentio, sem a qual se não puderam, nem podem sustentar, e conservar, e com ella rezulta ao dito Estado grandes augmentos, e á Real Fazenda de Vossa Magestade; e estando em suas Colonias, Aldêas, com os ditos Reverendos querem, e pretendem, e elles por seus doutrinamentos, e seguem tantos dannos irreparaveis, quantos ham padecido, e experimentado tanto a sua custa os pobres moradores deste dito Estado, e Vossa Magestade perdido a mayor parte e a Christandade, que nelle estava dilatada.

«Tam Leaes Vassalos, e que tanto zelaram o bem do seu Rey, quanto com mais vantagem fôra hoje se a multidam delles, que ás maons ferozes o dito Gentio por causa dos ditos Reverendos Padres ham acabado viveram, vendo a Vossa Magestade por larguissimos annos, porque sem duvida não tivera a Parca nelles feito o seu effeito, e Vossa Magestade como seu Pay e Senhor natural lhes tivera acudido ás calamidades, e mizerias, que de muitos annos a esta parte padeceram, e cessariam as ignominias, e calumnias, e afrontas, que os Reverendos Padres lhes impuzeram, e os levantamentos do dito Gentio, mortes, e insultos, latrocinios roubos, traiçoens, e outros innumeraveis males, que

ham feito, de que ha tantos exemplos neste dito Estado: seja o primeiro, o que em nossos tempos fizeram nas mizeraveis praças de Pernambuco, que o inimigo, e rebelde Olandes de doze annos a esta parte tem occupado; pois chegou a tanto seu dezaforo que de todas as Aldêas, que naquelle contorno haviam, não ficou Indio, e Gentio que com o inimigo se não metesse, e com elles o padre Manoel de Moraes seu Doutrinante, que os induzio, e persuadio accometerem tal insulto, aleivozia e traição, fazendo-se o mayor Herege, a Apostata, que tem hoje a egreja de Deus [1), sendo com isso cauza, e origem de se matar muita multidão de Homens, Mulheres, Moças, Moços, e Meninos, comendo-os, e forçando donzellas, Mulheres cazadas, e principaes exemplos da virtude, e castidade, e as que pela guardarem, e observarem, por traços escaparam das suas maons, não escaparam da fome, de que morreram, e pereceram nas incognitas matas, cauzando tantas destruiçoens, e males, que são mais [Catholico Rey e Senhor) para se sentirem chorando, que para se representarem a Vossa Magestade, e que obrigam a tanta lastima, e compaixão que até os mesmos inimigos (se nelles se póde dizer que ha) a tiveram, e se desculparam da ruim guerra, com que estes ferozes alarves tratavam os pobres, e mizeraveis christaons, tanto assim que muitos que escaparam de suas maons se valeram do amparo do proprio inimigo Olandez.

Sirva tambem senhor de exemplo o que na capi-

---

(1) O manuscripto aqui traz a seguinte nota: *Deste Apostata, que passou a ser publicamente Prègador da infame Doutrina de Luthero, trata o livro* Castrioto Luzitano *da restauração de Pernambuco no Livro 6. n. 17,*

tania do Porto seguro, e Povoação chamada Santa Cruz fizeram os ditos Indios, e Gentio, aonde mataram a mayor parte dos Moradores que na dita Capitania havia [1) e a que escapou foi necessario despovoalla, e largar fazendas, e engenhos, e hir buscar lugar aonde vivessem sem o perigo, e risco de suas vidas por não tornarem a ver, e experimentar em si proprio o espectaculo de suas filhas, irmans, parentas, e vizinhas moças donzellas, e as mais dellas quizeram antes, metendo-se pelos matos entregar-se á fereza dos animaes, e morreram martirizadas, do que largarem a castidade e virgindade, em que se conservaram.

«Sirva tambem de mor exemplo o que ha quatro annos fizeram os ditos Indios, e Gentio doutrinado pelos ditos Reverendos Padres na cidade da Bahia, quando a ella foi o rebelde Olandez: porque levando em suas Náos quantidade do dito Gentio, e sendo em terra por todo o reconcavo daquella Cidade, comeo, e poz a fogo, e sangue toda a gente, que pôde alcançar sem perdoar a homens, mulheres, moças, e meninos, arrazando, e queimando cazas, e fazendas com tão notaveis estragos, que fazendo-se queixa ao conde de Nasau da ruim guerra se desculpou em dizer que era o barbaro Gentio doutrinado pelos Reverendos Padres, e tendo lastima de tal destruição mandou enforcar a alguns Indios.

«Do Levantamento que fizeram nesta Villa de S. Paulo por ordem de hum Indio, a quem obedeciám, e

---

(1) Aqui traz o manuscripto a seguinte nota: «*Trata disto o Reverendo Doutor Gaspar Fructnozo* L. 4 Cap. 24 *em que mostra ser este infeliz successo em tempo do Donatario Pedro Campos Tourinho,*

tinham por Santo, depois de matarem toda gente, que puderam se foram á Igreja da Aldêa dos Pinheiros, onde o dito Indio se creou, e quebrando a cabeca da Imagem de Nossa Senhora, se poz a si o nome da May de Deus, e tal como este vem a ser todos os doutrinados pelos Reverendos Padres da Companhia, e assim Invicto Rey, e Senhor, este hé o fructo, que os Vassalos de Vossa Magestade tiram dos ditos Indios e gentio estarem em suas Colonias, e Aldêas, doutrinados pelos ditos Reverendos Padres.

«Do damno, e perda que daqui se segue á Real coroa de Vossa Magestade he meterem os ditos Indios, e Gentio como meterão por muitas vezes neste dito Estado inimigos, piratas, estrangeiros, contra as Leys do Reino, e Bullas de Sua Santidade, recolhendo, e favorecendo Hereges, como fizeram ao Palmelar, que levaram ao collegio do Rio de Janeiro, o qual debaixo de concertos veio carregar de páu-brazil, que os ditos Indios lhe tinham feito por ordem, e mandado dos ditos Padres: E a Guilherme de Macedo, que em hûa Náo debaixo de contractos prohibidos foi carregar a Cabo Frio; e por não poder levar todo veio a buscar o mais, do que tendo noticia as Justiças de Vossa Magestade o foram queimar, e por o dito Guilherme a não achar tomou hum Navio carregado de açucares, que era de Pantaleão Duarte... [1] e venham appare-

(1) Aqui está a falta de folhas da representação, mencionada pelo auctor. A copia publicada por Azevedo Marques contém esta mesma falta e, portanto, deve ter sido extrahida deste exemplar da representação a que se refere o auctor, não estando o documento registrado nos livros da camara.

cer (1), e acabar as suas maons, como tam melhor o dito Gentio o fará, tornando os ditos Padres a estas Capitanias; porque na occasião em que publicaram, e rataram de publicar o dito Breve a fama, que entre o dito Gentio corria, era de que eram livres, e izentos sem sugeição de servidão por estipendio, e daqui com o favor dos ditos Padres se hiam já fulminando levantamentos, e incendios, mortes, e outros insultos, e em parte executando-os, que tudo se atalhou tanto que os ditos Padres foram expulsos, e ficaram domesticos e quietos.

«E assim Rey, e Senhor, e ós ditos Padres tornarem á estas Capitanias, e em particular á esta Villa de S. Paulo, onde está o maior numero de gentio, de toda a verdade affirmamos a Vossa Magestade que estas Capitanias se acabarão, e a Christandade que nellas está dilatada; porque mais leve cauza teve o dito Gentio para se levantarem em outras partes do que lhes fica sendo esta, porque para a fazerem maior os ditos Reverendos Padres aos Indios, que encontram lá, secretamente os chamão, e abração, dizendo-lhes: «*meus filhos, andamos por amor dè vós desterrados, e fóra de nossas Cazas; porque esses màos homens, e herezes vos querem fazer captivos, o que não hade ser assim meus filhinhos.*» E com outras palavras amorozas, e de encarecimento que para hum barbaro, e para muitos, que não tem uzo pe razão, menos ha mister para fazerem mil excessos. Pelo que Vozsa Magestade não permita que os ditos Reverendos Padres voltem a perder seu Esta-

(1) No manuscripto a palavra *apparecer* esta claramente escripta, porém nota-se que foi emendada e devia ser *perecer* como copiou Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Historicos*. A palavra anterior é *venham* e não *vinham* como escreveu Azevedo Marques,

do, que depende destas Capitanias por serem mui fertis, e abundantes de todos os mantimentos, e além delles damos por alvitre a Vossa Magestade de que nestas ditas Capitanias e Sertam dellas ha muitos haveres e riquezas. Primeiramente ha os metaes de *ferro*, *cobre*, *salitre* e *calaim*, e noticia de muita *prata*, e minas de *Ouro*, que se tira em pó, *esmeraldas*, e outras riquezas, que com facilidade descobriram os moradores (1) para servir a Vossa Magestade se sirva mandar homens praticos no dito Sertão; mas hé necessario que Vossa Magestade se sirva mandar homens praticos, que saibam fazer insaios, e fundição dos ditos metaes, como tambem Fidalgo de sangue dezinteressado, e verdadeiro no serviço de Vossa Magestade, que nos governe, e assista sem mover odio, nem paixão, e amizade, como a que tem muito particular o governador Salvador Corrêa com os Reverendos Padres, e inimizade com os moradores destas capitanias em razão de patrocinar, o zelar tanto esta cauza dos Reverendos Padres, que por todos os meios lhe tem prometido, e empenhado palavra de os metter nestas ditas Capitanias, e com mais izenção o procura de novo fazer com os cargos que diz Vossa Magestade lhe fez merce que vem a ser todos os que trouxe o Governador Dom Francisco de Souza, que Deus tem, como a esta Camara nos avizou, se bem que ainda não vimos as Provizoens, e ordens Reaes de Vossa Magestade, de quem esperamos

(1) Ferro tinha sido descoberto e explorado por Affonso Sardinha havia mais de 60 annos; porém, esmeraldas e ouro só foram explorados de 1680 em diante, em Minas Geraes por Fernando Dias Paes e suiros, em 1718 em Cuyabá por Fernando Dias Falcão, Moreira Cabral, irmãos Lemes e outros, e em Goyaz, em 1725, por Bartholomeu Bueno, filho.

para melhor se conseguir seu Real Serviço lhe mando novo Successor no tocante a administração das minas, e descobrimento; porque quanto mais Vossa Magestade fomentar esta materia, e dér calor á ella com pessoa que anime os Moradores e os premêe, em nome de Vossa Magestade tanto de melhor terá o bom successo, que estamos antevendo de achar Vossa Magestade neste Estado outro Perû.

«Além do que, se póde em todo esta Repartição do Sul fazer Naos de alto bordo, e Galeons pela abundancia de madeiras, e outros comodidades com mui pouco dispendio da Real Fazenda de Vossa Magestade, vindo desse Reino enxarcia, breu e velame, se bem nestas Capitanias ss faz hoje muito bem, porque as madeiras se fazem, e descem os Indios, o Gentio; o *ferro* como fica dito hé em abundancia, e melhor do que nenhum, como se tem visto, e experimentado; os Portos aonde se façam as ditas Náos e Galeoens abundam de mantimentos; as madeiras são incorruptiveis; e as Bahias capazes para poderem sahir com todas as marés; mas para isto hé necessario encarregar Vossa Magestade desta Feitoria a pessoas de qualidade e experiencia antiga neste Estado bem, e como devem, o farião duas, que nomeamos a Vossa Magestade; huma hé Domingos da Fonseca Pinto Provedor, que até aqui foi da Fazenda de Vossa Magestade nestas Capitanias, homem pratico, e bem entendido, e grande servidor de Vossa Magestade, inteiro, e verdadeiro; e outra hé Amador Bueno de Ribeira, natural destas partes, homem rico, e poderoso bem entendido, capaz, e merecedor de todos os cargos, em que Vossa Magestade o occupar, porque nos de que foi encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação».

Falta o mais que seguia esta Representação (1), e por isso ignoro o seguimento della até a sua data, e os Officiaes Camaristas de S. Paulo, que a deram. Ella foi entregue ao Senhor Rey Dom João IV e foi posta em Consulta no Dezembargo do Paco de Lisboa, como persuade a informação, que sobre a materia deu o Conde de Castello Novo, e Marquez de Montalvão, que foi Vice Rey do Estado do Brazil, e o que mandou a Ordem aos Camaristas de S. Paulo para serem restituidos ao seu Collegio aos Padres Jezuitas, que delle tinham sido expulsos.

INFORMAÇÃO DO MARQUEZ DE MONTALVÃO

Senhor, vi, e considerei como Vossa Magestade manda a Consulta incluza do Dezembargo do Paço, e pareceo-me reprezentar a Vassa Magestade que esta Consulta se funda principalmente em duas petiçoens de partes entre si contrarias: huma do Provincial, e mais Padres da Companhia de Jezus do Estado do Brazil, de que os Moradores das Capitanias da Repartição do Sul do mesmo Estado não tiveram vista para responderem, e se defenderem do que os ditos Padres delles dizem, e outra dos Moradores, e Camaras das Villas de S. Paulo, S. Vicente, Santos, e Cidade de S. Sebastião do Rio de Jadeiro da mesma Repartição, em que se dizem couzas graves, e de muita consideração contra os mesmos Padres, de que elles tambem não houverão vista para responderem ao que contra elles se diz, e se defenderem.

---

1 Falta em Azevedo Marques tambem tudo quanto falta aqui, seguimento da representação, sua data e nomes dos vereadores que a assignaram, o que confirma que a fonte de informação era uma unica e trunçada.

«Funda-se mais a dita Consulta em Informaçoens, Certidoens, Papeis, e Documentos offerecidos por cada huma das partes contrarias, agenciados, e negociados por cada qual dellas, e como sejam partes interessadas e cada uma trate do seu comodo, utilidade, e credito pode-se considerar nellas suspeita, que he mui ordinaria em similhantes competencias.

«Funda-se finalmente nas informações dos Doutores Diogo Marchão Termude Dezembargador dos Agravos, e do Doutor João de Souza Cardinis, dos quaes o primeiro nunca foi nem esteve no Brazil, e na Informação, que dá se regeo principalmente pelas informaçoens dos Procuradores daquelias Capitanias, como da dita informação se vê claramente: O segundo que hé o Doutor João de Souza de Cardinis, ainda que esteve annos no Brazil ha muito, que de lá veio, e neste meio tempo podião as couzas ter mudança consideravel; nem estava naquellas partes ao tempo da publicação das Bullas sobre a Liberdade dos Indios, e mais inquietaçoens, e expulsão dos Padres da Companhia de suas Igrejas. E a que o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga Dezembargador do Paço, e Procurador da Coroa de Vossa Magestade dá não tem outros fundamentos que os referidos.

«Não se faz menção na dita Consulta de Informaçôo alguma, que se tomasse do Governador do Rio de Janeiro vizinho daquellas Capitanias (1), e que de mais perto soube dos ditos motins, e expulsão dos Padres da Companhia, e como pessoa publico desinteressada podia informar ao certo o que passou, e o que

---

(1) Aqui se refere sempre a duas capitanias, a de Martin Affonso e a do seu irmão Pedro Lopes, cujos herdeiros deman, daram pela posse de S. Vicente, Santos e S, Paulo.

convem ao bem comum, serviço de Deus, e de Vossa Magestade na materia, de que se trata.

«Nem tambem se falla em Informação algúa, que se tomasse do Administrador do Rio de Janeiro, que como pessoa Ecclesiastica, e Prelado de toda aquella Repartição pode, e deve informar ao certo tudo, o que nestas materias se passou; e como nella se trata de couzas que tocão ao foro da conciencia, como hé da Liberdade, ou Cativeiro dos Indios Christãos, de que elle hé Prelado das entradas, que os Moradores de S. Paulo, S. Vicente, e Santos fazem ao Sertão a buscar o Gentio, em se reprezentão tantos inconvenientes muito consideraveis no comodo, com que se fazem as ditas entradas, e da administração hé couza espiritual dos mesmos, que estando até agora encarregada pelos Senhores Reys passou aos Padres da Companhia se trata de novo de se entregar a Clerigos Seculares, em que podem haver inconvenientes; assim a razão de se não acharem naquelle Estado em numero bastante para aquelle ministerio: como em não haverem de achar tantos de vida exemplar, e aprovadas que se possa delles fiar aquelle cuidado que convem, se lhe houver de deputar renda de que se possam sustentar tantos Clerigos fazendo o Officio, que os Padres da Companhia fazem de graça sem terem, como na verdade não tem, renda algúa para sua sustentação na administração das ditas Aldeas, e vivem somente de hûa ordinaria que lhes dá o Rio de Janeiro, e não se ham de os ditos Clerigos Seculares ordenados (1), e vindos de fora

(1) Nesta oração falla o verbo infinitivo regido por «ham de», e que parece ser «conformar». O clero secular não se sujeitava a viver de esportulas e emolumentos pelo serviço que fazia, e exigia sempre ordenado fixo, que era em regra pago pela Fazenda Real.

aceitar, e hão de tirar sua sustentação do trabalho dos pobres Indios, que de ordinario são pagos com quatro varas de pano de algodão, que não basta para se sustentarem com suas familias.

« Tambem se não falla em Informação algúa que se toma-se do Governador de todo aquelle Estado, nem do Bispo da Bahia, que hé como Metropolitano de todo elle, sendo que hua, e outra pareciam mui necessarias para se tomar o assento que convem em materia de tanta importancia: E falando da administração no espitual nas ditas Aldeas tem muito que considerar o saber-se notoriamente que os Padres da Companhia ha muitos annos, que tratão de as largar pelo muito trabalho que tem da dita administração, e desgostos, que tem com os moradores, sobre a repartição dos Indios, para trabalharem em suas fazendas, e vexaçõens, que os ditos Moradores lhes fazem contra toda a razão, e justiça; e hé couza constante, que querendo os Padres largalas aos Governadores daquelle Estado Gaspar de Souza e Dom Francisco de Souza, e a mim, nunca elles, nem eu o consentindo, nem tambem os Prelados, por acharem nesta parte grandes inconvenientes, de que dei conta a Vossa Magestade; assim deste particular, como da expulsão dos Padres, de que se acharão as cartas, que escrevi, na Secretaria do Estado, de que tenho as copias em Lisboa.

« De mais de que tambem hé couza sabida que tendo muitos Religiozos de varias Religions a administração, e cura espiritual de algúas Aldeas em Pernambuco, e outras Capitanias todos a largaram por verem o trabalho, e vexações, que por respeito dellas padeciam; e tambem hé sabido, que entregando-se algúas vezes a Clerigos Seculares a cura espiritual de algumas Aldeas ellas se acabaram de tod,o e sómente prezisti-

rão as que tem a seu cargo os Padres da Companhia que pelo zello, que tem do bem espiritual dos proximos tão conhecido, cortão por semelhantes incomodidades e hé muito para ver a doutrina com que tem os Indios das Aldeas: porque em cada húa dellas beneficiam os ditos Indios as Missas em canto de Orgão, e assistem aos mais Officios Divinos, e todas as vezes, que são necessarios os Indios para o serviço de Vossa Magestade os mandam com pontualidade.

« Pelas quaes razoens parece-me sendo esta materia de tanta consideração, e em que tanto de credito, e de reputação de cada húa das ditas partes, risco da consciencia sobrea liberdade, e curativo dos Indios, serviço ou desserviço de Deus, e de Vossa Magestade na cura espiritual das Almas, alem da perda ou proveito temporal da Fazenda de Vossa Magestade, e quietação dos Moradores das ditas Capitanias, que tambem se considera: devia tomar-se Informação mais vagaroza, assim do Governador do Rio de Janeiro, que era ao tempo dos motins, e publicação das Bullas do Papa Urbano VIII, e do que de prezente as governa, como tambem do administrador Eccleziastico das ditas Capitanias; e outrosim do Governador Geral de todo o Estado, e do Bispo da Bahia, mandando-se as ditas Petiçoens, de que devem haver vista as partes, com as mais informaçoens, e Documentos a custa de cada huma das partes aos sobreditos, esperando resposta sua para se poder tomar assento em materia tão grave, sem que haja falta e perigos de dezacertar no que convem.

« Entretanto poderia ordenar-se, que as Aldeas estejam no Estado, em que hoje estam; de modo, que as que são de Vossa Magestade, e não são de prezente administradas pelos Padres da Companhia, se deixem assim estar athé se tomar assento: E que os Padres

da Companhia da Villa de S. Paulo, que são (1). . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

« Eu El Rey faço saber aos que este Meu Alvará virem que tendo respeito ao que me reprezentou o Governador Geral de todo o Estado do Brazil, Governador e Officiaes da Camara do Rio de Janeiro, e os das Villas de S. Paulo, S. Vicente, Conceição, e Parnahyba á cerca da expulsão dos Religiozos da Companhia de Jesus: Hey por bem de conceder aos Moradores de S. Paulo Perdão Geral de todas, e quaesquer culpas, que tiverem cometido, ainda que tenham partes, reservando-lhe o direito para demandar em o Civel, e damnos, com declaração que o perdão que lhes concedo não hade ter effeito senão depois de restituidos os Padres da Companhia, pois com esta tenção lhes mondo perdoar. e não de outra maneira; e este se cumprirá tão interamente como nelle se contem, sem duvida nem contradição algúa, e valerá como carta sem embargo

---

(1) Aqui faltam folhas no manuscripto nas quaes deviam estar o final deste parecer, as consultas feitas ao Governador e Administrador do Rio de Janeiro, ao Governador Geral do Brazil e Bispo da Bahia e a narrativa dos acontecimentos até o anno de 1647. O parecer acima transcripto, apezar de truncado, é favoravel á causa dos Jesuitas, e em consequencia mandou o rei João IV que os padres expulsos voltassem ao seu collegio, sendo esta ordem de 3 de Outubro de 1643, Porem, a opposição a essa volta dos padres do companhia de Jesus continuou ainda por muitos annos e deu logar ao Alvará que segue, de 7 de Outubro de 1647, perdoando aos paulistas a culpa em que tinham incorrido pela expulsão daquelles padres e reiteirando a ordem para que os mesmos voltassem ao seu collegio.

da Ord. do Liv. 2º. t.º em contrario. Pascoal de Azevedo a fez em Lisboa aos sete de Outubro de mil setecentos quarenta e sete. —REY »

Reconhecida, e respeitada a Real Grandeza de Sua Magestade pelo Perdão Geral, e o seu Real Agrado de serem restituidos os Padres Jesuitas se constituiram em Protectores dos mesmos Padres os dous Paulistas ricos e poderozos, e geralmente respeitados, Fernando Dias Paes Leme, e João Pires (1), que ambos faziam grande roda de parentes da primeira Nobreza da Capitania, e tomaram assi a difficultuoza empreza de fazer capacitar ao Povo de S Paulo que deviam esquecer-se das offensas recebidas do ardor dos Padre Jezuitas. Nestas disposiçoens se foi consumindo o tempo e correndo a causa na Côrte até o anno de 1653, em que teve effeito a pretendida restituição.

Estes dous Paulistas Protectores da Sociedade denominada de Jezus escreveram Cartas, chamando do Rio de Janeiro ao Doutor Ouvidor Geral daquella cidade, e Repartição do Sul João Velho de Azevedo, o qual posto em S. Paulo, e disposta a materia da recepção dos Jeznitas foi ao Senado da Camara no dia 12 de Mayo de 1653, estando prezentes os Juizes Ordinarios Domingos Rodrigues de Mesquita e Domingos

1 Eram com cunhados e genros de outro notavel paulista Garcia Rodrigues Velho. Fernando Dias Paes foi o descobridor das *esmeraldas*, em Minas Geraes e tem numeroza descendencia em S. Prulo e Minas. João Pires era o pae do *Pae da Patria*; foi cidadão muito illustre e sustentou por annos a famosa guerra-civel dos *Pires e Camargos*; deixou numerosa e illustre descendencia, que ainda hoje faz figura em S. Paulo. Fernando Dias Paes está sepultado na Egreja de S. Bento, e João Pires, sepultado na Egreja do Collegio, teve ha pouco seus ossos removidos para a crypta da Sé. Ambos foram protecsores dos jesuitas perseguidos pelos Camargos.

Garcia Velho, os Vereadores Calixto da Motta, Francisco Cubas, e Gaspar Corrêa, e Procurador do Concelho Sebastião Martins Pereira, e entre todos assentaram que os Jezuitas fossem aceitos nesta Capitania, e seus Collegios, se o Provincial aceitasse tambem as condições seguintes (1):

I

«Que por via de transacção, e amigavel composição farão o Reverendo Padre Reitor, e mais Religiozos, com o muito Reverendo Padre Provincial dezistencia de todas as queixas, acçoens e dilaçoens principalmente da Sentença appellada que sobre o interdicto se alcançou, e nunca em nenhum tempo innovarão couza algûa contra a dita Sentença.

II

«Que não hão de pedir perdas nem damnos, gastos nem despezas algûas feitas athé o prezente por cauza da dita chamada expulsão, e que hão de dar de todo o sobredito aos Moradores por dezobrigados, com declaração de que se algum Morador lhe tiver alguma couza movel, ou de raiz, que pertença a elles ditos Religiozos, que contra esses occupadores de couzas suas em particular poderão requerer de seu direito, e justiça como lhes parecer, e qne o mesmo direito lhe ficará para requererem contra seus Procuradores para lhes pagarem, e restituirem tudo, o em que, como taes lhe forem obrigados.

(1) Comquanto este documento esteja registrado no livro de actas da Camara Municipal de S. Paulo, á folha 58, correspondente ao anno de 1653, não é conhecido dos estudantes da historia colonial da capitania. Serviu de base a um outro accordo que vai adiante transcripto.

III

«Que não recolherão nem ampararão os Indios que fugirem aos Moradores, nem os consentirão em seus Mosteiros, e Fazendas.

IV

«Que dezistirão e não serão nunca partes na execução, nem publicação do Breve de Sua Santidade, que dizem tem sobre a liberdade do Gentio; cemo tambem no substancial delle, de que tudo se farão Escripturas publicas assignadas pelo dito Muito Reverendo Padre Provincial, Reitor, e mais Religiozos, como tambem se obrigarão a mandar vir todas as condiçoens declaradas nestes Capitulos, e tambem assignadas pelo seu Geral de Roma, e confirmadas por Sua Magestade El Rey Nosso Senhor Dom João IV, que Deus Guarde, em conveniente tempo.

V

«Que os Contractos, Escripturas, que se fizerem sobre esta materia hão de ser com taes clauzulas, e condiçoens, que a todo o tempo fiquem obrigados os successores do dito Padre Provincial, e Reitor, e os Prelados seus Superiores, e todos os Reverendos seus Predecessores, e Vindouros.

VI

«Que os moradores voluntariamente por sua devoção os ajudarão a concertar e reformar seu Collegio, conforme a devoção de cada hû fazer o que quizer sem deste Offerecimento nascer obrigação, e a mesma ajuda lhes promettem cazo queiram mudar seu Collegio para ourto sitio.

«E feitas as ditas Condiçoens assentaram os acima nomeados que se tirasse hum traslado autentico para se entregar ao Reverendo Padre Vigario desta Villa Domingos Gomes Albernaz, e ao Capitão Francisco Rodrigues da Guerra para com dito traslado se fazerem as Escripturas com o Muito Reverendo Padre Provincial, e mais Religiozos da Companhia de Jezus na fórma da Procuração, que outrosim assentarão se fizesse aos sobreditos Procuradores; e para que a todo o tempo constasse este Termo, e Assento, o mandaram fazer neste Livro, que todos assignaram com o dito Ouvidor Geral. Eu Manoel Souro Ramires Escrivão da Camara o escrevi. —*João Velho de Azevedo —Domingos Rodrigues de Mesquita —Domingos Garcia Velho —Calirto da Mota —Francisco Cubas—Gaspar Correa—Sebastião Martins Pereira.*»

Ajuntaramsse na Camara Capital de S. Vicente os Procuradores das Villas de São Paulo, e Parnahyba o Padre Domingos Gomes Albernaz, e o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra (1). Eesta Assembléa se tomou o Assento do theor seguinte (2):

«Escriptura de transacção e amigavel composição celebrada na Villa de São Vicente em Camara della aos 14 de Mayo de 1653, estando juntos os Officiaes da Camara della, o Juiz Ordinario Pascoal Leite de

---

(1) Este capitão era sogro de Domingos de Brito Peixoto e de ambos descendem familias illustres como a do marechal Arouche, os Gavião Peixoto e Rego Freitas.

(2) Antes deste accordo houve um outro que Azevedo Marques publicou, lavrado em S. Vicente em sessão da camara de 1 de Junho de 1652 e a que o presente manuscripto não allude. A escriptura que segue tambem foi publicada por Azevedo Marques, no artigo sobre jesuitrs.

Medeiros, e os Vereadores Gonçalo Ribeiro Tinoco, Domingos de Meira, e João Homem da Costa, e o Procurador do Concelho Thomé de Torres de Faria, e as pessoas da Governança da Terra e Capitão Lourenço Cardozo de Negreiros, Manoel Lopes de Moura, o Capitão Pedro Gonçalves Meira, e outras muito abaixo assignadas, e bem assim o Padre Francisco Gonçalves da Companhia de Jezus Provincial do Brazil, o Padre Gonçalo de Albuquerque Reitor de Santos, o Padre Francisco Paes Reitor de S. Paulo, e o Padre Francisco Madeira companheiro do Provincial: Por parte da Camara de S. Paulo o Vigario da Igreja Vizitador do Sul, e o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra, ambos Procuradores bastantes dos Moradores, e Camara de S. Paulo para effeito de serem os Padres restituidos aos seus Collegios, se acordou da maneira seguinte: «Primeiramente disse o Padre Provincial, e mais Religiozos já nomeados, que elles promettião dezistir. e de effeito dezistião por via de transacção, e amigavel composição de hoje para todo o sempre de todas as queixas, acçoens, e appellaçoens, especialmente da sentença appellada que sobre o interdito alcançar, e prometiam que nunca em nenhum tempo proseguirião nem innovarião couza alguma sobre a dita sentença; antes disse o Reverendo Padre Provincial que desde logo dava plenaria absolvição pelos poderes, que para isso tinha á todas, e quasquer pessoas, que por qualquer via, ou modo houvessem incorrido em algúas censuras, ou censura de qualquer qualidade, ou condição, que fosse, ou haja sido; e outrosim disse o dito Reverendo Padre Provincial, e mais Religiozos. que desistiam de todo o direito, que tinham, ou podiam ter sobre as perdas e dannos, ou injuria, que por qualquer via se lhes houvesse seguido na chamada expulsão para em nenhú

tempo as alegar, ou pedir para que tudo fique em perpetuo silencio, e conservação da paz, e concordia, que pretendem ter, com declaração que se algum morador da dita Villa, ou qualquer outra pessoa tiver algua couza sua, assim movel como de raiz, que pertença a elles ditos Padres, ou a seu Collegio, que contra esses occupadores, e suas couzas poderam em particular requerer seu direito, e justiça, como lhes parecer, e que o mesmo direito lhes ficará para poder requerer contra seus Procuradores para lhes darem conta de suas fazendas, e lhes pagarem, e restituirem tudo, o como taes lhes forem obrigados».

« Outrosim que não recolheriam nem amparariam em suas cazas, ou fazendas os Indios, ou Indias, serviços dos Moradores, nem os consentiriam em suas fazendas, e Mosteiros, antes os entregarão aos seus donos com boas praticas para que os sirvam.

«Outrosim disseram mais o dito Padre, e mais Religiozos, que dezistiam, e não seriam nunca partes na execução do Breve, que dizem ter de Sua Santidade sobre a liberdade do Gentio, como tambem no substanciãl delle.

« Outrosim disseram os Procuradores da dita Villa de S. Paulo e Camara acima nomeado, que elles em nome dos seus Constituintes prometiam de dar aos ditos Padres ajuda que cada um podesse voluntariamente, conforme a sua devocão para reformação do dito em seu Collegio antigo ; e em cazo que o queiram mudar para outro sitio lhe prometem a mesma ajuda sem que desta promessa e offerecimento nasça abrigação algua».

« Outrosim prometeo, e se obrigou o dito Padre Provincial e mais Religiozos a mandar vir em tempo breve e conveniente todos estes concertos, e condições acima declaradas assignadas, e confirmadas por Sua Ma-

gestade, que Deus guarde, e pelo Muito Reverendo Padre Geral, que assiste em Roma para que assim fiquem os successores do dito Padre Provincial, e mais prelados, que ora são, e adiante forem, obrigados a guardar todas estas condições, não innovando couza alguma, como delle se deve confiar.

«E por assi todos serem contentes disserão que aceitavão huns, e outros, os ditos concertos, e promessas, e conveniencias, e para mais segurança, e cumprimento de tudo o acima, e atraz escripto disseram que obrigavam suas pessoas, bens moveis, e de raiz, havidos, e por haver para nunca irem contra estes concertos e por theor desta disseram que haviam por revogados todos, e quaesquer Autos de concertos, e composições, e Propostas que antes desta hajam feito, e só esta querem que se cumpra, tenha força e vigor.

E disseram mais o dito Padre Provicaial, e mais Religiozos, que se nestes concertos, e amigavel composição faltasse algum ponto de Direito, Clauzula, ou Solennidade algúa por declarar as haviam aqui todos por postas, expressas e declaradas, do que de tudo mandaram fazer esta Escriptura neste Livro de Regtstro desta Camara, e que della dessem os Traslados, que cumprissem onde todos assignaram com as testemúnhas Domingos Ferreira Jardim, Gaspar Gonçalves Maira, João Nogueira, e Henrique Matozo, todos Moradores nesta Villa, e pessoas de mim Escrivão da Camara reconhecidas; e eu Antonio Madeira Salvadores Escrivão da Camara que o eserevi. O Padre Francisco Gonçalves Provincial.—O Padre Domingos Gomes Albernas—Francisco Rodrigues da Guerra.—O Padre Francisco Paes Reitor do Collegio de S. Paulo.—O Padre Gonçalo de Albuquerque Reitor do Collegio de S. Miguel.—O Padre Francisco Madeira.—Gonçalo

Ribeiro Tinoco.—Pascoal Leite.—Domingos de Meira. —João Homem da Costa.—O Capitão Pedro Goncalves Meira.—O Capitão-mór Bento Ferrão Castello Branco. —Lourenço Cardoso de Negreiros.—Manoel Lopes de Moura.—Gaspar Gonçalves Meira.—Henrique Matozo. —Domingos Ferreira Jardim.—João Nogueira.»

Restituidos por este modo os Padres Jesuitas ao seu Collegio de S. Paulo foram ajudados dos Nobres Cidadaons e principaes Moradores. O Senhor Rey Dom João IV se deu por muito satisfeito desta acceitação, e o fez saber assim por Carta firmada pelo seu Real Punho do theor seguinte (1):

« Juizes, Vereadores, e mais Officiaes da Camara da Villa de S. Paulo. Eu El Rey vos envio muito saudar. Pela Provisão que com esta vos mando remeter entendereis como fui servido de aprovar os procedimentos, que o Licenciado João Velho de Azevedo Ouvidor da Capitania do Rio de Janeiro teve na Correiçao, com que foi á essaVilla, e á Capitania de São Vicente, e rezoluçoens que tomou por tudo ser conforme á Justiça, e bom governo, e muito de serviço de Deos, e Meu, e de annullar o que em contrario teve depois José Ortiz de Camargo (2) enviado pelo Conde de Castello Melhor; sendo Governador desse Estado: pelo que vos encomendo e encarrego muito, e Mando que em tudo cumpraes, e guardeis, e façaes dar a sua devida execução a dita Provisão tão inteira e pontualmente, como de vós confio, certos que fico com particular Lembrança do serviço, que me fizeste na aceitação dos Religiozos

(1) Livro de *Registros* da camara municipal de S. Paulo n. 4 pag. 24.

(2) Livro de *Registros* da camara municipal de S. Paulo, n. 4, pag. 75.

da Companhia, e bom termo com que vos houvestes com o Ouvidor, e pessoas que o acomparam para folgar de vos fazer, e a essa Camara o favor, e mercê que houver lugar. Escripta, em Lisboa a 11 de Dezembro do 1654.—*Rey.*»

De tal sorte favorecerão os Paulistas aos Padres Jesuitas, portando-se elles afaveies, benignos, e obzequiozos, que vindo de vizita o Provincial Padre Pestre Simão de Vasconcellos achou tanto que agradecer a Nobreza de S. Paulo, que as suas acções representou-as ao seu Reverendissimo Preposito Geral Jeronimo Richrt. Este escreveo aos Officiaes da Camara os seus agradecimentos em Carta do theor seguinte;

« Senhor Juiz, e Vereadores.—A noticia, que tive por carta do Padre Provincial Simão de Vasconcellos (1) da muita graça, amor, e benevolencia, que os padres desse Collegio experimentão cada dia desse Nobre Senado em geral, em cada hum dos seus senhores, que nelle assistem em particular, me obriga a escrever esta para dar a Vosoas Mercês as dividas graças, e certificar, que viverão sempre em nossa memoria os beneficios recebidos, e a lembrança dos bemfeitores deante do Divino Acatamento, pedindo ao Senhor que recompense sua Liberal Mão, o que da nossa parte não hé possivel satisfazer.

« Tambem me chegou a noticia que por cauza das couzas passadas havia algua desconfiança dos nossos Religiozos nessa Villa, e que receavamos dos senhores Moradores della que intentassemos restituição de perdas e damnos, pelo que me parece assegurar a Vossas Mercês que estejão fora de cuidado nesta parte confor-

(1) Escriptor notavel e auctor das *Chronicas da Companhia e Jesus.*

me o Acordão feito pelo Padre Provincial Francisco Gonçalves de tomarmos a essa Villa para servir a Deos, e a Vossas Merces, segundo as Leys, do nosso Instituto, e não por interesses temporaes que encontram a justiça, e caridade. Guarde o Senhor a Vossas Merces por largos annos. Roma 26 de Outubro de 1658. Servo de Vossas Mercês, Jeronimo Richrt.»

Esta foi a expulsão, e restituição dos Padres Jesuitas de S. Paulo, cujos os movimentos, e cauza delles não anda ainda em corpo algum de Historia. Eu aqui a tenho relatado com pureza, e verdade, pelos Documentos que produzi, os quaes me deram a instrucção para conhecimento do que aconteeeo para serem os Jesuitas lançados da Capitania de São Vicente e São Paulo.

E suposto que depois de restituidos á mesma Capitania foram estimados, e favorecidos de sorte que estes beneficios chegaram a occupar a Real Lembrança do Senhor Rey Dom João IV, e muitos annos depois o agradecimento do Padre Prepozito Geral; o tempo, porem, que costuma alterar a ordem das couzas, e consumir aquellas imagens do fiel reconhecimento, fez com que os mesmos Jezuitas com occulta sagacidade tornassem a produzir nova cauza para novas desconfianças nos Moradores de S. Paulo, de tal sorte que sahindo de socorro a conquistar os barbaros Indios que hiam destruindo as Villas de Camamú, Bolpeva, e Canivú do Reconcavo da Bahia, em tempo Governador Geral do Estado Alexandre de Souza Freire no anno de 1670, entre as propozições que o Paulista Estevam Ribeiro Baiam Parente (1), Governador das Ar-

(1) Era fidalgo de alta linhagem e foi pae do valente sertanejo João Amaro Maciel Parente e de Bento Maciel Parente governador do Maranhão; foi á Bahia e fez grande destroço nos Indios do Reconcavo e do interior, fazendo milhares de prisioneiros que trouxe para serem repartidos por seus compa-

mas deste socorro, representou ao dito Governador Geral foi: «Que os Padres da Companhia não teriam ju-«risdição neste Gentio por serem os ditos Padres a cau-«za de todos os homizios como a experiencia tinha «mostrado.»

E parece que esta cautela não foi fanatismo do Governador Baiam porquanto já neste tempo tornavam os Jesuitas a ir tirando a mascara, com que de antes encobriam a dominante paixão que tinham de possuir o dominio espiritual e temporal dos Indios do Brazil como reconheci da resposta que os Officiaes da Camara de S, Paulo deram ao Serenissimo Senhor Dom Pedro I. Principe Regente do Reino de Portugal pelo theor seguinte:

«Senhor.—Recebemos húa Carta assignada pela Real Mão de Vossa Alteza, na qual hé Vossa Alteza servido mandar-nos que demos informação do Estado das quatro Aldeas que Vossa Alteza tem nesta Villa; Que Indios tem: Quem os administra, e por que Ordem. Tudo humildemente informamos a Vossa Alteza (1).

«Em primeiro lugar, Senhor, são quatro Aldeas; A de *Marueri* governada e administrada por Manoel Rodrigues Arzão, a de Nossa Senhora dos Pinheiros por Pascoal Rodrigues da Costa; a de S. Miguel por Antonio Ribeiro Baiam, a de Nossa Senhora da Con-

---

nheiros. Morrendo na Bahia, o seu filho, João Amaro, continuou a sua obra, devastou aquelles sertões e se tornou proprietario de vastas fazendas que lhe foram dadas em recompensa dos seus serviços. Deixou enorme descendencia, que lhe faz honra até hoje.

(1) Livro de *Registros* da camara de S. Paulo n. 5, pag. 138.

ceição por Pedro Taques de Almeida (1), e todos tem Provizão do Governador deste Estado, e com tanto zelo quanto se póde esperar de tão bons Vassalos, como Vossa Alteza nelles tem, pelo que os julgamos merecedores da honra, e mercê que Vossa Alteza for servido fazer-lhes, tanto assim que os Padres da Companhia tem tido notaveis combates sobre os muitos Indios que os ditos Padres tem em suas fazendas, porque os ditos Padres não querem que o Gentio deste Brazil (unico remedio dos Vassalos de Vossa Alteza) sejam obrigados, nem tão pouco sejam de Vossa Alteza, senão que absolutamente sirvam a elles Padres, o que hé muito em prejuizo desta Capitania.

«Na administracão dos Sacramentos não se lhes pode dar Capellão, porque não ha com que se pague, suposto que huma destas Aldêas por ser curada sempre tem Capellão, e as outras se remedeiam por estarem perto desta Villa, não faltando em seus Capellães o cuidado do bem espiritual, e não, Senhor, pelo cuidado dos Padres da Companhia, porque o seu desvello hê somente ver se podem uzurpar á Real Coroa estes poucos Indios que ha, sendo que elles tem o melhor de setecentos dos seus domesticos, e mal podem acudir os tres Sacerdotes que ha neste Collegio aos de fora. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Aqui termina o precioso manuscripto, não porque finalisasse a historia; mas porque faltam-lhe as ultimas paginas. Quem quer seja o seu auctor, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Pedro de Moraes Madureira ou algum desconhecido, prestou elle um relevante serviço ás lettras brazileiras e eu, das columnas do *Diario Popular*, em nome dos amantes do estudo da historia paulista, rendo á sua memoria a justa homenagem a que tem direito pelo importante legado que nos deixou.

A. de Toledo Piza.

Trabalho apresentado e lido pelo socio snr. Dr. Antonio de Toledo Piza na sessão de 30 de Abril de 1898.

O manuscripto, que hoje apresento ao Instituto Historico de S. Paulo, foi, com muitos outros, por mim encontrado entre os papeis velhos deixados pelo fallecido tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e tem o seguinte titulo:

Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil

E' bastante antigo, como se reconhece pelo seu estado de conservação, ou antes de estrago, e pela lettra que é do typo usado no seculo passado. Não é, entretanto, original, mas sim copia de um outro que ou não chegou aos nossos dias ou está por ahi algures escondido em algum archivo para mim desconhecido. Julgo dever estabelecer sobre elle algumas hypotheses que me parecem provaveis e que devem facilitar a descoberta da verdade.

Quando, ha cerca de tres mezes, eu apresentei ao Instituto o manuscripto relativo á expulsão dos jesuitas de S. Paulo em 1640, tive occazião de dizer, que, esse documento, de summo valor historico apesar de trun-

cado, era a obra de Pedro de Moraes Madureira, citada por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que della fez grande uso quando escreveu a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas.*

O chronista Pedro Taques confessa que o manuscripto de Pedro de Moraes Madureira serviu de base para aquella sua *Historia* e quando não confessasse provaria este facto o perfeito parallelismo que se observa entre o manuscripto de Pedro de Moraes Madureire e a obra de Pedro Taques. Seguem ambos na mesma ordem os factos, transcrevem os mesmos documentos e algumas vezes uzam da mesmissima linguagem.

Entendo que o manuscripto de Pedro de Moraes Madureira tem sobre a obra de Pedro Taques a vantagem de ter o auctor sido testemunha secular dos acontecimentos que relatou e de ter nos documentos que transcreveu conservado os nomes dos signatarios omitidos por Pedro Taques por conveniencia de brevidade.

O presente manuscripto, conforme verifiquei, tem extraordinaria similhança com a *Chronica da Companhia de Jesus*, do padre Simão de Vasconcellos. Como se explica isto ?

Não é provavel que este manuscripto seja um resumo da obra de Simão de Vasconcellos porque esta não é tão extensa, nem de natureza tal que justificasse a necessidade de alguem fazer della um resumo para seu uso particular. Pelo contrario, me parece que foi Simão de Vasconcellos quem, apanhando o original deste manuscripto, se serviu delle como auctoridade e fonte de informações para a execução da sua obra; foi a *these* que serviu de base para a *dissertação* do padre Simão de Vasconcellos.

O auctor do manuscripto, quem quer que seja, devia ter sido membro regular da egreja catholica; parece muito ter sido um jesuita pela admiração que tributa a Anchieta e pelo numero de milagres que refere no seu resumido escripto, e é contemporaneo dos ultimos acontecimentos que descreve, visto que os narra de modo a dar a entender que são recentes.

As cidades da Bahia, no Brazil, e de Evora, em Portugal, parecem ter sido naquelle tempo os centros intellectuaes da Sociedade de Jesus nos dominios portuguezes e por isso nestas duas cidades os archivos daquella ordem religiosa eram muito ricos em documentos historicos e geographicos.

O historiador escreve em Portugal e não no Brazil e, portanto, lá deve estar o manuscripto original. Simão de Vasconcellos era membro da mesma sociedade, tinha accesso nos seus archivos e se aproveitou dos documentos nelles encontrados para escrever a sua *Chronica da Companhia de Jesus*. Porem, menos leal do que Pedro Taques, não citou este manuscripto, nem outros documentos que lhe serviram de ponto de informação; entretanto, usou e abusou deste manuscripto de tal modo que em muitos pontos o copiou *ipsis verbis*. Fez mais ainda, porque terminou a sua *Chronica da Companhhia de Jesus* exactamente quando terminou o manuscripto, isto é, nos primeiros annos do reinado effectivo de D. Sebastião.

Como veiu esta copia parar nas mãos do general Arouche?

Supponho que veiu exactamente como vieram parar nas mãos do mesmo general diversas obras ineditas de Pedro Taques e muitos manuscriptos redigidos por differentes pessoas dos seculos passados.

Pedro Taques esteve em Portugal por mais de

uma vez, estudando a historia do Brazil, revolvendo os archivos e copiando documentos, e bem podia ter extrahido esta copia, que mais tarde passou, com outros escriptos seus, para poder do general Arouche.

O proprio general Arouche e seu irmão Diogo de Toledo Lara Ordonhes, como estudantes em Coimbra e homens intelligentes e patriotas que eram, podiam ter obtido esta copia para o seu uso pessoal, sem nunca dal-a á publicidade. Conservada pelos seus herdeiros passou ella para as minhas mãos e eu faço della presente ao Instituto.

Não me arrisco a affirmar de modo positivo quem seja o seu auctor porque faltam-me elementos para um juizo seguro e mesmo provavel. Consultas que a respeito fiz ao Instituto Historico Brazileiro e á Bibliotheca Nacional ficaram sem resposta, como sem resposta tinham ficado iguaes consultas que fiz sobre o manuscripto relativo a expulsão dos jesuitas, cuja auctoria attribui a Pedro de Moraes Madureira. O Barão Homem de Mello, com quem conversei a respeito, entende que o manuscripto original pode ser obra de Pedro Magalhães Gandavo, chronista dos primeiros tempos coloniaes; entendo, porem, que esta opinião é erronea pela seguinte razão:

Gandavo escreveu uma *Historia da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente chamamos Brazil.* O titulo, como se vê, é quasi identico com o do manuscripto; porem, no texto Gandavo se limitou quasi que exclusivamente a parte discriptiva e passou muito por alto pela parte narrativa. A sua obra é de pequenissima proporção e nella cabia um muito maior desenvolvimento historico sem avolumal-a de modo inconveniente. Pelo contrario, se a parte narrativa dos acontecimentos tivesse um desenvolvimento que guardasse certa

relação com a parte descriptiva do paiz, a obra ficaria mais completa, mais proporcionada e seria mais util aos leitores ; entretanto, o manuscripto por si só não poderia constituir um todo que figurasse independentemente de qualquer acrescimo. Si ambos fossem obras de Gandavo deviam estar juntos ou o auctor naturalmente em um se refereria ao outro como obras que se completam. Demais o estylo é muito diverso, e si o estylo é o homem, o auctor dos *Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmnte se chama Brazil* é muito diverso do auctor da *Historia da Provincia de Santa-Cruz, que vulgarmente chamamos Brazil.*

Com a exclusão de Gandavo e de Simão de Vasconcellos, sinto-me inclinado a dar o presente monuscripto como obra do jesuita Pedro Rodrigues, que viajou pelo Brazil, era contemporaneo dos acontecimentos relatados e deixou varias obras que só agora estão sendo publicadas.

S. Paulo, abril 20 de 1898.

A. de Toledo Piza.

Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil

As couzas da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil, nome impropriamente posto por cauza do páo vermelho que aqui se cria, tão invejado de todas as nações, estavam ainda neste tempo muito tenras.

Tinha sido esta nova Luzitania descoberta pelo segundo descobridor da India Pedro Alvares Cabral no anno de 1500; foi depois costeada e seus portos foram descobertos particularmente por Gonçalo Coelho e Christovão Jaques no principio do reinado de D. João III, o qual a deu á alguns dos seus vassalos para que a povoassem, como fizeram com muito trabalho pelos annos de 1535; mas porque a Bahia de Todos os Santos era o principal porto deste novo Estado e nelle não pôde tomar pé seguro o 1.º povoador Francisco Pereira Coitinho, por cauza da ferocidade dos naturaes da terra

que, emfim, passado algum tempo o vieram destruir de todo, e mandou El-Rei D. João povoar, e fundar ali uma cidade por sua conta, no anno de 1549, pelo 1.º Governador deste Estado Thomé de Souza, e constituiu cabeça delle para residencia dos Governadores e Bispos do dito Estado.

Mas no tempo em que succedeu na corôa de Portugal El-Rei D. Sebastião ainda estava tudo mui tenro. Aspiravam muito os Francezes a posse desta nova terra, que lhe não pertencia por nenhuma via, assim por ser descobrimento e conquista propria nossa, como pela desistencia que tinham feito os seus Reis quando pelo Papa foram convidados para a repartição de novos descobrimentos de terras, e assim foram algumas vezes contractar ali com os naturaes da terra, sendo sempre rechassados e expulsos pelos nossos; e ultimamente foram fazer assento na enseada do Rio de Janeiro, e a resolução de vir á aquelle porto foi esta:

Tiveram noticia os Francezes em suas terras de como as gentes dos Tamoyos, naturaes daquellas paragens, muita em numero, e guerreira, depois de haver estado em amizade com os Portuguezes, guardando-lhes a fé promettida por algum tempo, vieram comtudo a quebral-a, irritados de aggravos que diziam ter recebido delles, e que de amigos estavam feitos seus contrarios por cauza da ambição dos nossos, que, emfim, quanto ganham por seu valor vem a descreditar e perder por cauza della; e como era o sitio do Rio tão accommodado para tirar grandes proveitos das drogas principaes do Brazil, e, especialmente do páo vermelho, por que tanto suspiram os Estrangeiros, sendo por outra parte a pouca ou neuhuma resistencia que podia haver na entrada, pois nem estava presidiada, nem nella havia Portuguez algum que a defendesse.

Com esta certeza se animou um Nicoláo Villegaillon, nobre Francez, cavalleiro da ordem militar de S. João, a fabricar uma armada de soldados e vir occupar inopinadamente à dita enseada, como com effeito fez, sem haver alguem que lhe resistisse; e quando o nosso Rei começou a reinar tinha assentado liga com os naturaes da terra, e com palavras brandas e dadivas liberaes se tinham feito senhor dos seus corações, e estavam unidos em um corpo contra os Portuguezes, e de mão commum se haviam fortificado, dando bem cuidado com a sua visinhança á nossa capitania de S. Vicente; mas, emfim foram destruidos os seus designios, como adeante se verá.

Os padres da Companhia de Jesus, que tinham passado a conquista espiritual daquelle novo Mundo com o 1.º Governador delle, indo por superior de todos o Padre Manoel da Nobrega, Portuguez, andavam neste tempo espalhados por todas as novas povoações, accudindo ao remedio das almas de todos, assim naturaes da terra como Portuguezes, cathechisando, baptisando e reduzindo aquelles a viverem politicamente congregados em povoações, porque habitavam nas mattas como feras, e doutrinando a todos geralmente, porém achavam-se muito desgostados com o retorcimento dos povos *Temiminos*, a quem a cobica de alguns Portuguezes fez desertar outra vez para os seus antigos escondrijos; mas ainda lá os não desamparava a caridade daquelles santos religiosos.

Quando El-Rei D. João falleceu era governador desta Provincia o segundo que ella teve D. Duarte da Costa, e dizem que deixou nomeado para terceiro a Mem de Sá, mas não tomou posse do governo senão passado um anno, da Rainha D. Catharina, no anno de 1558. Era Mem de Sá homem de grande coração,

zelo e prudencia, acompanhados de lettras e experiencia em paz e guerra; levava por seu regimento que procurasse em seu Governo, por todos os meios possiveis, trazer á fé de Christo os indios daquella Provincia, e porque estes intentos tivessem melhor effeito sendo manifestado á El-Rei o animo pio do Governador, e que na Provisão do seu cargo lhe dava a entender que havia de governar muitos annos, dizendo nella que serviria além dos 3 annos ordinarios o mais tempo que El-Rei fosse servido, e deu tão boa conta de si que governou 14 annos.

A primeira couza que fez este bom Capitão tanto que desembarcou foi recolher-se em um cubiculo dos padres da Companhia e tomou ali por oito dias os exercicios espirituaes de Santo Ignacio por instrucção do Padre Mano l da Nobrega, consultando com Deus e com o dito padre os meios mais suaves com que poderia conseguir o intento de El-Rei e o seu, que era o maior bem do Estado e conversão daquella gentilidade e para todas as acções que depois obrou ficou daqui animadissimo, começando em primeiro logar por sua pessoa com vida exemplar, que uniformemente observou até a sua morte.

Resava officio divino todos os dias e em todos infallivelmente ouvia missa ante manhã, confessava-se e commungava todos os sabbados, assistia aos sermões e dava pias advertencias aos pregadores, era affavel para todos e tão inclinado á virtude que desejava ser um dos obreiros da Companhia de Jezus, e para se não empregar todo na conversão da gentilidade, mas com os poderes do seu cargo obrar mais que isso.

A primeira cousa a que attendeu foi o negocio dos indios; soube que estes tinham, do tempo dos zeus antecessores, assentado pazes com os Portuguezes e que

não obstante ellas viviam sem moderação nos ritos do seu gentilismo, matando e comendo seus contrarios e vivendo á modo de feras, espalhados pelas brenhas e fazendo guerra uns aos outros segundo o dictame de seu appetite, somente com prejuizo grande dos que já tinham abraçado a fé e de toda a Republica. Consultou os meios dos remedios e resolveu que era necessario pôr freio áquellas demasias com leis efficazes, e mandou promulgar as seguintes, sob graves penas:

A primeira que nenhum dos nossos confederados ousassem dali em diante comer carne humana; a segunda que não fizessem guerra senão com causa justa, aprovada por elle e os do seu conselho; a terceira que se ajuntassem em povoações grandes em forma de Republica, levantassem nellas igrejas a que accudissem os que eram já christãos a cumprir com as obrigações do seu estado e os catechumenos a doutrina da fé, fazendo casas aos padres da Companhia de Jezus para que residissem entre elles afim da instrucção dos que quizessem converter-se.

Promulgadas estas leis, como o Demonio ia perder tanto nellas, promoveu grandes murmurações entre o vulgo, dizendo que melhor era que se matassem e comessem uns aos outros porque assim diminuiam as suas forças contra nós, e que o contrario era conjunctarem-se em povoações; e que obrigal-os a fazer igrejas e casas aos padres era violentar a liberdade daquellas gentes, desgostal-as, e mettel-as em ira contra os nossos, poucos e mal seguros, sendo elles tantos. E todas estas queixas descarregavam sobre o Padre Nobrega como director das taes ordenações. Accudiu elle dizendo que os Governadores passados tinham feito muito em chegar os gentios ao estado prezente e que sendo agora confederados e tributarios ao Rei de Por-

tugal, era obrigação nossa obrigal-os a differençarem-se das feras e prover, conforme a lei natural, para se abrir o caminho, a porta, á divina era o maior empenho dos nossos piissimos Reis, pois era mais que barbaridade estar um homem comendo a outro homem e era genero de impiedade estar consentindo que por qualquer leve causa estivessem fazendo guerra aos nossos confederados, que viviam confiados em nossa protecção, e que para os mais inconvenientes tinhamos um Deus grande que acudiria pelos seus e por sua cauza, e que mais arriscados ficavam sempre os padres, pois andavam entre elles, que quando succedesse alguma cousa do que se temia, primeiro havia de descarregar a furia dos barbaros sobre as suas cabeças.

O Governador, que era pio e de grandes esperanças em Deus, mandou executar as leis, e com effeito se foram reduzindo os gentios a 4 povoações, chamadas *S. Paulo*, *Santiago*, *S. João* e *Espirito Santo*, e começaram a viver com mais policia, accommodando-se aos nossos preceitos, fazendo igrejas e admittindo padres. Havia, comtudo, um mais principal entre elles, chamado *Cururupebá*, que não só não quiz obedecer as leis, mas com muita arrogancia dizia que havia de matar e comer a quantos pudesse, não isentando disso os Portuguezes Soube o Governador disso e, para atalhar este máo exemplo e atemorisar a ousadia dos mais, mandou secretamente uma noite soldados bem armados, que dando de subito sobre as cabanas do soberbo, derrotaram e puzeram em fugida os seus, sem poderem aproveitar-se dos seus arcos e flechas, armas mui perigosas de que usavam, e o prenderam a elle, trazendo-o ao Governador que o mandou encarcerar.

No mesmo tempo mandou, em favor dos indios, que fossem postos em liberdade todos aquelles que

contra a justiça estavam em servidão, feitos escravos dos portuguezes; e na execução desta lei mostrou finezas em defenção dos indios. Resistiu a este decreto um poderoso; pôz-lhe o Governador a casa em cerco e se não *descendêra* lh'a destruia e a elle. Viam os indios isto e se confirmavam mais na obediencia de Governador tão recto; e igualmente succedeu que indo a pescar tres indios dos congregados nas aldêas, vieram outros dos montes e os mataram e comeram. Quizeram os aldeãos vingar-se com as armas; o Governador os mandou accommodar, tomando o desaggravo por sua conta. Mandou os contrarios que lhe remettessem os delinquentes; quizeram obedecer, mas estes amotinaram a todos de sorte que vieram responder com arrogancia que os fossem os portuguezes lá buscar. Aqui se tornou a renovar a desconfiança em querel-os o Governador metter em precipicio com tanta e tão barbara gente por uma tão leve causa.

Sem embargo desta murmuração, sahiu o animoso Mem de Sá da Bahia, embarcou a gente que lhe pertencia e desembarcou nas praias do contrario; convocou os aggravados e buscou os aggravantes que se tinham embrenhados dahi a muito, depois de 24 horas de muito trabalhosa marcha de brenha muito fechada, por campos, montes e valles asperissimos, que iam abrindo á força de ferro, chegaram aos barbaros, que eram infinitos, intrincheirados em uma grande serrania e fazendo medonha algazarra. Accommetteram-nos os nossos com grande esforço, mas como eram muitos resistiram por largo tempo, até que obrigados dos nossos arcabuzes foram derrubados e postos em fugida, os seguiram os aggravados fazendo nelles crueis carniçarias. Teve o Governador noticia que um dos que foram mortos no conflicto tinha menos um braço,

que, diziam, cortara-o para o comer um dos nossos confederados; mandou lançar pregão que dentro em tantas horas, sob pena de morte, fosse restituido, e se cumpriu, achando-se unido ao corpo.

Então gosou dos applausos da victoria, que tinha mandado suspender, acceitou os vivas, louvou os esforçados soldados e mandou que desconçassem e tomassem refeição. Mas não parou aqui a victoria, quizeram acabar por uma vez com aquelles rebeldes, perturbadores da paz da Bahia; foram buscando-os com os mesmos trabalhos de antes, rompendo as brenhas e foram dar com uma notavel quantidade delles aggregados em um tope no monte, que parecia tocar nas nuvens e rodeado de uma grande lagoa. Vencida esta primeira difficuldade, não foi menor a da subida, porque os montes eram alcantilados e cortados á prumo de industria. Fez o capitão-mór sua breve falla aos Portuguezes e o Padre Antonio Rodrigues, grande lingua brazilica, outra aos indios da nossa companhia. Deu-se o signal de accommetter á sombra da Santa Cruz que levavam arvorada; subiram trepando como gatos, pegando-se á raizes e ouvindo as algazarras dos barbaros, que lhes lançavam muitas pedras pela ladeira abaixo. Apezar de tudo foram chegando os nossos aonde se travou a mais crua pendencia que naquellas partes viu o sol. As settas o encobriam e o estrondo da nossa arcabuzaria atroava os ares, até que, vendo os inimigos o chão coberto de mortos, desistiram da sua teima e valeram-se dos pés e das brenhas, mas nem assim escaparam muitos e foi a mortandade tão grande que não teve conta.

Voltou o Governador com os seus para a cidade e foi nella recebido como homem mandado do Céo para quietação do Estado e açoute do gentio rebelde.

Fizeram-se publicas acções de graças e viram os que foram de voto contrario que não era debalde a confiança do Governador e do Padre Nobrega, cuja prudencia e zelo ficaram daqui em maior veneração, e com mais espanto quando depois de tres dias passados appareceu á vista da cidade uma embarcação de Baraguassú e fez signaes de paz. A embaixada era que traziam presos os delinquentes, causadores de todas aquellas revoltas, para que os castigassem e concedessem pazes aos que restavam, e se obrigavam a guardar as leis promulgadas e queriam unir-se em aldeas e admittir padres que lhes ensinassem a fé.

Todos estes successos se contem no anno de 1558 e no anno seguinte de 1559 chegou uma nova e maior columna ecclesiastica. Era D. Pedro Leitão, segundo bispo do Brazil; desembarcou na Bahia em 9 de dezembro do dito anno e era clerigo que foi enviado pela Rainha-Regente, cardeal coadjutor, áquelle Estado para remedio espiritual delle. Deu boa conta do seu cargo, visitou as povoações, ajudou a promulgar a fé e por suas mãos baptisava os convertidos. Na sua companhia levou 7 padres da Companhia de Jesus, que fizeram 40 com os que lá estavam, todos occupados por todas as aldeias e em missão.

Por este tempo iam dando bem que cuidar os francezes do Rio de Janeiro, porque se haviam apossado daquelle sitio desde o anno de 1556 e cada vez mais se apoderavam delle, das drogas da terra e do commercio dos indios, os quaes á sombra das armas da França iam crescendo em suas insolencias e descorriam toda a costa em damno dos nossos da capitania de S. Vicente. Iam cercando e intrincheirando todo o sitio, entrando-lhe cada dia novos curros, e estavam já fabricando uma fortaleza junto da barra,

com que ficavam inexpugnaveis. Porem o que mais cuidado deu foi fugirem a Villegaillon, que era catholico romano, quatro herejes calvinistas por elle os querer castigar por seus delictos e foram para a dita capitania de S. Vicente, e um delles, homem douto chamado João Bollés, versado na Escriptura torcida ao modo da sua seita, semeou os seus erros entre os simples christãos. Ali foi o Padre Luiz da Gram que não só o convenceu, mas fez que fosse preso por ordem do bispo para a Bahia com dois companheiros, convertendo-se o outro que ficou vivendo com mostras de christão até a morte, e o dito Bollês foi depois justiçado no Rio de Janeiro, no anno de 1567, por mandado dito Governador e teve a fortuna de morrer reconciliado com a Egreja Catholica por deligencia da santo padre Anchieta.

Ainda neste tempo se não fazia tanto caso das cousas do Brazil como da India, de que se esperavam maiores conveniencias, e por isso ainda que em Portugal se sabia da residencia dos francezes naquelle porto não dava isso muito cuidado, parecendo que seria contracto que se lhe poderia vir a prohibir com facilidade; mas, crescendo a noticia de quanto se iam apoderando e firmando na terra com fortalezas, crescendo tambem o poder e numero dos indios Tamoyos, seus confederados, e soccorros que lhe iam de França e de como ali se aproveitavam e enriqueciam das drogas, do páo-brazil e de outras muitas, que para elles eram de grande valor e á nós damno; e que segundo os Tamoyos solicitavam as outras nações circumvisiñhas e crescia o numero dos soldados francezes, se podia temer que accommettessem maiores emprezas, movendo dali guerra ás mais partes da costa. As quaes razões, consideradas no conselho de guerra e communi-

cadas á Rainha-Regente, mandou ao Brazil uma armada ao Governador Mem de Sá para que, com ella e mais forças do Estado, os fosse forçar fora do Rio de Janeiro, desaffrontando o nome portuguez.

E chegada a armada no anno de 1560 ao Governador, que nenhuma outra cousa mais desejava do que era a liberdade do Estado, que lhe fôra entregue, pôz em conselho a forma da execução da ordem da Rainha, e não faltaram pareceres de que não convinha, com tão pouco poder, accommetter inimigo tão fortificado; que se devia dilatar o effeito até melhor occasião em que houvesse cabedal seguro; que menor mal era soffrer o aggravo algum tempo mais que a ignominia de ser rebatido; que era já a potencia dos francezes de consideração, o sitio quasi inexpugnavel, os auxiliares quasi infinitos; que as náos, os bastimentos e aprestos de guerra entravam cada dia de França e não se gastavam; por outra parte que as nossas náos para tão grande empreza eram poucas e a soldadesca de conta não podia ser muita, nem demasiados os aprestos de guerra. Estas eram as razões em contrario.

Porem o Governador, prudente e christão, depois de consultar o caso com Deus e com o Padre Nobrega, de cuja virtude tinha grande conceito, que lhe persuadia a empreza e quasi assegurava a victoria; e vendo que quanto mais se difficultava, engrossando o tempo as forças e a paciencia dos nossos, o animo aos inimigos, e que viriam depois não só a defender-se com mais facilidade, mas tambem a attender aos descuidos e ganhar outras praças com maior ignominia do nome portuguez, resolveu-se a accommettel-os com o pouco poder com que se achava, aprestou a armada, que constava de 10 navios e 2 náos de guerra principaes, extraordinarias, com alguns barcos da costa, e nelles o

número que pôde de soldados portuguezes e alguns indios, com o que se fez a véla ao Rio de Janeiro, levando comsigo o seu fiel conselheiro, Padre Nobrega, e chegando com bom successo a emboccar a barra de noite foram sentidos das sentinellas francezas e obrigados a lançar ferros fora.

Os francezes se prepararam e, deixando todas as suas náos, se recolheram ás fortalezas com mais 800 Tamoyos frecheiros porque assim com a multidão de gente, como das armas resistissem melhor ao nosso poder. Daqui partiu o Padre Nobrega para S. Vicente por causa de seus achaques e lá solicitou um bom soccorro de canoas e um formoso bergantim de guerra.

Com este bom presagio mandou o Governador outras a pressa de toda a força que resistia, e metidas as embarcações dentro da enseada se foi preparando para accommetter a fortaleza principal da ilha que chamam *Villegaillon*, nome que tomou do fundador, a qual parecia inexpugnavel, porque tudo o que é ilha era franceza, e tudo o que era fortaleza ilha, e toda, excepto um pequeno porto de praia, era cercada de penedias bravas, onde bate o mar couza de 100 bracas de comprido e 50 de largo, em cujas duas ultimas pontas plantou a natureza dois cabeços talhados ao mar, e no meio de ambos um singular penedo como de 4 braças em alto e 6 em contorno da circumferencia dos recifes e penedia, delles tinham feito defensavel muralha dos dois cabeços com pouco arteficio dois juntamente naturaes e artificiaes, e do penedo um pouco mais cavado ao picão caixas de polvora segura e com frente contra toda a artilharia. Horror causou, visto de perto, o que ao longe parecia mais facil.

Soube, porém, o valor portuguez, uma vez empenhado, dissimular o medo. Accommetteu-o a todo risco

e em breve conflicto ganharam terra por degráo de victoria, e assentando nella grossa artilharia foram batendo fortemente por dois dias e noites, continuos, as principaes partes da força; porem debalde, porque era viva rocha a penedia, accommodada somente por arte a poder de ferro, e não era possivel ser rendida por esta via. Porem o Céo lhes inspirou um novo arteficio, favorecendo-os ás claras porque a força, que pôde resistir ao pelouro portuguez, não pôde resistir ao seu braço, levado este do brio natural. Feitos em um corpo, arremetteram o cabeço principal, que dava para a barra, chamada das *Palmeiras*, e entraram com a morte de muitos inimigos. Com este bom successo animados, accommetteram ao penedo que servia de armazem de polvora com tal valor qúe desamparados dos seus foi ganhando e juntamente com elle perdido o animo dos francezes e indios, que fiados no segredo e seguro da noite se foram despenhando pouco a pouco das muralhas abaixo e, embarcados em bateis e canoas, se acolheram parte ás náos, ás suas brenhas, deixando nas mãos dos portuguezes, com a fortaleza e aprestos della de guerra, uma das insignes victorias daquelle tempo pela difficuldade da empreza. No dia seguinte fez o Governador acção de graças á Deus Nosso Senhor por tão grande mercê, celebrando um dos padres da Companhia a primeira missa que viu aquella ilha.

Consultou-se si se devia conservar aquella força e resolvendo-se que não, por não dividir as do Estado, que eram ainda poucas para tão grande machina.

Conduziram as náos a artilharia que os francezes desampararam em grande quantidade e os mais despojos da dita fortaleza, e puzeram por terra tudo o que era artificial e podia servir de reparo.

Succederam aqui cousas notaveis que deixo por abreviar. Adão Gonçalves, soldado antigo, morador em S. Vicente, foi um dos mais esforçados capitães da empreza e dos principaes auctores da victoria, indo depois a Bahia procurar certidões de seus serviços para requerer a El-Rei o premio delles o tocou Deos de sua graça, e trocando o requerimento entrou na Companhia de Jesus, onde viveu e morreu virtuosamente. O capitão dos indios que foram a esta guerra, depois de baptisado, se chamou Martin Affonso; obrou milagres de esforço, dizendo que no maior conflicto do penedo elle fôra o que lhe pôz fogo e fizera desmaiar os contrarios; por onde mereceu ser muito louvado e favorecido pelo Governador e premiado de El-Rei com o habito de Christo e tença, que depois gosaram tambem alguns seus descendentes. Dali partiu o Governador com a armada para S. Vicente a prover-se de mantimento, já no fim de março e depois recolheu-se á Bahia.

Por este tempo houve nas capitanias dos Ilhéos e Porto Seguro grandes perturbações nascidas de assaltos continuos da nação *Aymorè*, que tudo atemorisava. È esta casta de indios Aymorés a mais brutal e deshumana de todo o Brazil; descendem dos Tamoyos antigos, porem, por acção de guerras que houve entre elles, succedeu que certos bandos menos poderosos, fugindo a seus inimigos, se recolheram no interior do sertão a logares fragosos e montanhas esteries, onde não podessem ser achados; e como ali viviam separados do commercio da mais gente, por decurso do tempo vieram seus filhos e netos a perder a noticia da linguagem propria e formaram outra que de nenhuma outra nação era entendida, feia, guttural, arrancada do peito. E' gente agigantada, robusta e forçosa; não tem ca-

bello em todo corpo mais que na cabeça; todos os mais arrancam. Usam de arco demasiadamente grande, são tão destros frecheiros que nem uma mosca lhes escapa, ligeirissimos e grandes corredores; não vivem em casas de aldêas, nem alguem lhes achou jamais morada. Pelos mattos e campos andam a maneira de feras, de todo nús, homens e mulheres; dormem na terra e escassamente lhes servem algumas folhas de colchão. Acoutam-se das chuvas ao pé de qualquer arvore ou ramo; não tratam de roças (assim chamam lá as fazendas ou quintas) ou sementeiras, sustentam-se de fructas agrestes e caças de feras e aves que parecem obedecer aos seus arcos; e esta comem crua ou muito mal assada. Macho e femeas andam todos tosquiados e tem suas navalhas para este effeito, feitas de certa especie de canna que quasi egualam as de aço. Igualmente andam a caça de fera e de gente, e é para elles a carne desta o mais saboroso boccado; accommettem sempre a trahição, nunca em descoberto e por isso poucos em numero accommettem a muitos porque não tratam de defender o campo; mas não fazendo a sua logo, foge cada um para seu cabo, sem lealdade ou policia de uns para outros, nem ainda de pais para filhos, ou este para aquelle.

Estes Aymorés, pois, selvagens ou agrestes, por estes tempos começaram a descer de suas terras, em que viviam havia tantos annos, e guiados da corrente dos rios vinham após elles sahir ao mar e davam assaltos em tudo o que achavam, assolando os escravos e fazendas dos moradores e ainda muitos dos senhores nas villas dos Ilhéos e Porto-Seguro, com confusão geral das aldêas dos indios dos padres da Companhia, que nem podiam defender-se, nem ter o socego necessario para tratar da sua conversão.

Chegou á Bahia a queixa desta oppressão; compadeceu-se o Governador e, tomando conselho, especialmente com o seu padre espiritual Nobrega, resolveu-se que fosse o Governador em pessoa castigar a insolencia daquelles barbaros. Ajuntou navios ligeiros, escolheu soldados e alguns indios e desembarcou em breve tempo no porto dos Ilhéos. Soube que os delinquentes viviam retirados a uns logares occultos, onde se davam por seguros. Não houve demora; tomada o guia, pôz-se o Governador a caminho com a sua gente e, vencidas grandes difficuldades, especialmente a de uma inaccessivel lagoa, deu de subito sobre os barbaros, os derrotou e pôz fogo as suas brenhas, que arderam por muitas legoas, e já se vinham retirando quando junto das praias viram que os estavam esperando toda a multidão dos que escaparam, bramindo como leões. Preveniu Sá o remedio, deixou uma emboscada atraz e ordenou que os mais apressasem o passo fingindo que fugiam medrosos. Tanto que elles abalaram sobre os nossos, deu-lhes a emboscada nas costas e os de deante voltaram caras e elles, os *rojetaram* com os arcabuzes e espadas, ficando-lhes somente o refugio do mar onde se afogaram muitos. Com esta victoria entrou o capitão Sá na villa dos Ilhéos.

Não se tinham passado muitos dias, estando tudo em paz, quando viram as praias coalhadas dos mesmos e outros barbaros dos bosques, convocados por elles, todos em som de guerra, apostados a matar e comer a todos os nossos e levar o Governador preso. Não se atemorisou elle com tanto poder dos barbaros; antes dizia que vinham ali entregar-se ao cutelo, juntas as reliquias daquelles que com tanto trabalho não poderam alcançar; sahiu-lhes ao encontro, indo no seu cavallo armado. Ficaram os barbaros attonitos

porque nunca tinham visto tal modo de pelejar, e, atemorisados, se começaram a desordenar e a sentir o furor de nossas armas.

Usando elles de suas frechas em nosso damno, fariam a victoria duvidosa se não accorrêra o nosso capitão a animar fortemente os seus soldados que, encarniçados, encheram as praias de corpos mortos e tingiram o mar com o sangue dos barbaros. Fugiram os que puderam escapar e pouco depois pediram paz, que se lhes conçedeu com as condições das primeiras :

Primeira.— Que não comeriam carne humana, nem fariam guerra alguma aos outros brazis sem approvação do Governador.

Segunda.— Que se juntariam em aldeias grandes, onde vivessem com modo politico, levantassem egrejas e casas aos padres da Companhia, que viveriam entre elles e ensinariam a doutrina da fé aos que se quizessem converter.

Os que não quizeram acceitar metteram-se pelo sertão dentro dahi mais de 60 legoas. Com dobradas victorias, multiplicadas alegrias e segurança daquelles povos, voltou o Governador para a Bahia. Continuavam as novas povoações e augmentavam-se cada vez mais os fructos da conversão dos gentios por meio dos padres da Companhia.

Por este tempo andava a capitania de S. Vicente mui revolta com os continuos assaltos que faziam por todas aquellas terras os Tamoyos, inimigos dos portuguezes desde o tempo da entrada dos francezes no Rio de Janeiro. Andavam á caça da nossa gente como das feras para pasto da gula e juntamente da vingança. Accommetteram repentinamente, ora das terras aos que viviam no sertão de *Piratininga*, ora das canoas aos

que viviam junto do mar, e não se dava algum por livre de seus arcos e dentes.

Entre tantas angustias o santo velho Nobrega era o allivio de todos por si e por seus subditos, avisando-os ser aquillo castigo de culpas e falta de observancia da lei, que se emendassem e fizessem penitencia, estando sempre aparelhados com a consciencia limpa. Mas como Deus costuma sempre tirar dos grandes trabalhos dos homens algum fructo, tirou agora destes mui dignos de memoria por tão exemplares.

Dos que captivavam, estes alarves não só se aproveitavam para comer, mas usavam das mulheres mui depravadamente com lascivia. Entre as que temiam ser captiva havia uma viuva mestiça de bom viver, a qual disse um dia a suas amigas:—«Os contrarios Tamoyos me hão de captivar; porém, eu não me hei-de deixar levar porque não me tenham por manceba como as demais.»—Com esta resolução se foi confessar e commungar e pouco depois succedeu o que tinha prophetisado e morreu ás facadas em defença da castidade.

Outra muito formosa, tambem mestiça e casada vindo um domingo de commungar, disse:—«Os Tamoyos me hão de levar em suas canoas, eu passarei, bradando, por tal parte (nomeando-a) e ninguem me acudirá.»—Tudo assim aconteceu; o que a captivou a deu á seu pai para sua manceba; mas elle nunca a pôde dobrar da sua constancia, nem com o carinho, nem forças. Ia prenhe e depois de parir, tendo soffrido grandes trabalhos, lhe matou o barbaro o filho, o assou e comeu a sua vista e a ella fez o mesmo, morrendo despedaçada por guarda de sua limpeza, para exemplo e confusão das que lá vivem hoje tão deshonestamente.

Entre tantos assaltos dos contrarios, fizeram tambem

os nossos indios um contra elles e, tomando um seu principal capitão, que tinha morto e comido a muito dos nossos, por maior vingança não só o espostejaram, mas tambem o comeram occultamente, de que foram mui reprehendidos dos padres por aquella acção gentilica. Além destes trabalhos sobrevieram outros de gravissimas doenças que deram bem trabalhos aos ditos padres da Companhia.

Entrou o anno de 1562 e nelle continuavam ainda as revoltas de S. Vicente e iam cada vez ameaçando maior ruina porque os indios, com o exercicio, se achavam mais destros, com as presas da carne humana mais encarniçados, e com a industria da gente franceza, que ficára no Rio de Janeiro, mais soberbos; não pretendiam já assaltos somente, mas acabar e consumir de todo os portuguezes e lançal-os por uma vez fóra de seus districtos.

Ajuntava-se a todos estes mais o infeliz successo que de proximo tinham havido os nossos, porque accommettendo aos Tamoyos com o maior poder que possuiam, por justos juizos de Deus ou castigo de culpas, foram delles vencidos e desbaratados. E como nunca vem um mal só, succedeu tambem rebellarem-se contra nós os indios *Tupys*, do sertão, e deram de subito sobre a villa de Piratininga para a destruirem, mas sendo os nossos avisados por um delles, que Deus moveu a vir dizel-o occultamente, em 5 de julho do dito anno.

Ficaram todos atemorisados pelo pouco poder com que se achavam para resistir a tão formidavel assalto dos levantados; porém, animados por 10 padres do Companhia, que alli se achavam, convocando-se a todos os amigos das aldeias visinhas, a quem Deus movia os

corações em nosso favor, puderam os nossos mui bem resistir aos inimigos.

Um dos que obraram maiores finezas em nossa ajuda foi aquelle famoso indio chamado Martim Affonso, e antes *Tebireçá*, que era o mais principal de Piratininga, o qual convocou a todos os seus subditos de 3 aldeias suas, desamparou as suas granjas e, emquanto os inimigos não chegavam, não cessou de admoestrar aos seus e animal-os a peleja e defenção da fé e doutrina christã e daquelles que lh'a ensinaram. E succedeu que veiu um seu sobrinho da parte contraria, capitão mui esforçado, filho de seu irmão *Araraig*, a persuadil-o que deixasse a parte que seguia pelo perigo a que se expunha. Zombou disso o valoroso Affonso e respondeu que confiava em Deus vencel-o e matal-o por honra da fé e defença da egreja santa, cuja bandeira arvorou logo, armando-se como costumava.

Estando as cousas nestes termos, recolhidas as mulheres e meninas dos portuguezes e indios na egreja por logar mais forte e para que ali rogassem a Deus pelo bom successo do conflicto, ao romper da manhã de 9 do dito mez dam os inimigos de improviso sobre a dita villa de Piratininga com tão grande estrondo de gritos e assobios, bater de pés e arcos, como costumam, que parecia se vinha o mundo abaixo e que se arruinavam os montes visinhos. Todos elles pintados e empennados, promettendo-se a victoria, deixando nas costas grande canalha de velhas carregadas de panellas e arados, em que, diziam, haviam de comer a carne dos captivos segundo a lei dos seus barbaros costumes ; porem, traçou o Céo o negocio em contrario, porque os nossos sahiram a recebel-os com brio e esforço, com bandeira da egreja de Deus, pela qual pugnavam. Investiram-se uns aos outros e era

cousa notavel ver aqui pelejar os pais contra os filhos, estes contra aquelles e todos os parentes uns contra os outros ás frechadas.

Foram varios os successos da batalha, até que por fim, cansados e desbaratados, se retiraram os contrarios, com morte de muitos, e muitos mais feridos, e foi cousa milagrosa não morrer nem um dos nossos, ainda que ficaram muitos frechados, aos quaes se acudiu logo com a cura. O que mais fez desanimar o inimigo foi a morte do sobrinho de Martin Affonso, que se chamou por valentia *Jagoanharò*, que quer dizer *cão bravo*. Este com a sua companhia, que capitaneava, accommetteu a egreja, captivo da rica presa das mulheres que ali estavam; mas teve tal ventura que lhe sahiu ao encontro uma setta, despedida por um escravo, que o derrubou morto. Fugiram os seus e desanimaram todos os mais, e assim ao outro dia, deixando todos os arredores pizados e destruidos, se foram com má ventura, indo-lhes os nossos as costas. Celebrou-se esta victoria com acção de graças a Deus, confirmaram-se os indios na fé e outros se converteram por este meio, tirando Deus maiores bens que tinham sido os males e trabalhos passados.

Porem estes grandes gostos e alegria geral de toda aquella capitania agourou a morte do grandé Martim Affonso Tebyreçá, que succedeu em dia de natal do mesmo anno, a qual foi muito sentida de todos, e com razão porque era grande christão e columna forte daquella ainda tenra christandade, e capitão mui esforçado. Vende-se doente, conheceu a sua morte, mandou chamar um dos padres da Companhia de Jesus; confessou-se com elle e praticou largamente cousas de Deus, mostrando a viveza da fé catholica e amor do mesmo Senhor que tinha em seu coração; fez seu testamento

e encommendou muito a sua mulher a perseverança na religião christã e doutrina dos padres, e recebidos todos os sacramentos daquella hora, com um crucifixo nas mãos expirou com muito claras provas de sua salvação, e acompanhado de todos foi levado a sepultar a egreja dos ditos padres, á quem elle tinha feito grandes beneficios, admittindo-os em suas terras, ajudando a fundar a egreja e casas para sua vivenda; fez com que fossem obedecidos e respeitados e deu traças ao seu sustento corporal. Finalmente Deus o tomou por instrumento da conservação da fé e dos portuguezes naquella parte, porque se não fôra elle se perdia tudo.

No mesmo tempo que as cousas iam com este bom rosto no sertão de Piratininga com os Tupys, andava o maritimo em perpetua lida com os Tamoyos porque os da parte do Rio de Janeiro tinham vindo em suas canoas e assaltado toda a praia de *Boigaçu* e *Goabú* e varias outras, matando e levando captiva quantidade de mulheres e meninos, estes para tenro pasto do seu ventre e aquellas para o da lascivia. Não havia remedio a tantos males porque andavam em ligeiras canoas de 15 e 20 remeiros por banda, elles muito destros no remar, e não havia como evital-os, nem dar-lhes alcance, nem forças nossas que os acovardasse.

Por este tempo, tendo chegado de Portugal Vasco Fernandes Coutinho, e vendo a sua capitania do Espirito Santo desbaratada das guerras dos gentios, desejava tomar satisfação; porem, achava-se impossibilitado de gente e apresto, (e receoso) do inimigo por extra soberbo com as victorias passadas, viveu com esta magoa alguns annos, até que persuadido das suas poucas forças e queixas dos povos mandou pedir soccorro á Bahia.

permittid[illegible]lor Geral apreston uma armada de embar[illegible] ligeiras e guarnecidas de gente e arma, tendo por capitão-mór seu filho Fernão de Sá; fez-se a vela e veiu emboccar a fóz do rio chamado *Quiricaré*, que está em altura de 19 gráos, cousa de 70 legoas da villa do Espirito Santo. Aqui se foi encorporar com elle a gente de guerra da capitania. Fizeram em terra seus vallos e reparos e deram em breve sobre o gentio desacautelado, que facilmente desbarataram, com morte e captiveiro de muitos. Porem a gloria deste successo se converteu logo em pranto porque, reunidos os barbaros, dispostos em bandos numerosos e apostados em desaffrontarem-se, quando, ainda os nossos cantavam a victoria, rompendo os mattos, enchendo os montes de alarido e os ares de frechas, deram com tanto impeto sobre elles que foi forçado a mandar Fernão de Sá retirar-se para o mar; porem, com tal desordem e perturbação dos seus, que antes de poderem chegar ás embarcações, mataram ás frechadas ao proprio capitão com muita gente. Foi sentidissimo o successo, assim pela perda de um mancebo tão brioso, empenhado na liberdade da terra, como da consequencia dos barbaros, que dali tiraram maior estimacão dos seus arcos, posto que não ficaram tão folgados com o resto que ficou do soccorro.

—Andavam por este tempo as cousas da provincia de Santa Cruz mui varias, cujos successos vou abreviando. Os padres da Companhia não cessavam nas suas missões, fazendo mui grande fructo para a egreja e utilidade do Estado e do reino de Portugal. O Padre Nobrega e o grande apostolo daquelle Estado José de Anchieta aventuraram-se a grandes trabalhos, entrando valorosamente pelo sertão de S. Vicente, onde padeceram grandes trabalhos, mas não fizeram menór fru-

cto ; conduziram muitos daquelles barbaros perseverança gremio egreja e a todos a assentar pazes com regenossos que tinham (sido) tão molestados com os assaltos passados.

Succedeu pouco depois ali uma geral fome, particularmente no districto da Bahia, originada de uma pestilencial doença que houve naquelle Estado. Nesta penuria chegaram a tal miseria que vendiam os pais aos filhos e os maridos as mulheres, e houve tal indio que se vendeu a si proprio por uma só cuia de farinha para livrar a vida. Nas compras que nesta occaião fizeram os portuguezes houve depois grandes duvidas sobre encargos de consciencia. Consultaram o Tribunal da Mesa da Consciencia, em Lisboa, e delle foi a resolução que o pai podia em direito vender o filho em caso de apertadas necessidades e que qualquer se podia vender a si mesmo para gosar do preço.

Havida esta resolução, entraram em consulta na cidade da Bahia o bispo D. Pedro Leitão com o governador Mem de Sá, o ouvidor geral Braz Fragoso e o padre provincial da Companhia Luiz da Gran, e pareceu bem que se publicasse ao povo a resolução da Mesa da Consciencia, porque com ella ficassem quietos os que compraram na forma contcuda e os que foram comprados fóra della se tivessem por livres; porem, como os moradores da Bahia e de toda a costa estavam feitos senhores de tão grande quantidade de indios vendidos fóra do direito por tios, irmãos e parentes, que não tinham dominio sobre elles, determinou-se que os taes eram livres. Vistas, comtudo, as grandes difficuldades que se allegavam de se largarem todos estes indios do serviço dos portuguezes e porque podiam outra vez metter-se entre os gentios, com dispendio de suas almas e não sem perigo da Republica, foi

permittido que ficassem em casa dos que os tinham com as condições seguintes:

«Que os ditos indios, assim mal havidos, fossem avisados de sua liberdade, mas que como livres servissem aquelles que os resgataram em suas vidas, por evitar os inconvenientes que do contrario se podiam seguir, e que fugindo os taes indios os pudessem os amos mandar buscar e castigar; e com condições que os amos, em reconhecimento, lhes pagassem em cada anno por seus serviços aquillo que justamente lhes fosse taxado, com declaração que continuando elles a fugir para os gentios, sendo depois da primeira vez, perdessem a soldada de um anno em recompensa do que os amos perderam em buscal-os. E outro sim que os possuidores dos ditos indios os não poderão vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Brazil, e os que não quizessem possuir com as condições apontadas os largassem logo.»

Porem, nem estas condições se guardaram, nem a resolução serviu de mais que de captivarem mais indios dali por diante com capa de vendidos por si ou por seus paes. No mesmo tempo se fez consulta sobre outra desordem maior, e era que com capa de uma sentença dada contra os indios *Coaetes*, que dava a todos por escravos pela morte que dera ao primeiro bispo do Estado, D. Pedro Francisco Fernandes Sardinha, e não só a estes se haviam por captivos, mas tambem á volta delles a outros muitos, por cuja causa despovoaram as aldeias, fugindo para o sertão. A esta desordem acudiram o governador e o ouvidor exceptuando os que se reduzissem a fé; porem, por mais que isto foi de muito fructo, pelo que acudiram as Leis aos seus remedios, dando a todos geralmente por livres, excepto os que fossem captivos em guerra justa, e fi-

nalmente se veiu a dar por livres do dito captiveiro a todos os naturaes do Brazil por outro decreto.

No anno de 1564 mandou o Cardeal-Regente fundar para os padres da Companhia um collegio na Bahia e o dotou, em nome de El-Rei seu sobrinho, com uma congrua equivalente a sustentação de 50 religiosos, applicada na redizima da dita capitania, que pelo tempo adeante se reduziu a dinheiro por uma provisão real passada em Lisboa aos 7 de novembro do dito anno.

No principio deste mesmo anno preparou o Governador Geral uma frota que enviou ao Rio de Janeiro, e o fundamento foi que tendo dado conta á Rainha Regente do successo da guerra que fizera contra Villegaillon na enseada do Rio de Janeiro, rendendo e destruindo a fortaleza da Ilheta, como acima se disse, no anno de 1560, foi festejada a nova, como merecia, e approvado tudo o que ali se obrou; mas não pareceu justo não deixar lá presidio de gente portugueza, por cuja causa, regendo já o Cardeal e porque chegou nova noticia das pazes assentadas com os Tamoyos por meio dos padres da Companhia, mandou preparar dois formosos galeões com aprestos de guerra e soldados e por general a Estacio de Sá, sobrinho do dito Governador, e os remetteu com elles a seu tio para que juntos ás mais forças do Estado se fossem fazer senhores do mesmo districto do Rio de Janeiro. Chegou Estacio de Sá e, vistas as ordens de El-Rei em que lhe ordenava que fosse metter gente nossa na dita enseada, senhorou-se da terra, lançou de todo fora os francezes e começou a fundar ali uma povoação.

O Governador, que nenhuma outra cousa mais desejava, vendo-se com aquelle soccorro, apressou uma nova frota e mandou-a com aquelle novo capitão, dando-lhe o regimento seguinte: «Que fosse demandar a

barra do Rio de Janeiro, entrasse nella a som de guerra, observasse ali as disposições e conselhos dos inimigos e se achasse occasião que promettesse esperança de victoria procurasse tirar o inimigo ao mar alto e ahi rompesse com elles, fazendo sempre por conservar as pazes com os indios Tamoyos; e ordenando lhe, por fim no regimento, que podendo tomar conselho com o Padre Nobrega não obrasse cousa de importancia sem elle, pelo grande conceito que tinha de sua virtude e prudencia experimentada.»

Chegou Estacio de Sá na barra do Rio de Janeiro no mez de fevereiro e mandou logo chamar o dito padre; porem, achando os Tamoyos rebellados e tendo noticia de que em S. Vicente havia novas revoltas, voltou áquella capitania.

Soube-se na Bahia o retiro da armada e deu esta noticia mui grande cuidado por se não saber a causa; mas tudo foi para melhor successo porque, compostas as cousas, levou dalli grandes soccorros de mantimento, indios amigos e dois padres da Companhia Gonçalo de Oliveira e o santo Anchieta, para remedio espiritual, para conselheiros e directores de uma e outra lingua, em que eram peritos. E tendo gasto ali o resto do anno, se tornaram a fazer a véla no janeiro seguinte e a 20 do dito mez, dia dedicado a S. Sebastião, que por bom prognostico tomaram por ser tão grande martyr e por ser nome do seu rei.

E chegaram a occupar a barra do Rio de Janeiro a 1.º do mez de março, aqui lançaram ferros junto as ilhas que estão para cima della, esperando pela náo capitanea que, pela sua grandeza, e ventos contrarios, vinha mais devagar. Unidas já todas, entraram pela barra dentro, saltou a infantaria em terra e começou a se fortificar com trincheiras e fossos no logar onde de

pois chamaram *Villa Velha*, junto a um altissimo penedo, que pela sua forma se chama *Pão de Assucar*, e outra penedia que por outro lado o cercava com que ficaram em parte defendidos. Uma só cousa descontentava o logar, que era a falta de agua; porem, Deus a deparou muito boa em um poço que ali se abriu.

Deste logar haviam os nossos de sahir a conquistar ou haviam de ser conquistados com desigual poder; porque, supposto que eram espantosas aos indios as nossas armas de fogo e nossas náos possantes, eram comtudo muito mais formidaveis a grande multidão de canoas volantes e guerreiros, aos centos, e a infinidade de Tamoyos armados que cobriam os mares e as praias, todos ao som de guerra, elles e seus logares arcados e vallados, insolentes das victorias passadas e, sobretudo, ajudados e animados com as náos de alto bordo dos francezes. Eram estes Tamoyos, entre todas as nações do Brazil, ousados do accommetter, sagazes nas ciladas e no arco destrissimos; despediam as settas com tal força que passavam um escudo e muitas vezes chegavam a traspassar um corpo e sahir ainda com tal vigor que iam penetrar em outro ou em qualquer arvore. Com esta casta de gente era a nossa contenda.

Animavam os padres os soldados com forçosas palavras e não menos o capitão com uma valente pratica adquada ao intento e a occasião presente, com que os soldados tomaram resolução e perderam algum terror com que estavam. Pouco depois de alojados, aos 6 de março, fizeram os inimigos uma investida aos nossos como para prova da sua disposição e valor. Acharam, porem, valor e resistencia qual não cuidavam; pelejou-se de uma e outra parte, mas foram vencidos dos nossos, que mataram muitos e puzeram os mais em fugida fazendo presa nas canoas em que vieram.

Aos 12 do mesmo mez lhes tomaram os nossos outras 27 canoas, e com estes bons principios tomaram os nossos grande animo e se foram continuando os successos favoraveis pela nossa parte. Viu-se aqui um favor conhecido do Céo, que fez pasmar os mesmos inimigos, porque muitos pelouros dos francezes davam nos peitos dos nossos como se dessem em duro ferro, cahindo aos pés ou tornando frustados para traz como approvando a justiça da nossa causa, e as feridas que alguns recebiam, ainda que mortaes, com tal facilidade saravam que era força attribuir-se ao favor divino. Quiz a presumpção de Ambrozio Fernandes, cirurgião que as curava, attribuir a cura a sua gran pericia; porem, quiz Deus mostrar o contrario, ficando morto em um conflicto e proseguindo o mesmo favor da cura milagrosa ainda em mortaes feridas.

Foi mais notavel o successo que aconteceu no principio de junho: Appareceram a vista do nosso arraial tres poderosas náos francezas, bem artilhadas, e uma grande quantidade de canoas de guerra que passavam de 130; apresentaram batalha aos nossos com as costumadas vozes e alaridos, que atroavam os mares e montes. Não desmaiaram os nossos, antes os receberam com animo forte, disparando sobre elles quantidade de artilharia e arcabuzes, com tão bom emprego que fez deitar a capitanea á costa, entre uma penedia, donde mal se pôde salvar, e accommetteram os inimigos em ordem de guerra. As tres náos francezas começaram a se desfazer em fogo de pelouros, bombas e alcanzias, e os Tomoyos cobriam os ares com nuvens de frechas que cahiam sobre os nossos; porem, serviu de amparo a protecção do insigne martyr S. Sebastião, que com fé invocaram, porque, passada a tormenta, correndo a estancia, se não achou morto algum, sendo que da

parte contraria o foram muitos, e os vivos postos em fugida pela nossa artilharia.

O capitão Sá, não satisfeito de defender-se dentro do arraial, quiz mostrar que tinha poder e animo para buscar o inimigo fóra delle; accommetteu as náos francezas e fez nellas cruel estrago com a artilharia da capitanea. Despendeu no mesmo tempo esquadras contra as aldeias e contra as canoas de pescar, em que se fizeram muitas presas, deixando o inimigo atemorisado.

Aos 15 dias de outubro tiveram outra grande victoria de 64 canoas inimigas, que tinham cercado e posto em perigo as nossas, as quaes acudindo outras, depois de larga peleja as desbarataram e se assenhoraram de algumas. Fez o capitão Sá tambem uma sortida contra uma grande aldeia; mas tendo noticia que em outra muito afamada estavam os indios juntos em uma festa, deu sobre elles e os pôz quasi todos a ferro e fogo. Mas tambem foi a custa de muitas feridas dos nossos e morte de Antonio da Lagea, que por querer livrar uma mestiça de S. Vicente, que ali estava captiva, sahiu tão maltratado do mesmo fogo que em breves dias morreu.

—Foram varios e continuados os successos da guerra por todo o anno de 1566; mas, com o favor de S. Sebasiião, que tinham tomado por padroeiro, sempre succederam em favor nosso. Em julho succedeu que desesperados os Tamoyos com os seus máos successos, aconselhados dos francezes, determinaram empenhar o resto do seu poder e, com 180 canoas bem armadas e governadas por mui destros capitães seus e francezes, quizeram fazer uma sortida contra os nossos. Partiram em segredo para cousa de uma legoa do arraial dos portuguezes e ali se detiveram encobertos com uma

ponta de terra; despedindo umas poucas (canoas) como a offerecer batalha aos nossos para que, sahindo-lhes, se fossem retirando até os irem metter nas ciladas. Tinha sahido do nosso arraial uma canoa em que ia Francisco Velho, mordomo do santo martyr, a buscar madeira para se lhe fundar uma capella, e foi dar com as canoas do inimigo; sahiu em seu soccorro o capitão com mais 4, puzeram-se os contrarios em retirada manhosa e as foram metter na cilada. Ali se viram em grande perigo e certamente sahiriam destroçados, segundo o grande numero que lhes vinha cahindo em cima, se lhes não valêra o mesmo santo que elles invocaram no conflicto, permittindo que pegasse fogo na polvora da canoa ao disparar de uma roqueira, cujo incendio, como cousa desacostumada, metteu terror nos inimigos e os fez fugir, por mais que os francezes quizeram ter mão nelles. Fizeram-se os nossos desassombrados, attribuindo o caso ao favor de S. Sebastião e muito mais quando depois viram que os Tamoyos perguntavam: *Quem era aquelle soldado tão gentilhomem que andava armado no tempo do conflicto, saltava intrepido em suas canoas e nos metteu tal terror, que foi a maior causa de fugirmos?*» Desembarcando os nossos em terra foram a egreja e fizeram acção de graças por tão evidente favor; e daqui ficou introduzida a *festa das canoas*, que ali se celebra todos os annos em dia de S. Sebastião.

Em novembro deste mesmo anno partiu da Bahia o governador Mem de Sá a fundar a cidade do Rio de Janeiro por ordem de El-Rei, expulsando dali os inimigos, cuja resistencia o tinha já muito enfadado pela dilatação da guerra. Foram em sua companhia o bispo D. Pedro Leitão, o padre Ignacio de Azevedo, visitador da Companhia de Jesus, que depois foi mar

tyrisado no mar, como adeante veremos, padre provincial Luiz da Gran, o grande Anchieta e outros, levando um bom soccorro de embarcações e soldados valorosos; chegaram naquella barra em 18 de janeiro de 1567 e tomaram por bom prognostico que logo em dia de S. Sebastião se fizesse a investida contra o inimigo, que se havia fortificado, e duas aldeias de maior conta, fortificadas de gente, fossos, cavas e artilharia, que pareciam inexpugnaveis, confiando no santo que tanto as claras os favorecia. Saltaram em terra depois de varios pareceres; lançou o bispo sua benção pastoral e encommendaram os religiosos o negocio a Deus, com voto feito ao patrono por concordancia de todos.

Ao romper da manhã do dito dia, dispostos dois batalhões da flor da infanteria da armada e o arraial a cargo do capitão mór Estacio de Sá, feita primeiro uma breve falla em nome do dito santo, acommetteram igualmente a ferro e fogo a fortificação principal, que era a de *Uraçu-mirim*, mais difficultuosa por sitio e presidio maior dos Tamoyos e soldados francezes. Depois de varios successos foi entrada e vencida, com lastimoso estrago dos Tamoyos, que morreram todos, e dois francezes, e cinco tomados as mãos, foram pendurados em um páo para terrivel espectaculo dos mais. Custou aos nossos 10 ou 12 mortos, sendo o de mais conta o capitão Gaspar Barboza, homem de muito exforço e virtude; porem, o que mais se sentiu foi sahir mui mal ferido o capitão mór Estacio de Sá, que morreu pouco depois

Concluido este combate, accommetteram a segunda aldeia chamada *Paranapucuy*, que estava situada na *Ilha do Gato*, para o que foi necessario conduzir artilharia e bater-lhe as cercas, que eram dobradas e for-

tissimas, mas em breve tempo foram postas por terra e mortos quantidades de barbaros. Fortificaram-se alguns em uma casa; mas, obrigados de um apertado cerco, se vieram a entregar só a partido da vida e não da liberdade. Morreram da nossa parte um portuguez e alguns indios.

Avista destas victorias desmaiaram os Tamoyos, perdendo a confiança nos francezes; fugiram uns pelo sertão dentro e os mais pediram pazes que lhes foram concedidas. Fizeram os portuguezes acção de graças a Deus e ao martyr S. Sebastião; tomaram posse da terra, abrazaram as forças contrarias, principiaram outras de novo mais perduraveis, e tambem lançaram os fundamentos da cidade, que dedicaram á S. Sebastião em memoria de tantos beneficios e tambem por respeito do rei, que era Sebastião.

Foi substituido em logar do capitão defuncto Sá, Salvador Corrêa de Sá, seu sobrinho e do governador geral.

— Agora que nos vemos senhores destes distrtctos, é bem que se faça uma breve descripção delles. Entre os promontorios a que hoje chamamos *Cabo Frio* e aquella paragem da terra que corresponde a outro pico austral, a que chamamos da *Ilha Grande,* corre um pedaço da America dos mais notaveis que fabricou a natureza, porque no meio destes dois extremos, na altura de 23 gráos e meio, parece que tomou a sua conta a mesma natureza, industriosa, sahir com tal sitio, que igualmente fosse inexpugnavel á inimigos, seguro aos amigos, proveitoso a todos viventes e de um grandioso reconcavo na forma que logo daremos, tudo por nome *Rio de Janeiro*, nome que lhe foi posto por ser descoberto no 1.º de janeiro do anno de 1532

pelo famoso heróe daquelles tempos Martim Affonso de Souza.

Foi este sitio sempre formidavel a todo o inimigo maritimo, porque na verdade é temerosa e horrivel aquella muralha natural que vae cercando toda esta paragem, junto ao mar, das mais estranhas penedias que jamais se viram. Assombro é das armadas mais fortes quando chegam pelo mar em fora até a vista de terra, e em vez de praias que alegrem começam a ver apparencias disformes de rochedos tão altos, que sobem as nuvens e espantam os homens com as figuras que fazem, e comforme ellas assim se lhe poem os nomes: O *Frade*, a *Gavea*, a *Célla*, e outros semelhantes. Quando já vem chegando a barra se veem levantados de um e outro lado, quaes dois gigantes fortes, dois monstruosos corpos de solido penedo a que chamam *Pães de Assucar*, que dando com as cabeças nas nuvens, lavam os pés nas aguas. Vomita cada um delles quasi das suas entranhas fogo e pelouro, quando entram em colera de duas fortalezas reaes. Não ha capitanea inimiga que ousasse emborcar, porque a barra é de 200 braças somente, o encostar a um e outro penedo á naufragar e o tomar o canal pelo meio é esperar a furia do canhão a mão tente de uma e outra parte das forças, e quando fosse possivel a entrada não é possivel a sahida porque de força ha de voltar com a maré e obedecer aos pés de um destes penedos, experimentando seus rigorosos tiros.

Pelo terreno vae rodeando toda a bahia e reconcavo do Rio de Janeiro aquella espantosa serrania que, já por vezes temos dito, corre a costa toda e com a parte de lá mais aspera, chamada a *Montanha dos Orgãos*, porque em forma deste instrumento vae levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazen-

do altura immensa que excede as nuvens. Representam aquelles grandes montes muralhas ou torres formidaveis postas entre nós e os barbaros que habitam a outra parte, porque ali fulmina a natureza em tempos tormentosos taes raios que assombram a terra e chegaram a suspeitar as nações agrestes que estavam armados de proposito para a defensa dos portuguezes.

São comtudo alegres em tempo de bonança aquelles picos inaccessiveis por sua forma, altura e formosura, revestidos de arvoredo mui verde, e arrebentando em ribeiras de agua que, despenhadas dos altos cumes, vem a pagar tributo ao mar e alegram os olhos dos moradores. E' o alagamar da barra para dentro uma estendida e formosa bahia, emula da de *Todos os Santos*, formada das enchentes do oceano que, emboccando pela barra dentro, chega quasi a lavar os pés daquelles montes que chamamos *Orgãos*. Tem este alagamar ou bahia como cousa de 8 legoas de diametro e 24 de circumferencia; esta *entrechassada* de ilhas, boqueirões e estreitos; estes ornados de verdura dos mangues e vermelhos dos passaros a que chamam *goarazes*, fazem a vista aprazivel. As ilhas fazem numero de 40 entre maiores e menores, com grossas fazendas dos moradores. Desemboccam nella varios e caudalosos rios, uns do centro, outros das terras circumvisinhas, que com o doce das suas aguas fazem continua guerra as do mar, querendo prevalecer cada qual dellas.

E' abundantissima de pescados, com tanta quantidade que houve tempo em que era necessario navegar com cautela em embarcações rasas para evitar o perigo dos peixes que, saltando de uma e outra parte, cahiam dentro e succedia ser talvez em prejuizo do

rosto e olhos dos que navegavam. São facilimos o maneio e serviço dos arredores porque são muitas as embarcações, maiores e menores, que cortam estas aguas de dia e de noite, fazendo alegre vista e suave commercio do circuito da bahia. Estão hoje povoados de moradores de fazendas grossas, entre as quaes avultam mais as dos engenhos de assucar que passam de 100, supposto que com menos machinas que as da Bahia.

Fundou-se a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em logar distante do arraial uma legoa e se fortificou com forças, e a barra com duas de uma e outra parte, fechando-se a porta totalmente aos inimigos. No coração da cidade deu o governador Mem de Sá sitio para se fundar um collegio aos padres da Companhia de Jesus e lhe applicou dote de renda necessaria para o sustento de 50 religiosos, em nome de El-Rei, que assim ordenava o Cardeal-Regente, cuja mercê acceitou o veneravel padre Azevedo, visitador então e depois martyr; cuja escriptura de dote se passou em Lisboa, firmada só pela mão de El-Rei em 6 de fevereiro do anno seguinte de 1568.

Entre os indios nossos confederados, que nos ajudaram nesta guerra foi um chamado no baptismo Martim Affonso de Souza, nome que se lhe deu do descobridor do Rio de Janeiro, o qual fez taes proezas contra os Tamoyos, que estes, aggravados do muito que os affrontou, tiveram o intento de se vingar delle. A este, depois de acabada as guerras, mandou o governador que assistisse com sua gente em um sitio visinho a cidade, que tem por nome *S. Lourenço*. Aqui, depois de assentada a sua aldeia, intentaram os ditos Tamoyos, reliquias dos vencidos, que vieram de Cabo-Frio a véla e a remos; e, *fazendo-lhe um banquete*, ti-

veram boa occasião, porque havendo de carregar em seu districto seu páo-brazil 4 náos francezas, lhes pediram que os ajudassem nesta empreza, e como os francezes dependiam delles acceitaram, entrando em som de guerra pela bahia do Rio dentro em 8 lanchas e grande numero de canoas.

Estavam ainda as fortificações sem força para lhes impedir o passo e a povoação sem cerca, por cuja causa se teve por perigoso o caso, porque o inimigo chegou inopinadamente, seu poder era grande e o nosso mui limitado, e si accommettessem correriamos então risco. Tomaram os nossos animo e mandaram perguntar aos francezes com que intento entraram; responderam que iam entregar nas mãos dos Tamoyos a Martim Affonso de Souza. Ficaram os nossos mais despreoccupados, mas sempre com algum cuidado acerca do indio amigo e do mais que poderia acontecer; pelo que mandou o governador Salvador Corrêa de Sá avisal-o e buscar soccorro de canoas a toda a pressa a S. Vicente.

Não desmaiou o indio com o aviso, mas tratou de se fortificar o melhor que pôde; despejou a gente inutil para fora e esperou com animo o inimigo. Desembarcou este em terra e conheceu-se então ser o seu poder formidavel em comparação do que estava com elle (Martim Affonso), porque as 4 náos jogavam muita artilharia, as 8 lanchas lançaram de si *summa* de francezes, com armas de fogo, e as canoas tão grande quantidade de Tamoyos que cobriam as praias, tão bem percebidos como para uma guerra de mais porte.

Porem, traçava aqui o Ceu um successo de grande fama, e foi que os inimigos, dando por certa a victoria aquelle dia, sahiram em terra e quizeram descançar sem fazer oração alguma.

Succedeu que aquella mesma noite entrou na aldeia um pequeno soccorro, que o governador mandou de portuguezes capitaneados por Duarte Martins Mourão, homem de valor. Visto este soccorro chorou de alegria o capitão. Foi caso depois de exaggerar os seus grandes louvores á lealdade dos portuguezes que em tão apertada occasião não se esqueceram delle, e depois de lhes trazer á memoria as façanhas dos seus antepassados e as que elles tinham obrado na continuação daquellas guerras tão prolongadas, tomou uma resolução digna de coração esforçado e, confiado no valor dos seus e no silencio e escuro da noite, mandou romper as cercas e, appellidando os nomes de Jesu-Christo e do martyr S. Sebastião, accommetteu ao inimigo de improviso, travou-se aqui uma bem ferida batalha, porque os nossos, á vóz e exemplo do seu capitão, pareçiam leões e, como deram em corpo desconcertado, fizeram no inimigo grande estrago. Por outra parte a mesma multidão fazia resistencia e pelejavam fortemente os mais esforçados; mas, sem ordem, entre a confusão da noite, houveram por fim de voltar as costas, seguiram os nossos ao alcance e com pouco damno fizeram uma grande matança.

Emquanto uns e outros andavam na briga as náos francezas, que estavam junto a praia, postas em cerco com a vasante da maré, não puderam jogar a artilharia, do que advertidos alguns dos nossos assestaram contra ellas um falcão-pedreiro, disparando nos convezes virados para terra a mão tente nuvens de pedras; mataram muitos francezes e destroçaram a *enxarcia* miuda. Acabada esta memoravel victoria aclarou a manhã e viram então os inimigos seu grande estrago e mal puderam as reliquias dos francezes reduzir-se a suas náos e as dos tamoyos a algumas das suas canoas.

Assim confusos, envergonhados, foram-se todos pela barra fora e chegando ao Cabo Frio choraram os Tamoyos a sua ruina e os francezes se partiram com bem pouca alegria, deixando com esta ultima victoria o Rio de Janeiro desasombrado.

Soube El-Rei D. Sebastião do caso e o mandou premiar mui bem com pensão, habito de christo e um vestido do seu proprio corpo. Depois de alcançada a victoria chegaram os soccorros que se tinham mandado pedir a S. Vicente, e achando concluido o effeito para que vinham não quizeram voltar sem alguma proeza memoravel, pelo que os mandou o governador contra o Cabo-Frio, para onde os inimigos se tinham retirado e onde acharam terem-se já ido os francezes, porem, acharam uma nova náo daquella nação, bem artilhada e carregadas de mercadorias, e voltaram com esta noticia; e como estavam os do Rio victoriosos e os de S. Vicente desejosos de pelejar convieram em ir com todas as suas canoas render aquella náo.

Partiu o mesmo capitão governador em pessoa com a gente de effeito, e chegando a serem avisados dos montes de Cabo-Frio fizeram os Tamoyos avisos aos francezes, entre os quaes se viu dirigir o poder de pequenas canoas contra uma náo artilhada de porte de mais de 200 toneladas. Porem choraram os que riram, porque as canoas accommetteram uma madrugada por uma e outra parte e ganharam de repente os costados, donde, por mais que a náo estava preparada de artilharia e guarnecida de soldados e artificios de fogo, a artilharia não fazia effeito porque jogava pelo alto e ficaram-lhe as canoas debaixo, e da mesma maneira todas as mais armas de fogo ficaram frustradas, porque as frechas varejavam os barbaros de maneira que não era possivel os francezes chegarem-se a elles, os quaes

logo sentiram bem a força das pequenas canoas e julgaram a sua custa ser o riso o riso que de antes tiveram.

Accommetterem os nossos a subida 3 vezes; mas como ao entrar ficavam a peito descoberto foram rebatidos com os piques e com alcanzias de fogo, e nestes tres accommettimentos cahiu sempre o governador ao mar, sem saber nadar, e sempre foi livre pelos nossos indios.

Prolongava-se a briga travada de parte a parte. O capitão da náo, vestido de armas brancas, brigando com duas espadas, se defendia e animava aos seus com valor, discorrendo, discorrendo por todo o convez.

Entenderam os nossos que neste consistia a dilatação do successo, mas como andava tão bem armado não entravam com elle as settas. Entrou em brio um frecheiro e perguntou se tinham aquellas armas algum logar por onde entrasse uma frecha; disseram-lhe que que pela viseira. Bastou o dito para o effeito, e disparou uma frecha que pelo mesmo logar penetrou o olho e o interior da cabeça ao capitão contrario e deu com elle no convez, a vista do que desanimaram os soldados e fugiram para baixo depois de muito bem feridos. Entraram os nossos e renderam a náo a vista dos mesmos Tamoyos contrarios que, como escaldados não se atreveram a ajudar a seus amigos.

Mandou o capitão governador dar a vela e entrou com a náo no Rio. Deu o *salve* aos soldados que em breve tempo appareceram vestidos dos melhores pannos do mundo A artilharia, applicou-se na defenção da cidade e na fortaleza de Santa Cruz; na barra se conservam ainda algumas destas peças. A náo mandou-a o dito capitão-mór a Mem de Sã, seu tio, com a relação deste bom successo e ficou elle somente com a gloria delle, não tomando cousa alguma dos des-

pojos para si. Estes grandes feitos dos portuguezes na America esfriaram dali em deante os nossos inimigos para nos terem mais respeito e não se atreverem contra nós.

Foi-se augmentando a povoação da cidade com utilidade dos portuguezes e muito mais que por esta via se descobriram as minas de ouro. De Pernambuco não temos noticia dos successos particulares destes annos; só consta que se iam augmentando a povoação e a utilidade dos engenhos de assucar, donde veiu sempre o mais selecto, e de outras producções do paiz. De tabaco se não tratava ainda neste tempo, nem se entendia a sua utilidade. O fructo espiritual era o mais commum e geral por toda esta nobre Luzitania.

A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul

NO SECULO PASSADO

As primeiras entradas feitas pelos antigos Paulistas no sertão ao sul da cidade de São Paulo, as do seculo XVII de que resultou a destruição das missões jesuiticas e bem assim a expulsão dos Hespanhóes da região ao norte do Rio Uruguay, não deixaram vestigios de si na forma de vias permanentes de communicação, ou de occupação effectiva do vasto territorio conquistado.

Por muitos annos depois destes acontecimentos, a posse portugueza effectiva, fóra da zona do littoral, ficou limitada ás visinhanças da cidade de Sorocaba, estendendo-se talvez ás de Itapetininga no actual Estado de São Paulo, e de Curityba no actual Estado do Paraná, não se sabendo se houve, ou não, communicação por terra entre estes dois centros. Com a fundação, em

1737, de estabelecimentos portuguezes nas visinhanças da entrada da Lagoa dos Patos, houve necessidade, para a defeza e manutenção destas nascentes povoações destinadas a servirem de base para a conquista e povoamento do actual Estado do Rio Grande do Sul, de uma ligação terrestre e mais segura do que a maritima com o centro paulista. As diversas guerras com os Hespanhóes deram grande importancia a esta estrada, que ao mesmo tempo tornou-se uma das principaes vias commerciaes do Brazil e assim se tem conservado até hoje.

Faltam noticias minuciosas sobre a data exacta (1) e a historia da abertura desta estrada.

E' porém certo que uma vez aberta, não tardou a se fixarem n'ella diversos moradores permanentes que, abrindo fazendas ou simples ranchos para a commodidade dos viajantes, estabeleceram centros de população dos quaes alguns se desenvolveram e passaram á categoria de villas ou cidades, ao passo que outros ficaram como simples povoações ou sitios

---

(1) E' de presumir que a data fosse posterior a 1737, sendo porem possivel que fosse anterior á fundação definitiva das povoacões no Rio Grande do Sul. O catalogo da Exposição de Historia do Brazil traz, sob o n.º 1488, o seguinte titulo,—«Nova e 1.ª Carta da Terra firme e Costas do Brazil ao Meridiano do Rio de Janeiro, desde o R.º da Prata athé Cabo Frio, com o novo cam.º do Certão do R.º Grde, athé a cide. de S. Paulo. O. E. D. ao Poderozissimo Rey e Sr. D. João V. pelo P. M. Diogo Soares S. J. seu G. R. (Geographo Real) no mesmo Estado. 0,m 842 x 0,694. Original? a aquarella. Exp. Arch. Mil». —Esta carta que deve estar ainda conservada no Archivo Militar do Rio de Janeiro não tem data, porem outros trabalhos cartographicos do mesmo auctor mencionados no dito catalogo são datados de 1730 e 1731.

sem bastante importancia para figurarem nos mappas modernos.

Já em 1749, o Mappa das Cortes, organizado em Lisboa para servir nas negociações do tratado de limites com Hespanha, figura esta estrada por uma serie de signaes representando estabelecimentos fixos espaçados de maneira a indicar que o factor determinativo da sua fundação era a marcha diaria das tropas, quer militares quer commerciaes, e as facilidades de aguada e de culturas para o supprimento das suas necessidades. Conforme as investigações do Barão do Rio Branco, resumidas na sua magistral «Exposição ao Arbitro» da questão de limites com a Republica Argentina. as informações em que se baseava o auctor do Mappa das Çortes para modificar e augmentar nesta parte os mappas existentes dos Jesuitas eram fornecidas pelo General Silva Paes. fundador dos estabelecimentos de 1737 no Rio Grande do Sul, e que talvez tivesse transitado por ello. O officio de 8 de Fevereiro de 1749 do Secretorio de Estado, Marco Antonio de Azevedo Coutinho, (citado pelo Barão d Rio Branco, p. 149) diz que a parte relativa as possessões portuguezas no sul foi tirada do Mappa Geographico do Padre Diogo Soares (1).

E' de presumir que a representação destes pontos no dito mappa fosse determinada por um simples roteiro, dando com toda a exaçtidão a sua posição com referencia aos cursos de agua (cujo seguimento para o

1) Como o mappa representa diversos detalhes que são certamente posteriores á expedição do General Silva Paes em 1737, parece que a contribuição deste era bastante importante ou eutão que o mappa já referido do Padre Diogo Soares foi confeccionado depois desta data.

interior era aliás desconhecido) e com approximação o rumo e a distancia de um pouso a outro (1).

Infelizmente o mappa não dá os nomes das situações representadas, nem os dos rios cortados pela estrada, com a excepção de um affluente do Iguassú, denominado Itupeva, que não figúra nos mappas modernos, mas que parece ser o que desagua perto do Porto da União e que é hoje conhecido pelo nome de Canoinhas.

Durante os annos de paz que se seguiram ao Tratado de Madrid de 1750, esta estrada serviu apenas de via commercial, cuja importancia devia ter crescido com o crescente desenvolvimento dos estabelecimentos portuguezes no Rio Grande do Sul. Estando a Capitania de S. Paulo sem governo especial durante este tempo (1748—1764) é de presumir que pouco ou nada fosse feito officialmente para a povoar e conservar.

---

(1) Quasi todos os antigos mappas brazileiros (e nos detalhes grande parte dos modernos) são baseados em taes roteiros ou informações dos *vaqueanos*. Na falta de um levantamento geodesico ou feito com instrumento, o meio mais seguro de se fazer um esboço geographico de uma região desconhecida é de facto com os taes roteiros e informações que, empregados com criterio, dão um mappa cuja approximação á verdade é, muitas vezes, sorprehendente. Neste respeito o caipíra ou tropeiro brazileiro (e não importa que seja analphabeto) é realmente admiravel. As suas informações a respeito das aguadas são rigorosas; as relativas aos rumos e distancias, muito approximadas á verdade. O nosso digno consocio, dr. Theodoro Sampaio, que é perito no levantamento de mappas, tanto pelo emprego de instrumentos como pelas informações dos vaqueanos, me confirmará nesta apreciação do instincto geographico do tropeiro brazileiro.

Restabelecido, em 1764, o governo independente de São Paulo com um governador, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, extremamente emprehendador e especialmente empenhado na exploração e povoamento do vasto sertão da Capitania, e tendo ao mesmo tempo de orgonizar e expedir os contingentes de tropas e munições para a guerra que tinha rebentado de novo no sul, a estrada recebeu especial attenção por parte do governo.

A parte ao norte do Iguassú serviu de base para as numerosas expedições de exploração e povoamento nos sertões de Tibagy e Ivahy, e, para dominar os Indios na parte da estrada que se approximava da Serra de Paranapiacaba, resolveu-se a fundação de Itapeva ou Faxina, cujo desenvolvimento dentro de poucos annos lhe grangeou o titulo de villa. Para melhor garantir as communicações com o Rio Grande do Sul, D. Luiz Antonio cuidou no estábelecimento de um centro mais forte de população na região do alto Uruguay, escolhendo para este fim a fazenda ou pouse das *Lages*, elevado á villa em 1766. Em 1766, D. Luiz Antonio remetteu para a Corte um mappa de grande parte da America Meridional que indubitavelmente representava esta estrada naquella epocha, mappa que infelizmente parece que se perdeu,

O mappa onde os detalhes dessa estrada vem representados com mais minudencia é de origem hespanhola e incidentalmente mostra a grande importancia que os hespanhóes attribuiram a esta via de communicação, que para elles era uma ameaça constante para as suas possesões do Rio da Prata e, na hypothese de um movimento offensivo, um meio de alcançar os seus inimigos no seu centro continental mais forte, a cidade de São Paulo.

E' este o grande mappa da America do Sul, organizado em 1775 pelo geographo real da Hespanha D. Juan de la Cruz Cano e Olmedilla. que dá quarenta e tantos nomes de localidades entre São Paulo e Viamão, isto é, um roteiro quasi completo dos pousas nesta longa jornada. E' realmente curioso ver figurar neste mappa do continente, em que só teriam logar os nomes das povoações de certa importancia, tanta riqueza de designações que, na maioria dos casos, provavelmente representavam simples ranchos de tropeiros apenas. Nenhum mappa conhecido de origem portugueza representa a estrada São Paulo—Rio Grande com egual somma de minudencias. Por exemplo, o da Capitania de São Paulo, organizado em 17.. por Montezinho, apezar de ser mappa local e não geral, é muito menos detalhado a este respeito. E' de presumir que os detalhes dados por Olmedilla fossem fornecidos por algum prisioneiro ou desertor portuguez, ou talvez por algum espião hespanhol mandado de proposito para este fim. Os nomes são muitas vezes estropiados ao ponto de ser difficil reconhecel-os; mas tanto quanto se pode julgar, o roteiro é bastante exacto. As informações, ou roteiro, que serviram para a confecção deste mappa devem ser anteriores á administração de D. Luiz Antonio de Souza, visto que não dá o nome de Lages, que somente nesta epocha começava de tomar importancia especial.

No Archivo de São Paulo, o documento mais valioso que se encontra a respeito desta estrada, é a seguinte ordem de marcha que ficou registrada como annexo a um officio com data de 21 de Outubro de 1775 do governador, Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Tenente-General João Henrique de Bohm, commandante das forças em operação no Rio Grande do Sul.

Transitos por onde hão de marchar as Companhias de Cavallaria de Voluntarios Reaes de São Paulo para o Exercito do Rio Grande de São Pedro.

1.º—Da cidade de São Paulo á Carapecuuba.

2.º—Da Carapecuuba, o Baruirymerim.

3.º—De Baruirymerim, aos Barreiros para lá do matto Payol.

4.º—Dos Barreiros, ao Olho de Agua.

5.º—Do Olho de Agua, a Felippe Guental.

6.º—De Felippe Guental, a Opanema.

7.º—De Opanema, ao Rio de Sarapuû de baixo.

8.º—De Sarapuû de baixo, á Fazenda de Pederneiras.

9.º—Da Fazenda de Pederneiras, ao Porto de Tapetininga.

10.º—Do Porto de Tapetininga, á Pescaria.

11.º—Da Pescaria, a Parnapitanga.

Todos estes transitos são de quatro legoas. e alguns de menos.

12.º—Da Parnapitanga, ao Sitio do Rio de Piahy tem tres legoas de distancia, com passagem de Rio de canoa.

13.º—Do Sitio de Piahy, á Fazenda da Escaramussa, dista quatro legoas,

14.—Da Fazenda da Escaramussa, ao Sitio de Taquari, dista quatro leguas.

15.—Do Sitio de Taquari, ao Sitio de Perituba, dista quatro leguas.

16.—Do Sitio de Perituba, á Fazenda de São Pedro, dista quatro leguas e meya.

17.—Da Fazenda de São Pedro, á Fazenda de Murongaba, dista quatro leguas.

18.—Da Fazenda de Murongaba, ao Sitio de Jaguariayba, dista cinco leguas, com passagem do Rio, e canoa.

19.—De Jaguariayba, á Fazenda da Cinza, dista cinco leguas.

20.—Da Fazenda da Cinza, ao Atterrado Grande, abaixo das Furnas, dista quatro leguas e meya.

21.—Do Atterrado Grande, á Fazenda do Capitão Francisco Carneiro Lobo, dista quatro leguas e meya.

22.—Da Fazenda do Capitão Francisco Carneiro Lobo, ao Sitio de Tapanhuacanga, dista quatro leguas.

23.—De Tapanhuacanga, á Fazenda do Boqueirão, dista quatro leguas e meya.

24.—Do Boqueirão, á Encruzilhada do Carrapato, dista quatro legoas e meya.

25.—Do Carrápato, á Fazenda do Lago, dista quatro leguas.

26.—Da Fazenda do Lago, á Fazenda do Ferrador, dista cinco leguas.

27.—Da Fazenda do Ferrador, ao Registro de Curitiba, dista cinco leguas.

28.—Do Registro de Curitiba, a Santo Antonio da Lappa.

29.—De Santo Antonio da Lappa, ao Campo do Tenente.

30.—Do Campo do Tenente, a outra banda do Rio Negro.

31.—Do Rio Negro á Butiatuba.

32.—De Butiatuba, a Oguraypû.

33.—De Oguarypû, á Estiva onde se entra no matto de São João.

34.—Da Estiva, a Sima do Morro Grande,

35.—Do Morro Grande, ao Tacuaral.

36—Do Tacuaral, onde se sahe do Matto, á entrada do Matto do Espigão.

37—Da entrada do Matto do Espigão, á Espichada, fóra do dito Matto.

38—Da Espichada, á Sepultura.

39—Da Sepultura, á Ilha.

40—Da Ilha, á Ponte-Alta.

41—Da Ponte-Alta, a outra banda do Rio das Mirombas.

42—Do Rio das Marombas, aos Curitibanos.

43—Dos Curitibanos, ao Rio dos Cachorros.

44—Dos Cachorros, á Ponte-Alta.

45—Da Ponte-Alta, a outra banda do Rio das Canoas.

46—Do Rio das Canoas, a Lourenço da Rocha.

47—Do Lourenço da Rocha, a Villa das Lages, que não chega a ter duas leguas.

Todos os mais transitos acima são de quatro leguas, e alguns de menos.

Da Villa das Lages, se entra nos Marcos do Continente do Rio Grande, onde os transitos são um pouco puxados, por conta dos pastos para os cavallos.»

Na organisação desta ordem de marcha houve evidente empenho em regular, quando fosse possivel, a distancia diaria pela media de quatro leguas, e apparentemente tambem em evitar os pousos nas povoações maiores que, como Sorocaba, Itapetininga e Itupeva (ou Faxina) que já nesta epocha eram villas, foram deixadas ao lado ou no meio da marcha diaria. Como só vem mencionados os pousos que devem ser occupados pela tropa, este roteiro não dá a relação completa dos estabelecimentos ao longo da estrada e, nos casos de

descordancias entre elle e os mappas, estas podem ser devidas em parte a estas localidades intermediarias e em parte á synonimia. Como em todos os roteiros, as localidades são designadas ora por um nome local, ora pelo seu dono (que é variavel), sendo possivel que muitas destas discordancias sejam verdadeiros synonimos.

Para a historia da região e do desenvolvimento das suas vias de communicacão, é interessante estudar esta ordem de marcha comparando-o com os mappas antigos e modernos.

Para os fins deste estudo será conveniente considerar a estrada por trechos marcados por pontos que já naquelle tempo ou modernamente se desenvolveram á categoria de villas ou cidades. Estes trechos são:

São Paulo á Sorocaba.
Sorocaba á Faxina.
Faxina ao Rio Negro.
Rio Negro a Lages.
Lages a Porto Alegre.

Os mappas antigos não dão detalhes alguns relativos á antiga via de communicação entre São Paulo e Sorocaba. O das Cortes e o de Olmedilla (este dá o nome de Jarocabas) figuram apenas os pontos extremos, e o de Montezinho de 1792 dá apenas os pontos intermediarios de Pinheiros e São Roque. A ordem de marcha, indo pela estrada antiga que se bifurca da de Itú, indica que a mais directa por Cotia e São Roque não existia ainda, ou que não estava em condições de ser preferida (1).

(1) Nas notas colleccionadas pela Commissão de Estatistica de 1888, a fundação da Cotia presume-se ter-se realisado no anno de 1713 e a elevação de São Roque á freguezia no anno de 1768. Sobre a data da abertura da estrada que liga São Roque à Sorocaba não se encontra referencia alguma.

Os pousos são:

Carapecuuba, (Carapicuiba), antiga aldeia de Indios que ainda conserva o mesmo nome.

Baruiry merim, que é evidentemente a actual povoação de Baruery e que figura no Mappa de Montezinho de 1792 na margem direita do Tieté.

Barreiros para lá do Matto Payol, deve ser no districto de Araçariguama, onde o nome Payol é conservado no Corrego do Payol.

Olhos de Agua, pequena povoação proxima a actual estação de Dona Catharina no ramal de Itú da estrada de ferro Sorocabana.

Felippe Guental, que deve ser algum pouso antigo perto da cidade de Sorocaba (1), o qual ficava como ponto intermediario da marcha do 6.º dia.

No trecho da estrada entre Sorocaba e Faxina o Mappa das Cortes só indica um pouso sem nome, porém em posição que corresponde ao Porto de Itapetininga, e o de Olmedilla tem diversos nomes que serão mencionados abaixo. Os nomes indicados na Ordem da marcha são os seguintes:

---

(1) O mappa de D'Anville de 1748 não traz o nome de Sorocaba, mas uma povoação «Cativa» e um rio «Britida» em posição que corresponde regularmente com a da cidade e rio Sorocaba. Entre esta e São Paulo ha uma povoação de São Felippe. No mappa anterior do mesmo auctor, publicado em 1734 nas «Lettres Edíficantes et Curieuses écrites des Missiones Etrangeres par quelques Missionaires de la Compagnie de Jesus», ha além destes nomes o de «Berusacaba» (Araçoiaba). Como o mappa de D'Anville foi confeccionado com os dados fornecidos pelos Jesuitas, é de presumir que estes nomes foram encontrados em alguns escriptos dos padres da companhia.

Opanema, que é evidentemente a passagem do rio Ipanema na estrada de Campo Largo e acima do morro do mesmo nome.

Sarapuú de baixo, passagem do rio Sarapú ou Sarapuhy.

Fazenda das Pederneiras, que deve ser entre Alambary e Itapetininga (fundada em 1770), onde ainda se conserva o nome de corrego des Pederneiras. Em posição correspondente, o mappo hespanhol dá o nome «Recistro» que talvez indique que existia por alli um registro do qual se perdera a tradição.

Porto de Ipetininga, o mappa de Olmedilla dá na margem de um rio que corresponde ao Itapetininga o nome «Cubaz» provavelmente o do morador no porto, ou n'um dos dois pousos seguintes que não vem mencionados no mesmo mapp.

Pescaria. Este nome ainda se conserva n'uma fazenda proxima á margem direita do Paranapanema.

Paranapitanga. Provavelmente na margem do pequeno rio do mesmo nome. O mappa de 1792 tem o nome de Col. Joaquim Manoel nesta posição.

Sitio do Piahy, que tem signal no Mappa das Cortes e o nome «Pedroso» no de Olmedilla. Este ultimo nome induvitavelmente se refere a Antonio Furquim Pedroso que, conforme a chronica, fundou, em 1766, a povoação de Itapeva da Faxina, no logar denominado «Villa Velha» donde, depois de elevada á categoria de villa em 1769, foi removida para o sitio actual. A occorrencia deste nome é umo indicação valiosissima da exactidão do mappa hespanhol, mesmo nos casos em que não concorde com os outras informações mais ou menos contemporaneas.

Fazénda da Escaramussa. Este nome ainda se con-

serva. O mappa hespanhol tem «Escama» que é provavelmente o nome correcto estropiado.

No trecho entre Faxina e Castro, que ainda não existia, ha os seguinte pousos.

Sitio de Tacuari.

Sitio de Perituba. Estes dois sitios são evidentemente nas passagens dos rios Taquary e Pirituba que não figuram no mappa de Olmedilla o qual tem, porem. o nome estranho de «Hangua» em posição que corresponde proximamente com a de Pirituba. Como o mesmo mappa dá nesta região o nome de «Itanguás» a um rio que é evidentemente o Itararé, pode-se suppor que Hanguá seja erro de copia por Itanguás. De facto existe conforme informações de um viajante que percorreu ultimamente esta região, um Lageado de Itanguá cerça de meia distancia entre os rios Iaquary e Pirituba.

Devo no obsequio do sr. C. F. Scheler a seguinte nota que muito esclarece a parte paranaense da antiga estrada. O Coronel João Martins, morador em Castro, de cerca de 60 annos de idade, qne viajou muito como tropeiro no N. de Paraná e S de S. Paulo deu as seguintes informações sobre a antiga estrada entre S. Paulo e Curityba em territorio paranense ;

«De S. Pedro de Itararé, uma povoação relativamente nova em S. Paulo, passa-se primeiro a antiga fazenda «Morungaba». O actual dono, Coronel do Canto Silva, mora nesta fazenda no logar denominado «Barbozas». A «Tapera», a antiga casa da fazenda, fica mais distante a E. Para chegar lá passa-se primeiro um pequeno morro depois um lageado (pequeno riacho) de onde se avista a «Tapeira» encostada nó primeiro morro de Morungaba (que tem mais de um ponto culmi-

nante). Indo para o S. atravessa-se o rio Jaguaricatú e as fazendas Postinho, Limoeiro e Tucunduva, aonde tem plantações de café e criação de gado. Esta ultima fazenda pertence hoje á Companhia Frigorifica. Depois passa-se a fazenda «Samambaia» antigamente pertencendo ao Barão de Antonina, actualmente ao Coronel Domingos Antonio da Cruz. Atravessando a ponte do rio Jaguariahyva nesta fazenda, entra-se na villa do mesmo nome, que recebeu este nome pela fazenda, em que foi edificada. A antiga casa d'esta fazenda, onde já houve uma pequena povoação, fica alêm de uma restinga, onde se avista ainda taperas. Esta fazenda communica com a das Cinzas. Deixando a fazenda das Cinzas entra-se no «matto ou serrinha das Furnas», d'ahi chega-se ao Aterrado Grande, ou Capella do Snr. Menino, aonde fica hoje Pirahy. O dono desta fazenda era ha 50 annos o Capitão Francisco Carneiro do Lobo que porêm morava retirado da villa Jaguariahyva n'um outro sitio. De Pirahy até Castro seguiu-se pelo caminho actual. Passando Castro entra-se na fazenda «Carambehy» que foi de um Capitão Mór. A mulher d'elle, D. Francisca Çarambehy morreu ha 50 annos muito velha. Ligado a esta fazenda era a do Boqueirão A casa ficou tres legoas da cidade da Ponta Grossa e a N. 10.º E. desta cidade. Uma outra fazenda muito velha chama-se Carrapato, que demora alem do Tibagy e a S. 20.º W. da Ponta Grossa. Ponta Grossa era uma pequena povoação encostada a uma «ponta grossa de matto», distante 1 1[2 km. da cidade actual mas muito mais baixo. Existem ahi casas, que se avista do cemiterio. Da fazenda dos Carrapatos passa-se a fazenda Santa Cruz (aonde existe ainda a capella mais antiga n'esta região), que pertencia ao Capitão Joaquim Gonçalves Guimarães, que morreu

em 185? com 90 annos de edade. De lá chega-se á fazenda do Lago. A casa ficou 1 1[2 legoa de Palmeira. De Palmeira ao antigo registro no Iguassú ha 5 legoas. Este registro achou-se perto da estação «Tamanduá».— A ultima parte deste caminho desde Ponta Grossa até Tamanduá não era commum e o Snr. Coronel João Martins não sabe explicar, porque foi indicado este transito para as tropas, salvo que era por causa do melhor pasto.»

Fazenda de São Pedro. Este nome ainda se conserva n'uma fazenda que occupa grande extensão de terreno á direita do rio Itararé e que provavelmente deu o nome á actual povoação de São Pedro de Itararé no ponto de passagem do rio. O mappa hespanhol não dá este nome mas tem o do Rio Verde que é outro pouso na mesma região.

Fazenda de Murungaba. O mappa hespanhol dá a orthographia Morungaba que é mais do accordo com o uso moderno. O nome ainda se eonserva n'uma grande fazenda do estado do Paraná e n'um morro poucos kilometros abaixo de São Pedro do Itararé. O pouso acho-se asssignalado no Mappa das Cortes.

Sitio de Jaguariayba. Passagem do rio Jaguariahiva, e talvez no logar da actual villa deste nome. O mappa de Olmedilla dá «Jauarayba», e entre este e Morungaba, o rio Jaguarahi com o sitio de Samambaya que conforme a nota do Coronel Martins é uma fazenda que ainda conserva o mesmo nome a direita do rio Jaguariahiva estando a povoação deste ultimo nome á esquerda do mesmo rio. O mappa de Montezinho de 1792 tem o nome de Boa Vista para a povoação sôbre o Jaguariahiva.

Fazenda das Cinzas. Olmedilla dá «Pinza» que é evidentemente o nome Cinza estropiado.

Atterrada Grande abaixo das Furnas. Este ponto que é assignalado no Mappa das Cortes, tem o nome de »Araraz« no de Olmedilla que o colloca sobre um rio Turnas (Furnas). Conforme a nota do Coronel Martins o Atterrado Grande tem hoje a nome de Pirahy, e a antiga fazenda pertencia (talvez depois desta epocha) tambem ao Capitão Francisco Carneiro Lobo.

Fazenda do Cap. Francisco Carneiro Lobo, Este ponto se não é o da actual cidade de Castro, é nas suas immediações. O mappa hespanhol dá o nome de «Rocha». O Capitão Francisco Carneiro Lobo era um dos exploradores do sertão de Guarapuava em 1768 (1) (Archivo do Estado de São Paulo, vol. IV, p. 49.) e na occasião da creação da villa de Castro em 1792, era capitão de auxiliares.

Ao sul da actual cidade de Castro as explorações de 1768-1772 tinham aberto diversas estradas na região dos Campos Geraes, entre outras uma para o registro do Iguassú que encurtava a grande volta por Campo Largo onde a estrada São Paulo-Curitiba entrava na de Curitiba-Viamão. A ordem de marcha de Martim Lopes dá os pousos da estrada nova, ao passo que os mappas de Olmedilla e das Cortes dão os da antiga. Ao norte, a bifurcação das duas estradas era na povoação de Pitangui conforme o mappa de Montezinho de 1792, porem por um esboço que acompanha a petição, em 1789 para a elevação da freguezia do Yapó á villa (Castro) parece que era mais para o norte. Os mappas modernos desta região são tão pouco

(1) O commandante desta expedição era o Guarda Mor Francisco Martins Lustosa que na administração de D. Luiz Mascarenhas era Guarda-Mor das novas minas de Santa Anna do Sapucahy, donde se retirou na occasião da passagem deste districto para Minas em 1749.

minuciosos que é difficil identificar todas as localidades. Os pousos entre Castro e o rio Negro são os seguintes.

Sitio de Tapanhoacanga. O mappa de Olmedilla dá «Caicanga» parecendo haver confusão com a localidade deste nome na margem do Iguassú abaixo do registro. O mappa de 1792 dá «Carambiy», e os modernos «Boqueirão» em posição que corresponde proximamente com este pouso. Conforme a nota do Coronel Martins este sitio, o Boqueirão dos mappas modernos, parecem pertencer á antiga fazenda Carambehy, sendo a fazenda do Boqueirão que vem em seguida uma outra mais proxima a Ponta Grossa,

Fazenda do Boqueirão. Ao que parece, não é a actual povoação deste nome sendo mais para o lado de Ponta Grossa, e proximo ao rio Tibagy.

Encruzilhada do Carrapato. E' o ponto donde partiu a estrada para o sertão de Guarapuava, situado a uma legua da margem do rio Guarauna, affluente do lado esquerdo do Tibagy, e tres leguas da Ponta Grossa, conforme a narrativa de Affonso Botelho de São Paio em 1772, e a 4 1|2 leguas da fazenda do Boqueirão, conforme a ordem de marcha. E' provavel que o nome ainda exista, bem que não figure nos mappas modernos á mão.

Fazenda do Lago.

Fazenda do Ferrador. Com os dados á mão não é possivel determinar a posição exacta destas duas fazendas, nem se tem ellas conservado até hoje os mesmos nomes. Conforme a narrativa de Affonso Botelho, a fazenda do Ferrador não estava muito longe do porto de Caiacanga no rio Iguassú, distante 9 leguas de Carrapato, distancia esta que está de accordo com a ordem de marcha de Martim Lopes, O nota do coronel

Martins dá a Fazenda do Lago a 1[2 legua de Palmeira.

Registro de Curitiba. Passagem do rio Iguassú na estrada de Curitiba. Nem o Mappa das Cortes, nem o de Olmedilla indica pouso neste ponto, donde se conclue que o estabelecimento do registro era facto recente em 1775.

O mappa de Olmedilla dá entre os rios Yapó e Negro os seguintes pousos que são os da estrada antiga.

Caiacanga. Sobre um affluente do Yapó. É provavelmente o ponto Tapanhoacanga da ordem de marcha e talvez o Boqueirão dos mappas modernos.

Pitangui. O mappa de Montezinho tem «Pitanga» com o accrescimo «dos Jesuitas», dando a suppor que ali foram encontrados restos attribuidos á occupação jesuitica. O Sr. Rocha Pombo n'um recente escripto no Jornal do Commercio (27 de Novembro de 1897) menciona uma «Igreja Velha» na estrada de Castro a Tibagy attribuindo-a, porem, aos Jesuitas de São Paulo. Como na região dos Campos Geraes ha muitas rochas de formas fantasticas que, as vezes, se assemelham a ruinas, é possivel que algumas destas tinham sido assim chrismadas na linguagem popular. E' certo porem, que os Jesuitas de Guayrá conheceram todo o valle do Tibagy onde tiveram diversos estabelecimentos que vem representados no mappa de 1646-1649. O de Incarnation parece ter sido na região da actual villa de Tibagy e e de S. Miguel perto das cabeceiras do rio, ambas do lado esquerdo. Seria interessante verificar o que ha de exacto sobre restos ou tradições de Jesuitas nesta região. Um viajante recente, o Sr. Erasmo Braga dá noticia de uma egreja attribuida aos Jesuitas em Carambehy.

Tajacoca. O nome Itajacoca figura nos mappas modernos.

Combeju.

Porcos. Conforme o esboço ja referido de 1789 são estes os nomes de duas fazendas que ficam a cada lado do alto Tibagy na estrada de Castro a Curitiba.

Cabo Largo. Campo Largo.

Fray Carlos. Conforme a narrativa de Affonso Botelho, a «Fazenda dos Carlos» ficava a 10 legoas de Curitiba e cerca de 6 legoas de Campo Largo. Dahi foi-se em um dia a N.ª S.ª da Conceição de Tamanduá (que é talvez o ponto «Prelado» de Olmedilla, fora da estrada), Caiacanga e Fazenda do Ferrador.

O Mappa das Cortea representa tres pousos nas aguas do Tibagy que se pode suppor serem Castro, Boqueirão e Pitangui, ou Itajacoca, e um só nas do Iguassú que pela posição parece ser Lapa.

Existe no Archivo Militar do Rio de Janeiro um mappa inedito que foi organizado em São Paulo no anno 1770, para accomponhar uma exposição de governador, D. Luiz Antonio de Souza, a respeito das explorações dos Sertões do Tibagy e Ivahy, sendo de suppor que o seu auctor fosse o Tenente Coronel Affonso Botelho de São Paio. Este representa o rio Piay (Apiahy) como o ultimo affluente do Paranapanema. Depois vem ao sul um rio sem nome, rio Pintuba (Pirituba) e Rio Verde que se unem para formar um rio Taquan desaguando no Tibagy. O Itararé que recebe o Jaguanaiva (Jaguariahiva) que de sua vez recebe o Jaguarcata (Jaguaricatú) é tambem representado como affluente do Tibagy. E' evidente que nesta epocha os rios desta região só eram conhecidos nas suas cabeceiras nos pontos da passagem da estrada, sendo hypotheticos os seus cursos inferiores e pontos de descar-

ga, e a este respeito as hypotheses do mappa hespanhol são mais acertadas do que as do paulista. O primeiro dá acertadamente o Rio Verde unindo-se com um sem nome. que é o Itararé, e correndo para o Paranapanema, mas está em erro dando o Pirituba como affluente do Rio Verde. O nome de Rio Taquan dado no mappa paulista ao curso inferior do Rio Verde corresponde em posição com o Rio Itanguás do mappa de Olmedilla. E' possivel que os nomes Taquan, Itanguás e Hanguá são todos variantes de um só nome indigena. O Mappa das Cortes de 1749, embora sem nomes, representa melhor os rios desta região do que o paulista de 1770.

Continuando do Registro do Iguassú a ordem de marcha dá:

Santo Antonio da Lapa. A narrativa de Affonso Botelho de 1770 menciona a «Freguezia nova de Santo Antonio do Registro» mas nada diz de um registro nas margens do Iguassù.

Campo do Tenente Este nome que é conservado até hoje vem tambem no mappa de Olmedilla que tem ao sul o de «Passa 3.º» sobre um affluente da margem direita do Rio Negro. O mappa de Montezinho dá a este o nome de «Rio dos Tres Irmãos» e representa-o dando uma volta em forma de S de modo que a estrada o corta tres vezes, assim justificando a denominação do mappa hespanhol. A mesma configuracão e o nome de Passa Ires são dados no mappa do Brigadeiro Muller de 1838. O nome Passa Ires» figura tambem nas noticias das recentes operações militares nesta região. O mappa hespanhol dá o nome de «R. Grande Meri» ao rio ao norte do Campo do Tenente (Rio da Vargem), representando-o como affluente do Iguassú.

Outra banda do Rio Negro. Este pouso tem o nome de Curralinho no mappa de Montezinho.

No trecho intermediario entre o Rio Negro e Lages os mappas modernos são tão incompletos que, sem conhecimento pessoal do terreno, é impossivel identificar muitas das localidades das quaes algumas tem indubitavelmente mudado de nome. Os pousos são os seguintes :

Butiatuba. O mappa do Paraná por Carlos Rivierre, publicado em 1875. tem o nome Rio Butia como synonomo do Rio da Contagem. No mappa de Muller de 1838 o nome Butia é dado ao segundo ribeirão ao sul do Rio Negro.

Oguraypú ou Oguarypu. A ordem de marcha dá ambas as orthographias. Nada que corresponda a este nome singular se encontra nos mappas.

Estiva onde se entra no matto de São João. Nos mappas modernos o nome Estiva só apparece nos «Campos da Estiva» designando um territorio grande ao sul do Rio Negro. A identificação deste ponto tem a sua importancia na discussão de limites entre Paraná e Santa Catharina por ter sido designado o rio, ou ribeirão, de Estiva como divisa entre as villas Curitiba e Lages na occasião da demarcação desta ultima em 1774. Nas discussões havidas tem se dado como perdido ou inidentificavel o nome de Estiva, mas com os dados fornecidos pelo documento de Martim Lopes deve ser facil verificar no terreno, a posição exacta do limite original. A região a direito da estrada e ao sul dos rios Negro e Iguassú ainda hoje figura com «Sertão desconhecido» sendo incerto o curso de diversos corregos cortados pela estrada, conforme se vê no recente mappa official do Estado do Paraná, publicado em 1896.

Alto (Sima) do Morro Grande. O mappa de Olmedilla dá «Monte de San Juan» entre o Rio Negro e o «Rio Canoaes-Meri» [Canoinhas?) cujo curso inferior tem o nome de «Itapeva», nome este que figura tambem no Mappa das Cortes.

Tacuaral onde se sahe do matto.

Enlrada do matto do Espigão. O mappa hespanhol dá o pouso «Espigon».

Espichada fora do dito matto.

Sepultura.

Ilha.

Ponte Alta. Sendo duvidoso que houvesse ponte nessa paragem, é de presumir que o nome verdadeiro fosse «Ponto Alto». O mappa hespanhol dá «C. Alto», «C. Alegre» e «Papaguyas» ao sul do Espigão. O ultimo se acha na margem de um rio sem nome, affluente do Uruguay, que parece ser o Rio das Marombas.

Outra Banda do rio das Marombas.

Curitibanos. O mappa hespanhol divide o nome em «Cori» e «Tibanos» dando assim dois pontos distinctos.

Rio dos Cachorros.

Ponte Alta. Estes dois nomes ainda figuram nos mappas modernos.

Outra Banda do Rio das Canoas,

Lourenço Rocha.

Villa de Lages. Em posição correspondente o mappa de Olmedilla dá «Pueblo e R. S. Thomé», havendo entre este e Curitibanos o ponto «Fray Juan».

Na villa de Lages termina o roteiro da Ordem de Marcha de Martim Lopes. O mappa de Olmedilla, porem, dá entre este ponto e Viamão os pousos seguintes.

Tributos.

P. Altos.

Porcon.

Frutas.

Torrido,

Rio de Pez. Este é representado como affluente do rio «Teviquari» que talvez seja erro por Taquary. Este porem não se estende bastante a leste para alcançar a estrada em questão e, conforme os mappas modernos, todos os pousos entre Lages e Vacaria pertencem á bacia do Uruguay.

Vacaria.

Rio da Anta. Este rio é representado como affluente do «Curucay» que parece ser o verdadeiro Taquary.

Camisas.

Alto da Sierra.

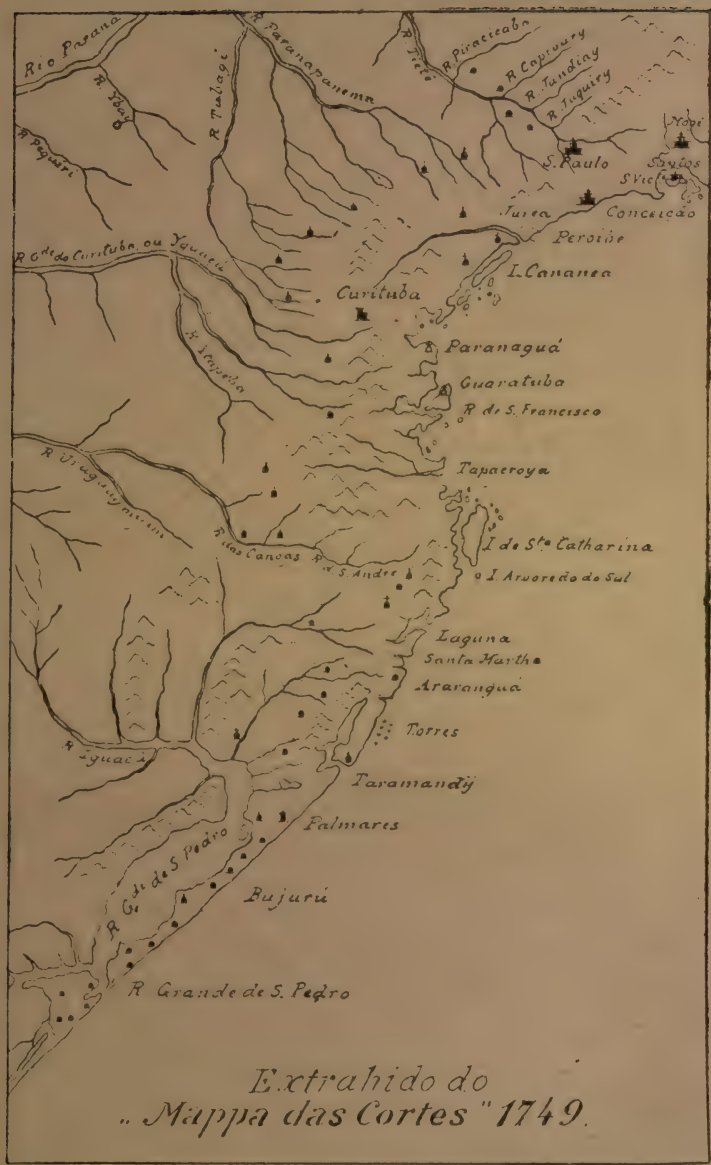
Rodante, sobre o rio Cahy ou Caiyi. O nome moderno é Rolante.

R, Garabatahy. O nome moderno e Gravatahy.

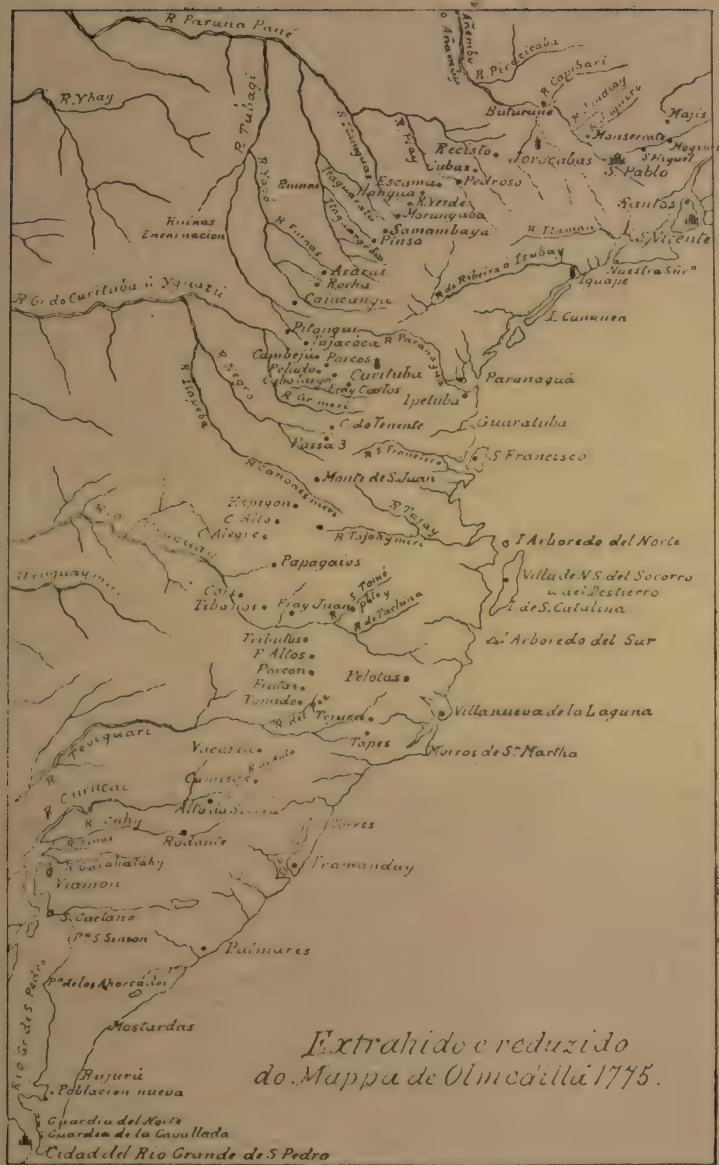
Viamon. A actual cidade de Porto Alegre.

Os dois esboços juntos reproduzidos do Mappa das Cortes e do Mappa de Olmedilla esclarecem melhor o assumpto.

Orville A. Derby



Extrahido do
„Mappa das Cortes" 1749.


R. Parana Pané
R. Ybay
R. Tuiaçi
R. Pirajicaba
R. Capibari
Butucuyú
Majis
Hanserma
Hoguinia
Sorocabas
S. Miguel
S. Pablo
Santos
S. Vicente
Recisto
Cubas
Pedroso
Escama
Hanqua
R. Verde
Horungaba
Samambaya
Pinsa
Ruinas
Ruinas Encarnacion
R. Furnas
Ardaui
Rocha
Caiaucunyu
R. Grd. do Curituba ó Yguaçú
R. Ribeiro
Iguape
Nuestra Sra.
I. Cananea
Pilanguí
Tajacoca
Cambejus
Porcos
Peluto
Curituba
Paranaguá
Ipetuba
Guaratuba
C. do Tenente
Passa 3
S. Francisco
Monte de S. Juan
Hepigon
C. Alto
Alegre
R. Tajo Ymiri
I. Arboredo del Norte
Papagaios
Villa de N. S. del Socorro
Tibaiosi
Fray Juan
Tibuluso
F. Altos
Porcon
Pelotas
Villanueva de la Laguna
Tapes
Vacaria
Montes de S.ta Martha
Camisego
Altaria
Flores
Rosario
Tramandaí
Viamon
S. Cuciano
P.ta S. Simon
Palmares
P.ta de los Apóstoles
Mostardas
Rio Grd. de S. Pedro
Bujurú
Poblacion nueva
Guardia del Norte
Guardia de la Cavallada
Cidade del Rio Grande de S. Pedro
Extrahido e reduzido do Mappa de Olmedilla 1775.

Nota a proposito do testamento de D. Luiz Mascarenhas

Devo ao Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada o presente documento, remettido de Santos, e que ora offereço ao Instituto para dar-lhe abrigo em seus archivos, visto trazer algum subsidio para melhor conhecimento da vida e caracter de um personagem que tão saliente papel representou na historia da antiga Capitania de S. Paulo.

Refiro-me á copia do testamento com que falleceo D. Luiz Mascarenhas que aqui foi por nove annos Governador e Capitão General.

O documonto em si pouco vale pelo que diz respeito á historia propriamente de S. Paulo, mas pinta bem os sentimentos, o caracter, as particularidades de familia do testador que foi de facto um vulto notavel na historia desta terra.

D. Luiz Mascarenhas representa na historia colonial o direito vivo, tradiccional e resistente dos Paulis-

tas á posse das suas interminas conquistas nas regiões occidentaes do Brazil. Diante da figura do Conde de Bobadella, o celebre Gomes Freire de Andrade, valido do Marquez de Pombal e fiel executor da sua politica, D. Luiz Mascarenhas avulta como um defensor intemerato das suas proprias prerogativas e jurisdicção e pela energia e tenacidade com que fez respeitar os territorios desta Capitania de S. Paulo, cobiçados dos Mineiros, é deveras credor do respeito e admiração dos filhos desta terra.

Minas Geraes que fôram uma creação dos Paulistas, tinham prosperado tanto e tanto se povoaram com as frequentes descobertas de abundantes lavras auriferas que logo se tornou preciso crear nellas governo autonomo e independente de S. Paulo. Dessa epocha em diante as invasões dos Mineiros obrigam a assentar-se os limites entre as duas Capitanias pelo Rio Grande e Sapucahy, grandes rios que mui perfeitamente os assignnlavam. Mais tarde, porem, tendo-se descoberto novas minas de ouro na região ao Sul do Sapucahy em 1745, D. Luiz Mascarenhas chega a tomar attitude de guerra para conter as invasões dos Mineiros. Francisco Martins Lustosa é então nomeado guarda-mor dessas minas e, na defesa do territorio representa o braço forte do energico governador de S. Paulo: « Ordeno-lhe, dizia D. Luiz Mascarenhas ao seu representante nas margens do Sapucahy, se tornarem a perturbar ao Povo da minha Capitania, ou sejam officiaes da Camara ou Ministros, ou Officiaes da Milicia, os fará a todo custo prender, remetter-m'os a esta Cidade com toda a Segurança.»

Diante de tanta energia e decisão os intrusos e invasores se contiveram e não transpuzeram o Sapucahy, limite norte dá Capitania senão depois que pelas

intrigas de Bobadella foi D. Luiz Mascarenhas chamado ao reino, annexada a capitania de S. Paulo á do Rio de Janeiro sob o governo do mesmo Bobadella, e destacados da mesma Capitania de S. Paulo as novas de Goyaz e Matto Grosso. O ouro do Brazil dictava a lei em todos os negocios politicos e não politicos da metropole. Bobadella, que ropresentava fielmente os interesses do fisco como na metropole se os comprehendia, ficou triumphando em toda a linha na politica e administração do Brazil.

Mas D. Luiz Mascarenhas, apeado do governo da capitania pela provisão regia de 9 de Maio da 1748, tinha tambem seu valimento.

Chegando ao reino, foi logo despachado Vice-Rei e Capitão General do Estado da India, onde veio a fallecer. Em um espirito eminentemente religioso, e não menos de cinco de suas irmãs eram religiosas recolhidas nos conventos de Santarem.

Como se vê do theor do seu testamento considerava, como todo o mundo então o fazia, que embarcar-se para longes terras era caso para fazer as suas ultimas disposições, «... considerando, dizia elle, os certos fins da vida e o que pode succeder na navegação...»

D. Luiz morreu solteiro e sem herdeiros forçados e por isso testou livremente. Instituiu por seu universal herdeiro e testamenteiro a D. Maria Barbara de Menezes, sua sobrinha. Legou-lhe uma quinta em Mourão, junto ao Guadiana, e as legitimas que lhe tocavam a elle de seus fallecidos paes, os Marquezes de Fronteira Legou-lhe mais setenta mil crusados integrados e em primeiro logar, não ficando a herdeira obrigada a cousa alguma, excepto a despesa do funeral e missas antes de embolsada delles. A cada uma das cinco irmãs religiosas no Convento da Esperança e no de

Santa Clara de Santarem legou a pensão de cincoenta mil réis annuaes, pagos pela herdeira universal emquanto ellas vivas fossem. Dos remanescentes, ou do que excedesse de setenta mil cruzados, legou vinte mil cruzados ao irmão, D. Francisco Xavier Mascarenhas, uinte mil ao sobrinho D. José Mascarenhas, quinze mil á sobrinha D. Magdalena Mascarenhas, fazendo-se rateio entre estes legatarios se acaso os remanescentes não perfizessem o total desses legados. Caso a herdeira universal viesse a fallecer primeiro que o testador, instituia por herdeiro em seu logar a D. José Mascare nhas, seu sobrinho com a declaração de que este daria cada anno dous mil cruzados alem dos vinte mil já legados a seu irmão D. Francisco Xavier Mascarenhas, e que todos os bens se vinculariam em morgado para o dito herdeiro e seus descendentes. Declarava mais que se os seus bens chegassem para todos os legados, que seu herdeiro nada pedisse da legitima de seus paes, os Marquezes da Fronteira.

Mandava dizer mil missas de 220 réis cada uma e de uma só vez, e mais cem missas pela alma de seus paes, por uma só vez tambem.

D. Luiz que foi Conde d'Alva e morreu no governo da India, fez esse testamento poucos mezes antes de chegar ao Brazil, fel-o approvar pelo Tabellião Manoel Antonio de Passos na cidade de Lisboa aos nove dias do mez de Setembro de 1738, conforme se vê do subscripto desse documento. Abrio-o na cidade de Lisboa o Tabellião Bartholomeu Angelo Escopery a 2 de Agosto de 1757, registrando-o a fs. 32 do Livro n.º 267 do Registro Geral dos Testamentos a 11 do mesmo mez e anno, como tudo se vê desse velho documento que as traças, por pouco, não tornaram illegivel. E para que se não perca de vez essa peça de não pequeno valor

para a biographia de um vulto eminente da nossa historia, cuja recordação deve ser grata aos Paulistas, peço ao Instituto lhe dê abrigo no seu apenas iniciado archivo.

S. Paulo, 18 de Junho de 1898.

Theodoro Sampaio

Em nome da SS. Trindade, Padre Filho e Espirito Santo, tres pessoas distinctas e hum só Deus Verdadeiro em que eu D. Luiz Mascarenhas bem e verdadeiramente creio e nesta Santa fé sempre vivi e protesto viver e morrer, e nella me salvar como verdadeiro Catholico e fiel christão. Porquanto me acho minha perfeita saúde, juizo e entendimento que Deus nosso Senhor foi servido dar-me e estando de partida para os Estados do Brasil a occupar o governo das Minas de S. Paulo, em que El-Rei meu senhor me proveio, e consideraudo os certos fins da vida, e que pode succeder na navegação, ordeno o presente meu solemne testamento pela maneira seguinte: Primeiramente, encommendo a alma a Deus nosso Senhor que creou e remio com seu preciosissimo sangue na arvore da Santa Cruz; e peço e rogo á Virgem Sanctissima Nossa Senhora e a todos os Anjos da Corte Celestial, e da minha guarda, nome e devoção sejam meus intercessores para que se digne perdoar-me os meus peccados e dar-me sua gloria e bemaventurança para que me creou. Deixo á disposição do meu enterro ao arbitrio do meu herdeiro e testamenteiro que abaixo nomeio, fallecendo eu em parte em que elle m'o possa mandar fazer e caso acabe os dias de minha vida no Governo para onde estou de

partida, então só será obrigado a fazer as despezas que se fizerem: Mando que se digam mil missas por minha alma de preço de duzentos e vinte réis cada uma por uma vez somente: Mando se digam mais cem missas por alma de meus paes os Illustrissimos e Excellentissimos senhores Marquez de Fronteira por uma só vez da esmola acima referida. Declaro que sou solteiro e não tenho herdeiros alguns forçados, que meus bens hajam a herdar, assim ascendentes como descendentes e como tal posso livremente testar do que possuo e tudo o mais que puder adquirir, e usando da faculdade que me é licita, instituo por meu universal herdeiro e testamenteiro a Senhora D. Maria Barbara de Menezes, minha sobrinha para que esta o seja de todos os meus bens por ser esta a minha ultima vontade, com as condições abaixo oxpressadas: Declaro que eu sou senhor de uma quinta em Mourão, junto a Guadiana que é prazo emfatensim a Camara da mesma villa de que pago de fôro sete mil reis, como tambem das legitimas que me tocam herdar por fallecimento de meus paes os Illustrissimos e Exms. Srs. Marquez de Fronteira, que Santa Gloria haja, nas quaes ainda estou por embolsar e tudo o mais que me pertence deixo ao meu herdeiro universal. Declaro que ao meu herdeiro universal, lhe deixo em primeiro logar, que de todos os meus bens presentes e futuros e adquiridos até a hora da minha morte se inteire de setenta mil cruzados primeiro quo todos os outros legados que mais declarar, por a minha ultima vontade assim o dispoem e que antes de integralmeute embolsados delles não fique o meu herdeiro obrigado a cousa alguma, excepto a despesa do funeral e missas: Declaro que tenho cinco irmãs religiosas, a saber a sra. D. Magdalena Mascarenhas, a sra. D. Izabel Mascarenhas no Conven-

to do Sacramento, a sra. D. Innocencia. a sra. D. Antonia Mascarenhas no Convento da Esperança, a sra. D. Maria Mascarenhas no Convento de Santa Clara de Santarem, ás quaes será obrigado o meu herdeiro a dar a cada uma cincoenta mil reis cada um anuo, em quanto vivas forem e por sua morte ficarão ao meu herdeiro universal. Hé minha vontade ultima que chegando o meu cabedal ao tempo de minha morte a exceder a quantia de setenta mil cruzados, que expressamente deixo ao meu testamenteiro e herdeiro Uuiversal, do que sobrar mando que se dê a meu Irmão o sr. D, Francisco Xavier Mascarenhas vinte mil cruzados, e a minha sobrinha a sra. D. Magdalena Mascarenhas quinze mil cruzados e não havendo cabedal na minha herança, que depois de retirados os setenta mil cruzados para o herdeiro que tenho instituido possa pagar os legados, que deixo, comtudo esse tal remanescente que houver se rateará, egualmente por parte pelos ditos legatarios, cada um pelo rateio que lhe tocar: Declaro mais que succedendo haver ao temqo de minha morte bens que cubram o que deixo ao meu herdeiro e legatario, ficando e ainda sobrando remanescente algum todo este deixo ao meu herdeiro universal.

O CAMINHO DA INDIA

Discurso proferido pelo socio sr. dr. Theodoro Sampaio, como orador official do Instituto, na sessão magna de 20 de Maio de 1898.

Sr. Presidente, Exms. Srs. Vice-Presidente do Estado e Secretarios do Governo, Exm. Sr. Governador do Bispado, Exmas, Senhoras e meus senhores,.

> «Este cabo não será como dizes o das Tormentas, o que seria de mau presagio, sel-o-á antes da Boa Esperança porque elle nos abre a rota da Azia.»

Sirvam-me de epigraphe neste bosquejo historico estas palavras propheticas do Principe Perfeito ao receber de Bartholomeu Dias, o heroico navegador, a suspirada nova do descobrimento do *nunca visto promontorio onde toda a africana costa acaba.*

Eu quizera ao recordar-vos estas palavras propheticas do grande principe possuir como o immortal cantor dos Luziadas, nesta hora em que como elle enfrento o mesmo objecto, um *som alto e sublimado, um estylo grandiloquo e corrente* para pintar-vos condignamente a epopeia inexcedivel com que o pequeno povo luzitano se sublimou na Historia fazende escurecer a

fama dos grandes povos navegadores, *as victorias de Alexandre e de Trajano* e impondo até silencio a *tudo o que a Musa antigua canta.*

O grande problema do seculo cuja solução definitiva o descobrimento do heroico marinheiro assegurava, problema temeroso e de incalculaveis consequencias que o Castelhano, havia pouco, e seguindo a rota de Colombo, sonhou resolver sulcando os mares do Occidente, a armada portugueza, guiada pelo nobre Gama, ia agóra dar-lhe de modo cabal e positivo a solução unica, verdadeira, realisando a modo carthaginez o periplo da Africa, já agóra arrancada das trevas do Oceano ignoto.

E já la iam decorridos setenta e um annos de constante lidar contra esse *Mar Tenebroso* cujos segredos a audacia e o heroismo portuguez vinham aos poucos desvendando antes de attingir nesse soberbo promontorio as portas das regiões tão longamente desejadas.

De *boa esperança*, sim, de bom presagio era com effeito o descobrimento que dava logar áquellas palavras propheticas de D. João II porque, de feito, alli estava patente o caminho das Indias, das regiões maravilhosas que Marco Polo descreveu, das terras do Preste João e com o ingresso dos mares orientaes alli estava tambem o começo do imperio portuguez, o commercio do mundo attingido e conquistado.

Nessa armada de Vasco da Gama que além investe contra as tempestades do horrifico promontorio, nesse punhado de marinheiros destemidos, que, em tres frageis embarcações de mediano porte, afrontam a colera dos elementos colligados, não são sómente a inpavidez, a coragem, a tenacidade inquebrantavel do portuguez que vão á prova dos perigos de uma em-

preza audaciosa: são os proprios destinos ainda ignotos da nação. são as esperanças tão longamente afagadas de um povo inteiro que desde o berço presente nas lides do mar o segredo do seu engrandecimento futuro.

Do fundo de sua alma celtica, cujos intimos impulsos os cruzamentos ethnicos de todo não apagaram, o Portuguez na extrema occidental da Europa, *onde a terra acaba e o mar começa*, do alto das suas montanhas onde cedo se fez invencivel com Viriato e onde se familiarisou com os largos horisontes do mar, com o rugido das vagas nos dias de tempestade, o olhar alongado para o Occidente, reconhece que nas lides do Oceano está a verdadeira orientação do seu instincto audacioso e calmo ainda que trabalhado por vagas esperanças e por esse sentimento intimo e indefinivel, que leva os povos como os individuos ao implemento dos seus destinos.

Como o phenicio de outr'ora cuja posição geographica diante do mar aguça-lhe os instinctos para o commercio das regiões longiquas, assim o portuguez, cujo territorio em frente do Atlantico reproduz os caracteres de uma Phenicia nova, se sente solicitado para as viagens remotas, para os descobrimentos maritimos, para o commercio de extranhos povos, feitos em que, na verdade, por muito escurecem os dos mercadores de Tyro e de Sydonia.

Vinha do berço incontestavelmente essa inclinação para as emprezas do mar.

D. Fuas Roupinho, nos primeiros annos da monarchia, é quasi uma legenda.

As façanhas navaes contra os Mouros, terminando com a conquista do Algarve, revelam que os recursos maritimos dos portuguezes se desenvolvem quasi si-

multaneamente com o constituir da nacionalidade. Com d, Diniz a marinha mercante apparece bafejada. Com d. Fernando, o *remisso* e *descuidado* d. Fernando, ella definitivamente se constitúe por meio de sabias isenções e de especialissimos favores. Chega este principe tão detrahido na historia pela sua desegualdade de caracter, a associar-se com armadores para fomentar o commercio maritimo de sua patria, faculta-lhes o córte de madeiras nas mattas reaes, isenta de impostos os navios construidos no extrangeiro por conta 'de nacionaes' diminúe os impostos do commercio feito em navios portuguezes, crêa soguros maritimos, attrahe para Lisbôa uma população cosmopolita de que são vultos proeminentes como mestres constructores e marujos consumados os genovezes (1).

E' porém, com o infante d, Henrique, com a sua escola naval de Sagres, com o seu aturado empenho de quarenta e oito annos de emprezas maritimas e de descobrimentos realisados que estão os solidos e reaes fundamentos da grandeza politica e commercial dos portuguezes.

Evocado pela Historia, apparece-nos agóra transfigurado e ennobrecido o vulto do Infante, dominando do seu promontorio de Sagres a amplidão dos mares que foram os seus dominios de outr'óra e, rodeado de uma pleiade de heroicos marinheiros a contemplar nas armadas que regressam triumphantes o seu proprio triumpho.

Bartholomeu Perestrello, Gonçalves Zarco, Tristão Vaz. Gil Eannes, Gonçalo Cabral, Baldaia, Cadamosto, Ulsodermare, Antonio da Nola, Nuno Tristão, Alvaro Fernandes e Pedro de Cintra acercam-se da figura ve-

1) Oliveira Martins—Historia de Portugal.

heranda do velho principe, trazendo á patria engrandecida, nesta hora das consagrações supremas, os mais bellos florões da sua corôa de glorias: a Madeira e Porto Santo descobertas, o cabo Bojador ultrapassado, os Açores reconhecidos, o Cabo Verde, o Senegal, o Gambia, o Cabo Mesurado como marcos successivos dos limites do imperio dilatado através do Mar Tenebroso.

O amor do maravilhoso, a paixão do desconhecido, a intrepidez, a independencia em fundo religioso quasi mystico, taes são os caracteristicos dos heróes do oceano ignoto.

Quando em 1463, o Infante, appellidado o *navegador*, tombou na morte aos sessenta e sete annos de edade, do caminho da India, alvo supremo das suas aspirações, estavam percorridas, exploradas, submettidas mil e setecentas milhas geographicas no contorno da costa africana e recuado o limite do mundo para além do que fôra attingido por Hanon, o carthaginez, e por Eudoxio.

A' importancia porém de tão grandes feitos, o merito real do problema do seculo solvido pelos Portuguezes só um estudo ainda que succinto da sociedade européa contemporanea, do progresso das sciencias, das artes e do commercio do mundo os faria devidamente aquilatar. Vereis então com que elementos, e em que apertadas condições apparece na scena do mundo, surprehendendo-o com os seus feitos, e illuminando-o com a sua gloria, a nação portugueza.

. . .

O seculo XV, meus senhores, que findava com o grande acontecimento ora commemorado, foi de facto um periodo de profundas revoluções na sociedade da

Europa. Começa nelle a edade moderna com esse sopro de benefica renovação que na historia se chamou a *Renascença* porque, na verdade, a politica, os costumes, as sciencias, as artes, as lettras, tudo se transformou ou renasceu.

E aindo que a cruz do Nazareno, chamada a triumphar nos *mares nunca dantes navegados* aos esforços de Portugal e Castella, cedesse terreno no Oriente deante do estandarte do Propheta, triumphante com os Turcos Ottomanos de Mahomet II nos muros de Constantinopola, ainda que o schisma religioso, as luctas dynasticas, a guerra civil convulcionassem a fundo a velha sociedade da Europa, mal ferida na lucta das Cruzadas, notava-se comtudo por toda a parte um movimento salutar, um symptoma de progresso e reconhecia-se que essa sociedade, tão perturbada ainda, tinha com effeito achado a sua formula definitiva e enveredava por objectivo claro e preciso. (1).

As nacionalidades despontam e se individualisam. A unidade politica e a do territorio surgem vencedoras com a ascendencia decisiva da realeza sobre as ruinas do feudalismo. Por toda a parte se nota a mesma tendencia consolidadora do poder real. Assim é em Inglaterra com Henrique Tudor depois do golpe decisivo na guerra civil das *duas rosas* que por trinta annos dilacerou e enfraqueceu a nobreza ingleza; assim em França com Luiz XI; na Allemanha com Maximiliano I; na Hespanha com Fernando e Isabel, a Catholica; em Portugal com João II, ó *principe perfeito*.

Na Italia, retalhada em estados diversos, as proprias republicas são disfarçadas oligarchias. Os Medicis de

(1) Guizot—Histoire de la Civilisation en Europe.

Florença são *gonfalonieri* por herança, constituem dynastia na republica e dão princezas para os thronos da Eropa. O Papado, enfraquecido no poder temporal, uenta reerguel-o. Cezar Borgia sonha uma Italia unificada sob seu sceptro. Veneza, já em declinio, recuava diante do Turco, perdia os seus portos no Archipelago, mas ainda assim fazia frente á liga dos estados italianos revoltados contra os seus monopolios. Genova, a *soberba*, minada pelas suas proprias dissensões, sempre em rivalidade com Veneza, sempre versatil na sua politica, entrega-se por fim a Luiz XI que regeita a offerta como quem conhece o valor do presente: «Os genovezes, dizia o manhoso principe, vêm-se me entregar a mim, mas eu dou os ao diabo.»

A onda invasora do Islam, impellida por Mahomet II, contida deante de Belgrado por João Hunyada, contida por algum tempo nas montanhas da Albania por Scanderbeg, vencedor em vinte e duas batalhas, acaba tudo avassalando desde as aguas do Egêo atê as margens do Danubio.

Tres vultos caracterisam nesta épocha o scenario politico: Luiz XI, Çesar Borgia e d, João II de Portugal.

Luiz XI é a alma da unificação franceza, mas é tambem a perfidia em acção. Astuto, cruel, tenaz, desdenhando sobranceiramente, cynicamente todas as pêas que o sentimento da honra e o desejo de gloria impõem aos ambiciosos, não tolerava competencias no poder, não admittia rivalidades, e comtudo, não empregava a violencia senão quando se desenganava de que com os meios intellectuaes não alcançaria o seu alvo. A mentira, o perjurio e a perfidia eram as armas da sua predilecção. Não obstante, manda matar o rmão, o duque de Berri, por ciumes de auctoridade,

mette numa gaiola de ferro o cardeal La Balue, enche a Bastilha de prisioneiros. Mas quando morre, acabrunhado de remorsos e exhortado por S. Francisco de Paula, cuja piedade lhe mitigava os terrores, a França tinha ganho dez provincias, e a realeza ficava consolidada,

Cesar Borgia é o typo consumado do principe italiano desse tempo, como o comprehendia Machiavel que o tomou por modelo na sua obra intitulada — *O Principe*. Vivo de imaginação, espirito brilhante, facinador e eloquente, Borgia era a verdadeira imagem do crime em homens de governo. Com frieza, sem remorsos, eliminava a quantos se antepunham aos seus projectos e disignios. Per ciumes de amor incestuoso com a propria irman, a celebre Lucrecia de Borgia, mata o irmão e arroja-lhe o cadaver ao Tibre ; envenena amigos e alliados para usurpar-lhe os bens e dominios ; ostenta luxo oriental ; e quanda visita Luiz XI, até as ferraduras dos ginetes de seu coche eram de ouro, mandando-as pregar com um só cravo como para inculcar que pouco se lhe dava de perdel-as. Foi esse o homem em quem Machiavel descobriu as qualidades eminentes do politico capaz de realisar naquelle tempo a unidade italiana.

D. João II, no throno portuguez, era um principe da escola italiana tambem, e comtudo não era modelo seu um Medici ou um Borgia, porque não gostava do luxo; era sobrio e austero no que aliás condizia com o genio nacional. No physico, destituido de elegancia, nas gostos, nas maneiras, nos instinctos, nas fortes decisões politicas, e no processo de realisal-as approximava-se mais de Luiz XI. Costumava dizer : «Tempos ha para usar da coruja e tempos para voar como falcões». Não se preoccupava de captar o favor publico; fazia o

que devia, caminhando para o seu alvo com animo deliberado de conseguil-o sem desfallecimentos nem escolha de meios. Um dia, convenceu-se de que o duque de Bragança, senhor de uma terça parte do reino, conspirava; mandou-o prender e fel-o justiçar depois de um simulacro de julgamento. O primo, o duque de Vizeu, conspirou tambem. O principe mandou-o chamar a Setubal, interpellou-o, e alli mesmo coseu-o a punhaladas dentro dos passos reaes. Tal era o *homem*, como o tratava Izabel, a Cstholica, tal o *principe perfeito*, o continuador intelligente dos feitos do infante d. Henrique, a cujos ultimos impulsos deveu a sua patria o descobrimento do caminho da India,

O renascimento ainda é mais intenso na sciencia, nas lettras, nas artes, nos elementos de progresso real da sociedade.

A Italia, pela sua opulencia adquirida nas cruzadas, pelo seu commercio com o Oriente, pelos despojos do imperio grego que logrou recolher, pela immigração de sabios, de artistas, de homens cultos que nella se refugiavam fugindo ao dominio ottomano, estava no pinaculo da sua cultura e incontestavelmente era o centro civilisador da Europa. Preciosos manuscriptos gregos, obras primas de arte, eximios professores de eloquencia, estylistica e de philosophia nas suas numerosas universidades davam outra orientacão aos espiritos desenvolvendo o gosto pelos estudos classicos da antiguidade.

Faziam-se os principes e os papas os protectores deste movimento intellectual e artistico em que elles mesmos tomavam parte mui directa.

Nicoláo V embelleza Roma, e funda a bibliotheca do Vaticano. Enéas Silvio que foi depois Pio II escrevia um tratado de Cosmographia. Lourenço de Medicis, appellidado o *Magnifico*, fazia de Florença uma capital

de lettras, das artes e das sciencias: crea a bibliotheca Laurentina; funda a universidade de Piza, os jardins da Academia como um asylo para as obras primas da estatuaria antiga. Hercules, da casa d'Este, fazia representar na sua côrte de Ferrara, traduzidas para o italiano, as comedias gregas e latinas.

Paulo Toscanelli, de Florença, adquiria reputação universal como cosmographo e se constituia oraculo nesta sciencia renascida com a vulgarisação dos escriptos de Ptolomeu que a imprensa, recentemente descoberta, fazia apparecer em suas primeiras edições.

João Pico, conde da Mirandola, era o typo dos eruditos da época, possuia a sciencia universal, propunha-se discutir *de omni re scibile et quibusdam alliis*, a conciliar Platão com Aristoteles e aos 18 annos fallava vinte e duas linguas.

Boiardo e Ariosto abrilhantam a côrte de Ferrara com as suas producções poeticas.

Bramante, Miguel Angelo, Leonardo de Venci o Perugino e Rafael na Italia, e Alberto Durer na Allemanha com as suas producções geniaes dão á pintura, á esculptura e ás construcções monumentaes um grande esplendor.

A imprensa desenvolve-se pela Allemanha, pela Hollanda, pela Italia e pela França, publicando a Biblia, os escriptos de Aristoteles, de Platão, de Plinio, de Strabão, Ptolomeu e Pomponio Mela.

E' na Italia que esse movimento intellectual é mais intenso porque nos outros paizes é elle apenas perceptivel. Ia-se então á Italia estudar nas suas numerosas universidades como seculos antes se ia a Cordova e a Granada estudar a sciencia entre os Mouros de Hespanha. Da Italia saiam os mestres, os constructores, os artistas, os cosmographos e os mais habeis

pilotos. Imitavam-se os costumes, os gostos italianos, seguia-se a sciencia italiana.

Quando em 1418, o infante d. Henrique, recolhido das expedições africanas, resolveu fundar a sua escola nautica de Sagres, no extremo sul do reino, bem em frente do ignoto oceano que ia ser o theatro das suas conquistas, seu primeiro intento, aliás não realisado, foi installar alli uma colonia de genovezes para attrahir o commercio do Oriente (1); mas não obstante eram ainda genovezes, venezianos, maiorquinos, catalães os seus primeiros auxiliares nas construcções navaes e na arte propriamente da navegação.

Ao lado dos vultos nacionaes, discipulos quasi todos de Jayme de Mayorca, ao lado de Nuno Tristão, de Gonçalves Zarco, Tristão Vaz, Alvaro Fernandes, Gonçalo Cabral, heroes primeiros das facanhas do mar, apparecem notabilissimos navegadores como Perestrello, Cadamosto, Usodemare, Antonio da Nola, Pedro de Escalone e Baldaia, quasi todos italianos. Eram estes os elos dessa cadeia mysteriosa pela qual o fogo sagrado da civilisação se transfere de povo a povo, cada vez mais intenso, cada vez mais bello, illuminando o genero humano no seu gyro em torno da terra.

O Mediterraneo, até então verdadeiramente um lago da civilisação, era a escola practica dos mais habeis navegadores. Nas suas margens, profundamente recortadas, scindidas pelos seios de mar, nos recessos das lagunas, das bahias encantadoras e seguras, nas suas ilhas de um pittoresco inexcedivel, espalhadas, distribuidas pelo mar como a convidar os homens ao commercio, a cultura e a expansão dos povos do Occidente

(1) Oliveira Martins, Historia de Portugal. Tomo I — *Conferencia*—O Infante D. Henrique.

surgem e se desenvolvem por seculos. Com a escola nautica de Sagres, com esse ainda obscuro estabelecimento do promontorio *Sacrum*, vae agóra chegar a vez do Atlantico, grande oceano mysterioso, através do qual, em rota gloriosa, vão os portuguezes ensinar aos povos como se descobre e se avassala o mundo.

. . .

Eis em rapido bosquejo, meus senhores, o scenario do grande feito historico que ora nos occupa, vejamos delle agóra o objectivo verdadeiro e os meios de conseguil-o.

Periclitava na Europa o commercio do Oriente.

Veneza, a rainha do Adriatico, a poderosa republica cujos magistrados ao assumirem o poder supremo celebram festas esponsalicias com o mar, reconhecia-se já impotente deante da audacia de Mahomet II, que se apoderára de Otranto, ameaçando a Italia inteira. O leão de S. Marcos, o symbolo da republica dos doges, temido e respeitado até nos confins da Sarmacia, a garra estendida sobre Negroponto, Chypre, Rhodes, Candia, e quasi todas as Cicladas, o leão a cuja sombra nas margens do Helesponto se accolhem até os imperadores latinos de Constantinopola, recuava deante do crescente ottomano e estremecia no fundo das suas lagunas protectoras.

O commercio do Oriente escapava-lhe definitivamente e com elle o sceptro do Mediterraneo que Genova tantas vezes lhe disputára.

Debalde soccorre-se a republica da intriga, concitando o Persa contra o Ottomano. Debalde procura garantir nos portos do Egypto e da Syria esse commercio que os tratados lhe deixaram livre. O turco golpeava-o a fundo no mar como na travessia dos deser-

tos da Arabia, onde penetravam as suas hostes vencedoras, assolando, destruindo.

Vinha do tempo das Cruzadas esse commercio do Oriente, graças ao qual o européo, terçando armas com o Sarraceno, logrou reatar a sua marcha na civilisação que o diluvio barbaro interrompera.

De volta á patria, o cruzado ou o peregrino trazia infiltrado na alma o gosto pelas cousas e costumes orientaes que elle reconhecia superiores.

As tapeçarias da Persia, as sedas da China, as perolas de Ormuz, os diamantes de Golconda, as saphiras, esmeraldas e jacinthos de Ceylão, as especiarias da Malasia, as essencias preciosas, o pau de sandalo, o pau de tinta ou verzino dos italianos por nós chamado *brasil*, e as armas brancas constituiam um grosso commercio que as armadas de Veneza, de Piza e de Genova de combinação com as grandes caravanas arabes, alimentavam.

De Ormuz, á entrada do Golfo Persico, de Aden á entrada do Mar Vermelho e de Suez no fundo desse mesmo mar partiam as grandes cafilas de mercadores que pelo norte buscavam Samarkand entre os Mogões, pelo noroeste, atravez da Armenia, alcançavam Trebisonda á margem do Mar Negro. De Ormuz, cruzando o Tigre por Bagdad e procurando Damasco iam a S. João d'Acre e a Beiruth, a nova Tyro na velha costa da Phenicia. De Aden e de Suez pelo Cairo esse commercio penetrava no Delta do Nilo, em Alexandria e Damietta, oude o recolhiam as armadas venezianas, ou proseguia pelo Norte d'Africa até Ceuta e Tanger em frente de Gibraltar abastecendo Cordova, Granada e os restos no dominio arabe em terras de Hespanha.

Era esse o commercio que a politica européa ambicionava. Por elle, quasi tres seculos de luctas porfia-

das vinham dividindo e ensanguentando os povos á margem do Mediterraneo.

Depois os viajantes como Marco Polo, Clavijo, Nicolau Conti, penetrando no continente asiatico, percorrendo-lhe os portos, visitando-lhe as grandes cidades e os extranhos monumentos, referiam cousas estupendas da riqueza, dos costumes, da grandeza dos imperios.

Na mente do europeu, taes regiões ficaram sempre como a terra das maravilhas. O Cathay, o Cipango, a Malaca, a India, Ceylão, ou a Taprobana dos antigos, o Preste João, rei christão de um paiz desconhecido, eram objecto das cogitações de todos os governos que viam no commercio do Oriente toda a fonte da opulencia e do poder.

Sim, era esse commercio então golpeado pelo Turco, e que se via escapar das garras do leão de Veneza, que a politica lusitana em dois reinados successivos se aprestava por conseguil-o.

As conquistas realisadas na costa africana tinham esse disignio. Mas Ceuta, Tanger Arzila, conquistadas não lhe tinham sequer assegurado o commercio septentrional da Africa.

Falhara de todo esse plano tão lougamente proseguido desde. d. Duarte com o Infante d. Henrique até Affonso V. Mas dois caminhos restavam ainda: o do Oriente, affrontando o Turco e o Sarraceno em novas cruzadas que a escassa população do reino aliás não comportava e o do *sul*, contornando a Africa, investindo contra o *Mar Tenebroso*.

Decidem-se por este ultimo a audacia e o heroismo dos portuguezes, e nisto está, meus senhores, toda a grandeza dos serviços que esse pequeno povo prestou ao genero humano.

As sciencias e as artes e principalmente aquellas

que mais directa applicacão tinham na navegação e no commercio participavam, é certo, nessa epocha afortunada, do mesmo sopro de benefica renovação e, comtudo, não era o adiantamento dellas tão assignalado que a entrada da nação portugueza na scena do mundo não importasse para todas um progresso real e effectivo, uma rectificação completa dos erros dos geographos mais auctorisados, um formal desmentido a toda a antiguidade grega e romana, á sciencia da edade média.

A cosmographia que importa ao nauta, a geographia que importa ao mercador eram ainda sciencias embrionarias, confusas e em pontos essenciaes controvertidas.

As obras de Ptolomeu, de Strabão, de Ponponio Mela, commentadas atravéz da cultura arabe, pouco fizeram avançar a geographia mathematica além do que era nos tempos de Hyparcho, Erathostenes e Marino de Tyro.

A geographia descriptiva, apezar das notabilissimas viagens dos arabes de Kalifado, e de Marco Polo, offerecia ainda as mais absurdas noções quanto á forma e contorno dos continentes e dos mares.

Entre as noções em voga a respeito da fórma do globo terrestre prevalecia a do sabio Edrisi, mouro de Hespanha, que dava o mundo habitavel só na parte septentrional porque « . . . as partes do sul, dizia elle, são abandonadas e desertas por causa do calôr dos raios do sol. « Estando estas regiões na parte inferior da orbita desse astro, resulta que ahi seccam todas as aguas e ha ausencia de toda a especie de seres vivos.. . . O mar oceano envolve a metade do globo sem interrupção como uma zona circular e de modo a não deixar apparecer senão uma parte como se fôra um

ôvo mergulhado n.agua... e assim é que a metade da terra fica mergulhada no mar... o *mar Tenebroso* além do qual ninguem jamais viu o que existe... »

Confirmando essa opinião do sabio mouro, ou, porventura, dando-lhe origem, guardava-se entre os povos da Iberia a tradicção dos *maghurins* ou os *burlados* que, partindo de Lisbôa no começo do seculo XII a explorarem o oceano occidental, voltaram com a noticia de que as aguas delle se faziam espessas nos remotos confiins e que nessas paragens onde a vida era impossivel reinava apenas tenuisimo clarão, um crepusculo eterno...

Na imaginação arabe, para além das Canarias ou ilhas Afortunadas onde duas gigantescas figuras de bronze apontavam o mundo ignoto para traz de si, o mar acabava em lodos ferventes com intensos vapores sob um céo de fogo. Ninguem conhecia terra habitavel para além desses limites.

A tradicção antiga de uma *Atlantida* subvertida para além das columnas de Hercules, despertava na imaginação bretan a creação de lendas maravilhosas onde se pintava o Oceano occidental, não como um mar tenebroso, mas como um oceano de luz, semeado de ilhas verdejantes entre as quaes se via a das *Sete Cidades*, com muralhas de ouro esplendente. (1) Era o vago presentimento dos archipelagos oceanicos e quiçá do continente da America na imaginação escaldada dos marinheiros da Bretanha.

Um cosmographo do seculo XIV desenhava um mappa-mundi em confirmação da opinião de João Mandeville de que na extremidade do mundo conhecido, no

(1) Oliveira Martins—Hist. de Portugal.—Tomo I, pag 142.

ponto mais elevado da terra inteira e rodeado de fortes muralhas, estava o recinto ininterrupto do Paraiso, coberto de basta folhahem, e punha-lhe por legenda — *hic est paradisus*:

Apezar das correcções trazidas á geographia de extremo oriente pelas narrativas de Marco Polo e de outros viajantes illustres, o mar das Indias era considerado um mar interior; pois que pelo lado do sul as terras africanas se prolongavam até ligarem-se com as regiões de além Malasia.

Paulo Toscanelli, o oraculo dos cosmographos contemporaneos, diminuia tanto o ambito do mundo, ou fazia tão extenso o continente asiatico a oriente que a travessia pelo oceano occidental para o Cipango e o Cathay de Marco Polo se tornou desde logo uma obsessão no espirito de Colombo, e foi a tão grande erro que se deveu o descobrimento da America seis annos antes do do caminho maritimo da India.

Apezar das fructuosas, e ameudadas expedições do Infante d. Henrique de 1418 a 1462 em que se descobrem as ilhas atlanticas e se leva a exploração da costa africana até o Cabo Mesurado; apezar de attingido em 1486 o Cabo da Bôa Esperança que abria a rota da Asia, tão incertas, tão nebulosas eram as noções geogrophicas acerca da Africa Oriental que d. João II resolve no anno seguinte enviar dois exploradores disfarçados, Paiva e Covilhan, atrevés do Egypto, para colherem informoções positivas e minuciosas.

Paiva, colhido pela morte, não logrou senão iniciar a sua missão, mas Covilhan, que em Aden se embarcara para a India e visitara Gôa e Cananor na costa do Malabar, certifica-se entre arabes, negociantes d'Africa, que, navegando-se ao longo della do lado occidental, se alcançaria a extremidade do continente, don-

de, costeando-se para o norte entre Sofala e a ilha de Gomar ou da Lua, se chegaria á India.

Do grande problema do seculo eram estes, de facto, os dados essenciaes e concludentes. Verifiicavam-se as palavras propheticas do *P.incipe Perfeito*. E a solução que lhe dá Vasco da Gama fecha quasi um seculo de esforços, de aspirações e de esperanças de um povo, que vae deslumbrar o mundo com o brilho das suas façanhas impereciveis.

. . .

Em 1495, minado de desgostos, amargurado pela perda desastrosa e prematura do filho, morria d. João II sem realisar o sonho das suas noites mal dormidas.

Ao duque de Vizeu, d. Manoel, irmão daquelle que annos antes em Setubal fôra pelas mãos do proprio rei executado, devia caber o coroamento da epopéa maritima, aspiração suprema da um povo inteiro.

A Historia por isso chamou-o *Afortunado*.

Doze annos depois do descobrimento do Cabo da Bôa Esperança, confirmada por dois negociantes judeus de Ormuz as informações de Covilhan, d. Manoel organisa a expedição cujo commando entregou a Vasco da Gama, determinando-lhe de costerar a Africa pelo sul e chegar á India em Calecut. emporio já famoso nessas partes do Oriente.

Aprestam-se no Tejo tres fortes náos das de maior porte qae então se construiam, as quaes, aliás não tinham duzentas toneladas de arqueação. Eram como caravellas grandes, com dois castellos, um davante e outro de ré, quatro mastros, o de prôa com uma vela quadrada sotoposta a um traquete de gavia, os outros cada um com uma vela latina. Tinham uma só

ponte, artilharia assestada no convez e nos castellos, e sobre um retabulo por cima da popa, desenhava-se a imagem do archanjo que lhes dava o nome e as tutelava. Eram ligeiras as embarcações deste typo, faceis de manobrar, e deitando de ordinario mais de duas leguas por hora, com vento de feição.

Era todo cuidados o novo principe, vindo em pessôa examinar as construcções, ouvindo dos marujos experimentados como Bartholomeu Dias, os prudentes conselhos, activando, animando, prevenindo.

Nos primeiras dias de julho de 1497, estavam concluidos os aprestos. A bordo das náos ancoradas em frente ao Restello de Belém, tinham-se recolhido as grossas provisões para um anno de travessia, equipamento triplicado nos apparelhos, velas e nas munições de guerra. Os melhores pilotos do reino, tomavam parte na expedição para a qual a equipagem de cento e sessenta homens, se compunha quasi toda de marujos experimentados e praticos muitos delles dos mares africanos. Ia de capitão na maior das náos Paulo da Gama, irmão do almirante que embarcava na segunda ao mando de Pedro de Alemquer.

Nicoláo Coelho commandava a terceira.

Na vespera da partida recolhem-se os capitães á penitencia na egreja do Rastello e passam a noite em vigilia apparelhando a alma para a morte... *que sempre aos nautas ante os olhos anda.*»

Na manhan de 8, depois da missa, encaminham-se todos para os bateis, seguidos pelo rei que alli se despede, por grande massa de povo, e de religiosos de cruz alçada entoando preces.

Sôa emfim a hora da partida. Atroam os ares os canhões e ao clamor geral da despedida e da saudade

soltam-se as velas e balançam nas vergas os aereos estandartes.

A cruz de Christo, desenhada em largas tiras rubras nas velas davante, vae ao mundo assignalando como a fé é o guia e o estimulo desse povo na phase suprema da sua historia. E assim era que primeira no horizonte dos mares ignotos surgia a cruz do Nazareno fluctuando sobre as aguas.

Deixa o Tejo a armada do nobre Gama e aprôa ao sul engolfando-se nos largos horizontes. Sigamol-a mar em fóra...

«A buscar novos climas, novos arés.»

Pouco a pouco, perdem-se de vista os patrios montes e por ultimo, antes da noite, o cabo de S. Vicente que nos occulta o *Sacro-promontorio* onde primeiro se assentou com o Infante o arsenal destas conquistas.

Depois, ainda invisiveis, para os lados do nascente, approximam-se as Canarias, que foram outr'ora os terminos do mundo; a costa adusta da Berberia onde o Atlas se curva para beber as aguas do Oceano; e á direita a Madeira e Porto Santo, que nos recordam Perestrello, Zarco e Tristão Vaz, occultam-se nas brumas do occidente.

Mais além, descendo para o sul, invisivel tambem, porque a pequena frota passa ao largo, corre a extensa costa da Massylia, secca e triste nos seus areaes estereis, remettendo para o mar o cabo Bojador e o cabo Bronco que nos recordam Gil Eannes, seu descobridor, terra desolada dos Azenegues, onde passam velozes, tangidas pelo vento quente do deserto as grandes avestruzes.

Com dezoito dias de viagem, a pequena frota, que um denso novoeiro dispersava na altura das Canarias,

chega a Santiago, uma das ilhas do Cabo Verde, onde refresca e se prepara para mais longa travessia.

Prosegue a tres de agosto, prôa ao largo, afastando-se das calmarias da Guiné. Deixa á esquerda e já bem longe o Senegal; a ponta avançada do Cabo Verde, o antigo *Arsinario*, na terra dos Jalofos; a extensa costa dos Mandingas, que a Gambia limita pelo norte; a Serra Leôa, o Cabo Mesurado que o çarthaginez não ultrapassou, o cabo das Palmas onde se inflecte para oriente a extensa costa da Guiné, rica de ouro, emporio de innumera escravaria, regiões adustas que nos recordam as navegações do Nuno Tristão, Alvaro Fernandes, Cadamosto e Pedro de Cintra. Deixa tambem á esquerda e bem distante as costas do Congo, onde o Zaire traz ao Oceano o tributo de remotissimas e incognitas regiões.

Já começa a divisar-se o polo sul que nenhuma rara estrella aasignala no céo dos tropicos, aliás constellado das mais bellas e fulgurantes estrellas. E navegando, ha já tres mezes, para o sul desde que de Santiago se partira, avista emfim a pequena frota longes terras, quaes nuvens repousadas sobre o mar.

Estamos em principio de novembro, a esquadrilha approxima-se da costa. O almirante desembarca, leva para terra o seu astrolabio de madeira construido por Beheim, e o quadrante, para tomar as alturas e reconhecer o ponto do continente em que aportava. Era já passado o Tropico do sul e a costa que pisava da bahia que se chamou de Santa Elena possuida por negros hottentotes dá-nos no primeiro encontro com esses barbaros o episodio de Fernão Velloso qua os Lusiadas tão pittorescamente nos descrevem. O ethiope accommette traiçoeiro e o emissario que ás carreiras desce o monte, seguido de perto da *gente bestial, bruta e malvada*, a

custo chega a praia onde por salval-o se trava rapida peleja.

«Disse então a Velloso um companheiro,
«Começando-se todos a sorrir :
«Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
«E' melhor de descer, que de subir,
«Se é, responde o ousado aventureiro :
«Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães depressa um pouco vim,
«Para me lembrar, que estaveis cá sem mim.»

A esquadrilha aprôou de nóvo ao sul, a buscar o grandissimo promontorio, mas eis a assalta medonha tempestade, e á branda aragem succede agora rijo vento. O horisonte aos poucos escurece e as ondas já cavadas accusam agitações reflexas longinquas. Aves marinhas passam timidas, veloces, precursoras da procella. Adensam-se as nuvens debruçando-se temerosas sobre as aguas que se inflam em successivos e immensos vagalhões. Manobram as náos. A marinhagem acode ás vergas, mas o vento que arremette quente, sulfureo como um sopro de diabolica fornalha, ruge, retorce, rasga e arrebata os pannos de subito colhidos numa agitação frenetica de furias. Ribombam os trovões nas continuas e electricas descargas e a chuva, em grossas bagas despenhando-se, inunda o convés, enche os porões que as vagas formidandas alagaram. A custo a marinhagem acóde ás bombas. Sacudidas pela furia da procella, as náos mergulham na agua os gurupezes e com os cabos partidos açoitam as ondas. Alçam-se com ellas ao coliginoso céo que os corriscos ameudados illuminam e logo se subvertem no barathro profundo como se disputassem a miserrima presa os elementos conturbados. Eil-a verdadeiramente no Mar *Tenebroso*: mar espesso, horisonte caliginoso, densos vapores sob um céo de fogo.

A tempestade, porém, vae amainando, e já agora em frente dos miseros navegantes, illuminados pelos ultimos clarões do sol poente, *a cor terrena e palida*, os flancos em alcantil reluzindo nas fragas humidas da tempestade, o cume aplainado como uma muralha de gigantes alçava-se o vulto do celebrado promontorio, agora cabo da Bôa Esperanca, onde ainda resôa nas quebradas o êço apagado da procella fugitiva. Era o dia 22 de novembro.

A esquadrilha passa além, e singrando mar em fôra, prôa ao nascente, vae a 25 fundear na bahia de Natal, onde encontra entre os Cafres gente mais humana pastores de um gado manso e bem nutrido, e mulheres trigueiras montadas em bois domesticos, vagarosos.

Reinam agóra as calmarias. A viagem, por isso, se retarda até 7 de dezembro, quando a esquadrilha de novo recomeça. Passa a 15 os ilheos rasos ou chãos, termo da navegação de Bartholomeu Dias e aprôa então para Nordeste, luctando muitos dias contra as correntes que puxam para o sul. A marinhagem atemorisa-se com o phenomemo que considera invencivel. O Gama insiste, a tripolação revolta-se debalde porque o commandante na sua inflexivel tenacidade não cede. Era destino seu ir por diante, era a imagem da patria que lhe accudia ao espirito ordenando, exigindo. As revoltas e as correntes foram vencidas. A esquadrliha aporta no dia 10 de janeiro a Inhambane, á entrada do canal de Madagascar; encontra mar bonançoso e vento de feição, noites claras, noites serenas em que no topo dos mastros apparece a luz mysteriosa do Sant'Elmo que todos tem por bom presagio.

Entretanto, corrompem-se-lhe os mantimentos e as molestias assaltam a tripoloção pue tudo suporta com espartana obediencia e coragem desmedida.

Chega a 22 á foz de Zambeze, em Quilimane, divisa com alegria as brancas velas de bateis que entram e que saem das barras, indicios certos de povo que sabia navegar. E' ainda o povo ethiope, mas nas maneiras mais polido. Trazem as cabeças apertadas em delgados pannos como se foram toucas de seda bem lavrada, e á cintura saiotes do mesmo panno tinto de azul. Não fallam o arabe, mas o interprete colhe sempre alguns indicios de que grandes náos como as portuguezas alli vinham regularmente das partes do Oriente, onde havia gente da mesma côr dos recem-chegados.

Neste rio, que por taes indicios se ficou chamando dos *Bons Signaes*, assenta o Gama um dos padrões de marmore que trazia; mas emquanto alimpa as náos e as repara a tripolação é dicimada pelo escorbuto, molestia horrivel que ninguem sabe como tratar. Comtudo, ficou um mez em Quilimane e só chegou a Moçambique a 2 de Março. Viu ainda a mesma gente e os mesmos habitos, viu navios toscos sem coberta e com as taboas cosidas a couro, as velas feitas de palha. Colheu os mesmos indicios de um commercio longiquo, colheu do sultão que a bordo vem visital-o informações doPreste João, mas não consegue os pilotos de que carece para a travessia da India.

Foge o Gama das perfidias do mouro e segue costeando até Mombaça onde de novo se lhe armam traições. Parte para Melinda cujo soberano o recebe humanamente, festeja-o com jogos e dançares, banqueteia-o com manjares desusados. Mas o Gama, fiando-se pouco da amizade desses mouros, sempre perfidos, e desenganado de obter os praticos que procura, faz-se ao mar, cominho da India em direitura, guiado por um mouro que se deixara ficar o bordo em Moçambique.

A 19 de maio com vinte e seis dias de navega-

ção depois que de Melinda se partiram, começam os da armada a avistar os altos montes da terra tão longamente desejada; já divisam na linha do horisonte as montanhas orgulhosas do Mysora, as alturas de Nila que dominam Calecut, e as grandes chapadas do Gate margeando a costa.

Já divulgam as brancas velas de navios de mercadores, já distinguem entre os montes o assento das cidades...

Eis o termo tão suspirado da jornada:

> «Esta é por certo a terra que buscaes
> «Da verdadeira India, que apparece;
> «E, se do mundo mais não desejaes,
> «Vosso trabalho longo aqui fenece»
> (Camões.—Canto VI, XCIII).

Dobrando os joelhos em breve e muda prece, tomando por testemunha na hora suprema da victoria a Deus, o Deus da sua fé, jámais desfollecida, o grande capitão rende lhe graças, que a elle e só a elle devia a realisação do grande feito.

Grandes foram sem duvida as consequencias deste feito memoravel.

Não é somente a victoria de um povo que elle assignala, significa antes, o dominio dos europeus na terra inteira.

Deixando os limites acanhados do occidente, vae agóra a Europa, cujo espirito o Christianismo modelou, mostrar com os portuguezes aos povos innumeros do Oriente que o segredo e a força dos imperios não residem no numero avultado dos que os defendem, mas nos grandes ideaes, no heroismo dos que os servem.

E' um povo pequenino, dos menores sobre a terra, que vae mostrar como em menos de vinte annos, com

golpes rapidos, certeiros e brilhantes, se funda um imperio dos maiores que jamais existiram.

Da praia occidental da Lusitania, através da Africa e da Arabia, pela Persia, pela India, pela Indo-China e Sião e pelas ilhas da Malasia passam vencedores pelo braço de valorosos capitães os estandartes portuguezes.

Ormuz, Aden, Suez, submettidos, cortam de vez o commercio pelos portos do Egypto e da Syria, e tiram ao Turco o que elle mesmo já arrebatara ao Veneziano e ao Genovez.

Malaca conquistada faz dos mares do Oriente verdadeiros lagos portuguezes.

As armadas de guerra e de commercio singram em todas as direcções desde o fundo do Golfo Persico, pelas ilhas de Sonda, Tidor, Formosa atê a China e Japão.

Não procuremos seguir o Gama nas suas relações e peripecias com o Samorim de Calecut. O ouro, as saphiras, os rubis e as esmeraldas dos naires e dos rajahs, o esplendor da Corte indiana não valem, por certo, a magestade dessa força mysteriosa que se chama *heroismo*, representado nessa armada pequenina, batida das tempestades, as náos desmastriadas, a tripulação decimada pelo escorbuto, e que regressa cortando os mares, entoando a canção dos vancedores.

. .

A' margem deste grande mar Atlantico, o *Mar Tenebroso* de outr'ora, cujos arcanos primeiro decifraram as armadas gloriosas da Lusitania, nós, os Brasileiros, os descendentes dos heroicos marinheiros que ao longe passam triumphantes, não podemos ter ouvidos indifferentes aos écos dessa symphonia de triumpho

Que a onda oceanica emmudecida e confidente

deixe chegar até nós os sons festivos de além-mar com que o povo portuguez quer affirmar o seu renascimento, retemperando a fibra patriotica na commemoração dos seus feitos gloriosos.

Tomemos meus senhores a nossa parte nessa festa de familia que tambem é a nossa festa, porque foi no constante, atrevido lidar do lusitano contra o salso elemento que surgiu o Brazil, cuja historia nos seus primeiros lineamentos é a mesma gloriosa historia do descobrimento do caminho da India

Erguendo as nossas villas á beira desse mar onde velejam brancas caravellas e alterosas náos que ao longe vão em demanda do novo Ophir, ja então eramos os companheiros na epopéa maritima que devia levar um povo á immortalidade. E se ficamos a meio da gloriosa jornada, quaes naufragos perdidos nas plagas do Mundo Novo; deixando a outros mais venturosos, aos Albuquerques, aos Almeidas, aos Castros *as obras valerosas com que se vão da lei da morte libertando*, participavamos comtudo da mesma gloria, recolhiamos os mesmos opimos despojos e, curvando para o solo a fronte suarenta de lavradores, lançavamos os fundamentos de um povo que nascia na America quando de todos os recantos do Oceano as vagas submissas entoavam os louvores da mãe-patria.

Devemos ter orgulho dessa procedencia que se enfaixa em glorias e tão esplandentes glorias como só as podia cantar o genio de Luiz de Camões.

Povo que nasceu bofejado pelas victorias, ennobrecido pelos feitos insignes da mãe-patria não córa diante das nações, exulta glorioso por um passado que não morre.

E tu não perecerás, oh heroica Lusitania, como não perecem os povos de destinos gloriosos como o teu E

assim como o *pean*, o canto alegre dos vencedores de Salamina, entoado seculos depois, quando já não havia Grecia, fazia ainda estremecer entre obscuros descendentes a fibra potriotica e ao mundo inteiro recordava as glorias da patria de Themistocles e de Aristides, assim os teus Lusiadas levarão ás gerações futuras a tua memoria para sempre veneranda; e então, por uma poderosa evocação como só aquelle divino poema pode ter, na imaginação dos povos, recordando os teus feitos e como enfeixando-os numa apotheose unica, surgirá no horisonte do mar Tenebroso, já então illuminado pela tua gloria. a armada rutilante, transfigurada do nobre Gama aproando á immortalidade.

DISCURSO

PROFERIDO PELO DR. JOÃO MONTEIRO NA SESSÃO SOLEMNE COM QUE A 16 DE MAIO DE 1898 A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA CELEBROU O 4.º CENTENARIO DA GLORIA DE VASCO DA GAMA.

Real Senhor
Reaes Senhoras
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Aqui vimos—os Srs. Vieira da Silva e José Calmon, consules da Republica dos Estados Unidos do Brasil em Lisboa e no Porto, e eu—em commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo e do da Bahia, a trazer-vos enthusiasticas e sinceras ovações—honras solemnes, que a nós mais nos honram, e tão elevadamente, que nos sentimos em parallelo com os mais altos ideaes das nossas mais arrojadas aspirações.

Vimos a dizer-vos, que n'este turvo penultimo bruxolear do seculo, quando as sociedades politicas, impulsionadas, dominadas por desordenada effervescencia de phenomenos economicos cada vez mais afinados con-

soante a irremovivel realidade da lucta pela existencia individual ou singular, parece que se abeiram já do tetrico abysmo de medonha liquidação ; quando o socialismo, que algures denominei a ante-sala do anarchismo, ou venha pelos reaccionarios livros de Karl Marx e de Naquet, seus legitimos patronos, ou irrompa sanguinolento do punhal de Caserio Santo ou da bomba de Ravachol, seus vesanos deturpadores, está como que derrocando as ultimas e já quasi deslocadas pedras dos institutos legaes; quando as regras basicas do direito internacional, que a utopica concepção do illustre Bluntschli sonhou articular em coactivo codigo universal, acabam de supportar, pela ponderosa palavra do muito illustre primeiro ministro da primeira potencia naval do mundo, aspero baldão, temerario desafio ; quando as proprias areias do oceano, por sobre cujas avermelhadas ondas já começa a correr humano sangue, como que se revoltam contra a mais injusta guerra dos modernos tempos, e no largo céu do nascituro seculo como que se abrumam os resplendores da esperança pelo pezado espolio d'este terrivel momento historico — a vossa festa, senhores, tem tão elevada significação moral, tanto se avoluma em seu alcance politico e cresce no esplendor como que nos está deslumbrando, que mais não fôra preciso para irreplicamente attestar ao mundo inteiro a irreductivel pujança do vosso indomito e inapagavel patriotismo.

Eis o que viemos vos dizer.

Mas na diffusão d'estes clarões, que fascinam ; no meio d'estes brazões, armas, escudos ,estatuas, effigies, mappas—vivas insignies de vossos passados triumphos, fecundos emblemas de vossas memoraveis e immorredoiras glorias ; na presença da augusta majestade dos vossos nobilissimos soberanos, a quem a Republica

Brasileira se encadeia por fortes élos de logica sympathia: a Sua Majestade El-Rei, porque lhe corre nas veias sangue d'Aquelle que nos deu a Independencia, a Sua Magestade a Rainha, porque em seu nome refluem reminiscencias da França, em cujos codigos fomos beber, a largos haustos, os grandes principios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que são, na valente phrase de Victor Hugo, os tres degraus da suprema escadaria da dignidade humana; deante da mais selecta reunião do que Lisboa conta de insigne na politica, nas armas, nas sciencias, nas lettras e nas artes — sinto-me tão incerto no jogo da palavra, tão debil na actividade imaginativa, que peço venia para ser brevissimo; e a fim de que não me lapideis a ousadia, apadrinho-me com este tercetto do famoso poeta florentino:

Ma chi pensasse al ponderoso tema,
E l'omero mortal che se ne carca,
Nol biasmerebbe se sott'esso trema.

O homem, disse eu uma vez no senado paulista, é escravo do meio em que vive: pensa e age á feição do vento que está soprando, e o seu ser vibra consoante a nota tonica do dia. E eis-me fatalmente assim levado, nesta hora de angustias internacionaes, a vêr em vossa sumptuosa festa o mais nobre, o mais eloquente, o mais persuasivo protesto contra o ultimo discurso da *Primrose League*, a que já fiz allusão.

Relembrem os vossos academicos os gloriosos feitos dos vossos ousados mareantes; do inexgottavel pantheon dos vossos heroes, avivem elles as grandiosas linhas de suas proporções homericas—a nós, hospedes

da vossa captivadora gentileza, só nos cabe affirmar-vos em rapida synthese e com a imparcialidade de extrangeiros, que a feição internacional do vosso centenario é esta: mostrar que a lei darvinistica da selecção natural, pelo genio inglez applicada a quaesquer phenomenos do dominio biologico, lei que, por alguns professores contemporaneos, como Cogliolo, é considerada apenas qual hypothese no mundo dos phenomenos juridicos, chega a ser impossivel quando, como acaba de pretender lord Salisbury, pretexta estender-se ás collectividades politicas, ás sociedades historicamente consolidadas.

Oh, não! Se no mundo zoologico, por exemplo, de um primitivo estado de amorphismo e homogeneidade para outro de heteromorphismo e heterogeneidade todos os seres passam evolutivamente, isto é, pela selecção natural, o que quer dizer, pela absorpção do mais fraco no mais forte, o que equivale ainda a dar como certo, pela acção combinada de forças physicas e chimicas, estaticas e dynamicas; se o assombroso genio de um Haeckel póde, manejando com a sua concepção monistica do universo, encadear successivamente os varios protoplasmas da cosmologia universal, de modo a desapparecerem por completo os seres intermedios—aqui, nesta hora tambem de sumptuosidades nacionaes, em que na majestosa cupula da vossa historia rutilam as luciferas constellações do valor indomito na guerra, da intrepidez temeraria na navegação, da perfeição sublimada nas lettras, e particularmente para nós, juristas, da razão immácula no Direito, que é o soberano substractum de toda a phenomenalidade sociologica—quando nos sentimos a pisar a terra onde João de Barros, que para o vosso saudoso inimitavel Latino Coelho, foi o Heródoto portuguez, disse, ao rememorar feitos pa-

trios, que—tanta era a grandeza delles—só por decreto da Divina Providencia pouderam succeder—terra abençoada, donde irrompeu, por tres seculos successivos, o luminoso raio que hoje alinha a maior extensão geographica do globo; raio enorme, que enlaçou a Asia, a Africa e a America, como se realmente as estrellas de Zacuto houvessem presidido aos vossos feitos—feitos sem exemplo no preterito, como sem copia no porvir; terra prodigiosa, que houvera descoberto a America se não fôra a desmentida descrença de D. João II, aliás cognominado o *Principe Perfeito;* que mandou Cabral produzir *a ditosa patria minha amada*, luxuoso alcaçar da mais polymorphicamente bella natureza que jamais sahiu das eternas officinas do eterno creador dos mundos—perennemente illuminada pela preexcelsa das constellações austraes, o que foi motivo da escolha do nome que lhe poz o vosso valoroso capitão, e a que o preexcellente epico, tambem vosso, allude no verso reproduzido ali naquelle artistico tecido: *De Santa Cruz o nome lhe poreis*; terra portentosa, que teve como reis D. João I, de Boa Memoria, D. Duarte, o Eloquente, D. Affonso V, o Africano, D. Manoel, o Venturoso—ousados promotores de descobertas e conquistas civilisadoras; que, pela intrepidez de seus navegadores, tão hartos na audacia quão seguros no engenho, largamente transformou os tratados de Aristoteles e as taboas geographicas de Ptolomeu, e assim como Pygmalião, o estatuario, dos amorphos blocos do hellenico marmore fez brotarem as luxuriantes formas da sua adorada Galathea, arrancou, dos insondaveis abismos do infinito oceano, *por mares nunca dantes navegados*, e Ceuta, e Porto Santo, e a Madeira, e os Açores, e o Cabo Verde, e o Cabo da Boa Esperança, e as Indias e o meu preeminente e estremecido Brasil, e *se mais mundo houvera lá chegara (Bravo! bravo!!)*;

terra privilegiada, que na poesia teve Camões, na historia Alexandre Herculano, no romance Camillo, no theatro Almeida Garrett, na jurisprudencia Mello Freire, e ainda hontem, na sciencia, Souza Martins; oh, não! terra que assim, do Senegal ao Cabo da Boa Esperança, de Ormuz a Macau, do Amazonas ao Prata, deixou impresso o signal do seu valor, e na galé, a remos, na nau, a velas, e em todas as formas dos vossos aventureiros vasos—galeões, bastardas, subtis, fustas—pela voz atroadora da vossa artilharia—aguias, sacres, falcões, pedreiras—foi cravar o marco da civilisação nas escuras regiões da barbarie inconsciente, e, pelo sopro do seu poder juridico, inoculou o Direito onde só a força brutal de humanas feras dominava; terra assim forte, assim civilisadora, assim rica dos dous mais preciosos thesouros do mundo physico e do mundo moral—a luz e o direito—terra assim de tanto prodigio não enfraquece, nem pode morrer jamais! (*Bravos e palmas interrompem demoradamente o orador.*)

E se acaso — recuada a humanidade até sotopôr-se á cannibalesca concepção de Hobbes: *homo hominis lupus* — fosse possivel que os precursores clarões do seculo XX traçassem, na primeira pagina da futura historia, rubra de sangue, como de sangue é a lembrança dos barbaros de Tamur-Lan e Gengis-Khan, este pendão de guerra, reedição do *in armis jus ferre et omnia fortium virorum esse*, de Tito Livio, feroz emblema das primitivas escuridões romanas; esta formula pathologica de politica esmagadora — *la force prime le droit* — se isso fosse possivel, então, illuminados pela vossa glorificação de hoje, todos os povos da latina raça se levantariam para dizer ao vosso amado Portugal: Desferi as velas da vossa historia, e, endireitando o rumo para as bandas donde emerge o sol da justiça eterna,

ide a trazer de la os vossos heroes; enfileirae-os deante do mundo inteiro, que deante d'elles a força recuará de si propria abatida; e emquanto vos sentirdes cada vez maiores, maior ainda rolará o mundo na orbita dos seus destinos, porque então o direito estará brilhando em toda a pureza de seu magnifico esplendor!

(Longa e reiterada salva de palmas cobre as ultimas palavras do orador, e emquanto elle retoma o seu logar.)

Um documento antigo relativo a Questão de Limites entre São Paulo e Minás Geraes

No Correio Paulistano de 26 de Julho de 1898 vem estampado um documento remettido por um correspondente (José Custodio de Alves Lima) em Lisboa, que não figura na collecção recentemente publicada pelo Archivo do Estado (Vol. XI dos Documentos Interessantes) e que parece merecer reproducção e discussão na Revista do Instituto Historico, não tanto por seu valor inrinsico, como por causa de alguns detalhes interessantes que offerece para a historia local. O documento em questão é um requerimento sem data mas evidentemente do anno de 1777, de certos moradores do alto Camanducaia nos seguintes termos :

«Illmo. e Exmo. Sr. Dizem Simam de Toledo Piza, Joam de Almeyda Paes, Jozé Manoel, Jozé de Souza, Joam Moreira Godoy, e Manoel Gomes Maldonado, moradores da Freguezia nova de Jaguary desta Comarca, que elles Sup.es desde o principio, q' descubriram aquelles Sertoeus, sempre derão obediencia

a esta Capitania, e Bispado, tanto em buscar o Sacram.to para Suas Almas, como as Justiças Seculares p.a seu socego, e sempre pagarão os Dizimos aos Dizimr.os de Suas Lavouras p.a á parte de S. Paulo; tanto assim, que q.do se descubrio S. Anna de Sapucahy, dando parte a D. Luiz de Mascarenhas. Gen.al neste tempo desta Comarca Francisco Martins Lustoza, o fez o d.o Gen.al Guardamór Reg.te, e logo por parte das Minas mandou Gomes Freire de Andrade ao Dr, Ouvidor do R.o das Mortes, viesse dividir a Comarca, e se fez a divisam no meyo do R.o Sapucahyassû, ficando dahi p.a Minas, e do meyo destrito p.a S, Paulo; e logo a Camera de Mogy das Cruzes foi tomar posse por parte desta Comarca pelo Secular e pelo Ecleziastico hum Paroco o P.e Lino Alz. Esteves, e assim se conservou m.tos anos, até q'. se descubrio S. Francisco de Paula do Ouro Fino, e subsequentem.te Cabo Verde; e como o d.o Lustoza se retirasse p.a as p.tes de Curitiba, o desta Comarca senam puzessem Justiças Seculares p.a regerem aquellas Terras, se proveram por p.te de Minas, e Luiz Diogo, General dellas, veyo adjunto com o Gov.or do Bispado, lançando aos Parocos fora; e provendo as Igrejas por parte de Minas, e antes poucos tempos mandou o D.or Gomes Freyre, pouco antes de seu fallecim.to pôr hum marco no Morro do Lopo, m.to fora, e dist.e do Destrito de Minas; sem dar pt.e ao Govern.or, que nesse tempo era Alexandre Luiz, e como inda naquelle Contin.te de Camandocaya não haviam Moradores, nem houve q.m disso desse parte; e povoada que foi a Terra de Moradores de Jaguary, q'. se foram alongando por aquelle Sertam, por parte de Minas se mandou no Caminho de Camandocaya pôr hum Marco em front.ra do Lopo, e no R.o Registo; e como a huns dous, outros mezes o Gen.al de Minas

chegou até o Marco, e passou ordem ao Cabo do Reg.º q'. todos os Moradores do Marco p.ª a p.te de S. Paulo, q'. ficassem p.ª S. Paulo' e tivessem as suas terras p.a a parte de Minas, q'. os obrigasse o Cabo do Reg.º a fazer arrancham.to do Marco p.ª dentro, e os obrigasse, a q'. todos os Dezimos, q. tenham pago para S. Paulo, tornassem a pagar aos Dezimeyros de Minas. Os q'. puderam, arrumaram se com dinheiro, outros com espera, e do Sup.te Manoel Gomes Maldonado, q. nem terras tem no Dist.º de Minas, remataram todos os seus bens, e nam parece justo, q'. os Sup.tes sendo sempre moradores no Destrito desta Comarca, e terem p.ª os Dizimeyros della pago os Dizimos, q'. fiquem p.ª a parte de Minas, e tornem a pagar Dizimos segunda vez; e essa averiguaçam parece pertence aos Dezimeyros, Governadores, e snr. Gen.al das Comarcas, p.ª fazerem dividir as ditas, e depois dahi por diante pagarem os Sup.tes onde se lhes determinar, e nam pagar duas vezes: avista do q'. Pedem a V. Ex.ª, se digne dar providencia aos Sup.tes na forma q'. for servido, e receberâm mercê.»

Este documento é evidentemente o mencionado sob o n. 4 na seguinte carta do Governador de São Paulo Martim Lopes Lobo de Saldanha dirigida ao Ministro de Estado Martinho de Mello e Castro.

O original que devia ter ficado em São Paulo não tendo sido archivado no registro da correspondencia daquelle Governador não foi encontrado na busca a que se procedeu na occasião da confecção do Vol. XI do Archivo do Estado. A carta que faz referencia a este documento vem estampado a pagina 354 deste volume e é nos seguintes termos:

«*Illmo. e Exmo. Snr.*—As continuas inquietações, e vexames, com que são perturbados os Povos desta Ca-

pitania, confinantes com os de Minas Geraes; e os inevitaveis prejuizos, que experimentará a Real Fazenda pela deminuição do Quinto de ouro da Caza da Fundição desta cidade. me obrigão a expôr na Prezença de V. Ex. os inattendiveis pretextos, com que por parte daquella Capitania se tem estabelecido, e continuão a estabelecer, alguns Registros no terreno desta, excedendo-se os antigos Limites, que lhe forão prescriptos; e violentando-se os Povos, comprehendidos dentro dos mesmos intrusos Registros a entrarem na derrama para complemento das cem arrobas de ouro, que os Mineiros das Geraes se obrigarão a pagar a Sua Magestade em lugar do Quinto.

«Estes extraordinarios movimentos já tiverão principio no anno de 1764, governando esta Capitania Alexandre Luiz de Souza Menezes. o qual não obstantes as providencias, que deo, e protestos que fez, não poude embaraçar a violenta posse que tomarão os Mineiros dos Arrayaes de Jacuhy, Cabo Verde, e Santa Anna, que até aquelle tempo sempre tinhão sido da Jurisdição desta Capitania, tanto pelo que respoita ao Governo Civil, como ao Ecleziastico, ficando até o prezente prejudicada a Real Fazenda desta Repartição nos rendimentos dos Dizimos, e nas entradas. q'. erão obrigados a pagar os que comerciavão para os mesmos Arrayais; e o que é ainda mais attendivel perder a mesma Real Eazenda o Quinto do ouro que extrahem os seos moradores, sem que por isso se augmente o numero das cem arrobas, a que se obrigarão os Geralistas-

«O Direita desta Capitania a respeito do Dominio dos referidos Arrayais he tam incontestavel, que o Bispo desta Dioçeze, reclamando, pôr via de litigio, a Jurisdição Ecleziastica, que se lhe uzurpou, obteve sentença.

«Parece que todas estas eontendas respectivas a Limites devião ter finalizado com a chegada do Governador, e Capitão General Dom Luiz Antonio de Souza, em quem Sua Magestade restabeleceo o Governo desta Capitania, mandando restituir no antigo estado a sua Jurisdição: e dirigindo ao mésmo tempo ordem ao Conde de Cunha, Vice Rey do Brazil, para assignalar a demarcação das duas Capitanias. Em codsequencia desta ordem convocou o mesmo Vice Rey huma Junta de Ministros, e pessoas praticas no Pays para procederem na referida devizão, a qual se concluhio na forma do Assento de 2 de Outubro de 1765, copia N, 1.: Ficando este servindo de Norma inalteravel ás Capitanias confinantes, para não innovarem couza alguma a respeito de Limites, em quanto sua Magestade nam detãrminasse o contrario.

«Nam foram bastantes similhantes precauções a cohibir a ambição dos Mineiros.

«No anno de 1771 fizerão huma nova irrupção pelo mesmo Jacuhy; erigirão Registos, e compellirão os subditos desta Capitania a pagarem os Dizimos Entradas, e mais Direitos para aquella Repartição com prejuizo notavel das applicações a que são destinados os reditos desta: Ficando de nenhum effeito as repetidas reprezentações feitas ao Governador, e Capitão General o Conde de Valladares; e nam merecendo attenção alguma ao Commandante encarregado daquella deligencia, o qual apoiava as injustas pretencões dos Mineiros, o protesto que se lhe mandou intimar, e que se remette por copia N. 2.

«Ainda que inteirado dos referidos factos nam quiz com tudo innovar cousa alguma a este respeito, parecendo-me acertado conservarme em inacção. até Sua Magestade, a quem o General Dom Luiz Antonio

de Souza tinha dado conta, rezolver o que fosse servido: Porém como da parte de Minas são continuos os movimentos, e os subditos daquella Capitania nam perdem occazião de uzurpar o terreno desta, commetendo violencias nas Povoações que com elles confinão nam me posso eximir, pela rigoroza obrigação que tenho de zelar a Fazenda de Sua Magestade, de repetir, os sobreditos procedimentos, e de relatar os que de novo se executão.

«No mez de Novembro do anno passado de 1777 reprezentou a Camara de São João de Atibaya, comarca desta cidade, que uo destricto de Jaguari se tinha estabelecide Oum Registo, e posto huma guarda de soldados por parte da Capitania de Minas em consequencia de huma ordem do Intendente do Rio das Mortes, com o pretexto de auxiliar o Real Contracto das entradas: E que o dito Registo se achava situado mais de quatro legoas pelo interior desta Capitania, conprehendeuco debeixo debaixo da sua Jurisdição 127 fogos, e 745 moradores do circuito da mesma Villa,

«E porquanto a dita Camara se oppoz logo áquelle incompetente estabelecimento, protestando pela violençia feita a esta Capitania, e pelos prejuizos que se seguirão aos Reaes interesses da sua conservação. como se vê do Protesto copia N, 3., nam conseguio mais, do que respostas vagas do Official encarregado daquella deligencia, remettendose este ás ordens que trazia, e segurando nam vinha perurbar os subditos desta Repartição, nem embaraçar a cobrança dos rendimentos Reaes, que lhe pertencessem; porém a sua conducta sobre este ponto tem sido muito diversa das ditas promessas; e os requerimentos que ponho por copia na prezença de V. Ex. com N. 4., deixam muito bem vêr as vexações que se fazem aos vassalos de Sua Ma-

gestade, que ficarão debaixo do mesmo Registo, e quaes sejão as intenções de seo estabelecimento

«Pela carta do Intendente do Rio das Mortes, e condições nella insertas, copia N. 5. será patente a V. Ex. o frivolo protexto com que se pertendeu corar tam manifesta violencia, e que tanta se não conforma aquelle estabelecimento com o espirito das mesmas condições, que he contrario ao que nellas se determina.

«He certo, que Sua Magestade facultou aos Contractadores o poderem mudar os Registos para onde lhes parecer, e levantar outros novos nas paragens qne forem mais comodas aos viandantes, e aos seus interesses, mas tambem he certo, que se lhe declara nas mesmas condições, que devem reprezentar nas Juntas da Fazenda dos Destrictos aonde se houverem de fazer os estabelecimentos, ou mudanças dos ditos Registos, os motivos q'. para isso tiverem; e só estas dentro nos seus respectivos Limites lhe poderão deferir: porque do contrario se originarão inevitaveis dezordens, e fastidiosos conflictos de Jurisdicção.

«Mas não he, Senhor Exmo., o zelo do augmento do Real Contracto das Entradas, he sim o interesse, e ambição dos Mineiros, quem fomenta tão reiterados movimentos; por ser evidente, que quanto mais se dilatar o Destricto de Minas pelo terreno desta, ou de outra qualquer Capitania, mais suave ficará aos mesmos mineiros a derrama para complemento das cem arrobas de ouro, pois sendo mayor o numero dos lavradores, por quem se devida, menor será o orçamento para cada hum em particular. A conveniencia que lhes rezulta destas uzurpaçõas, lhes surgire a cada passo os pretextos mais especiozos, com que procurão atrahir para o dominio daquella Capitania os subditos desta: E certamente se Sua Magestade não occorrer com as providen-

cias proporcionadas a terminar tam repetidas dezordens, conseguirão os ditos Mineiros o absorver todo o rendimento do Quinto da Caza da Fundição desta cidade na cota das cem arrobas: E perderá o Real Erario a importancia deste Direito, que he hum dos mais avultados da Capitania.

«E porquanto tenho uma larga experiencia, de que os referidos Mineiros, cegos da sua ambição, nem attendem aos prejuizos da Fazenda Real, que se lhes tem reprezentado, nem repararião em cometter os mayores insultos, se eu por via de força os quizesse expulsar das terras do meu comando; por isso exponho na Prezença de V. Ex. os presentes factos, para que Sua Magestade se digne determinar o que for servido. Deos Guarde a V. Ex. São Paulo a 28 de Abril de 1778. Illmo. e Exmo. Senhor Martinho de Mello e Castro. — *Martim Lopes Lobo de Saldanha.*»

Dos cinco documontos mencionados nesta Carta, que não prima pela exactidão historica, o n. 1 é o celebre Assento de 12 de Outubro de 1765 que nunca tive execução; o n. 2 refere a uma centenda na região de Jacuhy na administração do antecessor de Martim Lopes e somonte os ns. 3 (protesto da Camaro de Atibaia), 4 (o documento presente) e 5 (a carta do Intendente do Rio das Mortes) tem referencia á questão dos terrenos do Rio Comandocaia.

Os documentos ns. 3 e 5 não tem sido conservados mas o seu conteudo pode ser inferido do requerimento dos moradores interessados, da carta de Martim Lopes ao Ministro e das seguintes cartas trocadas entre este ultimo e o Governador de Minas. D. Antonio de Noronha.

«*Illmo. e Exmo. Snr.* — Pela carta que V. Ex. me dirigio na data de 13 do mez passado, e pela copia

da carta do comandante de Jacuhy, n'ella incluza, venho no conhecimento de que, não só o dito commandante, mas huma grande parte des officiaes que se achão empregados no serviço nas paragens confinantes com esta Capitania, não tem outro ponto de vista mais do que perturbarem o socego de V. Ex., e de me inquietarem com continuadas desordens, motivados a fim de saciarem a sua cobiça, e de prejudicarem a Fazenda Real, pretextando as suas perniciosas intenções com apparente zelo de utilidade publica, e do serviço d'El-Rey, e pintando-as a V. Ex. com côres tão dissimuladas, que quasi he obrigado a dar-lhe o credito, que não merecem.

«He certo, Exmo. Sr. que depois de muitas e repetidas queixas que se me fizerão pelos extravios commetttdos pelas differentes estradas, por onde costumavão seguir os viandantes de Mínas, e pelos descaminhos que experimentava a Real Fazenda nos seus direitos, me deliberei com o voto da junta da Real Fazenda; e tendo precedido informações de pessoas praticas e íntelligentes, a mandar trancar os caminhos, que se julgavão mais favoraveis e proprios para os ditos extravios, entre aquelles foi comprehendida a antiga estrada de Jacuhy, por não ter ataque, e por se não seguir prejuizo algum ao commercio em dar entrada no novo Registo de S. Matheus, para onde fiz mudar o antigo do Rio Pardo, em attenção ao bom commodo dos viandantes; e já Sua Magestade, a quem costumo dar conta de todas as minhas determinações, se dignou approvar esta pelo seu Real Erario, como será presente a V. Ex. pela copia incluza: N. 1.

«Persuada-se V. Ex., que nem os Mineiros, nem o commercio experimentão incommodo sensivel n'esta mudança, salvo se fôr o de se lhe evitarem de algum

modo os contrabandos e extravios dos Direitos Reaes, nem tambem tema V. Ex. o commandante de Jacuhy: por quanto se os ditos extravios se acililão pela multiplicidade de estradas por onde os viandantes transitão, nas quaes não he possivel que haja a vigilancia necessaria, por legitima consequencia se deve inferir, que á proporção que se lhe diminuem as ditas estradas, se lhe fechão outros tantos portos aos mesmos extravios; d'estas mesmas cautelas usou sabiamente V. Ex. no Registo de Jaguary, para o mesmo effeito, mandando trancar differentes caminhos, e obrigando aos viandantes a que seguissem por hum sò, como se me participou pela carta que remetto a V. Ex., por copia N. 2.

«Igualmente não devo presumir que os povos da jurisdicção de V. Ex. attendão tão pouco aos seus interesses, que venhão fundir o seu ouro a esta Capitania, aonde forçosamente se lhe ha de tirar o Quinto, não ficando por isso alliviados da derrama para o complemento das cem arrobas de ouro que offerecerão a Sua Magestade. A vista do que tenho exposto, julgue V. Ex se eu deveria suspender as providecias economicas d'esta Capitania, tendentes á utilidade da Real Fazenda, pela vaga presumpção do commandante de Jacuhy, o qual, como tão zeloso da mesma Real Fazenda, podia applicar outros meios de cohibir os extravios no caso de haver fundamento de os temer.

«Estou bem persuadido que se este commandante, e os mais officiaes dessa Capitania informassem a V. Ex., e a junta da Real Fazenda com a verdade e circumspecção devida, teria V. Exa. evitado as continuas vexações, que se fazem aos povos desta Capitanio, e não me acompanharia o desgosto de ver que V. Ex., com quem desejo manter a mais sincera e verdadeira ami-

zade, permitta se excedão os antigos e impreteriveis limites das duàs Capitanias, come succedeo ultimamente pela erecção do novo Registo de Jaguary, no dtstricto da villa de S. João de Atibaia, avançando-se mais de quatre legoas pelo interior desta Capitania, e ficando debaixo do mesmo Registo cento e vinte e sete fogos. e setecentos e quarenta e cinco visinhos da mesma villa.

«O pretexto deste impraticavel rompimento, parecerá a V. Ex., á primeira vista, favoravel aos Reaes interesses, e muito conforme ás condições 5.ª e 17.ª do contracto das entradas, as quaes remetto a V. Ex., por copia, com a carta do Doutor Intendente da comarca de S. João d'El-Rey, N. 3.: mas ao contrario, Exmo. Sr., elle he opposto ao espirito das mesmas condicões, e muito prejudicial á fazenda de Sua Magestade. He opposto ao espirito das condições, porque dando Sua Magestade faculdade aos contractadores para mudarem os Registos para onde lhes parecer, e levantarem outros novos naquellas paragens, que forem mais commodas aos viandantes, lhes declara devem elles representar ás juntas das Fazendas dos districtos aonde se houverem de estabelecer os ditos Registos, a necessidade que houver dos seus estabelecimentos, e só estas dentro dos seus respectivos limites lhes poderão deferir; o que bem so collige das mesmas condições; e do contrario, todo o procedimento que não fôr este motivará desordens e contendas de jurisdicção, como presentemente succede.

«He prejudicial á Real Fazenda de Sua Magestade, porquanto ao mesmo passo, que o districto de V. Ex. se fôr estendendo por esta, ou outra qualquer Capitania, perderá a Real Fazenda o rendimento do Quinto de todo o ouro qne se lavrar naquelles terrenos, sem

que por isso se augmente o numero das cem arrobas, que os subditos de V. Ex. se obrigarão a pagar annualmente a Sua Magestade pelo dito Quinto.

«Eu, Exmo. Sr., conheço claramente que os commandantes dos descubertos visinhos a esta Capitania conloiados com os Mineiros, he que motivão todas estas inquietações para se verem mais alliviados da mesma derrama, porque sendo maior o numero dos lavradores por quem se divida, menor será o orçamente de cada hum em particular: mas estou certo, que V. Ex. não ha de consentir em hum damno tão manifesto da Real Fazenda, e que attendendo ao que tenho ponderado dará logo ae providencias. que pede tão importante materia, não só a respeito deste Registo, mas tambem dos movimentos que principião pelo descuberto do Rio Pardo, como me avisou o Guarda-mór daquellas Minas, Antonio Bueno da Silveira, em carta de 7 de Janeiro, e remetto a V. Ex. a copia do capitulo que trata deste particular, para que se digne ordenar se não inquiete aquelle povo, que já começa a sentir algumas perturbações.

«De boa vontade deixaria de molestar a V. Ex. com esta longa digressão se os factos que exponho na sua presença não fossem tão constantes, e se me não assistisse a bem fundada esperança de que V. Ex. fará pôr termo a tantas desordens; pois sei, que o seu animo he de conservar commigo huma boa harmonia, e que olha indifferentemente para a maior ou menor extensão de terra do seu governo, como me tem segurado nas suas cartas de 6 a 25 de Outubro, 16 e 26 de Dezembro de 1775, e da minha parte affirmo a V. Ex., que são contra o meu genio estas fastidiosas disputas, que diariamente fomentão huns poucos officiaes revoltosos, e dominados do espirito d'ambição. Deos Guar-

de a Vossa Excellencia. S. Paulo 6 de Fevereiro de 1778.—*Martim Lopes Lobo de Saldanha.*»

«*Illmo. e Exmo. Senhor.*—Recebi a carta de V. Ex. de 6 de Fevereiro do prezente anno, e por ella venho no conhecimento decapitarse V. Ex. da falsa conta pôr na prezença de V. Ex. ó Guardamor Antonio Bueno da Silva, dizendo este tinhão passado dois soldados pagos desta Capitania de Caboverde a estabelecer hum Registo no Rio Pardo; o contrario do que prezume o dito Guardamor verá V. Ex. na carta que remetto por copia do Intendente da Comarca respectiva, e do cabo da Guarda de Toledo.

«Emquanto aos mais capitulos da carta de V. Ex. relativos ás divizões desta e dessa Capitania, poderá V. Ex. melhor persuadirse da copia da carta do mesmo Intendente das sem razões com que os Povos dessa Capitania se queixão das vexações que dizem elles recebem dos Povos de Minas: Este Intendente assistio a todas as divisões, e ninguem pode dizer melhor sobre ellas do que elle. Logo que V. Ex. me advertio de alguns phantasticos procedimentos feitos pelos Povos de Minas aos dessa Capitania eu passei ordens necessarias ao dito Intendente como se vê da copia incluza para que desse as providencias precizas a fim de pôr em socego, tanto meu espirito, como o de V. Ex., que diariamente nos estamos embaraçando com bacatellas de pouca attenção.

«Se V. Ex. me fizesse a Justiça, que eu mereço me faça. nam se persuadiria da conta que lhe deo Antonio Gomes Machado: he sem duvida que eu passei aos confins desta Capitania com bem diferente destino daquelle que suppoem o dito Machado; e huma legoa para cá do Morro do Lopo achei huma roça cultivada por hum morador dessa Capitania, o qual a estava possuindo

sem titulos, e sobre isto passei as ordens que me parecerão justas para que os Reaes Interesses se nam prejudicassem. Agora dezejo eu que V. Ex. me diga se eu fiz mal, ou se intentei uzurpar aquillo que me não pertencia, depois de mediar a distancia de huma legoa entre a roça e o Morro do Lopo, cujo faz a divizão desta; e dessa Capitania. O dito Antonio Gomes Machado he hum homem indigno de se acreditar, e eu dezejaria que V. Ex. examinasse o seu procedimento com os Povos de Camandocaya, a quem elle sempre traz atropelados.

«Emquanto a Erecção do Novo Registo de Jaguari, no destricto da Villa de São João de Atibaya, sobre este particular escreveo a Junta da Real Fazenda desta Capitania ao Intendente da Comarca do Rio das Mortes, a fim de se evitar o que V. Ex. me expoem; e o Contractadór escreve na occazião ao Thezoureiro Geral desse Erario, dando tambem as suas providencias.

«Eu protesto a V. Ex. novamente a minha amisade, e o grande dezejo q' tenho de executar as suas ordens. Deos Guarde a V. Ex. Villa Rica a 23 de Março de 1778.—*Dom Antonio de Noronha.*

Illmo. e Exmo. Sr.—Tenho demorado a resposto de hûa carta, que V. Ex. me fez honra de dirigir na data de 23 de Março do proximo passado, tanto por livrar a V. Ex. das inquietaçoens, que lhe cauzão estas fastidiozas contendas sobre limites, como pelo conciderar empregado em dependencias de mayor ponderação, que certamente se devem preferir a estas pequenas dissençoens, que são tão ordinarias nos Povos confinantes, como hê o dezejo do seo melhoramento. Eu se não conhecera, que toda a relaxação, e condescendencia, que tivermos agora neste particular, poderá ser para o futuro muito prejudicial aos Reaes Interes-

ses, nem teria dado attenção ao que me reprezentarão os Subditos desta Capitania, nem mortificaria a V. Ex. com as minhas rogativas: mas devo agradecer ás suas sabias providencias o socego em que actualmente me concidero nesta parte, porquanto os moradores de hum, e outro Territorio, hâ tempos, que deixão de nos perturbar com as suas contendas.

«Acredite V. Ex., que vivo tão certificado das suas sinceras intençoens para comigo, que nunca me passou pela imaginação, que V. Ex. favoniasse as injustas pertençoens de alguns dos seos subditos; nem tão pouco deve prezumir da minha fiel amizade, que os Oficios, que lhe tenho dirigido sobre esta materia, tivessem outro objecto mais, do que querer conservar os limites desta Capitania no mesmo estado, em que os achei: regulandome sempre pela Divizão, que incluza remetto por copia, a qual nos deve servir de norma, emquanto S Magestade não determinar o contrrio.

Mas não hê este, Exmo. Sr., o ponto principal, que me conduz agora á sua prezença; hê sim remeterlhe a centa corrente das despezas feitas com os destacamentos dessa Capitania, que marcharão por esta em soccorro do Exercito do Sul, as quaes forão pagas pela Junta da Real Fazenda atê o ultimo dia de Dezembro do anno passado; pois me me vejo na mayor consternaçam, V. Ex pode conciderar, sem dinheiro algum nos cofres da Fazenda Real e obrigado a satisfazer os avultados soldos dos dous Regimentos, que já se achão nesta Praça vindos da Campanha, sem receberem couza alguma, há perto de tres mezes.

«Nesta critica situação, fiado na promessa, que V Ex. me fez, de satisfazer estas despezas, me vejo precizado a rogarlhe, que, por serviço de S. Magestade, se digde mandar remetter pelo portador desta o Sargento

Mor Joaquim Manoel de Macedo e Vasconcellos á quantia de 13:456$155 reis, que tanto importa o saldo da dita conta corrente, do que logo enviarei conhecimento em forma para a conta do Thezoureiro Geral dessa Repartição.

Espero do favor, que sempre devi a V. Ex., faça expedir logo esta remessa, para ocorrer as dezordens que V. Ex. nam ignora, se podem originar da falta de pagamento das Tropas. Deos Guarde a V. Ex. S. Paulo 1 de Fevereiro de 1779.—*Martim Lopes Lobo de Saldanha.*

«*Illmo. e Exmo. Senhor.*—Recebi a carta de V. Ex· de 1 de Fevereiro do prezente anno; e sabre os pontos que ella contem respectivos aos Limites da Divizão das terras desta, e d'essa Capitania, já a V. Ex. ponderei por carta de 6 de Outubro de 1775 os justificados motivos que me obrigão a fazer conservar a posse dos territorios com que os meus predecessores tem dominado os destrictos pertencentes a esta mesma Capitania em observancia do termo de Junta feito em S. João d'El Rey pelo Exmo. Luiz Diogo em 26 de Novembro de 1764, do qual rezultou a aprovação de S. Magestade pelo Avizo de 25 de Março de 1767, e das mais providencias dadas por aquelle Governador a este respeito, de que remeti copia a V. Ex.; e o mesmo tornei a repetir a V. Ex. por carta de 25 do mesmo mez, e anno, referindo-me á sobre dita carta, nam podendo ceder os destrictos pertendidos por V. Ex. sem expressa rezolução de Sua Magestade, perante quem se achão pendontes as contas que derão os meus Predecessores, e os de V. Ex. sobre este mesmo particular, porque só pertendo conservar aquellas Povoações ns mesmo estado em que justamente as pos-

suirão os meus Exmos. predecessores, sem suscitar couza nova, que não seja a da Real Decizão.

«Tambem em cartas do 21 de Abril de 1777, 13 de Janeiro, de 78 e a 23 de Março do mesmo anno, a qual V. Ex. prezentemente me responde, insistindo na mesma pertendida possessão, expuz a V. Ex. as inquietações que experimentavão os Povos desta Capitania, cauzadas pelo dessa, e motivadas destas fastidiosas duvidas de Limites, sobre as quais ninguem podia dizer melhor sobre ellas, que o Intendente da Comarca de S. João por ter assistido ás devizões; Estas perturbações ainda prezentemente continuão, como V. Ex. verá da copia da carta do dito Intendente de 30 de Dezembro do anno passado, que incluza remetto com outras duas cartas respectivas ao mesmo assumpto, a qual resposta foi dada em execução da ordem que lhe foi dirigida pelo Tribunal da Junta desta Capitania.

«Eu estou certo, que se V. Ex. estivesse Governando esta Capitania havia de defender o justo Direito, que me accompanha, relativo áquelles territorios; e suposto eu me capacito do descernimento judiciozo de V. Ex. pelas provas que tem dado, sempre devo ponderar a V. Ex. esta simples reflexão: Que o sobre dito Avizo, pelo qual Sua Magestade aprovou o termo de Junta, e providencias dadas pelo Exmo. Luiz Diogo he datado em 25 de Março de 1767 muito posterior da ordem, e assento tomado no Rio de Janeiro, a que V. Ex. se refere, e do qual não houve até o prezente aprovação Regia: Agora considerandose V. Ex. em meu lugar, dezejo me diga, se pode haver razão para que esteja por aquella disciziva aprovação, sendo a ultima que houve, sem que offenda a observancia da Real Determinação.

«Finalmente Exmo. Senhor pareceria injusto que eu

não desse resposta ao prezente officio de V. Ex.; é este o motivo porque a dou sobre semilhante assumpto, porque nada mais posso dizer do que o que já tenho repetido nas sobreditas minhas cartas, nem mudarei de parecer dos fundamantos, que refiro. porque se a V. Ex. não parecerem justos, pode entrar por toda esta Capitania com forças de Armas. e sem ellas, que en protesto e nam hei de impugnar, porque não devo fomentar huma Guerra civil entre dous Governos vassalos da mesma Monarquia, e contraria ás Pias Intenções da Nossa Augusta Soberana.

«Só me resta rogar a V. Ex. com as mais vivas expreções com que dezejo ver tranquilizados os Povos dos Limites confinantes, e da reciproca união, em que nos devemos conservar sem mover duvidas, porque nenhumas podem ser intentadas sem prejudicar os Reaes interesses, como prezentemente se está experimentando nesta Capitania: Queira V. Ex. por huma vez pôr esta materia na Real Prezença de Sua Magestade para a sua decizão, que sendo servida aprovala. se finalizará o dezasocego em que nesta parte tem vivido os nossos espiritos, porqué só assim eu cederei em a cumprir gostosamente junto com as determinações de V. Ex.

«Remeto a quantia que na carta de V. Ex. me pede das despezas que fizerão os Destacamentos desta Capitania, que marcharão em soccorro do Sul, a qual conduz o mesmo Sargentomor Joaquim Manoel de Macedo e Vasconcellos, que V. Ex. mandou. Deos Guarde a V. Ex. Villa Rica a 16 de Março de 1779.—*D. Antonio de Noronha.*»

Nesta correspondencia cada governador ao passo que reaffirma o que julga ser os antigos direitosda sua Capitania (o de São Paulo firmado no Assento de 12 de Outubro de 1765 e o de Minas no Assento de Luiz Diogo

e no Aviso de 25 de Março de 1767) declara a sua intenção de manter provisoriamente a posse do territorio que lhe foi entregue pelo seu antecessor. Esta posse pela parte de Minas foi delimitada na estrada que seguia de Atibaia a Santa Anna do Sapucahy, pelo Morro do Lopo designado como diviza entre as duas Capitanias pelo auto de Thomaz Rubim lavrado em 1749. Neste morro tinha sido collocado um marco que conforme diz o requerimento foi feito por ordem de Gomes Freire de Androde pouco antes do seu falleeimento em 1763. Dois mezes antes do requerimento D. Antonio de Noronha tinha visitado este marco e conforme elle affirma, limitado a sua jurisdicção pelo mesmo marco, affirmação esta que é confirmada pelo proprio requerimento.

A questão verdadeira, porém, não era sobre a posição do marco que não era contestada pelos supplicantes mas sobre a posição da linha tirada do marco para o norte, posição indeterminada e que os moradores fizerão variar conforme os seus interesses do momento. Assim por exemplo o aucto de D. Antonio de Noronha de que se queixa no requerimento achava-se de certo modo justificado por acontecimentos recentes que os supplicantes acharão conveniente não mencionar nas suas recordações historicas. Antes, porém, de referir estes acontecimentos convem reestabelecer a verdade historica sobre a primitiva demarcação uesta região que foi feita de modo bastante differente do contado no requerimento e na carta de Martim Lopes que parece ter se guiado por este mesmo requerimento.

Conforme o requerimento conta a historia, a demarcação das duas comarcas do Rio das Mortes e de São Paulo foi feita por ordem de Gomes Freire de Andrade pelo meio do Rio Sapucahyguassú e depois da descoberta de ouro em Santa Anna do Sapucahy e da nomeação

por D. Luiz de Mascarenhas, governador de S. Paulo, de Francisco Martins Lustosa como Guarda Mór do novo descoberto, tendo o districto passado á posse mineira por descuido ou abandono, do mesmo lustosa. Consta mais o requerimento que annos depois (pouco antes do seu fallecimento) Gomes Freire mandou pôr um marco no Morro do Lopo e que, tempos depois, o governo de Minas mandou por um outro no caminho de Comandocaia «em fronteira do Lopo e no Rio Registro».

O facto historico, porém, conforme consta dos documentos officiaes estampados no Vol. XI do Archivo de São Paulo é que a posse mineira tomada nas margens do Rio Sapucahy foi acto da Camara da Villa de São João d'El-Rei a 4 de Março de 1843 em occasião em que não era conhecida a existencia de ouro ao sul do mesmo rio o qual foi livremente escolhido pela dita Camara como limites das suas pretensões. Nesta occasião a contenda era a respeito do territorio a direita do Rio Sapucahy no districto da Campanha do Rio Verde e pouco tempo depois a questão foi resolvida conforme a vontade da Camara Mineira pela Provisão Regia de 30 de Abril de 1747.

Já neste tempo, porem, tinha se descoberto ouro em Santa Anna do Sapucahy a esquerda do rio e a Camara de São João d'El-Rei contestava a posse tomada, a 30 de Outubro de 1746, pela Camara de Mogy das Cruzes e tratava de expulsar pela força o Guarda-Mor, Francisco Martins Lustosa, nomeado pelo governador de São Paulo, como em 1743 tinha expulso do Arraial da Campanha o Guarda-Mor Paulista, Bartholomeu Bueno. Lustosa appoiado pelo Governador de São Paulo resistisse e o districto manteve-se em estado de guerra que levou o governo de Lisboa a suspender o governo separado da Capitania de São Paulo, pela Provisão Re-

gia em 24 de Agosto de 1748 e de encarregar Gomes Freire de Andrade com a demarcação das duas Capitanias indicando-lhe para este fim os rios Grande e Sapucahy, mas deixando lhe a faculdade de escolher outro limite. Em execução desta Provisão Regia, Gomes Freire deu instrucções ao Ouvidor da Camarca do Rio das Mortes, Thomaz Rubim de Barros Barreto, de correr a linha de demarcação pelo alto da Serra da Mantiqueira até encontrar o Rio Grande sendo evidente a sua intenção de incluir toda a bacia do Sapucahy na Capitania de Minas. A o eraçã· era de impossivel execução mas esta circumstancia não impediu que Thomaz Rubim lavrasse, a 19 de Setembro de 1749, o seu celebre auto de demarcação designando o Morro do Lopo como ponto extremo da linha divisoria pelo alto da Serra da Mantiqueira e deixando vago todo o resto da demarcação. Lustosa recusou-se a receber a ordem de Gomes Freire mas não deixou de respeital-a, abandonando a sua resistencia armada e retirando se primeiro para o arraial de Ouro Fino e subsequentemente para Curitiba assim escapando da ordem de prizão que foi expedida contra elle. A 29 de Junho de 1750 os Mineiros tomarão posse do arraial de Ouro Fino não obstante que pelo espirito e lettra das Instrucções de Gomes Freire, este pertencia ao territorio paulista por estar fora da bacia do rio Sapucahy. Assim esta posse foi quatorze annos anterior á visita do Governador Luiz Diogo referida no requerimento.

Em alguma epocha, não consta quando ou por quem, foi collocado (ou esculpido na rocha) um marco no Morro do Lopo mas é pouco provavel que houve para isto ordem expresso de Gomes Freire. Pelo contrario é certo que este Governador deu a 9 de Novembro de 1762 uma carta de Sesmaria a Claudio Furquim de

Almeida de um terreno situado para o lado mineiro do Morro do Lopo tratando o como pertencente á Capitania de S. Paulo. A unica outra referencia a este marco que se encontra nos documentos antigos é na representação da Camara de S. Paulo a 30 de Setembro de 1771 (Archivo, Vol. XI, p. 118) em que se diz que por ordem de Thomaz Rubim « meterão hum marco, ou esculpirão humas letras em hum penedo nativo naquella parte, que dizem — Divizão das Capitanias de S. Paulo e de Minas» Esta noticia por ser mais minuciosa merece mais confiança do que a do requerimento, bem que possa ser em erro a respeito da data da collocação do marco, sendo porem mais provavel que esta fosse no tempo de Thomaz Rubim, quando o negocio da demarcação era fresco, do que nos ultimos annos da administração de Gomes Freire nos quaes nada consta para motivar esta providencia. E' tambem possivel que ambas as noticias estejam em erro e que o marco fosse collocado subsequentemente ao estabelecimento por Luiz Diogo em 1764 de um registro mineiro nas margens do Rio Jaguary junto ao Morro do Lopo. Seja isto como for, não ha noticias mais modernas deste marco cuja posição fica incerta sendo porem provavel que fosse nas immediações do dito registro em Santa Rita da Extrema.

O requerimento falla de um outro marco posto depois de povoada a região no caminho de Comandocaya « em fronteira do Lopo e no rio Registro.» Esta referencia deve ser ao registro estabelecido em 1771 por ordem do Conde de Valladares, governador de Minas, no districto do actual São José de Toledo. Nos acontecimentos deste anno que para a questão presente tinham muito mais importancia do que os referidos, um dos signatarios do requerimento, Simão de Toledo Piza,

teve parte saliente, mas sobre estes o documento guardou um silencio discreto. A historia que vem quasi completamente documentada no Vol XI do Archivo de São Paulo é a seguinte.

Simão de Toledo Piza pertencente a uma familia importante da Capitania de São Paulo tinha, conforme declaração na carta citada em baixo, descoberto ouro na região do alto Comandocaya do que deu parte ao governador de São Paulo, D. Lúiz Antonio de Souza, logo depois da chegada deste na Capitania, isto é, em 1765, na esperança que seria em breve restabelecido os antigos limites pretendidos por São Paulo pelo Rio Sapucahy e que lhe seria permittido lavrar o seu descoberto. Como porem D. Luiz Antonio tinha ordem de não permittir mineração na Capitania de São Paulo e ficando demorada a solução da questão de limites, Simão de Toledo Piza entendeu, em 1771, obter a desejada licença do governador de Minas conforme se deprende da seguinte carta escripta a um official do Governo de Minas.

«Por me ser constante o zelo, e a fidelidade com que V. mce. se porta no Real serviço interessando só no aumento Regio; sou o dizer a V. Mce. por meio desta que confio da sua actividade. exvi do conceito que o Illmo. e Exm. Sr. Conde General faz de V. Mce., para que logo sem demora ponha na prezença do dito Senhor o fidelidade com que me desejo empregar no Real serviço, e o quam atento sou a S. Exa., suposto dei para São Paulo hum Descuberto nos dias em que o General de S. Paulo chegou, por me ter segurado o Sargento Mor Pedro Taques e D. José, que naquelles vinte dias, ou hum mez tomava posse o dito General de Sapucahy para ca, a quem logo disse, ou ao mesmo General, que era do Lopo para dentro, ao que me res-

pondeo, que se nam repartiria, senam depois de tomar posse, e como nunca tomou, estive tudo em silencio todos estes annos. He senam quando em Dezembro passado recebi carta do Guarda Mor de S. Paulo para que fosse falar lhe a beneficio de se repartir o meu Descuberto, e sem lhe responder, logo fui ao Ouro fino mostrar a dita carta ao Cabo Manoel José, e ao Alferes Luiz de Freitas, pedindo a estes que dessimos huma conta disto ao Illmo. Sr. Conde General, e que supposto o tinha dado para S. Paulo, foi com a certeza que tenho dito da posse, mas que como nunca a tomava, que sempre eu me queria mostrar fixo, firme, e leal á minha Capitania, e especialmente a quem era verdadeiramente meu Superior, como o Illmo. o Exmo, Sr. Conde General, nam quizeram estes dar esta conta, o Cabo Manoel José de Azevedo, que so depois de repartido o faria e o Alferes com razoens frivolas se escuzou de sorte, que alterando vozes com o dito Cabo disse a todos os que se achavam prezentes, como Lino Jose de Freitas, e o Fiel Antonio de Souza, e Joam Pereira, que todos me servissem de testemunhas para a todo o tempo mostram que eu tinha feito o que devia e cazo Illm. Sr. soubesse, me nam culparia a mim, mas sim a estes, pois mostravam nam ser constantes a esta Capitania, mostrando tambem, quererem quasi ceder desta jurisdicam para a de São Paulo, e voltando para este sitio achei carta de São Paulo, em que me chamavam em nome do Sr. General, a quem forçosamente havia obedecer, o qual me disse estava informado, que o meu Descuberto lhe pertencia, dizendo me daria huma parte, ou satisfaçam ao Sr. Conde General, e como vejo esta uzura que se faz a Capitania de Minas, digo a V. Mce. que o meu Descuberto he verdadeiro, porque tenho socavado meya legua com jornaes certissimos para qua-

tro vintens até meyas patacas. e só falta socovar o mais até a barra que terá uma legua, este ha hum ribeironete, que nasce na Serra Negra. Tambem está o rio de Camandocaya, rio grande com oiro desde a dita Serra Negra até o Salto Grande, que tera 6 até 7 leguas, de distancia do principio da Serra Negra para baixo até certa distancia com ouro para jornaes certos de quatro vintens; e dahi para baixo espero jornaes de muito mais avantejados, fora outros Corregos, e ribeiroens, que desaguão no dito rio que está tudo por ver bem, pois tudo mostra oiro em qualquer parte, e como sei o quam util será ao Povo de Minas, e muito mais ao agrado de S. Exa. faço esta a V. Mce. para que com toda a brevidade faça saber ao Illmo. Sr. Conde para que logo e logo mande socavar e repartir, antes que o Sr. General de S. Paulo o mande repartir, pois me determina por carta sua, que mande abrir o caminho para o dito efeito e eu como vejo que ha de tirar o direito ao Illmo. Sr. Conde General, alem do muito desejo, que tenho, e fidelidade com que sempre fui a minha Capitanla de Minas, pois della sou freguez, e para lá pago Dezimos, avizo a V. Mce. rogando lhe pór meyo desta para que me ponha na prezença do dito Sr. Conde, para que se nam ponha contra mim, pois pelas muitas limitadas forças nam vou pessoal aos seus illustres pes beijar lhe a man, mas se se quizer informar melher da minha verdade, e ser conhecerá, que nam sou de fabula, e o Capm. Mor José da Silva Pontes, Agostinho Soares, e meo Irmão Franco. Xer. Paes que mora em Marianna, estes darão a dita informação, e tambem quero que o Sr. General de São Paulo nam fique contra mim, exvi da cautella e recomendaçam que me fez, pelas quaes ainda mais desconfio, e o Sr. Conde General que se compadeça das necessidades que ha,

e mayormente amercé, que havendo este remedio nas minhas terras estou padecendo a falta de se não repartir, e pode V. Mce. segurar ao dito Senhor, que repartido isto, ha muitos mais corregos e rios para se descobrirem, por haverem terras, matos, serras, e corregos infinitos. As mostras do dito Descuberto as vio o Sr. General de S. Paulo e he oiro muito bonito e de muito pezo. Estimarei a boa saude de V. Mce. que Ds. Gde. por m. an. Campanha da Lagoa, hoje 2 de Julho de 1771. De V. Mce. seu muito venerador, e afeituoso. *Simão de Toledo Piza*».

Por esta carta parece que mezes antes, em Dezembro do anno anterior, tinha havido um certo rumor a respeito das novas minas e que pessoas de São Paulo tinha se interessado em segural-as para esta Capitania obtendo do governador o levantamento da interdicção da mineração e a abertura de uma picada para a região. De facto D. Luiz Antonio tinha dado, a 10 de Abril, ordem para abrir a picada (Archivo, XI, p. 104) baseando-se em informações dadas por Simão de Toledo Piza e uma carta do Commandante de Ouro Fino, Luiz de Freitas Villalva. Este Commandante é o Luiz de Freitas do qual ha queixa na carta supra e a referida carta que só podia ser sido communicada pelo proprio Simão de Toledo Piza é a seguinte.

«*Senhor Capitão Simão de Toledo Piza*. A respeito do que V. M. quer saber da demarcação das Capitanias, e informações que diz a esse respeito ao Ajudante Domingos Soares de Barros foi o que me escreveo pedindo a informação, a qual era por ordem do Illmo. e Exmo. Snr. Conde declarando tudo o que se perguntou, Como disse eu a V. M. informei que a demarcação ou marco que se poz era no lopo no caminho velho e segundo o que me praticou o Capitão Verissimo João de

Carvalho não so huma vez senão muitas vezes que foi o que se achou com o Ouvidor Rubim que mandou passar o termo, ou lavrar dizia que daquelle marco correria rumo direito a buscar o caminho de Guayazes acima da Freguezia de Mogy Guassu duas legoas, e daly correria pelo caminho de Guayazes até o Rio Grande (1) o qual rumo não poderia de sul a norte, e que poderia ser de sul a nordeste, e nesta forma poderia passar o caminho que hoje serve para Jacarehy pelo Lima chamado pouco mais ou menos nesta informey. Ouro Fino 22 de Março de 1771. De V. M. Primo Amante e Atento Ven.or e obrigadissimo, *Luiz de Freitas Villalva*».

Assim parece que já antes de 22 de Março o Conde de Valladares tinha mandado um official verificar a posição do novo descoberto. O mesmo facto consta da seguinte carta do Commandante de Camandocaya (hoje cidade de Jaguary) que foi remettido a D. Luiz Antonio, conjunctamente com a carta supra de Simão

(1) Esta carta é muito interessante por dar a interpretação dada por um contemporaneo e signatario do auto de Thomaz Rubim (Verissimo João de Carvalho) ao modo de ligar o Morro do Lopo ao Rio Grande pela dita demarcacão. Este modo era por uma linha recta traçada do Morro do Lopo para um ponto na estrada de Goyaz duas leguas acima da Freguezia de Mogy-Guassú e por esta estrada até o Rio Grande. Como esta linha não está expressa na Instrucção de Gomes Freire de Andrade nem no Auto de Thomaz Rubim, temos assim a demarcacão imaginada por Verissimo João de Carvalho differente destas duas e differente tambem da imaginada por Luiz Diogo em 1764. A linha Verissimo João de Carvalho differe tambem da traçada nos mappas de 1778, 1804 e 1808 e sendo mais favoravel o Minas do que a actual linha de posse e do que a maioria das outras linhas que se tem imaginado é especiamente recommendavel á attencão dos Mineiros.

de Toledo Piza em carta de 1 de Agosto pelo Conde de Valladares para justificar o posse que pretendia pa região.

«Carta do Commandante de Camandocaia ao Cabo Comandante Francisco David Otoni. 1771

«Tempos há em que me deo Simão de Toledo Piza huma parte na qual me manifesta hum Descoberto na sua Campanha o qual segundo as confrontaçoens fica do Morro do Lopo para dentro da demarcação destas Minas, buscando para Ouro Fino; essa parte já eu a dei a S. Exa. e o dito Sr. mandando se informar, veyo o Ajud. Domingos Soares de Barros, e se informou de pessoas apaixonadas pela parte de S. Paulo só a fim de que eu ficasse mal pela razão de que na mesma conta que dei do Descuberto, tambem dei de dois oficiaes, que me deixaram fugir dous prezos, os quaes oficiaes foram o meo Ten.e Manoel Per.a, e o meo Alferes Braz Estives da S.a, e estes mesmos forão que derão a informação ao tal Ajud.e, fazendo a demarcação ser por hum Cargo por onde nunco foi, pois a demarcação, e marco desta Capitania he pelo Morro do Lopo, por cuja razão está o dito Descuberto em cauza parada, e eu zellozo, e fidedigno a Sua Mag.e dou a V. Mcê. este parte para ver a providencia que lhe dá, porque atendendo a consternação dos Povos de Minas pela sujeição, em que estam das cem arrobas, como tambem pelo gosto que sei V. Mcê. ha de ter de dar esta parte a S. Exa. para que tenha no tempo de seu feliz Governo este aumento, Desejo a V. Mcê. saude que Ds. Gde. m. an. Camandocaya a 22 de Junho de 1771 De V. Mce. mto. venerador e Criado. O Cap.m Com.de *Antonio Correya Gallaz.*»

No emtanto D. Luiz Antonio tinha mandado, a 17 de Junho, á Camara de Atibaia verificar se o districto pertancia ou não á Capitania de S. Paulo e esta Camara tinha respondido affirmativamente por um Auto lavrado, a 24 do mesmo mez no paragem chamada Campanha da Lagoa que era o proprio sitio de Simão de Toledo Piza. A este ultimo D. Luiz Antonio escreveu a 30 de Junho a seguinte carta, parecendo que tinha havido outras anteriores que não tem sido conservadas.

«Vejo o que V. M. me diz sobre a abertura do caminho que se deve fazer para o Ribeirão do descoberto a fim de se mandar sucavar e fazer as experiencias necessarias para a sua repartição.

«Por este principio sou a dizer a V. M. que logo e sem demora faça acabar a abertura do dito caminho e concluido que seja me remeta com toda a brevidade as amostras que extrahirem com a certeza da pinta que se tirar para com esta deligencia eu mandar os sucavadores a fazer o mais serviço que manda o Regimento e nisto não tenha V. M. o menor descuido ou demora que lhe possa servir de prejuizo pois sem eu ter a cabal certeza do que ha não posso mandar os sucavadores por não fazer gastos desnecessarios e logo que V. M. me fizer avizo certo como tenho referido os farei expedir com toda a brevidade.

«Tambem he precizo que V. M. mande dizer a extenção em que sa dilatão as terras mineraes do dito descoberto e os corregos que em sy contem.

«He tudo o que se me oferece dizer a V. M. que Deos guarde muitos annos. S. Paulo 30 de Júnho de 1771.—*D. Luiz Antonio de Souza.* Sr. Simão de Toledo Piza.»

A 1 de Agosto o Conde de Villadares communicou

a D. Luiz Antonio que tinha mandado uma guarda de dragoens ao districto em questão, e este parece ter chegado na occasião em Simão de Toledo Piza respondeu ao governador de S. Paulo nos seguintes termos.

«*Illmo, e Exmo. Snr.* Forão as letras de V. Exa. para a minha veneraçam hum mimo especial da ventura, e huma particular Lizonja para o meo gosto, pois o descostume desta honra que sempre apeteci, me duplica o afecto, e augmenta o meu gosto. Curtos seram meus rendimentos para a honra que recebo de V. Exa., e me permita todas as occasioens do seu serviço

Dentro da alma sinto nam dar execuçam ao que V. Exa. me ordena na sua, nam tanto pela notificação que me fez o Cabo, que fallou a V. Ex. da parte do Sr. Conde para eu daqui nam arredar com pena de ser prezo, como me ha de impedir huma Guarda de hua Esquadra de Soldados que ca estão nesta Campanha, que a vista desta julgue V. Exa. o que poderei obrar, que me considero apertado de duas partes, de V. Exa. porque o dezejo servir, e nam posso; do Sr. Conde, porque infallivel me castigará. Descursando V. Exa. o aperto em que me vejo, me não dará o nome de desobediente, e para tudo o mais terá V. Exa. sempre a sua obediencia que Ds. Gde. m. an Campanha hoje 16 do Corrente (Julho ?) de 1771. De V. Exa. O mais obediente S. e afeituoso Cr. *Simão de Toledo Piza.* D. Luiz Antonio de Souza.»

Como nenhum dos dois governadores quiz ceder nas suas pretenções forão estabelecidas guardas de lado a lado sendo provavel que o rio Camandocaia servisse de limite nominal entre as duas guardas. O districto continuava quasi em estado de guerra até 1774 quando o successor do Conde de Valladares mandou retirar a guarda mineira que foi porem reestabelecida no anno

seguinte. E' pois de presumir que o segundo marco de falla o requerimento fosse collocado durante o estado agudo desta contenda, isto é, entre 1771 e 1774.

Assim, pois, o documento aqui considerado não contou direito a parte da historia em que os seus signatarios não tomarão parte possoal e guardou silencio absoluto sobre a, muito mais importante para o caso, em que tinham sido actores. A sua importancia historica principal é em provar que já em 1778, Simão de Toledo Piza estava arrependido, e quiça envergonhado, do papel que tinha representado e, já tarde, procurava restaurar este districto á jurisdicção paulista. Como um bello exemplo da influencia dos interesses privados do momento de certos moradores da região litegiosa nas oscillações da linha divisoria nominal de duas grandes Capitanias, Provincias e Estados é bastante interessante e merece ser registrado nas paginas da Revista do Instituto Historico de São Paulo.

Orville A. Derby

Documentos relativos a Questão de Limites entre São Paulo e Mínas Geráes

Na Collecção de Documentos relativos á secular questão de limites entre os estados de São Paulo e Minas Geraes, publicada recentemente no volume XI do Archivo do Estado de São Paulo ha referencias a alguns de maior ou menor importancia, que não foram reproduzidos por não serem encontrados no respectivo Archivo, ou por nunca lá ter tido entrado (como os que pertencem exclusivamente ao Archivo Mineiro) ou por ter desaparecido pela acção do tempo ou por uma casualidade qualquer. Ultimamente alguns destes documentos que faltavam tem apparecido nas columnas do Correio Paulistano tendo sido remettidos em copias devidamente authenticadas da Bibliotheca Nacional de Lisboa por um correspondente cujo nome não appareceu no jornal mas que não é indiscrição declarar ser o Dr. José Custodio de Alves Lima. Um destes docu-

mentos, a representação de certos moradores do districto de São José de Toledo referida na carta de 28 de Abril de 1778 do Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha (Vol. XI do Archivo do Estado de São Paulo p. 354), já foi communicado ao Instituto comum longo commentario para ser estampado na sua Revista. Parecendo conveniente que os outros ainda ineditos, salvo nas columnas de um jornal diario, sejam conservados de modo a ser mais accessiveis aos estudiosos, os trago á attenção do Instituto para que figurem igualmente nas paginas da Revista que assim tomar-se-ha o comprimento do referido Volume XI do Archivo para os que desejam estudar a questão.

Os documentos transcriptos em seguida são cartas de diversos governadores de Minas das quaes duas dirigidas ao Secretario de Estado em Lisboa nunca foram communicadas ao governo de São Paulo e portanto nunca tiveram entrada no Archivo deste estado. A outra dirigida ao governador de São Paulo devia ter ficado archivada aqui porem nem esta nem outra do mesmo governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça foram encontradas parecendo que se tem extraviado o competente livro de registro. Para a questão de limites a importancia principal destas cartas consiste em demonstrar que os primeiros governadores de Mi as que tiveram em mão a celebre carta de 25 de Março de 1767 do Secretorio de Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado não a considerava como uma rosolução final e completa sobre a questão de limite que então se discutia com o governador de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza. Constituem portanto provas irrefutaveis, da certeza da proposição que baseada nas documentos imcompletos que tive a vista, aventurei na Introducção do referido Volume XI do Archivo, que

aimportancia suprema dada á dita carta de 25 de Março era uma interpretação forçada que levou bastante tempo para ser claramente formulada. Julguei na occasião que esta interpretação tinha sido dada em 1773 pelo governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça, mas agora é claro que nem este nem o seu successor, D. Antonio de Noronha davam tanto alcance a referida carta que só foi officialmente arvorada em solução da questão de limites trinta annos depois da sus expedição na carta de 29 de Dezembro de 1797 de Bernardo José de Lorena (Vol. XI do Archivo do Estado p. 418).

«Carta do Governador de Minas ao Secretario de Estado em Lisboa

« *Illmo, e exmo. senhor*: — Na carta que recebi de v. exa. do vinte e sinco de março do corrente anno, e em que me certifica ter sida entregue das que lhe dirigi nas datas de sinco do referido mez e desanove de julho de mil setecentos sesenta e sinco, que pôz na Presenç de S. Mag.e F. vejo conseguir a felicidade de approvar o Mesmo Senhor pela sua Inata Generosidade as providencias que dei em S. João, e S. Pedro de Jacuhi, Cabo Verde, Ouro Fino, Jagoari e Tajubas para evitar na parte possivel os extravios de ouro e diamantes, e igualmente as relativas ao descoberto de Juruóca, determinando-me o fassa continuar debaixo da observancia das ditas providencias, Assentos da Junta de vinte e seis de novembro de mil setecentos sesenta e quatro, Bando, Instrucções e ditas cartas que dei para os referidos descobertos e seus annexos, o que procurarei executar seguraudo a v. exa. o particular gosto, que me resulta de ter merecido nesta parte apro-

vações de S, Mag.e F., attribuindo-a não só por felecidade, mas em premio da sincera e eficaz vontade com que me não separo do verdadeiro dezejo de acertar em tudo, e por tudo com a recta Intencão do Mesmo Senhor e de viver unido ao que for do seu mayor agrado.

. . . . . .

«Deus guarde a V. Exa. ms. ans. Villa Rica, 3 de julho de 1767.—Illmo. e Exmo. sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.—*Luiz Diogo Lobo da Silva.*»

Carta do Governador de Minas ao Secretario de Estado em Lisboa

«*Illmo. e Exmo. Snr.*—O Governador que foi desta Capitania Luiz Diogo Lobo da Silva passou no anno de 1764 nos territorios de Jacuhy, Cabo Verde, Sapocahy, e outros, onde deu algumas providencias côncernentes á boa arrecadação da Real Fazenda, que foram approvadas pelo Avizo expedido pelo Illmo. Snr. Franisco Xavier de Mendonça Furtado, a 25 de Março de 1767, como consta da primeira copia junta. (1)

«Entrando ao depois disso o Conde de Váladares a Governar esta Capitania foi perturbado na posse daquelles territorios pelo Governador de S. Paulo D. Luiz Antonio de Souza; do que rezultou dar hum e outro contas a S. Magestade, que estão indicizas.

«O mesmo Governador de S. Paulo pertendeo que Antonio Carlos Furtado de Mendonça sucessor do Conde de Valadares neste Governo lhe entregace as terras assima declaradas, o que elle não fez, como consta da segunda copia junta. (2)

«Ultimamente o actual Governador de S. Paulo entrou na mesma pertenção por meio da carta que me di-

(1) Ve-se pg. 84, vol. XI do Archivo do Estado.
(2) Ve-se a carta em baixo.

rigio, e consta da terceira copia junta, (1) a qual eu respondi o que consta da quarta copia tambem junta. (2) Alem disto constou-me que os moradores dos territorios do Ouro fino, e Campanha de Toledo pertencentes a esta Capitania se achavão inquietos com as ordens que os Commandantes de S. Paulo pertendião executar naquelles destrictos; e ponderando eu as perigosas consequencias desto inovação, expedi uma guarda para paceficar, e conter os povos, ordenando ao Cabo della qne não fizece a menor resistencia aos ditos Commandantes no cazo de entrarem por força nas terras desta Capitania; o que partecipei ao Governador de S. Paulo, o dito Cabo, para maior commodidade da Guarda se aquartelou em hum citio pertencente a S. Paulo, e pouco distante dos Limites desta Capitania; e eu o mandei imeditatamente retroceder partecipando-o ao Governador de S. Paulo.

«V.ª Ex.ª se digne pôr esta materia na Real Prezença de Sua Magestade para que o dito Senhor mandando examinar os documentos juntos, e as contas que derão meus predecessores, haja de Determinar esta contenda que tem perturbado o socego dos Povos habitantes das terras Litigiozas; e cauzando algum prejuizo a Real Fazenda, maiormente ao depois que o Governador de S. Paulo fez tapar os caminhos que se dirigião para os registros desta Capitania, onde os Negociantes pagavão os direitos que são devidos.

«Ds. G.ᵉ a V. Ex.ª—Villa Rica 13 de Janeiro de 1776.— Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Sr. Martinho de Mello de Castro— *D. Antonio de Noronha.*»

---

(1) Pag. 336, vol. XI.
(2) Pag. 338, vol. XI.

Carta do Governador de Minas a D. Luiz Antonio de Souza, Governador de São Paulo.

«O sr. Condo de Valladares, que acabou de governar esta Capitania me entregou a carta de Officio de V. Exa. de 23 de Janeiro», em que V. Exa. punha na sua presença a decisão da junta que por ordem de sua Magestade, que Ds. Gde. mandou fazer o Sr. Conde da Cunha, Vice-Rey do Estado, a effeito de regular os Limites destas duas Capitanias, e que do termo daquella Junta ficou assentado que o rio Sapocahy service de deviza, mandando Sua Magistade que estejamos pela decizão da Junta em q.to não mandar o contrario, o que V. Exa. fas certo pela Copia de Officio de 4 de Fev.ro de 1765 do Illmo. Exmo. Snr. Francisco Xavier de Mendonça, Secretario de Estado (2), e que o Exmo. Snr. Marquez Vice-Rey do Estado lhe insignua na sua Carta de 29 Outubro de 1772, fazer este mesmo avizo ao Snr. Conde Valladares, e que V. Exa. lhe parecia ficava seçando toda a duvida, visto Sua Magestade ordenar que estejamos pela decizão daquella Junta, em quanto Sua Magestade não mandar ao contrario, querendo V. Exa. que se pacem as ordens necessarias para se retirarem p.a que sem controversia V. Ex. tomar conta das ditas terras, entendendo V. Ex. ser mais conveniente aos intereces de Sua Mag.de, sobre os quaes não deve dilatar o consideravel prejuizo, que se está cauzando a Real Fazenda ha tantos tempos em se confundir por este motivo o Quinto que lhe toca do ouro que se tira nas terras, q' V' Ex. entende que ficão pertencendo a essa Cap.nia.

(1) Pag. 306, vol. XI.
(2) Pag. 211, Vol. XI.

cujo Quínto se deve pagar separado da Cotta das cem arrobas, que os Povos desta Cap.nia de Minas Geraes são obrigados apagarem diferente, e por outros principios; Devo primeiramente dizer a V. Ex, que eu sou bem inimigo de semelhantes questoens; pois semelhantes decizoens nunca deve haver entre nós que temos a honra de sermos Vassalos do mesmo Rey que Ds. Gde. Devesse supor que o Exmo. Snr. Conde da Cunha Vice Rey, a quem foi encarregada esta deligencia lhe não devia esquecer fazer avizo a V. Ex. e ao Governador q' então era desta Cap.nia como determina a carta do Snr. Francisco Xavier de Mendonça de 4 de Fevero de 1765 para se estar pelo que se assentou na refferida Junta, e sim se deve entender que o Snr. Vice-Rey supos embaraço nesta decizão, e que deu conta a Sua Mag.de que Ds. G.de,; pois se não houvece embaraço devemos entender, que já nestas duas Cap.nias, estaria a confirmação do Assento que se fez na junta. O sr. Luiz Diogo Lobo da S.a foi aos novos descobertos de S. João de Jacuhy, S. Pedro de Alcantara, e Almas, as paragens do Rio Grande aonde faz barra o de Sapocahy, e dahi a Cabo Verde, ao Ourofino, a camandocaya nas vezinhanças do Rio Jaguary, Registo do Mandu, Sapocahy, Campanha do Rio Verde, Baipindi, Pouzo Alto, Registo de Capivary, Serra da Mantiqueira, Arrayal do Itajubá, Juruoca, Cabeceiras do Rio Grande, e Ibitipoca, Ponte chamada da Caxoeira, e recolhendo-se a V.a de S. João d'El-Rey fes em 26 de Novembro de 1764, o Termo que por copia remeto a V. Exa. dando as providencias precizas sobre os refferidos continentes, e deu conta a Sua Mag.de do refferido, e o mesmo Senhor foi servido aprovar as refferidas providencias. ordenando q' faça executar tudo na conformidade das referidas Cartas, Assentos, Bandos e Instruçoen, por Carta do

Snr. Secretario de Estado Francisco Xavier de Mendonça de 25 de Março de 1767, q' por copia tãobem remetó a V. Ex.ª, sendo certo, que se Sua Mag.de tiveçe aprovado o Termo que o Snr. Conde da Cunha fes, não devia vir esta approvação, e ordens ao Sr. Luiz Diogo Lobo:

«Eu creio q' V. Exa. ficará persuadido dos justos motivos, que eu tenho p.ª não passar as Ordens que V. Exa. quer, perecendo-me q' desemos contra a sua Mag.de p,ª rezolver o que for servido. Ds. Ge. a V. Exa. Villa Rica a 18 de Junho de 1773. -*Antonio Carlos Furtado de Mendonça*».

A nota introductoria do artigo da pagina 277, deve ser assignada pelo

Dr. Orville A. Dervy

ASSUMPTOS

I Estudo da Tribu selvagem do Pury — em Campos
II Descripção do Baptismo de um indigena
III Petição de Beatificação do Veneravel Anchieta

Apresentados na sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em 5 de Outubro de 1898 pelo socio do mesmo Instituto Monsenhor Camillo Passalacqua.

Exmo. Snr. Presidente e mais membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

Cumpre-me, antes de tudo, agradecer ao Instituto a honra de acceitar-me em seu gremio, onde tenho o prazer de vêr homens aureolados do nosso meio litterario e scientifico. Confesso que tive sempre grande enthusiasmo por emprezas sociaes do genero desta nossa; e devo uma explicação ao Instituto, particularmente aos illustres cavalheiros seus fundadores. Quando se tratou de crear, nesta capital, o Instituto Historico e Geogrophico, os promotores de tão alevantado commettimento tiveram a gentileza de lembrar-se do meu humilde nome, e convidaram me para-delle fazer parte. Coincidio, porem, esse honroso convite, que muito desvaneceo-me, com um periodo de vida sobre-

modo atarefada da minha existencia, pelo que não me foi dado (com pezar o digo) corresponder á delicadeza tamanha. E eis a razão unica, pela qual não fui socio fundador do Instituto. Mais tarde, porém, tive communicação do meu illustre amigo e dedicado secretario do Instituto, Dr. Carlos Reis, de que os dignos membros desta casa haviam approvado unanimamente a minha entrada como socio effectivo. Nessa qualidade, compareci na sessão magna do Instituto, em que se commemorou galhardamente a data gloriosa da *Descoberta da India*, e tomei posse da minha cadeira como vosso companheiro, ainda que o mais humilde e obscuro. Si não tenho sido dos mais assiduos ás proveitosas sessões do Instituto, nem por isso vivo esquecido dos deveres que nos impõs o artigo 10 dos nossos Estatutos. Assim é que hoje venho offerecer á vossa illustrada consideração tres documentos, que me parecem de alguma importancia para o Instituto, sendo os dois primeiros transladados para aqui de um antigo periodico, que, com o nome de *Religião*, se publicou no Rio de Janeiro em 1849, collecção rarissima, da qual fez-me presente um meu distincto amigo. O ultimo, emquanto dos nossos dias,, entendo, salvo melhor juizo da respectiva commissão, que bem pode figurar no nosso archivo na parte relativa á Historia do Brasil.

O primeiro é um breve estudo da *Tribu selvagem do Pury* em Campos; o segundo uma bellissima descripção do *Baptismo de um indigena da Aldéa de S. Pedro de Alcantara das Ferradas*; o terceiro é a *Petição que todo o Episcopado Brasileiro enviou ao summo Pontifice Leão XIII, em 8 de Maio de 1897, em favor do processo de Beatificação do eminente vulto da nossa historia, o Veneravel Padre José de Anchieta.*

Si o Instituto entender em sua alta epreciação que esses documentos merecem a honra de ser lidos e mais, de ser publicados em sua interessante *Revista*, penso que prestará mais um serviço á Historia Patria, cujo o desenvolvimento tem tanto a peito. Com isso, o humilde apresentante julga ter cumprido um dos seus deveres sociaes, e si m'o permittem, passo á leitura dos referidos documentos, respeitando nos dois primeiros, a orthographia que encontrei.

I

A Tribu selvágem do Pury em Campos

« A grande obra da catechese e da civilisação dos indigenas, no Brasil, soffreu um golpe mortal com a extincção dos jesuitas. A nos regularmos pelas numerosas e povoadas aldêas que esses homens apostolicos tinham estabelecido entre os indigenas, acostumando as tribus errantes, muitas d'ellas antropophagas, a viverem commoda e modestamente em suas casas, a vestirem-se e a terem os costumes dos povos civilisados; a julgarmos por esses primeiros resultados; em que estado de prosperidade e de vantagem para o paiz, não estaria hoje essa grande porção dos habitantes do Brasil? Porém, faltou a mão do operario e a obra definhou pouco a pouco e morreo... Para fazer uma idéa do seu estado actual, não é preciso ir muito longe da côrte. D'aqui bem perto estão os sertões de Campos: nesta provincia do Rio de Janeiro, povoados por essa parte da familia humana que vive vida selvagem e erradia: a 16 legoas da cidade ahi está a tribu dos Purys, que se calcula em 400 familias, habitando as margens do rio Itabapoana, desde o Ribeirão de Santo

Eduardo para cima: vivem no primitivo estado de homem selvagem, não trazem cobertura alguma sobre o corpo; não tem uma choupana; seguem o principio da polygamia; não são antropophagos, antes são pacificos e medrosos; não cultivam a terra; vivem de pesca e caça; sahem fora das mattas para breganharem com os brancos aguardente e fumo pelas producções do matto; tem muita desconfiança dos brancos, porque receiam que lhes tomem os filhos pequenos.

Antigamente as margens do rio Muriahé, em Campos, eram igulmente habitadas de indigenas; estes foram-se retirando á proporção que os fazendeiros hiam avançando; hoje em dia toda essa povoacão indigena do rio Muriahé, que era immensa, desappareceo como por encanto, na frente da civilisação; e é o mesmo que vae acontecendo á do Pury do rio Itabapoana. A experiencia tem demonstrado que não é possivel tratar a civilisação desta gente procurando-os attrahir para a povoação civilisada, ou para as fazendas: a desigualdade chocante que existe entre os dois povos, afasta os primeiros e os afugenta. No meio do povo civilisado vivem incommodados, contrafeitos e taistes, e acabam por voltar para os seus matos. O unico é o que empregavam os jesuitas; e nada se pode esperar fòra delle e vem a ser, não tentar trazer os indigenas, ao centro da civilização; porem levou a civilizaçâo ao centro dos indigenas e o unico meio de leval-a é pela Religião. Dous ou tres homens apostolicos, que principiam por vizital-os, e que depois conseguem levantar uma capella no meio das suas matas; que com as solemnidades e festas magnificas da Religião, com os seus hymnos tocantes e córos sagrados os impressionam, e os attrahem; algumas choupanas que se vão erguendo em roda desta

capella, vão habituando pouco a pouco a estas familias erradias a apreciar o tecto domestico, que as abriga da chuva, do sol e do vento: os socorros da charidade christã, que recebem no leito da doença, do seu Padre, que é o seu pai, tudo isto vae pouco a pouco fazendo flexiveis estas almas broncas. A estes confortaveis da vida reune-se o sentimento de uma outra ordem de idéas novas para elles, e por sua natureza arrebatadoras, os principios da fé e da moral christã, que começam a conhecer, mais pratica que theoricamente; eis os meios unicos de civilisar as tribus selvagens. Para isto é preciso que haja um centro de força que obre e ponha em acção estes recursos: esse centro era a congregação de Santo Ignacio, no Brazil;—desappareceo: o governo tem missionarios apostolicos que movidos por espirito verdadeiramente Evangelico, se pozeram á sua disposição: que lhes dê todos meios para ganharem e attrahirem as tribus selvageus, enviando-os, e fazendo-lhe remessas continuas e abundantes de roupas para os indigenas, de ferragens, instrumentos agricolas, botica, paramentos sagrados, e dinheiro, para que munidos de todos estes recursos possam á custa de beneficios desinteressados de charidade christã dar uma idéa, e por fim convencer a esses homens da natureza das vantagens da vida civilizada, para que elles a invejem e a recebam. E quando este primeiro ensaio tenha dado bom resultado, é ainda precizo que o governo proteja essa povoação contra os ataques de homens máos, aventureiros, e perturbadores, que as povoações civilisadas costumam vomitar do seu centro e que vão corromper com seu egoismo e matar com seus vicios uma obra nova de sociedade christã, que começa a florescer: foi sempre este um segundo principio meio vital que os jesuitas empregaram para a

prosperidade e conservação de sua obra, formando um cordão sanitario que não deixava passar para dentro senão o que era bom e conveniente. Sem este governo patriarchal da Religião não é possivel tentar, nem consolidar a felicidade de uma povoação nova de indigenas.

Não nos esqueça aqui dizer, que o Sr. Candido Baptista de Oliveira, durante o seu ultimo ministerio, nomeou uma commissão para explorar o rio Itabapoana, de que era chefe o engenheiro cidadão brasileiro Francisco das Chagas Oliveira França, fazendeiro das margens do mesmo rio, o qual desempenhou a sua missão, remettendo a S. Ex. um relatorio que deve estar na secretaria da Marinha, o qual não vimos, mas que, segundo nos informam, contém todas as noticias e informações precisas a respeito das povoações indigenas do Pury nas margens do Itabapoana. A sahida, do ministerio, do Exmo. Snr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira. frustrou, talvez uteis projectos que S. Ex. concebêra a esse respeito.

Tambem me consta que um fazendeiro de Campos, de muita caridade, possuindo terras despovoadas nas raias das matas onde erram os Purys, no lugar denominado—Pedra Formosa—no corrego de Medina, tem obtido aldêar umas 30 familias, que começam a mostrar inclinação para mudarem de genero de vida; porém, ainda não tem um Padre, nem meio algum efficaz que dê esperanças de que esta obra possa ir adiante.

Oh! si o governo a protegesse efficazmente!...

Tambem nos consta que ha a 6 mezes ás margens do Ribeirão da Boa Vista, confluente do Itabapoana, uma povoação inteira de indigenas, cujo numero ainda se não póde avaliar, que vinham fugidos dos sertões do Piuma e do Rio Novo, por terem lá descoberto o rasto

do Boticudo, que elles muito temem. Esta raça é pacifica como o do Pury.

Que vasta seará! Religião, politica, civilisação, humanidade, tudo clama a favor destes filhos de Adão!...»

Eis, snrs. Membros do Instituto, a reproducção do interessante documento publicado em 1848 no n. 11 do periodico, a que acima me referi, que via a luz na capital do antigo Imperio. Permetti, srs., que diga hoje, 50 annos depois, que essas considerações tem ainda nos nossos dias a mais palpitante actualidade. Ninguem mais do que vós sabe, termos, ainda em nossos dias, innumeras familias de indigenas, que civilisados efficazmente poderiam prestar valiosissimos serviços principalmente á agricultura nacional. Para não fallar-vos do Estado de Goyaz, em cujo vasto territorio vivem de todo abandonados innumeros Indios, que chamados methodicamente pelos processos de bem planejada catechese, não por certo feita pelas violencias e pelas armas, que os afugenta sempre mais indignados; mas feita e modelada pelos processos que acabamos de ler no documento que ouvistes, viriam, sem comtudo abandonar as regiões que habitam, collaborar na fecundação das terras brasileiras, cujos segredos elles mais do que ninguem conhecem, e conhecidos fal-os-iam a quem os podesse melhor utilizar com todos os apparelhos inventados pela sciencia e applicados á Agricultura.

Não ha muito tempo palestrava em conversa intima o humilde escriptor destas linhas com o apostolico Bispo de Goyaz. De S. Ex. soube que naquella diocese existe um sem numero de indigenas, que, conservando ainda recordações de começadas catecheses, infelizmente não levadas a cabo por falta de recursos mate-

riaes, verificou S. Ex. pessoalmente nelles qualidades admiraveis, entre as quaes tal ou qual pureza de costumes que opprenderam dos seus antigos missionarios.

Em aquellas matas, não ha recanto que elles n`o conheçam, assim como a apropriação das terras a determinado plantio, as boas fontes de potavel agua, certo numero de plantas medicinaes, o curso dos rios, as condições de clima e muitas outras riquezas da flora e fauna; o que tudo com o correr dos tempos e de pacientes sacrificios viria a ser aproveitado em favor do bem geral do paiz.

Não sei, srs. membros do Instituto, si é ousadia da minha parte abordar uma consideração que é:

Fazerem os Poderes Publicos um sacrificio no sentido de organizar-se para os nossos Indios uma obra de catechese dentro dos moldes de ha tanto tempo almejados.

E, Snrs. nem colha o pensamento de que nos tempos passados os Governos podiam, em virtude da união da Igreja com o Estado, lançar mão de missionarios catholicos, o que hoje não poderá fazer em face das leis vigentes.

Não se trata, para o Estado, de uma protecção religiosa; mas de uma exigencia imposta pela propria civilisação, augmentada pelos laços que prendem os povos de uma mesma communhão de importantissimos e vitaes interesses nacionaes; pois é um facto que os nossos indigenas pertencem á Nação Brasileira e só *per accidens* estão afastados da sua vida civil.

Lembra-me, Snrs... que apezar de todos os prejuizos vigentes na nação norte-americana, não se acha alli descuidada a civilisação dos seus indios. E me recordo ainda que ha uns 10 annos mais ou menos, sendo ministro, encarregado das colonias francezas, o Snr. Constans, homem desaffecto ao Catholicismo, não

vacillou todavia de confiar a civilisação dos habitantes da Ilha de Madagoscar aos filhos de Ignacio de Loyola. E o proprio governo Inglez, que é officialmente heterodoxo, por vezes tem condecorado e elogiado os triumphos obtidos pelos missionarios catholicas em suas colonias.

Não tenho, mesmo porque me fallece o precizo prestigio perante os Poderes Publicos do nosso Estado, nao tenho, digo, a pretensão de fazer valer e tornar effectivo o plano que ora lembro, principalmente em favor da civilisação dos Indios que povoam terras do Estado de S. Paulo. Cumpro, porém, um dever de humanidade, deixando aqui, nesta sessão do seu benemerito Instituto Historico Geographico essas linhas.

II

O Baptismo de um indigena

(*Facto acontecido n'aldéa de S. Pedro d'Alcantara das Ferradas*)

—Narração 1848—

«Morei algum tempo no hospicio dos capuchinhos desta cidade (Rio de Janeiro), e alli nas minhas horas de recreio muitas vezes me entretinha com o Rev. Padre Ludovico de Liorne, esse homem que depois de 32 annos passados com as hordas indigenas, dos Cumacans e Boticudos, 32 annos de zelo a prol d'aquelles infelizes, achava-se então no hospicio: ou fosse por sympathia ou fosse a admiracão que consagrava ás suas virtudes o certo é que encontrava em um fundo de edificação em sua conversação que não a trocaria pelo mais celebrado divertimento: — um resumo completo de todas as virtudes era o que tran-

sudava da conversa do veneravel ancião. Um dia travamos conversa sobre os indigenas com quem havia elle vivido no meio das florestas. O digno velho fallava com animação e seus olhos brilhavam como se fallasse dos filhos. Foi nesta occasião que me relatou elle o seguinte facto extraordinario que entrego aos leitores para formarem o juizo que lhes approuver.

Era nos primeiros tempos da minha chegada aos Ilhéos, me disse o venerando sacerdote, e eu principiava apenas a acostumar-me no meio dos Cumacans, tribu com quem me havia mais relacionado. Achava-me feliz! aquella gente simples me amava, eu os attrahia para o rebanho que pretendia ali formar e folgava de os encontrar doceis aos meus avisos. Chamavam-me seu pai, e esse nome sagrado, além dos dictames da Religião, me instigava a mais amal-os como um pai ama seus filhos.

Um dia oito ou nove Cumacans me vieram pedir licença para se embrenharem em busca de mel e caça. Com quanto eu temesse que elles por lá se ficassem entre os seus, que tambem por lá andavam, não podia comtudo negar-lhes o que me pediam. Oh! mal sabia eu, que hiam aquellas ovelhas em busca de outra que andava perdida no meio do silvado da montanha só a espera de uma mão amiga que a conduzisse ao aprisco! Mas elles partiram, e por lá andavam a mais de quinze dias, sem que delles houvesse noticias. Uma bella manhã (pois se ha coisa digna de vêr-se e magestoso é o acordar do dia no meio de uma floresta virgem e secular), ao sahir da choupana que para mim havia formado, encontrei-me cara a cara com um mancebo Cumacan, robusto e bello como devem elles ser. Seus cabellos grossos e lustrosos lhe pendiam pelas costas, uso da sua tribu; sobraçava flecha

e arco, tendo no rosto o riso; mas não um destes risos communs, e sem expressão, alguma cousa mais havia no riso do indigena. Ao ver-me, correo para mim e em sua lingua assim me fallou: Orogdon é verdda-o que me disseram que ninguem pode ser amigo de Deus sem molhar a cabeça?

Uma tal pergunta me confundio. Inda nenhum Cumacan tinha encontrado que me fizesse esta pergunta. Entre admirado e confuso eu lhe respondi: — Sim, meu filho, para que Deus seja nosso amigo é necessario agua na cabeça. Oh, retrucou o Cumacan espantado, tinhão razão os meus amigos que foram lá dentro e que isto me çontaram. Orogdon eu quero ser amigo de Deus, quero agua na cabeça.

A maneira porque se expressara o indigena era fóra de todo o natural. Eu levantei os olhos ao Céo e bemdice aquelle Supremo dominador, que assim tocava o coração!—Desde este momento considerei-o meu filho predilecto e o trouxe para minha casa. Suas instancias para receber o sagrado baptismo, todos os dias eram maiores, e muitas vezes bem me custava o não acceder a ellas; mas eu não o podia fazer sem que primeiro instruisse aquelle escolhido do Senhor nos rudimentos da doutrina christã. Tambem temia que me não fugisse ao depois como muitos o haviam feito, que se os tivera eu baptisado, christãos, se iriam de novo á sua vida selvagem e aos seus silvestres costumes.

Assim caminhavam as cousas, quando a saude do selvagem se começou a alterar. Não era cousa de cuidado e eu nem de leve suspeitava a sua morte.

Comprazia-me de vêr as suas reiteradas supplicas de baptismo e as exclamações de dôr e sentimento que fazia á vista de uma imagem do Senhor Crucificado, que lhe havia eu dado.

Uma manhã ao preparar-me para celebrar o Sancto sacrificio da missa, me vieram dizer que o mancebo me chamava. Corri a elle: ao vêr-me, segurando-me no habito prorompeo em novos rogos, em fortes instancias do baptismo, porque, me dizia o coitado, queria ser filho e amigo de Deus. Não pude mais vencer-me: lembrava-me das doutrinas de S. Paulo e jnlguei, que os caminhos porque Deos conduzio aquelle selvagem ao gremio da sua Igreja eram extraordinarios. Depois de fazer-lhe algumas exhortações sobre o Sacramento que ia receber, eu lhe administrei o baptismo. Oh como o recebeo elle! de joelhos abraçado com a imagem do Salvador e com os maiores signaes de consolação! Beija-me as mãos dizendo-me, cheio de contentamento:—Agora sim, Orogdon, agora sim, já sou filho de Deus, já sou amigo de Deus.

Queria mesmo acompanhar-me ao Sancto sacrificio da Missa, mas como havia estado indisposto, deixei-o em companhia de outros, já mais civilisados, ainda que menos doceis. Eu lhe havia posto o nome de Manoel. Achava-me tão feliz por aquella acquisição para o seio da Igreja que corri aos altares a render graças a Deus de me haver levado ao meio daquella gente tão boa, tão simples e a quem amava de coração.

Tinha a Missa chegado ao lugar da elevação e o Senhor se achava em minhas mãos sob a fórma de pão. Os meus selvagens ali estavam de joelhos. . quando ouvi um rumor surdo entre elles, de palavras e de movimentos. Acostumado como estava, com elles, jnlguei que talvez fosse algum viajante que por ali passsase, ou outra qualquer cousa. Continuei a Missa, e ao finalizal-a. fui a despir-me das sagradas vestes, quando um selvagem acompanhado de outros, chegando-se a mim, disse:—Orogdon, Manoel morreo.

—Morreo!? exclamei eu, confundido pelos altos juizos de Deus; como morreo?—No momento em que se levantava o calix, Manoel morreo. Foi tudo o que me disse o selvagem. Corri ao logar onde o havia deixado, e qual o espectaculo que presenciaram meus olhos? O mancebo Cumacan estava reclinado sobre o leito que lhe havia eu dado. Seu semblante placido e socegado parecia antes adormecido naturalmente do que sob o dominio da morte. Os braços cruzados sobre o peito apertavam a Imagem do Salvador.

Confesso, meu filho (assim me chamava o veneravel ancião) que foram tantas as considerações, que me assaltaram neste momento, que achei-me confundido sem saber o que pensasse! Aquelle selvagem havia por certo gozar da bemaventurança eterna e mais de uma vez lhe tenho pedido interceda por mim».

———

Desculpae-me, Snr. Presidente e mais membros do Instituto, por vos haver tomado por mais alguns momentos a vossa attenção com a narração desse facto, que, em todo o caso lembra uma das multiplas e edificantes scenas que por vezes inspiraram os nossos escriptores, e tanto enthusiasmo despertaram na alma dos nossos poetas, cujos escriptos e immortaes versos ainda hoje nos encantam, nos arrebatam e constituem eloquentes e imperecedouros trophéos da litteratura nacional.

III

Petição do Episcopado Brasileiro para a Beatificação do Veneravel Padre José Anchieta, Apostolo do Brasil—1897

Snrs. Membros doInstituto:

Offertando-vos o importante documento, isto é uma copia delle, em o qual o Episcopado Brasileiro pedio ao Santo Padre Leão XIII a Beatificação do grande Apostolo do Brasil, faço justiça aos illustres membros de tão illustre quão illustrada corporação, pensando que lhe seja em todo o tempo grata a conservação em seu archivo dessa peça firmada por todos os Prelados da Igreja Brasileira, logo depois das festas tri-centenarias que, com tanto brilho, vimos celebradas não só na capital do nosso Estado, como em todo o Brasil.

São mui recentes as impressões produzidas em todos nós por aquellas significativas festas, para que se faça agora precizo rememoral-as. O meu fim é apenas guardar no nosso archivo, si assim o entenderem os membros do Instituto, esse documento, para em todo, o tempo constar.

Assim, pois, limito-me apenas a registrar uma copia do referido documento, assignado, como já disse, por todos os dignos Representantes das Dioceses do Brasil.

Segue o documento:

*
* *

« O officio pastoral, do qual foi Deus servido encarregar-nos, continuamente nos impelle e nos obriga a trabalhar com todo o esforço para confirmar e promover no amor e na pratica da religião a parte do devino rebanho que nos foi confiada. A experiencia nos

mostra, que um meio muito poderoso para alcançar este fim, é o exemplo e a intercessão dos Santos, principalmente para aquelles povos, no meio dos quaes elles floresceram pela sua santidade e pelos seus beneficios.

Entre os varões que a divina bondade se dignou enviar do céu para plantar, cultivar e propagar a Religião entre os povos do Brasil, prima sem duvida o Veneravel Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, que resplandeceu pelo ardor da caridade para com Deus, pela pureza angelica da alma e pela pratica heroica de todas as virtudes.

Tão conveniente foi o seu zelo pela salvação das almas, quer chamando á fé os selvagens, quer mantendo ou promovendo a piedade entre os christãos, que mereceu ser comparado ao grande Xavier. Emfim, taes e tantos foram os prestigios que Deus operou pela sua intercessão, quer durante a sua vida mortal, quer dopois da morte, que por concurso unanime foi denominado novo Adão e thaumaturgo do Brazil

A memoria das suas virtudes e preclaras acções conservou-se sempre viva nas historias destas regiões e na tradicção dos povos, de tal maneira, qne nem o longo percurso de tres seculos, nem a serie tão variada dos acontecimentos a poude apagar ou offuscar. E agora, approximando-se o terceiro seculo depois da sua morte, se instituiram reuniões periodicas, nas quaes oradores distinctos de todos os classes da sociedade, chamados de varias partes do paiz, celebram com applauso unanime os louvores e os meritos do veneravel varão, e solemnes festejos se preparam para solemnisar o dia do seu terceiro centenario, 9 de Junho de 1897.

Todas estas cousas, Santissimo Padre, avivaram em

IMPRENSA PAULISTA

DATA 7 de fevereiro de 1827 a fundação da imprensa em S. Paulo, a exforços de José da Costa Carvalho, marquez de Monte-Alegre.

O *Pharol* (1) *Paulistano* foi a primeira publicação periodica da então provincia. A principio era semanal depois, porém, continuou a sair duas vezes por semana, custando cada numero 80 réis. Continha quatro paginas de texto impresso a duas columnas e trazia a divisa: *La liberté est une enclûme que usera touts les marteaux*. Durou seis annos, e em sua officina typographica foram impressos o *Justiceiro, o Novo Pharol Paulistano* e o *Observador Constitucional*. « A feição do periodico, — diz um critico — é politica; seus artigos são em geral, consagrados á defesa dos principios constitucionaes e escriptos em linguagem moderada. Costa Carvalho foi o redactor principal, tendo por companheiro de redacção a Antonio Mariano de Azevedo Marques.

Nascido na Bahia, filho de José da Costa Carvalho e

---

(1) O marquez de Monte-Alegre escrevia *Fharol* com f, e não com ph.

de Ignez Maria da Piedade Costa, aquelle illustre estadista veiu para S. Paulo, em 1821, como juiz de fóra. Desempenhou o mandato de deputado e exerceu muitos cargos, inclusive o de regente do Imperio. Foi casado duas vezes: a primeira com d. Genebra de Barros Leite e a segunda com d. Maria Izabel de Sousa Alvim, e falleceu em S. Paulo no mez de setembro de 1860.

Azevedo Marques, paulista, nascido a 17 de junho de 1797, filho do dr. Manuel Eufrasio de Azevedo Marques e de d. Anna Gertrudes de Jesus, collaborou em diversos jornaes e era advogado notavel. Morreu em 1844, no Rio de Janeiro.

Outro redactor do *Pharol* foi Antonio Manuel de Campos Mello, distincto paulista, fallecido em 1878. Conta-se que Costa Carvalho, quando occupado, no Rio, com os trabalhos legislativos, escrevia a Campos Mello cartas que continham sempre estas mesmas palavras:

« Sr. Mellinho, não se descuide de deitar azeite no nosso *Farol*. »

Tambem escreveu nessa gazeta o eminente escriptor maranhense, eximio traductor de Virgilio,—Manoel Odorico Mendes; e, a proposito, diz João Francisco Lisboa:

« Da *Astréia* foi (Odorico) fundador com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho e outros. Costa Carvalho, que falleceu marquez de Monte-Alegre, então simples deputado e chefe proeminente da opposição, depois membro da regencia e presidente do conselho em diversos ministerios, havia introduzido a primeira typographia em S. Paulo, onde era um dos mais opulentos proprietarios, e onde fundou o *Pharol Paulistano*. Odorico, que no fim de uma das sessões e a convite delle o acompanhára áquella provincia, não só escreveu para o jornal

opposicionista grande quantidade de artigos, sinão que, á mingua de operarios, ajudava a composição como typographo. E' de todos sabida a decidida influencia que estes dois jornaes exerceram na Côrte e nas provincias do sul.»

. . .

O segundo jornal paulista foi o *Observador Constitucional*, que appareceu em 1829 e durou até 1832, fundado e redigido pelo dr. João Baptista Libero Badaró. Este medico italiano veiu para S. Paulo em 1828, em companhia de Costa Carvalho, e morreu assassinado a 20 de Nevembro de 1830, junto á sua casa da rua de S. José, na capital. Nascêra em 1798, em Laigueglia, foi um liberal ardente. Seu periodico gozou de justa nomeada e é considerado hoje um ponto da historia patria.

De 1827 em diante S. Paulo teve sempre a sua imprensa em actividade. Na capital, após a creação do curso juridico, os jornaes multiplicaram-se, e houve época em que sociedades, como a *Philomatica* o *Ensaio Philosophico Paulistano*, o *Club Scientifico* o *Instituto Scientifico* e outras, publicaram suas revistas, onde se guardam trabalhos preciosos de notabilidades brasileiras, taes como Silveira da Motta, Affonso Celso, Rangel Pestana, Bernardino Ribeiro, Lafayette Pereira, Americo Lobo, Macedo Soares.

Foram propulsores importantes desse movimento, além de muitos, cujos nomes ignoramos, os srs. Costa Silveira, Sobral, José Maria Lisboa, Joaquim Roberto e Cabral. Com relação a alguns destes, diz-nos em carta o illustrado sr. dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro:

«Sobre Manuel Francisco da Costa Silveira posso dizer álguma cousa, porque o conheci muito de perto Era paulista: muito instruido em linguas extrangeiras. especialmente na ingleza, que escrevia e falava perfeitamente; apezar de ter genio muito concentrado, pouco communicativo, gozava de particular estima e amizade de homens notaveis do seu tempo, como Costa Carvalho (marquez de Monte-Alegre), senador Candido Baptista, Pires da Motta, e outros. Dirigiu por muito tempo uma typographia, que funcionava na rua de S. Gonçalo, e onde foram publicadas, além de um periodico politico, diversas obras litterarias, entre as quaes o *Ensaio de um quadro estatistico da provincia de S. Paulo* (1838), attribuido ao general Daniel Pedro Müller (1). Mais tarde deixou a typographia para substituir o conego Ildefonso Xavier Silveira no logar] de official-maior da Faculdade de Direito de S. Paulo, cargo que serviu por muitos annos e com muita distincção, porque além de ter uma letra lindissima. tinha espirito de ordem, methodo de trabalho, e assim poude organizar o serviço da secretaria da Faculdade com intellgencia e zelo inexcedivel. Sou um pouco suspeito para falar neste homem, porque fni muito seu amigo e seu discipulo em estudos preparatorios,

Succedeu-lhe na typographia J. F. Sobral, ao prin-

---

(1) *Ensaio d'um quadro estatistico da provincia de S. Paulo.* Ordenado pelas leis provinciaes de 11 de Abril de 1836, e 10 de março de 1837. S. Paulo, na typ. de Costa Silveira, 1838. in-4.º. de 4 ff. — IV 86 pp. com 22 tabellas. Vide *Analyse* por Terneaux-Compans, nos *Nouveaux annales des voyages,* 4me série, 1843. I

cipio estabelecido na rua de S. Gonçalo, perto do Largo da Sé, e depois director da typographia do governo, em palacio. (1) Ha tambem diversas publicações avulsas deste editor, muito trabalhador, mas sem as habilitações litterarias de Costa Silveira. Cabral, só o conheci de vista; pouco tempo trabalhou em S. Paulo, retirando-se para o Rio, onde tinha a direcção de uma folha politica. Espirito Santo Cabral, parece-me que era o seu nome; não tenho obra que fôsse por elle publicada, mas diversas de Costa Silveira e Cabral.»

---

(1) Parece-nos de interesse historico, a reproducção do seguinte documento sob a criação de uma typographia official em S. Paulo. E' uma proposta do Conselho Geral que funccionou a 1828 a 1835. Foi publicado no *Diario Popular* de 9 do Maio de 1894 sob o titulo de *Papeis Velhos* pelo dr. Estevam Leão Bourroul:

PROPOSTA PARA A CREAÇÃO DE UMA TYPOGRAPHIA NACIONAL NESTA PROVINCIA

A publicidade em todos os seus actos é da essencia do Governo Representativo. Este principio, não se pode pôr em duvida por muito sabido faz ociosa qualquer demonstração da utilidade da Proposta, que o Conselho Geral tem a honra de levar á Auguste Presença de Vossa Magestade Imperial, cuja Sancção supplice e espera-

Artigo I

Haverá na Capital da Provincia de S. Paulo huma Typographia Nacional, que sirva para a regular publicação dos actos da Administração, trabalhos do Conselho Geral e Camaras Municipaes.

Artigo II

O Governo da Provincia fica authorisado a dispender a somma precisa para a compra e mais despezas necessarias da mencionada Typographia.

Paço do Conselho Geral de S. Paulo, 8 de Fevereiro de 1830 *Manoel Joaquim de Ornellas.—Diogo Antonio Feijó.*

De Lisboa, diz elle proprio numa publicação no *Diario Popular:*

«A 10 de junho de 1856, ao meio-dia, fiz a minha entrada em S. Paulo, contando então 18 annos e cêrca de trez mezes.

A 17 do mesmo mez fui admittido nas officinas do *Correio Paulistano* e ahi me conservei até fins de maio de 1859.

Por motivo de molestia fui para o Rio de Janeiro e, para não perder tempo, entrei nas officinas Laemmert onde estive até 31 de dezembro do mesmo anno.

A 6 de janeiro de 1860 regressei a S. Paulo, entrando de novo no *Correio Paulistano*, que nessa época mudára-se da rua do Ouvidor para a do Rosario, hoje 15 de Novembro.

Ahi a folha passou a ser definitivamente diaria, a typographia a ter maior somma de trabalho, sendo necessario augmentar o pessoal e entroduzir outros melhoramentos.

Entre estes a creação de um escriptorio permanente para recepção de annuncios, para publicações, etc.

Fui o convidado para exercer essas funcções e o meu serviço ahi era variado. Leitura de provas, recepção, de assignaturas e publicações, ajuste de trabalhos avulsos, direcção de officinas e, em falta de outros, a collaboração de qualquer cousa.

A 11 de novembro de 1863 parti para o norte da então provincia de S. Paulo em negocios do *Correio Paulistano*, percorrendo todas as localidades, desde Mogy das Cruzes até Macacos, provincia do Rio. Dahi segui para a Côrte, regressando a S. Paulo a 19 de fevereiro de 1864.

No regresso voltei ao exercicio de meus affazeres no *Correio Paulistano*.

Em janeiro de 1866 publiquei, induzido por alguns amigos, um livrinho com 162 paginas, collecção de diversas variedades publicadas no *Correio* sob varios pseudonymos e que intitulei *Cousas e Lousas*, por nada exprimir o titulo que ia abrigar os meus modestos rabiscos, escriptos quasi sempre em falta de outros originaes.

Em 1869 aventou-se a idéia de crear uma folha em Campinas.

Convidado para assumir a sua direcção, acceitei o convite e a 22 de outubro para lá parti. A 31 do mesmo mez sahia o 1.º numero da *Gazeta de Campinas*. Era proprietario da folha o sr. Joaquim Roberto, redactor o dr. Quirino dos Santos e eu o gerente ou antes o *faz tudo*, desde a caixa á remessa.

Em 1871 publiquei o *Almanak de Campinas*, o primeiro alli feito e, sem exagero, melhor organisado que até então tinha apparecido na provincia.

Trabalho todo meu, excepto a excellente parte litteraria.

Em 1872 editei o 2.º anno do *Almanak de Campinas*, annexando-lhe o *Almanak de Amparo*, organisado este pelo sr. Francisco de Assis Santos Prado.

Em 1873 fiz publicar em um só volume os *Almanaks de Campinas* e do *Rio Claro*, este organisado pelo sr. Thomaz Carlos de Molina.

Convém accrescentar que não era sómente meu o trabalho de organisação, como tambem o de composição typographica.

No mesmo anno de 1873 foi o dr. Americo Brasiliense convidado a dar umas prelecções de *Historia Patria* no collegio de S. João, que funccionava naquella cidade.

Indo ouvir a exposição do illustre prelector, tanto me emocionou que induzi a consentir na publicação dessas sabias e aprofundadas prelecções. Foram estas primeiro publicadas na *Gazeta de Campinas*, e depois por mim editadas em livro, que só appareceu em 1876

No correr do anno de 1874 foi aventada a ideia de uma folha genuina republicana, que devia apparecer em S. Paulo.

Subscripto o capital fez-se questão que eu devia ser o seu gerente. Meu estado de saude, desde tempos melindroso, fazia me recusar a distincção. Pedido instantes, porém, dos drs. A. Brasiliense, A. de Campos e Campos Salles demoveram-me desse proposito, sendo Campos Salles quem mais influiu para essa resolução.

A 31 de outubro de 1874, pois, deixava a gerencia da *Gazeta de Campinas* e a 9 de novembro partia para S. Paulo, onde depois de providenciar sobre casa, etc., segui para o Rio, acompanhado de A. de Campos e a 4 de janeiro de 1875 sahiu o 1º numero da *Provincia de S. Paulo.*

Em 1876 iniciei a publicação do *Almanak Litterario Paulista*, associando a esse trabalho Abilio Marques e J. Taques. Os artigos deste volume são todos firmados por paulistas.

Ainda em 1876 emprehendi publicação de uma folha litteraria que se intitulou *Republica das Lettras*, redigida, entre outros, por Lucio de Mendonça.

Foram publicados poucos numeros por falta de vendedores. Nesse tempo havia um só: um preto americano, muito intelligente, e que sabia varios preparatorios. De repente desappareceu e a folha extinguiu-se.

A 16 de setembro de 1876 entregava á publicidade a 2.ª edição das lições de *Historia Patria* do dr. Americo Brasiliense, impressas em maior formato.

Em 1877, sem mais auxiliares, publiquei o *Almanak Litterario.*

No mesmo anno, um pouco augmentada. editei a segunda edição das *Cousas e Lousas.*

Em 1878 entreguei á publicidade *Almanak Litterario de S. Paulo*, annexando-lhe um mappa de S. Paulo e uma valsa do maestro Elias Lobo.

No *Almanak* que publiquei em 1879, inclui uma melodia do maestro Sant'Anna Gomes e um importante *Guia Medico*, organisado pelo dr. Luiz Pereira Barreto.

O Almanak de 1880 sahiu adornado com uma photographia, representando a extincta e importante colonia *Nova Louzã.*

Ao *Almanak de 1881* addicionei o retrato do maestro Carlos Gomes.

Esta publicação foi interrompida nos annos de 1882 e 1883.

Em 1884 foi novamente iniciada.

Em 1885 foi publicado o 8.º e ultimo volume do *Almanak Litterario de S. Paulo*, isto em virtude de muitos affazeres de outra ordem.

Por que convém aqui consignar, tanto as edições dos *Almanaks*, como as dos demais livros por mim editados exgottaram-se completamente e com uma rapidez pouco commum.

A 9 de outubro de 1884, tendo entrado como socio para a *Provincia de S. Paulo* o dr. Alberto Salles, nesse mesmo dia, esse senhor *dispensou* os serviços do dr. Americo de Campos, Horacio de Carvalho e os meus.

A 10 do mesmo mez, o dr. Antonio Bento, meu cunhado, procurou-me, offerecendo-me a transferencia do *Jornal do Commercio* e respectivas officinas, tudo de sua propriedade.

Depois de certa reluctancia, acceitei a offerta e a 25 do mesmo tornava-me proprietario daquella folha e seu effectivo material.

Entendendo que devia associar Americo de Campos á minha sorte, isso lhe propuz, elle acceitou, e a 8 de novembro, isto é, antes de um mez, o *Diario Popular* fazia a sua apparição, dando occupação aos *dispensados*.

A. de Campos, Horacio de Carvalho, Hilario Junior tambem associado, e a minha pessôa, cada um fazendo o que podia, collaboraram para esse resultado.

A. de Campos, ao ser nomeado consul em Napoles, desligou-se da folha e estabelecimento, abrindo um vacuo grande.

Eis aqui como têm sido occupados os 39 annos da minha existencia em S. Paulo

Deixo de mencionar as varias correspondencias que noutros tempos escrevi para alguns jornaes.

Na vida da imprensa soffrem-se muitas amarguras, o que não me ha faltado, mas guardo com reconhecimento muitas palavras confortantes, ouvidas em diversos periodicos, e que me foram no momento balsamo consolador. »

*
* *

Damos em seguida a relação dos jornaes que se têm publicado em S. Paulo, de 1827 a 1895, devidamente annotada. É possivel ou quasi certo que seja incompleta; serve comtudo de subsidio ao estudo da historia da imprensa neste Estado.

Eis a relação:

AMPARO

1 *Amparense* (1) 1881.

(1) Propriedade e redacção de Elias Pimenta; durou pouco tempo.

2 *Beija-flôr* (1), 1894.
3 *Correio Amparense* [2,) 1886.
4 *Correio do Amparo* (3), 1894
5 *Cidade do Amparo* (4), 1891.
6 *Commercio do Amparo* (5).
7 *Diario do Amparo* (6), 1881.
8 *Diario do Amparo* (7), 1893.
9 *Epocha* (8), 1879.

---

(1) Folha litteraria e humoristica, dedicada ao bello sexo, publicada pela sociedade *Cinco de Março.*

(2) Folha publicada por Antonio Pinto Correia Junior, appareceu em 8 de agosto de 1886 e desappareceu em julho de 1894. Em Outubro de 1890 começou a ser publicada diariamente, sob a redacção do padre João Manuel de Carvalho.

(3) Orgam republicano. Appareceu em junho ou julho de 1894, resultado da fusão do *Correio Amparense*, orgam dos interesses do municipio, e *Diario do Amparo*, orgam republicano.

E' seu director o sr. A. P. Correia Junior.

(4) Orgam republicano, propriedade de uma associação. Appareceu a 10 de abril de 1891, e foi redigida por Joaquim de Toledo, dr. João Nepomuceno Nogueira da Motta, dr. José Leite de Sousa, dr. Candido Motta e outros.

(5) Propriedade de José Rebello de Amorim, e depois de Benedicto Estevam dos Santos.

(6) Publicado por José Rebello de Amorim. Sahiram poucos numeros.

(7) Folha popular, publicada sob a redacção de Carlos Ferreira, que foi substituido pelo sr. Raphel Galvão Prestes, passando então a ser orgam republicano.

(8) Periodico de propaganda republicana, impresso em Campinas, semanal e redigido pelos drs. Antonio Augusto Bittencourt, Antonio Muniz de Sousa, Francisco de Assis Peixoto Gomide, e Bernardino de Campos, actual presidente do Estado. A 5 de outubro sahiu o primeiro numero.

10 *Gazeta do Amparo* (1).
11 *Gazeta do Amparo* (2), 1886.
12 *Gazeta do Amparo* (3), 1886.
13 *Gazeta das Moças.*
14 *Lirio* (junho) 1895.
15 *Miniatura* (4) 1895.
16 *Jardim* (5), 1889.
17 *Papagaio* (outubro), 1895.
18 *Porvir*, 1885.
19 *Progresso* (6) 1890.
20 *Setimo Districto* (7), 1889.
21 *Tribuna Amparense* (8), 1872.

---

(1) Succedeu á *Tribuna*, e era propriedade de José Rebello de Amorim.

(2) Publicada em Janeiro, por José Augusto do Amaral Sousa, durou seis mezes.

(3) Proprietario e redactor: Jorge Pires de Godoy. Sahiu á luz da publicidade a 18 de julho de 1886, suspendendo a publicação a 10 de janeiro de 1889. Reappareceu a 1 de janeiro de 1895, sob a direcção do antigo redactor; é orgam dos interesses do municipio e publica-se aos domingos.

(4) Interessante e mimosa folha, litteraria e noticiosa, apparecida a 28 de fevereiro. Director: José Ferreira Louzada e publica-se ás quintas feiras. Até dezembro de 1895 foi redigida por Joaquim de Toledo e João Lourenço Rodrigues.

(5) Folha litteraria, publicada por Laurindo Marques e Bento da Silva. Sahiram poucos numeros.

(6) Periodico quinzenal e litterario, publicado por Bento Antonio da Silva.

(7) Folha imparcial, propriedade de José Militão de Siqueira, publicada de abril a setembro, sob a redacção de Jorge Pires de Godoy.

(8) Redactor e proprietario José Rebello de Amorim.

APPARECIDA

1 *Estrella da Apparecida.*
2 *Horizonte*, 1884.
3 *Voz da Apparecida*, 1888
4 *Luz da Apparecida*, 1894.
5 *Folha da Apparecida* (fevereiro), 1895.
6 *Tim-tim por Tim-tim* (março), 1895.

ARARAQUARA

1 *Correio de Araraquara* (janeiro), 1893
2 *Folha do Povo* (1), 1890.
3 *Municipio*, 1881.

ARARAS

1 *Botão*, 1894.
2 *Cidade de Araras.*
3 *Tribuna do Povo* (janeiro), 1892.
4 *Luz*, 1881.

AREIAS

1 *Areiense* (2), 1869.
2 *Aurora.*
3 *Atalaia.*
4 *Mosquito* (3), 1872.
5 *Popular* (4), 1875.

---

(1) Era jornal dedicado aos interesses locaes, sem côr politica, e redigido pelo rev. Bento Ferraz, ministro evangelico, auxiliado pelos drs. Antonio Piza, Julio de Moraes e Francisco Malta. Hoje ha ali *A Noticia*, sob a redacção do dr. João de Araujo.

(2) Propriedade do alferes João José de Araujo Faria, depois escrivão da provedoria da capital, e redacção do dr. Carlos Caetano de Abreu, que mais tarde passou a residir em Ribeirão Preto e Jaboticabal.

(3) Proprietario e redactor-chefe L. A. Pereira

(4) Periodico litterario, commercial e noticioso, de que foi proprietario Antonio de Oliveira Leite, redactores Raphael Braga e Ernesto Brasil.

6 *Timbira* (1), 1881.
7 *União e Crença* (2), 1881,
8 *Soberania do Povo*, 1884.
9 *Tribuna Paulista*, 1868.
10 *Gazeta de Areias*, (3) 1884.
11 *Democrata*, 1884.
12 *Imparcial*.
13 *Republicano*, 1888.
14 *Cacetinho*.
15 *Clarim*, 1895.

ATIBAIA

1 *Itapetinga* (4), 1890.

AVARE'

1 *Victoria*.
2 *Apologo*, 1892.
3 *Autonomista* (setembro), 1885.
4 *Recado*, 1891.
5 *Rionovense* (1º de novembro), 1886.
6 *Rebate*, 1892.

BANANAL

1 *Arauto* (5), 1869.

---

(1) Propriedade de Joaquim Xavier de Salles e redacção de Raphael Braga.

(2) Jornal spirita, pertencente ao grupo *Fraternidade Areiense* e impresso na typographia do *Timbira*.

(3) Sahiu primeiro numero a 1 de janeiro de 1884, sob a redacção de José Victorino Sampaio Netto.

(4) A 16 de agosto foi pela primeira vez publicado o *Itapetinga*, de que era redactor-chefe o dr. Olympio da Paixão e redactor-secretario o dr. Affonso de Carvalho. Não chegou a entrar no segundo anno de existencia, sendo a typographia vendida á Companha Impressora de Bragança. *Itapetinga* é o nome de uma serra do municipio de Atibaia.

(5) Dirigido pelo dr. Dermeval da Fonseca, ex-redactor da *Gazeta de Noticias*, então simples estudante.

2 *Bananal* (1), 1881.
3 *Commercio de Bananal* (2), 1887
4 *Éco Bananalense* (3), 1872.
5 *Embryão*, 1879.
6 *Época*, 1892.
7 *Iris Bananalense* (4), 1867.
8 *Monitor Paulista* (5), 1878.
9 *Nova Phase*, 1885.
10 *Patria*, 1893.
11 *Reverbéro*, 1867.
12 *Sensitiva*, 1879.
13 *Neophyto*, 1889.
14 *Éco Bananalense*, 1881.
15 *Jornal do Povo*, 1889.
16 *Republica* (6), 1895.
17 *Evolução*, 1885.
18 *Gazetinha*, 1892.

BATATAES

1 *Búgarim*, 1892.
2 *Cosmopolita* 6 de Agosto, 1893.

---

(1) Orgam do partido liberal.

(2) Dirigido por Adriano de Castilho e João Domingues Guedes.

(3) Jornal litterario, agricola e noticioso. Editor: Antonio Rodrigues Leite.

(4) Existiu até 1869, sob a redacção dos drs. Francisco de Paula Ferreira, fallecido em Rezende, e José Americo de Siqueira, advogado na Franca.

(5) Periodico politico e litterario. Foi redigido pelo dr. José Luiz de Almeida Nogueira, deputado federal e ex-director politico do *Correio Paulistano*, sendo gerente Adriano de Castilho Azevedo.

(6) Appareceu a 21 de Abril, redigida por Acacio Garibaldi de Paula Ferreira.

3 *Seculo* (1), 1881.
4 *Treze de Maio* (2), 1888.
5 *União* (3), 1884.
6 *Lutador* (4), 1892.
7 *Penna* (5), abril, 1895.

BOCAINA

1 *Eco Municipal* 28 Julho 1878.
2 *Gazeta da Bocaina* 9 Julho 1883.
3 *Colibry* (6) 1888.
4 *Gazeta da Tarde* 1888.

BOTUCATU'

1 *Botucatúense*, 1893.
2 *Gazeta de Botucatú* (7), 1887.
3 *Tribuna*, 1889
4 *Correio de Botucatú*, 1889.

---

(1) Redigido por Cesar Augusto Ribeiro, durou pouco.

(2) Seu proprietario e redactor foi Affonso Framberg, já fallecido.

(3) Redigida pelo bacharel João Paulo Diniz, natural da India portugueza e fallecido em 1890, na Limeira.

(4) Era de propriedade e redacção de José de Vasconcellos.

(5) Folha imparcial, scientifica, literaria, agricola, pedagogica e noticiosa ; foi redigida por Antonio Jacintho de Oliveira, conego Joaquim Ferreira, dr. Manuel Furtado, dr. Eduardo Guedes, Pedro Tavares Lopes da Silva, dr. Washington Luiz, dr. Ivan Nolf, dr. Honorio Pinto, dr. Eduardo de Camargo, dr. Matheus Filidory, José Negrão e Ravoux Darse.

(6) O primeiro numero foi publicado a 16 de agosto de 1883, saiu da typ. da *Gazeta da Bocaina*, na villa da Bocaina, e era de pequeno formato, semanal e litterario.

(7) Folha democratica e noticiosa, de propriedade e redacção de J. Azurara.

BRAGANÇA

1 *Abutre*, 1892,
2 *Alamiré*. 1880.
3 *Bilontra*, 1887.
4 *Bragantino*. (1). 1876.
5 *Bragantino* (2), 1879.
6 *Bragancense*, 1879.
7 *Correio Bragantino* (3), 1886.
8 *Diario de Bragança* (4), 1889
9 *Eco Bragantino* 1881.
10 *Gazeta de Bragança* (5), 1887.
11 *Gazeta de Bragança* (6), 1891.

---

(1) O primeiro numero foi publicado a 26 de fevereiro de 1876. Propriedade de José Candido Furquim de Campos.

(2) Appareceu a 10 de abril de 1879. Era a segunda folha deste titulo, mudado depois successivamente para *O Alamiré*, *Eco Bragantino*, *Lábaro*, e *Bragancense*, de que foi proprietario o mesmo Furquim de Campos.

(3) O primeiro numero foi dado á estampa a 6 de janeiro de 1889. A principio foi bisemanal e posteriormente diario e trisemanal. Seu proprietario, Manuel Fernandes de Oliveira, é hoje director da *Voz do Povo*, de Sorocaba.

(4) Publicou-se de agosto a novembro de 1889, sob a redacção do dr. Eliseu Guilherme Christiano, actual juiz de direito de São José do Rio-Pardo.

(5) Um unico numero, publicado a 4 de dezembro de 1887 pelo pharmaceutico José Francisco Pinto Martins, já fallecido.

(6) Foi propriedade da *Companhia Impressora Bragantina*, pertencendo actualmente a J. Maia & Comp. E' redigido pelo major Manuel de Almeida Cardoso, escrivão do jury da comarca, antigo negociante e redactor do *Guaripocaba*. Appareceu a 31 de março.

12 *Guaripocaba* [1], 1877.
13 *Iris Juvenil* (2), 1889.
14 *Lábaro* 1883.
15 *Mirim* (3), 1877.
16 *Mez de Maria* 1893.
17 *Picapau* 1876.
18 *Quinze de Novembro* 1889.
19 *Rabiscos* 1890.
20 *Revista do Collegio Azurara* 1894.
21 *Seculo XIX* (4), 1875.
22 *Vampiro*.

---

(1) O primeiro numero é de 17 de junho de 1877, sendo redigido pelos srs. Manuel de Almeida Carneiro, José Guilherme Christiano, padre João Baptista de Oliveira Salgado, Pedro Alvares Coutinho, Joaquim Roberto de Carvalho Pinto Filho e Nicolau Asprino. Destes, retiraram-se logo da redacção os quatro ultimos, continuando os dois primeiros até 1888, em que assumiu a direcção da folha o dr. Eliseu Guilherme Christiano, que, em meiado do anno seguinte, a transformou em *Diario de Bragança*.

(2) Foram publicados seis numeros de 10 de março a 14 de junho. Orgam dos alumnos do *Collegio Bragantino*.

(3) Orgam do *Club dos Estudantes* do excellente collegio do Sr. José Guilherme Christiano editado pelo habilissimo José Maia, actual director-proprietario da *Gazeta de Bragança*. Era segundo informações que tenho, um jornal *mignon*, cuidadosamente revisto e puramente litterario. Foram seus redactores principaes: dr. Valdomiro Guilherme, talentoso rapaz mineiro fallecido no verdor dos annos; Olegario Ribeiro, então professor publico e Francisco Napoleão Maia. O primeiro numero deste jornal sahiu á luz, em julho de 1877, e o ultimo em agosto de 1879. O illustrado sr. José Guilherme, residente em Bragança possue a collecção completa do *Mirim*.

(4) Sahiram sómente quatro numeros.

23 *Cidade de Bragança* (1), 1875.
24 *Mez de Maria* 1893.

(1) Foi o primeiro jornal publicado nesta cidade, devido aos exforços do sr. Jozé Candido Furquim de Campos, tendo o primeiro numero visto a luz a 2 de de maio de 1875. Foram dados á estampa 41 numeros, cessando a publicidade a 5 de fevereiro de 1876.

Em 1877 vendeu a typographia á empreza do *Guaripocaba*, porém, pouco depois, fez acquisição de uma outra, em que publicou o *Alamiré*, mais tarde o *Echo Bragantino*, depois o *Labaro* e por fim o *Bragancense*, todos de sua propriedade e por elle redigidos.

Tinha uma predilecção tão pronunciada pelo jornalismo, que só por si, aos poucos, pacientemente, aprendeu a arte typographica, de modo que fazia todo o serviço de redacção e officina sómente auxiliado por um famulo. Si não tinha grande preparo intellectual, possuia uma grande força de vontade para vencer todas as difficuldades dessa vida espinhosa que tanto o seduzia, e á qual se dedicou, não com mira de interesses e sim por distracção util e entretenimento agradavel.

Republicano antigo, tinha por divisa a moderação. Não se envolvia em questiunculas, mas era soldado firme em seu posto.

Occupou varios cargos de eleição e nomeação, em que sempre se houve com circumspecção e hombridade.

Como cidadão era de uma probidade a toda a prova, prestimoso, calmo e inoffensivo. Tinha habitos concentrados, pouco sahia, mas as pessoas que o procuravam n'elle encontravam o typo de perfeito cavalheiro, tão affavel e delicado quão modesto e despretencioso.

Espirito de idéias avançadas, era progressista e humanitario; e agora baixa ao tumulo, pranteado não só pela familia, que o estremecia, mas tambem por todos que apreciavam o seu caracter, sua nobreza de sentimentos, e seu espirito essencialmente bondoso e caritativo.

Pelo que deixamos dito se póde julgar de sua grande alma e dos serviços que abnegadamente prestou á imprensa e ao logar.

BROTAS

1 *Gazeta de Brotas.*
2 *Municipio*, 1895.

CAMPINAS

1 *Actualidade*, 1875.
2 *Arauto*, 18 de janeiro 1881.
3 *Boletim da Estação Agronomica* (1), 1891.
4 *Culto á Sciencia* (1 de outubro) 1891.
5 *Cidade de Campinas*, 1889.
6 *Constitucional* (2), 1875.
7 *Correio de Campinas* (3), 1885.

---

(1) Publicação official da *Estação Agronomica* hoje, *Instituto Agronomico*. Sahiram alguns numeros, de tres em tres mezes, até que foi a revista substituida pelos importantes e preciosos relatorios annuaes, onde vêm insertos muitos artigos sobre agricultura, industria, etc. O *Boletim* e os relatorios são redigidos pelo director e auxiliares do estabelecimento, e de entre estes é de justiça salientar os drs. Adolpho Barbalho Uchôa Cavalcanti e F. W. Dafert.

(2) Redactores e proprietarios: bachareis João Gabriel de Moraes Navarro e Luiz Silverio Alves Cruz, ambos fallecidos.

(3) Fundado e redigido pelo intelligente escriptor Henrique de Barcellos; appareceu a 1.º de janeiro de 1885. Em 1893 a empreza passou a novos proprietarios, retirando-se Barcellos e assumindo a redacção o dr. Joaquim Gomes Pinto. Sob o titulo *Jornaes Campineiros*, disse o *Diario Popular* (janeiro. 1895): «Fazendo a relação dos jornaes que existiram e existem na cidade de Campinas, o nosso distincto colaborador Lafayette de Toledo, referindo-se ao *Correio* dahi, disse que, com a saida do antigo redactor sr. Barcellos, assumiu a redacção o dr. Gomes Pinto. Como em tempo noticiámos, o dr. Gomes Pinto deixou tambem a direcção daquella folha. Tendo certamente, um caracter historico o interessante retrospecto do sr. Lafayette,

8 *Correio da Tarde* (1), 1880.
9 *Dia* (2) 1894.
10 *Diario da Tarde*, 1882.

---

aqui fazemos a rectificação supra. E, já que nos referimos ao dr. Gomes Pinto, diremos que elle, ainda alumno do collegio *Culto á Scienciar* redigiu o *Arauto*, editado pelos srs. João Azevedo e Herculano de Albuquerque, em 1881, e que não vem mencionado na *Imprensa Paulista*. O *Arauto* viveu quatro mezes.» A esta noticia accrescentou ARLEQUINO, na secção *Folha*, do *Correio* (19 janeiro 1895):

«Si o estimado periodico, fazendo a *rectificação*, tinha em vista simplesmente o CARACTER HISTORICO DE RETROSPECTO, devia mencionar outros organs de publicidade, como fizemos aqui no passado numero:

De mais que rectificou o collega ?

Acaso o sr. Lafayette dissera, affirmára, jurára que o dr. Joaquim Gomes Pinto é o *actual* redactor do *Correio*?

A retirada daquelle nosso amigo não foi annunciada, até em termos amaveis?

A taes perguntas não se responde.

Quem escreveu a noticia olvidou o *Popular*, o *Diario* e o *Correio da Tarde*, interessantes diarios, mas não se esqueceu do *Arauto*, folhinha semanal ou quinzenal de vida ephemera, revelando assim ter sido muito outro o seu intuito.

Gato escondido com o rabo de fóra...»

Essas rectificações, já estão feitas:

Um dos redactores do *Correio*, foi José Gonçalves Pinheiro, de quem logo fallaremos; e no corpo de colaboradores conta essa folha muitos escriptores conhecidos. Nella escrevem o padre João Manoel, Alberto Faria, Renê Barreto, Paulino Muniz e Henrique de Barcellos.

(1) Diario dirigido por Hyppolito da Silva e propriedade do professor João de Oliveira Fagundes.

(2) Durou pouco tempo. Era redigido por Alberto Faria, Renê Barreto e outros.

11 *Diario de Campinas* (1), 1875.

---

(1) Appareceu a 20 de setembro de 1875. Orgam popular, sem caracter partidario, tem prestado assignalados serviços ao progresso de Campinas e ao do proprio Estado. Desde sua fundação tem sido dirigido pelo major Antonio Duarte de Moraes Sarmento, seu proprietario, e redigido por Henrique de Barcellos, Heitor Barbosa, Gonçalves Pinheiro, Joaquim de Toledo, dr, Alberto Sarmento, Julio Riedel, dr. Joaquim Nogueira de Sá Itagiba, dr. João Brasiliense Leal Costa, dr. Paulo de Lacerda, José Felippe Pestana, Theodoro Flavio Nogueira de Carvalho e Alvaro Miller.

Gonçalves Pinheiro falleceu a 14 de fevereiro de 1893, em Campinas, e delle escreveu Barcellos no *Correio* n. 374, anno XI:

«José Gonçalves Pinheiro chegou a Campinas no dia 11 de agosto de 1872, no dia portanto em que se inaugurou a linha férrea paulista.

Anno e meio esteve no commercio, retirando-se dali para se entregar, com outros. entre os quaes quem estas linhas escreve, á vida da imprensa.

Começou a sua carreira jornalistica num pequeno jornal, *A Sensitiva*, mas logo, de sociedade com Antonio Sarmento e Henrique de Barcellos, fundou a *A Mocidade*, folha semanal.

Em 19 de setembro de 1875 Gonçalves Pinheiro, com os dous acima citados e mais Joaquim de Toledo, viu realizado o seu sonho, que era ver a *Mocidade* diaria. Em vez, porém, daquelle titulo, sahiu á luz o *Diario de Campinas*.

Trabalhador infatigavel, escrevendo com pasmosa facilidade, com um chiste pouco commum, era elle o verdadeiro redactor do *Diario*, accrescendo que tinha a seu cargo a administração dá folha.

O que é o poder da vontade!

Nos seus principios, elle conhecia a defficencia de sua instrucção. Dotado, porém, de notavel intelligencia, de grande perspicacia, Gonçalves Pinheiro em pouco tempo conquistou uma grande somma de saber, a ponto

de não lhe ser extranho qualquer assumpto. Além do idioma nacional, que elle sabia manejar com admiravel correcção, fallava correctamente o italiano e o francez; desta ultima lingua traduziu dous romances que foram publicados no outro collega local.

Em 1879 deixou a imprensa e abriu uma livraria. Voltando-lhe, porém a iuclinação bem deploravel da imprensa, fechou a sua casa commercial em 1884 e foi para o Rio de Janeiro, onde em 14 de novembro daquello anno publicou o primeiro numero do *Diario Portuguez*.

A empreza dessa folha, a principio delle e de mais dous, passou depois a ser propriedade de uma associação .commanditaria. Exactamente quando essa empreza ia perfeitamente, surgiram questões presas aos interesses de certos mandões, do Rio e o *Diario Portuguez* desappareceu.

A pedido instante do redactor-chefe desta folha, Gonçalves Pinheiro consentiu em redigir o *Correio de Campinas*, mas a contragosto pois que a inesperada desapparição ao *Diario Portuguez* lhe causara a maior amargura.

A sua repugnancia, já então manifesta pela imprensa, foi vencida pelos nossos pedidos e nessa occasião elle melancolicamente nos disse que só a amizade que nos tinha o levava a retomar da penna—que nas suas mãos foi sempre adamantina.

No *Correio de Campinas* creou Gonçalves Pinheiro muitas secções, algumas escriptas diariamente e a todas vinculava o seu brilhantismo, a sua precisão analytica, tudo obdecendo a um profundo criterio, qualidade dominante de seu espirito reflectido e calmo.

Portuguez de nascimento, Gonçalves Pinheiro fôra sempre estrenuo patriota, mas dotado desse sentimento que eleva um altar á patria no coração e por isso mesmo é de todos respeitavel.

Tendo vindo muito criança para o Brazil, fôra a Portugal em 1881, com sua familia; e quando em 15 de Dezembro de 1889 se decretou a grande naturali-

sação Gonçalves Pinheiro acceitou com alegria a nova patria que lhe abria os braços.

De uma vez, em um bond, Campos Salles, notando que elle sempre fôra jornalista, perguntou-lhe porque não se naturalisava. Elle respondeu :—façam os senhores a grande naturalisação e eu serei brasileiro com muito gosto. Por actos justificou o que dissera.

Votava entranhado amor a Campinas e dizia que só aqui, na terra de sua familia, se dava bem. As suas pugnas jornalisticas exuberantemente comprovaram esse amor a esta terra, onde fechou os olhos á luz do mundo.»

E o *Diario*, de 27 de setembro de 1794:

Deixou a alfaiataria do *Judeu Errante*, em 1874, para fazer parte do grupo de bohemios que fundou a *Mocidade*.

Começou como todos que estréiam na imprensa :—escrevia, emendava; refundia os artigos, consultava e discutia com o Barcellos, a proposito dos mesmos, e depois lá ia elle triumphantemente levar ás officinas as tiras que havia composto.

Seus artigos eram sisudos, graves como sua pessoa. Tinha a preoccupação de doutrinar.

Lembramo-nos ainda hoje que, ali nas palestras da rua Lusitana, na casa do Villares, do Queiroz e do Louveira, naquelles bons tempos, chamavam o Pinheiro de philosopho.

Escrevia, traduzia, transcrevia, noticiava e, nessa missão prestava bons serviços a *Mocidade*, *Actualidade Diario*. Depois deixou esta folha, abriu livraria, e foi para o Rio, onde fundou um jornal e, regressando a esta cidade, entrou para o *Correio de Campinas*.

José Gonçalves Pinheiro é hoje fallecido,—que sirva agora a recordação do seu nome, de homenagem á memoria do nosso antigo companheiro de trabalhos.»

O Diario, de 27 de setembro de 1893 (n. 5.299, anno XIX), consagrou toda a folha á commemoração do seu anniversario, estampando na primeira pagina os retratos de Henrique de Barcellos, Pinheiro, Felippe

Pestana, Toledo, Luiz Cornêta, Antonio e Alberto Sarmento, Heitor Barbosa, Leal Costa, Cesar Marques, e João Baptista Leme e estiriotypando uma pagina da *Mocidade*. De um dos artigos tiramos este trecho, firmado por *Gil-Braz*:

« Foi no dia I°. de março de 74. ali á antiga rua do Theatro, numa casinha de porta e janella.

Eramos ainda moços; cheios de nobres aspirações, não haviamos ainda recebido o contagio das ambições vulgares e nem o attrito das paixões que depauperam o espirito jovenil e deprimem os bons sentimentos.

Todos nós trabalhavamos egualmente.

«O mesmo que escrevia o artigo de fundo *batia rolo* durante a noite; o que fazia a reportagem, ajudava na entrega do jornal; o que compunha durante o dia imprimia a folha durante a noite.

«Henrique de Barcellos e Gonçalves Pinheiro eram redactores: Sarmento, editor e reporter; Felippe Pestana, typographo e collaborador; Joaquim Toledo tambem collaborava; José Sarmento trabalhava em composição e era o dispenseiro-mór; *Luiz Corneta* era o entregador e o contador de historias que a seu turno nos amenisava a rudeza do trabalho por aquellas noites sem fim. . .

«A typographia era um grande *pastel*, o prélo era de madeira, systema primitivo.

«Aquillo tudo nos havia custado tresentos mil réis; quem nos emprestou o dinheiro para a compra foi Joaquim Dias Ferraz Sobrinho que hoje não existe.

«Com aquelle material tiramos *A Mocidade*, cuja primeira pagina figura hoje estereotypada na nossa pagina de honra.

«Campinas, esta terra que tem sempre a alma aberta a todas as grandezas e nobres commettimentos, recebeu-nos com surpreza; ella não sabia quem nós eramos e nem donde vinhamos

«Todos nós eramos caixeiros: um de loja de ferragens, outro de alfaiataria, outro ajudante de guarda-

12 *Gazeta de Campinas* 1869 (1).

livros; todos obscuros, completamente desconhecidos.

—Que diabo quererão elles.

Foi esta a interrogação que corria de bocca em bocca entre os novidadeiros e criticos de esquina, quando appareceu o primeiro numero da *Mocidade*.

O que nós queriamos viram elles depois...»

(1) A 31 de Outubro de 1869 foi publicado o primeiro numero da *Gazeta de Campinas* sob a redacção dos drs. Campos Salles, Quirino dos Santos e de outros republicanos que a fundaram para orgam do partido. Até 1874 foi seu gerente o sr. José Maria Lisboa. Esse diario desappareceu em 1891 tendo pertencido a diversos empresarios: Nelle tambem esereveram Francisco Glycerio. Herculano de Freitas, Carlos Ferreira, Antonio Cezar, Jorge de Miranda, Julio de Mesquita, Miranda Azevedo, Aberto Salles, Thomaz Alves, Silveira Lopes, Alberto Salles e muitos outros escriptores de nome feito na politica, nas lettras ou na sciencia: O dr. Francisco Quirino dos Santos nascido em Campinas a 14 de julho de 1841 falleceu em S. Paulo a 6 de Maio de 1886, quando occupava a cadeira de deputado provincial. Rectificando esta nota, diz-me, em carta, o dr. José Augusto Quirino dos Santos: «A *Gazeta de Campinas* foi fundada por meu pai, dr Francisco Quirino dos Santos, por meu tio dr. João Qnirino do Nascimento e por meu avô, e fallecido tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques.»

Aqui transcrevemos as seguintes informações ministradas pelo dr. Miranda Azevedo.

«Com o maior prazer accedo ao seu gentil convite de contribuir para completar os seus apontamentos acerca da *Gazeta de Campinas*. a qual estou ligado pelas mais gratas recordações de amizade e de saudades do bom tempo da propaganda: As minhas relações jornalisticas nascerão, por occasião da celebre polemica que surgiu na imprensa de Campinas, em 1873 quando ahi appareceu pela primeira vez a febre amarella. A discussão medica travada entre os drs. F. Pereira Lima, e Va-

lentim da Silveira Lopes, que sustentavão a existencia do cruel flagello, contra a opinião do dr Cassiano e creio que Souza Campos, transportou-se para as corporações medicas do Rio de Janeiro, onde então eu residia. Fui procurado por Luiz Quirino dos Santos, de quem era amigo dedicado, e por elle incumbido, em nome de seu irmão, o dr. Francisco Quirino dos Santos, de acompanhar a questão junto dos mestres e informar de tudo a *Gazeta de Campinas*. Foi grande o interesse que em Campinas despertou toda essa discussão, cujo desenlace na então *Imperial Academia de Medicina*, foi confirmar a existencia da molestia, conforme escrevera a folha do dr. Francisco Quirino dos Santos.

«Todos esses pareceres firmados pelos medicos mais distinctos do Rio de Janeiro, forão publicados na *Gazeta*, e a resolução final da *Imperial Academia* transmittida em extenso telegramma.

«Mais tarde estreitei relações pessoaes com o proprio dr. Francisco Quirino dos Santos, um dos vultos mais notaveis da politica republicana e um dos talentos mais cultos de S. Paulo, e fui por elle convidado para escrever *chronicas quinzenaes* sobre a vida fluminense em todos os seus aspectos. Foi nessa qualidade que tive a felicidade de collaborar effectivamente para a *Gazeta de Campinas* até 1878 quando mudei-me para Guaratinguetá, embora nesse tempo, já a propriedade e a redacção effectiva fossem de um outro illustre amigo o distincto poeta Carlos Ferreira. Nessa epocha prometti a esse amigo, quando meu hospede em Guaratinguetá, de passagem para os Campos do Jordão a convalescer de molestia pertinaz, continuar a colloborar no seu jornal.

«Infelizmente as responsabilidades da vida pratica, não consentirão que contribuisse como desejava para corresponder á distincção que recebi, mas acompanhei sempre as diversas phases da vida gloriosa da *Gazeta* até sua final suspensão.

«Coube me tambem a honrosa e a triste missão de ser um dos medicos que assistiu e accompanhou na ultima e rapida molestia o illustre dr. Francisco Quirino

dos Santos. E espero em trabalho que tenho delineado, prestar ao grande morto, toda a homenagem de que é digno como um dos mais puros e alevantados caracteres dos republicanos da propaganda. Oxalá—melhor imitado fosse nas grandes licções de patriotrismo e abnegação que legou a esta terra que tanto estimava em prol da idéa republicana que tão bem representava e comprehendia.

«Na redacção da *Gazeta de Campinas*, fiz conhecimento com o illustre philologo e publicista paulista João Vieira d'Almeida. Fui-lhe appresentado pelo então redactor proprietario Carlos Ferreira. Ao distincto amigo João Vieira d'Almeida que tambem abrilhantou as columnas da *Gazeta* com seus escriptos, devo as seguintes informações, que por assim dizer completão a historia da vida da *Gazeta*.»

Eis o que escreve o sr. João Vieira d'Almeida:

«Foi fundada pelo finado dr. Francisco Quirino dos Santos, jornalista advogado e poeta campineiro.

«Seo primeiro administrador foi o sr. José Maria Lisboa, actual proprietario do «Diario Popular» da capital do nosso Estado.

«Em seguida passou á direcção do sr. Abilio Marques, mallogrado homem de lettras, que falleceu como gerente da companhia Agua e Luz, desta capital.

«Pelo anno de 1877 era seo gerente, o sr. Alfredo Pinheiro, talento omnimodo que viveo e ainda vive a luctar contra a má sorte sempre adversa.

«Era então seo redactor o eminente litterato Carlos Ferreira, que, hoje desilludido de litteratices e de politicagem, consagrou o entardecer da existencia a nobre causa da educação da mocidade, dirigindo o collegio «Benjamin Constant» na cidade do Amparo.

«Esta alma de athleta, em corpo de creança, tragou os maiores dissabores na sustentação do baluarte republicano do então 7° districto eleitoral da antiga provincia, concorrendo poderosamente para alcandorar aos pincaros governamentaes e honras, homens que hoje, já se não lembram da escada que os ajudou a galgar o poder!

13 *Imprensa Artistica* 1879.
14 *Lettras e Artes* (1) 1887.
15 *Livro Azul* 1894
16 *Lotta* 1894
17 *Mocidade* (2) 1873.
18 *Mundo Largo* (3) 1884.

«Desgostoso de tanta lucta ingloria passou a redacção do glorioso periodico a Polycarpo de Queiroz, espirito folgazão que para lá foi, no intuito de ser mais um testamenteiro do que um batalhador da democracia!

E assim sumiu-se na voragem do esquecimento o valente esgrimista republicano!»

(1) Folha litteraria a quatro paginas redigida por José Felippe Pestana. Publicaram-se apenas treze numeros.

(2) A *Mocidade* era redigida por Henrique de Barcellos e José Gonçalves Pinheiro, era editada por Antonio Duarte Moraes Sarmento e appareceu a 1º de Março de 1873. Collaboraram n'esta folha José Felippe Pestana, Joaquim de Toledo, José Sarmento e outros. Desappareceu em 1876 e foi substituida pelo *Diario de Campinas*.

(3) A proposito escreve o «Diario de Campinas» de 27 de Novembro de 1884.

«O Mundo Largo» é o titulo de um periodico turco que se publica ha dois mezes mais ou menos, n'esta cidade, publicação essa que estava passando despercebida da policia visto que o redactor, o sr. Salim Beleche não se havia dado ao trabalho nem de tirar a licença municipal e ainda menos de apresentar responsavel idoneo perante a autoridade competente.

Em virtude d'essa falta ou menoscabo ás nossas leis e as muitas queixas de turcos aggredidos pelo referido periodico, o sr. Major Moraes, delegado, mandou intimar o sr. Salim a comparecer á essa presença. O sr. Salim em vez de obedecer a ordem da auctoridade, fez o contrario respondendo ao escrivão que foi intimar, *que estava muito bem na sua casa e que não iria a presença do sr. delegado*. Em vista de semelhante

19 *O Neophyto* 1893
20 *Opinião Liberal* (1) 1881
21 *Petiz Jornal*, 1879
22 *Revista do Collegio Internacional* 1875
23 *Revista Trimensal* 1983
24 *A Revolta* (2) 1888
25 *Sensitiva* 1873
26 *O Teimosinho* 1893
27 *O Telegrapho*, 1884.
28 *L'Unione*, (1.º agosto 1894).

---

modo de proceder o sr. Major Moraes mandou conduzir Salim a sua presença acompanhado de praças, ficando elle detido pela maneira desrespeitosa com que houve para com a auctoridade.»

(1) Redigida por Alfredo de Almeida, Polycarpo Teixeira de Almeida Queiroz (fallecidos), dr. João Egydio de Souza Aranha e dr. Carlos Norberto de Souza Aranha. O segundo destes, morto em Campinas, onde residiu largos annos, em 1892, foi fundador e redactor do *Mineiro*, periodico que, de 1873 a 1875, se publicou em Pouso-Alegre, sua cidade natal. Foi elle quem, após 37 annos de interrupção, restaurou a imprensa n'aquella localidade, no dizer de Xavier da Veiga (*A imprensa em Minas-Geraes*, 1894, pag. 44). Escreveu tambem um livro — *Transformação do trabalho*, Campinas, 1889, — 235 pag. O n. 1 da *Opinião* é de 22 de junho

(2) Folha de franca e activa propaganda republicana publicada semanalmente. O primeiro numero tem a data de 30 de Junho de 1888 e o ultimo (13) a de 8 de Dezembro do mesmo anno. Era impressa na typographia da «Gazeta» com quanto não trouxesse indicação alguma, e tinha por lemma *Libertas quæ sera tamen*. Todos os artigos vinham firmados por pseudonymos, que encobriam os nomes de Herculano de Freitas, Ernesto Correia, João de Deus Sampaio, Lafayette de Toledo....

29 *A Verdade*, (1) 1898.
30 *O Vigilante*.
31 *Petiz*, (12 julho) 1885.
32 *Popular*, 1890.
33 *Theodorino*, (20 julho) 1885.
34 *Folha*, (1.º março) 1895.
35 *Bilontra*. (março) 1895
36 *Conservador*, 1860.
37 *Pernilongo*, 1860.
28 *Aurora Campineira*, 1860.
39 *Movimento*, 1876.
40 *Bisturi*, 1877.
41 *Porvir*, 1877.
42 *Violeta*, 1877.
43 *Telegrapho*, 1877.
44 *Iniciatio*, (17 novembro) 1878.
45 *Binoculo*, 1878.
46 *Flôr*, 1878.
47 *E' a coisa*, (4 março) 1880.
48 *Alliança*, 1882.
49 *Jornal da Tarde*, (7 maio) 1883.
50 *Escalpelo*, 1883.
51 *Incenso*, 1884.
52 *Sorriso*, 1886.
53 *Estudante*, 1888.
54 *Jornal da Kermesse*, 1889.
55 *Orpham*, 1889.
56 *Violeta*, (1.º novembro) 1891.
57 *Seis de Outubro*, 1892.
58 *Prego*, 1893.
59 *Angú*, 1894.

---

(1) Erão redactores da *Verdade* o conego João Baptista Correia Nery e Antonio Rodrigues de Mello.
Era orgão catholico.

60 *Passio Domini*, 1894.
61 *Republica das Letras*, (1.º novembro) 1877.
62 *Vinte e Cinco*, 1894.
63 *Distracção*, (8 julho) 1895.
64 *Grilo*, (dezembro) 1895.

CAÇAPAVA

1 *Caçapavense* 1870.
2 *Democracia*
3 *Democrata* 1894.
4 *Discipulo* 1894.
5 *Ensaio* 1894.
6 *Gazeta de Caçapava* (junho) 1895.
7 *Norte de São Paulo.*
8 *Provinciano* 1889.
9 *Regenerador* 1885,
10 *Seculo* 1883.

CAJURU'

1 *Independente.*

CANANEIA

1 *Éco Cananéiense* 1888.
2 *Gazeta de Cananéia.* 1882.
3 *Restaurador* (1), 1892.

(1) Restaurador da prosperidade local e redigido pelo dr. Joaquim Guedes Alcoforado, juiz de direito da comarca.

CAPIVARY

1 *Capivary* (1) 1875.
2 *Capivaryano* 1884.
3 *Gazeta de Capivary* (2) 1885.
4 *Mocidade* (3) 1885.
5 *Tagarella* (4) 1876.
6 *Revista Popular* (5) 1895.

CASA-BRANCA

1 *Bem Publico* (6) 1885.

---

(1) Redacção dos drs. Baptista de Souza e Lniz de Souza,

(2) Propriedade e redacção de João de Arruda Leite Penteado, tendo como colloborador o dr. Cesario Motta.

(3) Periodico de pouca duração e pequeno formato, redigido por um grupo de rapazes, entre os quaes figurava o actual 2.º promotor da capital, dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta.

(4) Redacção de José Toledo Penteado, então negociante naquella cidade. Periodico critico e noticioso.

(5) Publicação mensal, noticiosa e religiosa, dirigida pelo Rvmo. C. Dickson. Appareceu em fevereiro.

(6) Editores: Alfredo Julio de Araujo Macedo e Manoel Francisco de Paula Fernandes. Principiando a publicação a 9 de agosto de 1885, a terminou em 1888, depois de ter augmentado o formato, reapparecendo a 21 de março de 1891, sob a redacção de Lafayette de Toledo, que se conservou nesse posto até janeiro de 1895.

E' uma fusão do *Casabranquense* com o primeiro *Oeste de São Paulo*. Na sua primeira phase foi redigido pelo dr. João Aristides Soares Serpa, e colaborado por Manoel de Moura Azevedo, Valdomiro Silveira, dr. Antonio Mercado, Hemeterio de Carvalho e outros. Na segunda teve a colaboração de Alfredo Julio, dr. Ernesto Correia, Antonio Pantoja e outros. Hoje é redigido por José Honorio de Silos.

2 *Casa-Branca* (1) 1877.

---

(1) Primeiro jornal que appareceu em Casa-Branca. Periodico imparcial, que appareceu a 25 de dezembro de 1877, foi redigido pelos drs. Brasilio Machado e Ricardo Baptista. Desappareceu em 1879, tendo-se declarado francamente republicano. A respeito deste hebdomadario, lê-se no *Casabranquense*, de 7 de fevereiro de 1885:

«No dia 11 de janeiro completaram-se 4 annos que falleceu Francisco dos Santos Bastos, o fundador da primeira imprensa nesta cidade.

O sentimento profundo que nos fez nascer no peito, com a leitura do artigo memorial que a elle dedicou o nosso collega d'*Oeste*, obrigou-nos a acompanhal-o, apezar de nos faltar um essencial.

O Casa-Branca, era o titulo do jornal, por elle fundado aqui.

Publicou-o durante 8 mezes, do anno de 1878.

Na occasião da vinda de s. m. o imperador a esta cidade, occasião em que as bandeiras nacionaes teciam as ruas por entre as ramagens, á espera de s. m., elle o esperava muito ao contrario de todos.

As suas idéas republicanas, puxaram-se para o abysmo.

O Casa-Branca, até então impresso pallidamente, tornou-se corado de uma côr escarlate. Numa das suas columnas, via-se o nosso escudo de armas, mas sem a corôa, que elle a havia cortado, decapitara-a com um formão, servindo de epigraphe a um artigo.

Foi distribuido *O Casa-Branca*, e um numero delle foi levado, a mandado de Bastos, ao monarcha.

Elle, já acostumado com essas que têm plena liberdade, apenas leu-o.

Mas, dahi a alguns dias, Bastos viu como cavára a sua ruina.

Triste presagio.

Aquelles que mais extasiados e contentes liam-n-o o assignavam ambiciosos de possuil-o sempre, foram dos primeiros que incendiaram-se de odio contra o autor daquelle attentado contra o monarcha.

As conspirações con traaquelle que ousára decapitar a nossa coroa, armaram-se.

Bastos, o valente e ousado republicano, que era, tornou-se fugitivo, como Caim quando manchou a terra com o sangue de seu irmão.

Foi para a cidade da Franca, onde esteve algum tempo, e depois seguiu para Uberaba.

Ainda ahi fundou um jornal intitulado o *Raio*.

A 11 de janeiro de 1881, desceu á sepultura, depois de ter passado as maiores miserias.

Eis pois quanto soffreu o nosso mestre typographico, Francisco dos Santos Bastos.»

E no *Almanak da Casa-Branca*, 1888, pag. 71.

«A 11 de janeiro passado completaram-se quatro annos depois da morte de Francisco dos Santos Bastos.

«Primeiro que teve a lembrança de fundar um jornal nesto cidade—o *Casa-Branca*, cumpre consignarmos em nossa folha algumas palavras que commemorem o anniversario do passamento desse homem que, durante tanto tempo, comnosco conviveu.

«Recordemos um momento da vida de F. S. Bastos, quando aqui nesta cidade, redigiu o *Casa-Branca*. Foi em 1878. (*a*)

«S. m. o Imperador dignou-se visitar esta cidade.

«Muita festa, muito foguetório, gastos enormes de rhetorica de occasião, nada foi poupado para corresponder á honra que nos dava o imperial visitante. Bastos era um republicano sincero, convicto. Republicano de estofo á Robespierre, e de bofes á Marat. De que se havia de lembrar o desgraçado? O imperador chegára. Era necessario fazer comprehender que elle, Bastos, o republicano, o visionario que sonhava com relação á sua patria os mesmos sonhos de Tiradentes, não recebia o rei com os applausos dos outros mortaes

(*a*) O sr. d. Pedro II veiu pela primeira vez a Casa-Branca, em 1878, a 15 de setembro. Acompanharam-se nesta excursão a imperatriz, o conselheiro Sinimbú, visconde do Bom-Retiro, conde de Iguassú, barão de Maceió, dr. Moreira de Barros, dr. Ataliba Nogueira e outros.

que o applaudiam. Elle quiz demonstrar que o sua espinha dorsal, feita de um osso mais duro, mais rijo, não se curvava nem mesmo diante do primeiro poder desta terra, pretendeu lavrar de um modo solemne a sua profissão de fé de homem livre, o seu credo de republicano convicto e *enragé*. O que lembrou então o desgraçado? Imprimiu um numero do seu jornal, o *Casa-Branca*.

Encimando o artigo editorial desse numero, via-se o escudo das armas do Brasil, mas... sem a corôa: Essa, elle cortou-a de um só golpe. Eu imagino a furia com que o descarregou. Era o imperial pescoço que elle imaginava cortar. E o numero, assim arranjado do seu *Casa-Branca*, F. Bastos mandou-o a S. M. o imperador. S. M. viu-o, e sorriu-se.

—«Já sei, já sei», talvez dissésse. Sabia assim que o redactor do *Casa-Branca* não o admittia rei, sentado no throno, com o seu voto.

Sabia que da unanime acclamação do povo que o fez monarhca, tinha de ser subtrahida a voz de Francisço dos Santos Bastos: Os cortezãos, como era justo, franziram a testa e reprovaram tamanha audacia. Infeliz franqueza a do redactor do *Casa-Branca*! Um mez depois o seu jornal cahia, sem que exforço algum de sua parte pudesse mais amparal-o.

O córte daquella corôa foi o signal do seu desmoronamento. Francisco Bastos retirou-se para a França. Mau fado o acompanhava. Aquella corôa... aquella corôa... Da Franca seguiu para Uberaba. Sempre o córte fatal da corôa!... Em Uberaba a sua estrella não foi mais brilhante, ou melhor: o infeliz depois do golpe desastrado no brazão de armas de sua patria, nunca mois teve estrellas. Em Uberaba morreu em pobreza extrema, num estado de miseria o mais lastimoso. Exemplo e licção aos demagogos de agora e do futuro: nada de golpes na corôa que encima-o emblema heraldico de nossas armas. O tempo grudou-a ali. Deixae que o tempo a arranque, e isso quando fôr de seu agrado.» *(a)*.

(*a*) *Oeste de São Paulo*, n. 7, de 5 de fevereiro de 1885.

3 *Casa-Branca*, (1) 1887

Bastos foi para Uberaba em 1879, empregando-se como typographo na *Gazeta de Uberaba* da qual, a esse tempo, era administrador José Augusto de Paiva Teixeira, um intelligentissimo rapaz que tem sido parte integrante da imprensa uberabense desde 1974. Quando na *Gazeta*. fundou e redigiu um pequeno periodico. *O Recreio*, cuja linguagem saltitante de *verve* punha em ebulição todos os espiritos. Gaspar da Silva, Paiva Teixeira e o commendador Gomes da Silva, retirando-se da *Gazeta*, crearam o *Correio Uberabense*, em 1880, um jornal feito com todo o capricho, digno de uma cidade civilisada, como o é Uberaba. Bastos tambem pôz ás costas a sua modesta bagagem e, sem ninguem o suspeitar, *O Recreio*, que mais tarde se chamou *O Raio*, lá vinha do *Correio* com farto carregamento de facécias espirituosissimas. Alegre, jovial e esquisito, Bastos captára para logo a dedicacão e a amizade dos seus companheiros. Não levou vida miseravel, nem tampouco morreu em estado o mais lastimoso, como presume o illustrado redactor do *Oeste*, não ; viveu sempre rodeado de estima ; morreu em casa do cidadão Paiva Teixeira, onde foi medicado com todo o carinho e solicitude. O seu enterro, feito a expensas dos typographos do *Correio*, foi o mais decente possivel e muito concorrido. Cremos que alguem, que, tendo vivido pobremente, encontra na hora extrema protecção e amigos, não póde morrer em estado deploravel, ao menos no tocante á dedicação do proximo. Bastos era natural de Angra dos Reis, onde tem familia importante, e falleceu aos trinta e poucos annos de idade, no dia 11 de janeiro de 1881, victima de uma molestia de figado. — *Tancredo Lucas.*»

(1) Semanario imparcial, noticioso e commercial, propriedade de Manuel Theodoro da Silva Appareceu a 9 de julho de 1897. Nelle escreveram Valdomiro Silveira, Manuel Martins Teixeira de Carvalho, Constantino Xavier de Mesquita (portuguez, fallecido nesta cidade em 1892). Distribuiu apenas sete numeros.

4 *Casa-branquense*, (1) 1894
5 *Democrata* (2) 1880.
6 *Diario do Povo* (3), 1887.
7 *Folha de Parra* 12 de Abril 1894.
8 *Gazeta de Casa-Branca* (4), 1893.
9 *Imparcial* (5) 1879.
10 *Municipio* (6) 1882.

---

(1) Semanario, propriedade de Francisco Julio de Araujo Macedo e dirigido por Alfredo Julio. Sahiu a lume em 10 de outubro de 1884, tendo sido escripto pelo dr. Antonio Mercado, dr. João Baptista da Silveira, Antonio Custodio da Gama Pantoja e outros.

(2) Publicação semanal dirigida por Joaquim José da Silva Quadros; iniciada a 3 de dezembro de 1880, logo cessou.

(3) Folha semanal, de propriedade de Silva & Meireles (Manuel Theodoro da Silva e Firmino Gomes de Meirelles) e redacção de Lafayette de Toledo. Appareceu a 20 setembro de 1887, durou apenas oito dias e era francamente republicano

(4) Hebdomadario pertencente a uma associação particular composta de Manuel Theodoro da Silva, José Martins Pereira Balieiro, Marcos Horta, Pedro de Magalhães Passos, Diogenes de Vasconcellos, José de Magalhães Passos Junior e Alfredo de Silos, e em que escreveram os drs. João Silveira, Octavio de Barros, Valdomiro Silveira, Lafayette de Toledo e outros. O n. 1 é de 24 de maio e o ultimo 33 de 22 de fevereiro de 1894.

(5) Orgam semanario, editado por M. F. de Paula Fernandes. Appareceu a 23 de novembro de 1879 e foi redigido por Augusto Cesar Correia, Antonio Dias Ferraz da Luz.

(6) Orgam dedicado aos interessses deste municipio e de seus visinhos. Redactor e proprietario: Manuel Felix de Alvarenga e Silva. Apparecendo a 28 de maio de 1882 e cessou de ser publicado em junho de 1887. Colaboraram nelle o dr. Aristides Serpa,

11 *Oeste de São Paulo* (1), 1884.
12 *Oeste de S. Paulo*, (2), 1888.

Nogueira da Gama, Oscar da Motta, dr. José Ignacio de Figueiredo, Ismaél Fremberg, Lafayette de Toledo e outros. Manuel Felix nasceu em Itajubá, Minas, a 5 de janeiro de 1825 e falleceu em Casa-Branca a 7 de março de 1888. Exerceu diversos cargos publicos em São Gonçalo de Sapucahy, Cabo-Verde e Itajubá, e foi 1.º tabelião interino desta cidade por decreto provincial de outubro de 1878. Em janeiro de 1881 foi nomeado promotor publico de Batataes. Muito auxiliou o construcção da Misericordia, de cuja mesa administrativa fez parte. Além do *Municipio*, escreveu dois folhetos — *Cabo-Verde* (São Paulo, typ. do *Constituinte*, 1879, in-4.º peq., 22 pag); *Cidade de Casa-Branca*, manifesto (São Paulo, typ. J. Seckler & C.ª, 1883. in-4.º gr., 4 pag.) e *A Misericordia de Casa-Branca*. (São Paulo typ, J. Seckler & C.ª 1887, in-8.º gr., 17 pag).

(1) Propriedade de Manuel Francisco de Paula Fernandes. Sahiu á luz a 25 de dezembro de 1884, sob a redacção do dr. Aristides Serpa. Desappareceu em 1885, quando, feita a fusão com o *Casabranquense*, foram ambos substituidos pelo *Bem Publico*

(2) Segundo deste titulo. O primeiro numero sahiu a 2 de setembro de 1888 a até março de 1890 foi publicado regularmente duas vezes por semana, sendo seus redactores o dr. Aristides Serpa e Lafayette de Toledo. Reduzindo o formato á metade, passou a ser publicado tres vezes por semana, voltando mais tarde a uma. Lafayette de Toledo, deixando a redacção em março de 1890, foi substituido por Eugenio Lefévre, que deu-lhe caracter politico (republicano), pois era imparcial. Retirando-se Lefévre em setembro, assumiu a redacção o dr. Serpa, passando a folha a ser opposicionista. O *Oeste*, até ao n. 6, pertenceu a Jeremias Sandoval, M. F. de Paula Fernandes e Manuel de Jesus Correia. Este foi sempre o gerente. Durante a primeira phase setembro de 1888 a março de 1890. foi este periodico um dos melhores do interior, e nelle escreve-

13 *Pintasilgo* (1), 1893.
14 *Fetiz* (2), 1889.
15 *Raio* (3), 1892.
16 *Rouxinól* (4), 1893.
17 *Semana* (5), 1993.

---

ram Arthur Lobo, Luiz Cassiano Junior, Valdomiro Silveira, conego Miguel Martins da Silva, dr. Ernesto Correia. Octaviano de Toledo, Pedro de Mattos, Candido Prado. Manuel de Moura Azevedo, Antonio Pantoia, dr. Pedro Agápio de Aquino, dr. Antonio Mercado dr- Ricardo Baptista, Joaquim Aguiar, A. M. Pinto Coelho, dr. Martim Francisco Filho, Napoleão Baldy e outros. Na segunda phase redigiram-no os drs. José Rodolpho Nunes e Delfim Carlos Bernardino Silva, e actualmente os srs. dr. Pereira das Neves e Alfredo Julio.

(1) Orgam jovial e noticioso. Editores: Justino Castro e João Luiz de Souza Campos. Começou a publicação em 8 de março e logo desappareceu.

(2) Propriedade de Benedicto Correia. Sahiu o primeiro numero a 22 de setembro e o ultimo a 27 de outubro. Era de formato *mignon*.

(3) Orgam politico e noticioso, redigido por F. Octaviano e B. Correia, publicado semanalmente. aos domimgos. Sahiram apenas oito numeros, sendo o primeiro a 31 de julho de 1892 e o ultimo a 18 de setembro. Era escripta em linguagem virulenta e incorrecta, constando ter sido escripto por Benedicto Maria de Toledo e bacharel Benedicto Castilho de Andrade.

(4) Publicou-se um numero sómente ; a 22 de outubro

(5) Orgam noticioso e litterario, propriedade de B. Correia & Rios. Do seguudo numero em diante declarou-se *folha sebastianista*, por critica aos partidarios da monarchia. Seu primeiro numero sahiu a publico no dia 26 de março de 1893 ; durou pouco tempo. Era redactor o dr. Valdomiro Silveira.

18 *Treze de Maio* (1) 1890.
19 *Trem da Tarde* (2), 1881.
20 *Typographo* (3), 1890.
21 *Voz do Povo* (4), 1881.
22 *Guanumby* (5) 1895.

CONCEIÇÃO DE ITANHAEN

1 *Aéreolitho* 1884.
2 *Itanhaén* 1893.

---

(1) Appareceu a 13 de maio de 1890 e logo morreu.

(2) Publicação diaria, Boletim do commercio de Casa Branca, dedicado aos interesses do municipio, appareceu a 13 de fevereiro de 1881, cessando a publicação dias depois e reapparecendo em abril, semanalmente, como « periodico dedicado aos interesses do municipio em particular e do progresso em geral », sob a gerencia de Luiz de Oliveira e propriedade de uma associação anonyma. Foram seus redactores: José Joaquim Gomes Villa-Maria, director de um collegio, e dr. Aristides Serpa,

(3) Orgam imparcial. Deu o primeiro numero em 25 de dezembro de 1890 e o segundo e ultimo (nova phase, anno II, n. 1) a 29 de maio de 1892.

(4) Semanario dedicado aos interesses do municipio de Casa-Branca, propriedade de Joaquim Ferreira de Castro e direcção de Manuel Francisco de Paula Fernandes. O primeiro numero é de 17 de setembro de 1881. Escreveram na *Voz do Povo*; Augusto Correia, dr. Serpa, Anlonio Pantoja. . .

(5) Semanario, publicado ás quintas-feiras. Direcção José de Manuel de Almeida Albuquerque e Alarico Silveira. Redactores: Octavio de Barros, Valdomiro Silveira, Moysés Horta de Macedo. Gerente: José Martins Pereira Balieiro. O n. 1 é de 8 de agosto.

CORDEIROS

1 *Alfinete* (1) 1895.

CUNHA

1 *Cunhense.*
2 *Conservador.*
3 *Municipio.*
4 *Redempção.*

DESCALVADO

1 *Actualidade* (4 de janeiro) 1885.
2 *Correio d' Oeste* (2) 1888.
3 *Campeão do Descalvado* (21 de agosto) 1890
4 *Descalvadense* (3) 1888.
5 *Descalvado* (1.º de janeiro) 1884.
6 *Gutenberg* 1888.
7 *Gazeta do Descalvado* (4) 1891.

---

(1) Appareceu em abril.

«Pouco maior de que o objecto que lhe serve de titulo é o periodico que acabam de nos remetter de Cordeiros.

E' impresso em Campinas, é noticioso e litterario tem sua graça e lê-se depresssa.

Com estas qualidades este Alfinete ha de crescer na estima publica e breve vel o hemos. . . . . especto.

Gratos pela remessa. (Correio Paulistano de 6 abril 1895),»

(2) Semanario politico, litterario, commercial e notocioso. Orgam do partido conservador. Foi redigido por Francisco das Chagas Ourique de Carvalho e outros.

(3) O *Descalvadense*, o *Campeão* e a *Tenda* foram redigidos pelo jornalista portuguez José Ferreira Martins. Aquelle appareceu a 15 de janeiro.

(4) Redactores: drs. Amancio Penteado e Candido Rodrigues. Gerente: José Victorino da Silva. Editor: José Rufiro Tavares, O n. 1 é de 5 de janeiro.

8 *Imprensa do Descalvado*, (3 de fevereiro) 1884.
9 *Lutador*, (1) 1893.
10 *Tenda*, 1889.
11 *Verdade*, 1884.

DOIS-CORREGOS

1 *Correio de Dois-Corregos*, 1886.
2 *Dois-Corregos*, 1893.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL

1 *Correio do Oeste*, (2), 1891.
2 *Cidade do Pinhal*, (3) 1892.
3 *Gazeta do Pinhal*, (4) 1888.

---

(1) Orgam republicano, de que são redactores o major Gabriel Lessa e o tenente-coronel Polycarpo Alves Normanha. Propriedade de uma associação.

(2) Semanario que, a principio intitulava-se orgam da opposicão partidaria do dr. Americo Brasiliense e tornou-se, depois, imparcial, porque as cousas não lhe correram bem. Durante alguns mezes sahiu a lume duas vezes por semana. Foi seu redactor o sr. Miguel Virginio, que o manteve por espaço de mais de um anno.

(3) Orgam popular; começou a sahir a luz, semanalmente, 3 de julho, tendo a sua frente, como redactores, os srs. capitães Armando de Almeida Vergueiro e Antonio Thomaz Pacheco Lessa, e como gerente o habil typographo Felix Vieira Cortes. Mais tarde retirou-se o primeiro daquelles redactores a empregar o seu precioso tempo e brilhante intelligencia em outros mistéteres, ficando até hoje como redactor-chefe o capitão Antonio Th. Pacheco Lessa. E' o unico jornal que nessa cidade agora existe.

(4) Semanario editado por Felix Vieira Cortes; era essencialmente noticioso e imparcial. O seu primeiro numero foi publicado a 11 de novembro de 1888 e o ultimo a 9 de maio do anno seguinte.

4 *Pinhalense*, (1) 1887.

FAXINA

1 *Eco do Sul*, 1889.
2 *Reorganisação*, (2), 1890.
3 *Sul de S. Paulo*, (3), 1889.
4 *O Sertanejo*, (4) 1889.

FRANCA

1 *Alfinete*, (novembro) 1894.
2 *Cidade da Franca*, (5) 1892.
3 *Camélia*, 1891.
4 *Correio da Franca*, (6) 1889.

---

(1) Publicação semanal, e cujo redactor foi o capitão Antonio Raposo de Almeida, que desempenhou-se de tão nobre quão espinhosa tarefa com o brilhantismo que era de se esperar do seu bello talento. Esta folha começou a ser publicada em 1887 e desappareceu no anno seguinte, sempre mantendo-se em uma posição imparcial.

(2) Periodico hebdomadario, de que era proprietario e redactor Eugenio Leonel, gerente, Evangelista Galvão e editor, R. de Carvalho.

(3) Semanario imparcial. Redactor Augusto Piedade.

(4) O 1.º numero do *Sertanejo* appareceo a 24 de março de 1889, sob a redacção de Augusto Piedade. Mais tarde denominou-se *Sul de S. Paulo*, dedicado exclusivamente a intereses municipaes.

(5) *A Cidade da Franca* substituiu o *Nono Districto* e era redigida por Fulgencio de Almeida, conego Candido Martins da Silveira Rosa, drs. Modesto Brandão e Frederico do Nascimento Moura.

(6) *O Correio de Franca*, começou a ser publicado em março de 1887, era orgam conservador sob a redacção do sr. Alvaro Abranches Lopes.

5 *Correio Popular*, (1) 1893.
6 *Épocha*, (2) 1892.
7 *Francano*, (3) 1889.
8 *Gazeta da Franca*, (4) 1884.
9 *Gazetinha Familiar*, 1885.
10 *Gazetinha*, 1892.
11 *Jasmim*.
12 *Justiça*, (5) 1888.
13 *Nono Districto*, (6) 1888.
14 *Papagaio*, 1888.
15 *Rosa-Chá*, 1885.
16 *Sentinêla*.
17 *Tiradentes*, (7) 1886.
18 *Perdão, Amor e Caridade*, 1895.

---

(1) Director e gerente: Antonio Simplicio da Costa, que dirigira tambem o *Papagaio* e a *Gazetinha Familiar*.

(2) Orgam opposicionista ao governo. E' dirigido por Guilherme Woss.

(3) Redigido por Alvaro Abranches Lopes, que egualmente escrevêra na *Rosa-Chá* e na *Gazeta da Franca*. Proprietarios: José Guermer de Almeida & C.ª.

(4) Redactor, José Alfredo Lopes.

(5) Publicou-se até 1888, e era redigida pelo dr. Estevam Leão Bourroul, que redigiu depois o *Correio da Franca*, em 1890, sob o pseudonymo de *Iskander*.

(6) O primeiro jornal que appareceu na Franca, e existiu até 1890. Fundado por Cesar Augusto Ribeiro, actual director do *Commercio de S. Paulo*, e Gaspar da Silva, passou mais tarde a ser dirigido por Simplicio Villaça e dr. João de Faria.

(7) Orgam do partido republicano da Franca. Redactor politico, *Marat* (Cesar Ribeiro?); e editor, Alvaro Abranches Lopes. Appareceu em fevereiro de 1886, e publicou 33 numeros, sendo o ultimo a 17 de outubro. Era impresso na typographia do *Nono Districto*.

19 *Castigo, Odio e Egoismo*; (1) 1895.

GUARATINGUETA'

1 *Atalaia*, (2) 1879.
2 *Americano*, 1885.
3 *Correio do Norte*, 1889.
4 *Cruz*, (3) 1878.
5 *Cinco de Janeiro*, (4) 1878.
6 *Estrella*.
7 *Paulista*.

---

(1) «Temos em mãos os primeiros numeros d'este jornal, orgam do spiritismo francano e habilmente redigido pela scintillante penna do nosso sympathico e illustrado amigo Alexandre Vieira.

«Apezar do nosso collega occupar-se em dirigir pilherias a alguns conterraneos nossos, não podemos deixar de aprecial-o, porque, além de bem escripto, é jocoso á valer.

«Não podemos dizer nada a respeito do que diz o collega, visto que os spiritos ou spiritas é que se combatem. . . » (Noticia do *Correio Popular*).

(2) Editor: Antonio Veloso Nogueira.

(3) Periodico catholico, propriedade de Alexandre A. Teixeira Machado.

(4) *O Cinco de Janeiro* e *O Atalaia*, periodicos republicanos, foram redigidos pelo dr. Lycurgo de Castro Santos, filho do dr. José Manuel de Castro Santos e do d. Porcia Castro Santos, nascido em Guaratinguetá, em 1848 e fallecido em 20 de janeiro de 1893, na cidade do seu nascimento. Doutorou-se em medicina em 1876, tendo feito com brilhantismo o seu curso academico. Logo depois de formado seguio para Europa a aperfeiçoar seus estudos, e regressou em principios de 1878 para Guaratinguetá, onde estabeleceu clinica. Foi eleito senador estadoal ao Congresso Constituinte de 1891, era um democrata ardente e convicto. Escreveu um perfil de Emilio Litré, de cuja escola philosophica era adepto, e um opusculo de polemica: *A liberdade espi-*

8 *Democrata*, 1872.
9 *Estrella do Norte*, 1873.
10 *Gazeta do Norte*, 1873.
11 *Gazetinha*, (dezembro) 1881.

---

ritual e a philosophia positiva, publicado em 1888, onde patenteou uma erudição não vulgar e conhecimento profundo da questão. Pouco antes de morrer, escreveu ao *Estado de S. Paulo*, a seguinte carta: «Estou profundamente doente e sinto-me muito mal. Parece-me que morrerei hoje ou amanhan de uma febre grave. Estou, porém, lucido e affirmo solemnemente as minhas opiniões philosophicas e republicanas de toda a minha vida.»

Relativamente ao *Cinco de Janeiro*, escreve-nos o distincto jornalista dr. João de Oliveira, lente da faculdade de direito de Pernambuco, o seguinte:

«Com relação ao *Cinco de Janeiro*, que dá v. como orgam republicano, escripto pelo fallecido dr. Lycurgo peço-lhe permissão para dizer que o simples titulo *Cinco de Janeiro* denota a feição *liberal monarchica* desse jornal, cujo n. 1, anno I, possuo e cujo artigo-programma é bastante explicito nesse sentido. Era *orgam liberal*, batendo-se com o *Parahiba*, orgam conservador.

Quem, como eu, lutou pelo idéial republicano (gloriosa batalha que nos levou, a mim pelo menos, a conquista de uma grande... desillusão), sabe que os republicanos brasileiros receberam de lança em riste o gabinete do sr. Sinimbú, eivado da traição do sr. Lafayette; o sr. Martinho Prado, na Assembléa Provincial, e a *Provincia de S. Paulo*, atacaram rijamente a nova situação, e era impossivel que o dr. Lycurgo, republicano, se abrigasse á tenda do *Cinco de Janeiro*. Não quero depreciar os meritos do dr. Lycurgo, em cuja vida politica só encontro o erro de ter feito parte do Congresso Paulista de 1891, que adheriu, com o sr. Americo, ao vergonhoso golpe de 4 de novembro.»

Completando essa noticia, escreve-nos o dr. Miranda Azevedo:

12 *Imparcial*, 1890.
13 *Imprensa Guaratinguetáense.*
14 *Jornal da Noite*, 1887.
15 *Jornal do Povo*, 1873.
16 *Jornal para Todos*, 1883.

«*O Cinco de Janeiro*, foi fundado para orgam do partido liberal e como tal se manteve até o fim. O dr. Lycurgo de Castro Santos, chegando da Europa, alliou-se ao grupo liberal, e exerceu até o lugar de supplente de subdelegado, nomeado pelo presidente dr. J. Baptista Pereira. Foi redactor desse periodico quasi até o fim, quando fundado o partido republicano em 1880, desligou-se dos liberaes, e na folha accentuou a nova orientação. *O Atalaia*, veio antes, e mais tarde declarou-se republicano. Ao chegar em Guaratinguetá em 1878, não existia nucleo republicano; havia porém, um bom grupo de correligionarios, que graças aos meus esforços, aos do venerando Francisco Cesláo, de Lindolpho Francisco de Paula, de Maximo dos Santos, do dr. Lycurgo e outros, tomou uma boa organisação. Em abril de 1880, estava fundado o Club Republicano, que desde então não cessou de trabalhar na propaganda de suas idéas.

«Constituida a primeira reunião, e tendo sido escolhido para presidente do Club, não por meritos pessoaes, mas por ser o unico signatario do *Manifesto de 3 de dezembro*, ali presente, declinei da honra e propuz, que coubesse ella, a um guaratinguetaense, lembrando o nome do dr. Lycurgo de Castro Santos, que foi acceito unanimemente, bem como a idéa de ser, o nosso representante, á sessão do *Congresso Republicano*; que reunia esse anno em S. Paulo. Para completar estes rapidos traços historicos, direi que o Club inaugurou-se com cerca de 50 socios; e a sua primeira directoria, ficou constituida assim: presidente dr. Lycurgo de Castro Santos, vice-presidente Antonio Antunes de Vasconcellos, 1.º secretario Francisco Cesláo de Paula Oliveira, 2.º secretario Lindolpho Francisco de Paula, orador d. A. C. de Miranda Azevedo, thesoureiro Antonio José da Rocha, procurador José Velho Sobrinho.»

17 *Liberal*, 1881.
18 *Mosaico*, (1) 1862.
19 *Norte de S. Paulo*, (11 janeiro) 1880.
20 *Pygmeo*, 1889.
21 *Patria Paulista*, (2) 1889.
22 *Pequeno Jornal*, (novembro) 1890.
23 *Parahiba*, (3) 1863.
24 *Parahiba*, 1881.
25 *Roma*. 1884.
26 *Seculo*, (4) 1875.
27 *Tribuna do Norte*.
28 *Voz do Povo*, 1875.
29 *Estrella Paulistana*.
30 *Democrata*, 1869.
31 *Guaratinguetá*, 1875.
32 *Tribuna Paulista*, 1877.

---

(1) A respeito do *Mosaico*, escreve-nos o dr. Miranda Azevedo:

«Creio que foi este o primeiro periodico que se imprimio em Guaratinguetá, era litterario e noticioso, sem côr politica. Vi uma collecção em mãos do fallecido Antonio Cazemiro de Macedo, um dos seus fundadores e collaborador dos mais assiduos. Para elle, escrevião distintos guaratinguetaenses como os drs. Martiniano de Oliveira Borges, Oliveira Braga, Castro Santos e outros, embora divididos por opiniões politicas adversas. Dá uma fiel idéa do adiantamento intellectual daquella cidade nessa epocha.»

(2) Orgam republicano, dirigido por José da Silva Passos

(3) Nesta folha, em 1867, declarou-se republicano o sempre chorado Julio Ribeiro, n'um artigo que escrevéra sobre o presidente Juarez. Era orgão do partido conservador e por longos annos foi seu redactor o dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

(4) Orgam democratico, de que era proprietario Antonio Cuba, autor dos folhetos *Capella da Apparecida* (1874) e *Rabiscos* (1878).

33 *Guaratinguetáense*, 1877.
34 *Gazeta do Norte*, 1883.
35 *Ensaio*, 1885.
36 *Gaiato*, 1885.
37 *Boa Nova*, 1 85.
38 *Progresso*, 1886.
39 *Ventosa*, 1887.
40 *Boquirroto*, 1887.
41 *Porvir*, 1889.
42 *Ramalhete*, 1880.
43 *Gazetégue*, 1890.
44 *Violeta*, 1890.
45 *Violeta*, 1892.
46 *União*, (7 de abril) 1892.
47 *Curioso*, (20 abril) 1893.
48 *Artista*, 1894.
49 *Vespa*, 1889.

IGUAPE

1 *Artista*, 1885.
2 *Commercio de Iguape*, (1) 1876.
3 *Iguapense*, (2).

---

(1) O primeiro numero foi publicado em julho. Seo redactor, desde a fundação até hoje, tem sido o capitão Joaquim Dias da Silva Martins. Foi orgam conservador monarchista, mas adheriu a Republica, tem bom material e nunca interrompeu a sua publicação.

(2) Fundado pelo tenente José Antonio Peniche, nesse tempo chefe liberal, que o redigiu sempre, tendo em diversas epochas como auxiliares Octaviano Carneiro, Faustino de Oliveira Ribeiro Junior, etc; adheriu a Republica e tornou se orgam governista em tempo da presidencia do dr. Bernardino. Foi empastellado pela opposição em 1892 e, em 1894, suspendeu a sua publicação por ameaça de novo empastellamento. Tem dous prelos e material completo, podendo reapparecer a qualquer hora.

4 *Municipio de Iguape*, (1).
5 *Barrete*.
6 *Bouquet de Flores* (2).
7 *Bilontra*.
8 *Carapuça*.
9 *Democrata*, (3).
10 *Gazeta de Iguape*, (4).
11 *Labaro*.
12 *Medusa*.
13 *Plebeu*.
14 *Sul-Paulista*.
15 *Tezourinha*.

ITAPIRA

1 *Luz*, 1884.

ITATIBA

1 *Binoculo*, 1881.
2 *Correio de Itatiba*, (5) 1885.
3 *Correio de Itatiba*, (6) 1893.
4 *Cidade de Itatiba*, 1 90.
5 *Despertador*, 1890.

---

(1) Fundado por Francisco Aives Pereira e redigido por Abel Fortes; orgam opposicionista em 1892, foi empastellado em rapresalia ao empastellamento do *Iguapense* e não reappareceu mais. Tem bom prelo que funcciona como typographia commum.

(2) Foi seu redactor Joaquim José Rebello Junior.

(3) O primeiro numero appareceu em 26 de fevereiro. Redactor: o tenente Octaviano Carneiro Braga.

(4) Publicou-se uma ou duas vezes somente em substituição ao *Commercio* que tinha desapparecido.

(5) O jornal deste titulo, propriedade de Octavio Machado, começou a publicação em junho.

(6) Propriedade de Miguel Virgilio dos Santos.

6 *Progresso*, 1884.
7 *Reforma*, 1882.
8 *Vigilante*, (dezembro) 1895.

ITAPETININGA

1 *Autonomista*, 1892.
2 *Corisco*, 1877.
3 *Gutenberg*, 1879.
4 *Itapetininga*, 1887.
5 *Municipio*, (1) 1875.
6 *Partido Municipal*, 1876.
7 *Sul-Paulista*, 1879.
8 *Sul de S. Paulo*, 1881.
9 *Tribúna Popular*, 1893.
10 *Republicano*, 1895.

---

(1) Brilhantemente redigido pelo dr. Venancio de Oliveira Ayres, natural de Itapetininga, onde estabeleceu o seu escriptorio de advocacia, logo depois de formado. Foi eleito deputado provincial, e nesse cargo se distinguio pela sua independencia e elevação de vistas. Fundou em Itapetininga o partido municipal, e apparecendo o manifesto de 1870, foi a sua uma das primeiras adhesões que obteve em S. Paulo o partido nascente. Mudando se para o Rio Grande do Sul, onde falleceu, fundou ali um excellente jornal, o *Padre Feijó*, em que combatteu com inexcedivel patriotismo pelos santos principios da liberdade. Teve a assignalada honra de ser primeiro candidato republicano naquella antiga provincia. Foi o primeiro redactor da *Federação*, a legendaria folha rio-grandense. Era um abnegado e o prova o seguinte echo de um artigo publicado na *Federação*, pelo dr Ramiro Barcellos, em dezembro de 1889:

«Um grupo de moços privava se frequentemente de grande parte dos seus parcos rendimentos para acudir á subsistencia desta filha querida, portadora de suas esperanças, transmissora da sua fé, depositaria de suas

ITU'

1 *Cidade de Itú*, (1) 1883.
2 *Correio de Itú*, (2) 1886.

---

locubrações patrioticas. Em uma dessas occasiões de crise financeira, em que já pareciam esgotados todos os recursos, chegou a correr por entre os nossos a desoladora noticia de que a *Federação* ia tocar ao extremo de cessar a sua publicação! Como em todos os outros embaraços semelhantes, a Commissão Executiva do partido conferenciava diariamente afim de descobrir os meios de debellar a crise. Eis que repentinamente nos chega de confins de Rio Grande, onde Venancio Ayres, recem descansava das labores de redactor em chefe, uma carta deste grande cidadão, que foi cognominado o santo, em que simplesmente dizia elle, no seu estylo biblico tão incisivo e elegante: «*A Federação* não póde morrer E' a unica filha que tenho.

Já achei comprador para o meu pequeno pedaço de campo e para algumas vaccas que possuo. Tudo isto é para *A Federação*. Aguentem a crise que não demorarei em mandar-lhes recursos.»

Não foi preciso. Quando nos chegou ás mãos a carta de Venancio, já haviamos conseguido meios para conjurar o desastre.»

(1) Está no segundo anno de existencia. E' propriedade de F. P. Mendes Neto e teve como seu primeiro gerente José Antonio da Silva Pinheiro. Nella têm colaborado, entre outros, os srs. drs. Eugenio Fonseca e Galdino Correia Lobo. O 1º numero é de 15 de junho.

(2) Fundado em 1886 pelo dr. F. F. de Barros Junior e redigido pelo dr. Augusto Cesar de Barros Cruz, tendo como gerente o sr. Antonio de Castro Andrade.

Era orgam republicano e abolicionista.

Redigi-o tambem em 1887.

Cessou a publicação por difficuldades que lhe foram creadas por questões de abolicionismo.

Reappareceu, porém, em principio de 1888 como folha extremamente defensora da liberdade dos captivos, com o nome de *Gazeta da Tarde*.

3 *Esperança*, 1867.
4 *Gazeta da Tarde*, (1) 1888.
5 *Gazeta do Novo Mundo* (7 setembro) 1881.
6 *Imprensa Ituana*, (2) 1877.

---

(1) Teve uma existencia ephémera, pois cessou a publicação logo depois do apparecimento do decreto que aboliu a escravidão no Brazil.

Teve muitas vezes ameaçada a sua typographia pelos esclavocratas.

Fui tambem seu collaborador.

(2) Appareceu em 1877, fundada pelo tenente Feliciano Leite Pacheco, já fallecido, que a dirigiu por algum tempo.

Em 1887 começou a ser publicada diariamente, foi então o seu periodo aureo, tendo como redactores o dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, engenheiro, actualmente socio da casa Prado, Chaves & Comp., desta capital, João Thomaz de Mello Alves, então juiz de direito de Ytú, e hoje juiz da 1ª vara desta capital, e Francisco José da Silveira Lobo, nosso consul actual em Antuerpia.

A gerencia estava entregue ao sr. Luiz Borges de Sampaio, depois redactor do *Correio da Limeira*, e hoje fallecido.

Era então francamente republicana.

Em fins de 1888 passou a ser propriedade dos srs. dr. Octaviano Pereira Mendes e F. P. Mendes Netto, sendo redigido pelo sr. Ricardo Azamor e outros.

Em fins de 1889 me foi confiada a sua direcção até 1891, quando cessou a sua publicação para reapparecer, pouco depois, com a denominação de *Cidade de Itú*. Nella collaboraram, desde os seus primeiros tempos, illustres cidadãos. Lembro-me, de memoria, dos srs. drs. Francisco Nardy de Vasconcellos, Eugenio Fonseca, Baptista de Lima, João de Mesquita Barros e Fernando Maria Nogueira da Motta, pae dos drs. Candido Motta e João Motta.

(Estas notas são do sr. Tancredo do Amaral).

JABOTICABAL

1 *Café*, (1) 1894.
2 *Correio do Sertão*, (2) 1894.
3 *Trabalho*, (3) 1889.

JACAREHY

1 *Correio do Norte.*
2 *Gutemberg*, 1883.
3 *Gazeta de Jacarehy*, 1889.
4 *Luz*, 1886.
5 *Municipio*, 18 3.
6 *Novo Apolo.*
7 *Pirilampo*, 1885.
8 *Correio de Jacarehy*, 4 1895.

JAHU'

1 *Camelia*, 1893.
2 *Cidade de Jahú*, (junho) 1893.
3 *Commercio de Jahú*, 1891.
4 *Despertador*, 1887.

---

(1) Jornal fundado por João Teixeira, em principio do anno, para advogar os interesses da lavoura; porém, logo cessou a sua publicação sendo a sua typographia comprada pelos drs. Luiz Zacharias de Lima e José Ferraz de Oliveira em outubro.

(2) Fundado pelos drs. Zacharias de Lima e Torres de Oliveira em substituição do *Café* e dedica-se a defesa dos interesses locaes.

(3) Fundado em julho por Americo Penna e redigido pelos drs. Galhardo Madeira e Eduardo Ribeira; era sem côr politica e durou pouco.

(4) Appareceu em outubro, sob a redacção de Basilio de Magallães e gerencia de Abel Nogueira. E' semanario e apparece aos domingos.

5 *Gazeta de Jahú*, 1891.
6 *Jahúense*, 1889.
7 *Correio de Jahú*, (10 outubro) 1895.

JUNDIAHY

1 *Cidade de Jundiahy*, 1890.
2 *Seculo*.
3 *Thema*, 1893.

LEME

1 *Gazeta do Leme*, (1) 1895.

LENÇOES

1 *Fiat-Lux*, (2) 1889.
2 *Correio de Lençóes*, (março) 1895.

LIMEIRA

1 *Arte*, 1892.
2 *Cidade de Limeira*, (outubro) 1894.
3 *Correio da Limeira*, (3) 1888.
4 *Colibri*, 1888.
5 *Clarim*, 1882.
6 *Democrata*, 1878.
7 *Gazetinha*, 1891.
8 *Limeirense*
9 *Sentinela*.
10 *Tribuna do Oeste*, 1886.

---

(1) Semanario popular, propriedade de J. Victorino, dirigido por Arthur Aguiar.

(2) Orgam imparcial, noticioso e commercial. Propriedade e direcção de uma associação particular. Edito rresponsavel, Raul da Silva.

(3) Redigido por J. Quadros Sobrinho, dr. Octaviano da Costa Vieira e outros. Propriedade de Luiz Borges de Sampaio.

11 *Trem*, 1889.
12 *Vespa*, (julho) 1894.
14 *Municipio*, (abril) 1895.

LORENA

1 *Alavanca*, 1889.
2 *Gazêta de Lorêna*, (1) 1877.
3 *Himalaya*, 1881.
4 *Imprensa de Lorêna*, 1884.
5 *Juventude*, 1885.
6 *Lorenênse*, (2) 1872.
7 *Patriota*, 1888.
8 *Progreso de Lorêna*, 1888.
9 *Semanario*, (3) 1885.
10 *Tribuna*.
11 *Victoria Liberal*, 1889.
12 *Municipio*, (março) 1895.

MOCOCA

1 *High-Life Mocoquense*, (12 junho) 1893.
2 *Monitor Paulista*, (4) 1888.
3 *Porvir*, (5).

---

(1) Redacção de Alexandre Riedel.
(2) Editor, Manuel A. Góes Moreira.
(3) Redactor, Antonio C. de Assis Camargo.
(4) Fundado e dirigido pelo tenente Wenceslau de Almeida, natural de Minas Geraes, e collaborado por Antonio Rabello Cysterna, dr. José Mendes, dr. Augusto Barreto, dr. Estevão Bourroul, Lafayette de Toledo e outros.
(5) Folha de formato mignon, editada por Adeodado de Alvarenga e da que foi redactora d. Carmelitana Arantes. Era impresso na typographia do *Monitor Paulista*, e durou pouco tempo.

MOGY DAS CRUZES

1 *Gazeta de Mogy das Cruzes*, 1881.
2 *Gazeta de Mogy das Cruzes*, 1892.
3 *Ipiranga*.
4 *Mogyano*, (1) 1885.
5 *Primavera*, 1884.

MOGY MIRIM

1 *Athleta*, (27 setembro) 1893.
2 *Brado da Lavoura*, 1883.
3 *E'cho Magyano*, 1880.
4 *Correio Mogyano*, 1884.
5 *Diario de Mogymirim*.
6 *Domingo*, 1888.
7 *Gazeta de Mogymirim*, 1878.
8 *Gazeta de Mogymirim*, (2) 1886.
9 *Independente*, (3) 1872.
10 *Cidade de Mogymirim*, (4) 1894.
11 *Imprensa Mogyana*, 1879.
12 *Imprensa*, 1894

---

(1) Este jornal tinha por lemma as palavras que hoje figuram na nossa bandeira: *Ordem e Progresso*.

(2) Começou a publicação a 20 de junho. Na *Gazeta* têm escripto os srs. dr. Alexandre Coelho, Sebastião Dias, Luiz de Campos, João Mendes de Almeida Junior e Estevam Leão Bourroul. E' orgam do *Club Cosmopolita*.

(3) O fundador da imprensa em Mogymirim, fo Antonio Felix de Souza Brito, conhecido pela alcunhai de *Tatu*. *O Independente*, de que foi redactor, publicou-se durante muitos annos.

(4) Periodico litterario, noticioso e commercial, publicado una vez por semana, sob a direcção de Francisco Octaviano. Appareceu em Agosto.

13 *Mogyano.*
14 *Mogymiriano.*
15 *Musica*, 1893.
16 *Ordem* 1894.
17 *Progresso*, (1) 1873.
18 *Povo*, 1892.
19 *Regenerador.*
20 *Situação*, 1882.
21 *Tribuna Popular*, (2) 1889.
22 *Tribuna*, 1893.
23 *Tatú*, (3) 1873.
24 *Buscapé.*

PEDREIRA

Estrella Polar, (4) 1893.

---

(1) Proprietario. João Alberto de Oliveira Prado, e gerente, João Rodrigues de Barros.

(2) Com o fim de batalhar pela propaganda republicana, appareceu a *Tribuna Popular*, a 7 de setembro de 1889, tendo como redactor chefe o tenente Pedro Paulo de Mattos, filho do finado capitão Ignacio de Mattos e de d. Maria de Mattos, e nascido em Mogymirim a 29 de junho de 1867. O tenente Mattos redigiu tambem o *Povo*, a *Tribuna*, o *Ribeirão-Preto* e a *Cidade do Amparo.*

(3) Periodico humoristico e litterario. Redactor-proprietario, Antonio Felix de Souza Brito. Logo abaixo do titulo traz a figura do animal que lhe deu a denominação. Era impresso na typographia do *Progresso.*

(4) Redactor, padre dr. Alexandrino Felicissimo de Rego Barros, natural de Pernambuco. Periodico bimensal, consagrado á instrucção religiosa, scientifica e litteraria.

PINDAMONHANGABA

1 *Americano*, (1) 1872.
2 *Amigo da Infancia*, 1890.
3 *Bem Publico*, (7 outubro) 1877.
4 *Binóculo*, 1878.
5 *Correio do Norte*, 1886.
6 *Comboio*, (setembro) 1895.
7 *Democracia*, 1875.
8 *Democracia*, (20 maio) 1879.
9 *Diario do Norte*, (2) 1877.
10 *Esculápio*, 1891.
11 *Echo do Professorado*, (3) 1873.
12 *Ensaio*, 1875.
13 *Gazeta do Norte*, 1879.
14 *Gazeta Semanal*, 1892.
15 *Guarany*, 1890.
16 *Gralha*, (7 setembro) 1891.
17 *Holophôte*, (outubro) 1894.
18 *Imparcial*, 1882.
19 *Juvenil*, 1893.
20 *Miniatura*, 1887.
21 *Nauta*, 1883.
22 *Norte de S. Paulo*, 1863.
23 *Officina*, 1884.

---

(1) Orgam da democracia de Pindamonhangaba. Empreza de João Baptista de Mendonça.

(2) Redigido pelo jornalista portuguez Alfredo de Almeida, fallecido em S. Paulo a 30 de agosto de 1887, e que dirigiu tambem *A Opinião Liberal*, de Campinas, *O Liberal Paulista*, de São Paulo, e *O Paulista*, de Taubaté.

(3) Periodico pedagogico, instructivo e recreativo, publicado semanalmente, pelo professor F. Xavier Asssis.

24 *Patriota*, 1890.
25 *Paulista*, (27 setembro) 1891.
26 *Pharmacia Gouveia*, 1884.
27 *Pery*, 1882.
28 *Pindamonhangabense*, 1867.
29 *Pindamonhangabense*, 1891.
30 *Progresso*, 1864.
31 *Recreio*, 1889.
32 *Terceiro Districto*, (30 novembro) 1882.
33 *Trabalho*, 1884.
34 *Tribuna do Norte*, (11 junho) 1182.
35 *Volitivo*, 1892.
36 *Viola*. (julho) 1895.

PIRACICABA

1 *Alvorada*, (1) 1880.
2 *Bugre*, 1878.
3 *Collegial*, (2) 1880.
4 *Corisco*, (3) 1879.
5 *Democracia*, (4) 1879.

---

(1) Orgam democratico, impresso na typographia, de A G. Escobar e editado por Joaquim E. de Almeida Proença.

(2) *O Collegial*, que publicou treze numeros, nasceu a 7 de setembro de 1880, era orgam do *Collegio Albuquerque* Seus redactores, então meninos de dez a onze annos, foram os drs. Antonio José de Moraes Barros, advogado em Piracicaba, José Pisa e Joaquim Piza, estes filhos do dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal.

(3) Periodico critico e humoristico, editado por J. A. Damasceno e J. P. L. Rodrigues.

(4) Redactor e proprietario Antonio Gomes de Escobar, de quem farei menção, e que foi redactor tambem do *Piracicaba*, folha imparcial.

6 *Diario de Piracicaba.*
7 *Espanador,* (abril) 1887.
8 *Grilo,* 1880.
9 *Gazeta de Piracicaba,* 1882.
10 *Jasmim,* 1895
11 *Jornal do Povo.*
12 *Lavrador Paulista,* (1.º janeiro) 1888.
13 *Piracicaba,* 1876.
14 *Piracicabano.*

PIRASSUNUNGA

1 *E'cho de Pirassununga,* (1) 1876.
2 *Imprensa,* (julho) 1895.
3 *Intransigente,* 1895.
4 *Locomotiva.* 1881.
5 *Nebulosa,* 1887.
6 *Opinião,* (2) 18 7.
7 *Opinião Publica,* (16 outubro) 1887.
8 *Pirassununga,* 1886.
9 *Pirassununga*ense.
10 *Patria Paulista.*
11 *Rio Branco,* 1882.
12 *Tim-tim,* (abril) 1894.

---

(1) Fundado por Francisco dos Santos Bastos.

(2) A seu respeito, em novembro de 1895, escreveu o *Diario Popular*:

«*A Opinião.*—Reappareceu na cidade de Pirassununga, depois de cinco mezes de interrupção, este nosso distincto collega, que alli foi fundado em 1887, pelo nosso illustre confrade Francisco Conceição

Muitos são os serviços prestados aquella localidade, durante os oito annos de existencia, pelo nosso collega. Apezar de ter mudado de redactor, acreditamos que o gentil collega continuará a trilhar a rota que lhe foi traçada pelo seu fundador, e que foi sempre a linguagem morigerada, criterio e moralidade.»

QUELUZ

1 *Colibrí.*
2 *E'cho Quetuzense*, 1873.
3 *Gazeta de Queluz*, 1892.
4 *Quelúzense.*

REDEMPÇAO

1 *Treze de Maio*, (15 julho) 1888.

RIBEIRÃO-PRETO

1 *Folha do Povo*, 1892.
2 *Gazeta de Ribeirão-Preto*, 1885.
3 *Imparcial*, 1892.
4 *Intransigente*, 1891.
5 *Luta*, (1) 1884.
6 *Locomotiva*, 1890.
7 *Martéllo*, 1894.
8 *Municipio*, 1892.
9 *Meteóro*, (2) 1894.
10 *Ribeirão-Preto*, (3) 1889.
11 *Setimo Districto*, (4) 1893.
12 *São Paulo e Minas*, (5) 1895.

---

(1) Fundada e redigida pelo sr. Ramiro Pimentel. Foi o primeiro jornal de Ribeirão Preto.

(2) O n. 1, é de 19 de setembro. Redactor Alfredo Rezende.

(3) Redigido por Alvaro Ramos.

(4) Durou até 31 de março de 1895, e foi redigido pelos drs. Alfredo Pujol, Francisco Antonio Cesar, Sebastião Lobo, Eduardo Leite Ribeiro e Joaquim Lobo.

(5) Appareceu a 14 de abril, com a declaração de ex-*Gazeta de Uberaba*, fundada em 1879, anno XVII, n. 1.032. Publica-se duas vezes por semana, circúla em grande parte do Oéste do Estado, e actualmente é o jornal de maior circulação no triangulo mineiro e Sul de Goyaz. Editor, Tobias Antonio Rosa, e redactor, Theophilo de Assis Barbosa.

13 *Repórter*, (1) 1892.

RIO-CLARO

1 *Alpha*, (2) 1878.
2 *Caipira*, 1875.
3 *Correio da Tarde*, 1894.
4 *Correio do Oeste*, (3), 1880.
5 *Correio do Sertão*, (4).
6 *Correio do Rio-Claro*, 1881.

---

(1) Impresso ás quartas-feiras e sabbados, é orgam de grande circulação. Director politico. Elpidio Gomes; director-gerente, Juvenal de Sá, e redactor, dr. Tito de Sá. Tiragem, 2.700 exemplares.

(2) O redactor do *Alpha* foi Augusto Cintra, fallecido em 1886, no Jaboticabal. Era um moço talentoso e illustrado, um eximio *virtuose*, assás admirado onde quer que fizesse ouvir o seu magico violino ou a sua bella voz de *basso soprano*. Falleceu aos trinta e poucos annos de edade e era paulista.

(3) Editor-gerente, Nicoláu Wendling.

(4) Era seu redactor o intelligente sacerdote portuguez, padre Antonio Alvares Guedes Vaz, residente em Ribeirão-Bonito.

«O padre Antonio A. Guedes Vaz, natural de Lamego, era um ardente miguelista e durante o tempo que residiu no Rio de Janeiro, não deixava passar o anniversario do fallecimento de d. Miguel, sem fazer celebrar exequias solemnes.

Fundou e dirigiu um acreditado collegio de instrucção secundaria, que substituiu o do conhecido barão de Tauphœus, que durou até 1870. Foi um dos fundadores do *Lyceu Litterario Portuguez*; com o dr. Ferraz de Macedo, Cunha Vasco, Pedro de Almeida, Pinho e outros. Foi tambem o principal fundador e primeiro gerente do *Cruzeiro*, que se publicou no Rio de Janeiro. Mudando se para S. Paulo, filiou se ao partido republicano.» —(M. Azevedo.)

7 *Commercio do Rio-Claro*, 1889.
8 *Diario do Rio-Claro*, (1) 1886.
9 *E'cho do Povo*, (2) 1872.
10 *Espumas*, (dezembro) 1895.
11 *Estrella do Oeste*, (3) 1873.
12 *Gazeta de Rio-Claro*, 1892.
13 *Gazetinha*, 1895.
14 *Jasmim*, 1894.
15 *Rio-Clarense*.
16 *Raio*, (21 abril) 1894.
17 *Seculo XIX*, (4) 1886.
18 *Tempo*, (3 julho) 1882.
19 *Trem*, (5).
20 *Treze de Maio*, 1888.
21 *Rio-Claro*, (1.º janeiro) 1895.
22 *Rio Claro*, (6) 1895.

---

(1) E' seu redactor o esforçado e infatigavel republicano José David Teixeira, que ha muito sustenta a imprensa no Rio-Claro. Appareceu a 1.º de setembro.

(2) Redigido pelo jornalista rio-grandense Nicanôr Nolasco Rodriguez Vaz. Desappareceu logo.

(3) Era redigido pelo intelligente cidadão Antonio Gomes de Escobar, natural de Mogymirim e fallecido em Piracicaba, onde manteve diversos jornaes. Desappareceu em 1876.

(4) Orgam da classe caixeiral, creado por Eduardo Ribeiro Leite, e que relevantes serviços prestou a essa classe.

(5) Publicado por diversos rapazes, sendo um dos redactores o sr. Candido Prado, actualmente morador em Tres-Pontas, Minas, e que fôra redactor do *Tiradentes*, de S. José do Rio Pardo.

(6) Orgam republicano; foi um dos seus redactores, o cidadão Francisco de Assis Salles, fallecido em agosto de 1895.

SALTO DE YTU'

1 *Correio do Salto*, (1) 1888.

SANTA BARBARA

1 *Aurora*, 1888.

SANTA CRUZ DAS PALMEIRAS

1 *Oeste de S. Paulo*, 1884.
2 *Palmeirense*, (2) 1895.
3 *Tempo*, (julho) 1895.

---

(1) *Correio do Salto.*—Appareceu em 4 de outubro de 1888, quando estava em grande effervescencia a idéa republicana, Foi fundado exclusivamente para fazer a sua propaganda, no 4.º districto, pelo dr. F. F. de Barros Junior, meu velho e distincto amigo ex-deputado ao Congresso Estadoal, que me confiou a sua redacção e que nella tambem me auxiliara efficazmente.

Tinha a collaboração dos srs. drs. Eugenio Fonseca, Luiz Serra, então academico de direito, que depois fez parte da redacção d'*O Estado de S. Paulo;* Fernando Bonilha Junior, João Thomaz de Mello Alves, que escrevia com o pseudonymo de *Masaniello;* Fernando Maria Nogueira da Motta, o nosso mais dedicado e incansavel auxiliar; Galdino Corrêa e outros cidadãos.

Suspendeu a sua publicação depois da proclamação da Republica, sendo o seu ultimo artigo de despedida firmado por mim e Barros Junior, depois de um numero commemorativo do grande acontecimento.

Reappareceu no anno seguinte com o mesmo nome, debaixo da redacção do meu ex companheiro de luctas e da gerencia do professor normalista Pedro Kiehl.

(Tancredo do Amaral).

(2) Orgam imparcial e noticioso, dedicado aos interesses do municipio. Publicação aos domingos. Proprietario e redactor-chefe, dr. José Silvino de Faria. Appareeeu a 16 de junho.

SANTA CRUZ DO RIO PARDO

1 *Parapanema*, (30 novembro) 1895.

SANTA IZABEL

1 *Cidade de Santa Izabel*, 1894.
2 *Patria Livre*, 1888.

SANTA RITA DO PASSA QUATRO

1 *Gazeta de Santa Rita*, (junho) 1895.
2 *Santa Ritense*, 1891.

SANTA RITA DO PARAIZO

1 *Municipio*.

SANTO AMARO

1 *Viajante*, 1882.

SANTO ANTONIO DE CACHOEIRA

1 *Cachoeirense*, (julho) 1895.

SÃO BENTO DE SAPUCAHY

1 *Americano*, (6 junho) 1876.
2 *Liberal*, (1) 1880.
3 *Microscópio*, 1883.
4 *Sambentista*, 1884.
5 *Sapucahy*, 1887.

SÃO CARLOS DO PINHAL

1 *Aliança*, 1878.
2 *Alvorada*, 1884
3 *Arauto*, (abril) 1895.
4 *Crepusculo*, (outubro) 1894.
5 *Diario de S. Carlos*, 1889.

---

(1) Redactores, Antonio Raposo de Almeida e João Marcondes Pontes.

6 *Evolução*, 1884.
7 *Lanterneta*, 1895.
8 *Movimento*, 1889.
9 *Oitavo Districto*, 1887.
10 *Ordem e Progresso* (dezembro) 1890.
11 *Propaganda*, (1) 1878.
12 *Popular*, 1892.
13 *Publicador*.
14 *Sensitiva*, 1886.
15 *Sancarlense*, (2) 1890.
16 *Tribuna de S. Carlos*, (3) 1876.
17 *São Carlos do Pinhal*, (4) 1895.
18 *Violeta*, 1891.
19 *Lanterneta*, 1895.

SAO JOAO DA BOA-VISTA

1 *Cidade de São João*, (5) 1892.
3 *Telephône*, 1892.

---

(1) A *Propaganda* e a *Aliança*, eram republicanas. Redigiam u'as os drs, Aureliano de Souza e Oliveira e José Rubim Cesar. O primeiro falleceu ha pouco tempo em Pirassununga e era filho do conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira. O segundo reside actualmente em Santos, onde é advogado.

(2) Folha diaria, cujo primeiro numero sahiu a 5 de outubro de 1890. Durou poucos mezes, sendo seu proprietario e director o sr. João de Aranda Leite Penteado.

(3) Periodico imparcial, redigido por Ernesto Luiz Gonçalves, seu proprietario, e appareceu a 26 de novembro.

(4) Orgam republicano, propriedade de Pedro Teixeira da Silva Branco, publicado ás quartas, sextas e domingos. Appareceu a 27 de abril.

(5) Redactores, Silviano Barbosa, dr. Monças de Andrade, José Theodoro de Oliveira e outros.

SÃO JOÃO DO CURRALINHO

1 *Curralinhense*, (7 abril) 1895.

SÃO JOSE' DO BARREIRO

1 *E'cho da Bocaina*, (1) 1876.
2 *Horizonte*, (2) 1878.

SÃO JOSE' DOS CAMPOS

1 *Antonião.*
2 *Colomin*, 1890.
3 *Luta*, 1894.
4 *Norte-Paulista*, 1893.
5 *Pararangaba*, 1882.
6 *Segundo Districto*, 1886.
7 *Vida*, 1886.
8 *Yetym.*
9 *Vontade*, (março) 1895.

SÃO JOSE' DO RIO PARDO

1 *Mosquito*, (3) 1887.
2 *Pernilongo*, (4) 1887.
3 *Rio-Pardense*, (5) 1894.

---

(1) Periodico dedicado á lavoura, commercio e industria. Editor e proprietario, João Pedro Baptista.

(2) Redactor, tenente Antonio F. Castro Leal Junior.

(3) Redactor, Adolpho Paulido.

(4) Foram publicados sete numeros. Redactor, Mario Rodrigues.

(5) Appareceu a 21 de outubro, sendo editor-gerente Luiz Soares Pereira, e redactor o professor Emilio Mario de Arantes, que, retirando-se, foi substituido pelo illustrado advogado Francisco de Escobar.

4 *Tiradentes*, (1) 1889.
5 *Movimento*, (março) 1895.

SAO LUIZ DO PARAHITINGA

1 *Gazeta de S. Luiz*, 1881.
2 *Luizense*.
3 *Municipio*.
4 *Parahitinga*, (2)
5 *Pedempção*, (3) 1880.

SÃO MANUEL DO PARAIZO

1 *Municipio*, 1894.

SÃO SEBASTIÃO

1 *Mar*, 1893.
2 *Terra*, 1894.

SAO SIMÃO

1 *Bagageiro*, 1884.
2 *Simonense*, 1884.
3 *Tamanduá*, 1884.
4 2 *Cidade de São Simão*, (4) 1895.

---

(1) Appareceu a 21 de abril de 1889, trazendo o retrato do immortal Tiradentes, em formato grande. Publicaram-se 15 numeros, sendo o ultimo a 11 de agosto daquelle anno. Tinha o lemma: *Libertas quæ sera tamen*. Escreveram neste jornal os srs. dr. Muniz de Souza, dr. Rocha Azevedo, Candido Prado, (director); dr. Costa Machado, Lafayette de Toledo, etc. Era orgam republicano.

(2) Orgam redigido pelo advogado José Hygino Braga.

(3) Redactor e proprietario padre José da Silva Maia Torres.

(4) Fundada por Elisiario de Vasconcellos, passou depois aos srs. major Francisco Leite de Assis, Ezequias de Oliveira Carvalho dr. Leal Costa e dr. Julio Bandeira Villela.

SÃO VICENTE

1 *Clarim.*
2 *Vicentino*, 1885.

SANTOS

1 *Arco da Velha*, (19 fevereiro) 1882.
2 *Alvòr*, (1) 1884.
3 *Apóro*, 1884.
4 *Buscapé*, 1875.

---

(1) Appareceu a 17 de juulho. A respeito, escreve-nos VALIS:

«Entre os jornaes de Santos, v. s. deixou escapar *O Alvòr*, precursor do *Piratiny*. Mando-lhe o primeiro numero, convindo notar que do segundo em diante sahiu com o mesmo formato dos primeiros numeros do *Piratiny*. Os fundadores d'*O Alvòr* foram os mesmos do *Piratiny*, e esse jornal foi incontestavelmente o que mais trabalhou pela abolição, em Santos, levando a sua propaganda até os limites da revolução

Os seus proprietarios e redactores, todos empregados no commercio, eram moços de 15 a 18 annos. e, além do jornal, tinham uma especie de sociedade secreta, onde se planejou e executou-se muitas fugas de escravos.

O Alvòr publicou cinco numeros, sendo succedido pelo *Piratiny*, que durou cerca de um anno. No *Piratiny*, além dos seus proprietarios e redactores, Guilherme Mello, Augusto de Carvalho, Arthur Andrade, Luciano Nogueira, Joaquim Montenegro, Antonio Augusto Bastos, Collaborava o brilhante poeta dr. Vicente de Carvalho Esses moços qne occupam hoje posição elevada na politica, na administraçJo publica e no commercio, apoiados por Silva Jardim. constituiam a vanguarda do partido republicano de Santos, que tanto se salientou na gloriosa luta da libertação dos escravos.

Desses rapazes só não existe Arthur Andrade, verdadeira vocação jornalistica, que morreu com 17 annos. já *reporter* e noticiarista do *Diario de Santos*.

5 *Biscouto*, (1) 1890.
6 *Bonde*, (6 janeiro) 1895.
7 *Binoculo*, 1881.
8 *Caboclo*, 1863.
9 *Correio da Semana* (13 agosto) 1894.
10 *Correio de Santos*, 1869.
11 *Correio de Santos*, 1878.
12 *Correio de Santos*, (2) 1885.

Por fallar em *Diario de Santos*:—convém notar a v. s. que uma das phases mais brilhantes desse jornal foi, creio que 1886 e 1887, quando redigido pelos drs. Martim Francisco Sobrinho e João Galeão Carvalhal, actual deputado estadoal. Nesse periodo em que era fervorosa a campanha da abolicão, esses dois distinctissimos democratas, auxiliados por alguns dos rapazes do *Piratiny*, prestaram enormes serviços á santa causa da abolição.

Nesta insignificante rectificação, vai, talvez, um pouco de amor proprio; mas, nestes tempos, em que tanta gente trabalhou pela proclamação da republica, não é máu lembrar os nomes daquelles que realmente trabaiharam.

Santos, 19—1—95.—Valis.

(1) Redactor, Eurico Saldanha, typographo do *Diario da Manhã*, em cujas officinas era impresso o periodico.

(2) Fundado por J. Guelfreire. Deixou de existir om 1887, após a sahida de Julio Ribeiro, que era então o redactor. No *Correio de Santos* collaborou o poeta e *maestrino* ituano dr. Francisco de Assis Pacheco Netto, que escrevera tambem no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, no *Correio Paulistano* e no *Diario de Santos*, e fundára a *Quinzena Paulista*, com Emiliano Perneta, e o *Braz Cubas* com Marinho de Andrade, Severiano de Rezende e Mario de Alencar.

A esta nota o sr. Alberto Souza fez o seguinte rectificação, que aceitamos:

«—Não deixou tal de existir depois da sahida de

13 *Club XV*, (12 junho) 1894.
14 *Colibri*, 1887.
15 *Correio Mercantil*, 1873.
16 *Commercio de Santos*, (1) 1869.
17 *Commercial*, 1857.
18 *Civilisação*, (2) 1861.
19 *Collegial*, 1885.
20 *Caixeiro*, (3) 1879.
21 *Cidade de Santos*, (4) 1888.
22 *Carta Branca*, (22 março) 1892.
23 *Dez de Outubro*, 1886.
24 *Diario da Tarde*, (5) 1888.

Julio Ribeiro. Sobreviveu ainda muito tempo, tendo como redactor Alfredo Costa, ex-actor portuguez, que morreu no seu posto jornalistico, e foi substituido pelo meu querido amigo e conterraneo Gastão Bousquet, que hoje occupa logar proeminente no jornalismo fluminense. Com a retirada destes teve outros redactores que pouco pararam, sendo o ultimo em cujas mãos extinguiu se em 1891, o cidadão Alberto Estanislau.»

O n. 1 é de 1.º de julho.

(1) Propriedade de J. Rabello Amorim.

(2) Folha consagrada aos interesses geraes do paiz, redigida por Augusto Emilio Zaluar, portuguez, autor do livro *Peregrinação pela provincia de S. Paulo;* pouco durou.

(3) Deffensor da classe caixeiral; apparecido em 1879. Entre outros foi seu redactor o fallecido pharmaceutico Floriano Manoel dos Santos Castro.

O n. 1 é de 7 de setembro.

(4) Diario de propriedade de Brazilio Marques. Foi seu redactor o dr. Martim Francisco Filho, e depois João Ferreira de Menezes, que reside na capital. Durou pouco tempo.

(5) 1889. Redactor, Aprigio C. de Macedo. Publiquei ahi meu primeiro attentado poetico Fui correspondente litterario desta folha na capital. (Nota de Alberto Souza).

25 *Diario de Santos*, (1) 1872.
26 *Dever*, (9 setembro) 1889.
27 *Domingo*, (23 novembro) 1879.
28 *Desfalque*, 1877.

---

(1) A 10 de outubro de 1872, começou a publicação do *Diario de Santos*, hoje uma das melhores folhas do Estado. Pertenceu por muito tempo a João José Teixeira, passando por fallecimento deste ao dr. Heitor Peixoto. Em 1879 collaborou no *Diario* o dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo, que, com o dr. Alexandre Rodrigues, deu principio á campanha á favor da libertação dos captivos. A redacção desse importante jornal tem sido confiada a Eduardo Salamonde, dr. Oliveira Braga Junior, Alberto Veiga, dr. José Emilio Ribeiro Campos, Manuel Rocha, proprietario e redactor d'*A Noticia*, do Rio, Navarro de Andrade e outros.

«Com relação a este jornal, diz-me o sr. Alberto Souza, o mais antigo dos actualmente existentes em Santos, commettestes uma omissão involuntaria, que a não ser reparada, equivaleria a uma grave injustica. O nome de um dos seus redactores, o nome de Arthur Bastos, a quem rendestes homenagem nos *Paulistas Illustres*, não foi contemplado. Pois Arthur Bastos foi, durante os annos mais vigorosos de sua mocidade, um dos redactores do *Diario*. Redigiram-n'o tambem:—e este foi um dos seus primeiros redactores durante longos annos, o cidadão Carlos de Affonseca, actual corretor da praça, irmão do sr. Leopoldo de Affonseca, o cidadão João Guerra, guarda-livros hoje; e o dr. Rubim Cesar, advogado, sob cuja direcção o *Diario* manteve uma ardente campanha abolicionista. O dr. Inglez de Souza, conhecido romancista, tambem redigiu-o numa das suas ultimas phases, logo após a Republica.

Ia-me esquecendo que os drs. Martim Francisco Sobrinho, advogado do *Banco União*, e o deputado estadoal dr. Galeão Carvalhal, foram tambem seus redactores effectivos.»

29 *Diario da Manhã*, (1) 1889.
30 *Diario do Commercio*, (2) 1884.
31 *Diario de Noticias*, (3) 1877.
32 *Entre-acto*, 1882.
33 *Ensaio*, (4) 1886.
34 *Escola*, 1893.
35 *Écho*, 1894.
36 *Evolução*, 1882.
37 *Escolar*, 1884.
38 *Flora*, (5) 1888.
39 *Formiga*, (5 julho) 1879.
40 *Foguete*, (6) 1877.

---

(1) Orgam liberal. Redactores, dr. Pinto Junior, dr. Alexandre Rodrigues e Joaquim Pereira de Moraes, hoje secretario da camara municipal de Santos.

(2) Excellente jornal, habilmente redigido pelo dr. Vicente de Carvalho. Suspendeu a publicação com a retirada do seu director, em 1891, quando este foi escolhido secretario do Interior no governo do sr. Cerqueira Cesar. O sr. Alberto Souza fez parte de sua redacção desde os primeiros mezes e o artigo de seu ultimo numero foi escripto por elle. Já Vicente de Carvalho era secretario do Interior.

(3) Appareceu a 16 de janeiro. Vicente de Carvalho, ainda academico, era o seu redactor conjuntamente com o advogado José André do Sacramento Macuco. Editor, Elias Pimenta.

(4) Redigido por José Hypolito da Silva Dutra e João Guerra.

(5) Pequenino semanario, redigido por Alberto Moraes, hoje circumspecto negociante. O artigo-programma, francamente republicano, foi escripto por mim. O dr. Eduardo Fontes, funccionario do thezouro do Estado, escreveu chronicas litterarias para esse jornalsinho. (Nota de Alberto Souza).

(6) Orgam de um club dançante de moças, do mesmo titulo. Escreveram nelle senhoras. Director. Antonio Seixas, negociante. Appareceu em 7 de abril.

41 *Folha*, (1) 1895.
42 *Folha da Tarde*, (1.º agosto) 1891.
43 *Flôr de Maio*, 1887.
44 *Operario*, (9 outubro) 1892.
45 *Gazeta Commercial*, (9 maio) 1880.
46 *Gazetinha*, (2) 1895.
47 *Gazêta de Santos*, (3) 1883.
48 *Itororó*, (4) 1859.
49 *Isca*, 1890.
50 *Imprensa*, (1.º janeiro) (5) 1870.
51 *Imprensa*, 1887.
52 *Incolôr*, (6) 1887.

---

(1) Fundada por Alberto Veiga, ex-redactor do *Diario de Santos*, a 19 de junho. Em novembro, retirando-se esse redactor, foi substituido por Henrique Lopes, que deu ao periodico o subtitulo de *jornal vespertino republicano de combate*. Desappareceu em dezembro, sahindo em seu logar *Correio da Tarde*, redidigido por A. C. Santos Junior.

(2) Appareceu a 15 de julho. Era redigida por Henrique Machado, Gastão Bousquet e Carlitos de Affonseca.

(3) Folha conservadora, de que foram redactores, dr. Serafim Fontes, sergipano, fallecido, e Tiburtino Mondim Pestana, director interino da secretaria do Interior. E' de 25 de janeiro o n. 1.

(4) Sahiu á luz a 1 de fevereiro. Um de seus redactores foi o dr. Silva Costa, jurisconsulto brasileiro, residente no Rio, e seu director dr. Antonio Pereira dos Santos. *O Itororó*, deu apenas 17 numeros e desappareceu em 1860.

(5) Foi redigido pelo distincto poeta santista dr. Joaquim Xavier da Silva, fallecido em Santos a 30 de agosto de 1874, contando 30 annos de edade. Era editada por José Ignacio da Gloria.

(6) Redactores, Manuel Pereira de Simas, guarda-livros, e Izidoro Pinto de Souza Valente, funccionario da alfandega nesse tempo. Publicou dous ou tres numeros.

53 *Ideia*, (30 setembro) 1877.
54 *Ideia Nova*, 1883.
55 *Ideia Nova*, (1) 1886.
56 *Indepenednte*, (2) 1894.
57 *Santos-Sportivo*, 1892.
58 *Jornal de Annuncios*, 1884.
59 *Jornal da Tarde*, (3) 1884.
60 *Lepidoptero*, (4) 1882.
61 *Luz*, (5) 1888.
62 *Lirio*, 1867.
63 *Leque*, 1892.
64 *Lei*, (6) 1877.

---

(1) Com relação á *Idéa Nova*, forneceu-me Alberto Souza, esta nota: «Era genuinamente republicano, e foi redigido por mim, Constantino Mesquita, hoje funccionario municipal em Santos, e Francisco Vianna de Araujo, negociante. O dr. Alfredo Caiafa, actual professor de italiano do Gymnasio Paulista, e então estudante de direito, collaboron assiduamente naquelle periodico.

Recordações por toda a parte.»

Appareceu a 18 de julho (A. de Souza).

(2) Escripto em italiano. Começou de publicar-se em 1.º de novembro.

(3) Redigido por Antonio Manuel Fernandes, foi quem exacerbou o animo popular, arrastando-o ao celebre motim de fins de dezembro de 1881, conhecido por *quebra lampeões*.

(4) Redactores, Candido Carvalho, sub-director da repartição da policia, Erasmo de Mello, Felix Carneiro e José Barroso.

(5) Redigido por Narciso de Andrade e padre Francisco Gançalves Barroso.

(6) Orgam conservador, editado pelo cidadão Narciso de Andrade, que adheriu á Republica annos antes da queda da monarchia. Redactores, engenheiro Ignacio Wallace de Gama Cochrane, hoje residente na capital, e dr. Aquilino do Amaral, senador republicano por Matto Grosso.

65 *Luz*, 1878.
66 *Louvre*, 1895.
67 *Luiz Gama*, (21 maio) 1888.
68 *Lanterneta*, (janeiro) 1895.
69 *Lunêta*. (18 outubro) 1891.
70 *Luta*, (1) 1884.
71 *Medico Popular*, 1851.
72 *Mercantil*, (2) 1850.
73 *Mercantil*, 1867.
74 *Nacional*, (3) 1850.

---

(1) Eram seus redactores, entre outros, o dr. Antonio Martins Fontes Junior, actualmente deputado, eleito pela opposição ao Congresso do Estado; e o dr. Pereira dos Santos, ex-deputado estadoal, hoje advogado em S. Manoel do Paraizo. Eram ambos academicos. Por divergencias politicas entre os varios redactores, foi suspenso.

(2) *O Mercantil*, em 1853, foi redigido por Francisco Manuel Raposo, de Almeida, natural da Ilha de São Miguel, dos Açores, e fallecido em Taubaté a 17 de março de 1886, na edade de 79 annos, pois, nascêra a 15 de agosto de 1807. Raposo residiu na Bahia, em Pernambuco, em Minas, em Santa Catharina, no Rio e neste Estado, e em toda a parte fundou e redigiu jornaes. Publicou varios trabalhos de theologia, historia, geographia, critica e biographia, deixando inéditos dramas e romances e a *Historia eccl siastica do Brazil*. Era bacharel em direito e doutor em canones pela Universidade de Coimbra, doutor em theologia *ex-gratia* de Pio IX, official da Santa Sé Apostolica e promotor-fiscal da nunciatura apostolica no Rio.

Publicou em Santos diversos dramas historicos entre os quaes *Camões*, *O Monge da Serra Ossa* e *Martim de Freitas*.

(3 Publicava-se ás quintas-feiras, na typographia do *Imparcial*, á rua Santo Antonio n. 67. O n. 73 é de 30 de outubro de 1851. Nota do dr. Piza e Almeida.

75 *Nacional*, (1) 1890.
76 *Neto do Diario*, 5 (janeiro) 1894.
77 *Magnolia*, (2 maio) 1891.
78 *Correio da Tarde*, (dezembro) 1895.
79 *Lidador*, (novembro) 1895.
80 *Noticia*, (2) 1883.
81 *Noticia*, (3) 1893.
82 *Novidades*, (4) 1893.
83 *Omnibus*, 1879.
84 *Olho*, 1893.
85 *Precursor*, 1851.
86 *Piratiny*, (5) 1885.
87 *Popular*, 1855.

---

(1) Fundado e redigido pelo distincto escriptor Horacio de Carvalho, director do *Diario Official* e autor do romance *O Chromo*. O n. 1 é de 14 de julho.

(2) Semanario humoristico, que causou grande successo. Era redigido pelo fallecido Arthur Bastos, e pelo cidadão João Florindo, actual pagador do thezouro do Estado A' *Noticia*, e particularmente a este ultimo de seus redactores. deve-se a denominação, que ficou, para Santos, de *terra de sapos*.

(3) Redactores, o professor normalista Eugenio Assis e Angelo de Souza.

(4) Folha dirigida por um typographo do *Diario de Santos*, de nome Lisboa. Appareceu em setembro.

(5) Folha essencialmente republicana, guarda-avançada da mocidade intelligente daquelles tempos. Redactores, Arthur Andrade, prematuramente fallecido; Augusto Teixeira de Carvalho, actual administrador da recebedoria de rendas de Santos; Guilherme de Mello e Antonio Augusto Bastos, commerciantes. Collaborava nella o dr. Vicente de Carvalho, então academico de direito, mas já director do partido republicano de Santos. Teve, talvez, mais redactores, de cu os nomes não me recordo no momento.

Appareceu a 25 de outubro. Vide nota relativa ao *Alvôr.)*

88 *Popular*, 1879.
89 *Perola*, 1890.
90 *Popular*, (1.º novembro) 1885.
91 *Propaganda*, 1883.
92 *Pirilampo*, 1869.
93 *Procéla*, 1888.
94 *Paranápiacaba*, 1858.
95 *Patriota*, (1) 1889.
96 *Pincenez*, (2) 1886.
97 *Progresso*, 1860.
98 *Revista*, (3) (9 agosto) 1885.
99 *Revista*, (4) 1890.
100 *Revolução*, 1894.
101 *Rabecão*, 1867.
102 *Rabecão*, 1875.

---

(1) Jornal ardentemente republicano, redigido por Candido de Carvalho, actual sub director da repartição de policia; Erasmo de Mello, rutilante e esperançoso talento colhido cêdo pela morte; Felix Carneiro e Norberto Lobo Vianna. Os amigos de Erasmo, como piedosa homenagem posthuma, reuniram em livro os seusversos. O volume, apezar de todo impresso, não foi destribuido. O n. 1 do *Patriota* é de 1.º de março.

(2) Redactores, os moços Carlos Colin e Francisco Martins Fontes, aquelle maranhense e este sergipano.

(3) Semanario, no qual eu e Gastão Bousquet, com quinze annos incompletos cada um, estreamos timidamente nas lettras. Orgam francamente republicano. Retirei-me de sua redacção por causa de um artigo irreverente que escrevi sobre o papel secundario de Pedro I, no 7 de setembro, e que contrariou ás opiniões monarchicas do meu pae.

Ha dez annos! (Alberto Souza).

(4) Redigido por Diocleciano Fernandes e Julio de Souza. Appareceu a 6 de abril.

103 *Revista Cammercial* (1) 1848.
104 *Reclame*, 1887.
105 *Raio*, (2) 1875.
106 *Sempreviva*, (25 julho) 1875.
107 *Santos Commercial*, (3) (22 agosto) 1894.

---

(1) A *Revista Commercial*, começou a publicar-se no dia 2 de setembro de 1848, e continuou por muitos annos. Em 1872 esse periodico teve como redactor o dr. João José Frederico Ludovice, natural do Bananal, deste Estado, e que residiu por muito tempo em Uberaba, onde foi advogado, professor da Escola Normal e redactor da *Gazeta*, juntamente com os drs. Thomaz Pimentel de Ulhôa, João Caetano de Oliveira e Souza, Juventino Policarpo Alves de Lima, tenente Wenceslau Pereira de Oliveira, Gaspar da Silva e Tobias Rosa. O dr. Ludovice foi deputado provincial em Minas Geraes, pelo partido conservador, e era um notabilissimo orador, excellente poeta e jornalista correcto Falleceu ha uns quatro annos em Uberaba, deixando numerosa familia. Escreveu alguns dramas e um delles, os *Milagres de S. Francisco*, foi representado em Ouro Preto, no anno de 1894, com muito successo. Ainda quando cursava a Faculdade de Direito de S. Paulo, publicou um livro de variedades e poesias intitulado *Rabiscos Academicos*. A *Revista* foi tambem redigida por João Carlos Behn e Jorge Elias Behn; este, nascido a 3 de março de 1817, falleceu a 6 de março de 1845. Pertenceu em tempo a Rocha & Irmão, e tambem ao Dr. Guilherme Delius por muitos annos. Foi correspondente no Rio durante annos o sr. Augusto Fomm, santista intelligente e illustrado, antigo redactor commercial do *Jornal do Commercio* no Rio.

(2) Hebdomadario, editado por Sebastião J. de A. e Souza, e violentamente redigido por Hypolito da Silva, conhecido escriptor e distincto poeta, padre Francisco Gonçalves Barroso, já fallecido, e creio que por Antonio Manuel Fernandes, actual vereador da municipalidade santista.

(3) Redacção de Eurico Saldanha. Passou a ser orgam monarchista com o mesmo Saldanha como redactor.

108 *Santista*, 1864.
109 *Tribuna do Povo*, (1) 1894.
110 *Tombola*, 1884.
111 *Tesoura*, 1876.
112 *Typographo*, (18 outubro) 1885.
113 *Villa de Redempção*, (2) 1887.
114 *Vinte-Sete de Fevereiro* 1886.
115 *Corretor*, (3) 1895.
116 *Luva*, (fevereiro) 1895.
117 *Semana* (18 setembro) 1881.
118 *Santos-Andaluzia*; (29 março) 1885.
119 *Santista*, 1887.
120 *Verdade*, 1889.

---

(1) Periodico dirigido por Olympio Lima. Appareceu a 26 de março. Empastellado com o *Santos Commercial* no mesmo dia, pelo corpo de bombeiros de Santos.

(2) Escrevo estas notas sobre uma collecção encadernada desse pequeno periodico, que me serve de pasta. Appareceu em 26 de outubro de 1887, commemorando o primeiro anniversario da morte de José Bonifacio. Até fim de novembro foi seu redactor unico o distincto cidadão João Emmerick. Em dezembro, eu e Gastão Bousquet passamos a fazer parte da redacção. *Villa da Redempção* era o nome que o povo deu ao quilombo do Jabaquára, de que era chefe Quintino Lacerda. O jornal, dedicado então exclusivamente á propaganda abolicionista, e tendo por fim advogar a legitimidade da fuga em massa dos escravizados, tomou por isso o nome do quilombo historico.

A 1.º de janeiro de 1888 declarou se francamente republicano, sendo a sua nova attitude fundamentada por mim em longo artigo de fundo. Desappareceu com a escravidão. publicando o seu ultimo numero em 16 de maio.

Quanta recordação, e quanta saudade dos dezoito annos! (Alberto Souza)

(3) Boletim maritimo e commercial.

121 *União Operaria*, (25 maio) 1891.
122 *Combate*, (17 junho) 1895.
123 *Questão Social*, (1) 1895.

SÃO PAULO

1 *Amigo das Lettras*, 1830.
2 *Amigo do Povo*, (2) (ontubro) 1890.
3 *Americano*, (3) 1844.
4 *Arreból*, 1849.
5 *Annaes do* Ensaio Academico, 1862.
6 *Apostolo*, (4) 1865.
7 *Archivo Litterario*, (julho) 1865.
8 *Archivo Juridico e Litterario*, 1868.

---

(1) Orgam do *Centro Socialista*, redigido pelos drs. Silverio Fontes e Soter de Araujo e professor Carlos de Escobar. Appareceu em setembro.

(2) Foi fundado para defeza do partido operario.

(3) *O Americano*, jornal juridico, litterario e noticioso, publicava se as quartas-feiras e sabbados, em typographia propria, na rua do Principe n. 24. Era folha governista, redigida pelo dr. Joaquim Ignacio Ramalho, hoje director da Faculdade de Direito. A direcção technica estava confiada a Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fallecido em 1892, que trabalhou como typographo nas officinas do *Novo Pharol Paulistano*, e foi gerente do *Americano*, do *Ypiranga* e do *Correio Paulistano*. Durou pouco, desapparecendo com a sahida do dr. Ramalho, que se retirou para Goyaz, como presidente daquella provincia.

(4) Jornal politico, religioso, litterario e noticioso, de que era redactor e unico responsavel o dr. Candido Candido Bueno da Costa Barros. Era impresso na *Typgraphia Allemã*, de H. Schroeder.

9 *Academico*, (1) 1868.
10 *Anhanguéra*, (2) 1869.
11 *Academia de S. Paulo*, (3) 1876.

---

(1) O primeiro numero sahiu a 7 de junho e decimo-quinto e ultimo a 19 de novembro. Era jornal juridico, litterario e noticioso e teve como directores de redacção os drs Carlos Leoncio de Carvalho, Fernando Ozorio e José Francisco Diana, que mais tarde occuparam altas posições na politica do imperio. O primeiro destes é lente na Academia de S. Paulo.

(2) O sr. Francisco de Toledo Barboza, me informa que o *Anhanguéra* foi publicado por Candido Silva e que, comquanto fosse escripto em linguagem desbragada, que descontentou a muita gente altaneira, não deixava de ter grande circulação. O n. 4, de 1.º de junho de 1869, que possuo, traz por lemma este versiculo de Boccage:

«Zoilos, tremei; posteridade és minha».

Era impresso na typographia Americana.

(3) Orgão dos estudantes da Academia de S. Paulo. Foi fundado, se não nos enganamos, em 1876, para substituir a *Imprensa Academica*, folha cujos redactores eram tirados de todos os annos do curso juridico, e entre os do 5.º anno, um por eleição geral, o redactor-chefe. Esses lugares erão muito disputados, e geralmente a escolha era acertada. Não tinha côr politica, mais admittia em suas columnas artigos de todas ás opiniões, sob a responsabilidade de seus autores. Em 1871 era seu redactor chefe Augusto Carlos de Carvalho, ministro do Exterior. Por occasião da celebre *questão academica*, em 1871, a *Imprensa Academica*, naturalmente, manifestou-se em conflicto com os lentes, e por causa da interrupção das aulas suspendeu á sua publicação não só nesse anno como depois.

A Academia de S. Paulo, foi creadada para substituil-a, seu redactor-chefe em 1876, foi o dr. Antonio Tiburcio Figueira que republicano da propaganda, occupou cargos politicos como membro do partido liberal e depois não quiz acceitar mais posição no actual regimen republicano.

12 *Abolição*, (31 agosto) 1884.
13 *Autonomista*, (1) (16 julho) 1892.
14 *Asino Humano*, 1893.
15 *Aurora*, 1892.
16 *Aurora*, 1894.
17 *Atheneu Paulista*, (7 setembro) 1894.
18 *Arado*, (2 julho) 1882.
19 *Aspirante*, 1889.
20 *Acaiaba*, (2) 1852.
21 *Americano*, (3) 1881.
22 *Azorrague*, (4) 1858.
23 *Aurora Juvenil*, 1892.
24 *Avisador*, 1888.

---

(1) Jornal politico de opposição ao governo do dr. Bernardino de Campos. Eram seus principaes redactores Hypolito da Silva, João Vieira de Almeida, Domingos Ferreira e P. Gomes Cardim. Foi tambem seu collaborador o dr. Martim Francisco Filho. Durou pouco.

(2) Durou dois annos e era redigido por estudantes, Quintino Bocayuva, Felix Xavier da Cunha e outros. Desappareceu em 1853.

(3) Periodico academico, dirigido por Cyro de Azevedo e Sá Vianna O primeiro é hoje diplomata e o segundo advogado illustre do Rio de Janeiro, secretario do Instituto dos Advogados e auctor dos *Esboços Criticos da Faculdade de Direito de S. Paulo.* (Rio, 1880, 125 pags.) Appareceu a 18 de junho de 1881.

(4) Sobre este jornal, escreve me o dr. Antonio Piza, o seguinte:

Em 1858, a 17 de março, appareceu nesta capital *O Azorrague*, jornal de Pedro Taques de Almeida Alvim. Era orgam conservador, violento, açoite dos liberaes e, principalmente, de Martim Francisco. Tenho o n. 1, em pequeno formato, a tres columnas. Abaixo do titulo traz desenhados dois chicotes, entrelaçados, e as seguintes quadrinhas:

25 *Arauto*, (fevereiro) 1890.
26 *Adolescencia*, (abril) 1887.
27 *Amor á Sciencia*.
28 *Amor*, (outubro) 1886.
29 *Avisador*, (7 abril) 1893.
30 *Arte*, (1.º junho) 1890.
31 *Avvenire*, 1894.

«Houve grande divergencia,
Fizeram grande questão,
Sobre o remedio que aos loucos
Voltar fizesse a razão.
«Depois de seria disputa,
Foi geral a approvação
—Que o meio mais efficaz
Era o da fomentação».

Seus artigos ou versos, eram escriptos em linguagem virulenta, injuriosa e insultante, e tão sómente por isso, como amostra, eis um acrostico contra Martim Francisco:

«Dá cá o pé Arára
Martim, vil pescador de mangue sujo,
Atrevido escriptor de papelucho,
Reptil assáz nojento de ti fujo.
Tua baba impura, empeçonhada,
Inda á mim não chegou, que te desprezo,
Mestre e grão senhor da velhacada
Fanfarrão atrevido, audacioso,
Rabugento, gritão e malcreado,
Assim te presumiste talentoso.
Não pudeste por ti só advogar,
Caixeiro te fizestes de escriptorio,
Indo autos ao cartorio procurar.
Sabe, pois, que as *baldas* te conheço.
Com desprezo pagarei os teus insultos
Outro troco melhor não reconheço.
O dr. Rubrica.»

«Era o *Azorrague* impresso na typographia da *Lei*, rua de Traz da Cadeia, n. 30.»

32 *Aurora Paulistana*, 1852,
32 *Archivo do Estado de S. Paulo*, (1) 1894:

(1) Publicação official de documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo. A principio, os opusculos distribuidos pela Repartição de Estatistica e Archivo do Estado, não tinham uma systematisação de *periodico*, de *gazeta*. O primeiro volume *(A Bernarda de Francisco Ignacio)*, dado a lume em abril de 1894, não traz numeração, o que se verifica do segundo, *(Actas do governo provisorio de S. Paulo, em 1821-28)*. A começar do 3.º, já se vê a declaração de ser o *Archivo do Estado* uma *publicação official*, com caracter de periodico. Até 1891 sahiram sete volumes, em brochura, e mais um avulso sobre *Divisas de S. Paulo e Minas*. E' um trabalho importantissimo, digno de figurar nesta resenha da imprensa, em logar saliente. Seu director é o illustrado engenheiro dr. Antonio de Toledo Piza, chefe de repartição do Archivo e cuja aptidão para trabalhos desta ordem já se acha assás provada.

A *Revista Brasileira*, na sua secção *Bibliographia*, accusando o recebimento das publicações feitas pelo Archivo deste Estado, insére o seguinte, a respeito:

«*Archivo do Estado de S. Paulo*.—S. Paulo, 1884. —Vol. I. *A. Bernarda de Francisco Ignacio em S. Paulo em 23 de Maio de 1822*, 99 pgs.—Vol. II *Actas das sessões do Governo provisorio de S. Paulo em 1821-1822*, 159 pgs.—Vol. III, VI, V, VI e VII. *Publicação official de documentos interesantes para a historia e costumes de S. Paulo*, 160, 129, 175, 108, 187 pgs.

A simples noticia da publicação de documentos e peças historicas, que em geral a nossa desidia deixa estragar e perder nos archivos informes, desconhecidos e como quer que seja inexploraveis dos estados e da mesma capital federal, revela da parte dos poderes publicos do estado de S. Paulo uma intelligente preoccupação, a qual não estamos por tal forma habituados que nos dispensemos de louval-a, encorajal-a e de desejar vel-a por toda a parte imitada.

34 *Allioth*, (1) 1886.

Apreço e louvores vão tambem ao sr. A. de Toledo Piza que na qualidade de archivista official do Estado dirige, com intelligencia, saber e criterio revelados já nos cinco volumes apparecidos, esta importante publicação. O aspecto material, muito para estimar em todo o genero de publicações, pela commodidade do formato (in-8.º) pela excellencia do papel e pela nitidez da impressão, predispõe favoravelmente o leitor. A cópia de notas com que a redacção do *Archivo* amplia, completa, corrige ou esclarece o texto, é um precioso auxilio não só para os estudiosos que nos antigos documentos ora publicados procurem materiaes de estudo e trabalho, como para os simples curiosos ou amadores da historia patria. Nessa historia, o episodio paulista é sem duvida dos mais interessantes.

Por isso o *Archivo do Estado de S. Paulo* será um precioso subsidio para ella.

Do v volume em diante contem o *Archivo* todos os documentos encontrados no archivo paulista sobre as tentativas e esforços feitos na segunda metade do seculo passado para a fundação de uma colonia nas margens do Iguatemy, em territorio fronteiro ao Paraguay cuja posse, contestada sempre pelo governo hespanhol, só foi reconhecida ao Brasil pelo Paraguay, depois da nossa victoria de 1870, um seculo depois—como informa uma nota da redacção do *Archivo*. Todos esses documentos lançam uma grande luz sobre a vida politica e administrativa, os costumes e factos ainda obscuros daquelle periodo.—*J. V.*«

Até a data da entrada para o prelo deste trabalho sobre a *Imprensa Paulista*, 1.º de janeiro de 1898, estão publicados 24 volumes do *Archivo do Estado de S. Paulo*, e se não houver algum motivo de força maior esta publicação alcançará a algumas centenas de volumes.

(1) Appareceu em janeiro, escripto em portuguez e italiano, sendo encarregado da primeira parte o sr. Francisco Gaspar e da segunda João Baptista Canetto, actualmente na Italia. Foi um forte auxiliar deste jornal o então estudante Arlindo Carneiro.

35 *Amigo da Religião*, 1855.
36 *Araçoiaya*, 1857.
37 *Academia do Sul*, 1857.
48 *Americano*, 1874.
39 *Academius*, (20 junho) 1877.
40 *Abolição*, 1888.
41 *Aspirante*, 1886.
42 *Amico del Famiglie*, 1893.
43 *Alarma*, 1895.
44 *Barboleta*, 1874.
45 *Bohemio*, (1) 1881.
46 *Brazil Contemporaneo*, (2) 188.

---

(1) Folha illustrada, cuja publicação foi encetada a 6 de agosto, sendo impressa na *Typographia Popular*. Substituiu o *Entr'acto* o foi redigida por Valentim Magalhães e outros academicos. Cada numero continha tres paginas de illustracão e caricaturas e cinco de texto e annuncios.

O Bohemio estampou os retratos de Americo de Campos, Luiz Pereira Barreto, Affonso Celso Junior, Arthur Azevedo, Cerqueira Mendes, Martinho Prado Junior e Lycurgo dos Santos.

(2) *O Brazil Contemporaneo*, semanario illustrado, propriedade de uma associação commanditaria, appareceu a 14 de novembro de 1886, trazendo o retrato e a biographia do conselheiro José Bonifacio. Eis o seu programma escripto por seu director gerente João Navarro de Andrade:

«Periodico semanal illustrado com retratos, photographias dos personagens mais importantes, não só nacionaes como estrangeiros, residentes ou de passagem no Brazil, e bem assim com vistas dos principaes logares, edificios e curiosidades de todo o imperio.

«Acompanhava os retratos uma circumstanciada biographia, sendo tambem as vistas acompanhadas de uma descripção ou noticia historica.

O Brazil Contemporaneo, occupar-se-ha de lettras,

artes, sciencias, industria, commercio e costumes, offe recendo especialmente producções de escriptores nacionaes. Trará uma revista dos acontecimentos mais importantes do paiz.

«Cada anno do jornal constituirá um album de grande valor não só pelas illustrações como pelo variado e interessante assumpto que contem, sendo postos em evidencia os principaes ramos da actividade brazileira.

«Nella figurarão as individualidades mais preminentes da politica, da sciencia, da industria, do commercio, das lettras, das artes, e bem assim, aquellas pessoas que tenham prestado serviços humanitarios.

«Ao *Brazil Contemporaneo*, não serão indifferentes os acontecimentos notaveis, nem os homens de outras nações, que pelos seus actos, sejam dignos de curiosidade publica.»

Não tinha typographia propria; era do formato do *Journal Illustré*, de Paris de 4 paginas, bem impresso em 2 columnas. A serie dos numeros do 1.º trimestre até o n. 19, imprimiu-se na typographia da *Gazeta do Povo*, á rua do Imperador n. 1; depois foram outros impressos na typographia de J. Lousada & C. na rua da Boa Morte n. 14, até o n. 28, passando depois a impressão definitiva, até o fim da folha, a ser feita na typographia e estereotipia a vapor de King & C., a rua do Commercio.

Eis a relação dos numeros publicados no primeiro anno, que foi 1886-1887.

I. Senador José Bonifacio. II. Coronel Antonio Proost Rodovalho. III. Barão Souza Queiroz. IV. Conselheiro Antonio da Silva Prado. V. Conselheiro Saldanha Marinho. VI. Quintino Bocayuva VII. Gonçalves Dias. VIII. O Sr. D. Pedro II. IX. Maestro Carlos Gomes X. Francisco Glycerio. XI. Conde de Mattosinhos. XII. Dr. Ferreira de Araujo. XIII. Conde de Tres Rios. XIV. Luiz Guimarães. XV. Visconde do Rio-Branco. XVI. Dr. Joaquim Nabuco. XVII. Conde de Moreira Lima. XVIII. Ladisláu Netto. XIX. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho. XX. Dr. Clemente Falcão de Souza Filho. XXI. Senador Dantas. XXII. Barão de Cotegipe. XXIII. Commendador M. de Pinho. XXIV. D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. XXV. Dr. Ferreira Vianna. XXVI. Barão de Torres Homem. XXVII. Dr. Francisco Rangel Pestana. XXVIII.

47 *Bestia Umana*, 1893.
48 *Bisturi*, (1) 1888.

Dr. Andrade Figueira XXIX. Eduardo Brazão XXX. Augusto Roza. XXXI. Ramalho Ortigão. XXXII. Conselheiro Duarte de Azevedo. XXXIII. Dr. Americo de Campos XXXIV. General Couto Magalhães.

Em 1888 augmentou para quatro paginas, e dava o retrato em cartão fora do texto; impresso em typo menor e tambem em duas columnas. Sahiram dous numeros, o primeiro com uma photographia da Princeza Imperial, esposo e filhos, copiada de uma outra offerecida pelo Conde de Eu, ao general Couto de Magalhães. O segundo trazia o retrato de José de Alencar, com a biographia e estudo critico do grande litterato e politico; era escripta pelo dr. Miranda Azevedo. Quando tudo parecia annunciar una vida prospera e facil, cessou seu apparecimento.

As biographias foram escriptas por varios homens de lettras, como os drs. Rangel Pestana, Quirino dos Santos, Miranda Azevedo, Brazilio Machado, Navarro de Andrade, Dutra Rodrigues e outros. A parte litteraria era de escriptores nacionaes ou portuguezes e tambem as poesias, que eram de João de Deus, José Bonifacio, Guimarães Junior, Raymundo Corrêa, Hypolito da Silva, Macedo Papança, etc., etc. Estes apontamentos nos foram ministrados pelo velho republicano Francisco Cesláo de Paula Oliveira, colleccionador curioso, e que foi quasi até o fim o administrador do *Brasil Contemporaneo*.

(1) Appareceu a 11 de novembro. A seu respeito, diz-me o sr. Alberto Souza o seguinte:

«O *Bisturi* teve como redactores o talentoso rapaz Luiz de Carvalho e Joaquim Pitaguary, moço mineiro de extraordinaria intelligencia, que passou obscuro na vida commercial em S. Paulo e que agora agoniza em uma localidade do sul do Estado. Foi orgam genuinamente republicano, e, apezar de occultar os nomes dos seus redactores, nós nunca fizemos mysterio de que o eramos. No celebre banquete, offerecido pelo dr. Antonio Bento aos jornalistas de S. Paulo, afim

49 *Brazil*, 1889.
50 *Bohemio*, 1887.
51 *Bandeirante*, (25 de setembro) 1892.
52 *Boletim da Grande Loja de S. Paulo*, 1893.
53 *Boletim da Commissão Geographica e Geologica*, (1) 1889
54 *Boletim Demographo Sanitario*, (2) 1894.

---

de reconcilial os com o jornal monarchista e aulico *Diario Mercantil*, compareci na qualidade de redactor do *Bisturi*, fui o unico que não tomou o compromisso de sustar a guerra á aquelle *Diario*, allegando nada poder eu resolver sem sciencia dos meus companheiros de redacção. No dia seguinte o *Diario Mercantil*, em sua noticia, inseriu o meu nome como redactor do *Bisturi*, que redigido por inexperientes nas lettras, tinha e tem ainda para os sobreviventes dessa empreza jornalistica o merito de recordar uma phaze luminosa do seu passado, evocando tambem a energia, o desassombro e o civismo com que ja se batiam nas lutas pela Republica».

(1) Publica-se em fasciculos, *in* 8.º grande, e o primeiro numero é de 1.º de junho. Até 1893 tinham sahido nove numeros, contendo o retrospecto historico dos estudos geographicos e geologicos em S. Paulo, dados climatologicos annuaes, considerações geographicas e economicas sobre o valle do Paranapanema, contribuições mineralogicas e petrographicas e um importante estudo sobre os *sambaquis* paulistas, trabalhos estes firmados pelos illustrados membros da Commissão Geographica e Geologica: Drs. Orville, A. Derby, A. Loefgren, Gonzaga Campos, Theodoro de Sampaio e E. Hussak. Quasi todos os fasciculos vêm acompanhados de mappas, quadros e estampas.

(2) E' uma publicação mensal em fasciculos) De uma noticia do *Correio Paulistano*, de janeiro de 1895, extractamos os seguintes trechos, que bem definem esta publicação:

«Está já publicado o volume n. 12 do *Boletim Demographo-Sanitario*, correspondente ao mez de dezembro do anno passado.

55 *Braza*, 1889.
56 *Braz Cúbas*, 1890.
57 *Bom Pastor*, 1889.
58 *Bacalháu*, (abril 1893.

«Estes boletins da directoria do serviço sanitario do Estado, são um trabalho de tal ordem, que verdadeiro prezer tem a gente em elogial-os, porque sabe que o elogio nasce deste nobre sentimento que nos invade a nós todos ao vêr S. Panlo subir dia a dia em seu progresso, a se equiparar em cousas da publica administração com os velhos paizes em que taes serviços são tidos como modelo no genero.

«A utilidade destes boletins mensaes é positivamente imprescindivel; são elles o thermometro pathologico das curvas da saude publica e, dadas simultanea e mensalmente a densidade da população e as oscilacões meteorologicas do nosso clima, é sobre taes curvas, registradas com tamanho cuidado, que o medico paulista estabelecerá dentro de poucos annos as leis geraes da pathogenia do Estado.

«Comprehende se, portanto, o enorme alcance deste excellente serviço da directoria da hygiene;—é o lançamento das bases fundamentaes da independencia do diagnostico, porque si tudo se adapta e se transforma conforme os meios, tambem as molestias estão sujeitas á mesma lei, e, ou se attenuam ou se aggravam conforme a qualidade dos seus factores.

. . . . . .

E' um volume in-4 º-grande, impressão nitida, rico de informações e de 126 paginas, que obedecem á numeração dos volumes anteriormente publicados, e que reunidos todos, já dão um livro de 750 paginas.

Qual o medico paulista que commetterá a imperdoavel falta de não ter esses volumes em sua estante?

O *Boletim* de dezembro, abre, como os demais, com o «quadro meteorologico do mez, trabalho da respectiva secção da *Commissão Geographica, e Geologica* do Estado, quadro em que, com as médias, maximas e minimas da altura barometrica e da temperatura, se nota

59 *Borboleta*, 1869.
60 *Brasileiro*, (1) 1885.
61 *Boccacio*, 1885.
62 *Bilontra*, (fevereiro) 1887.
63 *Beijinho*, 1890.
64 *Puscapé*, 1894.
65 *Brazil Philatelico*, (2) 1882.
66 *Braz*, 1895.
67 *Brado da Patria*, 1865.
68 *Brasil-Hespanha*, (15 março) 1885.
69 *Binoculo*, 1879.
70 *Binoculo*, (3) (abril) 1880.
71 *Bernardo Guimarães*, 1884.

---

o movimento dos ventos dominantes, a cifra da humidade, tensão e evaporação do vapor, quantidade de chuva cahida, especificados os dias chuvosos, nublados, claros, de trovoada e de neblina, e tambem a nebulosidade média.

Assim, daqui a annos os dados que a *Directoria do Serviço Sanitario*, hoje ajunta com tanto cuidado — produzirão os effectos sonhados pela culta cabeça do legislador bandeirante, e terão assentado as basses desta grande obra que estava e está por fazer,—a pathologia paulista.

(1) Redigido por Francisco Gaspar e dr. Brant, actual lente da Escola Normal de Diamantina (Minas Geraes). O seu primeiro numero é de 15 de junho.

(2) Jornal dedicado aos colleccionadores amadores de sellos postaes, estampilhas, etc. E' publicação mensal.

(3) Antes sahira um numero com formato de jornal. Revista humoristica das lettras, artes, politica e costumes. Sahia mensalmente um folheto de 58 paginas em 16.º Era redactor e proprietario J. Navarro de Andrade. Não passou do n. 1, em abril. Era impresso na typographia a vapor do *Diario de Santos*. Os editores, Teixeira & Irmão. Grande Livraria Paulista.

72 *Boletim*, (19 novembro) 1891.
73 *Bolletino Ufficiale della Camera Italiana*, 1894.
74 *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia*,(maio)1855
75 *Buscapé*.
76 *Caixeiro*, 1883.
77 *Caixeiro*, (outubro) 1884.
78 *Cruzeiro do Sul*, (1) 1855.
79 *Cá-Irá*! .. (19 agosto) 1882.
80 *Castro Alvares*, (10 julho) 1884.
61 *Camelia*, 1890.
82 *Commercio de S. Paulo*, (2) 1881.
83 *Commercio de S. Paulo*, (3) 1893,

---

(1) O dr. Antonio de Toledo Piza, me affirma que, em 1855, havia este jornal, de que era redactor o celebre advogado Balthazar da Silva Carneiro, que depois residiu muitos annos em Campinas. O dr. Balthazar era natural de Campos, Estado do Rio, fez na Faculdade de Direito de S. Paulo o curso respectivo, recebendo o gráu de bacharel em 1858, e o de doutor com capello em 1859. Escreveu em diversos jornaes e publicou a *Reforma bancaria do Imperio do Brasil* (Rio, 1859, 31 paginas in-4.º); *Saudades e Consolações*, poesias, em collaboração com Paulo Antonio do Valle (S. Paulo, 1861); *Sepitimio*, romance (S. Paulo, 1861); *Discursos*, *Theses*, etc. Falleceu ha cerca de dois annos.

(2) Foi fundado, segundo sou informado, pelo bem conhecido e já fallecido jornalista Navarro de Andrade. Teve typographia e redacção na rua de S. Bento, onde pouco antes existia o *Jornal da Tarde*, e cremos que o material foi o mesmo. Com poucos numeros publicados expirou por falta de apoio. Appareceu a 3 de novembro de 1881.

(3) Pertenceo a Cesar Ribeiro & C. e comecou a ser publicado em 7 de janeiro de 1893. Na secção *Jornal dos jornaes*, do *Correio Paulistano*, lê-se o seguinte:

«*O Commercio de S. Paulo* (jornal) é o sr. Cesar Ribeiro. Este cavalheiro é o proprietario da folha, seu director, seu redactor, seu administrador, seu fac totum,

84 *Cometa*, (11 novembro) 1886.
85 *Cenaculo*, (15 junho) 1880.
86 *Commercial*, 1887.
87 *Cometa*, 1893.
88 *Caixeiro Viajante*, (10 fevereiro) 1893.
89 *Certamen*, 1888.
90 *Constituinte*, (1) 1879.

---

finalmente. Isso não obsta que, para superar o enorme trabalho que tem attrahido sobre os seus hombos, embora possantes, o sr. Cesar Ribeiro se soccorra de auxiliares e alguns mesmo de real merecimento.

«Consta que escreveu no *Commercio*, além dos collaboradores occasionaes, os srs. Luiz de Castro (filo do grande jornalista), Raymundo Capella, Couto de Magalhães Sobrinho, Evaristo de Oliveira, Roso Lagôa e Apparicio Sampaio. Seu correspondente telegraphico no Rio, é o tenente coronel Baldomero Fuentes, do *Jornal do Commercio*. Em politica *O Commercio de S. Paulo* é neutro. Entre os trabalhos mais interessantes que não deve-se esquecer as *Notas sobre a Revolta da Armada*, escriptos pelo sr. Alcindo Guanabara.»

Foi depois vendido a uma commandita representada pelo sr. dr. Eduardo Prado, que o fez orgam do partido monarchista restaurador. Foi empastellado em março de 1897, passando depois ás mãos do dr. Affonso Arinos e continuando como orgam monarchista.

(1) Sobre este jornal escreve-me o dr. Antonio de Toledo Piza:

«A 7 de setembro de 1879 appareceu nesta capital *A Constituinte*, redigida pelos drs. Leite Moraes, Bento de Paula Souza e Brasilio Machado, sob a gerencia de Alfredo de Almeida. Em fevereiro de 1880, Leite Moraes ficou só na redacção e o jornal morreu em julho desse anno.

»Parece-me que pelos annos de 1881 ou 1882, appareceram alguns numeros de um outro jornal com o nome de *A Constituiute*, redigido pelo sr. Francisco de Campos, genro do desembargador Bernardo Gavião Peixoto.»

91 *Constituinte*, (1) 1881.
92 *Constitucional*, (2) 1874.
93 *Constitucional*, (3) 1878.
94 *Canudo*, 1885.
95 *Casa Ecclectica*, 1883,
96 *Combate*, (13 junho) 1881.
97 *Coaracy*, (4) 1875.
98 *Caridade*, 1885.
99 *Comedia*, (5) 1881.
100 *Cipó Lactesense*, 1877.
101 *Commercio*, (17 abril) 1892.
102 *Cidade de S. Paulo*, (6) 1891.
103 *Claro*, 1887.
104 *Capital*, (8 novembro) 1893.
105 *Correio Paulistano*, (7) 1854.

---

(1) Vide nota acima.

(2) Orgam do *Club Constitucional Academico*, durou alguns annos e no começo era seu redactor o dr. Luiz Paulino Pereira Pinto

(3) Orgam do *Club Conservador*, redigido por Fernando Mendes, Cardoso de Mello Junior, Eduardo Prado, Pennaforte Mendes de Almeida, Camara Leal. H. Graça e outros.

(4) Jornal humoristico e por ultimo illustrado, redigido por Americo Brasiliense, Americo de Campos, Luiz Gama e Diogo de Mendonça Pinto.

(5) Folha litteraria, de que foram redactores Silva Jardim, Valentim Magalhães, Eduardo Prado, Gustavo J. Pinto Pacca e Adolfo Carneiro de Almeida Maia. Era publicada diariamente e pouco tempo durou.

(6) Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(7) Appareceu a 26 de junho de 1854.

E' o decano da imprensa paulista, e a primeira folha diaria que appareceu em S. Paulo. A principio o *Correio* sahia em pequeno farmato; em 1856, porém, augmentou e, na phrase de Ezequiel Freire, «attingiu ao apogeu do seu esplendor e ao pinaculo do jornalis-

mo provinciano, aureolando-lhe o nome as fulgurações intellectuaes de Affonso Celso, Couto de Magalhães, Falcão Filho, Aureliano Tavares Bastos. Horta Aranjo, Pedro Taques, Alambary Luz, Thomaz Alves Junior, Rodrigo Silva, Paulo do Vale, Quirino dos Santos, Rangel Pestana, Americo de Campos, Fagundes Varela, toda uma pleiade de talentos de primeira agua, a fina flôr da mocidade academica de então.» Joaquim Roberto de Azevedo Marques foi o seu fundador e director, até 1882, quando fôra adquirido pelo dr. Antonio da Silva Prado, passando Joaquim Roberto a simples administrador.

Em 1890 passou a ser propriedade de uma associação particular e orgam do partido republicano. Tem-n'o redigido, em suas ultimas phases, os drs Almeida Nogueira, Herculano de Freitas, Jorge Miranda, Wenceslou de Queiroz, Virgilio Sá Pereira e outros.

Quando em 1890, Joaquim Roberto deixou o *Correio*, esta folha publicou a seguinte noticia:

«E' com bastante pezar que communicamos aos nossos leitores que desligou-se da administração desta folha o estimavel cidadão capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

Fundador do *Correio Paulistano*, a 26 de junho de 1854, e seu proprietario durante longos annos, o seu nome ligado a esta folha desde o berço della, votava-lhe estremecido affecto de pae, como por vezes ouvimol-o declarar, e ultimamente alegrava se com o desenvolvimento que ella vae tendo e sua grande acceitação pelo publico.

Sem ter parte directa, por assim dizer—material na redacção, não obstante por sua inveterada pratica e intelligencia esclarecida, o capitão Joaquim Roberto não se conservava estranho á orientação deste jornal; comprehendia, como que por intuição e dava conselhos proveitosos e aproveitados aos diversos redactores que durante seu longo tirocinio jornalistico tem tido o *Correio*. Noutros tempos tambem escrevia, segundo estamos informados e até escrevia com certo atticismo, sem entretanto assignar seus escriptos, o que sem du-

vida era um acto de modestia de sua parte. Ultimamente considerava aquella collaboração como—*peccados da mocidade*, e só vinha rara e excepcionalmente á imprensa, quando era solicitado por algum motivo particular.

Despedindo-se o sr. capitão Joaquim Roberto da administração do *Correio Paulistano*, póde a convicção de que deixa nesta casa muita saudade de sua pessoa nos redactores, collaboradores, empregados da administração e da officina.»

A respeito deste benemerito cidadão, escreve o dr. Ezequiel Freire, em 1889, na *Gazeta do Povo*, o seguinte:

«O velho capitão Joaquim Roberto é um dos membros da numerosa e benemerita dynastia dos Azevedos Marques, da qual nesta provincia um membro pelo menos *reina* em cada ramo de funcção publica e actividade privada, havendo delles no magisterio, na militança, na burocracia, na imprensa, nas lettras amenas e didacticas.

Seu pae foi tenente-coronel reformado do exercito; um seu tio materno, Antonio Mariano, cognominado o *mestrinho*, revelou prodigiosa intelligencia em tenros annos, e, de companhia com o mais tarde marquez de Monte Alegre, fundou o primeiro jornal que veiu a publicidade em S. Paulo, o *Pharol Paulistano*.

De seus irmãos, um—Roberto Maria—escreveu o *Lenço de Luiz XIV*, pachuchada litteraria que teve em seu tempo extraordinaria vóga; e outro, o major Manoel Euphrasio, deixou um livro de alta utilidade e pacientissima factura—o *Indice Chronologico da Provincia de S. Paulo*.

São, pois, os Azevedos Marques familia operosa e prolifica, o que importa duas benemerencias, num paiz onde a preguiça é vasta e a terra maior.

Fiel ás tradições atavicas, Joaquim Roberto, homem temente a Deus, tem honradamente cumprido as duas recommendações feitas pelo Omnipotente ao nosso primeiro Pae, antes e de manducação do pomo vedado já crescendo e multiplicando a próle, já amassando o pão quotidiano com o suor do seu rosto.

E muito deve ter suado o pobre deste honrado velho, no amassar pão com que désse subsistencia á sua numerosa familia, tanto a que o creou, como a por elle creada; porquanto Joaquim Rberto, bom pae que é, tambem foi bom filho e, ainda creança, ficando orpham, teve de auxiliar com os recursos do seu trabalho a mantença da familia—mãe e quatro irmãos menores.

O maior da irmandade, e contava apenas 12 annos, era Joaquim Roberto. Viu-se, pois, o pobro rapazito obrigado a abandonar o escola, indo aprender a arte de Guttemberg na typographia de Costa Silveira, onde se imprimia então o *Novo Pharol Paulistano.*

Durante alguns annos Joaquim Roberto praticou aquella arte, della tirando meios para auxiliar a vida da familia.

Em 1842, tendo-se creado nesta capital o *Gabinete Topographico* (que pelo nome não perca) instituição destinada «ao ensino das sciencias mathematicas» o typographo Joaquim Roberto, desejoso de illustrar seu espirito, matriculou-se naquelle curso.

Sobrevém a revolução de 1842, e o referido *Gabinete*, victima imbelle da vicissitude dos tempos, teve de suspender a iniciação da mocidade estudiosa nos mysterios da typographia, em quanto as tropas de Lima e Silva punham agua na fervura revolucionaria, debandando as hostes rebeldes do brigadeiro Raphael Tobias.

Joaquim Roberto lembrou-se então de que o papá cingira espada, e ambicionando mais rutilas glorias do que lhe daria o manusear diurno e nucturno dos elzevires, jurou bandeira, assentando praça no 4.º batalhão de fuzileiros. Tinha o nosso esperançoso cadete 17 annos de idade.

Em 1845 era presidente desta provincia e commandante das armas o general Manoel da Fonseca Lima e Silva, que morreu barão de Suruhy; a opposição atacava-o de rijo, e o presidente julgou imprescindival fundar jornal que defendesse a sua administração. (A esse tempo não existia ainda a imprensa neutra.) Difficil era a empreza; o jornalismo provinciano estava em sua

infancia; grande escasez de pessoal technico, que era myster ir-se recrutar á Côrte. Nesse interim, em palestra de palacio, alguem inculca o nome de Joaquim Roberto, qne durante os vagares do serviço militar continuára a praticar a arte typographica. Apalavra-se o presidente com o cadete; este requer inspecção de saude, obtem baixa, e assume a direcção technica do *Americano*, folha governista, redigida pelo dr. Joaquim Ignacio Ramalho, hoje barão de si mesmo.

Durou pouco o *Americano*, perecendo á retirada do dr. Ramalho, que seguia presidente de Goyaz.

Em 1848, apeado do poder, o partido liberal resolveu fundar imprensa, que lhe fosse valvula de escapamento á bilis opposicionista e suavidade aos amargores do ostracismo:—dahi crear-se o *Ypiranga*.

Mandou-se vir typographo da côrte, que, logo, desavindo-se com a empreza, negou-se a compor. Perigava o jornal, quando de novo lembram se de que Joaquim Roberto era o homem dos momentos difficeis.

Procuram-n'o; elle assume a direcção da typographia e o *Ypiranga* reapparece.

Eis, pois, pela segunda vez aquelle paulista á frente de um estabelecimento typographico nesta capital.

Com pouco Joaquim Roberto tornou-se proprietario da typographia e editor gerente do *Ypiranga*.

Foi então que, a 26 de junho de 1854, o incansavel typographo fez sahir dos seus prelos o primeiro numero do *Correio Paulistano*, que tambem era a primeira *folha diaria* vinda a luz nesta provincia.

Honra, portanto, ao *primeiro* dos jornalistas paulistanos!

Quem conhece esta ingrata profissão, miseranda e gloriosa do jornalismo, bem póde avaliar que enorme somma de actividade, intelligencia e sacrificios, foi então necessaria áquelle rijo homem despender para dar vida ao seu jornal, num tempo em que ninguem lia, e em que ninguem se importava com a publicidade.

Basta dizer que para encher os primeiros numeros do *Correio*, Joaquim Roberto teve de andar de porta em porta dos commerciantes, pedindo-lhos annuncios

para serem publicados—*de graça*! E só relutando lh'os davam!

Prosperando, apezar de tudo, o *Correio*, em 1856 augmentou de formato e attingiu ao apogeu do seu esplendor e ao pinaculo do jornalismo provinciano, aureolando-lhe o nome as fulgurações intellectues de Affonso Celso, Couto de Magalhães, Falcão Filho, Aureliano Tavares Bastos, Horta Araujo, Pedro Taques, Alambary Luz, Thomaz Alves Junior, Rodrigo Silva, Paulo do Valle, Quirino dos Santos, Rangel Pestana, Americo de Campos, Fagundes Varella, toda uma pleiade de talentos de primeira agua, a fina flôr da mocidade academica de então.

Póde-se dizer que todos esses nomes, uns gloriosamente afundidos na morte, outros consagrados pela admiração dos que ainda vivemos—jornalistas, litteratos, politicos—uns e outros fizeram as suas primeiras armas nas modestas columnas do *Correio Paulistano* de Joaquim Roberto.

E' de vêr-se, ainda, que valiosos serviços prestou á provincia, maxime naquelles tempos, o jornal de Joaquim Roberto, já encorajando os seus noveis escriptores, já propugnando pela educação e instrucção populares, já promovendo á realisação dos melhoramentos materiaes desta terra, todo, todo o dia, durante quasi quarenta annos.

E' muito, pois não é? o beneficio que a esta provincia tem prestado aquelle digno velho, desde que aos doze annos de edade, ajuntou os caracteres com que compôz a primeira palavra do original que lhe distribuiram até hoje em que o vemos, sempre firme na estacada, entre os seus presados typos, vivendo delles e por elles, encanecido na faina jornalistica, rememorando do seu longo passado os dias gloriosos e as horas amargas, alli, na preoccupação e no amor de toda a sua prova, com a mesma paciencia e a mesma serena coragem do florir das suas 12 primaveras, quando collocou no componidor o seu primeiro quadratim, na typographia de Manoel Francisco da Costa Silveira, ha 53

106 *Cruzeiro do Sul*, (1) 1860.

annos... pois é muito, não é? o beneficio que elle tem feito a esta terra?...

°°

Tirando o seu principal elemento do coração de Joaquim Roberto, o *Correio Paulistano*, depois de ter lutado contra a penuria durante 27 annos, teve de submetter-se, no *struggle for life*, á soberania de el-Rei Dinheiro. Faziam-lhe concurrencia outros jornaes amparados por argentarios; Joaquim Roberto teve de vender o *Correio*, o seu querido jornal, que elle creára e que mantivéra atravez de todas as peripecies da sua vida de homem pobre

Em 1882 a propriedade do *Correio* foi adquirida pelo conselheiro Prado, passando Joaquim Roberto a exercer posto subalterno na administração do jornal, que continuou, entretanto, a prestar relevantes serviços á provincia, não tendo o menor delles a sua intervenção opportunista, mas effectiva na lucta pela liberdade dos escravos.

No meio de tantas amarguras da sua penosa vida jornalistica, Joaquim Roberto teve um dia de glorificação; foi quando, em 18 de setembro de 1882, a corporação typographica desta capital, representada por delegados de todas as typographias, foi manifestar solemnemente a sua homenagem, o seu reconhecimento e a sua estima pelo *primeiro* typographo paulista, fundador da imprensa diaria de sua terra, o velho Joaquim Roberto, o nosso *decano*, como lh'o dizemos todos, carinhosamente, nos dias festivos do jornalismo.

E ao pasar rapidamente a minha penna affectuosa e alegre pela vida deste infatigavel trabalhador, sinto que neste ponto ella estaca no traço da lettra e se inclina perante as honradas cãs do velho Joaquim Roberto.

E' a minha homenagem.»

(1) Foi redigido por Theophilo B. Ottoni Filho, natural de Minas Geraes, prematuramente fallecido. Era um talento e um caracter que honravam as tradições de seu venerando progenitor.

107 *Constitucional*, 1861.
108 *Crença*, 1864.
109 *Cabrião*, (1)
110 *Crhysalida*, 1874.
111 *Catholico*, (2) 1876
112 *Consciencia*, (3) (6 abril) 1876
113 *Centro Industriale e Commerciale Italiano*, 1876.
114 *Censor*, (4) (14 abril) 1845.
115 *Corriere de Italia*, 1880.
116 *Chrysalida*, 1869.
117 *Clarim Saquarema*, (5) 1851.
118 *Correo Español*, 1891.
119 *Correio Sur Americano*, 1891.
120 *Cittadino Italiano*, 1890.
121 *Commercio*, 1887.
122 *Comedia*, 1887.
123 *Chrysalida*, (6) 1891.

---

(1) Jornal illustrado, critico e litterario, redigido por Antonio Manoel dos Reis. Substituiu o *Diabo Coixo*, de Luiz Gama e Americo de Campos.

(2) Periodico academico, redigido por Benedicto Philadelpho de Castro e Estevão Leão Bourroul. O primeiro é hoje juiz de direito de Capivary e o segundo advogado em Mococa.

(3) Foi redigida por moços habeis como Carlos Ferreira França, Affonso Celso Junior, Ezequiel Freire, Fernandes da Cunha, Alberto Fialho e Magalhães Castro.

(4) Era impresso na typographia Americana, a rua de S. José e era orgam do partido liberal. (M. Azevedo).

(5) Orgam conservador, redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim, quando ainda era estudante do segundo anno juridico.

(6) Orgam dos alumnos do *Collegio Dellamare*, redigido por Evaristo de Oliveira, hoje auxiliar da redacção do *Commercio de S. Paulo*.

125 *Crença*, (1) 1873.
126 *Constitucional*, 1853.
127 *Caixeiro Viajante*, (2) 1895.
128 *Dois de Dezembro*, 1860.
129 *Diario de S. Paulo*, (3) 1865.
130 *Diario da Manhã*, (4) 1878.
131 *Diario Popular*, (5) 1884
124 *Colibri*, 1870.

---

(1) Antes deste jornal houve um outro com o nome de *Crença*, em 1864, redigido por Didimo da Veiga.

(2) Periodico-reclame da *Papelaria Guarany*, cuja publicação começou em outro.

(3) O *Diario de S. Paulo*, foi fundado pelos drs. Pedro Taques de Almeida Alvim e Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, que o redigiram por algum tempo. Passou depois a ser propriedade do coronel Paulo Delfino da Fonseca, sendo então redigido pelos chefes conservadores da provincia, drs. Antonio Prado e Rodrigo Silva, deputados, senadores e ministros, Duarte de Azevedo, deputado, ministro e advogado illustre, e João Mendes de Almeida, deputado e jurisconsulto emerito. O coronel Paulo Delfino da Fonseca, falleceu em São Paulo a 25 de outubro de 1884, como tabellião de notas.

(4) Orgam liberal, redigido pelo dr. Francisco de Paula Paiva Baracho, mais tarde deputado provincial e fallecido aos trinta annos de edade.

(5) Fundado por Americo de Campos e José Maria Lisboa, teve sempre feição democratica, sem comtudo ser jornal politico. Seu principal collaborador foi o illustre republicano e intemerato batalhador dr. Aristides Lobo, infelizmente enfermo ha tempo. Com respeito ao *Diario Popular*, assim se manifestou o *Correio Paulistano*, em uma noticia sobre a imprensa da capital, em janeiro de 1895.

«*Diario Popular*.—Publica-se sómente nos dias uteis. Seu proprietario e director é o sr. José Maria Lisboa,

132 *Diario Mercantil,* (1) 1884.

portuguez de origem, mas brasileiro de coração e nacionalidade. São redactores do *Popular* os srs Raymundo Furtado Filho, Lisboa Junior e Germano França, e collaboradores effectivos os srs. Urbano Duarte (do Rio), Lafayette de Toledo e João Luzo. Deu-lhe muito incremento outr'ora a assidua collaboração de Aristides Lobo. A secção livre desta folha é muito procurada porque occupa a sua primeira pagina, transferindo para a segunda o noticiario. A secção telegraphica, egualmente boa, attrahe sempre em primeiro logar a attenção dos leitores, por antecipar de algumas horas as noticias do Rio, trazidas pelo trem nocturno. O correspondente é Maximiano Serzedello, da *Gazeta de Noticias.*»

Começou a publicar-se a 8 de novembro de 1884.

Americo de Campos, actual consul do Brasil em Napoles, nomeado em 1890, é filho do dr. Bernardino José de Campos e de d. Felisbina Gonçalves de Campos, e irmão mais velho do dr. Bernardino de Campos, actual presidente do Estado. Nasceu em Bragança a 12 de agosto de 1835. Bacharelou-se em direito, mas entregou-se sempre ao jornalismo, redigindo em 1866-67, o *Cabrião*, com Antonio Manoel dos Reis, o *Correio Paulistano*, de 1867 a 1874; a *Provincia de S. Paulo*, de 1875 a 1884, tendo Rangel Pestana como companheiro de redacção, e o *Diario Popular*, de 1884 a 1890.

(1) Um dos melhores diarios paulistas pela correcção da sua linguagem e escolha de assumptos litterarios. Era redigido por Gaspar da Silva, Léo de Affonseca e Eduardo Salamonde. Retirando-se o primeiro, ficou o *Diario Mercantil* a cargo dos dois ultimos, desapparecendo em 1891, com a retirada destes para o Rio de Janeiro, onde foram residir como redactores d'*O Paiz*. O *Diario* passára ultimamente a chamar-se *O Mercantil*, e neste collaborou effectivamente o intelligente moço José Severiano de Rezende, natural de Minas Geraes.

133 *Diario Liberal*, (1) (22 março) 1895.
134 *Diario Official*, (2) 1891.

---

(1) Havia nesta capital dois jornaes liberaes; a *Gazeta Liberal*, redigida pelo dr. Lins de Vasconcellos e desembargador Gavião Peixoto, e o *Diario de São Paulo*, redigido pelos drs. Leite Moraes e Augusto Queiroz. Da fusão destes dois jornaes, surgiu o *Diario Liberal*, redigido pelo desembargador Gavião, auxiliado por diversos politicos do tempo.

(2) Orgam official do governo do Estado, creado por decreto do theor seguinte:

« Decreto n. 162 A. O governador do Estado de S. Paulo, no exercicio da attribuição conferida pelo artigo 3.º, § 36, do decreto n. 7, de 20 de novembro de 1889, decreta:

Art. 1.º Fica creado um jornal com o titulo de *Diario Official do Estado de S. Paulo*, que se destinará á publicação dos actos e do expediente do governo, bem como do expediente das diversas repartições publicas do Estado.

Art. 2.º O *Diario Official* será editado em officinas typographicas de propriedade do Estado, á que, sob a denominação génerica da *Typographia do Estado de S Paulo*, se poderão annexar, como dependencias officinas para trabalhos concernentes á arte typographica, á pautação e encadernação.

Art. 3.º O pessoal encarregado da publicação do *Diario Official* e dos demais serviços será o seguinte: um director, um sub-director, dois redactores, tres revisores, um administrador, um machinista, um chefe de officinas de obras e machinas, um chefe de officina do jornal, um encarregado da remessa, um chefe de contabilidade, dois escripturarios e um continuo.

Art. 4.º O governador, em regulamento expedido para esse fim, organisará a repartição do *Diario Official* e descriminará as attribuições dos empregados a que se refere o artigo antecedente, os quaes perceberão os vencimentos constantes da tabella annexa.

O secretario do governo o faça publicar. Palacio

do governo do Estado de S. Paulo, 28 de abril de 1891. —*Americo Braziliense de Almeida Mello*.»

O primeiro director do *Diario Official*, foi o dr. João de Araujo, que foi substituido em dezembro de 1891. por Horacio de Carvalho, que ainda hoje desempenha dignamente o cargo. Deste jornal disse o *Correio Paulistano*:

«O *Diario Official* do Estado de S. Paulo é, como o proprio titulo o declara, o orgam do governo estadual: Publica os actos legislativos, os do poder executivo e o expediente das secretarias, trabalhos do congresso, etc.

Tem tambem um discreto noticiario, quanto o permittem as reservas, impostas da palavra official. Insere, por vezes, estudos de alto interesse scientifico, criteriosa samente extrahidos de relatorios, revistas ou jornaes estrangeiros e nacionaes.

E' seu director o habil e conhecido jornalista sr. Horacio de Carvalho, que tem como auxiliares nos labores da redacção os intelligentes moços drs. Canto e Mello e Ezequiel Ramos Junior.»

O fundador da imprensa official em S. Paulo, pois que a provincia nunca teve jornal propriamente seu, foi o dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, filho do dr. Francisco Antonio de Almeida Mello e de d. Felizarda Joaquina Pinto, nascido em S. Paulo a 8 de agosto de 1833. Bacharelou-se em direito em 1855, doutorou-se em 1860, foi deputado provincial e geral, presidente das provincias de Parahyba e do Rio de Janeiro e lente da Faculdade de Direito. Foi governador de S. Paulo e eleito seu primeiro presidente, em 1891, e é hoje ministro do Supremo Tribunal Federal. Escreveu em diversos jornaes e publicou a *These para obter o grau de doutor* (1860), as *Lições de historia patria* (1877), os *Programmas dos partidos* (1878), as *Bases para a Constituição Politica do Brasil* (1890), as *Cartas Politicas* (1895). *Jornal de Terontillo Arsa*, pamphleto politico 1878). Foi administrador-gerente do *Diario Official* o cidadão Pedro Braga, fallecido em março de 1895, de quem o *Correio Paulistano*, de 17 deste mez disse o seguinte:

«A's 2 da madrugada de ante-hontem para hontem sucumbiu nesta cidade, victima da affecção cardiaca que soffria ha dois annos, o estimado cidadão Pedro Braga, gerente do *Diario Official*.

Moço ainda, pois não tinha 42 annos completos, a sua morte foi muito sentida no circulo não limitado dos seus amigos.

Republicano historico, companheiro do grupo mais novo da propaganda a todo o custo, feita pela geração dos mais moços, de typographo habilissimo, dono de seu officio, Pedro Braga foi-se fazendo por si mesmo, até que um dia o vimos gerente da antiga *Provincia de S. Paulo*, hoje *O Estado de S. Paulo*. Vimol-o depois como gerente da *Gazeta do Povo*, sob a direcção e redacção de Julio Ribeiro e F. Paes de Barros.

Pedro Braga foi ainda, com o dr. Vicente de Carvalho, proprietario do *Diario da Manhã*, em Santos, que gyrou sob a firma Pedro Braga & C. Por occasião em que se organizou e se nomeou a *Commissão do Alto Paraná*, (para abertura de uma estrada naquelle rumo) foi elle nomeado pagador e, como tal, seguiu com ella.

Organizando-se politicamente, o Estado de S. Paulo, Pedro Braga foi indicado para gerente do *Diario Official*, cargo que desempenhou com a grande competencia que tinha, para tanto, e nessa qualidade, prestou áquella repartição publica reaes serviços.

Era lhano, estimavel e estimado. Foi casado duas vezes e deixa, das primeiras nupcias, dois filhos, e das segundas, que realizou ha 3 annos, a esposa e um filhinho.

Seu enterro effectuou-se ás 4 e meia da tarde de hontem, muito concorrido, provando a estima em que elle era tido. Compareceu a esse acto de dever todo o pessoal superior do *Diario Official*, parte do corpo de typographos, e foi esse pessoal superior quem pegou os alças ao caixão, para conduzil o ao carro-funebre.

Vimos ainda muitas pessoas gradas da nossa sociedade a acompanhar o feretro e entre ellas notamos que o nosso collega o *Estado* se fez representar pelo seu

135 *Diario do Commercio*, (1) 1890.
136 *Diario da Tarde*, (2) 1894.
137 *Diario de S. Paulo*, (3) 1883.
138 *Diario de Noticias*, (4) 1887.

---

gerente o sr. José Filinto e pelo seu reporter o sr. Juvenal Pacheco.

Condoidos pela morte de um companheiro de trabalho, na imprensa de que fazemos parte, enviamos sentidos pezames á sua exma. familia.»

(1) Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(2) Appareceu a 1.º de fevereiro, em lugar da *Platea*, que foi supprimida temporariamente, por ordem do marechal Floriano Peixoto, durante o periodo do estado de sitio. Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(3) Orgam liberal, redigido pelos drs. Leite Moraes e Augusto Queiroz. Appareceu em 17 de julho e pouco durou.

(4) Principiou a publicar-se em 31 de julho de 1888 e desappareceu em 1891, sendo seu proprietario Albino Soares Bairão. Neste jornal escreveu o jovem poeta Luiz de Carvalho, fallecido em S. Paulo em 10 de junho de 1890, a respeito de quem se lê no mesmo *Diario de Noticias*, de 11 daquelle mez:

«Hontem era-lhe o alvorecer da ridente primavera da vida, cheia de encantos e enflorada de inebriantes flores, abrindo á sua pujante cerebração de poeta os amplos horizontes da immortalidade... E hoje a terra gélida do tumulo a lhe cobrir aquellas aspirações mortas, a verminar aquelle coração robusto que se expandia aos suaves encantos da poesia!

Quem não conheceu Luiz de Carvalho?

Quem não admirou o inspirado burilador de tantos sonetos primorosos, esparsos nas diversas folhas de São Paulo?

Canto e Mello, J. Riedel e Pitaguary eram os companheiros mais dilectos do inditoso e mallogrado moço.

Aquella existencia esperançosa, tão abrupta e precocemente arrebatada ao carinho de sua familia e á admiração dos seus amigos, veio trazer-me uma pungente e ironica desillusão:

—A nossa existencia na terra é um cahos e um pesadello!

A Morte não conhece, não respeita aptidões, nem individualidades.

A sua brutalidade inexoravel abrange no seu furor os velhos cobertos de cãs e as creancinhas imbelles...

Hoje, cheios de vida, sentindo no cerebro o fervilhar candente do genio; amanhã, aniquilados, algidos, putrefactos, servindo de banquete á larvaria abjecta do sepulchro!,..

E como é triste, como é doloroso, como confrange até o proprio sceptico vêr finar-so na mais risonho enflorecer da edade uma vida que era animada da esplendente scentelha da inspiração mais privilegiada do genio!...

Tanta illussão, tanta esperança, atiradas no mutismo ignaro da campa!...

E que de risonhos horizontes havia sonhado o poeta! Como a sua imaginação se havia tantas vezes occupado dos seus triumphos vindouros!

Ainda ha bem poucas semanas dizia-me Luiz de Carvalho:

—Eu vou colleccionar o que tenho publicado dos meus versos, e, bem polidos e cuidados, conjuntamente com outros que tenho inéditos, hei de publicar proximamente um livro. Livro caro! Editado em Paris sob a minha immediata fiscalização! Ha de ser uma obra prima... de luxo. Depois preparo-me para apanhar a tunda da critica...

E morreu este sonhador, talvez um mez depois...

A poesia contemporanea perdeu em Luiz de Carvalho um dos seus mais dilectos e inspirados cultores.

Aprimorado no estilo, fluente e scintillante na phrase, Luiz de Carvalho cultivava de preferencia a arte mais difficil do verso—o soneto.

E não raras vezes, ao lêr as suas poesias, que eu conhecia já pelo estylo, lhe disse:

—Acheí os teus versos com uns resaibos de nostalgia impropria da tua edade e do teu temperamento. Pareces-me tristonho...

E elle, invariavelmente:

—Quem me vê sempre a rir engana-se commigo. Cá por dentro anda sempre uma tristeza medonha!

Era a voz da morte que já fallava ao seu espirito, avisando-o talvez da sua propria romaria ao mundo do esquecimento e da treva.

E baixou, celere, a essa fria região do *nada*!...

Mas a sua memoria não se extinguirá tão cêdo. Ahi ficam fallando bem alto para que o écho repercuta o seu nome, as suas innumeras poesias, verdadeiros primores de sentimento e inspiração.

Aqui traslado um bellissimo soneto que o malogrado poeta me dedicou:

CONFIDENCIA

Das puras a mais pura. A mais formosa
das formosas que vires na cidade
e que tiver a côr de lirio e rosa
no semblante de angélica bondade;
Aquella em quem achares a orgulhosa,
porém, nobre expressão de magestade,
mais senhoril, e meiga e carinhosa
—de entre as mais bellas a que mais te agrade...
A que vires, emfim, menos contente,
ouvindo juras mil de amor ardente,
homenagens e affectos desprezando...
Esse, fica sabendo—é por quem vivo,
por quem me vês alegre ou pensativo,
por quem me vês agora andar pensando.

Quem escreveu versos destes teve o baptismo sacrosanto da poesia,

BRONE SEGO.»

No *Diario da Manhã*, de Santos, tambem se lê:

«O telegramma que vai na secção competente traz-nos a inesperada noticia do fallecimento de Luiz de Carvalho, um rapazito de muito talento que passou a vida em S. Paulo a vender bilhetes de loterias, e fazendo versos magnificos com que muitas vezes firmou o seu valor nas columnas da *Provincia de São Paulo* e *Diario Popular*.

Luiz de Carvalho era verdadeiramente poeta. Vivendo por necessidade pessoal, num meio de interesses commerciaes, arredado quasi que de todo do convivio

do mundo das lettras, não dispondo de tempo nenhum para se occupar de trabalhos intellectuaes, Luiz de Carvalho escrevia poesias lyricas de uma correcção exemplar e de uma doçura infinita.

Aqui no *Diario da Manhã*, publicámos diversas producções poéticas da sua lavra.

Ultimamente, tendo-se retirado por doença grave, do commercio, collaborava no *Diario de Noticias*, onde a sua face de humorista feliz revelou-se nas chronicas que alli escrevia aos sabbados.

Luiz de Carvalho possuia versos inéditos, além da collecção que guardava dos que já publicára.

Era moço ainda, pois contava apenas 22 annos de edade. Filho de Minas Geraes, mudou-se com toda a familia para o Estado de S. Paulo, residindo em diversas localidades do interior, e depois na capital, onde começou o revelar a sua veia poetica.

Era irmã do distincto litterato Horacio de Carvalho, a quem enviamos nossos sentidissimos pezames, como a toda a exma. familia do finado.»

E no *Diario Popular* o seguinte:

«Acabamos de saber da morte inesperada do nosso intelligente e sympathico collaborador e affectuoso amigo Luiz de Carvalho.

Victima de um accesso algido succumbiu hoje ás tres e meia horas da manhã.

Foi esta a synthese dolorosa da communicação que tivemos.

Que fazer? Que dizer?

Que póde produzir uma penna quando peza na alma de quem escreve a enormidade de um tamanho golpe e os olhos cheios de agua quasi não distinguem sobre o papel as linhas mal traçadas?

Ha factos que não admittem um commentario.

Este, por exemplo, a consummação de tamanha brutalidade, o vácuo enorme que a falta de um amigo vem abrir no coração dos que o estimavam, a falta das consolações de um companheiro nas lides da penna, ferem-nos e postram-nos como si turbilhonasse ao redôr o destroço de um formidavel cataclysma.

Ha como que uma predestinação maldita que peza sobre as gerações de moços intelligentes e que as obriga a contribuirem com os seus rebentos mais vivaces para o anniquilamento da morte.

E eil-a que vem, com as longas mãos descarnadas, arrebentando alaúdes, despedaçando as lyras mais sonoras, vivando como uma panthera faminta, a dominar os côros dos psalterios, e vai com sua presa, inexoravel e fria, diante das desconsolações das lagrimas e dos desconfortos.

De que serve extender agora os olhos em torno em procura de um ente arrebatado na voragem, si essa voragem escancara-se diante de nossos passos e não se póde saber qual deve ser o primeiro arrebatado para o mundo das sombras eternas?

Por toda parte deparamos com vestigios daquelles que se foram.

Aqui, um canto suavissimo que lhe fugiu de dentro da alma na hora em que a primavéra da vida lhe desenrolava sobre a cabeça grinaldas de louros e rosas

Alli, uma endeixa triste suspirada quando o rijo acicato da amargura lhe pungia célere no peito.

Por toda parte a sombra delle, a sua imagem eternamente gravada no fundo da retina, o écho de sua vôz chorado a nossos ouvídos como os queixumes de uma lyra suspensa aos ramos de um salgueiro e açoitada pelas brisas da noite.

E os mais que ficam pela vida com o coração distilando lagrimas amargas como o tronco de um cedro a que uma fouce impiedosa houvesse rasgado a dura casca!

Qual será mais feliz.

Aquelle que a mão da morte arrastou para o eterno descanço, onde não ha sonhos, nem lutas, onde não ha reminiscencias, nem maguas, ou o que fica pelo mundo vagando como uma ave perdida, ouvindo dentro de si mesmo o choro lancinante da saudade?

Felizes os que vão.

Felizes esses, pois que ao menos no socego imper-

turbavel que os encerra não penetra nem o menor écho do mundo que possa levar-lhes ao ouvido as imprecações dos homens ou o grito raivoso de uma blasfêmia.

Na paz indefinida a que se acolheram não chegam as raras notas alegres da vida, mas tambem alli não se abrigam as multidões de maguas e tristezas.

E nós, nós que ficámos, vamos vendo dia a dia o lento desfolhar das nossas esperanças, soffrendo hoje mais um revéz para continuar amanhã na mesma luta improficua, sempre vencidos, sempre anniquilados e tendo além de tudo que guardar dentro da alma a saudade dos que se foram, tendo de chorar constantemente a falta dos que partiram.

Triste missão dos homens.

Bemaventurados os que se vão.

Luiz de Carvalho era mineiro, filho do sr. Fidelis F. de Souza Carvalho e irmão de Horacio de Carvalho.

De tenros annos tendo se dedicado a vida do commercio soube captar innumeras sympathias nesta praça, onde era considerado pela rectidão de seu caracter e proverbial honestidade.

Desde logo começou a ensaiar os seus primeiros vôos poeticos e dentro em breve conseguiu elevar-se á altura dos primeiros poetas da geração actual.

Modesto e despretencioso viveu sempre arredado desses grupos em que se faz uma popularidade pouco duradoura e trabalhava sozinho, consciente de sua força e crente no futuro.

Ultimamente colheu-o a enfermidade que não conseguiu roubar-lhe nunca a alegria franca, que era um de seus bellos caracteristícos.

Mesmo depois de enfermo era um dos nossos mais assiduos collaboradores poeticos e ultimamente escrevia aqui a secção *Pequenas ephemerides*, deixando de fazel-o unicamente quando se recolheu ao leito de enfermo.

A morte colheu-o com 23 annos de edade.

A' sua familia pedimos licença para compartilhar a sua magua, pois que nós tambem sentimos a falta e lamentamos a perda do nosso estimado Luiz.

139 *Domingo*, (outubro) 1886.
440 *Discipulo*, 1888.
141 *Dahlia*, (15 junho) 1894.
142 *Democracia*, 1885.
143 *Discipulo*, 1882.
144 *Diavolo Nero*, (7 abril) 1892.
145 *Deutsche-Brasilianische-Presse*, 1891.
146 *Diabo-Coxo*, (1) 1865.

---

(1) Jornal illustrado e humoristico, em prosa e verso, redigido por Luiz Gama. Durou algum tempo e foi substituido pelo *Cabrião*, de Antonio Manoel dos Reis e Americo de Campos.

«Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nasceu na cidade de S. Salvador, capital da Bahia, em 21 de junho de 1830, sendo baptisado em 1838 na matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

Era filho de uma preta, africana livre da Costa da Mina, da nação Nagó e de nome Luiza Maheu.

Luiza era baixa de estatura, magra e bonita, tinha os dentes muitos alvos e a sua côr era de um preto retinto, reluzente.

Possuia um genio irascivel e violento e era de indole vingativa, sendo no gesto grave e sombria.

Era muito trabalhadeira e entregava-se ao commercio de quitandas, sendo na cidade em que residía muito popular e conhecida. Era pagan e recusava-se obstinadamente a converter-se ao christianismo.

Mais de uma vez foi presa por suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram effeito.

Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, mais conhecida pelo nome de *Sabinada*, veio ao Rio de Janeiro e nunca mais voltou.

Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, no Rio, sem que a podesse encontrar. Em 1862, soube por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos que, apanhada com malungos desordeiros em uma *casa de dar fortuna* em 1838, fôra posta

em prisão, e que tanto ella como os companheiros desappareceram.

Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

E assim nada poude Luiz alcançar em relação a sua mãe.

Em 1861, voltando a S. Paulo e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava consagrou á mãe perdida saudosos versos que se lêm, como nota de um sentimentalismo dissonante no risonho livro das *Trovas Burlescas*, que deu á luz com o pseudonymo de Getulino.

Vê-se que já era hereditario em Luiz Gama o profundo sentimento de insurreição e liberdade.

O pae de Luiz—outra analogia deste com Spartaculus – era nobre, fidalgo de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza.

Foi rico e, nesse tempo extremoso para o filho, criou-o nos braços.

Foi revolucionario em 1837.

Era apaixonado pela pesca e pela caça; jogava bem as armas e melhor as cartas; comprazia-se em folguedos e orgias; esbanjou uma boa herança, havida de uma tia em 1836. Reduzido a pobreza extrema, em 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz E. Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho como seu escravo, a bordo do patacho *Saraiva*.

A respeito dessa venda ha uma scena que deixa vêr por um lado o caracter corrupto de um pae e por outro a energia do filho vendido.

A's 5 horas da tarde o pae de Luiz Gama mandára Luiza Mahou vestir o filho, dizendo que iam dar um passeio.

Chegado ao cáes chamou um bote e declarou que preferia um passeio maritimo, visto que aproveitava a occasião para falar com o commandante do patacho *Saraiva* com quem tinha uma questão a ultimar.

Dirigiram-se para o patacho, e chegados ao tombadilha, o pae deixou a creança a conversar com o commandante.

Terminada a conversa, foi-se retirando sorrateiramente, para assim escapar ás vistas do filho; mas este sempre vivo e esperto, quando vio o pae affastar-se e entrar no bote, dando ordem para este partir, perguntou da escada:

—Então, meu pae, não me leva comsigo?

Ao que aquelle respondeu.

—Não, porque me esqueci de alguma coisa em terra. Voltarei breve e então iremos juntos.

Foi então que o jovem Luiz desceu mais algums metros e exclamou;

—Meu pae, o senhor me vendeu!

O velho olhou-o por algum tempo, os olhos se lhe encherem de lagrimas e deu ordem aos remadores que tocassem para terra.

Luiz Gama occultou sempre aos amigos o nome do autor de seus dias, que, se ainda vive, ha de ter a recordação da monstruosa infamia commettida.

Remettido dias depois para o Rio de Janeiro, no mesmo navio que partiu carregado de escravos, foi Luiz, como muitos outros, para a casa de um negociante portuguez, de nome Vieira, estabelecido com loja de vélas, á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto e energico que recebia escravos da Bahia á commissão.

Tinha, além de um filho peralta que estudava em um collegio, umas filhas já crescidas, muito compasivas e meigas; a senhora Vieira era uma perfeita matrona cheia de piedade.

Tinha então Luiz 10 annos.

Seriam 5 horas da tarde, quando elle entrou em casa e todas as mulheres da casa se lhe affeiçoaram immediatamente.

Mandaram-n'o lavar, vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de ceiar e fizeram-n'o dormir em uma boa cama.

Luiz Gama lembrou-se sempre commovido daquella boa gente que com tanto carinho o tratára.

Em 1840, foi vendido naquella casa ao negociante contrabandista, alferes Antonio P. Cardoso, o mesmo que em 1870 ou 1872, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, deste Estado, no acto de ser preso por haver morto á fome alguns escravos em carcere privado, já velho de 70 annos suicidou-se atravessando o craneo com uma bala de pistola.

O alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos e trouxe-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para esta então provincia.

A pé, com 10 annos de edade, fez Luiz toda a viagem de Santos até Campinas.

Escravo, sahido de infancia tragica, descalço, desemparado, faminto, subiu entre um bando de escravos a aspera serra do Cubatão.

Foi escolhido por muitos compradores nesta capital, em Jundiahy e Campinas e por todos rejeitado como se rejeitam as cousas ruins, pela circumstancia de ser bahiano.

O ultimo que o engeitou foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do fallecido marquez de Tres-Rios.

Depois de o haver escolhido, affagou-o dizendo:

—Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe:

—Onde nasceste?

Na Bahia.

—Bahiano!... exclamou, admirado, o excellente velho. Nem de graça! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno.

O marquez de Tres Rios que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, mais tarde teve o como um dos seus amigos mais considerados.

Engeitado como refugo com outro escravo bahiano de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, nesta capital, á rua do Commercio n. 2, sobrado, perto da egreja da Misericordia, que hoje já não existe e

que era situado no largo do mesmo nome, esquina da rua Direita.

Alli aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar, a engommar e a costurar.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso, veio morar como hospede para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues de Araujo, hoje doutor em direito, o qual foi magistrado de muito merito e que ha pouco era fazendeiro e residia em Mogy-Guassú.

Travaram amisade estreita de irmão, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras lettras.

Em 1848, sabendo lêr, escrever e contar alguma coisa, e havendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugindo da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça.

Terminou aqui o periodo do seu captiverio, começando para Luiz uma nova phase da vida cheia de lutas e de peripecias, em que elle conseguiu instruir-se e educar o seu formoso talento, entregando-se aos estudos de direito e apresentando-se dentro em pouco tempo, comquanto não fosse formado, como o abalisado e distincto advogado que todos conheciam e que quasi todos respeitavam e temiam pelos conhecimentos de jurisprudencia e pela dialectica de ferro e fino espirito satyrico com que esmagava pelo ridiculo os seus contendores.»

Em S. Paulo conseguiu Luiz Gama cercar o seu nome da mais solida reputação, creando uma clientela que faria inveja aos mais provectos advogados.

Francisco Glycerio, José Bonifacio e bem assim os mais conspicuos cidadãos deste Estado, honravam-se com a sua amizade.

Os serviços de Luiz Gama eram sempre, de preferencia, consagrados á liberdade dos captivos e á dos opprimidos.

Orador fluente e escriptor apreciado, collaborou em diversos orgams da nossa imprensa, onde inseria es-

criptos em prosa e magnificos versos humoristicos, como só elle os sabia fazer.

Quebrou os grilhões do captiverio a centenares de captivos, e o exemplo da sua vida inteira consagrada á liberdade de uma raça, foi a bandeira desfraldada que empunharam seus amigos, os quaes juraram sobre o seu túmulo, ainda quente, continuar o sua propaganda emquanto vivos fossem, embora tivessem ante si os mais insuperaveis embaraços.

Luiz Gama é, a nosso ver, o maior vulto do abolicionismo no Brasil, porque a sua vida foi uma epopéa de sacrificios consagrada, quasi que em absoluto, á libertação dos captivos,

Morreu o illustre cidadão abençoado por milhares de individuos que lhe deveram beneficios e que todos os annos vão, em romaria, ao seu tumulo, cobril-o de flôres e regal-o de lagrimas.

O seu enterro foi um verdadeiro funeral e um dos mais concorridos de que ha memoria em S. Paulo.

Desde o meio-dia, o enterro devia ser ás quatro horas, que o povo em massa procurava o cemiterio. Velhos, mulheres e creanças, principalmente pretos, dirigiam-se para a triste necropole, á conquista de um logar para aguardar a chegada do feretro. Duzentos e tantos carros acompanhavam a este, mas vazios. Era uma verdadeira procissão civica, composta de perto quatro mil pessoas, quasi todas as associações scientificas, litterarias e beneficentes de S. Paulo, com os estandartes em funeral, lojas maçonicas, de que o morto era um dos mais graduados, etc.

A' beira do tumulo, orações funebres dos nossos mais eminentes oradores.

Eis o que foi Luiz Gama, o escravo, filho de uma preta, que entrou na vida na posição social a mais obscura que se póde conhecer; que deu os primeiros passos na existencia por uma verdadeira tragedia de lagrimas e de soffrimentos, mas que deixou o mundo quasi endeosado por uma multidão, com um nome cercado do respeito e da veneração dos seus concidadãos pelo muito que fez pela causa dos fracos, contra a

147 *Democracia*, (31 outubro) 1889.
148 *Direito e Lettras*, (1) 1878.
149 *Democrata Federal*, (2) 1895.

---

prepotencia dos fortes e pelo direito dos escravos contra a usurpação dos senhores.

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, falleceu em S. Paulo no dia 13 de agosto de 1882 *(a)*

(1) O *Direito e Lettras*, cujo primeiro numero é de agosto de 1878. era uma revista academica, orgam do Atheneu Juridico e Litterario. Seus redactores-chefes eram, Tristão da Fonseca, da parte juridica, e Affonso Celso Junior, da litteraria, e redactores dos diversos annos, Araujo Brusque, Assis Brasil, Silva Jardim, Pelino Guedes, Timotheo Araujo, Leite Moraes Filho, Nardy de Vasconcellos, Theophilo Dias, Valentim Magalhães, Souza Fernandes, Cardoso de Mello, Santos Werneck, Pinheiro de Andrade, Horacio Guimarães, Alberto Fialho, Corrêa Dias, Fernando Mendes, Carlos Gusmão, Severino Prestes, Dutra Rodrigues, Muniz de Souza, Pedro Amaral, Olympio Magalhães e Souza Dias. O primeiro numero tem 95 paginas e o segundo 126.

(2) Folha diaria, destinada á defeza dos principios democraticos federativos. Director politico, Antonio Moreira da Silva. Redactor politico e secretario, dr. Leopoldo de Freitas. Redactor literario e collaborador effectivo, Adolfo Araujo. Gerente, Manoel José Silveira Tem por lemma estes pensamentos. «O homem civilisado é responsavel na substancia e na fórma pelas idéas e conceitos, que põe em circulacão. Pela palavra falada e pela palavra escripta guia o homem civilizado os governos bem intencionados.» Seu apparecimento a 24 de março, foi assim noticiado pelo *Correio Paulistano*: *Democrata Federal*,

«Com o titulo supra, appareceu hontem nesta capital, sob a direcção do sr. Moreira da Silva, uma nova

---

(*a*) Tancredo Amaral.—*Historia de S. Paulo*, 1895, paginas 233 a 242.

folha diaria, que, como se vê do seu artigo de apresentação, vai ser o orgam do partido opposicionista no Estado.

Justificando a escolha do seu titulo. a nova folha declara que pretendeu synthetizar, nas expressões que o constituem, harmonicamente combinadas. o seu programma politico na imprensa; e ao partido opposicionista faz um appello, para que adopte como sua a mesma denominação, substituindo por tal fórma a que ainda hoje, em termos geraes e com vago significado, o distingue.

Quizemos tambem vêr nas phrases dessa justificativa, sobretudo pelo modo como se referem ao actual systema de governo que nos rege, um pronunciamento de que as idéas parlamentaristas não são acolhidas pela collega.

Ao menos é isto o que as appariencias indicam.

O Democrata Federal que acceita e defende, em todo o seu conjunto, tão sabio, homogeneo e promissoramente fecundo em beneficios, o mechanismo federativo que possuimos, pugnando, como diz, pelos direitos e vantagens do individuo no municipio, do municipio no Estado e do Estado na Federação, não póde pretender que a *unidade* peculiar e quasi caracteristica do systema parlamentar venha alargar esses laços de interesses reciprocos e communs, esphacellando a integridade das instituições.

Em consequencia, não só por isso, como ainda por vêrmos que, no intuito louvavel do se aggremiarem, para as verdadeiras e bem comprehendidas lutas partidarias. em pról da patria, as forças adversas á situação politica do momento em S. Paulo, cogitam de organisar o seu centro director—para a sua economia interna e para a sua publica representação—enviamos ao novo orgam de publicidade os nossos cumprimentos.

São os votos de adversarios que, embora combatendo em campos oppostos. acreditam poder vêr nessa nova orientação partidaria sinceros e reaes tentamente patrioticos pela Republica.

Assim seja.»

151 *Doze de Maio*, 1863.
152 *Democracia*, 1867.
153 *Dezeseis de Julho*, 1868.
154 *Ensaios Litterarios*, (1) 1852.
155 *Ensaios da Sociedade Brasileira*, 1859.
156 *Exercicios Litterarios do Club Scientifico*, (2) 1859.

(1) Quando publicamos parte desse nosso trabalho no *Diario Popular*, dissemos que o periodico *Ensaios Litterarios*, tinha começado a publicação em 1852. A isto objectou-nos o dr. Antonio Piza.

«Os *Ensaios Litterarios* eram publicados em 1852? Deviam ter sido em 1856, porque os ns. 5 e 6, que tenho, trazem a data de agosto e setembro de 1856. Ou é outro jornal? Este de que trato é—*Ensaios Litterarios do Atheneu Paulistano*, 1856; redactores Castro e Silva, Aureliano Tavares Bastos, Americo Marcondes, Duque Estrada Teixeira, Bittencourt Sampaio, Homem de Mello, Mello e Mattos, Couto Magalhães, Ferreira Vianna, Alvarenga Pinto, Leite Moraes, Almeida Moraes (primo de Leite Moraes e actual juíz de direito Tieté), Thimoteo Rosa, etc. Acredito que a sociedade *Atheneu Paulistano* fosse fundada em 1852, mas só teve orgam na imprensa *(Ensaios Litterarios)*, em abril de 1856, e a revista era mensal, de modo que os ns. 5 e 6 são de agosto e setembro desse anno.

Não podemos bem verificar o caso. O certo, porém, é que em 1847 havia uma revista em S. Paulo, intitulada *Ensaios Litterarios*, em que escrevêra Bernardo Guimarães, e que, em 1850, ainda existia, conforme o testemunho de Sacramento Blake no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, tomo I, pag. 205. O barão Homem de Mello, escreveu nos *Ensaios Litterarios* de 1856 a 1858, e ahi publicou os seus estudos historicos sobre o Brasil.»

(2) Escreveu nesta revista o dr. Theodomiro Alves Pereira, natural e morador da Diamantina, Estado de Minas Geraes, de cujo senado é membro. O dr. Theodomiro escreveu em muitos jornaes do paiz, é orador eloquentissimo e autor de um apreciavel romancete, intitulado *Gemnesco*. Collaborou egualmente no *Tymbira* e em outras folhas da épocha.

157 *Esboços Litterarios*, (1).
158 *E'pocha*, 1863.
159 *Educação*, 1875.
160 *Evolução*, (2) 1870.
161 *Entr'Acto*, (3) 1881·
162 *Ensaio*, 1886.
163 *Expositor Christão*, 1889.
164 *Estreia*, 1889.
165 *Expiação*, (4) 1892.
166 *Escola Publica*, 1893.

---

(1) Redactor, J J. Pereira de Santiago.

(2) Folha republicana, habilmente redigida por Assis Brasil, Julio de Castilhos e Pereira da Costa. Della disse Sá Vianna, nos seus *Esboços críticos da Faculdade de Direito de S. Paulo*. «*A Evolução*, em 1879, foi o jornal academico, de empreza particular, que mais appareceu na Faculdade de S. Paulo; foi bem redigida e por moços intelligentes. Pediram em prosa e verso o estabelecimento da Republica e Assis Brasil remetteu tudo a Deos nos fragmentos dos *Libellos*. Incontestavelmente *A Evolução* mostrou trabalho e coragem da parte dos que a redigiram, e foi pena que gastassem o tempo na defesa de uma causa hoje impossivel para o Brasil.» E' de 15 de abril o n. 1.

(3) Gazeta caricata. Durou pouco tempo, sendo substituida pelo *Bohemio*, cujo primeiro numero traz o retrato de Americo de Campos. O *Entreacto* e o *Bohemio* foram redigidos por Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Randolfo Fabrino, Theophilo Dias, Ezequiel Freire, Marcos Dolzani e Augusto de Lima.

(4) Folha monarchista, cujo segundo numero é de 16 de junho. Não traz o nome do seu redactor, mas era redigido pelo dr. Estevam Leão Bourroul, como se vê do *Esboço biographico* deste escriptor, publicado por L. E. (Rio, 189_):

«Em 1892 publicou *A Expiação*, com a seguinte epigraphe: *Fé em Deus, fé na Monarchia e na Liberdade, fé no futuro do Brasil*, renovada de Justiniano

167 *Estandarte*, (1) 1892.
168 *Ecletico*, (1.º janeiro) 1891.
169 *Embryão*, (7 setembro) 1881.
170 *Espelho da Assembléa*, 1858.
171 *Escola do Commercio*, 1889.
172 *Escandalo*, 1888.
173 *Ensaio Litterario*, 1879.
174 *Estado de S. Paulo*, (2) 1890.

Rocha. *A Expiação* só deu dous numeros, sendo logo supprimida pela policia durante o movimento revolucionario consequente da queda do marechal Deodoro.

(1) Orgam da egreja protestante, redigido pelo rev. Eduardo Carlos Pereira.

(2) Em 1874, o partido republicano creou o jornal *A Provincia de S. Paulo*, por meio de acções, e confiou a sua redacção aos drs. Francisco Rangel Pestana e Americo de Campos e a sua gerencia a José Maria Lisboa. O primeiro numero sahiu a 4 de janeiro de 1875. Em 1884 assumiu a gerencia da folha o dr. Alberto Salles, retirando se Americo de Campos e Lisboa, que foram fundar o *Diario Popular*. Acompanhou-os Aristides Lobo, que era collaborador do jornal e tornou-se mais tarde um dos fortes sustentaculos do *Popular*. Depois da proclamação da Republica, *A Provincia* passou a denominar-se *Estado de S. Paulo*, (1.º de janeiro de 1890). O *Correio Paulistano*, (janeiro de 1895), na secção *Jornal dos jornaes*, assim se refere ao *Estado*:

« *Estado de S. Paulo*

Exactamente celebrou hontem essa conceituada folha seu anniversario natalicio, o vigesimo. Para o anno será maior... em todos os sentidos; é nosso voto de congratulações.

A folha é propriedade da *Companhia Impressora*.

Fundada por Americo de Campos e Rangel Pestana, dirigida hoje pelo dr. Julio Mesquita, professa e propaga desde o berço a doutrina republicana.

A parte litteraria é confiada á direcção de Filinto

175 *Estilete*, 1893.

176 *Espiritualismo Sentimental*, 1886.

de Almeida, e a propriamente noticiosa ao sr. Manoel Rodrigues de Leiró.

Tem o *Estado* um jovem reporter que vai revelando muita aptidão profissional, o sr. Juvenal Pacheco.

São seus correspondentes; em Portugal, Fialho de Almeida, e na capital federal Raul Pompeia.

Collabora frequentemente na parte litteraria a apreciada penna da exma. sra. d. Julia Lopes de Almeida.

Consta que é correspondente telegraphico do *Estado* na capital federal, o sr. João Barboza, do *Paiz*.

Durante longos annos a direcção politica da *Provincia*, esteve confiada ao dr. Rangel Pestana, que se desempenhou da ardua missão com a sua correcção costumada, como se pode ver do seguinte artigo de Ezequiel Freire, publicado em 1888, em uma revista do Rio de Janeiro:

EX-CORDE

(AO DR. RANGEL PESTANA)

Illustre confrade.

Sobre a estante, aqui em frente, mettido num copo de agua, está um galho de roseira, com uma flôr vermelha, avelludada e fragrante.

Pozeram n'a alli para alegrar-me a vista e perfumar este retiro da mente.

De cada vez que uma pagina agita-se, si folheio um livro, vem-me no ar palpitante, com um afago ao espirito, o doce aroma da flôr.

Da hastea muito ouriçada, quem a colheu de manhã, tirou um por um os espinhos. Não fossem elles magoar-me, si ao termo de um commovente episodio, para descansar os olhos deslumbrados pela alvura do livro, sobre o carinhoso velludo purpureo daquella rosa fôsse eu tomar-lhe, confiante, entre os dedos o espinhoso caule!...

A imagem desta flôr offerece, mas ao envez, um simile para a profissão que tão nobremente exerceis, confrade illustre, e que eu pratico, sem lustre embora movido por irresistivel solicitação do espirito.

177 *Evolucionista*, (11 maio) 1887.
178 *Ensaio Academico*.
179 *Era*, 1893.

Foi tal vez do galho de uma roseira em flôr que fizeram este pequeno instrumento, no emtanto poderoso sceptro, que o jornalista maneja; mas, primeiro que nol-o déssem, desfolharam as rosas e só deixaram espinhos á desflorida hastea.

No tirocinio da profissão, alguma vez, não rara, aquelle instrumento do nosso trabalho, que tão leve parece, e de tão facil manejo, lacéra-nos os dedos; porque, para traçar a verdade, é mistér empunhal-o firme e calcar a mão.

Acicata-nos o espirito; o sangue que deflue da picada corre para a penna e dilue-se na tinta...

Tendes o estylo colorido, a phrase—«espumosa e rubra»? Não ha de ser por um peculiar predicado do espirito:—a rutilancia do estylo provém daquelle tempero cruorico.

— —

Si é verdade que o «homem é filho de suas obras», deveis ufanar-vos da clara ascendencia; pois tendes os mais nobres documentos da filiação.

Nas paginas da *Provincia de S. Paulo* se archivam elles, ha 14 annos, quasi dia a dia.

Esse lapso de tempo assignala a mais brilhante, a mais fecunda, a mais meritoria phase da vossa existencia: durante o qual vivestes em communhão com a patria paulista, na commoção dos sentimentos, idéas e ideaes que agitaram a alma publica nesta feraz estrella do Cruzeiro americano.

Ignoro de que provincia sejaes; mas tambem não sei que algum paulista haja, durante esse tempo, mais tentado fazer, do que fizestes, pelo engrandecimento deste recanto abençoado da terra brasileira.

Para fomentar a prosperidade de uma patria, todas as collaborações são necessarias:—a actividade physica dos que arrotêam os incultos campos, e a actividade mental dos que orientam os espiritos incultos.

Sois destes ultimos trabalhadores.

180 *Escova*, 1894.

Si agora, do marco miliario, que hoje cravaes cá na extrema do caminho andado, lançardes a vista para o ponto inicial da partida. contemplando uma por uma as etapas intermedias, que assignalam o transcurso da vossa longa carreira jornalistica, heis de sentir um justo contentamento.—o de haverdes vindo em linha recta, que recto é o caminho do dever; o de poderdes retrogradar pela mesma estrada, ao inicio da qual chegareis como de lá partistes—um homem de bem.

Eis o superior apanagio que vos illustra.

Não é este nobre attributo do escriptor publico que em vós eu hoje, entretanto, saudo: mas outras causas que nessa tem immediata origem e completam a vossa personalidade jornalistica:—o criterio do juizo, a independencia das opiniões e o brilho da linguagem.

Só escreve bellamente quem escreve com a alma; a rutilancia do estylo provem de molharmos a penna, tanto no coração como na tinta.

Por occasião deste anniversario personifico e saudo na *Provincia de S. Paulo*, a honra e o esplendor da imprensa paulistana.

S. Paulo, 4 de janeiro de 1888.

Ezequiel Freire.

Sob o titula *Reivindicação historica*, communicaram ao *Correio Paulistano*, em 1895, o seguinte:

«O vosso jornal de hoje transcreve da *Cidade de Itú*, uma commemoração da Convenção de Itú, em que foram lançados os fundamentos do partido republicano paulista.

Era a aggremiação dos muitos republicanos, esparsos por todo o Estado, adeptos do manifesto de 1870, que se organisavam, constituindo o pujante partido ao qual muito devem a propaganda e a fundação da Republica.

Em relação ao patriotico artigo do orgam ituano, ha a seguinte rectificação a se fazer:

Não foi por occasião da Convenção de Itú que se resolveu fundar o jornal *Provincia de S. Paulo*, sob a direcção do dr. Rangel Pestana,

181 *E'chô von Brasilien*, (1) 1890.
182 *Estudo*, 1889.
183 *Escandaloso*, 1888.
184 *Eco d'Italia*, (2 julho) 1882.
185 *Esmeralda*, 1872.
186 *Ensaio Juvenil*, 1864.
187 *Eia Sus!* 1872.
188 *Escola Parnasiana*, 1889.

Em 1873, quando se reuniu a Convenção, S. Paulo já tinha um orgam republicano, que era o *Correio Paulistano*, sob a redacção do dr. Americo de Campos, que, desde antes do manifesto de 1870, fazia a propaganda republicana e continuou a fazel-a até 1874, quando o *Correio* passou para a direcção do dr. Leoncio de Carvalho, o o dr. Americo se recusou a acceitar essa nova orientação da folha.

Foi, então, que o partido republicano paulista, auxiliado por alguns democratas não filiados a elle, trataram de fundar a *Provincia de S. Paulo*, sob a direcção dos drs. Americo de Campos e Rangel Pestana e gerencia do sr. José Maria Lisboa.«

O Estado de S. Paulo é hoje propriedade de José Filinto & C.; tem como redactor-chefe o dr. Julio de Mesquita e continua ser o mais importante jornal do Estado.

(Vide mais adiante nota na *Provincia de S. Paulo*.)

(1) Periodico allemJo, que começou a publicar-se a 2 de fevereiro e do qual disse o *Commercio de São Paulo*:

«*Écho von Brasilien* é o nome de um novo jornal que. traz ante-hontem, começou a publicar-se nesta capital, sob a direcção do operoso sr. José Winiger. E' orgam dos interesses teuto-brasileiros e de propaganda brasileira no extrangeiro, trazendo o seu 1.º numero leitura variada e interessante notíciario.

Ao collega, que tem programma tão util e sympathico, muita vida, e que consiga sempre realisar o seu nobre intuito.«

189 *Esperança*, (1) 1862.
190 *Éclaireur*, (setembro) 1895.
191 *Échos Theatraes*, 1895.
192 *Farol Paulistano*, (2) 1827.
193 *Federalista*, (3) 1832.
194 *Federalista*, (4) 1880.

---

1 De umas notas publicadas por José Maria Lisboa, no *Diario Popular* de 1885, extrahimos o seguinte topico:

«Em 1862 emprehendi a publicação de um jornal litterario, que se denominou *A Esperança*, sendo publicado o 1.º numero a 1.º de junho do mesmo anno e o ultimo a 26 de novembro, contando 17 numeros. Foi collaborado por moços do commercio, empregados publicos e estudantes. Entre estes figuravam, Fagundes Varella, Guimarães Junior, Cesario Alvim, hoje conselheiro e outros.»

Este jornal devia estar na serie da lettra P; porém, como seus proprietarios escreveram a palavra com *F*, mantemos aqui a orthographia, collocando-o neste logar.

(2) Este jornal foi o primeiro que se publicára em S. Paulo, como já dissemos; appareceu a 7 de fevereiro de 1827. A Bibliotheca Nacional, possue uma collecção, formando seis volumes *in-folio*, de 1827 a 1833.

(3) Redigido pelo dr. José Ignacio Silveira da Motta, depois lente da Academia de S. Paulo e senador do Imperio, ha pouco fallecido no Rio de Janeiro.

(4) Periodico republicano, cujo primeiro numero é de 5 de abril. Foram seus redactores, Alberto Salles, Pedro Lessa e Alcides Lima. O primeiro destes, natural de Campinas, é irmão mais moço do dr. Campos Salles e autor dos seguintes trabalhos: *A Victoria Republicana*. (S. Paulo, 1885, 73 pags.); *A Patria Paulista*, (Campinas, 1887, 300 pags.); *Estudo critico sobre Disciplina e Organisação Partidaria*, (Campinas, 1888, 27 pags.); *Politica Republicana*, (Rio, 1882, 573

195 *Federalista*, (1) 1888.
196 *Forum Litterario*, (2) 1861.
197 *Futuro*, (3) 1862.
198 *Financiero*, (4) 1881.
199 *Farpa*, (5) 1887.
200 *Familia*, (18 noviembro) 1888.
201 *Futuro*, (agosto) 1885.

---

pags.); *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito*, (São Paulo, 1885, 269 pags.) Representa este Estado na Camara Federal e reside na cidade do Rio Claro.

O segundo, Pedro Augusto Carneiro Lessa, natural de Minas Geraes, é advogado na capital e lente da Academia de Direito, foi deputado ao Congresso Constituinte do Estado. O terceiro, Alcides de Mendonça Lima, nascido em Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul, redigiu a *Republica*, collaborou na *Provincia* e na *Tribuna Liberal*, escreveu a *Historia Popular do Rio Grande do Sul*, (Rio, 1882) e publicou *Discurso* na inauguração do Club Vinte de Setembro, (São Paulo, 1881).

(1) Era orgam do partido liberal paulista e appareceu a 15 de junho de 1888, O n. 397 e ultimo, é de 15 de novembro de 1889, dia da proclamacão da Republica.

(2) Foi redigido por Antonio Joaquim de Macedo Soares, Americo Lobo Leite Pereira e Z. A. Pamplona, quando estudantes de direito em S. Paulo. Os dois primeiros são hoje ministros do Supremo Tribunal Federal e autores de importantes trabalhos litterarios e scientificos.

(3) Redactores, Rangel Pestana, Cesario Alvim, Araujo Moreira e Belfort Duarte. A Biblioteca Nacional possue a collecção dos vinte numeros publicados.

(4) Periodico consagrado aos interesses dos empregados de fazenda, redigido por José Leão e Alexandre Costa.

(5) Redactor, Luiz de Carvalho.

202 *Federação*, (1) 1891.
203 *Fanfula*, (2) 1893.

---

(1) Orgam politico, partidario do governo do dr. Americo Brasiliense. Foi formado por uma associação commanditaria, da que faziam parte os senadores, deputados e outros amigos politicos que acompanharam o governo do dr. Americo Braziliense.

Adquiriram o material do *Mercantil*, que então pertencia ao dr. Felippe Gonçalves. A redacção era do dr. Miranda Azevedo, auxiliado pelos drs. Aureliano Coutinho, F. Abranches, H. da Silva, Vieira de Carvalho, Ferrera Braga, P. Barreto, Jenuino Cardozo, Augusto Miranda, Angelo Pinheiro Machado, Rodrigo Lobato, Pedro G. Cardim e Adolpho de Araujo. Foi seu primeiro director-gerente o dr. João de Araujo, que foi substituido depois pelo dr. Pedro Cardim, até a épocha em que foi empastellada.

Reconstituida novamente foi cedida ao sr. Eugenio Lionel que a publicou por algum tempo ainda, sob sua inteira e exclusiva responsabilidade litteraria e politica. Foi empastellado a 15 de dezembro de 1891, sendo destruido quasi todo seu material, archivo, collecções dos jornaes e mobilia do *Club* que funccionava na mesma casa.

(2) Orgam da colonia italiana em S. Paulo. Delle disse o *Correio Paulistano:*

«*Fanfulla*

Director e proprietario o sr. Vitaliano Rotellini,

E' uma folha bem escripta e bem feita, interessante especialmente para a avultadissima colonia italiana deste Estado; pois é escripta no idioma de Dante (salvo seja) e dá grande copia de noticias da Europa e de todos os *paeses* da peninsula italica.

Em politica, professa os mais adiantados principios, e os desenvolve com clareza e elevação.

Occupa-se frequentemente de assumptos que interessam a nossa politica e economia social. Fal-o sempre com criterio e sympathia ao Brasil.

Insere o numero de hontem uma critica sobre o

204 *Fulmine*, 1889.
205 *Folha Popular*, 1893.
206 *Futuro*, (1) 1844.
207 *Fanfarra*, 1889.
208 *Futuro*, 1880.
209 *Fanal*, (29 dezembro) 1885.
210 *Folha Paulista*, (janeiro) 1884.
211 *Folha da Tarde*, (4 dezembro) 1883.
212 *Folha Academica*, 1889.
213 *Folha Academica*, (21 de julho) 1892.
214 *Freie Presse*, (2) 1889.
215 *Folha*, (3) 1890.
216 *Funccionario*, (4) 1888.

---

discurso pronunciado pelo rei Humberto por occasião da abertura do parlamento italiano; depois reproduz o texto daquella peça politica.

Traz muitas noticias locaes e do mundo inteiro, telegrammas e a sua inreressante secção *Echi della Stampa.*»

(1) Publicava-se as terças e sextas feiras, na lytographia de Silva Sobral, á rua do Imperador (Marechal Deodoro) n. 1 e custava a assignatura por seis mezes 4$000. Cada numero, a duas columnas, tinha a epigraphe: *Vitam impendere vero.*

(2) Orgam da colonia allemã de S. Paulo.

(3) E' de 4 de junho o primeiro numero e sahiram apenas quatro, quinzenalmente. Foi redigido por Adolpho Araujo e Renato Carmil.

(4) Semanario dedicado aos interesses dos funccionarios publicos, redigido por Arthur Barboza, empregado da Relação do Estado do Rio, José Rodolpho Nunes, advogado em S. José do Rio Pardo, Antinor dos Santos e Pilar Filho. Sobre esta folha diz-nos o primeiro dos seus redactores:

«CIDADAO LAFAYETTE DE TOLEDO.

Li com interesse no sympathico *Deario Popular*, o trabalho que publicastes sob o titulo *Imprensa Paulista*,

217 *Futuro*, 1889.
218 *Forche Caudine*, 1892.
219 *Faisca*, (abril) 1893.

---

trabalho esse de grande valor historico para os que se occupam do progresso do Estado de S. Paulo, um dos primeiros da Republica Brasileira. No emtanto, notei logo quando tratastes dos jornaes publicados em 1888, que fostes omisso quanto ao *Funccionario*, orgam dos interesses do funccionalismo publico da então provincia de S, Paulo, e que veio á luz da publicidade em junho desse anno e finou-se em 31 de dezembro, bem contra a vontade do signatario desta, que, como fundador, nutria os maiores desejos em continuar com a publicação, no anno de 1889,—o que não se realisou, não só por escassearem as assignaturas, que eram o unico elemento de que dispunha para fazer face as despezas, como por se terem retirado em fins de novembro os meus companheiros de redacção.

O artigo de fundo que publiquei no ultimo numero do *Funccionario* em 31 de dezembro de 1888, mostra á evidencia quaes os sacrificios por que passou a redacção desse periodico, atirado a publico com um unico fim,—a defeza da classe dos funccionarios publicos do Brasil, nos tenebrosos dias da monarchia, e que não teve a recompensa ao menos de ser acceito pelo funccionalismo de outras provincias e pelo numeroso da antiga côrte. Emfim, outra cousa não se podia esperar desde que o *Funccionario* em seu artigo-programma apresentava-se na imprensa paulista com a maior altivez e independencia, o que deu causa a ser bem acolhido, não só pela imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo, como pela das ôutras provincias.

O que o *Funccionario* fez em defeza de sua classe encontra se nos diversos artigos publicados em suas columnas, durante seis mezes. Muitas das reformas por que se bateu foram mais tarde realisadas; haja vista o montepio obrigatorio, as novas instrucções para concurso dos empregos de fazenda, etc:

220 *Folha Paulista*, (2 agosto) 1885.
221 *France au Brésil*, 1891.

Foram fundadores do *Funccionario* o signatario desta e os seus collegas drs. Pilar Filho, Rodolpho Nunes e Antenor Santos, todos empregados da então thesouraria de fazenda de S. Paulo.

Seguindo politica diversa, pois, o signatario desta e o ultimo eram republicanos intransigentes, emquanto os outros dois milltavam no extincte partido liberal, o pensamento que predominou ao reunirem-se para a fundação do jornal, foi um só e unico para todos—o alevantamento de sua classe tão aviltada, e a defeza daquelles collegas que fossem victimas dos poderes publicos. Dahi a coragem com que eram escriptos os seus artigos, elogiassem ou accusassem os actos do governo, ou de quem quer que fosse.

Hoje, que estamos separados,—Antenor Santos, na Bahia, Pilar Filho, na capital Federal, Rodolpho Nunes em S. Paulo e eu em Petropolis,—cada um cuidando melhor da vida, que seja este meu proceder uma recordação do passado, dos bons tempos em que, cumprindo os nossos encargos como funccionarios publicos, ainda applicavamos ás poucas horas de repouso em defeza da nossa classe. Os lutadores tem direito á justiça social.

O nosso jornal foi um orgam de luta; merece, portanto, um logar no meio da relação dos que fazem parte do vosso trabalho.

Em resumo: o que ficou acima não é uma *réclame* aos nomes dos redactores de um jornal que teve pouca vida, mas um simples additamento ao vosso interessante trabalho *Imprensa Paulista*.

E si o faço, devo dizer-vos, é porque li no *Diario Popular* o vosso pedido ao publico de enviarem rectificações ou additamentos todos aquelles a quem interesasse a exactidão do vosso trabalho.

Petropolis, 1894.

Arthur Barboza.»

222 *F. F. e R. R.*, (1) 1890.
223 *Folha Paulista*, 1892.
224 *Ficcanaso*, 1895.
225 *Governista*, (2) 1842.
226 *Guaynú*, (3) 1856.
227 *Guaycurú*, 1860.
228 *Gazeta do Povo*, (4) 1879.
229 *Gazeta de S. Paulo*, 1881.
230 *Gazeta Paulista*, 1893.

(1) Redactores, Dr. Marcos Dolzani Inglez de Souza, ex-promotor da comarca do Rio Claro, e Anselmo de Carvalho, chefe da secção da Repartição de Estatistica e Archivo do Estado de S. Paulo. Vide adiante nota ao *Recreio*.

(2) Publicava-se nas terças, quintas s sabbados, na typographia de Costa Silveira, travessa do Quartel. Os numeros 183, 184 e 187, foram publicados na typographia do governo, arrendada por Silva Sobral. O dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal, tem diversos numeros dos annos de 1842 a 1845, e o n. 386, que possuimos, em pequeno formato, a duas columnas, insére unicamente os actos officiaes do governo.

(3) O *Guaynú* era redigido por academicos, entre os quaes se achavam Viriato de Medeiros. Cortines Laxe, Couto de Magalhães, *H. de M.* (Homem de Mello), Felix da Cunha, Vaz Pinto Coelho, Duque Estrada Teixeira, Gentil-Homem de Almeida Braga (o illustre litterato maranhense), Bittencourt Sampaio (o poeta), Aureliano Tavares Bastos, Duarte de Azevedo, R. Milagres, Pereira dos Santos e outros luzeiros, O n. 1 é de 30 de abril de 1856 e os directores do jornal eram Homem de Mello, Cortines Laxes e Alberto Antonio Soares.

(4) A *Gazeta* pertencia a João da Veiga Cabrail e seus redactores em diversas épocas, foram Muniz, de Souza, Costa e Silva, Jesuino Cardoso, Ezequiel Freire, Julio Ribeiro, Americo de Campos Sobrinho e outros.

Quando Julio Ribeiro tomou a sua direcção, a *Ga-*

231 *Gazeta Juridica*, (1) 1893.
232 *Garibaldi*, 1886.
233 *Galeria Illustrada*, 1887.
234 *Germania*, (2) 1878.

---

zeta foi vendida ao dr. Pedro Fernando Paes de Barros, e tomou então o caracter de folha republicana revolucionaria, pois republicana sempre fôra. A *Gazeta de Povo* foi a unica folha de S. Paulo que, no dia 14 de novembro de 1889, deu signaes de revolução que estabeleceu a Republica, pois nesse dia publicou em «normando» as seguintes noticias transmittidas do Rio de Janeiro no mesmo dia.

«Resurge aqui o boato da abdicação do Imperador, constando que o governo trata de operar dispersão da tropa da linha pelas provincias e grande divisão da esquadra em varias estações ao largo da costa do Imperio.

—A guarda nacional vae ser armada á Comblain.

—Reina surdo desgosto nas fileiras do exercito e marinha.»

Desappareceu em 1890, sendo substituida pelo *Jornal da Tarde*. O n 1 é de 16 de outubro.

(1) Importante revista mensal de legislação, doutrina e jurisprudencia do Estado de S. Paulo, propriedade do dr. Manoel Augusto de Alvarenga. São seus redactores os drs. Carlos Augusto de Souza Lima, presidente do Tribunal de Justiça, Joaquim Augusto Ferreira Alves, ministro desse tribunal, Miguel de Godoy Moreira e Costa, juiz de direito da capital, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, procurador-geral do Estado, João Pereira Monteiro, Brazilio Augusto Machado de Oliveira, João Mendes de Almeida Junior e Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, lentes da Faculdade de Direito; Manoel Augusto de Alvarenga e Vicente Ferreira da Silva, advogados no fôro da capital. Começou a publicar-se em janeiro de 1893 e até fim de 1895, forma seis volumes ou 24 fasciculos *in*-8.º gr.

(2) Orgam da colonia allemã em S. Paulo; desappareceu para resurgir em 1895, com o mesmo caracter.

235 *Grito do Povo*, (1) 1888.
236 *Ganganelli*, (2) 1885.
237 *Giz*, (19 agosto) 1894.
238 *Gazeta Liberal*, (3) 1883.
239 *Grito dos Pobres*, 1889.
240 *Guarda Nacional Paulista*, (4) 1840.
241 *Guarda Nacional*, (5) 1854.

---

(1) Folha republicana, que appareceu a 10 de junho de 1888, impresso na typographia União, largo Sete de Setembro. Durou pouco; o n. 22 e ultimo, e de 14 de dezembro do mesmo anno. Abaixo do titulo trazia por epigraphe: *Vox populi*, e o pensamento de Julio Ribeiro: *Está a chegar o perigo; quero o meu quinhão*. O seu redactor foi Hypolito da Silva, autor do poema *Latifundios*.

(2) Folha republicana, redigida por Horacio de Carvalho, Rivadavia Corrêa e Falcão Junior. Appareceu a 17 de agosto do anno indicado e della disse o *Jornal do Commercio:*

«Sahiu a 17, o primeiro numero d'*O Ganganelli*, folha republicana.

Chama-se *Ganganelli* em homenagem ao valente trabalhador Saldanha Marinho;—traz varios artigos sobre politica, sciencias, religião e é de agradavel leitura.

Fazemos votos para que o collega, que tão galhardemente se apresentou ao publico paulista—tenha auspiciosa vida.»

(3) Orgam do partido liberal, redigido pelos drs. Gavião Peixoto e Lins de Vasconcellos. Fundida com o *Diario de S. Paulo*, redigido pelo dr. Augusto Queiroz, deu origem ao *Diario Liberal*, redigido pelo desembargador Gavião Peixoto.

(4) Impresso na typographia de Costa Silveira e ahi subscripto por 12$000 por serie de 12 numeros. O n. 4 é de 16 de dezembro de 1890.

(5) Publicava-se semanalmente e era impresso na *Typographia Litteraria*, á rua do Ouvidor. O n. 2 é de 26 de novembro de 1894, em formato pequeno, a duas columnas.

242 *Gazeta Commercial*, 1882.
243 *Gazetinha*, 1884.
244 *Gironda*, (20 fevereiro) 1881.
245 *Garibaldi*, 1870.
246 *Gazeta do Braz*, 1891.
247 *Gasparinho*, (março) 1893.
248 *Giustizia*, (25 de março) 1893.
249 *Gaita*, (1) 1895.
250 *Gazeta ds S. Paulo*, (2) 1895.
251 *Gregorio*, 1891.
252 *Heraldo*, (11 setembro) 1892.
253 *Holophote*, (1.º janeiro) 1894.
254 *Honra*, 1853.
255 *Indicador-Revista*, 1891.
256 *Imparcial*, 1868.
257 *Indicador Paulista*, 1892.
258 *Iris*, (3) 1850.

---

(1) Folha para rir e para chorar. Começou a publicar-se a 1.º de janeiro.

(2) Appareceu a 9 de março e della disse o *Correio Paulistano*:

«Sob a direcção do dr. Paulo de Lacerda, appareceu hontem nesta capital o primeiro numero da *Gazeta de S. Paulo*.

Do seu artigo de apresentação, extrahimos o seguinte tópico que parece resumir o programma do novo jornal:

A politica da folha será vasada francamente nos moldes da pura democracia e a republica, dominante nas duas Americas, ter-nos-á sempre promptos e alerta para defendel-a.»

Ao novo collega desejamos longos annos de prospera vida.

(3) Jornal academico, litterario, redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim e Diogo José Vieira de Mattos, lá pelos annos de 1849 ou 1850. Houve outro de igual nome, logo em seguida, redigido por João Baptista Pereira,

259 *Imprensa Paulista*, (1) 1860.
260 *Imprensa Evangelica*, (2) 1865.
261 *Imprensa Academica*, (3) 1864.
262 *Ideia*, (4) 1879.

---

(1) Vide nota adiante sobre o *Piratininga*.

(2) Jornal de propaganda religiosa, redigido pelo rev. Camberlain.

(3) Folha litteraria, que discutia tambem assumptos commerciaes e agricolas, redigido por Luiz Ramos Figueira e Carlos Augusto de Carvalho, actual ministro do Exterior.

Durou sete annos este jornal e desappareceu em 1871, por causa da celebre questão academica. Tambem fizeram parte da sua redacção alguns outros brilhantes talentos da Academia, como Martim Cabral, Pamplona, Leoncio de Carvalho e Cunha Leitão.

(4) Foram seus redactores, Alexandre Coelho, Randolpho Fabrino, Rangel, B. Gama, Barros Casal, Sá Vianna, Ernesto Alves, Henrique Lascasas e outros. Deste periodico diz Sá Vianna, obra citada: «*A Ideia* foi a unica empreza litteraria que poude manter o primeiro anno academico de 1879. Guerreada por alguns moços inimigos do cultivo das lettras, pois não concebe-se que possam moços, que se dedicam ao trabalho, apresentar-se ostensivamente hostis a uma empreza fundada por collegas, *A Ideia* conseguiu chegar ao terceiro numero. Foi um pequeno ensaio e nos poucos numeros publicados offereceu bons artigos de Alexandre Coelho, nos quaes facilmente percebe-se o interesse que toma este moço pelo estudo de questões serias e de reconhecido proveito. Intelligente e estudioso, Alexandre Coelho promette-nos muito. Henrique Lascasas, em dous artigos, e Randolpho Fabrino, em suas poesias, mostraram-se moços de talento. Aconselhamos, comtudo, a ambos estudo aturado para que realisem-se as nossas esperanças, e lamentamos no primeiro o excesso de suas ideias republicanas. Fidelis, Badaró e Cassal pouco escreveram, não por lhes faltar o necessario elemento.

263 *Immigrante*, (19 novembro) 1885.
264 *Italiani al Brasile*, 1886.
265 *Italiani in S. Paolo*, 1888.
266 *Intransigente*, (18 setembro) 1886.
267 *Iberia*, (setembro) 1894.
268 *Illustração Paulista*, (1) 1893.
269 *Immigrante*, (22 julho) 1894.
270 *Independente*, (2) 1853.
271 *Ideia*, (15 junho) 1883.
272 *Iracema*, (12 dezembro) 1886.
273 *Imprensa Juvenil*, 1870.
274 *Industrial Paulistano*, (3) 1854.
275 *Ihering*, 1882.
276 *Illustração*, (3 setembro) 1894.

«Ainda que outro merecimento não tinha *A Ideia*, resta á sua redacção o consolo de que não conservou-se immovel; e, embora luctando com a má vontade de uns e a falta de pratica de outros, destacam-se quando menos pelo amor ao trabalho.»

(1) Publicação semanal, propriedade de uma associação. Redactor principal, Arthur Breves. Tinha quatro paginas de illustrações, lithographadas por A. Fossati, e trazia a divisa. *Liberdade de consciencia—Liberdade de pensamento*. Viveu poucos mezes e estampou os retratos de Tiradentes, Silva Tavares, Joaquim Nabuco e Gumercindo Saraiva.

(2) Publicação bisemanal, impressa na *Typographia Litteraria*, dirigida por J. E. S. Cabral, a rua das Sete Casas n. 5.

(3) Jornal da *Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da Provincia de S. Paulo*, impresso na typographia *Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes. Nesta revista collaborou o brigadeiro Machado de Oliveira, conhecido escriptor paulista, filho do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcellos e de d. Anna Esmeria da Silva, nascido a 8 do julho de 1790, em S. Paulo, onde falleceu a 16 de agosto de 1867. Deixou muitos trabalhos de importancia sobre historia, geographia, industria, etc.

277 *Infantil*, (1) (13 janeiro) 1894.
278 *Illustração Paulista*, (2) 1881.
279 *Imprensa Artistica*, (3).
280 *Independencia*, 1868.
281 *Instrucção Publica*, 1876.
282 *Instrucção Popular*, 1895.
283 *Jornal de Terentillo Arsa*, (4) 1877.
284 *Juventude*, (agosto) 1885.
285 *Jornal-Folhetim*, 1886.
286 *Jornal da Tarde*, (5) 1878.
287 *Jornal-Annuncio*, 1884.
288 *Jornal do Commercio*, (6) 1883.
289 *Justiceiro*, (7) 1834.
290 *Jornal do Athenêu Paulistano*, 1863.
291 *Jornal do Povo*, 1870.
292 *Jornal da Tarde*, (8) 1889.

---

(1) Semanario de pequeno formato, orgam dos alumnos do *Collegio Camargo* e redigido por Miguel de Camargo e Ranulpho Lima. O n. 1 é de 13 de janeiro.

(2) Appareceu a 2 de abril, littographada por Jules Martin.

(3) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(4) Era uma serie de pamphletos politicos que pretendia publicar o dr. Americo Braziliense, mais só sahiu o 1.º numero. (M. Azevedo).

(5) Appareceu a 6 de novembro. Proprietario e editor, Antonio Elias da Silva.

(6) Diario abolicionista, fundado e redigido por Antonio Bento, Gaspar da Silva e Raul Pompeia. Appareceu a 1.º de agosto.

(7) Era seu redactor o padre Diogo Antonio Feijó. (M. Azevedo).

(8) José Felizardo, que escrevêra no *Diario Mercantil*, *Commercio de S. Paulo* e em outros jornaes, foi o redactor do *Jornal da Tarde*, juntamente com Alberto Souza, Marinho de Andrade e Alfredo Prates. Vide adiante nota ao *Recreio*.

293 *Jornal das Damas*, (6 janeiro) 1890.
294 *Jornal do Operario*, 1892.
295 *Jovem America.*
296 *Jornalzinho*, 1834.
297 *Jornal*, (9 julho) 1893.
298 *Jornaleco*, 1890.
299 *Kaleidoscopio*, (1) 1860.
300 *Labarum*, (23 maio) 1877.
301 *Lingua-Universal Volapuk*, (2) 1890.
302 *Locomotiva*, 1881.
303 *Lanterna*, (16 julho) 1859.
304 *Lucta*, (3) (8 maio) 1889.
305 *Lei*, (4) 1857.
306 *Lyrio*, (5) 1860.

---

(1) Publicação semanal do *Instituto Academico Paulistano*. O n. 1 é de sabbado 7 de abril. Sahiram 22 numeros, sendo o ultimo de 22 de setembro, formando 208 paginas. No fim de cada numero lê-se: «São Paulo, 1860, *Typ. Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques.*» O Instituto foi fundado a 23 de outubro de 1858, e delle era presidente o conselheiro Amaral Gurgel, então director da Faculdade de Direito.

(2) Folhas avulsas de propaganda, publicadas por Canuto Thorman, mensalmente, de que sahiram apenas tres numeros, escriptos em portuguez e volapuk.

(3) Antes desta appareceu uma outra *Lucta*, de propaganda republicana, redigida por Paula Novaes, Juvenal de Carvalho e outros estudantes da Academia de Direito.

(4) Orgam conservador, redigido pelo dr. João Mendes de Almeida, sendo gerente Manoel Antonio Bittencourt. Sahiu a lume a 7 de setembro de 1857.

(5) Jornal litterario, dedicado ao bello sexo, redigido por Quirino dos Santos e Rangel Pestana, então estudantes da Academia.

307 *Legenda*, (1) 1860.
308 *Lucta*, (28 julho) 1876.
309 *Liberal*, 1869.
310 *Liberal*, 1877.
311 *Lucta*, (2) 1882.
312 *Luctador*, (20 outubro) 1892.
313 *Luva de Ouro*, 1887.
314 *Liberdade*, (3) (17 maio) 1888.
315 *Liberal Paulista*, (4) 1886.
316 *Lega Italiana*, 1889.
317 *Lavoro*, 1893.
318 *Lidador*, 1890.

---

(1) Jornal politico e litterario, fundado por Salvador de Mendonça e Theophilo Ottoni (filho). Sahia tres vezes por mez, em oito paginas de composição cada numero. Era redigido por seus fundadores, por Simplicio de Salles e outros. Esta nota foi corrigida, no *Diario Popular*, pelo dr. Joaquim Piza, do modo seguinte:

«Em a nota se diz que foi este jornal escripto pelos fundadores, Simplicio de Salles e outros. Ha engano: Simplicio de Salles, distincto mineiro, formado em 1855, falleceu em 1857, alguns annos antes de apparecer *A Legenda*, que publicou alguns trabalhos interessantes do dr. Simplicio sobre estudantes do seu tempo. Os fundadores e redactores foram Theophilo Ottoni (filho) e Salvador de Mendonça.»

(2) Director, Argemiro Cicero Galvão, natural do Rio Grande do Sul, prematuramente fallecido e autor do romance *A filha do Estrangeiro*, (Porto-Alegre, 1886) e de um folheto philosophico *A Concepção de Deos*. Redigiram o jornal Paula Novaes, Juvenal de Carvalho e outros estudantes da épocha.

(3) Era orgam abolicionista dos empregados do commercio em S. Paulo.

(4) Orgam do partido liberal, redigido por Alfredo de Almeida.

319 *Litteropera*, (22 agosto) 1884.
320 *Ladrão*, 1881.
321 *Lucio*, 1887.
322 *Leque*, 1885.
323 *Leque*, 1895.
324 *Liberdade*, (24 agosto) 1884.
325 *Lettras e Artes*, (3 dezembro) 1888.
326 *Meteoro*, (setembro) 1886.
327 *Meteoro*, (1) 1850.
328 *Martelo*, 1891.
329 *Martelo*, 1894.
330 *Monitor*, (2) 1886.
331 *Monitor Catholico*, (17 outubro) 1879.
332 *Messagero*, (maio) 1891.
333 *Mercantil*, (3) 1890.
334 *Memorias da Associação Culto á Sciencia*, 1859.
335 *Murmurios Juvenis*, (4) 1859.
336 *Movimento*, 1872.

---

(1) Apparecia em días incertos e custava a assignatura, por serie de 15 numeros, 1$000. Era impresso na *Typographia Liberal*, largo da Sé n. 3, e em cada numero, a duas columnas, vê se a legenda:

«Eu sou horrivel trovão,
sou corisco, sou fuzil,
correrei de sul a norte
todo o imperio do Brazil.»

O dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, possue os ns. 41 e 44 da terceira serie, de janeiro de 1852.

(2) Começou a publicar-se em 30 de maio de 1886, em grande formato, a seis columnas, e pouco durou. Tinha o sub-titulo *Chronica dos factos*. Era da propriedade de Joaquim Dolivaes Nunes e J. Navarro de Andrade, sendo este ultimo o redactor.

(3) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(4) Jornal litterario e scientifico, publicado pela associação *Amor á Sciencia*, estabelecida no *Collegio Brasileiro*.

337 *Meridiano*, (fevereiro) 1885.
338 *Mascotte*, 1885.
339 *Mez*, (1) 1888.
340 *Missionario Juvenil*, (janeiro) 1889.
341 *Metralha*, (11 outubro) 1889.
342 *Mosca*, (fevereiro) 1889.
343 *Mosquito*, (2) 1860.
344 *Medico Popular*.
345 *Memoria*, (3).
346 *Manual dos Brasileiros*, 1830.
347 *Matraca*, 1826.
348 *Manhã*, 1890.
349 *Minas Academica*, 1892.
350 *Mensageiro Popular*, 1893.

---

(1) Revista academica de lettras e sciencias. Directores, Horacio Magalhães e Luiz Quirino. Appareceu a 1.º de junho e trazia por lemma o versiculo de H. Taine: «*Toujours produire et toujours acquerir.*»

Sahiram apenas quatro numeros, impressos na *Typographia União*.

(2) Sahiu a 8 de setembro de 1860 e parece que só publicou um numero, formato *mignon*, impresso na *Typographia Litteraria*, rua do Imperador n. 12.

(3) Mello Moraes, *Historia da trasladaçao da corte para o Brasil em 1897-1808*, dá uma relação dos jornaes que têm havido no Brasil desde 1808 até 1862. De São Paulo menciona 47, dos quaes alguns já figuram nesta nossa resenha, e outros os titulos errados ou incompletos, como sejam: *Atheneu Paulista* (*Jornal do Atheneu Paulistano*), *Recreio Instructivo* (*Revista do Recreio Instructivo*), etc.

Abaixo damos a relação dos periodicos citados por Mello Moraes, e que já estão contemplados nos respectivos logares.

Atheneu Paulistano — Aurora Paulistana — Buscapé — Clarim Saquarema — Commercial — Conservador — Constitucional — Correio Paulistano — Culto á Sciencia — Ensaio Academico — Ensaio Philoso-

351 *Mocidade*, (1) 1895.
352 *Municipio*, (2) 1895.
353 *Novo Pharol Paulistano*, 1831.
354 *Novo Regimen*, (3) 1889.
355 *Nuvem*, 1871.
356 *Noventa e tres*, (4) 1882.
357 *Nariz*, 1893.
358 *Neophyto*, (5) 1889.

phico—Ensaios Litterari s Esperança—Farol Paulistano—Futuro Governista—Imprensa Paulista—Industrial Paulistano—Justiceiro—Legenda—Lei—Medico Popular—Memoria—Meteóro—Mosaico—Nacional—Novo Farol Paulistano—Nucleo Juridico—Observador—Observador Constitucional—Paulista—Pa estra Litteraria—Paulista Centralizador—Pernilongo—Pir tininga—Precursor—Progresso—Razão—Recreio Instructivo—Revista Commercial—Revista Litteraria—Revista Dramatica—Revista Mensal do Ensaio Paulistano—Solitario—Vinte e Nove de Setembro—Vedeta—Ypiranga.

(1) Orgam do *Círculo Mocidade de São Luiz, da Federação Catholica de S. Paulo*, apparecido a 20 de maio. Tem a divisa: *Pro ecclesía et patría agere et patí.*

(2) Jornal diario de grande formato, politico e noticioso, fundado pelo dr. Domingos Jaguaribe, que o redigiu auxiliado pelos drs. Leopoldo de Freitas e Wenceslau de Queiroz.

(3) Publicação serial e intercadente, de que foram director, o professor José Feliciano de Oliveira, e cooperadores Joaquim da Silveira e Antonio Hypolito de Medeiros. Sahiram apenas quatro numeros, em pequeno formato, a duas columnas, tendo o primeiro 24 paginas, todas occupadas com a apreciação da dictadura republicana, segundo a doutrina positivista. Trazia os sub-titulos: *Ordem e Progresso—A família, a patría e a humanidade.*»

(4) Periodico de propaganda republicana e abolicionista, fundado a 3 de dezembro por Antonio Guery, Francisco Gaspar, Antonio dos Santos Oliveira, Figueiredo Coimbra e Arthur Carlos. Vide nota adiante sobre o *Recreio.*

(5) Redactores, Arthur Goulart, Frontino Guimarães e Fabio Barreto; professores normalistas.

359 *Nucleo Juridico*, 1862.
360 *Nove de Setembro*, (30 junho) 1881.
361 *Nuova Roma*, 1885.
362 *Nativista*, (1) 1895.
363 *Oitenta e Nove*, (2) 1884.
364 *Oitenta e Nove*, 1888.
365 *Ordem*, 1862.
366 *Onze de Agosto*, (3) 1876.
367 *Opinião Nacional*, (4) 1892.
368 *Operario*, (5) 1891.
369 *Ordem*, (6) 1883.

---

(1) Jornal republicano, intransigente e violento, redigido por Agricio Camargo, Hygino Rodrigues, Sergio Braga, Luiz Labre e outros rapazes.

(2) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(3) O *Onze de Agosto*, foi fundado e redigido pelo dr. Estevam Bourroul, que tambem redigiu o *Catholico*, a *Reacção*, a *Vanguarda* e o *Monitor Catholico*.

(4) Jornal de oposição ao governo do dr. Bernardino de Campos. Tinha como director politico o dr. Americo Braziliense de Almeida Mello e como redactores os drs. Pedro Augusto Gomes Cardim e Francisco de Toledo Malta. Desappareceu em 1893, durante o estado de sitio; o seu primeiro numero é de 17 de novembro. Tinha typographia propria.

(5) Orgam dos interesses da classe operaria. Tinha como director responsavel Adolpho Freitas. Começou a ser publicado em abril, impresso na typographia *Spirita*.

(6) Foi seu redactor chefe o dr. João Pedro da Veiga Filho, natural de Minas Geraes e lente da Academia de Direito de S. Paulo, que redigiu tambem por algum tempo o *Diario do Commercio*, as *Notas Diarias* do *Diario Mercantil* e collaborou em outros jornaes da capital e do interior.

370 *Onda*, (1) 1883.

(1) Fundada por Joaquim Dias da Rocha, fallecido na cidade da Parahyba do Sul, em fevereiro de 1895, e de quem se lê no *Jornal do Commercio*, do Rio, a seguinte noticia, enviada daquella cidade:

«A rebelde enfermidade que zombou dos esforços da sciencia e dos acrysolados carinhos da extremosa familia, succumbiu ante-hontem, ás cinco horas da manhã, o festejado poeta e litterato dr. Joaquim Dias da Rocha Filho.

Nascido em Corytiba, Estado do Paraná, em 18 de agosto de 1862, veiu ainda menino para esta cidade em companhia de seu pai, o distincto medico dr. Joaquim Dias da Rocha.

Fez a maior parte dos seus preparatorios no *Collegio Abilio*, onde começou a manifestar a sua extraordinaria intelligencia.

Aos dezeseis annos produzia uma magnifica traducção da *Parisina*, de Byron, que foi publicada com um prologo do barão de Paranapiacaba.

Mais tarde matriculou se na Escola Militar, onde logo impoz-se á admiração dos seus mestres e condiscipulos, pela robustez de seu talento

Quando estudante dessa Escola. publicou uma primorosa traducção d' *A Noiva de Abidos*, recebida, como a *Parisina*, com applauso dos homens de lettras.

Verificando, porém, que a carreira militar não satisfazia á sua indole e vocação, abandonou a Escola e matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo, da qual, após brilhantissimo curso, sahia formado em sciencias juridicas e sociaes.

Logo depois de formado foi nomeado promotor publico desta comarca, cujo cargo exerceu com inexcedivel proficiencia e circumspecção; foi posteriormente delegado de policia uo Rio de Janeiro e exerceu a advocacia aqui e em Juiz de Fôra.

Em S. Paulo foi fundador e redactor da *Onda*, jornal abolicionista e collaborou com pericia notavel em muitos outros jornaes. Nesta cidade fez parte da redac-

371 *Observador Constitucional*, (1) 1829.

ção do *Provinciano*, do *Tamoyo*, da *Republica* e foi collaborador do *Parahiba* e desta folha.

No *Jornal do Commercio* publicou uma esplendida traducção do *Cantico dos Canticos*, de Salomão, trabalho de que, com elogio, se occupou o illustre litterato portuguez C. Castello Branco.

Ainda ha pouco deu-nos no mesmo *Jornal* um excellente estudo historico sobre a revolução de Minas em 1842, no qual ainda uma vez revelou o seu superior talento e amor ás lettras.

Poeta de *elite*, deixa grande numero de primorosos e impeccaveis versos, alguns já publicados em diversos jornaes e revistas e outros ainda inéditos, que pretendia fazer apparecer em volume com o titulo de *Musgos e Lichens*.

Além destes, deixa inéditos outros trabalhos litterarios de incontestavel merito, entre os quaes: *Historia da Guerra Cisplatina*, *Ephemerides Brasileiras*, *Biographia do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro*, comprehendendo uma parte da *Historia do Ceará* e o *Diccionario Brasileiro*, do qual deixa apenas completos os vocabulos da lettra *A*.

O illustre morto era casado com a exma. sra. d. Izabel Bezerra, filha do nosso venerando amigo dr. Leandro Bezerra Monteiro.

Pungidos pela profunda saudade que nos deixa o desapparecimento do infatigavel operario da litteratura patria, apresentamos a esta e a todos os membros da familia do pranteado moço as nossas sinceras condolencias.

(1) Muito curiosa é a seguinte noticia historia, que extrahimos do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 20 de novembro de 1894:

«Fazem hoje 64 annos que foi assassinado na cidade de S. Paulo o dr. João Baptista Libero Badaró, redactor do *Observador Constitucional*, segundo jornal que se publicou naquella capital. Recordando este triste anniversario, publicamos o recibo da assignatura que desse jornal tomou o sr. João Crispiniano Soares, então

372 *Observador Paulistano*, (1) 1838.
373 *Opinião Conservadora*, (2) 1869.
374 *Ordem*, (3) 1874.

estudando do 1.º anno do curso juridico, que depois tanto se distinguiu como jurisconsulto e professor de Direito Romano e entre cujos papeis foi achado o original firmado por Badaró:

«Recebi do sr. João Crispiniano Soares a quantia de 1$440 reis, importancia de um exemplar do *Observador Constitucional*, no terceiro trimestre, principiando a 24 de abril e findando a 23 de julho, ficando o redactor responsavel pela importancia da parte não cumprida, caso cesse a publicação da folha.

São Paulo, 20 de junho de 1830.—*Badaró*.

(1) No *Observador Paulistano* collaborou assiduamente o grande patriota padre Diogo Antonio Feijó, nascido em S. Paulo, a 9 de agosto de 1784 e fallecido na sua cidade natal, segundo a certidão de obito publicada pelo dr. Brasilio Machado, a 10 de novembro de 1843. Feijó, um simples engeitado, occupou as maiores posições politicas em nossa terra e se houve em todas ellas com toda a honorabilidade e independencia. E' um nome que serve de legenda a um povo.

O dr. Joaquim Piza accrescenta:

«Tenho os n. 252 e 265, de 10 de julho e 15 de agosto de 1840, a duas columnas. Publicava-se duas vezes por semana na *Typographia Imparcial*, de Silva Sobral, á rua Nova de S. José n. 41, onde se subscrevia a 1$920 por tres mezes. Em o n. 252 occorre a seguinte epigraphe: *La liberté de la presse forme en dehors une opinion nationale que remet bientot les choses dans l'ordre.*— CHATEAUBRIAND.—E em o n. 265 a seguinte: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo.*— VIRG. ECLOG. 4.ª, v. 5.»

(2) Folha conservadora e catholica, de que era redactor o então deputado geral dr. João Mendes de Almeida.

(3) Durou dois annos e foi redigida pelo dr. José Maria Corrêa de Sá Benevides, lente de Direito na Academia de S. Paulo.

375 *Omnibus*, 1873.
376 *Opinião*, (1) 1879.
377 *Opinião*, 1889
378 *Opinião Republicana*, (2) 1877.

(1) *A Opinião* foi o ultimo jornal politico que appareceu na Academia de S. Paulo. Jornal propriamente de opposição, nunca de propaganda de ideias politicas, defendendo o partido liberal, censurou com criterio os actos do governo de 5 de janeiro, graças ás intelligencias que o redigiam. (Sá Vianna, *Esboços criticos*, paginas 36). Foram redactores d'*A Opinião*, Victor Monteiro e Affonso Peixoto de Abreu Lima, que redigira antes o *Diario de Campos*.

(2) Folha academica de que foram redactores Fontoura Xavier, Affonso Celso Junior, Pompilio Albuquerque, Lucio de Mendonça e Generino dos Santos. De uma chronica, publicada na *Revista do Rio de Janeiro* (maio de 1877), destacamos o seguinte trecho relativo á *Opinião Republicana:*

«A politica e a questão religiosa não absórvem a nossa mocidade academica.

A litteratura e a poesia têm os seus reprepresentantes nas pessoas de Carvalho Junior, Pitta, Lucio, Ezequiel Freire, Theophilo Dias, Fontoura Xavier e outros.

Cahiu-me irreflectidamente dos bicos da penna o nome do autor das *Flores do Campo*.

Ezequiel Freire, por preguiça, deixou de escrever versos. Fal-os de encommenda e só para os amigos.

Vem a ponto esta anecdota de Ezequiel:

Os redactores da *Opinião Republicana* abriram um concurso aos vates da Paulicéa; o que apresentasse o melhor sôneto da escola socialista, ganharia um mimoso volume das poesias de François Coppée. Freire, convidado, mandou o seguinte, capoando quatro cartas de jogar, dedicado aos que elle chama *papões* da Monarchia:

Pro Rege Deoque

«Tendes fome canina e ventres universos;
Quereis tudo engulir, a Monarchia, o Altar!

379 *Opinião*, (1) 1895.
380 *Opinião*, 1879.
381 *Operario*, 1869.
382 *Onze de Agosto*, 1882.
383 *Paiz*, (2) 1865.
384 *Porta Larga*, 1883.
385 *Pindamonhangabense*, (3) 1883.
386 *Patriota*, (11 agosto) 1883.
387 *Patria*, (4) 1879.

Podeis difficilmente, ó typos, saciar
Esse appetite atroz que revelaes... em versos.

Vós sois, consoante a Fama, uns sugeitos perversos,
Que ingeris ao almoço um rei, outro ao jantar;
E haveis de, glotões, ainda após ceiar
O nosso rei hebraico e outros reis diversos!

Andais constantemente a rebentar pelouros!
Nada vos satisfaz, patrioticas pestes,
Cordeirinhos no agir, na fanfarrice-touros.

Pois bem: sendo vós cinco, ó traga-reis-estouros,
E Pedro um só, tomae; envio-vos mais estes:
—O de espadas, de páus, de copas e de ouros.

(1) Folha dedicada aos interesses sociaes, publicada duas vezes por mez. Redactores, E. Vanorden e P. B. de Carvalhosa. Appareceu em fevereiro.

(2) Jornal politico e litterario, cuja collecção possue o dr. Estevam Leão Bourroul. Publicava-se ás segundas e quintas-feiras e era impresso na *Typographia Allemã*, de Henrique Schroeder, á rua Direita n. 36. Era orgam conservador, redigido por Antonio Prado, Rodrigo Silva e Dutra Rodrigues.

O 1.º numero sahiu a 31 de agosto de 1865, e 37 e ultimo, a 9 de março de 1866. Fez violenta opposição ao presidente da provincia, dr. João da Silva Carrão.

(3) Jornal academico de estudantes de Pindamonhangaba, que frequentavam a Faculdade de Direito.

(4) Orgam dos homens de côr.

388 *Philatelista*, (11 março) 1884.
389 *Progresso Italo-Brasiliano*, 1890.
390 *Prego*, (1) 1891.
391 *Penna*, 1887.
392 *Progrés*, (19 junho) 1894.
393 *Popolo*, 1894.
394 *Perola*, 1893.
395 *Paulistaner Echo*, (12 março) 1892.
396 *Protesto*, (2) 1893.

---

(1) Jornal hypocondriaco. Trazia por divisa: *Castigat mores ridendo...*» Consta que era redigido pelo academico Severiano de Rezende.

(2 Boletim mensal de politica e litteratura. Abaixo do titulo, em cada numero, vem a corôa imperial e nas diversas secções as armas do imperio. No expediente transcreve trechos da constituição de 25 de março de 1825. Não declara o nome do redactor, mas sabe-se que foi redigido pelo dr. Estevam Leão Bourroul, conforme declara L. E., na biographia deste illustre escriptor, nos seguintes termos:

«No dia 29 de julho do mesmo anno (1892), anniversario da Princeza Imperial, publicou o 1.º numero d'*O Protesto*, boletim mensal de politica e litteratura, no qual tem collaborado as principaes pennas monarchistas. Assim concluia o programma da folha;

«Protestamos contra a republica oriunda de um motim de quarteis, porque somos imperialistas e appellamos para a soberania popular, fonte de todos os governos;

«Protestamos contra o atheismo do Estado, porque somos catholicos e fora da Egreja não ha salvação;

«Protestamos contra a oppressão que o Capital, representado pelo semetismo dinheiroso no Velho Mundo, e no Novo pelo monopolio e pelas emprezas aladroadas, faz pesar sobre o pobre povo e o arrasta á miseria, á fome e á revolta;

«Protestamos contra as immundicies litterarias que invadem as nossas bibliothecas;

Protestamos em nome da lei, do direito, da moral, da propriedade e da religião.

397 *Patria Italiana*, 1892.
398 *Progredior*, (setembro) 1891.
399 *Pétala*, 1895.
400 *Pelourinho*, (maio) 1895.
401 *Primeiro de Maio*, 1891.
402 *Puericia*, (abril) 1895.
403 *Paulista*, 1831.
404 *Paulista*, 1855.
405 *Primeiro de Maio*. 1895.
406 *Porvir*, (4 junho) 1873.
407 *Progressista*, 1889.
408 *Pulpito Evangelico*, 1888.
409 *Parnaso*, (9 fevereiro) 1883.
410 *Penna*, 1882.
411 *Palavras de Verdade*, 1882.
412 *Porvir*, (12 agosto) 1890.
413 *Propaganda*, 1871.
414 *Pygmeu*, 1885.
415 *Polechinello*, (1) 1876.

«Eis a nossa razão de ser—o protesto!»

Este jornal deu, até maio de 1893, sete numeros, sempre lutando com as maiores difficuldades para ser impresso, e alvo de perseguições, que lhe entorpeceram a publicação regular. E' magnificamente escripto e conta milhares de assignantes em todas as partes do Brasil.»

Entretanto, morreu logo e não promette resuscitar.

(1) Era illustrado e humoristico, editado por P. P. Carneiro e appareceu a 16 de abril, com o retrato do general Ozorio. Publicou 38 numeros, sendo o ultimo de 31 de dezembro de 1876. Tinha quatro paginas de texto e um dos seus redactores era Luiz Gama. O dr. Antonio Piza possue a collecção completa, um pouco estragada, com excellentes retratos de José Bonifacio e Antonio Carlos (os velhos), Paula Souza (pai e filho), Badaró, Alvares Machado, Amaral Gurgel, Crespiniano, Manoel Dias, Nebias, senador Fonseca, Euzebio, conego Ildefonso, Tavares Bastos, etc.

416 *Palestra Academica*, (1) 1866.
417 *Provincia de S. Paulo*, (2) 1875.

(1) Revista litteraria e scientifica, publicada mensalmente sob a direcção de Candido Leitão, Didimo da Veiga e Leoncio de Carvalho.

(2) Escreve nos o dr. Miranda Azevedo:

«Não foi o partido republicano paulista que fundou a *Provincia de S. Paulo*; bem que a maioria dos seus commanditarios, fosse accentuadamente republicana, a folha não se appresentou no começo com o caracter partidario. Eis as proprias palavras do *prospecto* destribuido em avulso e reproduzido nas primeiras columnas do 1.º numero de 4 de janeiro de 1875. «Creada pelo concurso de capitaes fornecidos por agricultores, commerciantes, homens de lettras e capitalistas, está ella no caso de satisfazer ás mais legitimas aspirações da rica e briosa provincia, cujo nome toma para seu titulo; e isto justifica o seu apparecimento.

«Esse motivo faz com que o novo jornal se apresente em condições de poder influir directamente no progresso do paiz e na educação do povo, e habilital-o a ser, como um escriptor distincto já definiu o jornal, *o cuidadoso expositor de todos os productos da intelligencia humana, a escola em que entram todos aquelles que sabem soletrar.*

«Sob taes auspicios a *Provincia de S. Paulo* tomara na capital, ao lado dos outros respetaveis organs de publicidade, um lugar modesto, mas com bons desejos de ser util a causa publica.

«Não sendo orgam de partido algum nem estando em seus intuitos advogar os interesses de qualquer delles, e por isso mesmo collocando a em posição de escapar ás imposições do governo, ás paixões partidarias e às seducções inherentes aos que aspiram ao poder e seus proventos, conta a *Provincia de S. Paulo*, fazer da sua independencia o apanagio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e criterio em que fundará o salutar prestigio á que destina-se a imprensa livre e consciente.»

Conforme publicou o mesmo jornal, pertencia a *Pro-*

vincia a uma sociedade em commandita, com o capital de 50:000$000, da qual faziam parte os senhores:

Capitão Bento Augusto de Almeida Bicudo, fazendeiro, morador em Campinas.—Antonio Pompeu de Camargo, fazendeiro em Campinas.—Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello, advogado em S. Paulo.—Dr. João Francisco de Paula Souza, capitalista em São Paulo.—João Manoel de Almeida Barboza, fazendeiro em Campinas.—Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, advogado em Campinas.—Dr. Raphael Paes de Barros, fazendeiro em S. Paulo.—Major Diogo de Barros, capitalista em S. Paulo.—Dr. João Tobias d'Aguiar Castro, fazendeiro em Itú.—Manoel Elpidio Pereira de Queiroz, fazendeiro em Campinas.—João Tybiriçá Piratininga, fazendeiro em Itú.—José Pedroso de Moraes Salles, capitalista em Campinas.—Francisco de Salles, fazendeiro em Campinas.—Dr. Martinho Prado Junior, fazendeiro em Patrocinio das Araras.—Dr. José Alvares de Cerqueira Cezar, advogado em Rio Claro.—Candido Valle, negociante em Rio Claro.—Francisco Glycerio de Cerqueira Leite, advogado em Campinas.—Francisco Rangel Pestana, advogado em S. Paulo.—Americo de Campos, jornalista em S. Paulo.

Os dois ultimos entraram para a formação do capital com maior quota, e eram solidariamente responsaveis pelos actos praticados em nome da sociedade, que girava sob a firma Pestana, Campos & C.

Foram seus redactores, os drs. F. Rangel Pestana e Americo de Campos e administrador o sr. José Maria Lisboa.

O primeiro numero foi publicado em 4 de janeiro de 1875, a typographia e escriptorio estavam na rua do Palacio n. 14. Faziam parte effectiva da redacção os drs. Americo Braziliense e Antonio Carlos, que tinha a seu cargo os folhetins, a critica theatral e a parte litteraria.

Aquelle, pouco tempo permanceu na *Provincia*, o ultimo, porém, conservou-se até 1884, quando a folha passou a ser propriedade do dr. Alberto Salles. Collaboraram effectivamente nas diversas secções do jornal, os mais esti-

mados nomes nas lettras, na sciencia e na politica de S. Paulo. Lucio de Mendonça publicava seus versos e artigos litterarios e politicos, Tebyriçá Piratininga seus interesantes estudos geologicos paulistas, Bernardino de Campos e Campos Salles, artigos de propaganda republicana e discussão politica, e mais tarde Pedro Tavares suas chronicas e analyses cheias de verve e originalidade.

São paginas admiraveis de polemica, os artigos do dr. Luiz Pereira Barreto, em discussão philosophica e scientifica com o rev. dr. Norton e conselheiro José Bonifacio. Ao nome illustre do dr. Luiz Barreto, deve S. Paulo o rapido povoamento e progresso da região do Oeste, pelos enthusiasticos artigos sobre a fertilidade da região *terra roxa*, publicados na *Provincia* Não me compete relatar a gloriosa e util influencia desse jornal, sob a orientação elevada e esclarecida dos seus redactores Rangel Pestana e Americo de Campos, são bem sabidas de todo o Estado e de todo o paiz o valor e os serviços desses grandes benemeritos da patria e da Republica. O que tenho a responder quanto ao seu pedido de informações, é a minha *pars minima*, nessa luminosa legião de collaboradores da *Provincia*, e depois da rapida digressão que fiz restabelecendo alguns pontos, entro em materia.

Em fins de fevereiro de 1876, fui convidado para correspondente da *Provincia*, no Rio de Janeiro, para enviar informações e noticias daquella cidade.

Em desempenho dessa honrosa missão, comecei em março a collaborar na folha com as *Chronicas fluminenses*, semanalmente, e sem interrupção maior, cumpri a commissão até 1878, quando fixei residencia em Guaratinguetá.

Essas chronicas, occupavam se com toda a vida e movimento de Rio de Janeiro, e da politica de todo o paiz. Os factos scientificos e litterarios eram apreciados ao mesmo tempo que os successos politicos e phenomenos economicos e financeiros; e frequentemente os leitores paulistas conheciam com antecedencia occurrencias que só mais tarde a imprensa do Rio de Janeiro publicava.

418 *Paulista Official*, (1) 1835.

Mais tarde, graças á benevolencia e generosidade dos chefes, enviava ás columnas da *Provincia*, alguns artigos de collaboração, originaes ou traduzidos como os de *Charles Waring*, publicados no *Nineteenth Centuzy*, sobre *Estradas de ferro do Brasil*, em resposta á carta publicada no *Times*, pelo sr. Hammond, que injustamente nos aggredia nesse assumpto.

Em 1884, vindo para S. Paulo, a convite de amigos politicos, para prestar serviços a propaganda republicana, entrei em negociações com o dr. Rangel Pestana e Americo de Campos, para dar nova organisação social á *Provincia*, que era então francamente folha republicana, bem que não fosse orgam official do partido, porque não era isso do agrado dos proprios redactores.

Despois de concluidas as negociacões, fixada a somma com que eu e outro commanditario, o illustre amigo coronel João Baptista de Mello Oliveira, deviamos entrar, fui de accordo com este e com os redactores a Campinas entender-me com os correligionarios politicos daquella cidade.

Conferenciei, entre outros, com os drs. Quirino dos Santos, Campos Salles e Francisco Glycerio, que acceitavam perfeita e cordealmente a proposta, e approvaram a nova phase da empreza. Em S. Paulo dei conta da commissão e, quando julgava tudo resolvido, vi desfazer-se o tratado e passar a *Provincia* para a propriedade do illustre correligionario e amigo dr. Alberto Salles, que imprimiu nova orientação a folha, dirigiu-a até passa-la aos seus actuaes proprietarios, atravessando duas ou tres transformações sociaes.

Eis o que posso informar rapidamente sobre certas particularidades da vida gloriosa de uma folha que faz honra á imprensa paulista e que pode apparecer com brilho, hoje ao lado de qualquer jornal europeo ou americano.»

(1) Existiu até 1846.

419 *Phoenix*, (1) 1838.
420 *Publicola*, (2) 1840.
421 *Pregoeiro*, (3) 1851.
422 *Pensador*, 1839.
423 *Pensiero Italiano*, 1890.
424 *Partido Liberal*, 1885.
425 *Partido Conservador*, (janeiro) 1888.
426 *Porvir*, (agosto) 1889.
427 *Pygmeu Paulista*, (julho) 1886.
428 *Primavera*.
429 *Pro-Patria*, (27 julho) 1892.
430 *Pautheon*, (11 janeiro) 1891.
431 *Pae Paulino*, 1884.
432 *Piratininga*, (outubro) 1892.
433 *Procetlaria*, (4) 1887.

---

(1) O periodico *Phenix*, foi redigido pelo dr. Clemente Falcão de Souza (o velho), pernambucano, nascido em 1798 e fallecido em S. Paulo em 1868, e pelo desembargador Joaquim José Pacheco. Subscrevia-se na typographia da Costa Silveira, á rua S. Gonçalo n. 14, onde se publicava as quartas-feiras e sabbados. Dessappareceu em 1841. O dr. Falcão foi lente de Direito na Academia de S. Paulo e o desembargador Pacheco foi deputado, politico proeminente e jurisconsulto de grande reputação.

(2) Um dos redactores do *Publicola*, foi o dr. Antonio Pereira Pinto, nascido no Rio de Janeiro, em 1819, e lá fallecido a 5 de julho de 1880. Este jornal defendia as opiniões liberaes e bateu-se pela maioridade antecipada de D. Pedro II.

(3) Publicado tres vezes por semana, na *Typographia Liberal*, largo da Sé n. 3. Editor, Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

(4) Publicava-se aos domingos, sendo seus emprezarios J. Louzada & C. e director e redactor Julio Ribeiro, o grande philologo. O 1.º numero sahiu a 9 de janeiro, com uma esplendida apresentação, que foi posta

434 *Platéa*, (1) (1.º julho) 1888.
435 *Platéa Sportiva*, 1891.
436 *Phalena*, 1886.
437 *Paulista*, 1886.
438 *Photographo*, 1875.
439 *Pequeno Jornal*, 1885.
440 *Pestalozzi*, (18 abril) 1884.
441 *Pyrilampo*, 1859.
442 *Periquito*, 1883.
443 *Progresso*, 1894.
444 *Provinciano*, (2) 1886.
445 *Paulicéa*, 1888.
446 *Publicidade*, 1891.
447 *Patria*, (3) 1890.
448 *Patria*, (4) 1894.

---

em bellos versos alexandrinos, pelo illustre poeta Theophilo Dias. O n. 11 e ultimo tem a data de 1.º de maio, formando a collecção completa um *in-folio* de 88 paginas. Tinha por divisa o versiculo de Juvenal: *Vitam impendere vero.*

(1) Folha da tarde, propriedade de Araujo Guerra & C. Director, Araujo Guerra; redactores, Affonso Celso Garcia da Luz, Alberto Ramos e Pinheiro da Cunha, e collaboradores, Alberto Souza, Moura Galvão, Carlos de Escobar e Manoel Augusto Galvão. Até 1891 era semanario illustrado e humoristico, redigido por Horacio de Carvalho, passando depois a ser jornal da manhã e por ultimo diario da tarde.

(2) Orgam liberal, cujo primeiro numero é de 8 de maio. Foram seus redactores o dr. Martim Francisco Filho, o engenheiro Bueno de Andrada e o poeta Theophilo Dias, filhos e genro do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

(3) Appareceu em maio e era redigida pelo conego João Evangelista Braga, hoje vigario de Mogy-Mirim.

(4) Orgam da *Federação Catholica de S. Paulo.* Tinha por divisa: *Pro ecclesia et patria agere et pati.*

449 *Piratininga*, (1) 1849.
450 *Palestra Litteraria*, (2) 1849.
451 *Paulista Centralisador*, 1849.
452 *Pernilongo*, 1849.
453 *Precursor*, 1849.
454 *Progresso*, 1849.
455 *Pharol Constitucional*, 1844.
456 *Paranapiacaba*, 1853.
457 *Publicador Paulistano*, 1858.
458 *Quinze de Novembro*, 1889.
459 *Quinzena Paulista*, (3) 1889.
460 *Rio Grande*, (novembro) 1892.
461 *Revista da Instrucção*, 1891.
462 *Revista Musica*, 1886.

---

(1) Periodico politico e litterario, redigido pelo dr. Antonio Joaquim Ribas, que tambem foi redactor do *Constitucional* e da *Imprensa Academica*. Ribas, nascido no Rio de Janeiro a 28 de abril de 1820, fez o curso de Direito na Faculdade de S. Paulo, de que foi lente, regendo diversas cadeiras. Foi deputado provincial e desempenhou diversas commissões do governo. Escreveu muitas obras litterarias e juridicas, sendo as mais notaveis o *Direito administrativo brasileiro*, o *Curso de direito civil brasileiro*, a *Consolidaçao das leis do processo civil*, *Da posse e das acções possesorias* e a *Historia dos paulistas*.

(2) Devia seguir-se aqui a *Palestra Academica*, revista de litteratura e sciencias, sob a direcção de Candido Leitão, Leoncio de Carvalho e Didimo da Veiga. Candido Leitão foi deputado geral e morreu moço, Leoncio de Carvalho foi deputado e ministro do imperio e é hoje lente da Academia de Direito e Didimo da Veiga é advogado de certa reputação.

(3) Proprietarios e redactores, Emiliano Pernetta e Pacheco Netto; escriptorio, rua José Bonifacio n. 43. Nesta revista collaboraram Wenceslau de Queiroz, Ricardo Azamor, Mario Pederneiras e outros rapazes do tempo.

463 *Religião Christã*, 1886.
464 *Revista Academica*, (1.º outubro) 1885.
465 *Religião da Humanidade*, 1882.
466 *Revista*, (28 janeiro) 1882.
267 *Revista Litteraria*, (1) 1895·
468 *Revista de Horticultura*, (2) 1880
469 *Revista Util*, (3) 1892.

---

(1) Semanario, cujo primeiro numero, publicado em 1.º de janeiro, traz artigos em prosa e verso, firmados por Furtado Filho, Zalina Rolim, Candido de Carvalho, Julio Cesar da Silva e outros. Eram seus directores e redactores. Maximo Pinheiro Lima e Amadeu Amaral.

(2) Era proprietario e redactor o distincto horticultor e botanico Frederico de Albuquerque. Era continuação da mesma folha publicada no Rio de Janeiro. (M. Azevedo).

(3) Revista de observações praticas e scientificas pelo dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, autor de diversos trabalhos, taes como o *Manual da Instrucção Civica*, *Homens e ideias no Brasil*, *Os Herdeiros de Caramurú* (romance), *Influence de l' esclavage e de la libmté*, *O Sul de S. Paulo*, etc. Noticiando o apparecimento do volume III da *evista Util*, disse o *Jornal do Comercio*, do Rio:

«O sr. dr. Jaguaribe, que tantas provas tem dado de seu interesse pelo paiz e publicado diversos e importantes trabalhos, fez imprimir o terceiro volume da *Revista Util* que, como bem diz o titulo do primeiro artigo deve ser lida por todos, que nella encontrarão grande copia de informações, sobre assumptos da maior relevancia para o Brazil.»

E o *Commercio de S. Paulo*:

«Recebemos o terceiro volume da *Revista Util*, correspondente ao terceiro anno de sua existencia.

Esta brochura de 108 paginas, além do apendice bibliographico, é mais uma prova eloquente do extremado amor e alta competencia com que o dr. Jaguaribe, seu

470 *Revista da Sociedade Philomatica*, (1) 1833.
471 *Pevista do Ensaio Philosophico Paulistano*, (2) 1851.
472 *Revista Dramatica*, 1860.
473 *Revista da Academia de S. Paulo*, (3) 1895.
474 *Revista Juridica*, (4) 1860.

---

autor, encara o mais importante ramo da actividade nacional nas suas diversas e complexas ramificações.

A nossa agricultura e industria pastoril merecem bem, antes de muitas outras cousas menos uteis e de vantagens hypotheticas, as locubrações dos homens preparados e estudiosos como o autor do folheto que temos em nossa frente.

Agradecemos o exemplar que nos enviou.

(1) Appareceu em julho, sendo redigida por Carlos Carneiro de Campos, depois lente de Direito da Academia de S. Paulo, senador do Imperio e visconde de Caravellas, José Ignacio Silveira da Motta, lente e senador, e Francisco Bernardino Ribeiro. Nella escreveu tambem o dr. Antonio Augusto de Queiroga, bom poeta, natural de Minas Geraes.

(2) Penso que foi fundada em 1851, o que combina com a sexta serie ser do anno de 1856 (antigamente muitas publicações contavam os annos por series, volumes, etc.) Um colleccionador fluminense, o conselheiro Miguel Archanjo Galvão, pensa que esta revista começou em 1850, com o nome de *Revista Litteraria*, jornal do *Ensaio Philosophico Paulistano*, pois com este titulo elle possue um numero de 1851. (Joao de Oliveira.)

(3) Jornal scientifico juridico e historico, impresso na typographia *Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes, rua das Flores n. 35. Foi fundado e redigido pelo Dr. Joaquim Augusto de Camargo e general José Vieira Couto de Magalhães, então academicos. Sahiram quatro numeros sómente, em abril e maio, formando um volume de 318 paginas.

(4) Revista de doutrina, jurisprudencia e bibliographia, publicada sob a direcção de José da Silva

475 *Revista da Associação Recreio Dramatico*, 1861.
476 *Revista da Associação Recreio Instructivo*, 1861.
477 *Revista Mensal do Instituto Scientifico*, 1862.
478 *Revista do Club Academico*, 1863.
479 *Revista da Associação Tributo ás Lettras*, 1863.
480 *Revista do Club Scientifico*, 1866.
481 *Revista do Instituto Polytechnico*, (1) 1876.
482 *Revista Nacional de Sciencias, Artes e Lettras* (2) 1877
483 *Revista de Sciencia e Lettras*, (3) 1880.
484 *Revista da Fraternidade Litteraria*, 1878.
485 *Revista Republicana*, (4) 1885.

Costa, estudante do 5.º anno da Faculdade de Direito e presidente effectivo do Atheneu Paulistano, hoje advogado notavel no Rio de Janeiro, e de José Carlos Rodrigues, estudante do 3.º anno e hoje redactor-chefe do *Jornal do Commercio*. Tinha por epigraphe a phrase de Ulpiano: *Justitiam nangue estimus*. Tambem nella escreveram Duarte de Azevedo, Antonio Joaquim Ribas, Ernesto Ferreira França e Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, todos homens de muito talento e de solida instrucção.

(1) Appareceram sómente dois folhetos com 142 paginas. Era redigida pelo engenheiro Elias Fausto Pacheco Jordão e impressa na typographia de Jorge Seckler, a rua Dirieta n. 15.

(2) Publicou em S. Paulo e Santos, sob a redacção dos drs. Antonio Carlos de Andrada e Herculano Marcos Inglez de Souza. Os primeiros numeros foram impressos em Santos e durou só um anno. Sahiam fasciculos mensaes de 60 paginas.

(3) Revista mensal de que foram redactores Raymundo Corrêa, depois director da secretaria da Fazenda do Estado de Minas, Alexandre Coelho, depois advogado em Mogy-mirim e deputado estadoal, Randolpho Fabrino depois juiz substituto em Minas Geraes e Augusto de Lima, depois juiz de direito de Ouro Preto, todos então estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo.

(4) Appareceu a 5 de agosto e durou até 1886, sendo seu redactor João Ribeiro Junior.

486 *Revista do Gremio Ensaios Litterarios*, 1882.
487 *Revista dos Novos*, (1) 1886.
488 *Revista da Academia Litteraria*, 1863.
489 *Revista Musical*, (2) 1888.
490 *Revista Democratica*, 1888.
491 *Revista Paulista-Fluminense*, 1889.
492 *Revista das Modas*, 1892.
493 *Revista Moderna*, (3) 1885.
494 *Revista de Jurisprudencia*, (4) 1892.

---

(1) Publicação mensal dirigida por José Feliciano. Sahiram apenas quatro numeros, a duas columnas, formando um volume de 64 paginas. Além do director, nella escreveram Arthur Breves, Hypolito de Medeiros, Wenceslau de Queiroz, Fabio Oliva, Henrique Lascasas, Carlos de Escobar, João Aranha e J. da Silveira.

(2) Director e proprietario, Lucio da Silva Gonçalves. Sahiram apenas quatro numeros, sendo o primeiro de 18 de setembro.

(3) Revista litteraria, critica, scientifica, pedagogico e noticiosa, a oito paginas, de que foram publicados sómente tres numeros, sendo o primeiro de 10 de setembro. Collaboraram nella os drs. Hypolito de Camargo, Ernesto Goulart e Bernardo de Campos, Francisco Gaspar, João Machado, Albuquerque Pinheiro, Magalhães Sobrinho, M. Carneiro, Julio Cesar da Silva, Solano de Abreu, Amadeu Amaral, Tavares de Lacerda, René Barreto e Affonso Garcia, e foi um dos seus redactores o professor Arthur Goulart. Estampou retratos, em phototypia, dos drs. Hypolito de Camargo, Cesario Motta e Gabriel Prestes.

(4) Orgam do *Instituto dos Advogados de S. Paulo.* Redactores, drs. José Maria Corrêa de Sá Benevides, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, João Pereira de Monteiro, Paulo Egydio de Oliveira Carvalho e Vicente Ferreira da Silva. O fasciculo n 1 é de 15 de janeiro.

495 *Revista da Faculdade de Direito*, (1) 1893.
496 *Revista das Missões Nacionaes*, 1887.
497 *Razão*, (2) 1862.
498 *Radical Paulista*, 1890.
499 *Radical Paulistano*, (3) 1869.

(1) Publicação official da Faculdade de Direito. Commissão de redacção, drs. Brasilio Machado, presidente; João Mendes Junior, Aureliano Coutinho, Manoel P. Villaboim e Alfredo M. de Barros Oliveira Lima. O primeiro fasciculo (S. Paulo, typographia da *Companhia Industrial*, 1893, 203 pags.) insere o seu programma:

«Em sua sessão de 26 de abril do corrente anno, deliberou a Congregação dos lentes da Faculdade de Direito de S. Paulo iniciar a publicação de sua revista official, nos termos do art. 175 do decreto n: 1.159, de 3 de dezembro de 1892, que approvou o codigo das disposições communs ás instituições de ensino superior. Cada numero da revista será publicado annualmente e tem, na lei organica das escolas do ensino superior, traçado o seu programma: «Publicar as memorias originaes acerca de assumptos concernentes ás materias ensinadas no estabelecimento, e dar um summario das decisões da Congregação, que a juizo do director possam ser publicadas.»

Os volumes de 1894 e 1895 contem escriptos dos drs. Pedro Lessa, Amancio de Carvalho, João Monteiro Aureliano Coutinho, Pinto Ferraz e outros.

(2) Eram redactores da *Razão*, Campos Salles, Quirino dos Santos, Jorge de Miranda e Belfort Duarte, então estudantes em S. Paulo.

(3) *O Radical Paulistano*, era redigido por Luiz Gama, Ruy Barboza, os irmãos Pamplona de Menezes, Martim Cabral e alguns outros brillantes talentos da Academia de S. Paulo em 1869. Era radical em opposição ao *Ypiranga*, que era liberal, e descompunha Zacarias, Nabuco, Octaviano e outros corypheus do *Club da Reforma*, do Rio. Orgam do *Club Radical Paulistano*, publicava-se uma vez por semana e professava a doutrina liberal em toda a sua plenitude. Imprimia-se na typographia do *Correio Paulistano*.

500 *Rebate*, (1.º maio) 1874.
501 *Rebate*, (1) (16 julho) 1888.
502 *Rebate*, 1893.
503 *Republica*, (2) (19 maio) 1876.

---

(1) Publicava-se semanalmente e depois em dias indeterminados. Seu redactor era Julio Ribeiro, o conhecido philologo e distincto escriptor mineiro, fallecido em Santos a 1.º de novembro de 1890. Não trazia nome do redactor, indicava apenas que a correspondencia deveria ser dirigida a *J. M. Vaughan*, que parece ser o nome do pae de Julio Ribeiro, o norte-americano *Jorge Washington Vaughan*.

Os ultimos numeros do *Rebate*, vêm com a declaração de ser seu editor João da Cruz Soares. Esses numeros não foram escriptos pelo valente jornalista da *Procellaria*. O *Rebate* defendia calurosamente os principios republicanos.

(2) A *Republica* era um dos melhores jornaes academicos, e teve como redactores e collaboradores os principaes vultos da geração Moderna que frequentavam a Academia, e foram Affonso Celso Junior, Assis Brasil, Julio de Castilhos, Valentim Magalhães. Antonio Mercado, Alcides Lima, Magalhães Castro e Silva Jardim. Durou alguns annos, surgindo ás vezes depois de longos intervallos.

Em 1869 foi redigida por Valentim Magalhães Assis Brasil, Magalhães Castro, Souza Brandão, Carvalho de Mendonça, Felicio dos Santos e Pelino Guedes. De uma correspondencia de S. Paulo para a *Revista do Rio de Janeiro* (1877), tiramos este trecho:

«A *Republica* é redigida e collaborada, *vox populi*, pelas intelligencias mais robustas da Academia: Lucio de Mendonça, Affonso Celso, Magalhães Castro, Pitta, Carvalho Junior, Prestes, Fontoura Xavier e outros.

O primeiro e o segundo numeros da *Republica* affrontam as iras da critica.

Além dos artigos politicos traçados por pennas habilmente aparadas e de um artigo litterario sobre questões de arte, de Laurindo Pitta, occulto no pseu-

donymo de *Cesar Doria*, trazem bellissimos versos e uma *chronica patusca*, assignada por um tal *Zè Academico*, que é, na realidade, patusca.

Zé Academico algumas vezes rima a pilheria; a proposito da fundação *Circulo Catholico*, sob a protecção dos corações de Maria e de Jesus, arremesou-lhe esta:

Collocaram o *circulo debaixo*
da protecção dos sacros corações
de Maria e Jesus,
talvez p'ra receber (é o que eu acho)
a graça do Senhor em injecções,
em lysteres de luz!

Já tivemos occasião de apertar particularmente a mão aos redactores da *Republica*, por isso deixamos de fazel-o agora, com o testemunho do publico.»

A respeito de Assis Brasil, diz o *Jornal do Commercio*, do Rio, em março de 1895:

«O sr. Assis Brasil, nomeado ministro do Brasil em Portugal, é um dos brasileiros que mais se tém distinguido na nova phase politica que atravessa o paiz.

Nasceu em 1857 na cidade de S. Gabriel, no Rio Grande do Sul, provincia onde fez seus estudos preparatorios. Em 1878 matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, recebendo cinco annos mais tarde o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Sua vida academica foi das mais notaveis em seu tempo. Estudante sisudo, retrahido, consagrava o tempo restante dos seus estudos escolares a propaganda dos principios republicanos. Redigiu a *Evolução* e escreveu dous livros interessantes, a *Historia da Republica Rio Grandense* e a *Republica Federal*, que teve grande vulgarisação.

Voltando ao Rio Grande conseguiu ser eleito o primeiro deputado provincial republicano, em uma assembléa, onde teve de sustentar discussões notaveis com homens do valor intellectual do sr. Silveira Martins. Por seu prestigio entre os correligionarios politicos, foi eleito representante do partido republicano rio-grandense no Congresso que em abril de 1889 reuniu-se em S. Paulo.

504 *Reacção*, (1) 1877.

Proclamada a Republica, foi pouco tempo depois nomeado nosso ministro em Buenos Aires e mais tarde eleito deputado á Constituinte, onde ficou memoravel sua declaração de voto em favor do sr. Prudente de Moraes para chefe do Estado, contra o marechal Deodoro, de quem era elle amigo pessoal. Nesse documento o sr. Assis Brasil vaticinara, que o marechal «seria funesto á Republica». Para combater o golpe de Estado e tambem o governo do sr. Julio de Castilho, de quem é cunhado, o dr. Assis Brasil tomou parte activa na revolução levantada a 9 de novembro de 1891 no Rio Grande do Sul. Com a victoria desse movimento coube-lhe um logar na Junta Guvernativa do Estado, que mais tarde deixou para que o poder fosse concentrado nas mãos do general Barreto Leite. Foi então de novo para Buenos-Aires como ministro, publicando, ha dous annos, o seu livro *Democracia Representativa*, que foi traduzido em hespanhol. O governo passado nomeára-o ministro na China; sendo extincta a Missão Especial junto ao Celeste Imperio, ficou o sr. Assis Brasil em disponibilidade, aproveitando sua estada na Europa, onde ainda se achava, para percorrer, em passeio, varios paizes do velho mundo. S. Ex. está agora na França, donde partirá, em breve para Lisboa.»

(1) Orgam do *Circulo dos Estudantes Catholicos*. Da *Reacção* diz Sá Vianna, *Esboços Criticos*, 1879. «Este jornal academico, mais que todos os outros, merece as saudações sinceras de quem com imparcialidade falla a seu respeito. Advogando uma ideia santa para nós, embora loucamente taxada de *ideia negra*, a *Reacção* foi o verdadeiro jornal de propaganda. Com desinteresse extremo, sem outra inspiração que a de levar a toda a parte, por meio da imprensa, as doutrinas da religião catholica, seus redactores apresentaram se como defensores decisivos das ideias, que actualmente encontram, em cada superficial um inimigo acérrimo.» Foram seus redactores, Briano Dauntre, Filinto Bastos, José Vicente, Rafael Corrêa, padre Valois de Castro, Leão Bourroul e outros.

505 *Reverbero*, 1881.
506 *Revue Francaise*, 1887.
507 *Republica Mineira*, (1) 1888.
508 *Republica das Lettras*, (2) 1876.
509 *Resistencia*, (3) 1888.

---

(1) Appareceu em julho. Publicava-se quinzenalmente e pouco durou. Eram seu redactores, Delfim Moreira, Estevam Lobo, José Lobo, Randolpho Chagas, Loreto de Abreu e Valerio Rezende.

(2) Noticiando o seu apparecimento, diz a *Provincia* de 2 de abril de 1876:

«*A Republica das Lettras.*—Sob este titulo sahe hoje á luz nesta capital o 1.º numero de um periodico litterario, publicação feita em cadernos de 16 paginas e que sem duvida possue elementos de prospera carreira, e os desenvolverá se lograr da indifferença publica a ventura de um parenthesis Em algumas linhas dirigidas aos leitores, vêm as seguintes palavras, que determinam as condições e natureza do jornal: «Isto é uma tentativa; do publico depende que venha a ser uma empreza regular, capaz de prestar ás lettras os serviços que podem esperar de trabalhadores modestos mas laboriosos e de boa vontade. Tudo fiamos do nosso esforço, da intelligente collaboração que esperamos e principalmente da benevolencia publica. Favoreça-nos esta, e muito poderemos conseguir, que ella—como aquelle rei da fabula—converta em ouro tudo aquillo que toca.» Eis o summario dos artigos que traz este primeiro numero: *Duas palavras*, artigo da redacção; *Carta*, de Americo de Campos; *Mulheres! Mulheres!* poesia; *Flôr de Couve*, romance por Lucio de Mendonça; *Aos annos de Amelia*, poesia de Guilnerme Braga; *Aquella mulher...* poesia de Gaspar da Silva; *Juramento*, imitação de Campoamor, por Gaspar da Silva; *Soneto*, por João Penha; *Expediente*.

Parece-nos que apenas sahiram 7 ou 8 numeros.

(3) Com relação á *Resistencia*, diz-me o sr. Amaury Fonseca:

«Obscuro operario da imprensa, collaborei como

510 *Recreio*, (1) 1881.
511 *Recreio*, 1884.
512 *Recreio*, (novembro) 1894.
513 *Romanceiro*, 1885.

---

aprendiz na *Gazeta do Povo*, ao lado do valente Muniz de Souza, ao mesmo tempo que coadjuvava os bravos rapazes da *Revista Democratica*, onde ensaiei tambem, e pelo desejo de ter um jornal só meu, isto é, feito á minha vontade, fundei *A Resistencia*, da qual fui a *cabeça*, sendo o intelligente Affonso Celso Garcia da Luz a *alma* e os demais collaboradores o *corpo*. Mas *A Resistencia* não resistiu os vendavaes financeiros, e no quarto numero sossobrou, deixando todavia a tenue lembrança de sua passagem, pois com prazer, vi seu nome na resenha historica da imprensa paulista. Por mais insignificante que queiram julgar *A Resistencia*, não lhe poderão negar audacia.»

(1) Relativamento ao *Recreio* e outros jornaes republicanos, escreve-me o sr. Ricardo Azamor:

«Com a devida venia aqui vou reunir-me a quantos têm procurado auxiliar o vosso louvavel *desideratum* relativo á historia da imprensa paulista. Duas informações apenas. A primeira, referente aos jornaes de propaganda republicana, redigidos pelo nosso correligionario Francisco Gaspar (autor do ultimo pamphleto republicano publicado nesta capital em regimem monarchico), actualmente funccionario publico em exercicio na Camara Municipal *(a)*. São os seguintes:

—*Recreio* (1881), que suspendeu a publicação depois de seis mezes de existencia, tendo reapparecido

---

(a) Este pamphleto, intitulado *A Conspiração*, por A. Sparg foi impresso na typographia do *Livro Azul*, em Campinas, em 1889, com quanto não traga estas indicações. No rosto da capa, abaixo de um barrete phrygio, vêm estes pensamentos:

«A liberdade não é sómente o effeito de um engrandecimento politico; é sobretudo o resultado de um engrandecimento moral.— S. Smiles.»

»Ide avançando sempre e a fé vos virá alentar.—D'Alembert.»

Contêm 15 paginas, *in*-8.º

514 *Roma*, (11 junho) 1882.

mais tarde, em 1883. Da redacção desse jornal fez parte o fallecido Joaquim Mariano de Azevedo Marques.

— O *Oitenta e Nove* (1884), redigido em companhia de Antonio Guery e Arthur Carlos. *(b)*

— O *Brasileiro,* redigido juntamente com o actual director da escola normal Diamantina (Minas), bacharel Francisco Brant, então estudante de Direite (1885).

A outra informação que vos pretendo prestar é nada menos que um acto de justiça que espero não me seja negado. E' o caso que entre os nomes de quantos redigiram jornaes republicanos nesta capital, nomes que tendes por diversas vezes citado, ainda não encontrei o meu, que' supponho, foi involuntariamente omittido. Em vista disso lembro-vos que, com a maior dedicação e vivo interesse, fiz parte dos seguintes orgams da imprensa republicana:

Diario do Commercio, quando sob a direcção do actual lente de direito da nossa Faculdade, dr. João Pedro da Veiga Filho.

—*Jornal da Tarde*, durante todo o tempo em que foi esse jornal redigido por Alberto Souza.

—*F. F. e R. R.* redigido pelo dr. Marcos Dolzani (actual promotor publico em Rio Claro) e Anselmo de Carvalho.

Cidade de S. Paulo, quando sob a direcção do fallecido José Felizardo Junior.

—*Mercantil* (2.ª época), sob a direcção dos drs. João de Araujo, Felippe Gonçalves e Adolfo Araujo.

—*Diario da Tarde*, pseudonymo com que a actual *Platea* (1893 1894) atravessou a peior crise de sua existencia.

Prestando vos esta ultima informação, acreditai que o faço, não por simples e tôla vaidade, mas sim por verdadeiro acto de justiça, de que me julgo crêdor.»

(b) *O Oitenta e Nove* não foi redigido por Francisco Gaspar, mas sim o *Noventa e Tres,* que devia vir mencionado neste logar.

515 *Raio*, (1) 1858.
516 *Revolução*, (20 marco) 1887.
517 *Revue de Saint-Paul*, 1887.
518 *Redempção*, (2) 1887.
519 *Riachuelo*. 1890.
520 *Renascença*, 1875.
521 *Revista Popular*, 1859.
522 *Revista Academica*, (3) 1882.
523 *Revista Litteraria*, (4) 1887.

Francisco Gaspar redigiu tambem o hebdomadario *Imprensa Artistica*, impresso nas officinas de J. Seckler & C.; cujo ultimo numero foi confiscado por estes senhores á vista de um artigo revolucionario que Gaspar escrevêra contra a monarchia bragantina. Este talentoso republicano publicou igualmente, em 1882, um opusculo *A Memoria de Tiradentes*, no anniversario da morte do grande martyr.

(1) Sobre este jornal, escreve-me o dr. Antonio Piza: «Em 1858, Martim Francisco e outros liberaes redigiam *O Raio*, jornal tão violento contra os conservadores quanto *O Azorrague*, de Pedro Taques, o era contra os liberaes. Não posso determinar as datas do apparecimento e morte deste jornal.»

(2) *A Redempção*, famosa clava do combate contra o esclavagismo, appareceu a 2 de janeiro de 1887, e deixou de existir no anno seguinte, logo após a aurea lei de 13 de maio. Foi redigida pelo dr. Antonio Bento de Souza e Castro, com o auxilio de diversos abolicionistas, e tem continuodo a apparecer uma vez por anno para commemorar a data gloriosa da libertação total dos escravos do Brazil.

(3) Publicação mensal, iniciada em 25 de maio, da qual eram redactores os academicos Ribeiro Penna, Alcantara Lemos, Oscar de Macedo Soares e Pedro Valeriano. Era impresso na typographia do *Correio Paulistano*.

(4) Publicação quinzenal, redigida por Horacio Sabino, Rangel de Freitas, Azarias de Azevedo e P. Albunaiuba.

524 *Revista Mensal Paulistana*, 1853.
525 *Revista Paulistana*, 1857.
526 *Religião em S. Paulo*, 1864.
527 *Radical Academico*, 1869.
528 *Revista do Ensaio Litterario*, 1871.
529 *Revista Academica*, (outubro) 1892.
530 *Revista Pharmaceutica*, (1) 1895.
531 *Revista Agricola*, (2) 1895.
532 *Revista Mensal das Decisões do Tribunal de Justiça*, (3) 1895.
533 *Reporter*, (4) 1895.

---

(1) Orgam da *Sociedade Pharmaceutica*, redigido por Ignacio Puigari e Rodrigues de Andrade.

(2) Sob o titulo *Revista Agricola*, lê-se no *Commercio de S. Paulo*, de 1.º de junho de 1895:

«Acaba de apparecer esta utilissima publicação, que se destina á propaganda da industria pastoril e agricola E' orgam da Sociedade Pastoril e Agricola, desta capital, e está redigida pelos drs. Pereira Barretto, Carlo Botelho e Domingos Jaguaribe.

Servindo a uma causa como essa e com a direcção competentissima que tem, a nova *Revista* ha de por certo abrir caminho entre os fazendeiros, que serão influenciados pelas doutrinas sustentadas para despertal-os no dever e pelos estudos daquelles que se dedicam ao desenvolvimento da industria pastoril e agricola.»

(3) Publicação mensal, encetada em julho pelo dr. José Machado Pinheiro Lima, ministro do Tribunal de Justiça.

(4) Jornal da tarde, cujo primeiro numero appareceu a 12 de novembro, e a respeito escreveu o *Diario Popular*.

«*O Reporter*.—Foi destribuido o primeiro numero deste novo collega da tarde, dirigido pelo estimavel moço sr. Juvenal Pacheco que revelou durante o tempo que trabalhou como reporter no *Estado de S. Paulo* uma verdadeira vocação para a imprensa.

534 *Revista Postal*, (1) 1895.
535 *Republicano*, (novembro) 1895.
536 *Revista do Instituto Historico*, (2) 1895.

O Reporter vem variado de collaboração. Eis o programma:

«Contar o que se passa, reproduzir a impressão do dia no espirito publico, denunciar o abuso, lembrar o remedio, louvar a acção meritoria.»

João Vieira de Almeida, o provecto professor e emerito jornalista, foi por assim dizer redactor effectivo, a maior parte do tempo que durou o jornal. Não tinha côr politica e desappareceu depois de poucos mezes, deixando seu proprietario a capital e indo residir em Santos, onde continuou a trabalhar na imprensa.

(1) E' de 15 de novembro o primeiro numero deste periodico, redigido por Carlos Fernandes, Mario Tavares e João B. Carneiro.

(2) *O Municipio*, de dezembro, assim noticiou o apparecimento da *Revista:*

«Appareceu o volume I da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.*

Consta o summario dos seguintes trabalhos:—A denominação *Serra da Mantiqueira*, pelo dr. Orville A. Derby; *Origens republicanas do Brasil*, pelo dr. Domingos Jaguaribe; *Discurso* do dr. João Monteiro, lido na sessão do dia 4 de julho de 1895, em homenagem á independencia dos Estados Unidos; Acta das sessões até a decima terceira.

—A publicação do dr. Orville A. Derby, tem o grande merecimento scientifico que o estudo, a observação e o exacto conhecimento da geologia e da orographia tanto renome deram ao incansavel profissional que está prestando verdadeiros serviços ao Estado paulista e a todo o Brasil.

—As *Origens republicanas*, constituem uma das paginas do livro de historia da formação das ideias poli-

537 *Revista Medica*, (1) 1889.

ticas em nosso paiz, escripto pelo nosso distincto e illustrado director dr. Domingos Jaguaribe.

Esta obra de investigação historica e de exegese politica ha de produzir um movimento, por parte da critica, assim que surja á publicidade.

Neste excerpto dado á *Revista do Instituto*, vêm a descripcão e os commentarios ás insurreições no Brasil emquanto colonia, e depois renovadas neste seculo até as phases posteriores á proclamação da independencia.

Com documentos authenticos, logica, vigor de argumentação e methodo, o illustre escriptor reinvindica para a geração passada a gloria de proclamar a Republica em nosso paiz.

—O discurso do dr. João Monteiro sobre a data commemorativa da independencia norte-americana é como todas as producções da cultissima intelligencia do abalisado lente da Faculdade de S. Paulo.

Republica e Direito, taes foram os pontos culminantes em que pairou a disertação eloquente, erudita e sufficientemente desenvolvida com que o notavel orador representou o Instituto Historico, nesta solemne sessão.

Ha muito que aprender neste valioso discurso do dr. João Monteiro, tanto sob o ponto de vista historico, litterario, juridico-social, como admiravel pelo esplendor da fórma aprimoradissima.

Agradecemos a remessa da *Revista do Instituto Historico* e á sua directoria testemunhamos nossos sinceros votos de animação.»

(1) Foi fundada pelo dr. A. C. de Miranda Azevedo, que era o redactor-chefe. Eram seus companheiros de redacção o drs. F. Tibiriçá e Mello Oliveira. Sahia nos dias 15 de cada mez em folhetos de 32 paginas, e recebia a collaboração de todos os medicos. Dahi nascêra a primeira Sociedade de Medicina e Chirurgia de S. Paulo. O 1.º numero foi publicado a 15 de maio de 1889 e o ultimo a 15 de fevereiro de 1890.

538 *Setta*, (abril) 1895.
539 *Soberania do Povo*, (dezembro) 1889.
540 *Situação*, (novembro) 1885.
541 *Santelmo*, 1889.
542 *Schiavi Bianchi*, (junho) 1892.
543 *Semaninha*, (1) 1891.

Cessou a publicação logo que a Sociedade de Medicina determinou apenas publicar *Boletins* de seus trabalhos, de que apenas imprimiu-se o primeiro.

(1) O sr. Alfredo de Toledo dirigiu-me a seguinte missiva, publicada no *Diario Popular:*

«Lendo no *Diario Popular* a declaração que fizestes de que de bom grado receberieis qualquer rectificação ao trabalho que sob a epigraphe *Imprensa Paulista*, déstes á estampa na referida folha, tomo a liberdade de vos lembrar que em 1891 foram publicados por mim e Cantidio Bretas dois ou tres numeros d'*A Semaninha*, pequeno jornal Academico, de que foi editor Oscar Monteiro, com officinas typographicas á rua do Gazometro, no Braz.

Sei tambem que em 1887 se publicava em S. Paulo *O Discipulo*, podendo accrescentar que o 8.º numero desse orgam do *Club Galvão Bueno*, viu a luz em 26 de abril desse anno.

Além desses dois jornaes, cuja existencia, na épocha determinada, eu posso garantir, parece-me poder ainda affirmar, si as reminiscencias me não illudem, que no alludido anno de 1887 o fallecido bacharel Jarbas Tupinambá de Mattos Guarianas, então preparatoriano redigia o *Tentamen*. O dr. Izidoro José Ribeiro Campos, actualmente delegado de policia em Santos, mantinha, por esse tempo, relações com Jarbas, pelo que está apto a vos certificar da existencia desse jornal, e acredito mesmo que o dr. Eduardo Chaves o possa tambem fazer, pois, tenho vagas lembranças de que á redacção do *Tentamen* foi offerecido um exemplar das *Fagulhas*.

544 *Sol dos Fenianos*, 1893.
545 *Saquarêma*, (1) 1848.
546 *Sensitiva*, 1875.
547 *Sentinella*, (2) 1876.
548 *Sentinella*, (7 abril) 1880.
549 *Sentinella da Monarchia*, (3) 1889.
550 *Sertanejo*, (dezembro) 1885.
551 *Sentinella da Monarchia*, 1841.
552 *S. Paulo Sportivo*, 1894.
553 *Solitario*, (4) 1840.

Ainda em 1887 e com o titulo de *Tiradentes*, foi a 24 de abril publicado um jornalzinho pelo *Club Republicano Tiradentes*, fundado no *Collegio Moretz-Sohn* e do qual fui um dos redactores.»

(1) Sobre este jornal, escreve-me o dr. Antonio Piza: «Em 1849 publicou-se em S. Paulo *O Saquarema*, que devia ter sido orgam do partido conservador. Não sei quando appareceu, quando morreu, nem quem era o seu redactor. Tenho um supplemento do jornal, que nada esclarece a respeito.

(2) A 22 de abril de 1876 appareceu a *Sentinella*, sustentando o programma de uma politica subordinada aos principios catholicos, que fôra o da *Opinião Conservadora*, que se publicou de 1869 até 1872. A *Sentinella* deixou de existir a 31 de março de 1879. O seu redactor era o distincto escriptor e provecto advogado dr. João Mendes de Almeida, que redigiu a *Opinião Conservadora*, *A Lei*, o *Partido Conservador* e a *Sentinella da Monarchia*, e collaborou na *Ordem*, orgam do clero de S. Paulo (1872-1876).

(3) Orgam conservador e catholico, fundado e redigido pelo dr. João Mendes de Almeida. Desappareceu com a proclamação da Republica, em 15 de novembro do mesmo anno.

(4) De 2 de maio a 29 de setembro, *O Solitario* foi redigido por Antonio Manoel de Campos Mello. Esta folha, escripta em linguagem fogosa, combatia especialmente o então presidente de S. Paulo Manoel Machado Nunes.

554 *Sete de Setembro*, 1865.
555 *Seis de Junho*, 1884.
556 *Sportman*, (23 setembro) 189[illegible].
557 *Situação*, 1863.
558 *Sete de Setembro*, 1883.
559 *Sete de Abril*, (1) 1865.
560 *S. Paulo-Andaluzia*, (março) 1885.
561 *Sul*, (junho) 1890.
562 *Sfida*, 1891.
563 *Symbolismo*, (10 janeiro) 1892.
564 *Secolo*, (14 maio) 1894.
565 *Seguros de Vida*, 1894.
566 *S. Paulo Historico*, (2) 1895.

---

(1) Redigida pelo dr. Carlos Honorio Benedicto Ottoni,

(2) Revista quinzenal, a respeito da qual lemos no *Correio Paulistano*, de 20 de abril de 1895:

«Recebemos o primeiro fasciculo de uma revista quinzenal que appareceu nesta capital sob o titulo *S. Paulo Historico*, do qual é director e proprietario o dr. Estevam Leão Bourroul.

Destinada a fazer a luz sobre o passado deste Estado tão rico de tradições honrosas, a revista do dr. Bourroul vem certamente prestar um bom serviço aos estudiosos, dando ensejo aos investigadores das nossas cousas de exhibirem o fructo das suas lucubrações e estudos.

O primeiro numero, como panno de amostra, não é máu; traz o programma e diversos artigos de valor para a nossa historia, entre os quaes destacaremos *A Anselmada*, do director da revista, *Amador Bueno da Ribeira*, pelo dr. Martim Francisco Filho; *Papeis-velhos*, *A archeologia paulista*, por Alberto Löfgren e a *Raça caipira*, pelo dr. J. Floriano de Godoy.

O *S. Paulo Historico* é evidentemente uma publicação util, que está destinada a prestar serviços tão valiosos como os que já presta a que sob o titulo *Do-*

567 *Tres Municipios*, 1885.
568 *Tesoura*, 1887.
569 *Tymbira*, (1) 1860.
570 *Trabalhos Litterarios*, (2) 1860.
571 *Tribunal Liberal*, 1867.
572 *Tribunal Liberal*, (3) 1876.
573 *Tribunal Liberal*, (4) 1877.
574 *Tribuna Italiana*, (5) (23 fevereiro) 1893.

---

cumentos interessantes, vai sendo feita officialmente pelo director de Secção do Archivo e da Repartição de Estatistica do Estado.»

O dr. Bourroul não proseguiu e a revista morreu com o primeiro numero.

(1) O *Tymbira* era um jornal politico, litterario e noticioso. Começou a sua publicação em 1859, sendo seus redactores Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, Henrique Limpo de Abreu, José Luiz Monteiro de Souza, J. Roquette Carneiro de Mendonça, A. V. Pinto Coelho e J. C. de Paiva Tavares. Em 1861 passou a ser redigido por Francisco Rangel Pestana e Florencio Carlos de Abreu e Silva, que foi mais tarde presidente de S. Paulo e senador do imperio.

(2) Orgam da associação *Amor á Sciencia*. Redactor, Assis Drumonel.

(3) Folha politica, litteraria e noticiosa, segunda deste nome. Redactor. dr. Bento Francisco de Paula Souza e gerente José Rodrigues de Barros.

(4) Terceira folha deste nome, começou a ser publicada em 1.º de janeiro de 1877, sendo seu director e principal redactor o dr. Herculano Marcos Inglez de Souza. Silva Jardim redigiu por algum tempo a parte litteraria.

(5) Semanario italiano. Em uma resenha da imprensa da capital, feita pelo *Correio Paulistano*, em janeiro de 1895, lê-se.

«Não possuimos presentemente os necessarios esclaricimentos sobre o pessoal da redacção e administração dessa folha.

575 *Torres-Homem*, (1) 1893.
576 *Tagarella*, 1890.
577 *Tagblatt*, 1893.
578 *Thabor*, (2) 1883.
579 *Trabalho*, 1876.
580 *Tebiriçá*, (3) 1842.
581 *Tribuna Academica*, 1871.
582 *Tribuna Academica*, 1885.
583 *Tribuno*, 1873.
584 *Tevere*, 1887.
585 *Tentamen*, (4) 1887.

E', como a *Fanfulla*, escripta em italiano e, como aquelle, muito attrahente para a colonia italiana, cujos interesses defende com calor.

Occupa se, ás vezes aggressivamente, com cousas do Brasil e deste Estado.

O numero de hontem, que temos ante os olhos, traz grande profussão de noticias européas, algumas locaes, e magnifico serviço telegraphico.»

E' hoje diario da tarde.

(1) Revista medica, publicada e redigida pelos drs. Teixeira Alvares, Oliveira Ferreira e Oliveira Botelho, durou muito pouco tempo.

(2) Folha religiosa, redigida pelo padre José Antonio de Almeida e Silva.

(3) Publicado em dias indeterminados, na typographia de Costa Silveira, e em 1842, na de Silva Sobral, rua nova de S. José, n. 41. Tinha por lemma este verso de Magalhães.

«O céo é de Tupá, a terra é nossa,
Nossos paes a regaram com seu sangue,
A' nós toca morrer para vingal-os.»

O n. 12 traz a representação que a Assembléa Provincial de S. Paulo dirigiu ao imperador contra a celebre lei de repressão de 3 de dezembro de 1841. O dr. Joaquim Piza possue diversos numeros do *Tebiriçá*.

(4) Vide atraz nota sobre a *Semaninha*.

586 *Tiradentes*, (1) (21 abril) 1887.
587 *Telegrapho*, (7 de julho) 1884.
588 *Trabalho*, (agosto) 1884.
589 *Thiago Bonhome*, 1890.
590 *Tempo*, 1889.
591 *Turf Paulistano*, 1892.
592 *Tarde*, (2) 1895.

---

(1) Idem idem nota idem.

(2) Diario paulista, dirigido pelo subdito francez Rafael Gondry e tem por divisa o conhecido verso:

«... Elle varie
Fol est qui s'y fie.»

O seu programma vem na secção do expediente:

«Distrairo les Paulistes d' esprit
leur plaire aujourd' hui
recommencer demain.»

Publica todos os dias artigos politicos, noticiosos, mundanos, litterarios, artisticos financeiros, sportivos, folhetins de sensação, etc.

Collaboração dos melhores escriptores e escriptoras parisienses e brasileiros e de um grupo de distinctas moças brasileiras. Correspondentes no Rio, em Lisboa, Madrid e Paris.

Assignaturas 22$000 por anno e 12$000 por semestre. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario d'*A Tarde*, caixa postal 382 ou 74 rua Conselheiro Chrispiniano. *A Tarde*, de janeiro em diante, sahirá do formato dos jornaes da tarde. Cada redactor é responsavel pelas suas opiniões politicas e litterarias—o nosso jornal é completamente independente; a imitação do *Figaro* e do *Matin* de Paris, todas as opiniões são representadas pelos nossos collaboradores; fazemos reclame ao seu talento e não a uma comunidade de principios.—A REDACÇÃO.»

Os resultados não corresponderam ás promessas e o jornal pouco durou.

593 *União*, (junho) 1883.
594 *União*, 1886.
595 *União Catholica*, (6 julho) 1850.
596 *União dos Circulos*, (1) 1856.
597 *Voz Paulistana*, (2) 1831.

(1) Era propriedade do barão de Tieté e redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim.

(2) Redigido pelo dr. Francisco Bernardino Ribeiro, como o fôra o *Novo Farol Paulistano*, em 1833. Bernardino Ribeiro, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de Bernardina Rosa Ribeiro, nasceu a 12 de julho de 1814, no Rio de Janeiro. Feitos em sua cidade natal todos os preparatorios, matriculou-se em 1830 no curso juridico de S. Paulo, onde se bacherelou e a 7 de maio de 1835 defendeu theses para receber o grau de doutor.

Nesse estabelecimento litterario foi professor da cadeira de francez e lente substituto em 1836, Tomou parte no movimento revolucionario de 1831, e a *Voz Paulistana* foi a sua arena de combate. Em seus artigos politicos nesse jornal e em outros diz o dr. Moreira de Azevedo, grangeou nomeada pela dialectica de argumentação, pela deducção dos factos e força de raciocinio. Todavia não tornaram-n'o violento as lutas dos partidos; sua penna não tisnou com uma injuria a reputação de seus adversarios politicos. «A sua tolerancia era exemplar, diz o conego Januario, e tal a sua moralidade que nunca dos seus labios partiu um nome de que a decencia se offende-se »

Fundou a sociedade litteraria *Philomatica*, e apezar de ter quasi todas as horas gastas em licões escolares, em defeza de pleitos que, como advogado, encarregavam lhe, na direcção de associações e na ardua tarefa da redacção dos periodicos, consumio os instantes do descanso na leitura dos poetas e cultivo da poesia.

No *Mosaico Poetico*, na *Minerva Brasiliense* e na *Revista Philomatica*, vêm insertos muitos trabalhos do illustre poeta.

A 16 de junho de 1837, no Rio, falleceu Francisco Bernardino Ribeiro, victimado por uma tuberculose.

598 *Voz do Povo*, (1) 1841.
599 *Voz do Povo*, (2) 1867.
600 *Violeta*, (3) 1848.
601 *Violeta*, (janeiro) 1880.
602 *Violeta*, 1887.
603 *Voluntario da Patria*, (4) 1889.
604 *Vanguarda*, 1867.

---

(1) Publicação indeterminada e de destribuição gratuita· era impressa na *Typographia Americana* e tinha por lemma: *Vox populi, vox Dei.*

(2) Sahia em dias indeterminados e custava 1$000 a serie de 12 numeros. Era impressa na typographia de Costa Silveira e cada numero trazia esta epigraphe:

> «On doit beaucoup exiger de celui, que se constitue auteur par un sujet de gain et d' interet; mais celui qui ne fait que remplir un devoir, on doit exempter des fautes et excuser des erreurs, qui pourra commettre — La Bruyère.»

O dr. Joaquim Piza, possue o n. 17, de 11 de outubro de 1841.

(3) E' de 11 de agosto o primeiro numero e 12º e ultimo de 23 de outubro. Era um periodico litterario, dedicado ás senhoras; cada exemplar tem o sub titulo *Dames et Fleurs* e era de formato pequeno, a duas columnas. Até o n. 4 foi impreso na typographia do Governo, em palacio, e depois na da Viuva Sobral, sendo o impressor Luiz Augusto Corrêa. Publicou versos de Martim Francisco e de Francisco Octaviano.

(4) Orgam hebdomadario dos militaras inactivos. Gerene Freitas Junior, e redactores os directeres do *Club dos Voluntarios da Patria*. Era de pequeno formato e impresso na typographia do *Aspirante*.

«Como sabeis, diz o capitão José Leite da Costa Sobrinho, foi no anno de 1889 que a propaganda republicana mais se accentuou, principalmente em São Paulo, e o abaixo assignado sendo un dos sectarios da

605 *Vanguarda*, (1) 1879.

doutrina republicana, e que alguma cousa fez ao lado de Julio Ribeiro e outros, entendeu que devia lançar na imprensa este pequeno jornal, com o intuito de preparar os velhos soldados do Paraguay, afim de que elles se tornassem uma força de combate no advento do terceiro reinado (da condessa d'Eu) e se fizessem paladinos da grande causa republicana.

«A 15 de novembro desse anno, porém, a revolução militar do Rio decidiu da sorte da monarchia no Brasil, impedindo assim que a massa popular tivesse a Republica no decorrer do terceiro reinado, que estava prestes a vir.»

O redactor-chefe era o mesmo capitão Leite da Costa Sobrinho e a directoria do Club era assim composta: presidente, capitão José Antonio Lessa; vice-presidente, João Joaquim de Araujo Vianna; 1.º secretario alferes Joaquim Antonio Mattoso Ferraz; 2.º secretario, capitão José Balduino de Albuquerque, e thezoureiro, capitão Leite da Costa Sobrinho.

(1) Periodico academico redigido por Estevam Leão Bourroul. Em seus já citados *Esboços Criticos*, Sá Vianna assim se exprime sobre este jornal:

«*A Vanguarda* apresentou-se no circulo academico defendendo com louvavel interesse as ideias do catholicismo. Sob a direcção do primeiro jornalista academico, *A Vanguarda* não cedeu um passo do terreno em que se collocou, nem afastou-se do programma que prometteu seguir, e só desappareceu quando seu redactor, Estevam Leão Bourroul, quiz escrever, não para a Faculdade de S. Paulo, mas para o mundo catholico, quando conheceu que tinha força bastante para justificar os suppostos erros de suas crenças firmes.

Leão Bourroul é moço ainda *(a)*, vive em um seculo em que o espirito religioso é chamado retrogrado e jesuita o que ousadamente affronta o superficialismo que tudo invade, que vai murchar as crenças que o menino recebeu nos braços maternos. Hoje tudo vive,

(*a*) O dr. Leão Bourroul nasceu a 18 de maio de 1856.

606 *Ventarola*, 1890.
607 *Vida Semanaria*, (1) 1887.
608 *Votante*, (2) 1860.
609 *Vinte e Dois de Maio*, (3) 1872.
610 *Vinte e Oito de Setembro*, 1885.
611 *Vinte e Um de Abril*, (4) 1888.
612 *Vinte e Um de Abril*, 1883.
613 *Verdade e Luz*, (5) 1890.

---

não da liberdade, porém, da licença: não do raciocinio fundado em juizos seguros, mas das liviandades dos loucos pensadores. Leão Bourroul, porém, é impassivel a semelhante abatimento do espirito humano. O papa para elle foi sempre o vigario de Christo, o *Sylabus* uma fortaleza da religião. Crê firmemente no papa, acceita o *Sylabus* e vive tranquillo, porque falla e escreve o que pensa com convicção. Sem duvida Leão Bourroul é incansavel na propaganda catholica. Ora na *Reacção*, ora na *Vanguarda*, ora no *Monitor Catholico*, o illustrado jornalista discute com sisudez, respondendo com argumentos solidos e exemplos frisantes aos grupos da impiedade, aos inimigos da *sotaina fradesca.*»

(1) Gazeta illustrada, de pequeno formato, redigida por Emiliano Pernetta e A. C. Lima e impressa na typographia *King*.

(2) Semanario, impresso na *Typographia Imparcial*, de Joaquim Roberto, á rua do Rosario (hoje Quinze de novembro) n. 49. Appareceu a 24 de julho, em formato *mignon*, a duas columnas.

(3) Redactores, drs. Antonio da Silva Prado e José Maria Corrêa de Sá Benevides, e gerente Joaquim Gaspar dos Santos Pereira.

(4) Orgam do *Club Republicano Mineiro*. Directores, Raul Penido e Josefino Pires.

(5) Orgam do espiritualismo scientifico, publicado quinzenalmente. Director, Antonio Gonçalves da Silva Batuira. Tem por lemma o seguinte aphorismo: *Sem caridade não ha religião. Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.*

614 *Volapuk*, (1) 1889.
615 *Victor-Hugo*, (2) 1885.
616 *Vinte e Nove de Setembro*.
617 *Vedeta*.
618 *Verdadeiro Paulista*, 1842.
619 *Voluntario*, 1865.
620 *Verdade*, (11 maio) 1889.
621 *XX Decembre*, 1892,
622 *Ypiranga*, (3) 1840.
623 *Ypiranga*, (4) 1849.

---

(1) Jornal *mignon* escripto em portuguez e volapuk por Canuto Thorman.

(2) Orgam dos alumnos do Collegio Moretz son.

(3) Publicava-se uma vez por semana, na typographia de Costa Silveira, á rua de S. Gonçalo n. 14, onde se recebiam assignaturas a 1$000 por trimestre, pagando adiantado. Trazia a legenda *Paz e Liberdade* e era impresso a duas columnas.

O dr. Piza possue os ns. 17, 22, 23 e 28 de 17 de julho, 21 e 28 de agosto e 28 de outubro de 1840.

(4) Desta folha foi um dos mais constantes collaboradores o notabilissimo parlamentar paulista, dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, nascido a 1.º de abril de 1816 e fallecido em 1858, na freguezia da Penha de França. Era filho de Joaquim Ribeiro e de Maria Joanna da Luz. «O dr. Rodrigues dos Santos,—diz um seu biographo—escrevia como fallava: a eloquencia era nelle um dom da natureza, e se ostentava sem esforço, sem pretensões, sem trabalho.» De 1849 a 1854 escreveu no *Ypiranga* o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.

Foi neste jornal que o dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, publicou os seus primeiros trabalhos litterarios, em 1855. O *Ypiranga* era então jornal politico e defendia as ideias do partido liberal sob a redacção do dr. João da Silva Carrão e dos academicos Antonio Ferreira Vianna e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, hoje procurador geral do Estado.

624 *Ypiranga*, (1) 1867.
625 *Ypiranga*, (2) 1882.
626 *Zuavo*, 1888.

SERRA NEGRA

1 *Tribuna da Serra*, 1893.

SILVEIRAS

1 *Aurora*, (3) 1874.

O n. 48, de 21 de setembro de 1849, impresso na *Typographia Liberal*, rua das Flores n. 9, por J. V Areias occupa-se quasi unicamente com a descripção do julgamento dos revoltosos de Pernambuco. Desappareceu esta folha em 1855.

(1) Quando Tavares Bastos, presidente da provincia, por desavenças com o *Correio Paulistano*, que era o orgam do governo, resolveu hostilisal-o, creou o *Ypiranga*, sob a gerencia de José Maria de Andrade e redacção dos chefes liberaes do tempo. Depois, guardando a mesma gerencia, a redacção ostensiva passou a ser dos notaveis academicos Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, com a collaboração de José Bonifacio, Gavião Peixoto e Moreira de Barros. Era então brilhantemente redigida e fez tremenda opposição ao barão de Itauna, a quem elle qualificára de *alcaiote do Paço*, transformado em presidente de S. Paulo, em 1868-1869. Desappareceu o *Ypiranga*, em 12 de dezembro de 1871, quando Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, já formados em Direito, filiaram-se ao partido republicano. Do setimo numero em diante traz a declaração de ser orgam do partido liberal de S. Paulo.

(2) Era a quarta folha deste titulo que se publicou na capital. Foi a principio propriedade de Pelino Guedes que o redigia livre de compromissos partidarios; mas tarde tornou-se e de compromisso liberal, continuando Pelino Guedes como proprietario e redactor ostensivo.

(3) Orgam social. Redactor, Vicente Felix, que foi um dos primeiros republicanos de Silveiras.

2 *Aurora*, 1886.
3 *Nortista*, 1883.

SOROCABA

1 *Alfinete*, 1891.
2 *Carrilhão*, (abril) 1895.
3 *Colombo*, (1) 1876.
4 *Comedia*, (novembro) 1895.
5 *Diario de Sorocaba*, (2) 1880.
6 *Gazeta de Sorocaba*, (3) 1878.

---

(1) Jornal litterario, noticioso e commercial. Proprietario, Domingos da Costa e Silva.

(2) Existiu por muitos annos e prestou bons serviços ás idéas republicanas. Seu redactor era o sr. Manoel Januario de Vasconcelos, que o foi igualmente do *Ipanêma*.

(3) Um dos seus redactores foi o sr. Gaspar da Silva, que reside actualmente em Lisboa e tem o titulo de visconde de S. Boaventnra, conferido pelo governo de sua patria. Gaspar fundou e manteve muitos jornaes no Brasil, como a *Gazeta de Sorocaba*, o *Correio Uberabense*, e o *Tiradentes* (republicano), de Uberaba, o *Nono Districto*, da Franca, o *Jornal do Commercio* e o *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e nasceu em Lamêgo a 4 de janeiro de 1855, filho do dr. Boaventura Teixeira Barboza e de d. Maria Luiza da Costa Barbosa. Emigrou para o Brasil, por motivos politicos, em 1876, residindo successivamente no Rio, em S. Paulo, Sorocaba, Rio Grande do Sul, Campinas, Franca e Uberaba. (Vide sua biographia no *Correio da Europa*, n. 3, 1891).

Boaventura Gaspar da Silva Barbosa, escreveu: *Antes de soprar á luz*, contos e versos prefaciados por Ezequiel Freire; *Carta de um emigrado ao sr. Camilo Castello-Branco* (Rio, 1879, 15 pag.); *Reverberos*, poesias, com um prólogo de Assis Brasil (Rio, 1883); *O Balzac de S. Miguel de Seide* (Uberaba, 1879, 16 pags.); *Fagundes Varela*, noticia biobliographica (Uberaba), um drama e um opusculo referente aos ultimos aconteci-

7 *Ipanêma*, 1872.
8 *Paulista*, (1) 1842.
9 *Quinze de Novembro* 1889.
10 *Sorocabano*, (2) 1870.

---

mentos politicos do Brasil. Fez tambem parte da redacção o illustre jornalista Julio Ribeiro, quando residia em Sorocaba.

(1) Orgam do governo interino, de que era chefe o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, e estabelecido em virtude do movimento revolucionario. Era um pequeno jornal, cujo primeiro numero sahiu a lume no dia 27 de maio de 1842 e o quarto e o ultimo a 16 de junho do mesmo anno. «Esta folha, diz Americo Braziliense, em suas *Lições da Historia Patria*, teve por principal redactor o senador Feijó, que ao saber, aqui em Campinas, da acclamação do coronel Rafael Tobias para presidente interino, seguiu para Sorocaba. Já antes delle alli tinha chegado o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.» O *Paulista*, além das proclamações e actos do governo acclamado em Sorocaba, trazia artigos politicos de Feijó, escriptos com a sua costumada energia.

(2) Durante dous annos (1870-72) foi publicado o *Sorocabano*, sob a redacção do pranteado philologo Julio Ribeiro. «Em 1870 (escreve Vicente Carvalho no *Diario da Manhã*, de Santos) residia este (Julio) em Sorocaba, onde exercia o magisterio. Dotado de vivo talento, senhor já de certa erudição angariada na assidua convivencia dos livros, procurou no jornalismo um derivativo para as idéas que lhe burbulhavam no cerebro juvenil. Appareceu o *Sorocabano*, folha republicana diaria, em que Julio Ribeiro revelou o talento e o estudo que deviam fazer delle um dos nomes eminentes da litteratura nacional. Tivemos occasião de folhear a collecção do *Sorocabano* e de apreciar no seu desabrochar o vigoroso polemista, o impeccavel mestre da lingua, o brilhante estylista.»

Fallando desta folha, o *Diario Popular* chama-lhe —«jornal que guarda as premissas vigororas da intel-

ligencia de Julio, e os fructos dos seus primeiros labores.» O *Diario de Santos*, noticiando a morte do notavel escriptor, diz haver elle redigido o *Diario de Sorocaba*, onde publicou o *Padre Belchior de Pontes*, seu primeiro romance, quando é certo tel-o sido no *Sorocabano*. Esta folha, conforme declaração de Julio Ribeiro (*Cartas Sertanejas*, 1885, pags. 76), desde o dia 25 de janeiro de 1872, não admittiu annuncios sobre escravos fugidos. Filho legitimo de Jorge Washington Vaughan e de d. Maria Francisca Ribeiro, Julio Ribeiro nasceu em Sabará, Estado de Minas Geraes, a 16 de abril de 1845 e falleceu em Santos a 1.º de novembro de 1890. Residiu sempre neste Estado, onde publicou diversas obras, como os romances *Padre Belchior de Pontes* e *A Carne*, os folhetos *Cartas Sertanejas* e *Questão grammatical*, as suas apreciadas *Gammaticas* e os *Traços geraes de linguistica*. Escreveu no *Diario Mercantil*, *Correio de Santos*, *A Procelaria*, *O Rebate*, *Gazeta do Povo*, etc.

A proposito da imprensa em Sorocaba escreve a *Voz do Povo*, de dezembro corrente, este trecho:

«O radicalismo dava de si.

Fundavam-se escolas, bibliothecas, imprensas e clubs litterarios e politicos nas cidades paulistas.

Sorocaba foi uma das primeiras na iniciativa.

Julio Ribeiro fervilhava a politica local com o *Sorocabano*, onde escreveu, entre outros artigos vehementes, o celebre artigo *O Rei chegou*.

Ubaldino do Amaral chefiava o nascente partido republicano: tonificava na palestra, na tribuna e na imprensa, a sociedade sorocabana, com a doçura da sua palavra correcta e eloquente.

Das adhesões ao manifesto de 3 de dezembro passava-se á Convenção de Ytú, e desta á definitiva organisação partidaria com o Çongrssso Republicano Paulista, composto de um representante de cada municipio.

O dr. Ferreira Braga não se enfileirou com os retardatarios: o culto á democracia o collocou na linha

11 *Sorocaba*, (1) 1872.
12 *Tribuna*, 1887.
13 *Voz do Povo*, 1873.
14 *Voz do Povo*, (6 dezembro) 1892.
15 *Republicano*, 1895.

TATUHY

1 *Amigo do Povo*, 1893.
2 *Gazeta de Tatuhy*, 1889.
3 *Martello*, (1.º janeiro) 1894.
4 *Progresso de Tatuhy*, (1) 1879.
5 *Tatuhyense*.
6 *Ordem*, (outubro) 1895.

TAUBATE'

1 *Aurora*, 1863.
2 *Artista*.
3 *Cidade de Taubaté*, (janeiro) 1895.
4 *Correio de Taubaté*, (3) 1872.
5 *Collegial*, 1891.

---

avançada dos que trabalhavam pela fundação do novo partido.

Leiam-se em prova os artigos que abrilhantam *O Ypanema* do tempo da sua redacção. Consulte-se a tradicção, que se não esquece das conferencias, que elle fez no sobrado da rua do Commercio, esquina do becco do Bom Jesus.»

(1) Editor e proprietario, José Antonio Pereira Salles.

(2) Folha republicana em politica, mas especialmente consagrada aos interesses dos municipios sulistas. Appareceu a 29 de agosto e durou alguns annos, sendo seu fundador e redactor o cidadão Antonio Moreira da Silva, depois deputado federal em todas as legislaturas, desde 1890 até hoje.

(3) Jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e industria, editado por Francisco Moreira Damasco.

6 *Dezesete de Agosto*, 1883.
7 *Diario Paulista*, 1887.
8 *Futuro*, (5 dezembro) 1881.
9 *Guarany*, (1) 1883.
10 *Gazeta de Taubaté*, 1877.
11 *Imparcial*, (1.º novembro) 1893.
12 *Imprensa de Taubaté*, 1876.
13 *Iris*, (2) 1864.
14 *Juventude*, 1884.
15 *Jornal de Taubaté*, 1883.
16 *Jornal do Povo*, (8 julho) 1888.
17 *Gralha*, 1880.
18 *Lanterna Magica*, (3) 1867.
19 *Liberal Taubateense*, 1887.
20 *Monitor de Taubaté*, (1.º fevereiro) 1877.
21 *Noticiarista*, 1888.
22 *Paulista*, (4) 1863.
23 *Paulista*, 1884.
24 *Popular*, (janeiro) 1895.
25 *Papagaio*, 1887.
26 *Periquito*, 1887.
27 *Recreio*, 1853.
28 *Taubateense*, 1861.

---

(1) Orgam do partido conservador do 2.º districto, redigido pelo dr. Eusebio Innocencio Vaz Lobo da Camara Leal. Appareceu a 14 de outubro.

(2) Jornal politico liberal, redigido por Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, que escreveu igualmente no *Archivo Litterario*, de S. Paulo, no *Progresso*, de Pindamonhangaba, e na *Estrella Paulista*, de Guaratinguetá.

(3) Jornal illustrado.

(4) Fundado e redigido por Alfredo de Almeida, que mais tarde redigiu diversos jornaes em S. Paulo e Campinas.

29 *Tribuua*, 1892.
30 *Vespa*, 1888.
31 *Violeta*, 1893.
32 *Zorra*, 1880.
33 *Aurora*, 1863.
34 *Écho Popular*, 1867.
35 *Maurity*, 1876.
36 *Paulista*, 1878.
37 *Voz do Povo*, 1886.
38 *Democrata*, 1886.
39 *Microscópio*, 1887.
40 *Internacional*, 1887.
41 *Progressista*, 1889.
42 *Colibri*, 1890.
43 *Patria Paulista*, (8 outubro) 1890.
44 *Norte de S. Paulo*, 1891.
45 *Infancia*, 1892.
46 *Lirio*, 1893.
47 *Colonia Italiana*, (15 maio) 1892.
48 *Juventude*, 1892.
49 *Expositor Christão*, 1893.
50 *Diario de Taubaté*, 1895.
51 *Semana Official*, 1895.

TIETE'

1 *Écho Municipal*, 1875.
2 *Gazeta Municipal*, (1) 1881.
3 *Imprensa*, (2) (4 setembro) 1885.
4 *Progresso*, (3) (janeiro) 1895.

---

(1) Fundada e redigida por João Marques, professor. Durou poucos mezes.

(2) Fundada e redigida por Brazilio Marques.

(3) Ainda fundado e redigido pelo mesmo João Marques.

5 *Tieté*, (1) 1873.
6 *Tietêense*, (2) 1877.

---

(1) Fundado e redigido pelo dr. João Baptista de Castro Andrade, que alguns annos depois, quando deputado provincial, morreu victima de um temeroso desastre da linha ferrea sorocabana. Era collaborado pelos drs. Joaquim Mariano de Almeida Moraes, Luiz Carlos de Assumpção, Campos Toledo e Domingos de Almeida Campos, padre José Joaquim de Almeida e professor Pedro Machado. Este ultimo, homem de talento, mais tarde entrou no Seminario Episcopal, tomou ordens sacras e tornou-se um excellente orador sagrado. Como vigario de Guapuava, envolveu se na rebellião federalista e morreu em combate contra as forças legaes no Paraná, em abril de 1893. Mais tarde appareceu na cidade um outro jornal com o titulo *Tieté*, fundado e redigido por Augusto Marques. Durou perto de dous annos.

(2) Fundado e redigido por Brazilio Marques.

IMPRENSA PAULISTA

1896

ADDENDUM

IMPRENSA PAULISTA

Durante o anno de 1896 iniciaram sua publicação, no Estado de S. Paulo, 96 jornaes e revistas, conforme a relação a seguir.

E' possivel que tenha havido omissão, na resenha que faço, visto como este trabalho foi organisado *au jour le jour*, guiando-me quasi tão sómente pelas noticias publicadas nos jornaes.

Qualquer rectificação será por mim acolhida satisfactoriamente, e ouso esperar que meus patricios e collegas da imprensa me auxiliem nesta obra historica, afim de que fique completa a monographia sobre a *Imprensa Paulista*, já por mim publicada no *Diario Popular*.

Eis a relação das gazetas publicadas em 1896:

1 — Americo Brasiliense

1 *Noticia*, (1).

2 — Amparo

1 *Amparense*, (2).
2 *Revista*, (agosto).

3 — Anhumas

1 *Gazeta de Anhumas*, (abril).

---

(1) Redactor, dr. João de Araujo. Appareceu a 1.º de março. Transferiu-se para a cidade de Araraquara.

(2) Director, José Ferreira Louzada.

4 — Araraquara

1 *Binoculo*, (agosto).

5 — Batataes

1 *Idéa*, (1).

6 — Bragança

1 *Grinalda*, (agosto).
2 *Gazeta Republicana*, (2).

7 — Bananal

1 *O Bugre*, (maio).

8 — Campinas

1 *Cidade de Campinas*, (3).
2 *Guarany*, (setembro).

9 — Casa-Branca

1 *Mosca*, (4).

10 — Cravinhos

1 *Cravinhos*, (5).

11 — Itú

1 *Escova*, (fevereiro).
2 *Mensageiro*.
3 *Porvir*, (6)

(1) Escripta em lingua italiana. Redactor, Michele Conti. Appareceu em Setembro.

(2) E' de 15 de novembro o primeiro numero. Redactores. drs. José Hermenegildo Pereira Guimarães e Joviano Telles.

(3) Propriedade de Barroso & C. Redactor-chefe, Alberto Faria. Director-gerente, João Barroso. Appareceu a 27 de dezembro.

(4) Folha litteraria e noticiosa. Propriedade de uma associação. Editor, Valencio Bulcão. Principiou a publicar-se a 3 de maio.

(5) Orgam dos interesses locaes. Editores responsaveis, Guimarães & Goulart. Appareceu em novembro.

(6) Orgam do grupo escolar *Queiroz Telles*, cuja publicação foi encetada em dezembro.

12 — Jacarehy

1 *Labaro*, (1).
2 *Correio Popular*, (dezembro).

13 — Jundiahy

1 *Mocidade*, (maio).
2 *Municipio de Jundiahy*, (2).

14 — Jahú

1 *Jahú*, (novembro).

15 — Lorena

1 *Luva*.

16 — Mocóca

1 *Mocóca*, (3).

17 — Pedreira

1 *Saltitante*, (agosto).

18 — Pirassununga

1 *Radical*, (agosto).

19 — Piracicaba

1 *Commercio*, (janeiro).

20 — Pindamonhangaba

1 *Doze de Outubro*, (4).

---

(1) Semanario dedicado aos interesses do municipio e do ensino em geral, que veiu substituir o *Correio de Jacarehy*. E' seu redactor-chefe o director do grupo escolar, A. R. Alves Pereira. Appareceu em abril.

(2) Iniciou a publicação a 22 de outubro, sob a redacção de Sebastião Pontes.

(3) Redactor, dr. João Gomes Barreto. Appareceu a 11 de abril.

(4) Orgam do grupo escolar *Alfredo Pujol*, começou a publicar-se no dia 12 de outubro.

21 — Rio-Claro

1 *Municipio*, (1).
2 *Ruffo*, (março).
3 *Bomba*, (dezembro).

22 — Ribeirão-Preto

1 *Camafeu*, (agosto).
2 *Gazetta de la Domenica*, (2).
3 *Operario*, (3).

---

(1) Seu apparecimento, em maio, foi assim noticiado pelo *Reporter*, da capital:

«Temos em mãos o n. 1 d'*O Municipio*, folha republicana que vê a luz em Rio-Claro sob a direcção do sr. Arthur Aguiar. *O Municipio*, dedicado defensor dos interesses municipaes, é de regular formato com quatro folhas.

Traz artigos de A. A. bem elaborados, noticiario desenvolvido.

Ao novo collega, que enceta com boa vontade a sua carreira nesta dolorosa *via crucis* da imprensa, as nossas saudações.»

(2) *Giornale* italiano settimanalle. Direttore-proprietario, José Fadin. Redattore-responsabile, Carlos Aloisi. Appareceu em dezembro e foi recebida pelo *S. Paulo e Minas*, pela seguinte maneira:

«Recebemos:

O 1.º numero da *Gazetta della domenica*, folha italiana que começa a publicar-se nesta cidade, sob a direcção do sr. José Fadin e redacção do sr. Carlos Aloisi. Agradou-nos bastante a *Gazetta*. A continuar assim, com igual orientação, auguramos ao novo periodico uma existencia prospera e longa.

... no entreremo in questioni che possano turbare la buona harmonia e la concordia.

Assim seja.»

(3) Surgiu a 21 de abril. Delle disse o *S. Paulo e Minas*:

«*O Operario*—Impresso em typographia propria sur-

4 *Petala*, (1).
5 *Periquito*, (maio).
6 *Unione*, (julho).
7 *Violão*, (2).
8 *Voz do Povo*.

23 — S. Vicente

1 *Piratininga*, (1.º dezembro),

24 — S. Carlos do Pinhal

1 *Opinião*, (3).
2 *Popular*, (4),

---

giu ante-hontem, nesta cidade, mais um campeão da liberdade, um esforçado batalhador em prol de uma classe numerosa e digna.

Tem o titulo da presente noticia; seu formato mede 40 por 27, e ostenta bastante materia variada.

Traz um artigo-programma bem desenvolvido e criterioso, manifestando os melhores desejos e animo de pugnar pela causa que se propôz defender.

E' seu editor responsavel nosso amigo sr. Francisco Firmino de Carvalho, e a gerencia está a cargo do operoso moço A. Guimarães.

Saudando seu apparecimento em dia de festa nacional, qual o da commemoração do inolvidavel martyr da inconfidencia, fazemos os mais sinceros votos pela sua prosperidade e longa duração.»

Foi substituido, logo depois, pela *Voz do Povo*.

(1) Folha humoristica e litteraria. Gerente, Ernesto da Silva. Propriedade de Rosa & Cunha. Appareceu a 5 de abril.

(2) Folha humoristica, litteraria e noticiosa. Editores-proprietarios, Godofredo Velloso e Arthur Rodrigues. Redactor, Eduardo Oliveira. O n. 1 é de 5 de abril.

(3) Semanario monarchista, redigido pelo dr. A. de Castilho e Americo Penna, apparecido em outubro.

(4) Pequeno jornal, impresso na typographia da *Ordem e Progresso*. Foi suspenso pela policia por não satisfazer ás exigencias da lei.

25 — S. Simão

1 *Leque*, (novembro) (1).

2 *S. Simão*, (2).

26 — Santa Rita de Passaquatro

1 *Santa Ritense*, (3).

27 — Santa Cruz das Palmeiras

1 *Progresso*, (março).

28 — S. Paulo

1 *Autoridade*, (4).

---

(1) Orgam humoristico, litterario, critico e noticioso. Propriedade de J. F. de Andrade.

(2) Propriedade de uma associação. Redactores, drs. Antonio Sebastião Rebouças, Arthur Travassos Prestes e Luiz Reis. Appareceu a 17 de abril, conforme a seguinte noticia do *S. Paulo e Minas*, de Ribeirão Preto.

«A 19 do corrente appareceu o 1.º numero d'*O S. Simão*, na visinha cidade onde tira o seu nome.

E' propriedade de uma associação e tem como redactores os illustres drs. A. Sebastião Rebouças, Arthur Prestes e Luiz Reis, solidas garantias da estabilidade e longo tirocinio da nova folha que está animada dos melhores desejos de bem servir á patria republicana em geral e em particular ao municipio que representa.

Sabemos que é director da folha nosso amigo tenente Eliziario de Vasconcellos que por modestia occulta seu nome, mas que é um poderoso auxiliar na arrojada carreira da imprensa de S. Simão.

Saudando o apparecimento da nova folha, que vem salientar a importancia e pujança desta importante zona do Estado, auguramos-lhe duradoura existencia.»

(3) Semanario popular. Redactor, dr. José da Costa Rangel Junior. O primeiro numero é de abril. Editores e gerentes, Salomão & Eurico.

(4) Orgam do *Centro dos estudantes monarchistas de S. Paulo*. Redactor-chefe, Angelo Mendes. Redactor-secretario, Alvaro de Souza Queiroz. Appareceu a 19 de janeiro.

2 *Bohemia*, (1).
3 *Bycicleta*, (junho).
4 *Bella Aurora*, (2).
5 *Birichina*, (20 setembro).
6 *Clarim.*
7 *Correio Nacional*, (3).
8 *Contemporaneo*, (outubro).
9 *Estudante*, (4).
10 *Evolução*, (5).
11 *Gato*, (abril).
12 *Humanitaria*, (dezembro).
13 *Intransigente.*
14 *Joven Commercial*, (abril).
15 *Musica para todos*, (março).
16 *Messaggero.*
17 *Noviciario*, (novembro).
18 *Pauliceia*, (6).

---

(1) Quinzenario illustrado e litterario. Propriedade de uma associacão anonyma. Director, José Piza. Direcção artistica de Victor Steidel, e litteraria de Luiz Carneiro. Thesoureiro, J. Veriano Pereira. Appareceu a 25 de abril.

(2) Redactor, Antonio Góes Nobre. Appareceu em agosto.

(3) O *Correio Nacional*, apparecido em junho, substituiu *O Nativista.*

(4) Orgam dos alumnos de quarto anno da escola modelo *Caetano de Campos.* Publicação mensal sob a direcção do professor do quarto anno João Borges. O n. 1 é de 1.º de outubro.

(5) Orgam do *Club Bernardo Guimarães*, appareceu a 15 de agosto. Redactor-chefe, Arthur Fonseca. Redactores, Lycurgo Leite, Cazimiro Rios, Arthur Leme, G. Valladão e Edmur Queiroz.

(6) Semanario illustrado. Propriedade e direcção de Nogueira de Carvalho. Illustrações de Casanova Filho e Peregrino de Castro. Gerente, J. B. Hasse de Castro.

19 *Prompto*, (fevereiro).
20 *Primeiro de Abril*.
21 *Povo*, (1).
22 *Programma*, (2).
23 *Rebate*, (3).
24 *Revista Azul*, (4).
25 *Revista Marcial*, (5).
26 *Revista do Gremio dos Guarda livros*, (janeiro).
27 *Revista do Museu Paulista*, (6).
28 *Revista da Sociedade de Anthropologia*, (7)

---

(1) Folha republicana, cuja publicação foi iniciada a 14 de abril. Redactor, Antonio dos Santos Oliveira.

(2) Jornal theatral, commercial e industrial. Propriedade de Charles Dethiein.

(3) Fundado por Julio Ribeiro. Propriedade de João da Cruz Soares. E' uma continuação da famosa gazeta republicana que, em 1889, aquelle illustre philologo publicou em S Paulo.

(4) Folha litteraria, redigida por Antonio de Oliveira, Francisco de Castro Junior e outros.

(5) Dedicada aos interesses da força publica do Estado. Direcção do major Claudio Martins Barbosa. Foi suspensa a publicação, iniciada a 15 de agosto, por ordem do governo.

(6) Publicada por H. von Ihering, dr. med. et phil. director do *Museu Paulista*, socio honorario da *Sociedade Anthropologica Italiana*, da *Academia de Sciencias*, de Cordoba; da *Sociedade Geographica*, de Bremen; da *Sociedade Anthropologica*, de Berlim; da *Academia de Sciencias*, de Philadelphia; da *Sociedade dos Naturalistas*, de Moscow; da *Sociedade Entomologica*, de Berlim; do *Museu Ethnólogico*, de Leipzig; e da *Sociedade Scientifica*, do Chile. O vol. I, tem a data de 1895, mas foi distribuido este anno. Contem 25 pag. de texto, e 3 de gravuras. Traz artigos do barão de Ramalho, dr. Hermann von Ihering, P. Taubert, A. Lutz

(7) *Revista da Sociedade de Anthropologia Criminal, Sciencias Penaes e Medicina Legal.*—Commissão

29 *Revista do Jardim da Infancia*, (1).

directora: drs. Brazilio Machado, lente de Direito; Bettencourt Rodrigues, medico, e Severino de F. Prestes, lente de Direito. Redacção: drs. Candido Motta, Reynaldo Porchat, Oliveira Fausto, Miranda Azevedo e Pedro de Toledo. O primeiro numero, fasciculo in-4.º de 106 pags., appareceu em março, com o seguinte programma: «A *Sociedade de Anthropologia Criminal, Sciencias Penaes e Medicina Legal*, fundada em São Paulo, inicia com este numero a publicação de sua revista trimensal. O programma da *Revista*, que ora toma posto na minguada imprensa scientifica do Brasil, está de antemão delineado deste a organisação da *Sociedade*, a cujos intuitos vem fielmente corresponder. Abrange, pois, o estudo na anthropologia criminal, das sciencias penaes e da medicina legal,—vastas e complicadas questões que em muito agitam o pensamento juridico da Europa, e que em nosso paiz tem logrado mais de uma repercusão. O problema do homem delinquente é o eixo de suas preoccupações.

(1) O apparecimento da *Revista do Jardim da Infancia*, cujo primeiro numero recebemos, é o maior acontecimento pedagogico deste fim de anno.

Esta publicação vem demonstrar plenamente que para vencer as enormes difficuldades que apresentava a acclimação desta util instituição de ensino, não foi preciso recorrer, como julgava-se indispensavel, a especialistas extrangeiros; bastou para isto o trabalho incessante do professor Gabriel Prestes, director da Escola Normal, e a dedicação de suas illustres auxiliares dd. Maria E. Varella, Zalina Rolim, Isabel Prado, Joanna Grassi e Anna do Barros. Consta a *Revista* de um volume de 292 paginas e de um supplemento de trinta e tantas. No primeiro encontram-se os programmas, horarios e relatorio do Jardim da Infancia annexo á Escola Normal; lições de linguagem, poesias, pequenos contos, gravuras indicativas do uso do dom de Frobel; lições de desenho, de fórma, de côres; brinquedos, jogos, cantos, etc.

30 *Republica*, (1).
31 *Raio*, (agosto).
32 *Socialista*, (2).
33 *Sociedade*, (3).
34 *Sol*.
35 *Sancho Pança*.
36 *Tribuno Italiano*, (junho).

No supplemento vem uma collecção de musicas destinadas aos jogos e occupações.

A impressão, que por conta de governo foi feita na casa Espindola, Siqueira & C., honra as suas acreditadas officinas, (*A Escola Publica*, 1896, anno I, n. IV, pag. 417.)

O dr. João Kopke, em artigo no *Jornal do Commercio*, de 13 de dezembro, faz uma critica á organisação do ensino em S. Paulo, e ahi nota o máu plano da *Revista do Jardim da Infancia*.

(1) Orgam hebdomadario da Academia de Direito. Redactor-chefe, José F. da Silva. Redactor-gerente, L. Albuquerque Maranhão. Redactor-thesoureiro, F. Cardoso Ribeiro. Redactores, J. M. Withaker e João Sampaio. Appareceu em março.

(2) Orgam do partido democrata-socialista. Redactor-responsavel, A. Breves. Secretario da redacção, Estevam Estrella. Tem por lemma as seguintes phrases: *Proletarios dê todo o mundo, uni-vos.—Um por todos e todos por um.* Appareceu a 12 de janeiro.

(3) Appareceu em maio, e delle escreveu o *Diario Popular:*

«*A Sociedade.*—E' este o titulo de um jornalzinho manuscripto, muito interessante, feito por dois meninos e do qual temos sobre a mesa o 8.º numero.

A Sociedade traz, além do artigo de fundo, varios outros artigos e poesias.

A sua primeira pagina vem ornada com os retratos dos drs. Campos Salles e Peixoto Gomide, feitos a lapis pelo menino M. Reis, com muita habilidade.

Damos parabens aos dois jovens, pois *A Sociedade* mostra não só suas tendencias jornalisticas como tam-

37 *Vida de hoje.*
38 *Vexilo*, (novembro).

29 — Santos

1 *Arte*, (1).
2 *Brasil.*
3 *Correio Paulista.*
4 *Gazeta da Tarde*, (maio).
5 *Matraca*, (janeiro).
6 *Sequilla*, (abril).
7 *Tempestade.*

30 — Sorocaba

1 *Colleccionador de Sellos*, (2).

31 — Taubaté

1 *Zagala.*

32 — Ubatuba

1 *Écho Ubatubense*, (outubro).

33 — Franca

1 *Perdão, Amor e Caridade*, (3).

---

bem a boa inclinação desses pequenos que se occupam nas horas de lazer em diversão tão util, em vez de se entregarem a coisas prejudiciaes que os preparem para a pratica do vicio.

Saudamos tambem o novo collega, desejando que por muito tempo tenhamos sua visita.»

(1) Orgam do grupo dramatico *Arthur Azevedo.*

(2) A proposito desta revista, que surgiu á publicidade em maio, disse o *Commercio de S. Paulo*:

«*O Colleccionador de Sellos.*—Sob a proficiente direcção do sr. Remigio de Bellido, e como orgam dos clubs *Philatelico Sorocabano* e dos *Colleccionadores de sellos de Berlim (secção Brasil)*, acaba de encetar sua publicação em Sorocaba, aquella revista mensal.

Muito bem impressa, compõe-se de oito paginas de leitura variada e interessante.»

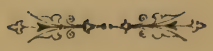
(3) Orgam do grupo spirita *Esperança e Fé*, da Franca. E' de 1.º de setembro o primeiro numero.

34 — S. João da Boa Vista

1 *Intransigente*, (7).

36 — S. Manoel do Paraiso

1 *O Municipio*, (novembro).



(7) Appareceu a 26 de dezembro. Editor e proprietario, Jesuino Ferraz. Redactores diversos. Publica-se ás quartas feiras e aos sabbados e tem por lemma: *Verdade e Justiça.*

Escreve-nos o illustrado cidadão Lafayette de Toledo:

«Ilmo. sr. redactor d'*A Republica*.— Como terá v. s. visto no *Diario Popu'ar*, de S. Paulo, emprehendi escrever a historia da imprensa paulista, relacionando todos os jornaes publicados no Estado. Quanto a essa cidade, consegui, graças á gentileza dos srs. dr. Almeida Nogueira e José Antonio Mangini, organizar a seguinte lista, que não sei se está completa:

Arauto, 1869.
Bananal, 1879.
Commercio do Bananal, 1879.
Écho Bananalense, 1870.
Écho Bananalense. 1881.
Epoca, 1862.
Epocha, 1892.
Evolução, 1885.
Embrião, 1879.
Gazetinha, 1892.
Iris Bananalense, 1867.
Jornal do Povo, 1869.
Monitor Paulista, 1878.
Nova Phase, 1884.
O Neophyto, 1893.
Patria, 1893.
Reverbéro, 1882.
A Pepublica, 1895.
Sensitiva, 1879.

São estes, parece, os periodicos que se tém publicado no Bananal.

Si, porém, ha erros ou omissão peço a v. s. denuncial-os pelo seu apreciado jornal, pelo que ser-lhe ei grato muitissimo. Seu confrade, admirador e amigo, *Lafayette de Toledo*.—Casa Branca, 29 maio de 1895.»

Temos apenas a dizer que o *Commercio do Bananal*, magnifica folha redigida pelo nosso amigo João Domingues Guedes, foi publicado em 1887, consultando alguns cavalheiros desta cidade, não se recordam da *Epoca* de 1862, informando-nos que o primeiro periodico daqui foi o *Iris*, em 1868.

(Republica).

Resumindo, vê-se que, de 1827 a 1896, publicam-se no Estado de S. Paulo 1.536 jornaes, revistas periodicos, etc., distribuidos da Seguinte forma:

1	São Paulo.	664
2	Santos..	130
3	Campinas..	66
4	Taubaté.	52
5	Guaratinguetá.	49
6	Mogy-mirim..	24
7	Pindamonhangaba..	37
8	Bragança.	26
9	Casa Branca..	23
10	Rio Claro.	25
11	Amparo.	23
12	Franca..	20
13	Bananal.	19
14	S. Carlos do Pinhal.	21
15	Sorocaba.	16
16	Areias.	15
17	Iguape..	15
18	Ribeirão-Preto.	21
19	Piracicaba.	15
20	Limeira.	14
21	Pirassununga.	13
22	Lorêna..	13
		1.275

	Transporte.	1.275
23	Descalvado.	11
24	Caçapava.	10
25	Itapetininga.	10
26	Apparecida.	6
27	S. José dos Campos.	9
28	Jacarehy.	10
29	Itatiba.	8
30	Batataes.	8
31	Jahú.	8
32	Avaré.	6
33	Capivary.	6
34	Itú.	9
35	Tieté.	6
36	Tatuhy.	6
37	S. Luiz de Parahytinga.	5
38	S. Bento de Sapucahy.	5
39	S. José do Rio Pardo.	5
40	Mogy das Cruzes.	5
41	Araras.	4
42	Botucatú.	4
43	Bocaina.	4
44	Cunha.	4
45	Espirito-Santo do Pinhal.	4
46	Queluz.	4
47	S. Simão.	4
48	Araraquara.	4
49	Cananéa.	3
50	Faxina.	4
51	Jaboticabal.	3
52	Jundiahy.	5
53	Mocóca.	4
54	Silveiras.	3
		1.488

	Transporte. . . .	1.488
55	Santa Cruz das Palmeiras. . . . ,	4
56	Brotas.	2
57	Conceição de Itanhaên.	2
58	Dois Corregos.	2
59	Lençóes.	2
60	S. Vicente.	3
61	S. Sebastião.	2
62	S. José do Barreiro.	2
63	S. João de Boa Vista.	3
64	Santa Isabel..	2
65	Santa Rita de Passa-Quatro. . . .	3
66	Atibaia.	1
67	Cajurú..	1
68	Jahú.	2
69	Cordeiro.	1
70	Itapira..	1
71	Pedreira.	1
72	Redemção.	1
73	S. Manoel do Paraizo.	2
74	Santo Amaro.	1
75	Santa Barbara.	1
76	Salto de Itú.	1
77	Santa Rita do Paraizo.	1
78	Serra Negra..	1
79	S. João do Curralinho.	1
80	Santo Antonio de Cachoeira. . . .	1
81	Santa Cruz do Rio Pardo.	1
82	Leme.	1
83	Americo Braziliense.	1
84	Anhumas.	1
85	Cravinhos..	1
86	Utatiba.	1
	Total. . . .	1.536

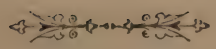
Contribuiram para a organisação deste trabalho, com valiosos subsidios, os srs.:

A. Carlos.
Alfredo Toledo (dr.)
Alberto Souza.
Antonio de Toledo Piza (dr.)
Arthur Goulart.
Arthur Barbosa.
Amaury Fonseca.
Antonio Augusto Bastos.
Appio Marcio.
Accacio Garibaldi de Paula Ferreira.
Augusto Cesar de Miranda Azevedo (dr.)
Barão Homem de Mello.
Claudio Mendez Barbosa (major).
Dionysio Caio da Fonseca.
Eugéne Hollender.
Estevam Leão Bourroul (dr.)
Francisco Gaspar.
F. Toledo Barbosa.
Frederico Delduque.
Hermann von Ihering (dr.)
Joaquim de Toledo Piza e Almeida (dr.)
José Augusto Quirino dos Santos (dr.)
Jorge de Medeiros.
João Pedro da Veiga Filho (dr.)
J. A. Corrêa.
José Maria Lisboa.
João de Oliveira (dr.)
João Evangelista Braga (conego).
José Honorio de Silas.
J. Quadros Sobrinho.
Julio Sampaio.

José Piza (dr.)
José Antonio Mangini.
José Ferreira Louzada.
Leopoldo de Freitas (dr.)
Octaviano Carneiro Braga.
Olegario Herculano de Aquino e Castro (dr.)
Ricardo Azamor.
Serapião Domingues de Castro.
Segismundo de Caboré.
Tertuliano de Toledo.
Teixeira de Mello (dr.)
Tancredo do Amaral.
E as redacções dos jornaes.
Diario Popular, de S. Paulo.
Correio Paulistano, de S. Paulo.
Giz, de S. Paulo.
Republica, do Bananal.
Gazeta do Amparo.

Casa Branca, dezembro, 1896.

Lafayette de Toledo.



DISCURSO

do Anniversario da fundação do Instituto Historico de São Paulo, lido pelo dr. Eduardo Prado, em sessão magna do mesmo Instituto de 10 de novembro de 1898.

Exmo. Sr. Presidente do Instituto.
Minhas senhoras, meus senhores:

Ha cinco annos, alguns homens, zelosos da Patria, fundavam este Instituto, reunidos com modestia e quasi que no silencio Bom e duplo agoiro de crescimento, de duração e de fructos futuros para esta Sociedade, porque quasi sempre temos visto aos grandes fins corresponder a exiguidade dos começos. As maiores arvores têm, muitas vezes, minusculas sementes.

Não se recolheram os fundadores desta associação á paz de um valle risonho e florido, nem descansaram junto das aguas vivas e dos regatos murmurantes, sobre a frescura da relva de velludo, á sombra das faias e das carvalheiras propicias, como aquelles personagens do Décameron, egoisticamente refugiados no meio de encantos, ao tempo em que a peste assollava Florença, para, a salvo do perigo, discorrer de amor e de aventuras.

Como vêdes, minhas senhoras e meus senhores, é menos poetico e é mais austero o modesto logar das nossas reuniões, hoje enflorado e honrado com as vossas presenças. E nós, longe de nos encerrarmos fóra do contagio do mundo, sem receio da peste, convidamos Florença a vir até a esta casa, para celebrar comnosco o nosso anniversario e para ouvir fallar da Patria. Do Instituto Historico recebi eu a missão honrosa de fallar hoje perante vós e, devo fallar da Patria.

Não vos tomeis, senhores, de um ou de outro campo, segundo as vossas opiniões, de infundado receio ou de curioso ou maligno interesse. Póde se fallar das cousas da Patria sem censuras, nem recriminações, nem lisonjas e isto é sobretudo possivel entre cultores da

nossa Historia que se dedicam ao estudo do passado, porque estudo, como os latinos entendiam e nós queremos entender esta palavra, quer dizer zelo, quer dizer affeição, quer, emfim, dizer amor.

O amor do passado é um sentimento attribuido pela opinião vulgar sómente á senilidade queixosa e enfadonha. Eis ahi uma opinião que envolve um erro e como todo erro, tambem uma injustiça, e isto quer se trate dos individuos quer se trate das nações. Desprezar o passado (e a mais forte expressão do desprezo por alguma cousa é não a querer conhecer) — dènota no individuo degradação intellectual. E num povo, esse sentir demonstra que esse povo está ainda em estado de infantil selvageria porque, diz Cicero, ignorar o succedido antes de nós é a nossa condemnação a sermos creanças perpetuamente. E do que vale, pergunta ainda o mesmo Cicero, a vida do homem se a lembrança dos factos anteriores não ligar o presente ao passado? (1)

Os povos representantes de grandes civilisações são povos veneradores dos antepassados e respeitadores dos seus usos. Quer na grandeza do mundo de Roma, quer na propria immobilidade da China, que é a expressão historica de uma philosophia feita politica, e, nos tempos modernos, na dominadora expansão da Inglaterra encontramos, como virtude caracteristica dos creadores daquelle e destes grandes Imperios — o amor do passado.

Os povos infelizes, porém, que se deixam dominar por um sentir vil e guiar por um enxergar estreito, são os unicos que consentem nessa odiosa mutilação da sua existencia, quando renegam o passado de que proveem.

Estamos, aqui, numa sociedade de estudos, entre homens que se prezam de ser, como hoje se diz, intellectuaes. Para esses, então, que encantos não offerece esse amor do passado? O espirito humano tem sêde de certeza e quer sempre um ponto de apoio firme e estavel. Se o homem se perturba na oscillação inespe-

(1) Nescire autem, quid antea, quam natus sis, acciderit, id est semper esse puerum. Quid enim est ætas hominis, nisi memoria rerum veterum quem superiorum ætate contexitur? *Orator* XXXIV.

rada do tremor de terra, se durante seculos esteve hesitante á beira dos mares e se lhe foi precisa uma triplice couraça de animo e audacia para afrontar as ondas fugitivas e fallazes — não é isto uma prova de que a incerteza e a duvida são perigos, soffrimentos verdadeiros? Ora, entre as cousas incertas deste mundo, a cousa mais certa, com exclusão da morte, é o passado. Seneca, deante da immutabilidade irrevogavel do passado, que nem os Deuses tinham o poder de destruir, disse que, «na grande turba inconstante das cousas só é certo aquillo que já passou.» (1)

Camões tambem sentiu e expremiu o que ha de irrevogavel no passado, dizendo :

Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente. (2)

Esta immutabilidade do passado tem devéras o encanto melancholico de uma seducção cheia de poesia.

«Eu tenho um grande amor pelo passado», dizia Guilherme de Humboldt, escrevendo a uma amiga, «porque sómente o que a elle se refere é immutavel é eterno como a morte, tendo comtudo o calor e o interesse da vida.» (3)

E' junto a esse calor e a essa vida que os homens de pensamento se vão aquecer e vivificar e é diante da pintura do passado, que se chama historia, que os homens de acção, dignos de governar, devem ir apprender porque o melhor roteiro para a marcha da vida é o conhecimento desse passado que Tito Livio diz que se não podemos corrigir podemos ao menos criticar. (4)

Para o contentamento do nosso espirito a visão do passado é mais consoladora do que o exame do presente. «O presente, observa Pascal, de ordinario causa

(1) In tanta inconstantia turbaque rerum nihil nisi quod præteriit certum est.

(2) Soneto CCCVI. Edição Juromenha.

(3) Briefe an eine Freundin. I. 2.

(4) Tito Livio. XXX. 30. Præeterita magis reprehendi possunt quam corrigi.

mágoa. Nós o escondemos de nossos olhos porque ella nos aflige e quando, por excepção, elle nos agrada ainda assim o presente nos desconsola, porque o estamos sentindo fugir com rapidez.» (1)

E se a estes conceitos de pensadores de todos os tempos quizermos juntar o sentir de uma mulher apaixonada de ideal, devemos repetir com a baroneza de Krüdner: «As almas frias têm apenas memoria; as almas ternas têm saudades, e, para ellas, o passado não é um morto, mas um ausente. O melhor dos amigos é o passado.» (2)

Certamente o homem deve viver no seu tempo mas a tendencia para a contemplação do passado é um dom nobilissimo da sua alma. Quem se applica ao presente é movido, quasi sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado e só o desinteresse ennobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens.

Salvar a Patria póde ser e é, quasi sempre, o pretexto commum dos ambiciosos. Para estudar e conhecer a Patria é preciso fazer-lhe o sacrificio do tempo e é preciso o amor, esse amor da Patria que um intrigante qualquer póde, por momentos, fingir, mas do qual uma vida votada ao estudo é a mais concludente das provas. E será possivel a alguem conhecer o seu paiz sem saber e sem amar a sua Historia?

E' esse amor elevado e culto do passado brasileiro que este Instituto tem por missão desenvolver e propagar. E com orgulho póde a nossa Associação dizer que, na esphera da sua influencia, já alguma cousa tem feito para reagir contra a indifferença geral. Esta assembléa, a vossa promptidão em aceitar o nosso convite, a bondosa attenção com que me ouvis, são provas da animação que recebem os nossos esforços.

O amor do passado nacional, essa demonstração indiscutivel da civilisação de um paiz não podemos esperar que se manifeste num instante por todas as camadas da nossa população. E' esse amor uma causa de grandeza porque preserva os povos das destruições

(1) **Pensées. Art.** 6. XV.

(2) **Cit. por** SAINTE BEUVE: *Portraits Litteraires* **vol.** III **pag. Ed. Garnier 1862.**

inuteis, dos vandalismos ignaros, das subversões insensatas, desvarios que têm arruinado tantas nacionalidades. No homem é tambem um effeito da elevação moral do individuo, da educação que a familia imprime á creança.

Ora a familia brasileira, centro de tantas outras virtudes, não se póde orgulhar de ter um zelo verdadeiro pela tradição que é a força, a luz, o ensino e a manifestação mais sagrada das raças, a cadêa que assegura a solidariedade das gerações. A desnacionalisação dos habitos da vida diaria é a prova trivial deste nosso inconsciente desprendimento da tradição. O desrespeito universal que nos desorganisa, nos avassala e nos barbarisa é, até certo ponto, o resultado da nossa ruptura com o passado, dessa lamentavel emancipação da sua autoridade. Este esquecimento dos antepassados, poderia ser chamado apostasia se não se tivesse já designado por independencia do coração, essa cousa tão vulgar que se chama a ingratidão. Vemos que a casa, symbolo e templo da perpetuidade do lar, se desorganisa para sempre ao partir e muitas vezes antes de partir o chefe para a eterna viagem. O movel patriarchal desapparece; a solida prata familial se troca em vil christofle de Paris; o retrato do bisavô, aos azares das mudanças, vae caminho dos quartos excusos, quando não perece, em combate desigual, aos golpes da travessura selvagem dos pequenos tataranetos insoffridos. Sem duvida toda esta dispersão e o facto de ninguem hoje morrer na casa onde nasceu são cousas devidas ao presente regimen legal e economico da familia, apenas forçadas consequencias sem remedio, da moderna organisação da vida. Em relação á propriedade quasi tudo isto é inevitavel. Quem póde, num paiz que cresce e se transforma, esperar que a morte o venha encontrar na mesma casa por onde entramos no mundo? O destino póde levar o homem a terminar a sua existencia numa cidade mais nova do que elle, surgida da terra depois delle surgir para a vida ou de tal modo transformada que nada resta da cidade onde elle abrio os olhos á luz.

Seria um erro, porém, o acreditar que estas condições especiaes de um paiz novo tornam impossivel

nelle o culto da tradição e o conhecimento affectuoso do passado. Esta transformação continua, esta instabilidade ao mesmo tempo destruidora e creadora, affectam, sem duvida, a vida material e o aspecto do scenario onde todos temos de representar o nosso papel. Isto é o proprio do presente, porque, como, com tristeza nos disseram tantos moralistas, quem diz presente diz mudança e diz incerteza. O patrimonio moral de um povo, porém, esse não está e não póde estar sujeito a essas mudanças destruidoras: fica consolidado de modo eterno e inabalavel no seu passado intangivel. A cultura dessa riqueza é o objecto do amor de todos os que prezam as tradições da raça, da lingua, da religião, de tudo quanto, emfim, fórma o objecto da Historia da Patria. Só o povo que véla por essa riqueza é um povo civilisado.

Um dos espiritos de mais extraordinaria penetração que este seculo tem produzido, mas que bastante mal tem causado pelo erro moral das suas conclusões, Schopenhauer, sustenta que, sem o conhecimento da Historia, o homem não sahiria da pura animalidade e que a Historia está para a especie humana, como a razão está para o individuo. «Graças á sua razão, o homem não fica como o animal, fechado dentro dos limites estreitos do presente visivel; conhece ainda o passado que é infinitamente mais extenso e a fonte donde decorre o presente.» Do mesmo modo, continúa ainda o philosopho, «um povo que não conhece a sua propria Historia, está limitado ao presente da geração actual: esse povo não comprehende nem a sua propria natureza, nem a sua propria existencia, na impossibilidade em que está de as relacionar com o passado que as explica: e muito menos póde antecipar alguma cousa do futuro. Sómente a Historia póde dar a um povo a inteira consciencia de si proprio.» (1)

Ora, minhas senhoras e meus senhores, se assim é, tudo quanto no Brasil fôr um acto positivo de desprezo pelo passado ou uma omissão negligente do amor desse mesmo passado, será uma mutilação da consciencia

(1) A. Schopenhauer: *Le monde comme volonté et comme Répresentation.* Trad. de A. Burdeau. Paris, 1890. vol. III, pagina 256.

nacional, será uma tentativa de barbarisação. E, ao contrario, toda acção todo esforço de natureza a estimular o estudo do passado será um acto civilisador.

A existencia deste Instituto e a das demais associações congeneres do Brasil, não póde ser pois uma cousa indifferente aos olhos do patriota. O facto delle ter durado, de ter trabalhado, de vermos a commemoração do seu anniversario celebrada com interesse, é para todos nós um indicio consolador de que podemos ter esperanças no futuro. E a confiança de que nem todo o trabalho tem sido perdido é mais uma animação para os nossos esforços. Estes esforços, porém devem ser de todos: da mãe que educa, do mestre que ensina, do escriptor que escreve. Todos devem consagrar muito do seu tempo e do seu trabalho a esta obra de patriotismo excellente, que consiste em despertar no brasileiro o desejo de conhecer a sua terra— e de a conhecer nos aspectos do seu vasto céo, do seu largo solo e na memoria dos factos da sua Historia.

Felizmente, ha no Brazil homens que têm sabido prestar o serviço patriotico de contribuir para a diffusão do conhecimento da Patria. E cabe-me agora o dever de me referir com magoa ao desapparecimento de um desses obreiros modestos e benemeritos—o do nosso consocio Carlos Rath, fallecido no decurso do corrente anno.

Era um teuto-brasileiro nascido em S. Paulo e filho do notavel sabio dr. Carlos Rath, homem dotado de solidos predicados scientificos e que fez, durante longos annos, extensas e valiosas observações sobre a geographia, a geologia e a ethnographia de S. Paulo, muitas das quaes infelizmente se perderam emquanto outras foram inseridas com honra em diversas publicações scientificas. O filho exerceu por muito tempo o pequeno emprego de desenhista na repartição das Obras Publicas, de que sempre foi um dos mais zelosos e intelligentes empregados. Foi na constancia das suas funcções que Carlos Rath prestou um relevante e inolvidavel serviço á geographia paulista. Servindo-se de elementos esparsos pela sua Secretaria, utilisando as suas proprias e novas observações e principalmente as notas

e dèsenhos deixados pelo velho dr. Rath, organisou por si o nosso consocio e publicou em 1877 um mappa da provincia de S. Paulo na escala de um ou de um e meio millionesimo. Este trabalho geographico foi, na épocha da sua publicação, o melhor mappa do territorio paulista feito até então e, ainda recentemente, era o mais completo e o mais merecedor de confiança de todos os mappas de S. Paulo.

A sciencia tem isto de consolador: póde se dizer que não ha nella ingraditão para os serviços prestados. Um esforço que consiga adiantar uma linha sequer aos conhecimentos humanos, fica perpetuamente reconhecido. O nome de Carlos Rath, que firmou aquelle documento geographico que significava um progresso real, será conservado num lugar, humilde talvez, mas inalienavel na historia da geographia do Brasil e portanto da America e portanto do mundo. Foi essa, de certo a unica recompensa que obteve o nosso finado consocio, mas essa bastou, decerto, neste mundo, á sua alma despretenciosa e singela. Devo, porém, ao saudar este laborioso auxiliar da sciencia brasileira, exprimir quanto é grato o Instituto Historico de S. Paulo á sua memoria, já pelo concurso recebido, já pelos donativos feitos ao nosso archivo e ás nossas ainda tão pobres collecções. E estes serviços Carlos Rath prestava com toda a dedicação porque elle era um fervoroso adepto dos estudos brasileiros, nobre paixão que era a unica herança que recebêra do pae illustre. E era consolador para os nossos socios que têm longa ascendencia brasileira, ver aquelle filho de um allemão consagrar o seu tempo e a sua intelligencia, com tanto amor, a tudo quanto se refere á Historia do Brasil.

Razão tinha Carlos Rath, porque a nossa Historia é cheia de emocionantes episodios, de duvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poeticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso.

O grande mysterio da especie humana na America prehistorica, está, em grande parte, escripto e occulto no Brasil; nas linguas indigenas onde os philologos o querem decifrar; nas camadas do solo onde ha os ves-

tigios de extinctas especies, e onde se descobrem as imagens impressas e as vezes os restos da fauna do passado entre os quaes Lund, nas furnas da Lagôa Santa, julgou descobrir o homem contemporaneo de um mundo desapparecido. Na ceramica dos vasos de Marajó ha o apparecimento de uma arte pelo qual o sentimento esthetico daquelles desconhecidos oleiros se approxima da pureza das fórmas e da harmonia das linhas que os ceramistas da Attica consagraram. A'beira das praias onde o mar espuma, a recordacão das gerações que passaram está nas conchas amontoadas, entre as quaes se acha, dentro da sua urna funeraria, a mumia mysteriosa do homem sem nome; e o estudioso pergunta se aquelles mortos e se os habitantes selvagens das nossas terras não são ruinas de povos, e como diz Martius (1) «o residuo de uma muito antiga, posto que perdida historia»,

E quando o Brazil começou a existir para o resto do mundo? Em que épocha veio-se juntar á torrente da Historia? Foi na épocha deslumbrante da Renascença que o fio, tenue então, mas para sempre ininterrupto da sua vida, se veio entretecer na trama universal da vida das nações. As viagens oceanicas, um dos grandiosos episodios daquelle tempo, franquearam o Atlantico e assim a Europa e mais tarde a Africa, puderam vir se juntar neste grande pedaço da America e formar o Brasil. Vieram então as armadas, velejaram ao longo das nossas costas as caravellas e as náos tomando alturas, recebendo agua em caminho da India, erigindo padrões, deixando homens desterrados. Pereceram em ignorados naufragios alguns navios e os desterrados e os salvos das ondas, esses padrões vivos da nova raça conquistadora, ahi ficavam na terra e eram o mysterioso João Ramalho, o obscuro bacharel da Cananéa, mais tarde o lendario Caramurú ou o ingenuo e tão interressante Hans Stade. Portuguezes e francezes chegavam á costa Brasileira, traficavam em pao-brasil, estabeleciam feitorias, deposi-

(1) *Como se deve escrever a Historia do Brasil.* Dissertação pelo dr. Carlos Frederico Ph. von Martius, na Rev. Trimensal do Instituto Historico Brasileiro. Tom. VI pag. 389.

tos ou pontos de negocio, e isto sem deixar vestigios como se vê que aconteceu na historia tão obscura do commercio dos Phenicios e carthaginezes que rodearam a Africa, foram ao incerto Ophir do Oceano Indico e em busca do estanho e do ambar ás costas da Inglaterra e ás praias hyperboreas do Baltico. Foi nesse seculo XVI que foi esculpido o côro da igreja de São Jacques, em Dieppe, onde, na figuração das scenas da vida dos mercadores da cidade, apparecem indios, cortando e carregando páo-brasil, todos armados das suas emplumadas araçoyas. (1) E outros indios então, levados á França, como curiosidade, acampavam em Ruão á margem do Sena e iam ornar a entrada triumphal de Henrique II, Christianissimo rei de França e da muito illustre dama Catharina de Medicis, sua esposa. Carlos IX dialogava com outros indios e Montaigne, fazendo traduzir uma canção dos Tupinambás, declarava achar nella um sabor todo anacreontico. (2)

Quem se dedica á Historia do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade arida e estreita. Desde a época da descoberta nenhum grande facto europeo deixou de ter a sua repercussão no Brasil ou de influeir em nossos destinos. Se alguem entre nós fizesse a experiencia de ensinar a um adolescente a Historia do Brasil, explicando-lhe successivamente os acontecimentos da historia da Europa e pintando-lhe os seus personagens, á medida que em nossa Historia fossem apparecendo os effeitos daquelles acontecimentos ou a influencia daquellas figuras — esse adolescente acabaria sabendo, não só a Historia da sua patria, mas tambem quasi que a historia completa do Occidente do velho mundo nos ultimos tres seculos.

A Reforma repercutiu no Brasil na tentativa de colonisação huguenote de Villegaignon e, á sombra dos alterosos rochedos da bahia do Rio de Janeiro, discutiram theologos de Genebra, com theologos catholicos e perante os selvagens nús, a mais elevada theologia

(1) MARGRY. *Les Navigations Françaises*. Paris, 1867, paginas, 171.

(2) MONTAIGNE. *Essais*. Liv. I. cap. XXX

e terçaram os argumentos mais subtis sobro Graça, a Presença Real e a Predestinação. Surge no campo catholico a reacção organisada na Companhia de Jesus e dos primeiros dos seus soldados, vem muitos ao Brasil cuja historia fica então ligada á dos Jesuitas. A Hespanha quasi realisa o sonho da monarchia universal e nessa monarchia entra o Brasil, como parte do dominio de Phellippe II. Ha o primeiro annuncio da futura supremacia maritima da Inglaterra quando Elisabeth promove por todos os meios o desenvolvimento naval e Edward Feuton, um dos vencedores futuros da Invencivel Armada, penetra em Santos que Cavendish mais tarde saqueia; Withrington assola os arredores da Bahia, Lancaster ataca o Recife.

Nasce o poder maritimo dos Hollandezes e Olivier van Noort surge diante do Rio de Janeiro; van Carden tenta apossar-se da Bahia; Joris van Spilbergen hostilisa Santos. Prenuncios estes de que a revolta dos Paizes Baixos contra a Hespanha ia ter tambem como theatro de acção a nossa terra e assim foi nos trinta annos das invasões e das guerras hollandezas ao norte do Brasil. Desde então na solução das grandes crises européas, por occasião das pazes de Westphalia e de Munster no seculo XVII; na paz de Utrecht no seculo XVIII; e em nosso seculo nos tratados de Vienna de 1815, o Brasil, isto é a questão da legitimidade e dos limites da soberania portugueza na America, foi objecto de discussão e de transacção.

No seculo XVIII, a maior victoria do philosophismo foi a destruição dos jesuitas, facto da maior gravidade para o Brasil.

E, noutra ordem de idéas, de que alcance não foi para a vida economica e social do mundo inteiro toda a inundação do ouro sahido do Brasil quando houve anno em que só a capitania de Minas produziu mais de 500 arrobas de ouro?

E, mais perto de nossos dias, a tormenta revolucionaria e a passagem de Napoleão pelo mundo tiveram como consequencia, deste lado do Oceano, a fórma extraordinaria pela qual, sem sacrificios, foi ganha a nossa Independencia.

Um illustre poeta inglez prestou um immenso e inestimavel serviço a nós todos, escrevendo uma notavel *Historia do Brasil*. Meditando sobre a nossa Historia, Roberto Sothey, ficou compenetrado da importancia e do valor futuro do Brasil. E ao terminar a sua grande obra diz-nos que escolheu esta grande tarefa «na sua virilidade madura e que a propoz como obejecto de uma vida dedicada a litteratura, no que esta tem de mais elevado e digno». (1) E isto fez aquelle estrangeiro illustre porque, como elle proprio o diz, ficou convencido ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, «que das emprezas desses homens obscuros surgiram consequencias mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e de Carlos Magno». (2)

Mas para que, minhas senhoras e meus senhores, tenho dito tudo isto? Para provar quão interessante, quão bella, quão grande, quão relacionada com a Historia geral da humanidade é a Historia do Brasil e quão digna é de ser estudada e amada mesmo por aquelles que não são brasileiros.

Para o cumprimento, porém, do nosso dever de amar e de estudar a Historia do Brasil não é preciso que ella seja. como é, bella e grande. Basta ser nossa. Bastaria isso para a nossa Historia dever ser objecto nas escolas de um estudo mais sério e não, como o de banaes apostillas, de pontos mal escriptos e encommendados para exames sem preparo, trechos de má prosa, á ultima hora decorados e depressa esquecidos. Diante desta lamentavel anomalia, para que valha alguma cousa tudo quanto vos tenho dito, quero que sejam, ao menos, as minhas palavras como um appello instante feito á dignidade e ao patriotismo de todos, em prol do amor, isto é, do estudo das cousas patrias e do ensino da Historia do Brasil.

Não esqueçamos de que, aos povos, mais do que aos individuos, obriga o preceito da antiga sabedoria: Conhece-te a ti proprio!

---

(1) Robert Southey. *Historia do Brasil*. Traducção portugueza Vol. vi, pag. 539. Rio de Janeiro, 1862.

(2) Ibidem. Vol. i, pag. 5.

ACTAS DAS SESSÕES

SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE JANEIRO DE 1898

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no predio n. 2 do largo da Sé, onde se acha installado e funccionando o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no salão destinado á sessões, presentes os socios srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Eugenio Hollender, Theodoro Sampaio, Carlos Rath, Pereira Guimarães, Clementino Castro, Orville Derby, Euclides da Cunha, Antonio Piza, Alberto Löfgren, Arthur Goulart, Eugenio Franco, Augusto Barjona, Dionysio Fonseca, Domingos Jaguaribe e Soares Romeo, foi aberta a sessão pelo vice presidente sr. dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo o sr. presidente participado o seu não comparecimento.

Occupam os seus logares de 1.º e 2.º secretarios, os sr. dr. Carlos Reis e Alexandre Riedel.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 20 de outubro e 1.º de novembro de 1897.

O 1.º secretario da conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Dos srs. drs. José de Campos Novaes e Affonso Celso Junior, agradecendo a sua admissão como membros do Instituto.

Do sr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, enviando o seu trabalho em manuscripto: *A Ilha da Trindade*, que offerece ao Instituto.

Da Arcadia Normalista, Gabinete de Leitura Padre

Albuquerque e Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, accusando o recebimento do officio em que lhes foi communicada a eleição e posse da actual directoria do Instituto.

Do Centro Recreativo Pesqueirense (Pernambuco), pedindo auxilio de livros para a sua bibliotheca.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram apresentadas, lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios, propostas para a admissão dos srs. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, como socio honorario; dr. Victor da Silva Freire Junior, dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada, dr. Antonio Alves de Carvalho, dr. Arthur M. Cortines Laxe e Francisco Nicolau Baruel, como socios correspondentes.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate approvado o seguinte parecer, elaborado pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza:

«A commissão de historia do Instituto Historico de S. Paulo, tendo examinado cuidadosamente as *Ephemerides Paulistanas*, do cidadão José Jacintho Ribeiro, entende que, no genero, é a obra mais completa que se tem escripto em S. Paulo e talvez no Brasil todo. E' uma relação, em tres volumes, mais ou menos minuciosa e bem documentada dos principaes factos da historia de S. Paulo, desde a chegada de Martim Affonso em S. Vicente, em 1532, até o presente, contada dia a dia, de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, e illustrada com numerosos retratos de muitos dos nossos homens mais importantes. Não se poderá dizer que seja uma obra completa, visto como uma primeira tentativa em grande escala neste genero não póde sel o, principalmente pela falta de informações minuciosas e exactas sobre muitos dos nossos homens mais distinctos, informações que são difficeis de se obterem,

mesmo entre os parentes e amigos. A obra, como é, não se presta para consulta, pela impossibilidade de fazer-se um indice das materias de que trata; mas nem por isso deixa ella de ser para os estudiosos uma valiosa fonte de informações uteis sobre a historia paulista e como tal merece louvores o seu autor e o livro é digno de figurar nas estantes dos nossos homens de lettras.—S. Paulo, 25 de janeiro de 1898.»

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Antonio Piza, que procedeu á leitura do seu interessante trabalho relativo á expulsão dos jesuitas de S. Paulo, em 1640, escripto para servir de prefacio a um manuscripto inedito, de autor desconhecido, que trata daquelle assumpto, e que o orador attribue a Pedro de Moraes Madureira. Ao terminar a leitura, é o illustre consocio applaudido.

Levanta se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE FEVEREIRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Eugenio Hollender, Antonio Piza, Pereira Guimarães, Arthur Goulart, Miranda Azevedo, Alberto Löfgren, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Soares Romeo, Horace Lane, Theodoro Sampaio e Euclydes da Cunha, foi aberta a sessão. Faltou com participação o 2.º secretario, sr. Alexandre Riedel, que foi substituido pelo socio sr. dr. Manoel Pereira Guimarães.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

O socio sr. Eugenio Hollender, declara que faz

offertas dos seguintes objectos, mas que a entrega só o poderá fazer em outra sessão: *medalha* de prata cunhada em 1658 com a effigie de M. de Nassau no anverso e a representação de cidades conquistadas pelos hollandezes no reverso; *carta*, em original de Pedro II a Luiz Felippe, escripta em francez, em data de 7 de dezembro de 1841, assignada Pierre e contra-assignada por Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (depois visconde de Sepitiba), communicando ter sido a princeza Amelia, reconhecida como princeza brasileira.

ORDEM DO DIA

Foram lidas e remettidas á commissão de admissão de socios as propostas apresentadas para a admissão dos srs. dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva, José Hippolyto da Silva Dutra, João Vieira de Almeida, arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues e dr. José Maria Bourroul.

O sr. Presidente, de accordo com o § 2.º do art. 20 dos Estatutos, declarou ficarem prehenchidas do seguinte modo as commissões permanentes:

1.ª REGULAMENTOS E ESTATUTOS

Dr. João Pereira Monteiro.
Dr. João Pedro da Veiga Filho.
Dr. Manoel Dias de Aquino e Costro.

2.ª — ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida.
Dr. Theodoro Sampaio.
Dr. Francisco M. de Gouvêa Natividade.

3.ª — REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo.
Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.

3.ª—HISTORIA E ESTATISTICA DE S. PAULO

Dr. Antonio de Toledo Piza.
Conego dr. José Valois de Castro.
Dr. Euclydes da Cunha.

5.ª—HISTORIA GERAL DO BRASIL

Dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides.
Tenente coronel Gabriel Prestes.
Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo.

6.ª — GEOGRAPHIA DE S. PAULO

Dr. Theodoro Sampaio.
Dr. Orville A. Derby.
Capitão Tancredo Leite do Amaral Coutinho.

7.ª — GEOGRAPHIA GERAL DO BRASIL

Dr. José Vicente de Azevedo.
Tiburtino Mondim Pestana.
Dionysio Caio da Fonseca.

8.ª — LITTERATURA E MANUSCRIPTOS

Dr. Pedro Augusto Gomes Bardim.
Dr. Manoel Pereira Guimarães.
Professor Arthur Goulart.

9.ª — SCIENCIAS, NUMISMATICA E ARCHEOLOGIA

Alberto Lofgren.
Eugenio Hollender.
Dr. Gustavo Koenigswald. (1)

10.ª — ARTES E INDUSTRIAS

Dr. Francisco Ferreira Ramos.

(1) Vide a sessão de 5 de abril.

Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane.

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Euclydes da Cunha, que passou a lêr alguns trechos de uma obra que está escrevendo; versam os trechos lidos sobre a climatologia dos sertões da Bahia, num dos quaes, encarando o problema das seccas do norte do Brasil, expõe o illustre consocio uma hypothese sua que julga explical-as.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE MARÇO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Monteiro de Mello, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca, Antonio Piza, Miranda Azevedo, Domingos Jaguaribe, Orville Derby e Aquino e Castro, foi aberta a sessão. Faltou com participação o 1.º secretario, sr. Carlos Reis, que foi substituido pelo 2.º secretario, occupando o logar deste o sr. Monteiro de Mello.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Antonio Augusto Gomes Nogueira.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado

ORDEM DO DIA

O sr. Antonio Piza, em nome da respectiva commissão, apresentou o trabalho: *Imprensa Paulista*, do sr. Lafayette de Toledo, devidamente ordenado.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa, para ser discutido e votado na proxima sessão, o parecer da commissão de admissão de socios, opinando pela approvação das propostas apresentadas nas sessões de 25 de janeiro e 5 de fevereiro.

Foram enviadas á dita commissão, quatro propostas para admissão de socios.

Foi submettido ao exame e parecer da commissão de historia geral do Brasil o trabalho: *Ilha da Trindade*, do sr. dr. Moreira de Azevedo.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. Orville Derby, que procedeu á leitura do seu trabalho: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado.*

Vai este trabalho á commissão de geographia geral do Brasil para emittir parecer.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE ABRIL

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Moreira de Toledo, Eugenio Hollender, Theodoro Sampaio, Miranda Azevedo, Arthur Goulart, Dionysio Fonseca, Orville Derby e Soares Romeo, fei aberta a sessão.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

Por proposta do sr. Eugenio Hollender, foi nomeado o sr. dr. von Ihering para a commissão de Sciencias, Numismatica e Archeologia, em substituição ao sr. Koenigswald, que se acha ausente.

Pelo mesmo socio sr. Hollender foi apresentada a seguinte proposta:

«1.º Celebrar o Instituto uma sessão magna commemorativa do descobrimento do caminho maritimo da India, por occasião do quarto centenario desse grandioso facto,

2.º Convidar-se o consul de Portugal nesta capital para assistir á sessão;

3.º Eleger-se um orador para proferir o discurso official da solemnidade, lembrando o nome do socio sr. dr. João Monteiro;

4.º Dirigir se á Sociedade de Geographia de Lisboa um officio de congratulações.»

Submettida á discussão e votação, foi a proposta approvada, sendo unanimemente acclamado orador official o sr. dr. João Monteiro.

Foram remettidos á commissão de Redacção da Revista: *A Imprensa Paulista*, trabalho do sr. Lafayette de Toledo, e tres documentos historicos offerecidos ha tempo pelo socio sr. dr. Frederico Lisboa; assim como enviou-se á commissão respectiva, para emittir parecer, o trabalho do sr. Antonio Piza sobre a expulsão dos jesuitas de S. Paulo.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, na qualidade de socio honorario; dr. Victor da Silva Freire Junior, dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada, dr. Antonio Alves de Carvalho, dr. Arthur Mesquita Cortines Laxe, Francisco Nicolau Baruel, dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva, José Hippolyto da Silva Dutra, João Vieira de Almeida, arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues e dr. José Maria Bourroul, na qualidade de socios correspondentes.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa, para ser discutido e votado na proxima sessão, o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das propostas apresentadas na ultima sessão.

Foram enviadas á dita commissão duas prepostas para admissão de socios.

Levantase a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs Duarte Azevedo, Carlos Reis, Moreira de Toledo, Miranda Azevedo. Soares Romeo, Dionysio Fonseca, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, Antonio Piza e Arthur Goulart, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario o sr. Moreira de Toledo, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou não poder comparecer.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Officios

Do Centro Recreativo Pesqueirense, agradecendo a remessa da Revista do Instituto.

Do socio sr. dr. H. von Ihering, agradecendo a sua nomeação para membro da commissão de Sciencias, Numismatica e Archeologia.

Do sr. dr. Manoel D. Moreira de Azevedo, agradecendo a sua nomeação para orador official na sessão magna a realizar-se em commemoração ao descobrimento do caminno maritimo da India e declarando não poder desempenhar a missão por ter de partir para o Pará. E' julgada justa e acceita a escusa do sr. João Monteiró é unanimemente acclamado orador official o socio sr. dr. Theodoro Sampaio. Outro sim fica deliberado que a referida sessão magna será realizada na noite de 20 de maio vindouro.

Offerta

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto, os srs. conego Manoel Vicente da Silva e dr. Antonio Gomes do Carmo, como socios effectivos; Jesuino da Silva Mello e dr. Luiz Felippe Gonzaga de Campos, como socios correspondentes.

Achando-se presente o sr. Jesuino da Silva Mello, é elle convidado a tomar parte nos trabalhos, introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da commissão de Admissão de socios, opinando pela approvação das duas propostas apresentadas no sessão passada.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate unanimemente approvado o seguinte parecer da commissão da Historia Geral do Brasil: «A commissão leu com a maior attenção a interessante e conscienciosa memoria historica *A Ilha da Trindade*, do preclaro professor dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. Ao lado da minuciosa descripção geographica, encontrou a mais completa noticia historica que conhece sobre essa ilha e a documentação importante dos direitos do Brasil sobre o dominio desse territorio, hoje felizmente em inteira e incontestada posse nossa julga, portanto, digna de ser impressa na *Revista do Instituto*, onde apparecerá perfeitamente ao lado dos melhores trabalhos e constituirá mais um dos brilhantes titulos que tem seu autor á gratidão dos brasileiros e á justa nomeada de que gosa entre os escriptores nacionaes.»

Em consequencia, é o trabalho: *Ilha da Trindade*, enviado á commissão de Redacção da Revista.

O socio sr. Antonio Piza, apresenta e offerece um manuscripto antigo, sem data e de autor desconhecido, intitulado: *Successos da provincia de Santa Cruz que vulgarmente se chama Brasil*, e em seguida procede á leitura de um seu trabalho em que procura esclarecer a origem e autoria do mesmo manuscripto.

Vão o trabalho e manuscripto á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE MAIO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Domingos Jaguaribe, Miranda Azevedo, Antonio Piza, Jorge Maia, Pereira Guimarães, Dionysio Fonseca, Ernesto Goulart, Arthur Goulart e Bernardo Morelli, fei aberta a sessão.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Do socio sr. Jesuino da Silva Mello, offerecendo o Diccionario historico e geographico de La Martiniére, edição de 1768, 5 vol., A. a S.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. dr. Manoel Pedro Monteiro Tapajós, como socio correspondente, e monsenhor Camillo Passalacqua, como socio effectivo.

Foram enviadas á dita commissão quatro propostas para admissão de socios.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate approvado, o seguinte parecer da commissão de Historia Geral do Brasil:

«*A expulsão dos jesuitas em 1640*, constitue o assumpto da interessante memoria do illustre consocio dr. Toledo Piza. e, sobre o seu merecimento, vem a commissão de Historia Geral do Brasil dar seu parecer. A materia é tratada com aquelle cuidado e fidelidade que caracterizam os conscienciosos trabalhos da investigação do dr. Toledo Piza. Elucida muitos pontos interessantes de nossa chronica e offerece um subsidio de primeira ordem para a historia geral dos jesuitas na America do Sul. Está redigida com sobriedade, clareza e correcção. Pensa, portanto, a commissão que a memoria submettida a seu juizo deve ser publicada na *Revista do Instituto.*»

O socio sr. dr. Jorge Maia, communica que está organizando um *Vocabulario Nheengatú*, destinado ao Instituto, vindo apresentar hoje os dois primeiros fasciculos que já escreveu; em seguida faz algumas considerações a respeito do assumpto e procede á leitura de diversos trechos dos fasciculos apresentados.

Levanta-se a sessão.

Sessão magna commemorativa do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, em 20 de maio.

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

«Aos vinte de maio de mil oitocentos e noventa e oito, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presente grande numero de socios, deram entrada no recinto das sessões, sendo recebidos pela directoria do Instituto, e tomando assento na mesa, o sr. dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, vice-presidente do Estado, acompanhado do seu ajudante de ordens, capitão Jaime Marcondes; os srs. secretarios de Estado dr. João Baptista de Mello Peixoto, do Interior e da Fazenda, dr. Antonio Francisco de Paula Souza, da Agricultura e dr. José Getulio Monteiro, da Justiça; o sr. conego Ezechias da Fontaura Galvão, vigario capi-

tular do bispado; e o sr. commendador Bernardino Monteiro de Abreu, vice-consul de Portugal nesta capital.

Recebidos pela respectiva commissão, foram tambem introduzidos na sala das sessões e tomaram assento nos logares especiaes que lhes eram destinados, os representantes da Camara dos Deputados e do Senado do Estado, do Club Gymnastico Portuguez, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, da Sociedade Pharmaceutica Paulista, da Escola Polytechnica, da Sociedade Portugueza de Beneficencia; os srs. consules da Belgica, da França, da Suecia e Noruega e da Inglaterra em S. Paulo; o sr. consul geral da Belgica, e os srs. consul de Portugal e consul Argentino em Santos; os representantes da imprensa desta capital; algumas excellentissimas senhoras e cavalheiros convidados. Em seguida, o sr. presidente do Instituto declarou aberta a sessão e deu a palavra ao orador official, sr. dr. Theodoro Sampaio, que passou a lêr o seu esplendido trabalho sobre o assumpto commemorado pelo Instituto.

O illustre consocio, no seu discurso, fez um estudo profundo do meio social e politico em que se desenvolveu a tendencia aventureira e arrojada do povo portuguez; descreveu o scenario onde se realizou o grande acontecimento que se celebra e narrou as peripecias dos ousados navegadores, desde a sua partida *das occidentaes praias lusitanas* até a sua chegada a Calecut, termo tão suspirado da jornada: concluiu lembrando que os brasileiros, descendentes dos heroicos marinheiros que ao longe passam triumphantes, orgulhando-se desse procedencia que se enfaixa em glorias não podiam deixar de tomar parte nessa festa com que o povo portuguez quer affirmar o seu renascimento, retemperando a fibra patriotica na commemoração de seus feitos gloriosos, tanto mais que do atrevido lidar do lusitano contra o falso elemento foi que surgiu o Brasil, cuja historia nos seus primeiros lineamentos é a mesma gloriosa historia do descobrimento do caminho da India. Ao terminar o seu discurso, em que mais uma vez patenteou a riqueza de illustração que possue

revelando ao mesmo tempo um elevado criterio historico, foi o digno consocio sr. dr. Theodoro Sampaio, com todo o enthusiasmo saudado por uma prolongada salva de palmas, felicitado e abraçado.

Obteve em seguida a palavra o sr. dr. Cunha e Costa, vice-consul de Portugal em Santos, e, em eloquente improviso, agradeceu, em nome do sr. vice-consul de Portugal nesta capital, ao Instituto e ao sr. dr. Theodoro Sampaio a homenagem prestada á gloriosa nação portugueza. O sr. dr. Cunha e Costa foi vivamente applaudido e felicitado.

Ninguem mais desejando usar da palavra, o sr. presidente do Instituto agradeceu ao governo do Estado, autoridades e mais pessoas presentes a honra do comparecimento e declarou encerrada a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE JUNHO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte Azevedo, Carlos Reis, Eugenio Hollender, Augusto Cardoso, Eugenio Franco, Dionysio Fonseca, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Soares Romeo, Antonio Piza e Pereira Guimarães, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario o sr. Theodoro Sampaio, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou não poder comparecer.

Foram approvada as actas das sessões de 5 e 20 de maio.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. Francisco Nicolau Baruel.

EXPEDIENTE

Officios

Do Instituto Geographico e Historico da Bahia, enviando a relação de seus funccionarios eleitos para o exercicio de 1898 a 1899.

Do director da Repartição de Estatistica e do Archivo de S. Paulo, enviando o seu Relatorio ao Governo.

Do chefe de policia do Estado, enviando cinco exemplares da «Divisão Judiciaria, Municipal e Policial do Estado».

Do socio sr. dr. Moreira de Azevedo, communicando a remessa de obras que offerece ao Instituto.

Do sr. dr. Antonio Gomes Carmo, agradecendo a sua admissão no Instituto.

Do sr. major Tristão Araripe, declarando não poder continuar a fazer parte do Instituto, por motivo de mudança de residencia.

Do socio sr. dr. João Monteiro, communicando que representou o Instituto em Lisboa, na sessão solemne que a Sociedade de Geographia daquella cidade celebrou commemorando o quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India. E' consignado um voto de agradecimento ao sr. João Monteiro, por mais esse serviço prestado.

Do socio sr. dr. Frederico Lisboa, enviando como offerta a *Historia da America Portugueza*, de Rocha Pitta, e o Relatorio do Secretario da Agricultura da Bahia.

Officios

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

Pelo sr. Eugenio Hollender, foi apresentado o catalogo supplementar das moedas ultimamente classificadas, o qual vai á commissão de Redacção da Revista.

Por proposta do 1.º secretario, foi deliberado que, no caso de ser domingo, feriado ou santificado o dia regimental da sessão ordinaria do Instituto (5 e 20 de cada mez), se realizasse esta no dia util immediatamente anterior ao marcado.

ORDEM DO DIA

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da

commissão da Admissão de socios, opinando pela approvação das quatro propostas apresentadas na sessão de 5 de maio.

Foram enviadas á dita commissão quatro propostas para admissão de socios.

O socio sr. dr. Theodoro Sampaio, apresentando o manuscripto do testamento com que falleceu d. Luiz Mascarenhas, procedeu á leitura de um trabalho que a respeito escreveu e que titulou: «Nota a proposito do testamento de d. Luiz Mascarenhas, que foi governador da capitania de S. Paulo de 1739 a 1748.» Vão o trabalho e manuscripto á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JULHO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Antonio Piza, Augusto Cardoso, Arthur Goulart, Dionysio Fonseca, Orville Derby, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, conego Manoel Vicente, Theodoro Sampaio, Soares Romeo, Jorge Maia e Victor Freire Junior, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario, o sr. Pereira Guimarães, na ausencia participada do sr. Alexandre Riedel.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Manoel Pedro Monteiro Tapajós.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

O socio sr. Jorge Maia faz algumas considerações a respeito do melhor modo de ser publicado o seu

Vocabulario Nheèngatù; o sr. presidente declara que aguarda a apresentação de proposta sobre o assumpto para envial-a a uma commissão.

O socio sr. Arthur Goulart propoz e foi unanimemente approvado que se inserisse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do distincto historiador patrio conselheiro J. M. Pereira da Silva.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. drs. Eugenio de Andrada Egas, José Maria Lisboa Junior, Carlos Ekman e Cantidio Tolentino de Figueiredo Bretas, como socios correspondentes.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das quatro propostas apresentadas na ultima sessão.

Foi enviada á dita commissão uma proposta para admissão de socios.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE JULHO

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Domingos Jaguaribe, Orville Derby, Antonio Piza, Dionysio Fonseca e Theodoro Sampaio, foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Toma assento na assembléa o nova socio sr. dr. Carlos Ekman.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a messa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto, os srs. dr. Jorge Krichbaum como socio correspondente, dr. José Getulio Monteiro como socio effectivo, conselheiro Augusto Carlos Teixeira de Aragão e Julius Mieli, como socios honorarios.

Foram enviadas á dita commissão duas propostas para admissão de socios.

O socio sr. dr. Antonio Piza, fez a leitura de um manuscripto de autor desconhecido, consistindo no panegyrico do marquez de Pombal, feito em uma igreja de Lisboa, pelo tempo do attentado Malagrida contra o rei d. José I. Vai á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE AGOSTO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Eugenio Franco, Antonio Piza, Miranda Azevedo, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Theodoro Sampaio, E. Vanorden e monsenhor Passalacqua, foi aberta a sessão. Faltou com participação o sr. Carlos Reis, passando a exercer as funcções de 1.º secretario o 2.º sr. Alexandre Riedel, e occupando o logar de 2.º secretario o sr. Eugenio Franco.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Officio do sr. dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, enviando um exemplar do primeiro volume do seu *Diccionario de Pernambuco.*

Balancetes da receita e despeza do Instituto, nos dois primeiros trimestres deste anno, apresentados pelo sr. Thesoureiro.

Offerta

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi apresentado e ficou sobre á mesa o parecer da commissão de Admissão de Socios, opinando pela approvação das propostas apresentadas nas duas ultimas sessões.

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o seguinte parecer:

«A commissão de Geographia Geral do Brasil do Instituto Historico de S. Paulo, tendo examinado o trabalho do consocio sr. dr. Orville Derby, intitulado: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado*, e, considerando-o de bastante interesse sobre o assumpto de que trata, é de parecer que seja o mesmo trabalho publicado na Revista do Instituto.—S. Paulo, 21 de Julho de 1898.—(Assignados) *José Tiburtino Mondim Pestana.--Dionysio Caio da Fonseca.*»

O socio sr. dr. Orville Derby procedeu á leitura de um seu trabalho epigraphado: «Um documento antigo relativo á questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes.» Vai á commissão de Redacção de Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SETEMBRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Pereira Guimarães, Moreira de Toledo, Soares Romeo, Miranda Azevedo, Orville Derby, Antonio Piza, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca e João Monteiro, foi aberta a sessão. Faltou com participação o sr. Carlos Reis, passando a exercer as funcções de 1.º secretario o 2.º, sr. Alexandre Riedel, e servindo de 2.º secretario, o sr. Pereira Guimarães.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi recebido na fórma do estylo o novo socio sr. dr. Jorge Krichbaum.

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. conego Ezechias Galvão da Fontoura, vigario capitular do bispado, convidando os membros do Instituto a assistirem o *Te Deum* que será celebrado na Cathedral, a 7 do corrente, ao meio dia. Recebido com agrado o convite, ficam os srs. socios scientes.

Do sr. Wenceslau de Souza Guimarães, participando achar-se em seu poder um caixote destinado ao Instituto que trouxe de Lisboa e lhe foi entregue pelo consul geral do Brasil, em Portugal. Sciente providencie-se sobre o recebimento do volume.

Do sr. João Vieira da Silva, consul do Brasil em Portugal, communicando ter enviado ao Instituto por intermedio do sr. Wenceslau de Souza Guimarães, uma caixa contendo publicações e medalhas offerecidas pela Sociedade de Geographia de Lisboa. Accusa-se o recebimento e agradecem-se os bons officios do sr. Consul como representante do Instituto nas festas do centenario da India; agradeça-se á Sociedade de Geographia de Lisboa a offerta feita.

Do sr. Alberto F. Rodrigues, agradecendo a remessa

da Revista e enviando o *Almanach Popular Brasileiro 1894 a 1898*. Sciente, agradeça-se.

Do socio sr. dr. Ernesto Guilherme Young, consultando se póde o Instituto fornecer-lhe 500 exemplares do mappa da zona do Rio Ribeira e pedindo cinco exemplares do 2.º volume da Revista.

Providenciado tendo-se respondido não possuir o Instituto exemplares avulsos do mappa.

O sr. presidente communica que o socio sr. dr. Domingos Jaguaribe, encarregara-se de cumprimentar o sr. Campos Salles, por occasião de sua chegada ao Rio de Janeiro, e que a mesa do Instituto desempenhara igual missão nesta capital.

O socio sr. dr. João Monteiro, deu conta da missão de que se incumbiu, representando o Instituto na sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa, commemorativa da descoberta do caminho da India.

O sr. presidente agradeceu ao sr. dr. João Monteiro mais esse serviço prestado a nossa associação.

O sr. presidente fala a respeito da data do centenario do Brasil e diz que julga ser tempo de ir preparando o programma para a solemnisação desse facto historico, lembra a conveniencia de ser nomeada uma commissão especial para esse fim, de ser feita uma conferencia a respeito e escripta uma memoria, que será escolhida e premiada dentre as melhores que forem apresentadas por essa occasião.

Fazem considerações sobre o assumpto, os socios srs. drs. João Monteiro e Miranda Azevedo. Ficou afinal deliberado que nas sessões seguintes tratar-se-á do melhor modo de ser commemorado o centenario da descoberta do Brasil.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

1.ª Parte

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão passada, sendo acceitos membros do Instituto, os srs. dr. Mario Bulcão, dr. Delfim Carlos Bernardino e Silva e Paulo Orozimbo de Azevedo, na qualidade de socios correspondentes.

Foram apresentadas, lidas e enviadas á respectiva commissão as seguintes propostas:

Dos srs. drs. João Monteiro, Miranda Azevedo e Theodoro Sampaio, para a admissão dos srs. D. Martin Garcia Meron, como socio honorario; dr. Luiz Augusto Figueira, como socio effectivo; João Vieira da Silva e dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama, como socios correspondentes.

Dos srs. dr. Miranda Azevedo, Alexandre Riedel e Soares Romeu, para a admissão do sr. dr. Carlos Guimarães, como socio correspondente.

Dos srs. dr. Carlos Reis, Alexandre Riedel e Soares Romeu, para a admissão do sr. Aprigio Carlos de Macedo, como socio correspondente.

2.ª Parte

O socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, leu a copia de um documento datado de 2 de setembro de 1783, em que se trata de uma exploração feita pelo marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, para o reconhecimento do Rio Iguaray, affluente á margem occidental do Paraná, a sete leguas abaixo da parte superior das cachoeiras das *Sete Quedas*.

E' deliberado que vá este documento á commissão da Redacção da Revista.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á de 20 do corrente mez.

Para constar foi lavrada a presente acta.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE SETEMBRO

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

«Aos vinte de setembro de mil oitocentos e noventa e oito, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios, deram entrada os srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Pereira Guimarães, Theodoro Sampaio, Antonio Piza e Orville Derby, foi aberta a sessão pelo vice-presidente sr. dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, que convidou o socio sr. dr. Manoel Pereira Guimarães, occupar o logar de 2.º secretario, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou o seu não comparecimento. Communicaram tambem que não podiam comparecer os socios srs. José Francisco Soares Romeu e monsenhor Camillo Passalacqua.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada, a acta da ultima sessão.

Foi introduzido na sala das sessões, por uma commissão composta dos socios srs. drs. Antonio Piza e Theodoro Sampaio, e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas, que tomou assento na assembléa.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento dos livros, revistas e jornaes que adiante vão mencionados, offertas estas que são recebidas com especial agrado.

E' apresentada e enviada á commissão respectiva, uma proposta dos srs. drs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Manoel Pereira Guimarães, para a admissão do sr. dr. Alberto de Assumpção, deputado estadual, na qualidade de socio correspondente.

O sr. presidente, lembrando os valiosos serviços prestados ao Paiz, a este Estado e ás lettras patrias, pelo distincto brasileiro e illustre escriptor general dr. José Vieira Couto Magalhães, apresenta o alvitre de suspender-se a sessão em homenagem á sua memoria e de consignar-se na acta dos trabalhos um voto de pezar pelo seu infausto passamento, dirigindo-se aos

membros de sua familia um officio de condolencias. Sendo este alvitre unanimemente apoiado, o sr. presidente levantou a sessão, convidando aos srs. socios a comparecerem a de 5 de outubro.

Para constar foi lavrada a presente acta.—Eu Carlos Reis, 1.º secretario, a escrevi.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE OUTUBRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos 5 de outubro de mil oitocentos noventa e oito, ás 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Tiburtino Mondim, monsenhor Camillo Passalacqua, Theodoro Sampaio, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Soares Romeu, Miranda Azevedo, Jorge Krichbaum, Eduardo Prado, Almeida Junior e Dionysio Fonseca, o sr. presidente declara aberta a sessão.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo, o novo socio sr. dr. Mario Bulcão que tomou assento na assembléa.

EXPEDIENTE

Officio do sr. dr. José Vieira Couto de Magalhães Sobrinho, agradecendo a homenagem tributada pelo Instituto na sessão passada, á memoria do general dr. José Vieira Couto de Magalhães e as condolencias que a elle officiante e aos membros da familia do finado foram dirigidas.—Inteirado.

O socio sr. dr. Antonio Piza, propoz e foi unanimemente approvado que se consignasse na acta dos trabalhos um voto de pezar pelo fallecimento do socio fundador dr. Carlos Daniel Rath.

Ainda o mesmo sr. dr. Piza lembrou a conveniencia de ser nomeada uma commissão que se entendesse com a familia daquelle socio, no sentido de obter para

o Instituto alguns livros e documentos sobre historia e geographia de S. Paulo, que o finado devia possuir. O sr. presidente nomeou o sr. dr. Piza para tratar do assumpto, dando os passos necessarios.

Offertas

As constantes da relação publicada em annexo, são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

1.ª Parte

Foi lido e ficou sobre a messa para ser discutido e votado na sessão seguinte, o parecer da commissão de Admissão de Socios, oppinando pela approvação das propostas de admissão apresentadas nas sessões de 5 e 20 de setembro proximo passado.

Foram apresentadas e enviadas á commissão respectiva as seguintes propostas:

Dos srs. drs. A. C. de Miranda Azevedo, Theodoro Sampaio e Eduardo Prado, para a admissão do sr. dr. Joaquim Nabuco, como socio honorario.

Dos srs. dr. A. C. de Miranda Azevedo, dr. Domingos Jaguaribe e José F. Soares Romeu, para a admissão dos srs. drs. Virgilio de Sá Pereira e José Custodio Alves Lima, como socios correspondentes.

Dos srs. drs. A. C. de Miranda Azevedo, Carlos Reis e Alexandre Riedel, para admissão do sr. conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto, como socio correspondente.

Dos srs. Carlos Reis, Tiburtino Mondim e Alexandre Riedel, para a admissão do sr. dr. Fernando de Albuquerque, como socio correspondente.

O sr. presidente acha conveniente que se proceda á nomeação da commissão que deve encarregar-se de organisar o programma para a solemnisação por parte do Instituto do centenario da descoberta do Brasil e convida aos srs. socios a eleger a mesma commissão.

O sr. dr. Miranda de Azevedo, obtendo a palavra propoz e foi unanimemente approvado, que a nomeação da referida commissão fosse feita pela mesa, devendo ser ella composta de cinco membros. Em virtude da deliberação, o sr. presidente declarou que ficava a commissão constituida dos seguintes socios: srs. drs. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, Theodoro Sampaio, Antonio de Toledo Piza, Eduardo da Silva Prado e Orville A. Derby.

2.ª Parte

O socio sr. dr. Orville Derby, offereceu tres documentos relativos á questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes, acompanhados de uma breve exposição sua a respeito dos mesmos documentos.

Vão á commissão de Redacção da Revista.

Em seguida, foi dada a palavra ao socio monsenhor Camillo Passalacqua, que fez a leitura de um seu trabalho a proposito de tres documentos, a saber: I Estudo da tribu selvagem do Pury, em Campos; II Descripção do baptismo de um indigena; III Petição de beatificação do veneravel Anchieta, dirigida pelo episcopado brasileiro ao Papa Leão XIII. Este trabalho, que foi apreciado, vai á commissão de Redacção da Revista.

Dada a palavra ao socio sr. Eduardo Prado, começou declarando que encontrara em Lisboa um documento original de fr. Manoel da Ressurreição, relatando ao governo de D. Maria I, de Portugal, o estado da diocese de S. Paulo no anno de 1777, tendo a proposito delle escripto algumas considerações que fazem o objecto do trabalho que ora vem trazer ao conhecimento da assembléa. Em seguida passou a lêr o mesmo trabalho, em que, apreciando os factos relatados por fr. Manoel da Resurreição, commenta-os e compara-os com outros identicos de nossos dias. Ao terminar, foi vivamente applaudido. O interessante trabalho do sr. dr. Eduardo Prado, será enviado á commissão de Redacção da Revista.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levan-

ser dada, e pediu que á commissão fosse facultado agir de accordo com a mesa.

O sr. presidente declarou que a Directoria prestaria á commissão todo o auxilio de que ella precisasse.

O sr. Eugenio Hollender, que por occasião das festas do centenario, se organisasse numa das salas do Instituto, uma exposição retrospectiva de objectos antigos que interessem á historia patria. O sr. presidente declarou que á commissão executiva, ora nomeada, ficava submettida a proposta do sr. Hollender.

Obteve a palavra o sr. dr. Antonio Piza e propoz que se consignasse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do notavel homem de lettras dr. João Mendes de Almeida e que, por officio, a mesa apresentasse condolencias á familia do illustre finado, proposta esta que foi approvada por unanimidade.

Continuando com a palavra, apresentou o sr. dr. Piza um trabalho sobre historia patria, publicado na *Platea* e assignado *Erasmo*, e pediu que fosse enviado á commissão competente para emittir parecer. Vae á commissão de Historia Geral do Brasil.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão, convidando os senhores socios a comparecerem á magna do anniversario da fundação do Instituto.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu Carlos Reis, 1.º secretario a escrevi.

Sessão magna de anniversario da fundação do Instituto, em 10 de novembro de 1898

PRESIDENCIA DO SR. DR. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO

Aos dez de novembro de mil oitocentos e noventa e oito, ás oito horas da noite, no salão do Instituto, presentes grande numero de socios representantes de associações e corporações, excellentissimas senhoras e cavalheiros convidados, foi aberta a sessão pelo vice-presidente sr. dr. A. C. de Miranda Azevedo, que

participou não ter comparecido o sr. presidente pór motivo de molestia, e pronunciou em seguida um brilhante discurso.

Foram introduzidos por uma commissão na sala das sessões, os novos socios srs. drs. Francisco Franco da Rocha, Carlos Augusto de Freitas Villalva e José Custodio Alves Lima.

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Eduardo Prado, que leu um importante discurso, que foi muito applaudido.

Nada mais havendo a tratar o sr. presidente congratulou se com o auditorio pelo brilhantismo e elevação de idéas do discurso do sr. dr. Eduardo Prado, agradeceu o comparecimento das senhoras e cavalheiros que concorreram com a sua presença para mais realçe dar á solemnidade da sessão e declarou encerrada a presente sessão.

Para constar foi lavrada esta acta. Eu Carlos Reis, 1.ª secretario a escrevi.

RELATORIO

dos trabalhos e occurrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no anno de 1898, apresentado pela Directoria na sessão de 20 de outubro de 1898.

SRS. MEMBROS DO INSTITUTO GEOGRAPHICO DE S. PAULO

Em observancia ao preceito do § 5.º do art. 12 dos Estatutos, a Directoria do Instituto tem a honra de apresentar á vossa consideração o relatorio referente ao presente anno.

COMMISSÕES PERMANENTES

De accordo com o art. 20, § 2.º dos Estatutos, foram nomeadas, em sessões de 5 de fevereiro, as commissões permanentes para o corrente triennio.

SESSÕES E TRABALHOS

Durante o anno effectuaram-se 15 sessões, sendo uma de abertura de trabalhos, a 25 de janeiro, uma magna, a 20 de maio, para commemorar o 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, e 13 ordinarias, inclusive a de encerramento dos trabalhos.

Em virtude da deliberação tomada em sessão de 20 de junho, continuaram as reuniões do Instituto, em sessão ordinaria, a realizarem-se a 5 e 20 de cada mez, salvo quando taes dias forem santificados, feriados ou domingos, caso em que a sessão effectuar-se-á no dia util immediatamente anterior.

Nas sessões celebradas foram apresentadas e lidos os seguintes trabalhos:

Pelo socio sr. dr. Antonio Piza: *Parecer sobre o trabalho; Chronicas Paulistas,* do sr. José Jacintho Ribeiro; *Expulsão dos jesuitas de S. Paulo*, em 1640; *Successos da Provincia de Santa Cruz; Panegyrico do marquez de Pombal; Exploração do rio Igurey, pelo marechal Candido Xavier de Almeida e Souza.*

Pelo socio sr. dr. Euclydes da Cunha: *Climatologia dos sertões da Bahia*, parte de uma sua obra em preparo.

Pelo socio sr. dr. Orville A. Derby: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, no seculo passado; Um documento antigo relativo á questão de limites entre São Paulo e Minas Geraes; Exposição*, a respeito de tres outros documentos relativos á referida questão de limites.

Pelo socio sr. dr. Jorge Maia: *Vocabulario Nheêngatú*, (os dois primeiros fasciculos).

Pelo socio sr. dr. Theodoro Sampaio: *Discurso* proferido na sessão solemne de 20 de maio, commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India; *Nota a proposito do testamento de D. Luiz Mascarenhas que foi governador da capitania de S. Paulo.*

Pelo socio sr. Eugenio Hollender: *Catalogo* supplementar das moedas ultimamente classificadas.

Pelo socio monsenhor Camillo Passalacqua: *Estudo*

tou a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á de 20 do corrente, que será a de encerramento dos trabalhos.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu Carlos Reis, 1.º secretario a escrevi.

Sessão ordinaria de encerramento dos trabalhos do anno. em 20 de outubro de 1898

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos vinte de outubro de mil oitocentos e noventa e oito, ás 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte Azevedo, Carlos Reis, Antonio Piza, Souza Franco, Eugenio Franco Miranda Azevedo, Moreira de Toledo, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca, Arthur Goulart e Orville Derby, o sr. presidente declara aberta a sessão e convidou o socio sr. Moreira de Toledo a occupar o cargo de 2.º secretario. Participaram a sua ausencia á sessão, os socios srs. Domingos Jaguaribe, Eduardo Prado e compareceram depois della aberta os srs. Alexandre Riedel, Soares Romeo e Monteiro de Mello.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Officio do sr. conselheiro Augusto Carlos Teixeira de Aragão, agradecendo a sua nomeação de socio honorario, enviando a obra *Vasco de Gama* e a *Vidigueira*, de que é autor, e declarando que opportunamente remetterá outras publicações.—Sciente.

O 1.º secretario communica o recebimento dos livros, revistas, mappas e jornaes offerecidos ao Instituto, as quaes vão em relação annexa, sendo as offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na ultima sessão, sendo acceitos e proclamados membros do Instituto os srs. d. Martin Garcia Méron, na qualidade de socio honorario; João Vieira da Silva, dr. José Calmon Nogueira Valle de Gama, dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, professor Aprigio Carlos de Macedo, Alberto Carlos de Assumpção e dr. Luiz Augusto Nogueira, na qualidade de socios correspondentes.

Foi tambem lido o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das propostas de admissão de socios apresentadas na sessão antecedente. Declarando o sr. presidente que ficara o parecer sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte, pediu a palavra o sr. dr. Miranda Azevedo e requereu dispensa de intersticio afim de serem o parecer e as propostas votadas na presente sessão, attendendo-se que esta é a de encerramento dos trabalhos de anno. Posto em discussão e votação, foi o requerimento approvado sem debate. Em consequencia foi submettido o parecer á discussão e tambem sem debate approvado, sendo acceitos e proclamados membros do Instituto, os srs. dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, na qualidade de socio honorario; dr. Virgilio de Sá Pereira, dr. José Custodio Alves Lima, conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto e dr. Fernando de Albuquerque, no qualidade de socios correspondentes.

Achando-se na sala immediata o sr. dr. Virgilio de Sá Pereira, o sr. presidente nomeia os srs. drs. Pereira Guimarães e Souza Franco, para convidarem-no a tomar parte nos trabalhos; é o novo socio acompanhado pela commissão á sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo.

Foram apresentadas e enviadas á respectiva commissão as quatro seguintes propostas: Dos srs. dr. Joaquim Monteiro de Mello, Alexandre Riedel e Carlos Reis, para admissão dos srs. Christiano Volkart, professor normalista, inspector escolar, autor da *Monogra-*

phia do Municipio de Campinas, como socio effectivo; João von Atzingen, professor normalista, inspector escolar, e dr. Samuel das Neves, engenheiro, como socios correspondentes.

Dos srs. Manoel Marcellino de Souza Franco, Carlos Reis e Alexandre Riedel, para admissão do sr. commendador Eugenio Leonel Ferreira, poeta e jornalista, redactor do *Diario de S. Paulo*, como socio correspondente.

Pelo sr. presidente foi apresentado em nome da Directoria o Relatorio das occurrencias e trabalhos do Instituto no anno que finda, o qual foi lido pelo 1.º secretario e ficou sobre a mesa á disposição dos senhores socios que o quizerem consultar, devendo opportunamente ser remettido á commissão de Redacção da Revista, para a competente publicação.

O sr. presidente lembrou que devendo celebrar-se a 1.º de novembro vindouro a sessão magna de anniversario da fundacão do Instituto, convinha que fosse eleito na presente sessão o orador official. Pediu a palavra o sr. dr. Miranda de Azevedo e propoz que a nomeação do orador, fosse feita pelo sr. presidente, proposta esta que foi sem debate approvada. Declarou então o sr. presidente que ficava nomeado o sr. Eduardo Prado, para falar em nome do Instituto.

Em seguida o sr. dr. Miranda Azevedo, em nome da respectiva commissão, apresentou o seguinte programma, que foi lido, posto em discussão e sem debate approvado.

«A commissão abaixo assignada, encarregada pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, de organisar um programma para commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil, apresenta aos illustres consocios e submette á approvação a seguinte proposta:

1.º Mandar cunhar uma medalha commemorativa que servirá para recompensa dos trabalhos apresentados ao Instituto e de que trata o art. 31 dos Estatutos.

2.º Publicar um numero especial da *Revista do Instituto*, no anno do centenario, contendo artigos ori-

ginaes, ou transcripções ou traducções de ineditos ou de livros raros, devendo todos esses trabalhos tratar exclusivamente de S. Paulo colonial ou da historia dos paulistas.

3.º Promover por todos os meios ao seu alcance e para o anno do centenario o inicio da publicação methodica dos documentos fundamentaes da historia de S. Paulo nos seculos XVI e XVII. A primeira serie desses documentos deverá ter, como as subsequentes, o titulo de *Santi Pauli monumenta historica in Brasilia*, e comprehenderá as actas e termos do Senado da Camara de S. Paulo e depois as dos outros Senados da Capitania e documentos dos cartorios civis e ecclesiasticos, ou documentos em poder de particulares, que possam interessar á historia dos paulistas nos dois primeiros seculos da Historia do Brasil.

4.º Publicacão de uma bibliographia paulista.

5.º Entrega solemne de uma medalha ao autor do melhor trabalho que for escripto a proposito da historia de S. Paulo, por occasião do centenario.

6.º Uma sessão publica solemne do Instituto Historico, com a leitura de trabalhos e discursos analogos ao acto no dia marcado para commemorar a data do descobrimento.

S. Paulo, 20 de outubro de 1898.

(Assignados) *Antonio Toledo Piza.—Orville A. Derby. —Dr. A. C. de Miranda Azevedo.—Theodoro Sampaio. —Eduardo Prado.*

Após a approvação do programma supra, o sr. presidente lembrou a conveniencia de ser desde já nomeada uma commissão que se encarregasse da execução do mesmo programma e apresentou a idéa de ficar a mesma commissão que o organisou constituida em commissão executiva permanente, com poderes para resolver sobre tudo que disser respeito á commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brasil, por parte do Instituto. Submettido o assumpto á deliberacão da assembléa, foi unanimemente acceito o alvitre do sr. presidente. O sr. dr. Miranda Azevedo agradeceu em seu nome e no de seus companheiros de commissão a prova de confiança que lhes acabava de

da tribu selvagem do Pury, em Campos; *Descripção do baptismo de um indigena*; *Petição de beatificação do veneravel Anchieta, dirigida ao Papa Leão XIII pelo Episcopado Brasileiro.*

Pelo socio sr. dr. Eduardo da Silva Prado: *Apreciações* a respeito de um documento original de fr. Manoel da Resurreição, em que relata ao governo de d. Maria II, de Portugal, o estado da diocese de São Paulo, em 1777.

Pela commissão da Historia Geral do Brasil: *Parecer* sobre o trabalho; *Ilha da Trindade*, do sr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo; *Parecer* sobre o trabalho; *Expulsão dos jesuitas de S. Paulo*, do socio sr. dr. Antonio Piza.

Pela commissão de Geographia Geral do Brasil: *Parecer* sobre o trabalho: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul*, do socio sr. dr. Orville Derby.

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

No correr do anno foram offerecidos alguns objectos e numero regular de obras, tendo assim augmentado o fundo da bibliotheca e do archivo, o qual consta do respectivo catalogo a este annexo.

SOCIOS

Com o fallecimento do sr. dr. Carlos Daniel Rath, perdeu o Instituto, no presente anno, um dos seus dignos socios fundadores; o passamento deu-se nesta capital a 28 de setembro proximo passado.

Nos annexos encontrareis a relação geral dos membros do Instituto.

REVISTA

O volume 3.º da *Revista do Instituto*, referente ao

corrente anno, está no prelo e brevemente será distribuido.

FINANÇAS

Em annexos vão os balancetes da Receita e Despeza do Instituto, nos trimestres decorridos de 1 de janeiro a 30 de setembro deste anno; o saldo existente nesta data é de 3:459$700, como verificareis.

O balancete do ultimo trimestre de 1897, foi publicado no 2.º volume da *Revista*.

O Congresso Legislativo do Estado, manteve a verba de 6.000$000 com que ha dois annos é auxiliado o Instituto, consignando-a na lei do orçamento para o anno vindouro.

A Directoria, em nome do Instituto, julga do seu dever manifestar aqui um voto de agradecimento áquella patriotica corporação politica do Estado.

CONCLUSÃO

Eis o que á Directoria occorre relatar-vos; si de outros esclarecimentos precisardes, está ella prompta a vol-os dar.

S. Paulo, 20 de outubro de 1898.

Dr. M. A. Duarte de Azevedo,
Presidente.

Dr. A. C. de Miranda Azevedo,
Vice-presidente.

Carlos Reis,
Primeiro secretario.

Alexandre Riedel,
Segundo secretario.

Dr. Domingos Jaguaribe,
Thesoureiro,

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, no trimestre decorrido de 1.º de janeiro a 31 de março de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 31 de dezembro de 1897. . . .		6:753$480
Joia e annuidades dos quatro seguintes socios: dr. Bernardino de Campos, dr. Antonio Augusto Gomes Nogeira, José Gomes dos Santos Guimarães e dr. Aristitides Salles.		296$000
Annuidade dos vinte e tres socios constantes da Relação annexa, sendo:		
Recebida directamente pelo Thesoureiro..	168$000	
Idem por intermedio do cobrador.	408$000	576$000
Auxilio concedido pelo Congresso Legislativo do Estado para o corrente anno. .		6:000$000
		13:625$480

DESPEZA

Aluguel das salas onde funcciona o Instituto (largo da Sé n. 2), inclusive illuminação das mesmas, relativo aos mezes de janeiro, fevereiro e março.		870$000
Gratificação ao zelador, relativa aos ditos tres mezes.. . .		90$000
Encadernação de 172 volumes de obras diversas, a 5$ 00 cada volume.	860$000	
Encadernação de tres mezes do *Diario Official*, em um volume.	10$000	870$000
Importancia de cabides, taboleta a oleo para a porta, ditas impressas e quadros para a mesma, impressos e objectos para o serviço da secretaria e despeza com o expediente durante o trimestre.		137$500
Pago por conta da impressão do 2.º volume da *Revista do Instituto*.		1:300$000
Porcentagem ao cobrador sobre a importancia de 408$000 que cobrou. . .		40$800
		3:308$300

RESUMO

Importancia da Receita. . .	13:625$480	
Idem da despeza..	3:308$300	
Saldo nesta data. .		10:317$180

Sendo:		
Depositado no Banco de Credito Real de S. Paulo, em conta corrente..	10:161$380	
Dinheiro em mão do Thesoureiro.	155$800	
Somma. . . .		10:317$180

S. Paulo, 31 de março de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,
Dr Domingos Jaguaribe.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, no trimestre decorrido de 1.º de abril a 30 de junho de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 31 de (janeiro) digo março.	10:317$180
Joia e annuidade de seis socios constantes da relação annexa.	444$000
Annuidad de 11 socios idem..	288$000
Juros nesta data em favor do Instituto pelo dinheiro em conta corrente no Banco de Credito Real de S. Paulo. .	118$320
	11:167$500

DESPEZA

Pago pela impressão lithographica de gravura e plantas para o 2.º volume da *Revista do Instituto*.	1:100$000
Idem por saldo da impressão lythographica do mesmo segundo volume da *Revista*.	1:724$800
Idem por annuncios para os livros da bibliotheca, tabiques de divisão, etc. . .	1:600$000
Idem por encadernação de livros. . . .	410$000
Idem pelo alugel das salas onde funcciona o Instituto e illuminação das mesmas, nos mezes de abril, maio e junho.	930$000
Idem ao zelador do Instituto, sua gratificação dos mezes de abril, maio e junho.	90$000
Idem por aluguel de cadeiras para a sessão magna de 20 de maio.. . . .	25$000
Pago ao cobrador, porcentagem sobre a cobrança que effectuou no trimestre. .	51$200
Idem por cartas circulares e impressos. .	25$000
Idem por lavagem das salas e vidraças, despezas com a sessão de 20 de maio, com o expediente e outras durante o trimestre.	77$000
	6:033$000

RESUMO

Importancia da receita. . .	11:167$500	
Idem da despeza.	5.033$000	
Saldo nesta data. . .		5:134$500

Sendo:

Depositado em conta corrente no Banco Credito Real de S. Paulo..	5:080$700	
Dinheiro em mão do Thesoureiro do Instituto..	53$800	
Somma. . . .		5:134$500

S. Paulo, 30 de junho de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,
Dr. Domingos Jaguaribe.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no trimestre de 1.º de julho a 30 de setembro de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 30 de junho.	5:134$500
Joia e annuidade de oito socios constantes da relação annexa..	592$000
Annuidade de 12 socios, idem.	336$000
	6:062$500

DESPEZA

Porcentagem paga ao cobrador.	65$800
Pago a Caetano Apostolico, pelos serviços com a demolição de uma parede, estrado, tribuna, etc..	468$000
Aluguel da casa e illuminação nos mezes de julho, agosto e setembro.	930$000
A transportar. . .	1.463$800

Transporte. . . .	1:463$800
Gratificação ao zelador nos ditos tres mezes.	90$000
Pago por conta da impressão do 3.º volume da *Revista do Instituto*.	1:000$000
Lavagem da casa, aluguel de um carro e despezas com o expediente durante o trimestre.	49$000
	2:602$800

RESUMO

Importancia da Receita. . .	6:662$500	
Idem da despeza..	2·602$800	
Saldo nesta data. . .		3:495$700
Sendo:		
Depositada em conta corrente no Banco de Credito Real de S. Paulo.	3:339$400	
Dinheiro em mão do Thesoureiro.	120$300	3.459$700

S. Paulo, 6 de outubro de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,

DR. DOMINGOS JAGUARIBE.

SECÇÃO DE NUMISMATICA

MOEDAS E MEDALHAS

Supplemento ao Catalogo primitivo, pelo socio fundador

E. HOLLENDER

AUSTRIA

16 1885 1 groschen, Scheide munge, cobre.
17 1759 Maria Theresa, idem.
18 1861 4 groschen (Bohemia), idem.

FRANÇA

33 1866 Napoleão III, prata, um franco.
34 1862 Idem, cobre, cinco centimos, coroado.

RUSSIA

6 1866 Cobre, 2 kopecks.

ITALIA

7 1867 Victor Emmanuel, cobre, 10 centesimi.
8 1861 Idem, idem, 5 idem.
9 1861 Idem, idem, 2 idem.
10 1822 Reino Lombardo Veneto, cobre, 5 idem.
11 1834 Idem, idem, 1 idem.

BAVARIA — ALLEMANHA

27 1893 Cobre, Cidade de Aix La Chapelle XII, Heller.

SICILIA

4 1792 Fernando IV, Rei de Sicilia, 9 centimos

SUECIA E NORUEGA

12 1 ore key corôas, cobre.
13 1861 1 meio skilling com speka, idem.

MAROCCO

1 1871 1 Tti, cobre, moderna.

HESPANHA

50 1828 Ferdinand VII, prata, 2 reaes.
51 1820 Idem, idem, idem.
52 1827 Idem, idem, idem.
53 1806 Carolus IV, idem, idem.
54 1807 Idem, idem, idem.
55 1799 Idem, idem, idem.
56 1777 Idem, idem, idem.
57 1811 Joseph Napoleão, idem, idem.
58 1812 Idem, idem, idem.
59 1798 Carolus IV, cobre, 4 idem.
60 1624 Philippus IV, idem, 8 idem, rarissimo.
61 1624 Idem, idem, idem, estragado.
62 1624 Idem, idem, idem, 8 VIII.
63 1824 Idem, idem, idem.
64 1632 Philippe V, idem, com escudo, 2 idem.
65 1632 Idem, P. V, idem, R. X. L.
66 1632 Philippe III, P. V., com o leão.
67 1632 Fernando *O Catholico.*

BOLIVIA

3 1830 Bolivar, 4 soldos, prata, livre pela Constituição.

PARAGUAY

6 1870 Cobre, 4 centesimos.
7 1867 Medalha de cobre, 21 de outubro de 1867.
8 El mariscal Lopes, A los valientes de Tatayra, com lanceiro no centro. Accompanha essa medalha a respectiva fita amarella e amarantho.

REPUBLICA ARGENTINA

16 1830 Cobre, um centavo, Libertad.
17 1854 Idem, idem, Banco Thesouro Nacional.

PORTUGAL

12 1865 Ludovicus I, Portugal et Algarve, 20 réis, cobre.
13 1863 Maria II, idem, V idem, idem.
14 1878 Ludovicus I, idem, idem, idem.
15 1884 Luiz I, idem, X. idem, idem.
16 1882 Idem, idem, V idem, idem.

ROMA

8 Marc Aurelio, S. C. sede curula, bronze.
9 Constantino, S. A. R., Janus.
10 ..... attribuido a Constantino.
11 Constantinus. Duas figuras armadas no verso.

INGLATERRA

11 1817 Georges III, prata, um shilling.
12 1797 Idem, cobre, imitação da Spade Guinea.

13 1838 Victoria Regina, prata, um shilling.
14 1860 Idem, cobre, um farthing.
15 1897 Medalha de Jubileu, medalha offerecida pelos ministros.
16 1897 Idem metal branco.
17 1897 Idem do Jubileu, India.
18 1897 Idem idem, Canadá.
19 1897 Idem idem, Nova Zelandia.
20 1897 Idem idem, offerecido pelos bispos inglezes, metal branco.
21 1858 Victoria Regina, prata, six pence.

BRASIL

1749 Johannes V, prata, 320, dois florões ao verso, Sign. Nata. Subq. Stab, Sphera armillar com R.
1751 Josephus I, Deo Gr. Rex Brasi, prata, 520 dois florões R.
1768 Josephus I, 160 réis, 3 florões, prata escudo corôa e sphera armillar.
1820 Johannes VI, X. L., cobre.
1821 Idem, 1822, L*X*X*X* R., ao verso esphera armillar e escudo portuguez.
1821 Idem, *X* R., mesma observação.
1799 Maria I, escudo e corôa, cobre, no verso sphera armillar, V réis.
1820 Joanos VI, *XL*, R., cobre, recunhada no tempo de Pedro I, com o cunho de 20 réis, esphera armillar coberta com escudo, presente do socio sr. Piza.
1826 Pedro I, 20 réis, cobre, recunhado a 10 réis no verso as armas do Imperio.
1871 Medalha cunhada pela maçonuaria brasileira e offerecido ao presidente do Con-

selho de ministros visconde do Rio Branco, Lei n. 2.040 de 28 de setembro de 1871, conhecida sob o nome de Lei do Ventre livre, Grande Oriente do Brasil, Val.·. do Lavradio, Raro Especimen, gravado por Carneiro na Casa da Moeda.

1886 Nickel de 50 réis, Imperio do Brasil, Armas do Reino.

General Couto de Magalhães

NECROLOGIA

GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

A 14 de setembro falleceu quasi repentinamente no Rio de Janeiro, no hotel da Vista Alegre, o general Couto de Magalhães, uma das figuras mais originaes da sociedade brasileira.

Reproduzimos os dados biographicos que publicamos em novembro de 1887, (1) no *Brasil Contemporaneo*, completando-os com os ultimos factos da vida do illustre compatriota.

Bem que não fosse paulista e não pertencesse ao Instituto, o general Couto de Magalhães estava tão ligado e amava tanto S. Paulo, como o mais genuino paulista, podendo mesmo ser considerado o ultimo dos *bandeirantes*, por suas viagens e explorações pelo sertão brasileiro. Quanto ao facto de não figurar no quadro de nossos consocios, é um desses phenomenos curiosos que se observa em nosso meio social; pois ninguem mais presava que elle, o estudo de nossa historia e a investigação de nossas cousas. Para corrigir essa falha, ultimamente varios consocios, já tinham acordado em propor os nomes de Couto de Magalhães e de João Mendes de Almeida, para o quadro de socios honorarios do Instituto. A morte de ambos, veiu impedir a sua realização; prestamos, portanto, a devida homenagem a um e a outro, dando as suas biographias.

---

(1) *Brasil Contemporaneo*, n. 34.

*
* *

A provincia de Minas Geraes tem sido o berço de grande numero de brasileiros illustres, nos diversos ramos do saber humano; sciencias, lettras e artes são cultivadas com muito amor e proveito pelos mineiros desde os tempos coloniaes do Brasil. Entre os varões notaveis desta provincia, destaca-se a physionomia original e distincta do dr. José Vieira Couto de Magalhães, que acaba de completar 50 annos. Nasceu elle a 1.º de novembro de 1836, na cidade da Diamantina, tendo por pae o capitão Antonio Carlos de Magallhães e por mãe d. Thereza do Prado Vieira Couto.

E' de origem paulista a familia do general Couto de Magalhães, pois na linha directa de seus ascendentes conta o nome do mestre de campo (1), Thomé Antunes de Couto, que foi enviado de Portugal em commissão scientifica e militar para esta provincia. Aqui estabeleceu-se, constituiu familia e só mais tarde no desempenho de seu cargo na demarcação de terras, passou-se para a provincia de Minas Geraes.

Foi Thomé do Couto avô do naturalista brasileiro José Vieira Couto, que tornou seu nome conhecido e considerado entre os sabios europeus da sua época.

A lei da hereditariedade das aptidões intellectuaes, e predilecções scientificas e sociaes, tem mais uma confirmação na individualidade do general Couto de Magalhães. O gosto decidido que tem pelas viagens e explorações, herdou dos seus antepassados, o grande navegante portuguez Magalhães, assim como o amor pelo estudo das sciencias astronomicas e naturaes recebeu de ponto mais proximo, qual seu avô dr. José Vieira Couto.

Para S. Paulo veiu o jovem Couto de Magalhães concluir seus estudos de preparatorias, matriculou-se no curso juridico, completou o tirocinio academico em 1859 e defendeu theses para doutoramento em 1860.

Ao tempo que estudava as materias da academia, occupava-se tambem com as lettras e conquistou o nome

(1) Este posto corresponde á graduação de brigadeiro.

de bom litterato entre os collegas. Na imprensa appareceu frequentemente, sempre com brilho; e o volume que publicou em 1860, *Os Guayanazes*, confirmou a reputação adquirida. Demos a palavra, a elle proprio, para os traços de sua vida academica é a carta prologo dirigida a seu amigo o conselheiro Homem de Mello.

«Este pequeno conto *(Os Guayanazes)* é, como tudo o que tenho escripto, feito aos trambulhões e ás carreiras. Lembras-te ainda de aquelle nosso bom tempo de saudosa memoria da rua da Forca? Formavamos um grupo engraçado e comico, sobretudo quando nos reuniamos na sala de jantar. O Ferreira Dias palpitava de enthusiasmo lendo o Lamartine; V. estudava historia patria como um fanatico, gesticulava repetindo os energicos discursos fervorosos da época da independencia, eu passeava de um lado para outro, com uma gravidade tudesca, estudando o allemão. Eramos tres enthusiastas fardados diversamente. Nossa vida era então um agitar constante: ora escreviamos artigos de politica, ora discutiamos, ora corriamos apressados para as aulas, passeavamos, faziamos gymnastica, jogavamos espada, liamos poesias, exercitavamo nos na conversação franceza... era um constante agitar. Pois bem; assim como foi a nossa vida de caloiros, continuou a minha, com a differença — a confusão e o labiryntho não já eram tão alegres, mas era sempre — tanto ou mais, tão complicado.

«Foi no meio desse remoinhar que eu escrevi o opusculo intitulado: *Destino das lettras no Brasil*, que escrevi os *Traços biographicos sobre os poétas academicos* e outras coisas que estão ineditas. Nas ferias de 1858 a 1859 deu-me a veneta de escrever romances. Eu estudava então o portuguez e assentei de escrever um pequeno ensaio em estylo quinhentista, foi o conto *O estudante e os monges* que publiquei na *Revista Academica;* conclui aquelle original typo que havia começado quando moravamos junctos, isto é, o *Dr. Calmírú* e escrevi o que agora publico.»

Despretencioso, é comtudo, o conto alludido, um trabalho de merecimento; pena é que o autor não pro-

duzisse nesse sentido outros escriptos, e seguisse outra vereda na vida.

o o o

Cedo começou o dr. José Vieira Couto de Magalhães a carreira publica; logo depois de formado em 1860 foi como secretario da provincia de Minas, auxiliar a administração do conselheiro Vicente Pires da Motta. Desde então revelou as qualidades e tino, que assignalaram sua passagem em outras provincias, como presidente que foi da de Goyaz, de 1862 a 1863 e da do Pará de 1864 a 1865.

Em 1873 foi nomeado presidente de Minas Geraes, mas não tomou posse do logar.

Em 1865, quando os paraguayos assolavam a provincia de Matto Grosso, e era difficil a empreza de administral-a, o governo lembrou-se em boa hora do dr. José Vieira Couto de Magalhães, que acceitou a patriotica missão de libertar o solo patria da invasão inimiga. Nomeado com poderes especiaes, além das prerogativas de presidente, tinha a autoridade de general em chefe, e de presidente da juncta suprema militar de justiça. E com tal energia, actividade e acerto se houve que conseguiu organisar as forças, creando o batalhão de voluntarios, bater o inimigo, e dar a paz á provincia de Matto Grosso que ainda hoje recorda com gratidão os beneficios de sua administracão. Deu disso testemunho a camara municipal de Cuyabá, que mandou gravar o retrato do benemerito brasileiro, com uma legenda que commemora seus feitos, para adornar a sala onde celebra suas sessões. Além da guerra teve que luctar a administração do general Couto de Magalhães com a terrivel epidemia da varióla, que causou tanto mal, quasi como a invasão paraguaya, e arcar com a fome, socia inseparavel daquelles males. Até 1867 permaneceu na presidencia de Matto Grosso e póde-se affirmar que não poupou nem esforço pessoal, nem recurso que pudesse crear pela sua posição official, para soccorrer a população flagellada. No meio de tanta perturbação, a tempera rigida, e a calma do

general Couto de Magalhães, foram sempre inalteraveis; attendeu outros ramos de administração e tanto quanto possivel deixou em bôas condições a provincia de Matto Grrosso.

A sua vida politica ainda conta as deputações por Goyaz e Matto Grosso, em diversas legislaturas; e mais longa seria se não tivesse elle tido contrariedades em 1870, época em que procurou dirigir sua actividade para outras questões.

o o o

A physionomia industrial e financeira accentuou-se; o general Couto de Magalhães mostrou a mesma intelligencia e energia na organisação de varias emprezas, que desenvolvera na alta administração politica ou na dedicação estudiosa de um assumpto scientifico ou litterario.

As navegações dos rios Araguaya, Marajó e Tocantins exprimem uma somma enorme de esforços e de luctas que teriam feito succumbir qualquer outro de tempera menos rija. Conseguiu o general Couto de Magalhães ver o successo de todas essas emprezas e mais a da navegação do Amazonas até Maues.

Uma vez lançado no campo industrial não parou sua ambição, e nesse genero obra de maior vulto é a actual *Minas and Rio Railway C.º*, vulgarmente conhecida por estrada de ferro do Rio Verde.

Longos annos de trabalho assiduo, de decepções e despezas, empregou o general Couto de Magalhães para organisar a companhia, e obter os capitaes necessarios para a primeira linha ferrea do Sul de Minas.

Não é aqui o logar proprio para discutir as vantagens economicas dessa linha, mas é forçoso confessar que se não fôsse sua pertinacia, ainda hoje seriam quasi inaccessiveis as estações de Caxambú, Contendas e Lambary, de sorte que a humanidade soffredora, só com muita difficuldade poderia aproveitar os recursos enormes dessas beneficas aguas medicinaes.

Se no Brasil houvesse opinião publica, a população

sul-mineira deveria ter o general Couto de Magalhães, como seu representante effectivo no parlamento nacional; nada mais faria do que pagar-lhe uma dívida de gratidão.

Póde-se dizer que a linha do Rio Verde abriu caminho facil para a civilisação e o progresso penetrarem na zona sul-mineira.

Não descansou, porém, o general Couto de Magalhes; voltando da Europa, onde dedicara-se a serios estudos scientificos na Inglaterra, fixou residencia nesta cidade, onde tem prestado relevantes serviços á causa publica e especialmente ao desenvolvimento paulista.

Foi socio fundador e presidente effectivo da *Sociedade de Immigração de S. Paulo*, durante um anno. Nesse periodo a vida da associação foi gloriosa, e de tal maneira procedeu que chamou a attenção do povo e iniciou muitas idéas que foram levadas ao terreno da pratica ou ao seio do parlamento. Infelizmente o estado de sua saude não permittiu continuar na presidencia, e com sua retirada, extinguiu-se por assim dizer a vida da sociedade.

Como membro da commissão organisadora do plano de estudos para o Instituto commemorativo do Ypiranga, consta-nos, que tem tambem o general Couto de Magalhães contribuido, com valioso contingente, e tem delineado um bom plano de estudos scientificos e praticos para serem alli executados.

Ultimamente ainda presenciaram todos o modo energico e digno com que se houve na questão da estrada de ferro do Norte, conseguindo levantar o credito dessa empreza pelas medidas acertadas que propôz e que foram acceitas pela assembléa geral de accionistas, a despeito da guerra que lhe moveram interesses particulares.

* * *

A feição, porém, que nos é mais sympathica, é a do escriptor nacional, que traçou dois trabalhos preciosos. A memoria sobre a *Revolução de Minas em 1720, e execução de Felippe dos Santos*, e o seu livro:

O Selvagem. Naquella o distincto historiador arranca do esquecimento, e liberta do anathema da historia official um dos mais interessantes episodios de nosso passado e assignala o primeiro movimento revolucionario e origem de nossa independencia politica

Infelizmente é *O Selvagem* menos conhecido entre nós que na Europa; lá foi traduzido para as linguas franceza, allemã e ingleza, e é tido em alta consideração pelos sabios. O illustre professor Gubernatis fez em italiano um longo resumo, e tece-lhe os maiores encomios.

No *Selvagem*, o general Couto de Magalhães ostenta-se um erudito de fina agua e philantropo dos mais acrysolados. Estudando a lingua *tupi* discute com admiravel criterio as mais difficeis questões de linguistica, e sustenta com bôas razões, a maior antiguidade do tupi que o sanskrito. Dá a morphologia desse idioma, analysa-lhe as bellezas e riqueza, e registra-lhes as lendas, prestando um enorme serviço nesse ponto. Discutindo os costumes, religião e origem do indigena brasileiro, traz para a anthropologia, valiosos dados e factos novos de um interesse extraordinario pois assim deve-se reputar tudo que nos narra o illustre viajante, do que observou entre os costumes e instituições dos *Cahyapós*, *Guatós* e *Chambioás*. As descripções topographicas, botanicas e geologicas, são contribuições reaes para o estudo physico das regiões percorridas pelo general Couto de Magalhães.

Agora, deixando o sabio, vejamos o philantropo.

Advoga com uma tal eloquencia e nobreza de sentimentos a causa do aproveitamento do indigena para o paiz e para a civilisazão que o leitor sente-se logo ganho para o seu lado. E' baseado, porém, em solidas razões fornecidas pelas sciencias naturaes e pela philosophia das cifras que demonstra o general Couto de Magalhães as vantagens da catechese do nosso indio, e com todo o criterio apresenta o melhor meio para conseguil-o, que é o estudo da lingua tupi — o instrumento mais proprio para semelhante conquista.

Muitos outros titulos tem o benemerito brasileiro á estima de seus compatriotas, e se já não fosse longo

este artigo dariamos alguns traços para completar sua physionomia particular e typo original.

Em duas palavras: o general Couto de Magalhães é um excentrico, mas um excentrico de talento e de coração.

o o o

Como demonstração de quanto preoccupava-se pela sorte do nosso primeiro possuidor do solo, damos a seguinte carta, que poucos dias antes de fallecer escreveu do Rio de Janeiro ao dr. Peixoto Gomide; eis o trecho transcripto das *Notas e informações* da *Provincia de S. Paulo*, de 15 de setembro:

«No dia 1 de agosto deste anno, o general Couto de Magalhães, que hontem morreu no Rio, escreveu ao dr. Peixoto Gomide a seguinte carta:

«Com a idade que tenho poderei viver, quando muito, mais 10 annos, e desejo consagral-os aos aborigenes de S. Paulo, de quem descendo. Conversando com o dr. Bueno de Andrada, que tambem delles descende, disse-lhe que acceitaria o cargo geral, não remunerado, de director dos indios de S. Paulo, se pudesse contar com o apoio de v. exa., mesmo depois de sair da presidencia, para prestarmos a S. Paulo o grande serviço de estudar as linguas, as tribus, as terras que possuem, a religião que seguem e a vida que levam os verdadeiros proprietarios da terra paulista.

Sou hoje no Brasil um dos poucos que conhecem linguas selvagens do Brasil; o meu curso da lingua tupi está traduzido em francez, italiano, allemão, inglez e em russo, sou citado nas obras modernas em inglez, allemão, francez e entre outras no volume 1º da Geographia Universal de *Reclus*, por causa de meus trabalhos em relação ás raças selvagens de nossa terra, e desejo concluil-os antes de morrer.

Quer v. exa. metter o seu hombro forte para ajudarme neste serviço á nossa terra?— De v. exa. collega e amantissimo velho, *J. V. Couto de Magalhães.*

A mesma nota se observa sempre em quasi todos os seus escriptos acerca de assumptos nacionaes.

Tratando-se de discutir o modo de celebrar a descoberta do Brasil, no projecto apresentado ao Instituto do Rio de Janeiro, e publicado no *Jornal do Commercio*, bem se vê essa preòccupação.

O patriotismo anima-o no plano que propõe para essa commemoração, e igual sentimento o domina no artigo que escreveu sobre a questão do Amapá.

o ° o

Completaremos agora a noticia do seu ultimo periodo de homem publico.

Com a subida ao poder do partido liberal em 1889, foi o general Couto de Magalhães nomeado presidente de S. Paulo, e nesse cargo encontrou-o a revolução a 15 de novembro. Preoccupado com a senha eleitoral do gabinete de 7 de junho, de derrotar os republicanos, nada poude fazer o administrador em beneficio da provincia, onde alias contava amigos e sympathias entre todos os partidos.

Ao chegarem as primeiras noticias da revolução, reuniu o general Couto de Magalhães seus amigos politicos em Palacio, e tratou de ver os elementos de resistencia. O unico telegramma de que teve conhecimento, foi o do *London Bonk*, que lacònicamente dizia: *fòrças de terra e mar revoltadas, Ladarìo ferido.* Não contando com força, manteve-se em prudente e reservada attitude.

A' commissão enviada pelos republicanos, composta dos drs. Luiz Pereiro Barreto e Miranda Acevedo; assegurou que *conservaria a fòrça policial no quartel para evitar conflictos, mas desejava saber se os republicanos se compromettiam a manter a ordem e assegurar as propriedades.*

Disse que não recebera communicação alguma official, mas estava prompto a entregar o poder, logo que se verificosse o triumpho republicano.

De facto, no dia 16, ao entrarem em palacio os dois membros do governo revolucionario, os drs. Prudente

de Moraes e Rangel Pestana, foram recebidos cortezmente pelo general Couto de Magalhães e seus amigos. E gentileza por gentilleza, offereceram elles, *bouquets* aos representantes do poder imperial, que sahiram entre alas do povo, que calmo os saudava.

E o politico militante, que estava proximo a fazer parte do Senado, como representante de Matto Grosso, retirou-se da arena do combate, voltando-se para a vida industrial e financeira. Conservando-se fiel as suas crenças monarchicas, auxiliou com sua intelligencia e com seus capitaes todas as manifestações legaes ou revolucionarias de seus correligionarios. Durante a revolta da armada, acudiu ao apello de Saldanha da Gama, dahi resultou a sua prisão, por ordem do marechal Floriano Peixoto.

Tudo isto, porém, abateu-lhe o moral e o physico, abalando-lhe profundamente a saude.

Conseguiu triumphar do mal, mas já não era o mesmo homem.

Muito ainda podia fazer pela patria no terreno dos grandes emprehendimentos industriaes e no dominio das lettras; a morte veio interrompel-o quando projectava completar e publicar seus estudos de linguistica brasileira; oxalá não desappareçam os materies que deixou reunidos.

Nenhum monumento mais digno de seu nome, nem melhor garantidor de sua gloria, podem seus herdeiros e amigos elevar, que a publicação de suas obras.

Eis o voto que sinceramente formula quem o conheceu e se honrou tambem de ser seu amigo,

MIRANDA AZEVEDO.

Dr. João Mendes de Almeida

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA

A 16 de outubro, a população de S. Paulo era sorprehendida pela noticia do fallecimento do venerando dr. João Mendes de Almeida, que se não era paulista de nascimento, adoptou esta terra como sua, aqui constituiu familia illustre e aqui produziu o melhor de sua intelligencia e gastou o mais vivo de sua energia.

Era um luctador respeitavel pela firmeza de sua lealdade e pela coherencia e ardor com que defendia suas crenças.

Intransigente até a rudez no tocante as suas opiniões religiosas e politicas, mantinha firme a disciplina de seus partidarios, não trepidando até a reprimenda aspera e o castigo publico, quando julgava-os dissidentes de seu Syllabus.

E' bem conhecida a sua parte na historia politica do imperio e especialmente em S. Paulo; as paixões ainda estão ardentes para escrever-se com calma a sua biographia, que alias, o farão outros mais competentes.

Prestando homenagem a memoria do illustre varão, publicamos os traços biographicos, que poderão fornecer material ao trabalho futuro. Garantimos a fidelidade de suas datas e informações, pois foram-nos ministrados ha tempo pelo proprio dr. João Mendes de Almeida, para um trabalho que ainda esperamos realizar.

O dr. João Mendes de Almeida, nasceu na ainda então villa, hoje cidade de Caxias, provincia de Maranhão, aos 22 de maio de 1831. Filho de Fernando Mendes de Almeida, capitão de milicias, negociante na mesma villa de Caxias, natural de Fornotilheiro, provincia

da Beira Baixa, em Portugal; e de sua mulher d. Esmeria Alves de Souza, natural da villa do Brejo, provincia do Maranhão.

Quando os rebeldes, em 1839, por occasião da revolta denominada *Balaiada*, entraram na cidade de Caixias, João Mendes de Almeida, que apenas tinha oito annos, teve de acompanhar seu pae, que com outros chefes conservadores tinha sido preso, até a povoação denominada Coroatá. Debellada a rebellião, a familia voltou a Caxias. Tendo fallecido seu pae em 1840, mandaram-no para a capital do Maranhão, onde cursou humanidades, como interno em um collegio, desde 1842 até 1846. Em 1847, houve duvida, se elle deveria cursar a Escola Militar, para ser engenheiro, ou se era preferivel ir para Olinda, afim de formar-se em Direito. Prevaleceu este ultimo alvitre. Em 1851, antes de fazer o acto do quinto anno para tomar o gráo de bacharel, viu-se envolvido em um processo academico. Para o excluirem do processo, impunham-lhe como condição dar uma satisfacção pela imprensa; recusou-se a isso, preferindo as consequencias do processo. Condemnado á suspensão do acto por seis annos, não quiz o director da Academia, o visconde de Goyanna, conformar-se com a decisão da Congregação dos lentes, recorreu *ex-officio* para o Conselho do Estado e adduziu razões que patenteavam a injustiça do julgado. Em 1852, o Conselho do Estado, bem pezando aquellas razões do director da Academia, proferiu sentença de absolvição.

Não obstante, ainda João Mendes de Almeida, não estava livre das perseguições academicas. No fim de 1852, transportando-se á cidade de S. Paulo, para fazer o acto e tomar o gráo, se approvado fosse, foi obstado de o fazer, em virtude de um aviso do ministerio do imperio, ordenando ao director que qualquer providencia para o acto fosse suspensa, até que João Mendes de Almeida e mais dois outros estudantes se mostrassem livres do processo criminal, contra elles instaurado no termo de Olinda, por tentativa de morte contra o lente dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque. Voltou, pois, para Pernambuco e recorreu da in-

justa pronuncia para um dos juizes de direito, o dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, depois senador e conselheiro de Estado. Daquelle magistrado obteve o provimento, ainda com o accrescimo da responsabilidade do juiz municipal e da ordem para o desentranhamento de peças dos autos afim de serem processados os que, havendo jurado de modo favoravel no processo academico, todavia não duvidaram perjurar o processo criminal.

Desembaraçado da tal famosa culpa e com folha corrida, regressou de Pernambuco para S. Paulo. Surgiu, porém, outra cômplicação, disseram-lhe que escolhesse entre adiar o acto para o fim do anno ou ser reprovado, visto que escapára dos dois processos, pela absolvição em um, pela despronuncia em outro! Recusou-se a adiar o acto, preferiu a reprovação, e no mesmo dia em que o reprovaram, matriculou se de novo no quinto anno, de sorte que, só no fim de 1853, conseguiu tomar o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

* * *

Em 1854, foi nomeado e tomou posse do cargo de juiz municipal de Jundiahy, provincia de S. Paulo. Em 1855 assumiu interinamente a vara de juiz de direito da capital dessa provincia; e, nesse mesmo anno, alliou-se com uma das primeiras e mais consideradas familias dessa cidade, por effeito do casamento com d. Anna Rita Fortes Leite Lobo, filha de Francisco José Leite Lobo, portuguez, capitão que foi do batalhão de voluntarios da rainha d. Maria II, e neta do brigadeiro Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, commandante da guarda de honra do imperador Pedro I.

O dr. João Mendes de Almeida, porém, não era uma alma talhada para a vida serena do magistrado; o seu temperamento, os revezes por que passára desde a infancia, tudo impelliu-o para uma vida de luctas; deixou a magistratura para entregar-se á politica e á advocacia. Em 1856, tinha sido eleito supplente de deputado á Assembléa Geral Legislativa, pelo sexto districto da

provincia do Maranhão, e por isso a politica mas o attrahio. Todavia, só em fevereiro de 1858, requereu e obteve a demissão do cargo de juiz municipal e de orphams do termo de Jundiahy. Em 7 de setembro de 1857, já elle havia fundado, na capital de S. Paulo, o periodico *A Lei*, orgam conservador.

Em 1860, tomou assento na Camara dos Deputados, como representante da provincia do Maranhão. Em 1861, affastando-se um tanto da vida jornalistica, entregou-se mais aos trabalhos da advocacia: entretanto, até 1868, sustentou a correspondencia politica de S. Paulo para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e escreveu energicos artigos no *Diario de S. Paulo*, em defeza das idéas conservadoras. Desde então começou a ser o alvo principal dos adversarios politicos, entre os quaes contavam-se homens da tempera de Carrão, José Bonifacio, Chrispiniano, Martim Francisco e outros.

Desde 1868 até 1878, sem jámais solicitar o auxilio do governo e, aliás, quasi sempre, em lucta aberta contra o mesmo, João Mendes de Almeida, foi successivamente eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa pela provincia de S. Paulo, occupou posição saliente no Parlamento brasileiro, até 1877. Todos se admiravam da actividade desse homem que, sem faltar aos deveres do seu frequentado escriptorio de advogodo, dispunha de tempo para o jornalismo e para uma lucta eleitoral trabalhosissima.

O dr. João Mendes era um parlamentar tactico e habil, mas tinha um ponto fraco na sua forte armadura de athleta, não era orador.

Tentou vencer esta falha, mas a tribuna foi-lhe sempre ingrata; teve o criterio de reconhecer que não dispunha dos dotes da palavra, abandonou essa arena e voltou-se todo para a polemica escripta, sendo considerado um dos mais terriveis polemistas politicos.

o o o

Em 1869, fundou o periodico *Opinião Conservadora* deixando de publicar esse periodico em 1872, passou a collaborar na *Ordem*, orgam do clero de S. Paulo; e,

quando em 1876 a *Ordem* desappareceu, instituiu em 22 de abril a *Sentinella*. Nesse mesmo anno de 1876, deu-se uma das luctas eleitoraes mais memoraveis da provincia de S. Paulo: os outros chefes conservadores, reunidos no palacio do governo, organizaram uma chapa, excluindo o nome do dr. João Mendes de Almeida, e fizeram liga com o partido republicano; os liberaes, em opposição, arregimentaram-se. O dr. João Mendes de Almeida venceu todos estes obstaculos e conseguiu ser um dos deputados mais votados. Em 1878, foi outra vez reeleito; mas, a Camara dos Deputados, liberal em sua maioria, apezar do insuspeito parecer da commissão de verificação de poderes, annullou o seu diploma.

Durante esse periodo, em eleições para outros cargos, o seu nome nunca deixou de ser triumphante: entrou em duas listas para a escolha de senador, em 1871 e em 1878; foi eleito membro da Assembléa Legislativa Provincial para o biennio de 1870 e 1871, tendo sido presidente della em 1870 ; e já tinha sido eleito presidente da Camara municipal de S. Paulo, para o quatriennio de 1861-1864.

De 1881 até 1889 a lucta recrudesceu: os outros chefes conservadores já não occultavam as suas ligações com os republicanos; e, ainda assim, haviam conseguido dos chefes politicos do Rio de Janeiro um certo apoio. Em 1881, sob o regimen da eleição directa censitaria, não foi reeleito o dr. João Mendes de Almeida; mas, ninguem deixou de reconhecer a força do candidato derrotado e os poderosos elementos que foram dados aos seus adversarios. A lucta continuou, cada vez mais renhida, nas eleições de 1884 e 1886; e mais se accentuava a scisão no seio do partido conservador. Expondo a origem e as causas de uma tal divisão, já elle tinha publicado, em 1882, um pamphleto, intitulado: *Manifesto ao partido conservador*, onde era criticada a organisação que, sob o nome de *União conservadora*, era dirigida pelos que o hostilisavam. Nesse *Manifesto* ha o seguinte topico: «O partido conservador, na provincia de S. Paulo, passa por uma crise violenta... Mas, este facto tem explicação, quer no estado geral de exaltamento dos espiritos, quer sobre tudo na aproxi-

mação de um dos grupos conservadores com o partido republicano, desde muitos annos, á sombra de parentesco entre influentes de um e de outro bando. Quem acreditaria que conservadores, cujo programma é defender as instituições constitucionaes, podcriam fazer alliança com republicanos, cujo programma é destruir essas mesmas instituições? São homens de duas almas: a alliança é notoria; *os factos eleitoraes desde 1876, a affirmam; sómente cégos a não vêm.*»

* * *

Em 1887, fundou um periodico denominado *Partido Conservador;* e, em 1.º de julho de 1889, começou a publicação da *Sentinella da Monarchia*, folha diaria, cujo artigo-programma continha o seguinte paragrapho: «Estão em conflicto os dois principios antagonicos, a Monarchia e a Revolução. Acreditar que a revolução se deixará convencer ou seduzir, será illusão que custará caro aos que a tiverem. Por ora, a revolução astucia, mostra-se indecisa, ostenta certo respeito ao velho imperador. Mas, este estado de indecisão não póde ser mantido, no meio da agitação que os desertores da causa monarchica vão fomentando.» Cada artigo da *Sentinella da Monarchia* era um grito de alérta aos correligionarios; no numero de 10 de novembro, no editorial, estava a seguinte phrase: «Nunca a revolução esteve tão perto dos degráos do throno!» Cinco dias depois, a 15 de novembro, era proclamada a Republica.

No dia 17 de novembro, suspendendo a publicação da *Sentinella*, o dr. João Mendes de Almeida declarou que «a honra não lhe indicava outro caminho senão o da vida privada», porque, «com os ossos assás endurecidos para affeiçoar-se ao novo regimen, preferia guardar e manter respeitosamente a velha bandeira.» Desde então tem-se limitado aos trabalhos da sua profissão de advogado e ao estudo da lingua *tupy*, sua diversão predilecta.

Verdade é, que emquanto este solitario da monarchia, cada vez mais se isolava dos seus antigos com-

panheiros de lucta, muitos destes correram a disputar posições politicas e collocações rendosas na Republica. Poucos tem sabido mantêr uma compostura digna e patriotica, conservando uns suas crenças, outros acceitando sinceramente a nova ordem politica, mas sem genuflexões nem intrigas, e trazendo para a patria o auxilio de sua competencia em prol da mesma.

o°o

O dr. João Mendes de Almeida, distinguio-se como politico, como advogado e como litterato. Como politico manifestou sua energia e actividade na Camara dos Deputados, onde fez parte de varias commissões especiaes. Em 1870, da do projecto de interpretação do Acto Addicional á Constituição do Imperio; em 1871, da do projecto de emancipação do ventre escravo, escrevendo concorrentemente, nesse mesmo anno, durante a sessão legislativa, no *Jornal do Commercio*, os artigos assignados *A guarda constitucional*. Em 1873, trabalhou no projecto de reforma eleitoral, sobre o qual escreveu verdadeira monographia scientifica, que mereceu menções honrosas em obras e revistas européas, os elogios do sr. Aubry-Vitet, na sua obra *La vraie reforme electorale* (Paris, 1874), e os da Associação reformista de Genebra, no seu Relatorio annual sob o titulo: *Les progrés de la reforme éléctorale en 1873* (Genéve, 1874). Alludindo á sua energia na opposição, o *Globo illustrado*, do Rio de Janeiro, em 1882, e referindo-se aos acontecimentos parlamentares de 1873-1875, fazia esta apreciação: «O sr. João Mendes de Almeida, um espirito capaz de tecer uma rêde de conspirações, cercava o ministro com mil ardis de guerra»; e, em 1886, o *Paiz*, na secção *Topicos do dia*, devida á penna de Joaquim Serra, referia que José de Alencar affirmava «não conhecer homem de mais recursos na polemica do que o sr. João Mendes.»

Como advogado, era um dos mais eruditos e procurados de S. Paulo, tendo tratado das mais importantes causas que se tem debatido no fôro de S. Paulo, seu escriptorio era sempre frequentado por innumeros

clientes, e as revistas juridicas traziam quasi sempre *memoriaes* e allegações suas.

Como litterato, além dos seus excellentes artigos para a imprensa periodica e diaria, produziu obras de incontestavel merecimento, taes como; *O senado e a reforma constitucional*, opusculo de combate; *Algumas notas genealogicas*, com uma interessante parte historica e ethnographica; *A capitania de S. Vicente-São Paulo*. memoria lida perante a Sociedade de Homens de Lettras de S. Paulo; *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo* (inedito), do qual foram lidos alguns excerptos perante a mesma Sociedade; *Memoria sobre o nome America; Memoria sobre os nomes Amazonas*, *Solimoes*, *Maranhão*, *Guianna*, com referencia ao rio Amazonas; *Memoria sobre qual o chefe principal da nação Goiá-nã. na região nomeada Piratininga*, etc.

A pedido dos respectivos ministros, sem estipendio de especie alguma, elaborou o regulamento da reforma judiciaria (Dec. n. 4.824, de 22 de novembro de 1871) e o da emancipação do ventre escravo (Decr. n. 5.135 de 13 de novembro de 1872).

Era socio do *Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil*, presidente da *Sociedade dos Homens de Lettras de S. Paulo*, presidente do *Instituto dos Advogados de S. Paulo*, socio correspondente da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, etc.

Depois de proclamada a Republica, o dr. João Mendes de Almeida, não depoz a espada de combate; em todos os terrenos, por todos os meios guerreou com vigor e tatica as instituições vigentes. E as vezes que os seus antigos partidarios se approximavam das aggremiações republicanas, lá estava o clarim do dr. João Mendes, para chamal-os á ordem e concental-os ao redor da bandeira imperial.

Só a morte o venceu.

Descubramo-nos respeitosos ante o adversario cahido.

MIRANDA AZEVEDO.

FLIX FERREIRA

Ha uns trinta annos atrás, a morte de Felix Ferreira teria echoado tristemente por entre um grande numero de cultores de lettras, artistas e politicos brasileiros; agora ao transmittir o telegrapho a triste nova quasi que passou completamente despercebido o seu fallecimento. Se o *Jornal do Commercio*, não dedicasse algumas linhas ao seu collaborador, estaria de todo esquecida a individualidade do modesto e illustre polygrapho fluminense

Conhecemol-o no periodo do enthusiasmo e seu ardor do *struggle for life*, e por isso sabemos quanto valia sua illustração, epecialmente em questões de bibliographia nacional.

Pertencia Felix Ferreira a essa pleiade illustre, e notavel de talentos de primeira ordem que distinguiam-se pelo amor ardente ao culto das lettras, que viveu e animou á sociedade fluminense de 1864 a 1878.

Companheiro e convivendo com Manoel Major, Joaquim Garcia Pires de Almeida, Verissimo do Bom Successo, Ferreira das Neves, Leitão Junior, Tupaberaba, Mello Moraes Filho, Pires de Almeida, Coaracy, Gratulino Coelho, Zaluar, Macedo, Anastacio do Bom Successo, Machado de Assis, Bellegarde, Luiz Guimarães, e o proprio José de Alencar.

Felix Ferreira foi assiduo collaborador de quasi todas as revistas e jornaes dessa época, tendo sido mesmo o fundador de algumas que tiveram vida ephemera mas gloriosa; como a *Ideia*.

A sua indole calma collocava-o entre os conservadores, mas nunca se deixou enthusiasmar pela politica militante, nem mesmo quando auxiliar de José de Alencar no seu *Dezeseis de Julho*.

Escreveu principalmente sobre educação, ensino profissional, e critica de bellas artes

Amigo dedicado de Bittencourt da Silva o benemerito fundador do *Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro*, escreveu-lhe de modo elegante e eloquente a biographia; e depois em varios outros escriptos salientou a importancia e o valor daquella instituição e dos serviços por ella prestados ao paiz, philantropicamente.

Ao theatro consagrou algumas producções de merito, e publicou um romancete interessante, *A má estrella*, que foi bem recebido pela critica de então.

Muitas poesias suas, existem nas folhas da épocha e maior é o numero das ineditas, todas de boa inspiração, correctas e cheias de lyrismo, que era a corrente dominante do meio em que vivia Felix Ferreira, um crente e catholico convicto.

Apezar de sua indole timida, manejava com graça o epigramma, e mesmo no genero de Laurindo Rebello, deixou escriptos dignos de ser conservados.

Em collaboração com outro poeta e amigo, Ferreira das Neves, chegou a publicar nesse genero um volume de poesias, bem originaes: *Poesías innocentes por dois poetas ingenuos.*

Mas não é tanto por estes e outros trabalhos de Felix Ferreira, que abrimos espaço nesta necrologia a seu nome; e sobretudo pela alta competencia que tinha sobre estudos brasileiros e especialmente sobre bibliographia nacional.

o°o

Muito jovem fora empregado na Bibliotheca Nacional, e ahi formou o seu gosto pelo estudo bibliographico brasileiro.

Modesto e retrahido, quasi que só os amigos sabiam do valor de sua erudicção nesta especialidade; e ainda mais limitado era o numero a quem confiava o manuscripto precioso que modestamente intitulava: *Ensaio de uma bibliographia brasileira.*

Devemos a sua amizade o conhecimento desse trabalho, e podemos affirmal-o, delle e desse tempo (1869)

data o nosso amor a esse estudo. Já era o manuscripto, nessa época um opulento repositorio de informações, que annos depois, vimos mais completo e avolumado. O velho editor B. L. Garnier, chegou a entrar em negociações para publicar essa obra; recuou ante o temor de não encontrar prompta remuneração commercial para o livro, embora Felix Ferreira se contentasse em ter como direito de autor só,—*a publicação do trabalho e alguns poucos exemplares para distribuir a amigos*!

Nunca deixou Felix Ferreira a sua paixão; e quando a Bibliotheca Nacional, fez a sua exposição da historia do Brasil, revelou-se critico esclarecido e competente numa serie de artigos que com o titulo *Notas bibliographicas*, publicou em um jornal fluminense; *O Cruzeiro* e depois reuniu em folheto.

Os mais illustres bibliophilos como Martins, da Biblioteca Fluminense, e Alves Carvalho o bibliomano intelligente, tinham em conta as opinões de Felix Ferreira.

Retirado ultimamente do mundo activo, viveu para a familia o para as lettras e agora finou-se, deixando com certeza manuscriptos de valor.

O Instituto Historico de S. Paulo, não póde esquecer-se desse cultor das lettras patrias, e de nossa parte, saudosos e tristes prestamos ao amigo e mestre um preito sincero.

Concluida esta peregrinação pela cidade dos mortos, formulamos em relação as obras de Felix Ferreira, os mesmos votos que pronunciamos pelas de Couto de Magalhães e Mendes de Almeida, que sejam conservadas por seus herdeiros e publicadas para gloria dos mesmos e proveito da patria.

MIRANDA AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIE BRÉSILIENNE.—*Catalogue des ouvrages Français et Latins Relatifs au Brésil*, (1500-1898). par A. L. Garraux, ex-libraire á Saint Paul,—Paris, 1898.

Já escrevemos algures, que a bibliographia é uma especialidade, que poucos cultores tem entre nós; continua a ser exacta a affimação, e nem temos esperança de que em breve periodo desappareça essa indifferença, para com uma paixão, das mais interessantes e absorvedoras, da intelligencia educada.

O Brasil é um dos poucos paizes que se prezando de civilizado, não possue até hoje uma unica associação de bibliophilos, nem conta revista ou periodico que se consagre a estudos bibliographicos. Emquanto a França, a Italia, a Belgica, os paizes do Norte da Europa e America, sustentam e animam importantes sociedades de bibliographos e bibliophilos, o proprio nome da sciencia, que tanto amaram Charles Nodier e Ferdinand Dénis, é quasi desconhecido do publico brasileiro.

E já era tempo, para que homens de merito e prestigio no nosso mundo litterario, combatessem esse prejuizo e levantassem uma cruzada para a diffusão do gosto e estudo pela arte ou sciencia dos Duclos, Brunet, Ternaux, Figaniére, Innocencio, Brito Aranha, Martins, Fournier, Osmand, Berard, Bernardes Branco, Ramiz Galvão, Valle Cabral, Capitrano de Abreu e outros.

A Academia Brasileira de Lettras, bem andaria se emprehendesse iniciar e dirigir tão nobre causa; ahi deixamos o appello sem maior competenciapara fazel-o, mas sincero e patriotico.

Não cremos que se attinja logo a perfeição da Inglaterra, onde o qualificativo de bibliomaniaco é considerado titulo de perfeição, a que os bibliophilos mais eruditos e provectos aspiram e prezam, mas ao menos poderemos ir conhecendo aquelles que se preoccupam com estas questões, e congregando elementos para futura sociedade de bibliographos brasileiros.

Desse dessamôr á sciencia dos livros, resulta ser tão pouco conhecida a riqueza das obras antigas relativas ao Brasil, e a lacuna que se nota de referencia de livros e manuscriptos desse assumpto, até em obras especiaes da materia.

Todos os paizes tem contribuido mais ou menos para esse ramo litterario, cuja primeira producção foi a *Bibliotheca Universalis*, de Conrado Gesner, publicada em 1565, sobre livros latinos, hebraicos e gregos; e para essa caudalosa corrente que se tem avolumado sempre, vem concorrer, de modo precioso a obra do sr, A. L. Garraux, o sympathico livreiro conhecido e estimado de quasi todos nós.

Foi com a maior sympathia e curiosidade que manuseamos o bello volume, cujo titulo epigrapha este artigo, e a sympathia augmentou com a leitura e a curiosidade se manteve satisfeita até o fim.

Estamos tão pouco habituados a vêr que os nossos hospedes, uma vez restituidos a seus lares, se recordem favoravelmente desta terra, e menos ainda que escrevam sinceramente o que observaram, e não já benevolos, mas justos, digam as nossas qualidades e censurem os nossos defeitos, que muito conforto tivemos ao compulsar o importante trabalho do sr. A. L. Garraux. A maior prova de apreço e consideração que podemos demonstrar para com o autor, é a despretenciosa analyse que vamos faze da *Bibliographie Brésilienne*.

o
o o

Não é uma obra completa, e que tenha dito a ultima palavra sobre o assumpto; o proprio sr. Garraux, escreve no prefacio: «Malgrè un perseverant labeur de

plusieurs années, je n'ai pas la pretention d'avoir épuisé mon sujet»; mas é inquestionavelmente, publicado, o trabalho mais consecencioso que possuimos, excepção feita do monumental *Catalogo da Exposição de História do Brasil*, da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro de 1881 a 1882.

Se temos que lamentar a estreiteza do quadro, de só relacionar obras francezas e latinas, concordamos com o principio que o inspirou, com que abre o seu volume, nas seguintes palavras:

«Les travaux bien circonscrits sont en général ceux que l'on traite le mieux, qui rendent le plus de service. C'est la raison qui m'a déterminé á ne comprendre dans cette bibliographie brésilienne que les ouvrages rédigés en français et en latin. Quoique limité, ce champ de recherches bibliographiques m'a paru encore assez vaste pour fournir une ample moisson.»

O volume contem 400 paginas e consta do catalogo descriptivo em ordem alphabetica, de autores, e de uma *Parte methodica*, em que a materia vem classificada por assumptos, com referencia aos nomes dos autores e das obras da relação bibliographica.

Nada diremos sobre o plano adoptado, que é o classico, seguido em obras deste genero. Segundo a exposição do sr. A. L. Garraux, iremos apontando algumas omissões ou lacunas do seu precioso livro.

Ha algumas omissões que se explicam como *lapsus typis*, pois outra não póde ser a causa, em quem se mostra tão miticuloso e investigador, e tendo ao alcance de suas pesquizas o inexgotavel cabedal das bibliothecas de Paris.

Nesse numero, impressionou-nos logo a falta de menção de um livro, de Ferdinand Dénis. E' que o nome do antigo bibliothecario de Sainte Geneviéve, está de tal modo ligado ao Brasil, e os seus escriptos são tão conhecidos dos que se occupam com estes estudos, que só aquelle *lapso* justifica a ausencia

das *Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivie de Camõens et Joze Indio.—Paris—Chez Louis Janet*, 1824, da lista dos livros do immortal autor do *Brésil.* (1)

Bem que essa obra seja rara, e como tal a reputamos, de accordo com os melhores especialistas, deve ser conhecida do sr. A. L. Garraux, por isso não fazemos a sua bibliognose, a vista do exemplar que possuimos na nossa modesta collecção.

A igual motivo levamos o esquecimento da interessante—«Dissertation sur les usages du fruit de l'anacardium occidentale et spécialement sur les proprietés medicinales de sa résine; these presentée et sautennue á la Faculté de Medicine de Paris le 24 aout 1831 pour obtenir le grade de docteur en Medecine.» Paris 1831 — 45 pgs. do notavel medico Dr. Agostinho Vieira de Mattos, cultor esclarecido da materia medica indigena, que vulgarisou o uso da nossa «quina» cujo principio activo o «vicirino» foi dado em honra ao seu nome. Classificamos de lapso, porque vemos citados os trabalhos congeneres de Guimarães Peixoto, Mavignier, Caminhoá e outros.

Outras omissões não podem ser explicadas pelo mesmo lapso, e antes attribuimos a pressa talvez com que consultou auctores conhecidos e que podiam até ser copiados pelo sr. A. L. Garraux.

Não duvidamos um só momento, que o sr. Garraux, conheça e tenha a mão: *Portugal e os Estrangeiros, estudos de Manoel Bernardes Branco.* (2) Pois esse seria o typo que estimariamos ver adoptado pelo intelligente autor da *Bibliographie Brésilienne.* A razão dessa preferencia está nas innumeras e copiosas transcripções que faz Bernardes Branco de muitas obras que descreve e analysa.

---

(1) A. L. Garraux.—Bibligr. Brésilienne. Pags. 83 a 85.

(2) *Portugal e os Estrangeiros.* Obra dividida em quatro partes. Estudos de Bernardes Branco. Lisboa, 1879.

Esse methodo teria sobretudo vantagem para o leitor brasileiro, longe das bibliothecas que encerram esses thesouros raros, que assim poderia conhecer e apreciar paginas que talvez nunca possa lêr.

o o o

E' extranho que não cite a mais antiga descripção do Brasil: *De Tellure quantum Luzitani, tum columbus observare quem Mundum appellant Novum*, de 1508; que appareceu na NOVA ORBIS DESCRIPTIO AC NOVA OCEANI NAVIGATIO QUA LISBONA AD INDICU PERUENITUR PELAGUS MARCO BENEUANTANO MONACHO CŒLESTINO ÆDITA. No meio em que está o sr. L. Garraux, e com recursos de apurar a verdade sobre o que escreveu e sustentou Porto Seguro, devia aproveitar para estabelecer, se com effeito, Marco Beneventano, fez ou não, esta descripção de conformidade com as informações de Americo Vespucio.

Notamos a mesma falta quanto ao: *Theatrum orbis terrarum. Auct. Abrahamo Ortelio. Antuerpiae apud Christophum Plantum*, 1579, com 93 ch. e retrato do autor e a nova edição de 1584, com 114 ch., pois foi o primeiro trabalho desse genero, contendo: *Americae sive novi orbis nova descriptio.*

Nem pode servir de excusa, o ter escripto: «avoir laissé de côté la partie cartographique», porque e descreve o *Nouvel atlas ou theatre du monde*, de Janssonius (1) de 1603.

Seguindo a ordem chronologica, lembramos um outro autor que vimos referido por B. Branco (2), esquecido tambem na *Bibliographie Brésilienne*; o — *Vera historia admiranda cujusdam navigationis Hulderici Schimidel del Straubigensis, in Americam, vel novum orbem juxta Brasiliam et Rio del Platam ab anno 1534 ab ipso Schimidelio Germanice descripta, postea latine redita.* Noribergæ-1599; bom serviço nos prestará o Sr.

(1) A. L. Garraux — *Bibl. Brésil* — Pg. 141.

(2) B. Branco. Obr. cit. Vol. 2º Pg. 210.

Garraux, se em nova edição de seu trabalho adiantar-nos alguma cousa sobre esta VERA HISTORIA.

Um outro ponto digno de ser esclarecido e que até hoje está muito problematico, é a *Brève relation de l'etat de Pernambouq* feito em Amsterdam em 1640, e que passou em silencio o sr. A. L. Garraux.

Outro problema curioso que tambem está sem solução satisfactoria, e devêra ser definitivamente dada pelo Sr. Garraux, é a *Historia do livramento do Brasil do poder dos hollandezes* pelo grande tragico Jean Racine; cremos, que em tempo seremos attendidos.

Concernente a documentos diplomaticos manuscriptos ou impressos, é mais de notar as omisssões do Sr. A. L. Garraux, principalmente tendo publicado o seu livro no periodo em que as contendas diplomaticas entre o Brasil e a França estavam na ordem do dia.

Justificando o que avançamos, apontamos — o *Tractatus Induciarum cessations omnis hostilitatis actus, ut et navigationis ac commercii, pariterque succursus factus, initus et conclusus Hagoe Comitis die duodecima Junnii* 1641; *tempore Decennii inter Dominum Tristão de Mendonça Furtado,* etc,, etc. Haga-Comitis. Typis Viduae ac Heredum Hillebrandi Jacobi a Wouw. Anno 1642.

Ainda nesse mesmo genero e talvez com melhor applicação— *Propositions cathegoriques et dernière résolution de monsieur de Souza Macedo, ambassadeur de Portugal, touchant les differens du Brêsil imprimé l'an 1657* e tambem *Propositions presentées par Monsieur de Souza Macedo, ambassadeur de Portugal, les quelles messieurs les Etats n'ont pas voulu recevoir n'y même lire.* Imprimé a Leyden. 1651.

o
o o

Agora deixando de lado os reparos colhidos do compulsar de auctores que estudam a materia, referiremos outra omissão de um curioso Elzevir que possuimos.

Transcrevemos o titulo e a descripção que dá do Brazil, por parecer digna de ser lida. E' muito possivel

que neste genero haja outros impressos, e servirá esta noticia de incentivo a identicas divulgações.

Eis na integra os dizeres do Elzevir de 1651 :

Philippi Cluverii — INTRODUCTIONIS *in Universam* Geographiam *tam veterem quam Novam Libri* VI. Accessit P. Bertii *Breviarium Orbis terrarum*— AMSTELODAMI Apud Ludovicum Elzevirium 1651.

No Livro VI. Cap. XIV, tratando da *America Meridionalis sive Peruviana*, diz «Regiones quibus distinguitur sunt hoec . *Castella aurea*, *Bogota Peruvia*, *Chili*, *Chica*, *Brasilia*, *Caribana*, *Gujana*, *Biquiri*, omnes Oceano perfusae.» Acerca do Brasil, eis tudo que diz na pag. 327, que a titulo de documento historico e curioso, transcrevemos :

BRASILIA, vasta regio, ut quae quartam Meridionalis Americae partem obtinet, saccari singulari atque ubere proventu maxime nobilis est. Praecipuum opidum est Portus omnium sanctorum, proefecti totius provinciae sedes.

«Portus autem celeberrimus est opidum *Pernambuco*; intus opida *Assuntio* & *Paraguate*. Reliquae regiones introrsus aut non cognitae, aut obscurae sunt; nullis ibi locis memoratu dignis.»

Do mesmo anno impresso em Paris é a relação de viagem de Francisco Couche citada por Bernardes Branco no vol. 2º, pag. 143 e não contemplada pelo Sr. A. L. Garraux, eis o titulo — *Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil savoir relation du voyage de François Couche de Rouen en l'isle de Madagascar et côtes d'Afrique en 1638* — Paris 1651.

No mesmo Bernardes Branco encontramos citada uma obra de astronomia, que recommendamos a investigação do Sr. Garraux ; é de *Valentim Stancel*, *Legatus Uranius ex orbe novo in veterem, hoc est Observationes Americanae cometarum factae* — Praga 1683.

Antes de abandonarmos estas epochas e estes escriptos, assignalaremos uma falta mais grave na *Bibliographie Brésilienne*, e tanto mais indisculpavel porquanto se acha impresso em varias edições e até traduzida. O nome do seu autor é tão celebre e tão estima-

do, sobretudo aqui em S. Paulo, que não comprehendemos este cochilo do Sr. A. L. Garraux. Trata-se de José de Anchieta e da sua *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quoe S. Vincentii (nun S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibus edita, jussuque Regiae Scientiarum Academiae Olisiponensis. Ejus memoriis ad historiam transmarinarum nationum conscribendam proficientibus adjecta. Olisipone, Typis Academiae — Anni 1799*, 4º, *IV 46 pg.* Vem esta interessante epistola na *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhos, publicada pela Academia Real das Sciencias.* Tomo I (N. 3) — Lisboa 1817 e tambem nos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro». (1)

o º o

Já vae longa esta analyse mas não podemos concluil-a sem chamar attenção para uma pesquiza a fazer, accerca de uma interessante obra que possuimos, e cujo autor não pudemos descobrir ainda.

Offerecemos ao laborioso investigador Sr. A. L. Garaux a descoberta do caso, pois no centro em que vive poderá descobrir a referida obra, embora rara, e consultar bibliophilos competentes para encontrarem a chave do enygma. Eis o titulo *Recherches Philosophiques sur les Americains ou Mémoires interessants pour servir a l'histoire de l'Espece humaine pur M. de P···*

Avec une disertation sur l'Amérique et les Americains par Dom Pernety *et la defense de l'Auteur des Recherhes contre cette disertation.* A. Berlin. MDCCLXX. 3 volumes

Quem é *MR. DE P···* ?

Ahi está a pergunta e aguardamos a resposta que será satisfactoria, se o sr. A. L. Garraux attender este nosso pedido.

(1) Annaes da Bibliotheca Nacional — 1876 — 1877—Vol. I— Fasc. I —Pg. 57 e seg.

Outro problema bibliographico que offerecemos ao illustre auctor da *Bibliographie Bresilienne* é o mencionado por B. Branco (1) *Lettres Portugaises et Bresiliennes par Philippe Jérome Gaucher de Passac.* Blois 1824, 3 vol., n'esse cazo deve ser comprendida tambem a « *Histoire du Pére Vieyra Jesuite portugais, missionaire dans l'ancien et nouveau monde.* Lyon-1875, sendo publicações relativamente modernas não será muito difficil encontra-las com as relações e recursos que possue.

Já vae longo este artigo; não desejamos fatigar o leitor, por isso não apontaremos outras omissões ou incoherencias do livro que analysamos, concernente a obras sobre Portugal em epocha que era metropole do Brazil, mas lembramos alguns livros modernos que escaparam a resenha do sr. A. L. Garraux, o ainda estamos muito e muito longe, de nos approximar da realidade dos volumes publicados; pois nos soccoremos, não de catalogos ou bollettins bibliographicos, mas simplismente da nossa collecção particular.

Um d'elles, singular pelo titulo e pela *gentileza* com que nos trata collocando-nos ao lado de paizes bem pouco cultos, foi publicado por occasião do Exposição de 1878. *Comettant—Les civilisations inconnues* Outra *A Travérs l'Amérique Latine par R. le Cholleux*—Paris 1889, servem para despertar o desejo de publicar logo, mais minuciosa e completa, uma nova edição de seu livro.

Para concluir apontaremos o livro do Conde de Raczynski, que não figura em sua Biblographia e bem merecia pois é mais raro que o *Diccionario artistico* e reputamo-lo mesmo mais interessante que aquelle. Quanto a sua raridade, bem podemos avalia-la, pois ha tempos, apezar do esforço do benemerito Dr. Zeferino Brum, não conseguio a nossa *Bibliotheca Nacional* um exemplar para seu archivo.

Vamos dar uma indicação do exemplar que possuimos — *Les Arts en Portugal. Lettres adressées á la*

---

(1) M. B. Branco — Obra cit. 2º vol. Pg. 7.

société artistique et scientifique de Berlim, accompagnées de documents. Paris 1846, 8º, 548 pg., e com ella fechamos esta rapida analyse fazendo os mais sinceros votos para que o exemplo do Sr. A. L. Garraux seja imitado, e possamos em breve ter um trabalho completo nesta especialidade.

Ao distincto extrangeiro que revela-se tão amigo do Brasil um voto de grata sympathia em nome do Instituto Historico de S. Paulo.

Dezembro de 1898.

MIRANDA AZEVEDO.

*
* *

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO PELO DOUTOR AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE —4º volume — Rio de Janeiro 1898.

A obra meritoria iniciada pelo nosso illustre compatriota Dr. Augusto Blake em 1883, vae proseguindo, morosamente, mas sem desalento da parte do seu autor, embora sem o acolhimento que devêra ter encontrado do publico, da imprensa e dos nossos intellectuaes.

Quando outro não fosse o valor intrinseco do trabalho do Dr. Augusto Blake, bastava este nobre exemplo de perseverança, no culto das lettras para que todos concorressem moral e materialmente para a breve e rapida conclusão do «Diccionario Bibliographico Brazileiro», unico escripto que possuimos, neste genero, de autor nacional.

Seguindo o habito que temos tido, por occasião do apparecimento dos outros volumes, trazemos as impressões da leitura do 4º volume; não com pretenções a critica, mas antes como protesto ao quasi geral

silencio, com que foi recebido este livro, que deveria ser obrigatorio em todas as bibliothecas publicas, redacções de jornaes e estantes dos que amam as cousas patrias.

Não repetiremos o que outros, melhor, já têm escripto sobre a utilidade de obras deste genero, e especialmente do modo intelligente e imparcial com que o Dr. Augusto Blake tem seguido na execução do plano traçado.

Parece-nos que o Dr. Augusto Blake não receberá esta ligeira analyse, como producto das «inexoraveis censuras», a que se refere na introducção do 3º volume do «Diccionario».

Renovaremos, porém, o reparo que fizemos no artigo publicado no «Diario Popular», noticiando o volume que appareceu em 1896.

Bem poderia o dr. A. Blake ter attendido a algumas indicações que ahi fizemos, relativas a ausencia dos nomes do Dr. Ignacio Betoldi, João de Almeida, Dr. Matta Machado, J. Baptista Torres Tupaberaba, e outros, e tambem completar a lista dos escriptos de Francisco Octaviano, com os «Cantos do Selma», etc., conforme tambem lembramos em outro artigo sobre o 2º volume.

Insistimos sobre esse ponto porque no «Apendice» que traz este 4º volume como accrescimo e complemento aos anteriores, bem poderia ter incluido os subsidios que leal e desinteressadamente lhe offerecemos.

Entremos em materia.

o
o o

E' lamentavel que em nenhum dos volumes traga o Dr. Augusto Blake o nome de João Armitage, e não tenha se occupado em elucidar as circumstancias em que esse auctor compoz a sua preciosa «Historia do Brazil» desde a vinda de D. João VI até 1831. (1) São tão pouco conhecidas as particularidades da vida de Armitage, que muitos duvidarão de sua existencia,

(1) **Historia do Brazil desde a chegada da Real Familia de Bragança em 1808 até a abdicação do imperador D. Pedro I em 1831 por João Armitage e traduzida do inglez por um brazileiro—Rio de Janeiro 1837.**

e contestarão até, ter sido escripto primitivamente em inglez tal livro. Se a existencia da obra em inglez não admitte mais duvida, (2) comtudo ha quem ainda julgue problematica a existencia do continuador de Roberto Southey, e pense que foi Evaristo da Veiga o verdadeiro auctor da obra. O Dr. Augusto Blake tem merecimento e competencia para elucidar de vez esse problema.

Na lista dos nomes omittidos, apontamos o do Dr. João do Nascimento Quirino dos Santos, poeta e jornalista campineiro, que, deixando poucas producções, essas, pelo valor e merito, supprem a abundancia e dão-lhe direito incontestavel a um lugar no «Diccionario» em que figuram tantos e tantos, que de modo algum são dignos sequer de approximação, ao mallogrado poeta campineiro. Outro que não foi lembrado : J. Baptista Torres Tupaberaba, natural de Itaguahy, diplomou se em Pharmacia na Faculdade do Rio de Janeiro pelo anno de 1860. Foi depois repetidor de Physica, Chimica e Sciencias Naturaes do Collegio de Pedro II até a epocha do seu fallecimento em 1871. Escreveu nos jornaes e revistas desse tempo, artigos scientificos e litterarios e poesias. Publicou um romancete no genero dos de Paul de Kock — «Um Saráu na casa do Senhor Fimfim», deixou outro inedito «Mister John», um «Manual do Galvanoplasta» e muitas poesias, que seu cunhado o Sr. Baptista Rousseau, antigo revisor do «Diario Official» contava publicar.

Extranhamos tambem o esquecimento do nome do celebre medico Dr. Joaquim José da Silva, cuja fama de primeiro clinico de seu tempo, a tradição ainda conserva com respeito, e mais viva perdura a sua memoria, porque renovou-se e cresceu com a mesma gloria, de seus filhos e herdeiros os Drs. José e João da Silva. Havia ensejo de traçar, embora ligeiramente, a biographia desse illustre mestre, que tambem foi um grande patriota e teve proeminencia na politica de seu tempo.

(2) The History of Brazil fom the period of the arrival of the Braganza Family in 1808 to the Abdication of Don Pedro First in 1831 forming a continuation to Southey's History of that country — By John Armitage Esq. in two volumes —London — 1836.

Acerca da Revolução de 7 de Abril e das causas que determinaram o conservar-se a forma monarchica, muita cousa ainda está por se dizer e esclarecer. E' um documento valioso, muito raro e que teve repercussão na imprensa e até nos tribunaes judiciarios, o folheto do Dr. Joaquim Silva. Em outro lugar nos occuparemos com esse ponto; hoje nos limitamos a parte bibliographica, eis o titulo:

«O cirurgião formado Joaquim José da Silva ao Publico» — Rio de Janeiro. Na typographia de Gueffier & Comp. Rua da Quitanda, n. 79. — 1831.

Aqui vem naturalmente reparar que na lista dos escriptos do dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles (1) não figure a «Explicação da Intriga feita pelo cirurgião formado Joaquim José da Silva ao dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles Rio de Janeiro. Na Typographia do Gueffier & C. 1831». Tambem não falla de outro curioso e rarissimo opusculo, pertencente a mesma serie: «Reflexões as calumnias tecidas pelo cirurgião formado Joaquim José da Silva por Jacinto Rodrigues Pereira dos Reis. Rio de Janeiro». Na Typographia Nacional — 1831.

O Dr. João José Lobo Pessanha, ha pouco fallecido n'esta cidade, engenheiro distincto, versado em sciencias naturaes especialmente em botanica, tinha direito a ser relembrado pelo Dr. Augusto Blake, de quem era conterraneo. Alem do muito que escreveo em jornaes e revistas, tinha concluido um valioso «Catalogo botanico de todas as plantas conhecidas», onde incluiu mais de 200 descriptas e classificadas por elle. Desenhista correcto e habil tambem copiou do natural um grande numero de plantas novas principalmente do sertão paulista, que devia illustrar aquelle catalogo.

o°o

Para concluir mostraremos alguns nomes cujos dados biographicos são incompletos; de uns faltão a data do nascimento, de outros a do obito. Aqui não

(1) Dr. A. Blake—Dicc. Bibliog. Brazil. Tom. IV. pag. 117—118

ha filiação, ou o lugar da naturalidade, escasseam ali os factos mais importantes da vida dos biographados ou não são exactas as qualidades que lhe são attribuidas.

O artigo sobre o Dr. João Pereira Monteiro (1) não traz completa a lista dos seus trabalhos, e não consigna a data do seu nascimento nem a da sua formatura. Quanto aos Drs. João Tibiriçá Piratininga, José Cesario de Faria Alvim, Joaquim Mattoso Duque Estrada Camara, Joaquim Campos Porto, José Arthur Boiteux, João Vieira de Almeida, Joaquim de Almeida Pinto, José Custodio Alves Lima, Joaquim Augusto Las Casas dos Santos, a falta de dados biographicos em alguns é completa, e no entanto são todos contemporaneos e com pouco trabalho poderá o benemerito Dr. Augusto Blake preencher esses lacunas no proximo volume, bem como o do dia do fallecimento do Dr. João Theodoro Xavier de Mattos. Quanto a José Francisco Vieira Braga que julga formado em medicina (2) ha engano; pois não era diplomado, nem tinha estudos regulares, conforme informações fidedignas que recebemos de um intelligente e laborioso maranhense aqui residente.

Na lista dos escriptos de Joaquim Serra (3) publica «A Capangada S. Luis (?).» Nunca a vi; accrescenta o Dr. A. Blake.

Se recorrer a Bibliotheca Nacional ou a Bibliotheca Fluminense, com certeza encontrará esse folheto, que é um poemeto satyrico em diversos cantos, paraphraseando os «Luziadas», primitivamente publicado na «Reforma» por occasião das luctas eleitoraes e dos successos occoridos na frequezia da Gloria; foi tirado em avulso e teve larga e profusa circulação. Como tudo que sahia da penna de Joaquim Serra, tinha valor litterario e forma elegante. Não damos aqui a sua bibliognose, por não termo-la de momento a mão, mas podemos affirmar ter sido impresso a «Capangada» na «Typographia da Reforma» á rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro em 1870 ou 1871.

---

(1) Dr. A. Blake—Dicc. cit. Pag. 21—511 Tom. IV.

(2) Dicc. Cit. Tom. IV, pag. 438

(3) Dicc. Cit. Tom. IV, pag. 200.

Tratando do General João Vicente Leite de Castro não mencionou o folheto que escreveu historiando os successos politicos e militares em que figurou na Revolução da Armada de 1893 a 1894, em Pernambuco.

Não vimos esse folheto, do qual só temos noticia pela imprensa, que o julga importante documento historico para essa epocha.

Antes de finalizar esta noticia, offerecemos um ponto ao Dr. A. Blake para resolver. E' a autoria do pamphleto «A Conferencia dos Humanos», parodia ou critica á «Conferencia dos Divinos» do Dr. Antonio Ferreira Vianna. Essa satyra attribuida pelo Dr. A. Blake ao Dr. José Alves Pereira de Carvalho, outros contemporaneos apontam como devida á penna do Dr. Graciliano Aristides do Prado Pimentel.

Um dos serviços mais assignalados que veiu trazernos este volume do Dr. A. Blake, foi a revindicação de um celebre soneto, attribuido ao velho Antonio Carlos sobre a morte de Rattcliff, para seu verdadeiro auctor Jorge José Pinto Vedras (1 pintor e poeta fallecido em S. Paulo, e cuja memoria é pouco conhecida, e menos ainda suas obras.

Emfim o 4º volume do «Diccionario Bibliographico Brazileiro» é mais um attestado do merito e valor do Dr. Augusto Blake, que contribue para opulentar a litteratura nacional de modo louvavel ; tivessemos prestigio e a sua obra estaria toda publicada dentro em pouco.

S. Paulo — Dezembro 1898.

MIRANDA AZEVEDO.

(1) Dic. Cit. Tom. IV. Pg. 264.

RELAÇÃO

das offertas de livros, revistas, mappas e jornaes, feitas a Bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1898

A Ilha da Trindade, pelo dr. Moreira de Azevedo; *Traços biographicos*, por Amancio Pereira; *Em busca das esmeraldas*, pelo dr. Francisco L. Leite Pereira; *Reforma da agricultura brasileira*, pelo dr. Antonio Gomes do Carmo; *O Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, pelo dr. Olegario H. de Aquino e Castro; *Estatistica e Apontamentos*, pelo dr. Franco da Rocha; *Factos Historicos da Politica Republicana*, *Discursos*, pelo dr. Miranda Azevedo; *Relatorio* da Sociedade Brasileira para animação da creação e agricultura de Paris, 1896-1897; *Regulamento da Escola Politechnica de S. Paulo; Annaes do Senado de S. Paulo*, 1897; *Relatorio e Synopse dos trabalhos do Senado de S. Paulo*, em 1897; *Mensagem* do dr. Campos Salles ao Congresso do Estado, 1897, (em portuguez, francez, inglez e allemão); Leis e Decretos do Estado, 1889 a 1892; *Orçamento da receita e despeza do Estado*, para 1898; *Recordações da Allemanha*, pelo dr. A. Las Casas dos Santos; *Revista* do Museu Paulista, vol. 2.º; *Archivo do Districto Federal*, novembro e dezembro de 1897; *Parecer sobre o projecto do codigo penal*, pelo dr. Manoel A. de Vianna; *Razões de appel-*

lações pelo mesmo; *Voyage au Brésil*, por Agassiz, *Limites da Republica com a Guyana ingleza*, por Sylvio Senior; *O Sul de S. Paulo*, pelo dr. Jaguaribe; *Episodios da historia patria*, pelo dr. Fernandes Pinheiro; *Producção e consumo do café no mundo*, por J. Lacerda Franco; *Cathezismo Republicano*, por Borges Carneiro; *Livro de visitantes do Club Republicano de S. Paulo; Expulsão dos jesuitas de S. Paulo em 1640;* Manuscripto truncado; *Annaes do Senado*, 1891 a 1895; *Annaes do Congresso Constituinte de S. Paulo; Annaes da Camara dos Deputados de S. Paulo*, 1891 a 1897; *Histoire du Brésil*, por Alphonse de Beauchamp; *As regiões amazonicas*, pelo barão de Marajó; *Nel paese delle Amazzoni*, pelo dr. Vinzenzo Grossi, *Historia do Brasil*, de Roberto Southey; *Discursos*, pelo conego Manoel Vicente, *Almanach Popular Brasileiro*, 1894 a 1898; *Diario de um soldado*, por Ambrosio Richshoffer, *Grammatica de Economia Politica*, pelo major W. F. Marriott, traduzida por A. Fomm; *Conferencias populares*, fasciculo n. 3; *Conferencia sobre a febre amarella*, pelo dr. Domingos Freire; *Monographia do Municipio de S. Paulo*, por João Mendes de Almeida Junior, *Cinco annos numa Academia*, por Hinckmar; *Vergastas*, por Lucio de Mendonça; *Contos populares do Brasil*, pelo dr. Sylvio Romero; *Notas de viagens*; por Junius. *O homem do seculo*, *Pedagogia e Methodologia* e a *Arte Christão*, pelo monsenhor Camillo Passalacqua; *Relatorio da Camara Municipal de S. Paulo*, 1797; *Actas das sessões da mesma Camara*, 1896-1897; *Relatorio da Intendencia de Finanças; A varzea do Carmo; Projecto da Constituição do Estado de S. Paulo; Manifesto Republicano Parlamentarista; Relatorios* sobre escolas de 1.º e 2.º graus, pelo dr. Antonio Caetano de Campos; *Relatorio do ministerio do exterior ao chefe do Governo Provisorio*, por Quintino

Bocayuva, 1890; *Canções ridentes*, por Carlos Moraes; *Lições de Historia do Brasil*, por Basilio de Magalhães; *Dieu dans le nature*, por C. Flammarion; *Essai sur les premiers principes des societés*, por P. Garreau; *Questions contemporaines*, por Ernest Renan; *L'archipel indien*, por Louis de Backer; *Histoire de la civilisation en Europe*, por M. Guizot; *Mensagem* dirigida ao Congresso pelo vice-presidente do Estado, dr. Francisco A. Peixoto Gomide; *Attentado de 5 de novembro*, relatorio e diversas peças do inquerito; *Annuario da Estatistica da Secção de Demographia*, 1897; *Ensaios de Sciencia*, pelo padre João Baers; *Diccionario Historico e Geographico* de La Martinière, edição de 1768, *Homenagem ao padre Antonio Vieira*; *Relatorio* do Secretario do Interior, 1897; *Leis e Resoluções* da Camara Municipal da Capital, 1894-1885; *Historia Universal*, por Berquó, *Historia antiga*, pelo mesmo; *Historia da Grecia e Roma*, pelo mesmo; *Geographia Atlas*, por monsenhor Canturier; *Geographia Geral*, por Moreira Pinto; *Historia Universal*, pelo mesmo; *Epitome da Historia do Brasil*, pelo mesmo; *Conheçamos a nossa terra*, por Menezes Vieira; *Festas Nacionaes*, pelo dr. Rodrigo Octavio; *Historia Natural*, por Felisberto de Carvalho; 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º *livros de leitura*, pelo mesmo; *Historia do Brasil*, por Felisbello Freire, *Sciencias Naturaes e Physicas*, pelo dr. Felicissimo R. Fernandes, *Instrucção moral e civica*, por Esteves da Silva; *Historia Antiga*, por João Ribeiro; *Historia Natural*, pelo dr. Duque Estrada, *Cathecismo Constitucional da Republica*, pelo dr. Borges Carneiro; *Cathecismo do Estado de S. Paulo*, pelo mesmo; *Cathecismo do Estado do Rio de Janeiro*, pelo mesmo; *Geographia de Minas Geraes*, por Francisco Lentz Araujo; *Geographia primaria*, pelo dr. Carlos Novaes; *Coisas brasileiras*,

por Puigari ; *Noções da vida domestica*, por Feliz Ferreira; *A Historia do Brasil*, por Sylvio Romero; *Lições de coisas*, por A. E. Zaluar; *Geographia Geral do Brasil*, por A. W. Sellin; *Geometria pratica*, por Olavo Freire; *Vida de D. Antonio Joaquim de Mello*, pelo conego Ezechias Galvão da Fontoura; *Ephemerides Mineiras*, 1664 a 1897; *Titi Livi, Tulii Cicceronis Orationes*, tomo 2.º ; *Folhinha do palhaço Augusto*, 1885 ; *Remola*, por George Elist ; *Observações criticas*, pelo padre Senna Freitas, *A escravatura na Europa e na Africa*, por d. Antonio F. de S. Leitão e Castro ; *Discurso*, por Eugenio Teixeira ; *Divisão judiciaria, municipal e policial do Estado de S. Paulo*, por Sebastião Moreira ; *Memorias para a capitania de S. Vicente*, por Frei Gaspar da Madre de Deus; *Relatorio* da Secretaria de Justiça, 1897; *Historia da America portugueza*, por S. da Rocha Pitta ; *Relatorio* da Secretaria da Agricultura da Bahia, 1896 ; *Relatorio* do chefe de policia de S. Paulo, 1893 a 1893; *Contes indiens du Bresil*, pelo general Couto de Magalhães ; *Villa Rica*, (poema), de Claudio Manoel da Costa ; *Emancipação dos escravos*, pelo deputado Ruy Barboza ; *Vida de d. Antonio Ferreira Viçoso* : *A festa dos creanças*; *Viagem pelo Interior de Minas e Goyaz*, pelo dr. Virgilio M. de Mello Franco; *Notas sobre a Parahyba*, por J. Joffili ; *Commentario a Constituição dos Estados Unidos*, por Joseph Story; *Videiras americanas*, pelo dr. Emilio A. Goldi ; *Noções geographicas e administrativas de Minas Geraes*, por Henrique Gerber; *Dados estatisticos*, sobre a industria e agricultura de Minas Geraes em 1890; *Acquisição da posse por intermediario*, pelo conselheiro dr. Duarte de Azevedo ; *Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Ririri*, pelo padre Luiz V. Mamiani ; *Apontamentos sobre a Abañeêuga*, por Baptista C. de A. No-

gueira: *Terras e propriedade do dr. Domingos Jaguaribe; Fronteira Sul do Amazonas*, pelo dr. Manoel Tapajós; *Historia da fundação do Imperio Brasileiro*, por J. M. Pereira da Silva; *Historia do Brasil*, por Francisco Solano Constancio; *Anno biographico brasileiro*, por Joaquim Manoel de Macedo; *Depuração pelo solo dos productos de exgottos*, pelos drs. Emilio Ribas e Theodoro Bayma; *Annuario Medico Brasileiro*, pelo dr. Carlos Costa; Diversos manuscriptos sobre historia e geographia do Brasil, pelo dr. Alfredo Moreira Pinto; *O Municipio e a Republica*, pelo dr. Domingos Jaguaribe; *Lendas e canções populares*, por Juvenal Galeno; *Diccionario chorographico historico de Pernambuco*, 1.º volume, pelo dr. Sebastião Vasconcellos Galvão; Documentos interessantes, volume 24 e 25; *Discurso sobre o centenario da India*, pronunciado pelo dr. Braz do Amaral; *Accidents du travail*, volume 1.º; *Vocabulario Sul-Rio Grandense*, pelo dr. J. Romaguera Corrêa; *Pacificação do Rio Grande do Sul*, pelo sr. Alfredo F. Rodrigues; *Discurso*, proferido pelo sr. Manoel Pereira Guimarães; *Almirante dos Mares Orientaes*, por Joaquim Leitão; *Discurso*, proferido na Sociedade de Geographia de Lisboa, pelo dr. João Monteiro; *Cartas politicas*, pelo dr. Americo Brasiliense; *Memorias*, de Mme. Dorothéa de Laserre; *Posologia dos medicamentos mais empregados*, por J. F. Soares Romeu; *Hydrographie du haut San Francisco et du Rio das Velhas*, por Em. Liais; *Apontamentos para a historia da Republica do Brasil*, por M. E. de Campos Porto; *Traité d'Astronomie et de Geologie*, por Em. Liais; *Lições de Coisas*, por N. A. Calkins; *La Retraite de Laguna*, por Alfredo Taunay; *Historia Financeira do Brasil*, pelo dr. Liberato de C. Carreira; *Vida do Marquez de Barbacena*, por Antonio Augusto de Aguiar; *Hugonianas* (poesias),

de Victor Hugo; *Pacificação dos Crichanás*, por João Barboza Rodrigues; *Jocelyn*, poema de Affonso de Lamartine; *Compendio de percussão e escuta*, pelo Dr. Pires de Almeida; *Geologia elementar*, por Neréo Boubjée; *Lições de physica*, por Francisco Xavier Oliveira de Menezes; *Fabulas de Lafontaine; O Medico da primeira infancia*, pelo Dr. Antonio Ferreira Pinto; *Lições elementares de Optica*, por José Saturnino da Costa Pereira; *Diccionario Geographico das Minas do Brasil*, por Francisco Ignacio Ferreira; *Repertorio Juridico Mineiro*, pelo mesmo; *Historia dos tres capitães da antiguidade*:— Alexandre, Annibal e Cezar, pelo Dr. Cezar Zama; *Pequeno Cathecismo Historico*, pelo Abbade Fleury; *Micellaneas Religiosas*, pelo conego Joaquim Pinto de Campos; *Missão de Christo*, pelo mesmo; *Diccionario dos verbos irregulares da lingua portugueza*. por C. do R.; *Memoria economica sobre o chá*, por Fr. Leandro do Sacramento; *Systema Metrico*, tabellas; Documentos interessantes, vol. 26; *Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores*, 1890, 1891, 1893 e 1394; *Relatorio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores*, 1896; *Santos*, pelo Dr. Alfredo Moreira Pinto; *A Liberdade Profisional*, discurso pronunciado na Camara dos Deputados pelo Dr. Miranda Azevedo; *Noticia historica dos serviços, instituições, etc., pertencentes ao Ministerio na Justiça e Nogocios Interiores; Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores*, 1895; *Relatorio do Ministerio da Fazenda*, 1898; 1º e 2º *Relatorios da commissão encarregada da verificação dos estudos do Dr. Domingos Freire sobre a febre amarella; A febre typhoide em S. Paulo*, pelo Dr. Clemente Ferreira; *Pacificação dos Crichanás*, por João Barboza Rodrigues; *Apontamentos para o Direito Internacional*, por Antonio Pereira Pinto; *Annaes da Camara dos Deputados; Annaes do Senado;*

Leis do Brazil; Codigo do Processo Criminal, annotado por Josino N. Silva ; *Questões de divisas entre S. Paulo e Minas Geraes*, por A. P. ; *Fronteira Sul Amazonas*, pelo Dr. Manoel Tapajoz; *Trechos classicos portuguezes*; *La questione Italiana al Brasile*, Antonio Latini ; *A Creação no Brazil*, por Mario Gambarone ; *Finis Patria*, por Guerra Junqueiro ; *Grammatica das Escolas*, por Miguel Alves Feitosa ; *Do hematozoario do beriberi e seu pigmento* ; pelo Dr. Francisco Fajardo ; *Maximas e pensamentos*, por Benedicto Xavier ; *Tractado de metrificação portugueza*, por A. F. de Castilho ; *Novo roteiro do telegrapho optico da cidade de Santos ; Municipio de Campinas* (monographia), por Christiano Vorkart ; *Os Luziadas*, de Camões ; *Religiões da Luzitania*; por J. Leite de Vasconcellos ; *No Oriente* — De Napoles á China, por Adolpho Loureiro , *Chronica dos reis de Bisnaga*, por David Lopes ; *Textos em Aljamia portugueza*, pelo mesmo ; *Dai Nippon*, por Wenceslau de Moraes ; *A Imprensa em Portugal* nos seculos XV e XVI ; *Ordenações d'El-Rei D. Manoel*, por Brito Aranha ; *Hymno do centenario da India*, por Fernandes Costa ; *Episodio do gigante Adamastor*, por José Benoliel ; *Fabulas de Loqman*, vertidas em portuguez por José Benoliel ; *Vida do abbade Daniel do mosteiro de Sceté*, versão de L. Goldschimidt e F. M. Esteves Pereira ; *As Misericordias*, por Costa Goodolphim ; *Vasco da Gama e a Vidigueira*, por A. C. Teixeira de Aragão ; *Dois feitos de D. Christovam da Gama*, por Miguel de Castanhoso; *Flora de Gôa e Savantvadi*, pelo Dr. D. G. Dalgado ; *Coisas da China*, por Heliodoro Callado Crespo ; *Quadros historicos da guerra do Paraguay ; Narrativa de serviços no libertar-se o Brazil*, pelo almirante Conde de Dundanald ; *A convenção de 20 de Fevereiro*, por José Maria da Silva Paranhos ; *Resumo da Historia Universal*.

Membros do Instituto, acceitos em 1898

Socios honorarios

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5 de abril de 1898
2	Conselheiro Texeira de Aragão	20 de julho »
3	Dr. Julius Meili	» » »
4	Dr. Martim Garcia Mérou	20 de outubro »
5	Dr. Joaquim A. Nabuco de Araujo	» » »

Socios effectivos

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Conego Manoel Vicente da Silva	20 de abril de 1898
2	Dr. Antonio Gomes do Carmo	» » »
3	Monsenhor Camillo Passalacqua	5 de maio »
4	Dr. José Getulio Monteiro	20 de julho »
5	Dr. Luiz Augusto Nogueira	20 de outubro «

Socios correspondentes

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Dr. Victor da Silva Freire	5 de abril de 1898
2	Dr. Antonio Bueno de Andrada	5 » »
3	Dr. Antonio Alves de Carvalho	» » »
4	Dr Arthur Cortines Laxe	» » »
5	Francisco Nicolau Baruel	» » »
6	Dr. Carlos F. Villalva	» » »
7	José Hypolito da Silva Dutra	» » »
8	João Vieira de Almeida	» » »
9	Arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues	» » »
10	Dr. José Maria Bourroul	» » »
11	Jesuino da Silva Mello	20 » »
12	Dr. Luiz Gonzaga de Oliveira	» » »
13	Dr. Manoel Tapajoz	5 de maio »
14	Dr. Eugenio de Andrada Egas	5 de julho »
15	Dr. José Maria Lisboa Junior	» » »
16	Dr. Carlos Ekmam	» » »
17	Dr. Cantidio Bretas	» » »
18	Dr. Jorge Krichbaumm	» » »
19	Dr. Mario Bulcão	5 de setembro »
20	Dr. Delfim Carlos	» » »
21	Paulo Orozimbo Azevedo	» » »
22	João Vieira da Silva	20 de outubro »
23	Dr. José Calmou Nogueira Valle da Gama.	» » »
24	Dr. Carlos Guimarães	» » »
25	Aprigio Carlos de Macedo	» » »
26	Dr. Alberto de Assumpção	» » »
27	Dr. Virgilio de Sá Pereira	» » »
28	Dr. José Custodio Alves Lima	» » »
29	Conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto	» » »
30	Dr. Fernando de Albuquerque	» » »

ESTÃO PUBLICADOS O 1.º e 2.º VOLUMES

VENDE-SE NO INSTITUTO HISTORICO

Largo da Sé n. 2 e em todas as Livrarias

A 6$000 CADA VOLUME

O 3.º VOLUME 8$000